

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

C

Cabana, Cabanas, Festa das, Cabe, Cabeça, Cabelos e Barbas, Cabo, Cabom, Cabra, Cabra montês, Cabra Montês, Cabris, Cabritinho, Cabul, Cabzeel, Caça, Caçador de Aves, Caco de cerâmica, Cades Meribá, Cades, Cades-Barneia, Cadmiel, Cadmoneus, Cafarnaum, Cafarsalama, Café da manhã, Cafenata, Caftor, Caftorim, Caftoritas, Caifás, Caim (lugar), Caim (Pessoa), Caim (tribo), Cainã, Caixão, Cal, Calá, Calafetar, Calafetador, Calai, Cálamo, Cálamo-aromático, Calcedônia, Calcol, Caldeia, Caldeus, Calebe, Calebe de Efrata, Calebita, Calendários, Antigos e modernos, Calfi, Cálice, Cálice da bênção, Calígula, Calístenes, Calné, Calno, Calvário, Calvície, Cam (Pessoa), Camaleão, Camarista, Cambista (Trocador De Dinheiro), Camelo, Caminho, Camom, Campo de Sangue, Caná, Caná, Cana, Cana-de-Açúcar, Canaã, Cananeus, Canais do Mar, Canal, Câncer, Candace, Cane, Canela, Caneleiras, Cânon da Bíblia, Cântico de Débora, Cântico de Moisés, Cântico de Salomão, Cântico de subida, Cânticos, Cantor, Cantos da Terra, Cão, Caos, Águas do, Capa, Capacete, Capadócia, Capataz, Capitel, Cáracá, Caravana, Carbúnculo, Carca, Carcas, Carcor, Careá, Cária, Carmelo, Carmesim, Carmi, Carmis, Carmita, Carnaim, Carnain, Carne, Carpinteiro, Carpo, Carquemis, Carruagem, Carsena, Cartá, Cartã, Carta aos Gálatas, Carta aos Romanos, Carta de Jeremias, Cartas de Laquis, Carvalhais de Manre, Carvalho, Carvalho de Meonenim, Carvalho do pranto, Carvalho dos Adivinhos, Carvalho-verde, Azinheira, Carvão, Casa, Casa, Casa da floresta do Líbano, Casa de César, Casa De Deus, Casa do Jardim, Casa dos arquivos, Casaco, Casamento, Casamento levirato, Casamento misto, Casamento, Costumes matrimoniais, Casas E Habitações, Casfo, Casifia, Casluim, Casluítas, Caspin, Cássia, Castanheiro, Castanhola, Castigar, Castigo, Cástor e Pólux, Catate, Cativoiro Babilônico, Cativoiro, o, Cauda, Cavalaria, Cavalo, Cavalos, Portão dos, Cedro, Cedrom, Cefas, Cefira, Cegueira, Ceia Do Senhor, A, Ceifeiro, ceifar, Celeiro, Celesséria, Celestiais, Os, Celons, Cem pesos, Cem, Torre dos, Cencreia, Cendebeu, Censo, Centeio, Centeio, Centurião, Cerâmica, Cerinto, Certificado de Divórcio, Cervo, Cervo, Cesareia, Cesareia De Filipe, Cetro, Céu, Céus, Novos, Ceva, Cevada, Chacal, Chamada, Chamando, Chapéu, Charismata, Chaves do Reino, Chefe Da Sinagoga, Chicória, Chifre, Chipre, Chumbo, Chuva, Chuva temporã, Chuvas de primavera, Cicuta, Cidadania, Cidade, Cidade da Destruição, Cidade da Destruição, Cidade das palmeiras, Cidade de Davi, Cidade do Sal, Cidade do Sol, Cidades da Planície, Cidades de refúgio, Cidades levitas, Cilícia, Cilindro de Ciro, Címbalo, Cinta, Cinzas, Cipreste, Circuncisão, Circuncisão, Cirene, Cireneus, Cirênio, Ciro, o Grande, Cisterna, Citópolis, CITRONELA, Clauda, Cláudia, Cláudio, Cláudio Lísias, Cláudio, Edito de, Cleantes, Clemente, Clemente de Roma, Clemente, Primeira Epístola de, Cleopas, Cleópatra, Cloé, Clopas, Cnido, Coa, Coate, coatitas, Coba, Cobertura da cabeça, Cobertura de cabeça, Cobiçar, cobiça, Cobra de bronze, Serpente de bronze, Cobra de metal, Cobrador De Impostos, Cobre, Códice, Codorna, Coélet, Coelhos selvagens, Coentro, Coisas dedicadas, Coisas que se arrastam, Coisas rastejantes, Col-Hozé, Colaias, Colar, Colheita, Colina de Marte, Colocíntide, Coloquintida, Colossenses, Carta aos, Colossos, Colossas, Comerciante, Comida E Preparação De Alimentos, Cominho, Cominho preto, Alcaravia preta, Flor de noz-moscada, Compaixão, Companheirismo, Comunhão, Santa, Comunicação, Conanias, Concílio de Jerusalém, Concubinato, Concubinas, Condenação, Confiança, Confissão, Conformar, Conformação, Congregação, Congregação, Monte da, Conhecimento, Conquista e distribuição da terra, Consagração, Consciência, Conselho superior, Conselho, Conselheiro, Consolador, Constantino, o Grande, Constelação, Construir, Construção, Cônsul, Conversão, Convocação, Santa, Coorte Augusta, Copeiro, Cor, Cor, Corá, Coração, Coraíta, coratita, Coral, Corante, tingimento, tingidor, Corazim, Corbã*, Corça, Corça, Corça, corço, Corcunda, Cordeiro, Cordeiro de Deus, Coré, Coreítas, Coríntios, Primeira Carta Aos, Coríntios, Segunda Carta aos, Corinto, Cornélio, Corneta, CORO, Coro, Coroa, Corpo, Corpo de Cristo, Correção, Corrupção, Monte da, Cortinas, Coruja, Coruja das torres, Coruja branca, Coruja pequena, Corujão, Corujinha-do-mato, Corvo-marinho, Cós, Cosã, Cosaco de malha, Cosbi, Cosméticos, Costumes funerários, Couraça, Couro, Cova, Coz, Cozeba, Cozinha, Crédito, Credor, Crentes, Crescente, Creta, Criação, Criação, Nova, Criança, Criatura noturna, Criatura, Nova, Crisólito, Crisópraso, Crispo, Cristal, Cristão, Cristo, Cristologia, Crocodilo, Crônicas, Livros de primeiro e segundo, Cronista, Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento), Cronologia da Bíblia (Novo Testamento), Crucificação, Cruz, Cube, Cube, Cúbito, Cuch, Cucurbita, Culpa de sangue, Cultos de fertilidade, Cum, Cuneiforme, Cura, Dom de, Curar, Cura, Curtido, Curtidor, Curtir, Cusã, Cusã-Risataim, Cusi, Cute, Cutá, Cuxaías, Cuxe (Lugar), Cuxe (Pessoa), Cuxita, Cuza*

Cabana

Uma pequena barraca ou abrigo temporário feito de galhos e paus. As cabanas eram construídas quando edifícios permanentes não estavam disponíveis. Elas ofereciam sombra durante o dia e proteção contra o orvalho e os ventos à noite ([Gn 33.17](#); [Jn 4.5](#)).

A palavra também é usada como uma figura de linguagem para algo frágil e facilmente destruído. Por exemplo, a palavra é traduzida como "cabana" em [Jó 27.18](#) e "abrigo" em [Isaías 1.8](#).

Veja também Festas e festivais de Israel.

Cabanas, Festa das

Nome alternativo para o Festival dos Tabernáculos. *Veja* Festas e festivais de Israel.

Cabe

Outra forma de soletrar "cabo" (ARC), que é usado na versão Tradução Brasileira 2010.

Veja Cabo.

Cabeça

A parte superior do corpo, contendo o cérebro, os principais órgãos dos sentidos e a boca. Aparece muitas vezes na Bíblia como uma descrição física. O termo hebraico para *cabeça* também é usado figurativamente no Antigo Testamento. Frequentemente, designa proeminência ou autoridade.

Levantar a cabeça era considerado um ato de orgulho ([Sl 140.9](#)) ou honra ([Gn 40.20](#); [Sl 3.3](#); [27.6](#)). Abaixar a cabeça significava humilhação ([Is 58.5](#)) ou tristeza ([Lm 2.10](#)). A palavra hebraica é usada metaforicamente de picos das montanhas ([Gn 8.5](#)), os topos dos edifícios ([Gn 11.4](#)) ou árvores ([2Sm 5.24](#)), e fontes de rios ([Gn 2.10](#)). O termo era comumente usado para designar posições de autoridade política, militar ou familiar. Neste sentido, o "cabeça" exercia controle sobre todos os que estavam sujeitos a ele ([Jz 10.18](#); [1Sm 15.17](#); [Sl 18.43](#); [Is 7.8-9](#); [Jr 31.7](#); [Os 1.11](#)). Davi foi chamado de "guarda da minha cabeça" (ARC) quando ele

serviu como o guarda-costas de Aquis ([1Sm 28.2](#); cf. [Jz 9.53](#); [Sl 68.21](#)).

Os filósofos gregos usaram a imagem do corpo para representar o universo. A cabeça deste corpo — chamado Zeus ou Razão — era considerada responsável pela criação e sustento dos membros remanescentes (seres celestiais, humanos, animais, plantas e objetos inanimados). O universo, ou "corpo", deve sua existência à "cabeça".

Entre 460 a.C. (a data geralmente atribuída aos primeiros escritos de Hipócrates) e 200 d.C. (a morte de Galeno, que desenvolveu as descobertas de Hipócrates), a ciência médica grega entendeu a cabeça como a sede da inteligência. O corpo era capaz de operar de forma eficiente apenas porque o cérebro era capaz de interpretar os dados recebidos do corpo (olhos, ouvidos, pele e assim por diante), e porque era capaz de enviar impulsos apropriados aos vários membros do corpo, com base nos dados recebidos. A capacidade do cérebro de interpretar e direcionar tornava a existência do corpo completamente dependente dele.

No NT, o termo se refere à cabeça humana real ([Mt 5.36](#); [6.17](#); [14.8](#); [26.7](#); [Mc 6.27](#); [14.3](#); [Lc 7.46](#); [Jo 13.9](#); [20.7](#)), aos seres apocalípticos ([Ap 1.14](#); [4.4](#); [12.1](#)) e aos animais ([Ap 9.7,17,19](#); [12.3](#)). Além disso, aparece em expressões como "amontoar brasas de fogo sobre a cabeça", ou seja, retribuir o bem pelo mal ([Rm 12.20](#); cf. [Mt 5.44](#)); "raspar" ou "ungir a cabeça" expressando um voto ([At 21.24](#)); e "deitar a cabeça", ou seja, dormir ([Mt 8.20](#); [Lc 9.58](#)).

O apóstolo Paulo se baseou na compreensão metafórica do AT do termo para expressar a liderança de Deus sobre Cristo, Cristo sobre o homem e o homem sobre a mulher ([1Co 11.3-16](#); cf. [Ef 5.23](#)). À luz desses relacionamentos, Paulo encorajou as mulheres em Corinto a usar véus na adoração. O véu dava a uma mulher a autoridade para adorar como igual aos homens diante de Deus. O termo é usado novamente com o significado "autoridade" para expressar o senhorio de Cristo sobre o universo ([Ef 1.21-22](#); [Cl 2.10](#)).

Paulo usou a figura da cabeça e do corpo para expressar o relacionamento entre Cristo e sua igreja ([Ef 4.15](#); [5.23](#); cf. [1Co 12.12-27](#)). Além do sentido do AT, as contribuições da ciência médica nos dias de Paulo podem fornecer informações sobre esta figura, pois Cristo não é apenas o governante dominante sobre a igreja, mas também a força dinâmica que fornece sua direção e unidade. A capacidade da igreja de existir e o ponto focal de sua atividade estão enraizados na obra de seu

“cabeça”, Jesus Cristo. Nessa perspectiva, vários exegetas modernos argumentaram que liderança não significa “autoridade” tanto quanto significa “fonte”, como no termo “fonte primordial”. Portanto, aquele que é a cabeça é a fonte, o provedor. Esses intérpretes veem Deus como sendo o provedor de Cristo, e Cristo sendo o provedor da igreja, e o homem sendo o provedor da mulher.

Cabelos e Barbas

Na Palestina e no Oriente Próximo, as mulheres geralmente tinham cabelos longos. Na era do Novo Testamento, cortar o cabelo poderia ser visto como um sinal de ser uma sacerdotisa pagã, levando à desgraça (veja [1Co 11.15](#)). O apóstolo Pedro aconselhou as mulheres cristãs a não se concentrarem excessivamente em penteados elaborados ([1Pe 3.3](#)). Quando uma mulher se casava, ela frequentemente alterava seu penteado para refletir uma aparência mais madura, com algumas usando ferros de ondulação e óleos capilares.

Cabelo escuro é frequentemente mencionado na Bíblia, embora o cabelo grisalho fosse respeitado como um sinal de maturidade. Algumas pessoas usavam tinturas de cabelo pretas e vermelhas, e a tradição diz que Herodes, o Grande, tingia seu cabelo grisalho com henna.

Na cultura judaica, o corte de barba e cabelo seguia regras específicas. Os israelitas foram instruídos a não cortar o cabelo nas têmporas nem aparar as extremidades de suas barbas ([Lv 19.27](#)). Essa prática ajudava a distinguir os israelitas dos cananeus adoradores de ídolos e outros ([Dt 12.29-30](#)). As barbas diferenciavam os hebreus dos egípcios, que geralmente eram barbeados, mas às vezes usavam barbas falsas para cerimônias. Raspar ou cortar a barba dos cativos era visto como uma humilhação severa, enquanto uma cabeça raspada era um símbolo de purificação após completar um voto ([Lv 14.8-9](#); [At 18.18](#)). Raspar a barba era o sinal usual de luto ([Is 15.2](#)). Também podia simbolizar a aproximação da desgraça ([Is 7.20](#); [Jr 41.5](#); [48.37](#)).

Cabo

Um *cabo* (ARC) era uma medida seca usada nos tempos bíblicos. O historiador judeu Josefo disse

que era aproximadamente a medida de um litro. Alguns especialistas acreditam que pode ter sido maior (veja [2Rs 6.25](#)).

Veja Cabe.

Cabom

Cidade nas colinas de Judá ([Js 15.40](#)) a leste de Laquis, identificada com Hebra e às vezes equiparada a Machbena ([1Cr 2.49](#)).

Cabra

Uma cabra é um animal com cascos fendidos, olhos grandes e orelhas grandes e caídas que se movem frequentemente. Tanto os machos quanto as fêmeas têm chifres que se curvam para trás. A cabra palestina é menor e mais magra do que as ovelhas. Essas cabras são ruminantes. Elas comem grama e outras plantas, que mastigam, engolem e depois mastigam novamente para ajudar na digestão.

As pessoas começaram a criar cabras como animais de fazenda antes de qualquer outro gado que come capim. Essas primeiras cabras de fazenda vieram de cabras selvagens (a cabra bezoar, ou *Capra aegagrus*). Acredita-se que as cabras selvagens foram domesticadas muito cedo na Palestina. As cabras mencionadas na Bíblia eram provavelmente cabras sírias ou mambrina (*Capra hircus mambrica*). Quando as pessoas criam cabras em fazendas, uma cabra mãe pode ter até quatro cabritinhos de uma vez. Cabras selvagens geralmente têm apenas um ou dois filhotes.

A cabra palestina era geralmente preta. Cabras com manchas ou partes de cores diferentes eram incomuns. É por isso que em [Gênesis 30.32](#), quando Jacó pediu apenas as cabras malhadas e salpicadas como pagamento, parecia que ele estava pedindo muito pouco. Algumas cabras podem ter sido de cor marrom-avermelhada. Sabemos disso porque em [1 Samuel 16.12](#) e [19.13](#), as pessoas usavam pelo de cabra para imitar o cabelo avermelhado de Davi.

Como as cabras eram utilizadas nos tempos bíblicos?

Quase todas as partes da cabra eram utilizadas pelos israelitas. A cabra inteira era usada para sacrifício. As pessoas consumiam carne de cabra e bebiam leite de cabra, que era sua principal fonte

de leite ([Lv 7.23](#); [Dt 14.4](#); [Pv 27.27](#)). Seus pelos eram usados para tecer tecido de tenda e para vários usos na casa ([Êx 36.14](#); [1Sm 19.13,16](#)). O tabernáculo no Monte Sinai era feito de cobertores de pelo de cabra ([Êx 26.7](#)).

As pessoas geralmente não comiam cabras adultas por duas razões: a carne tinha um sabor muito forte e era difícil de mastigar, além de que os machos eram necessários para ajudar a produzir mais cabritos. No entanto, cabritos jovens eram frequentemente servidos como prato principal em refeições especiais. Oferecer carne de cabrito jovem aos visitantes era uma forma de demonstrar hospitalidade.

O leite de cabra contém mais nutrientes do que o leite de vaca ou de ovelha e pode ser utilizado de diversas maneiras. Uma cabra saudável pode produzir cerca de 3 litros de leite por dia. As pessoas poderiam fazer manteiga e leitelho a partir desse leite. Na verdade, uma cabra poderia fornecer produtos alimentícios suficientes para sustentar uma família média no antigo Israel.

Pele de cabra era curtida como couro. Depois, eles faziam uma garrafa de pele a partir do couro inteiro, costurando as aberturas das pernas e do pescoço ([Gn 21.14](#); [Js 9.4](#)). As pessoas usavam pele de cabra para vários fins, incluindo a fabricação de instrumentos musicais hebraicos. O nebal, uma grande harpa, tinha uma base de pele de cabra. Da mesma forma, tambores eram cobertos com pele de cabra.

Pastores conduziam cabras com ovelhas nos tempos bíblicos, mas cada grupo permanecia separado, seguindo seu próprio líder. Jesus estava se referindo ao pastoreio comum em sua descrição do Juízo Final ([Mt 25.31-46](#)).

As ovelhas são mais valorizadas do que as cabras por causa de sua lã. No entanto, em áreas com pouco pasto, água e arbustos espinhosos, as cabras são essenciais. Eles se desenvolvem onde vacas e ovelhas não conseguem, produzindo muito leite. Ao contrário das ovelhas, os cabritos não fornecem gordura. Seu pelo áspero significa que têm pouca lã. No entanto, o pano de pelo da cabra, chamado cilício, era usado para tendas.

Cabras consomem muita comida e podem danificar a terra onde pastam. Nos tempos bíblicos, as cabras causavam muitos problemas na terra de Israel. Elas derrubavam os degraus construídos nas encostas para a agricultura, destruíam árvores nas florestas e consumiam tantas plantas que o solo era levado

pela chuva, pois não havia vegetação suficiente para mantê-lo no lugar.

Cabras eram consideradas propriedades valiosas nos tempos bíblicos. De acordo com a lei de Deus, as pessoas tinham que dar seus cabritos machos primogênitos a Deus como uma oferta ([Nm 18.17](#)). Essas cabras precisavam ter pelo menos oito dias de idade antes de poderem ser usadas como sacrifícios. Durante a Páscoa, a celebração anual da libertação dos israelitas do Egito por Deus, as pessoas ofereciam um cabrito macho de um ano de idade ([Nm 28.22](#)). No Dia da Expição, dois bodes eram sacrificados ([Levítico 16.7-10](#)). As pessoas também usavam bodes para outros sacrifícios específicos.

O íbex (cabra-montesa selvagem)

O íbex (*Capra ibex nubiana*) é um tipo de cabra selvagem que ainda vive perto do Mar Morto, principalmente em áreas rochosas. Sabemos que essas cabras viveram em tempos antigos porque as pessoas desenharam imagens delas em rochas. As cabras íbex são diferentes de outras cabras selvagens. Elas têm a parte traseira menor e chifres mais finos e curvados. Suas pernas delgadas e cascos fendidos ajudam-nas a se mover facilmente nas montanhas. Elas conseguem se equilibrar em bordas estreitas, pular de rocha em rocha e escalar penhascos íngremes.

As cabras íbex vivem em áreas montanhosas acidentadas com penhascos rochosos e áreas gramadas próximas ao início da neve ([Sl 104.18](#)). Em [Jó 39.1](#), elas são chamadas de "cabras monteses". Essas cabras geralmente vivem em grupos de 5 a 20 animais. Elas se alimentam de grama e folhas de plantas, geralmente à tarde e às vezes durante a noite. Nos tempos antigos, as pessoas usavam os grandes chifres das cabras íbex para fazer trombetas especiais. Essas trombetas eram usadas no templo de Jerusalém para anunciar eventos importantes, como o início de um novo ano e o ano especial de liberdade, o ano do jubileu, que ocorria a cada 50 anos.

O simbolismo das cabras na Bíblia

Os escritores da Bíblia frequentemente usavam a cabra, ou o bode, como símbolo:

- Em [Cântico dos cânticos 4.1](#) e [6.5](#), representam o cabelo preto da noiva.
- Em [Mateus 25.31-46](#), os bodes representam os ímpios.
- Em [Ezequiel 34.17](#) e [Daniel 8.5-8](#), representava diversos líderes humanos.

Cabra montês

Pequeno antílope semelhante a uma cabra que vive principalmente nas altas montanhas da Europa. Definições modernas deste animal o chamam de "camurça", que não é usado em traduções da Bíblia. Em [Dt 14.5](#), a cabra montês é traduzida de diferentes formas como "ovelha montês", "ovelha selvagem", "bode selvagem", etc.

Veja Animais (Ovelhas).

Cabra Montês

É uma espécie de cabra selvagem, declarada cerimonialmente limpa na Lei ([Dt 14.5](#)). *Veja Animais (Cabra).*

Cabris

Cabris era filho de Gotoniel. Ele foi um dos três oficiais civis (magistrados) de Betúlia ([Jt 6.14-15; 10.6](#)). Quando os assírios atacaram a cidade, Cabris e os outros líderes decidiram esperar apenas mais alguns dias para que Deus os salvasse. Se nada acontecesse, planejavam se render.

Judite os repreendeu por isso. Ela lhes disse para não testar a Deus ou impor um prazo a ele ([Jt 8.9-27](#)).

Cabritinho

Filhote de cabra. *Veja Animais (Cabra).*

Cabul

1. Cidade dos aseritas perto do Monte Carmelo, na fronteira entre Israel e Tiro ([Js 19.27](#)).

2. Território dado a Hirão, rei de Tiro, por Salomão em troca de um presente de 4 toneladas de ouro para a conclusão do templo. Hirão, não impressionado com esta província do norte da Galileia ([1Rs 9.13-14](#)), mais tarde devolveu-a a Salomão ([2Cr 8.2](#)).

Cabzeel

Uma cidade localizada na parte mais ao sul do território de Judá, próxima a Edom ([Js 15.21](#)). Também era chamada de Jecabzeel ([Ne 11.25](#)). Benaia, um dos valentes guerreiros de Davi, veio de Cabzeel ([2Sm 23.20; 1Cr 11.22](#)). A referência em Neemias indica que a tribo de Judá retornou a esta área após o exílio para Babilônia. A localização exata de Cabzeel não é conhecida hoje, mas alguns sugerem que pode ter sido em um lugar chamado Khirbet Hora.

Caça

A prática de rastrear e perseguir animais para alimentação, produtos animais ou esporte é tão antiga quanto a humanidade. Nos tempos bíblicos, a caça era praticada em todo o mundo bíblico. [Gênesis 10.9](#) refere-se a um certo Ninrode que "Com a ajuda de Deus, o Senhor, ele se tornou um caçador famoso" (NTLH); isso ocorreu muito antes dos patriarcas. Na história humana mais antiga, a caça era um meio essencial de obter alimentos, roupas e ferramentas, e mesmo quando a civilização se desenvolveu, a caça fornecia alimentos suplementares para uma dieta agrícola.

Nas terras ao redor de Israel, a caça está bem representada em pinturas e baixos-relevos. No antigo Egito, a caça tornou-se um esporte, e os egípcios frequentemente caçavam animais e pássaros com a ajuda de cães e gatos. Animais selvagens eram conduzidos por cães ou humanos para cercados ou em direção a fossos e armadilhas. Da mesma forma, na Mesopotâmia, a caça era amplamente praticada, como é evidente em muitos baixos-relevos que retratam veados e cervos capturados em redes. Na Assíria, animais selvagens, como leões, eram comumente caçados. Os baixos-relevos de Nínive fornecem muitas belas imagens da habilidade do caçador.

A Palestina era uma terra onde a caça era praticada desde muito cedo. Isso é evidente a partir dos ossos de animais caçados encontrados na escavação de

sítios antigos. Certamente, na Idade do Bronze Médio (c. 1800–1500 a.C.), que se aproxima da era patriarcal, a caça era amplamente praticada. A referência a Esaú como um caçador habilidoso ([Gn 25.27](#)) seria típica de uma época em que tanto atividades agrícolas quanto de caça eram seguidas. O “Conto de Sinuhe” egípcio, do século 20 a.C., menciona a caça com cães.

O texto da Bíblia oferece várias visões sobre os tipos de pássaros e animais que eram caçados. Listas de animais que eram “puros” são fornecidas em [Deuteronômio 14.4–6](#). Uma variedade interessante de animais estava disponível para o povo de Israel; muitos eram domésticos, mas havia uma variedade de animais selvagens para testar a engenhosidade do caçador: a cabra, a lebre, a gazela, o corço (cf. [1Reis 4.23](#)), a cabra selvagem, o íbex, o antílope e a ovelha montanhosa. Em todos os casos, o sangue do animal tinha que ser derramado. Havia um provérbio corrente em Israel sobre um homem preguiçoso que não pegava nenhuma presa — ou se pegava, não a cozinhava ([Pv 12.27](#)).

Algumas passagens no AT registram a matança de animais em autodefesa ([Jz 14.6](#); [1Sm 17.34–37](#); [2Sm 23.20](#)). Os pastores normalmente carregavam um bastão e uma funda para proteger seus rebanhos de animais predadores ([1Sm 17.40](#); [Sl 23.4](#)).

Uma variedade de pássaros foi caçada, como, por exemplo, a perdiz mencionada em [1 Samuel 26.20](#) (cf. [Dt 14.11–18](#)). Há referências também a alguns dos dispositivos usados na caça: arcos e flechas ([Gn 27.3](#)), clavas ([Ió 41.29](#)), pedras de funda ([1Sm 17.40](#)), redes ([Ió 19.6](#)), armadilhas para pássaros ([Sl 91.3](#)), fossas camufladas ([Sl 7.15](#); [35.7](#); [Pv 22.14](#); [26.27](#); [Is 24.17–18](#)). Das armadilhas mencionadas na Bíblia, uma parece ter sido um dispositivo automático ([Am 3.5](#)) que saltava do chão quando um animal o tocava (cf. [Sl 69.22](#); [Os 9.8](#)) ou quando o caçador puxava uma corda ([Sl 140.5](#); [Jr 5.26](#)). O método de conduzir animais para uma armadilha parece ser referido em [Jeremias 16.16](#) e [Ezequiel 19.8](#).

Caçador de Aves

Aquele que captura ou atira em pássaros selvagens. A captura de pássaros para animais de estimação, comida e sacrifícios era a atividade do caçador de aves. Isso era realizado usando arco e flecha, funda ou rede ([Pv 1.17](#); [Ez 12.13](#); [17.20](#); [Os 7.12](#); [9.8](#)).

Outros métodos incluíam o uso de visgo, uma substância pegajosa à qual os pássaros aderem, e um bastão de arremesso que quebrava as pernas dos pássaros. Os caçadores de aves ficavam à espera perto de sua armadilha, colocando os pássaros capturados em um cesto ([Jr 5.26–27](#)). O termo “caçador de aves” também aparece como uma metáfora para homens perversos que armam ciladas para outros homens ([Sl 91.3](#); [124.7](#); [Jr 5.26](#); [Os 9.8](#)).

Consulte também Caça.

Caco de cerâmica

Pedaco de cerâmica quebrada usado nos tempos do Antigo Testamento para carregar brasas ou para retirar água. Cacos de cerâmica também eram usados como tampas para recipientes de armazenamento ou chaleiras de cozinha, como meio de comunicação escrita, ou para adicionar areia a compostos impermeabilizantes. A importância simbólica dos cacos é clara em [Salmo 22.15](#), [Isaías 30.14](#), [45.9](#), e [Ezequiel 23.34](#).

Veja também Cerâmica; Escrita (Cacos de Cerâmica).

Cades Meribá

Nome alternativo para Cades-Barneia ([Dt 32.51](#); [Ez 47.19](#); [48.28](#)), um local de acampamento prolongado pelos israelitas durante as peregrinações no deserto. *Consulte* Cades, Cades-Barneia.

Cades, Cades-Barneia

Lar dos israelitas errantes por quase 38 anos. Na vasta área do Sinai, há dois principais oásis: no sul está Wadi Feiran, perto da montanha de Moisés (Monte Sinai ou Horebe); no norte está Cades, ou Cades-Barneia. O primeiro foi o local onde a lei foi dada; o segundo, o principal acampamento das 12 tribos durante seu Êxodo do Egito ([Dt 1.46](#)).

Cades-Barneia ([Gn 14.7](#), “En-Mispate”) foi invadida por Quedorlaomer, rei de Elão, durante o tempo de Abraão. Nesta área, Agar foi expulsa da tenda de Sara, sua senhora ([16.14](#)), e aqui Miriã morreu e foi sepultada ([Nm 20.1](#)). A grande contenda sobre a água ocorreu aqui, dando origem ao nome Meribá ou Meribate-Cades ([Nm 20.2–24](#); [Dt 32.51](#); [Ez](#)

[47.19](#); [48.28](#)). Este também foi o cenário da rebelião de Corá contra a liderança de Moisés e Arão ([Nm 16-17](#)). Esta área permaneceria por muito tempo na memória das tribos israelitas como o lugar de sua incredulidade após o relatório dos 10 espiões e um atraso de 38 anos antes de ocuparem a Terra Prometida ([Sl 95.8-11](#); cf. [Hb 3.7-19](#)).

Devido à água, pastagens e terras agrícolas, além de sua proximidade com Canaã, os israelitas consideraram esta área o melhor lugar para passar a maior parte do tempo antes de entrar na Terra Prometida.

Veja também Meribá #2; Peregrinações no deserto.

Cadmiel

Chefe de uma família levita que retornou do exílio com Zorobabel ([Ed 2.40](#); [Ne 7.43](#); [12.8](#)). Seu nome aparece na lista daqueles que supervisionaram o projeto de reconstrução do templo ([Ed 3.9](#)), participaram da selagem do pacto ([Ne 10.9](#)) e foram proeminentes no serviço de louvor ([9.4-5](#); [12.24](#)).

Cadmoneus

Uma tribo semítica cuja terra Deus prometeu aos descendentes de Abraão ([Gn 15.19](#)). Os povos semíticos são grupos antigos do Oriente Médio e Norte da África, conhecidos por suas línguas compartilhadas (como hebraico, aramaico ou árabe) e tradições culturais. O nome "cadmoneus" significa "oriental" em hebraico. Isso pode ser o motivo pelo qual a Bíblia às vezes fala sobre a "terra do Oriente" (e.g. em [Gn 25.6](#); [Jz 8.10](#); [1Rs 4.30](#); [Jó 1.3](#)).

Cafarnaum

Cidade da Galileia, mencionada apenas nos Evangelhos, que era a sede de grande parte do ministério de Jesus. Ficava no lado noroeste do Mar da Galileia (ou Lago de Genesaré). Seu nome significa "aldeia de Naum", mas é impossível dizer quem era este Naum, se era o escritor do AT ou outro. Mateus nos dá as seguintes informações: Cafarnaum ficava localizada perto do Mar da Galileia, no território de Zebulom e Naftali. ([Mt 4.13](#)). A costa oeste do lago foi colonizada pela tribo de Naftali. Dois dos personagens descritos como

estando em Cafarnaum ajudam a identificar sua localização como sendo perto da fronteira do Jordão e da fronteira política. A história do centurião ([Mt 8.5](#); [Lc 7.2](#)) aponta para a pequena guarnição de cerca de 100 homens encontrados em uma cidade de fronteira. A história do chamado de Levi para deixar o posto alfandegário controlando a tributação da área reflete no mesmo caráter de fronteira da cidade ([Mt 9.9](#); [Mc 2.14](#); [Lc 5.27](#)).

As evidências judaicas argumentavam para Tell-Hum como o local da antiga Cafarnaum. O grego Cafarnaum é traduzido pelo hebraico Kaphar nahum em Midrash Kohelet 1.8 e 7.26 (ca. 110 d.C.), provando que Cafarnaum ainda existia no segundo século. Não há mais menção até 1160, quando Benjamim de Tudela se refere a "Cafarnaum que é Kaphar Nahum." Os franciscanos, que adquiriram o local, encontraram um número considerável de moedas daquele período em Tell-Hum, e as ruínas da sinagoga lá podem muito bem datar do terceiro século d.C. Escavações recentes de Tell-Hum tem revelado que é inquestionavelmente o local da antiga Cafarnaum. Durante as escavações, uma casa privada foi descoberta sob um lugar judaico-cristão do quarto século. Já na primeira metade do segundo século, teria servido como um salão de reuniões para os primeiros cristãos. As inscrições e os relatórios dos primeiros viajantes cristãos tornam provável que fosse a casa de Pedro.

Cafarnaum era um povoado importante, com uma guarnição romana, adotada por Jesus como sua própria cidade após sua rejeição por Nazaré ([Mt 9.1](#)). Aqui, ele estava em casa ([Mc 2.1](#)) e realizou muitos milagres ([Mc 1.34](#)): a cura do servo do centurião ([Mt 8.5](#)); a cura da sogra de Pedro ([Mc 1.31](#)); e o exorcismo do espírito imundo ([Mc 1.23](#); [Lc 4.33](#)). Assim altamente favorecida pelo ministério de Jesus, também houve uma pesada maldição imposta à cidade por causa de seu impenitente: "E você, Cafarnaum, será exaltado ao céu? Sereis trazidos para o Hades" ([Mt 11.23](#), ARA).

Cafarsalama

Uma aldeia onde Judas Macabeu lutou contra o comandante sírio Nicanor ([1Mc 7.31](#)). Após cerca de 500 homens de Nicanor morrerem, os fugitivos refugiaram-se na "cidade de Davi". Isso indica que Cafarsalama deve ter sido perto de Jerusalém.

Café da manhã

O café da manhã é a refeição inicial do dia. Marca o fim das horas sem comer durante a noite.

Consulte Vida familiar e relações; Alimentação e preparação de alimentos.

Cafenata

Uma seção de Jerusalém que Jônatas Macabeu reparou para proteger a cidade de ataques inimigos ([1Mc 12.37](#)). Determinar a localização exata gerou muito debate inconclusivo. Alguns estudiosos acham que a palavra deve ser corrigida para Capeltha, um equivalente da área chamada de Mishneh, ou Bairro Novo (cf. [2Rs 22.14](#), [Sf 1.10](#), etc.). Outros dizem que Cafenata se refere à “curva da fonte”, ou seja, perto do tanque de Siloé. Não há evidências conclusivas de qualquer maneira.

Caftor, Caftorim, Caftoritas

Nome do lugar e o nome das pessoas associadas ao lugar. Os caftoritas entre os povos hamíticos na “tabela das nações” são listados como os “filhos” do Egito ([Gn 10.13-14](#); [1Cr 1.12](#), NVI “caftoritas”). O texto apresenta os casluítas como o povo ancestral dos filisteus. No entanto, os profetas referiram-se aos filisteus como colonos de Caftor ([Jr 47.4](#); veja [Am 9.7](#)). Isso tem sido a base para alguns tradutores transporem a cláusula de [Gênesis 10.14](#) e traduzirem “caftoritas, dos quais os filisteus descendiam”. Outros entendem que, embora os filisteus possam originalmente ter sido uma colônia casluíta, eles se estabeleceram em regiões que se tornaram conhecidas principalmente como aquelas dos caftoritas.

Caftor é referido como *Kaptara* em Acádio, *kptr* em Ugarítico, e *Keftiu* em Egípcio. Essas referências datam de 2200 a.C. até cerca de 1200 a.C. As fontes egípcias são especialmente úteis para identificar Caftor como Creta. Por outro lado, há uma tradição judaica de que os caftorim eram da Capadócia; a Septuaginta lê “Capadócia” em vez de “Caftor”. Isso levou alguns a sugerirem que Caftor deve ser identificado com uma região costeira da Ásia Menor ou com a ilha de Carpathos. Talvez no século XIII a.C., “Caftor” fosse usado em um sentido amplo para a área do Egeu de onde os filisteus vieram.

Os caftoritas são mencionados também como um povo que invadiu a região ao redor de Gaza,

desalojou os avins e se estabeleceu lá ([Dt 2.23](#)). Parece que os caftoritas estavam firmemente estabelecidos ao redor de Gaza antes de Israel cruzar o Jordão na época da Conquista. *Veja* Casluins, Casluítas.

Caifás

Caifás foi o sumo sacerdote durante a vida e o ministério de Jesus. Como líder da nação judaica, ele presidia o Sinédrio, o tribunal mais alto. Junto com o governador romano, Caifás era o homem mais poderoso na Judeia, sendo responsável perante os romanos pelo comportamento da nação. Ele estava particularmente preocupado com a agitação e inquietação em torno de Jesus, especialmente com as atividades crescentes dos Zelotes, que em breve iniciariam uma rebelião.

A ressurreição de Lázaro ([Jo 11](#)) causou grande agitação, elevando as tensões ao máximo. Caifás, temendo que aqueles que buscavam um messias político pudessem desencadear uma repressão romana, sugeriu que Jesus fosse condenado à morte ([Jo 11.48-50](#)). O Evangelho de João observa que, ao fazer isso, Caifás profetizou inconscientemente sobre a natureza expiatória da morte de Jesus ([Jo 11.51-52](#)).

Caifás teve um papel central na prisão e julgamento de Jesus. Os líderes religiosos fizeram seus planos em seu palácio ([Mt 26.3-5](#)), e parte do julgamento de Jesus ocorreu lá, com Caifás presidindo ([Mt 26.57-68](#)). Antes disso, Jesus foi levado primeiro a Anás, sogro de Caifás ([Jo 18.13](#)). Embora Mateus, Marcos e Lucas não mencionem a visita a Anás, e Marcos e Lucas não se refiram a Caifás pelo nome, o relato de João mostra que Anás ainda era influente.

Quando Jesus admitiu que era “o Cristo, o Filho de Deus”, Caifás rasgou suas vestes e o acusou de blasfêmia ([Mt 26.63-66](#)). Após o Pentecostes, Caifás, junto com outros líderes judeus, conduziu o julgamento de Pedro e João, tentando parar a pregação dos apóstolos ([At 4.5-6](#)).

Anás, um ex-sumo sacerdote, manteve-se importante nos assuntos judaicos, o que explica por que Lucas menciona tanto Anás quanto Caifás em conexão com o ministério de João Batista ([Lc 3.2](#)) e em Atos chamou Anás de sumo sacerdote ([At 4.6](#)). O Evangelho de João também mostra que Anás ainda era comumente chamado de “sumo sacerdote” ([Jo 18.22](#)).

De acordo com o historiador Josefo, Caifás foi nomeado sumo sacerdote por volta de 18 d.C. e serviu até ser removido por volta de 36 d.C. Como o sumo sacerdote servia à discricção dos romanos, o longo mandato de Caifás sugere que ele era politicamente habilidoso. Após ser removido pelo procônsul romano Vitélio, nada mais se sabe sobre ele.

Caim (lugar)

Cidade na região montanhosa da Judeia ([Js 15.57](#)). Sua localização no mesmo distrito das conhecidas cidades de Maom, Carmelo, Zife e Jutá (v. [55](#)) favorece sua identificação com Khirbet Yuqim, a sudoeste de Hebrom.

Caim (Pessoa)

O primeiro filho de Adão e Eva. Ele se tornou um lavrador, enquanto seu irmão, Abel, era pastor de ovelhas. Quando as pessoas falam sobre atos terríveis de violência, muitas vezes mencionam o assassinato de Abel por Caim como exemplo ([Id 1.11](#)). Cada um dos dois irmãos trouxe um sacrifício ao Senhor ([Gn 4.3-4](#)). De acordo com [Hebreus 11.4](#), Abel agiu com fé ao trazer um sacrifício mais aceitável do que o de Caim. Caim ficou muito irritado porque Deus não aceitou sua oferta. Como Deus aceitou a oferta de Abel, mas não a sua, Caim matou seu irmão ([Gn 4.5-8](#)).

Ao explicar por que Caim agiu com violência, a Bíblia nos diz que ele pertencia ao maligno ([1Jo 3.12](#)). O Senhor confrontou Caim com sua culpa, julgou-o e pronunciou uma maldição sobre ele. Deus fez Caim deixar a terra de Node, a leste de Éden ([Gn 4.9-16](#)). Caim reclamou a Deus que sua punição era maior do que ele podia suportar. Ele tinha medo de que alguém o encontrasse e o matasse. Então, o Senhor colocou um sinal em Caim para protegê-lo. O Senhor também prometeu que, se alguém matasse Caim, essa pessoa receberia um castigo sete vezes pior.

Na terra de Node, Caim construiu uma cidade e a nomeou em homenagem a seu filho Enoque ([Gn 4.17](#)). Através de Enoque, Caim teve muitos descendentes. Nas primeiras gerações, esses descendentes desenvolveram diferentes habilidades. Alguns viviam em tendas e cuidavam de animais. Outros se tornaram músicos, e alguns

aprenderam a fazer coisas de metal (versículos [18-22](#)).

Caim (tribo)

Caim era uma tribo de pessoas que eram as mesmas que os queneus ([Nm 24.22](#); [Jz 4.11](#)). O nome Caim em hebraico significa "lança", o que sugere que eles podem ter sido habilidosos na fabricação de ferramentas e armas de metal. A tribo vivia como nômades, mudando-se de lugar em lugar em vez de se estabelecerem em uma área. Eles eram amigáveis com Israel ([1Sm 15.6](#)). Mais tarde, tornaram-se parte de Judá.

Veja Os queneus.

Cainã

1. Um filho de Arfaxade ([Lc 3.36](#); [Gn 10.24](#), na Septuaginta; [11.12-13](#)).
2. Bisneto de Adão, também chamado Cainã ([Gn 5.9-14](#); [1Cr 1.2](#); [Lc 3.37](#)).

Caixão

Veja Sepultamento, Costumes de Sepultamento.

Cal

Substância branca (óxido de cálcio) obtida pela aplicação de calor em materiais que contêm carbonato de cálcio, como calcário ou conchas. *Veja* Minerais e metais.

Calá

Uma das antigas capitais da Assíria, construída por Ninrode ([Gn 10.11-12](#)). Calá é o nome antigo para a moderna Nimrud, localizada a 38 quilômetros ao sul de Nínive, na margem leste do Rio Tigre. Foi escavada por Henry Layard de 1845 a 1849 e pela Escola Britânica de Arqueologia no Iraque de 1949 a 1964. O local foi ocupado desde tempos pré-históricos até o período helenístico.

Escavações em Calá revelaram um grande zigurate e templos dedicados a Ninurta e Nabu. Uma grande cidadela construída por Salmanaser I no século XIII

a.C. e um palácio construído por Assurnasirpal II (883–859 a.C.) também foram descobertos lá. Palácios de Salmanaser III (858–824 a.C.) e Esar-Hadom (680–669 a.C.) foram parcialmente desobstruídos. Entre outras descobertas notáveis da cidade está o obelisco negro de Salmanaser III, que atualmente está no Museu Britânico. O monumento é importante para os estudos bíblicos devido ao registro do tributo pago pelo Rei Jeú de Israel aos assírios.

Tiglate-Pileser III (745–727 a.C.) e Sargão II (721–705 a.C.) lançaram seus ataques contra Israel e Judá a partir de Calá. Sargão capturou Samaria. Tiglate-Pileser esteve envolvido com Judá quando Acaz formou uma coalizão com ele contra Israel e Síria ([Is 7.1–17](#)). Calá foi eventualmente destruída pelos babilônios e medos em 612 a.C.

Calafetar, Calafetador

Uma substância impermeabilizante, como betume, é usada para vedar as juntas das tábuas de um navio, tornando-as à prova d'água ([Ez 27.9](#), NTLH "carpinteiros").

Calai

Sacerdote e chefe da família sacerdotal de Salu (Salai) durante os dias de Joiaquim, o sumo sacerdote ([Ne 12.20](#)).

Cálamo

Uma planta de cana de cheiro doce ([Êx 30.23](#); [Ez 27.19](#)). Cálamo refere-se a uma planta ou sua raiz aromática. Era uma das plantas que cresciam no jardim de Salomão ([Ct Sl 4.14](#)). Em alguns textos a NTLH traduz por "cana cheirosa".

Duas plantas foram sugeridas como a origem do cálamo bíblico:

- a cana aromática (*Acorus calamus*), e
- o capim-barba (*Andropogon aromaticus*).

A cana aromática possui um cheiro forte e agradável, crescendo na Europa e na Ásia, mas não é encontrado em Israel e nas áreas circundantes. O capim-barba, originário da Índia, libera uma fragrância intensa quando esmagado e acredita-se

que seja o cálamo mencionado na Bíblia. O capim-barba produz um óleo chamado óleo de capim-gengibre.

Cálamo-aromático

Uma espécie de junco perfumado era usada pelos israelitas como perfume ([Ct 4.14](#)). Também foi utilizada como ingrediente do óleo da unção ([Êx 30.23](#)).

Veja Canaã.

Calcedônia

Calcedônia (ARC) é um tipo de quartzo. Ela aparece em diferentes cores, mas geralmente é cinza ou branco leitoso.

Veja Minerais e Metais; Pedras Preciosas.

Calcol

Um dos três filhos de Maol e membro da tribo de Judá ([1Rs 4.31](#); [1Cr 2.6](#)). Ele e seus irmãos eram conhecidos por sua sabedoria e habilidades musicais.

Caldeia, Caldeus

Região antiga na Mesopotâmia e seus habitantes. O nome vem das tribos caldeias (ou Kaldu) que compartilhavam a Babilônia no sudeste da Mesopotâmia com vários outros povos, especialmente os sumérios e acádios. Após o antigo Império Babilônico ser absorvido pelos assírios, os caldeus, sob a liderança de Nabucodonosor, tomaram o controle e construíram um Império Neo-Babilônico que dominou o Oriente Próximo por quase um século. A região chamada Caldeia também está associada ao patriarca Abraão, cujo lar mesopotâmico era "Ur dos Caldeus" ([Gn 11.28](#)).

A terra e o povo

Até o final do século VIII a.C., Caldeia referia-se apenas a um pequeno território no sul da Babilônia. Dentro de 100 anos, após uma rápida e bem-sucedida busca pelo poder, passou a abranger toda a Babilônia. Naquela época, incluía o território de Bagdá no Rio Tigre até o Golfo Pérsico e se estendia

pelo Rio Eufrates até a cidade de Hit. Embora Caldeia seja geralmente situada entre o Tigre e o Eufrates, ela alcançava as planícies entre o Tigre e as Montanhas Zagros a leste e também incluía algumas terras a oeste do Eufrates. O deserto da Arábia formava sua fronteira ocidental. Caldeia raramente excedeu 64 quilômetros de largura, tendo uma área de cerca de 13.000 quilômetros quadrados. No mapa atual, Caldeia está dentro do Iraque, com sua ponta sudoeste tocando o pequeno reino do Kuwait.

História

A primeira menção dos caldeus é encontrada nos anais assírios de Assurnasirpal II (885–860 a.C.), levando algumas autoridades a sugerirem que eles entraram na Babilônia por volta de 1000 a.C. Eles são geralmente associados (embora não identificados) com as tribos semíticas arameias que estavam constantemente avançando dos desertos ocidentais para a Mesopotâmia. Eles se estabeleceram principalmente na ponta sul da Babilônia, no extremo norte do Golfo Pérsico, possivelmente séculos antes dos anais assírios mencioná-los.

[Jó 1.17](#) menciona três bandos de caldeus que participaram de um ataque contra os camelos e servos de Jó, provavelmente nas proximidades de Edom ou do norte da Arábia. A presença deles nessas regiões não significa necessariamente que viviam por perto, já que exércitos da Babilônia (Sinar) e Elão chegaram até a Palestina séculos antes ([Gn 14.1–2](#)).

Sob o domínio assírio

Vivendo nas áreas pantanosas e lagos do extremo sul, os caldeus mantinham um alto grau de independência, mesmo quando o domínio assírio se estendia sobre eles. Era difícil para os exércitos invasores manobrar nos pântanos caldeus. Como resultado, os caldeus resistiam a pagar impostos ou fornecer qualquer forma de serviço ao governo assírio. Quando os assírios tentavam limitar sua liberdade, os caldeus recorriam à guerra de guerrilha e intriga política. Eles rapidamente desconsideravam tratados ou mudavam de alianças conforme as circunstâncias ditavam. Sob o domínio assírio, enquanto os residentes nativos das cidades babilônicas geralmente estavam contentes, os caldeus tornaram-se líderes de um movimento nacional de independência. Durante 250 anos, os assírios tiveram que impor seu domínio contra as

persistentes tentativas caldeias de afirmar sua autonomia e influência.

Finalmente, em 721 a.C., o líder caldeu Marduk-apla-iddina II (conhecido como Merodaque-Baladã em [2Rs 20.12](#) e [Is 39.1](#), que enviou uma embaixada a Ezequias, rei de Judá) entrou na Babilônia e reivindicou o reinado da Babilônia, uma posição há muito nomeada pelo rei assírio. Astuto e engenhoso, ele manteve com sucesso sua reivindicação por 10 anos antes de ser repellido de volta ao seu próprio território sulista por Sargão II da Assíria. Com a morte de Sargão em 705 a.C., ele reafirmou sua reivindicação, mas foi derrotado pelo novo rei assírio, Senaqueribe, que destruiu Babilônia como uma lição para os caldeus e seus aliados.

O filho e sucessor de Senaqueribe, Esar-Hadom, adotou uma política de conciliação com os babilônios e reconstruiu sua capital, um gesto que efetivamente neutralizou a agitação caldeia e iniciou um período de paz que durou mais de 30 anos. A última revolta malsucedida ocorreu sob o reinado de Assurbanípal e foi, na verdade, instigada por seu irmão, a quem o rei assírio havia nomeado para o trono babilônico. Os caldeus alegremente se juntaram à rebelião, que foi esmagada em 648 a.C.

O império neobabilônico

Duas décadas depois, na época da morte de Assurbanípal, o poder assírio enfraqueceu subitamente e de forma dramática. Nabopolassar, um governador caldeu, aproveitou a oportunidade para expulsar os assírios da Babilônia. Ele se tornou rei da Babilônia em 625 a.C. Aliados aos medos, os babilônios destruíram o Império Assírio, capturando as cidades capitais de Assur em 614 e Nínive em 612. Eles dividiram as terras conquistadas com os medos e anexaram as regiões assírias a oeste e ao sul do Tigre, criando um novo Império Babilônico. (O primeiro Império Babilônico, com o qual Hamurabi está associado, havia florescido mais de 1.000 anos antes.) Por todo o Oriente Próximo, Caldeia e Babilônia tornaram-se sinônimos.

Durante o longo e brilhante reinado do filho de Nabopolassar, Nabucodonosor II, o império atingiu seu auge. Como príncipe herdeiro, ele obteve uma vitória decisiva em 605 a.C. sobre os egípcios em Carquemis (a batalha mencionada em [2Cr 35.20](#)), o que efetivamente estabeleceu a supremacia babilônica no Oriente Próximo (veja [2Rs 24.7](#)). Nesse mesmo ano, o reino do sul de Judá tornou-se uma nação vassala da Babilônia. Nabucodonosor

obteve a submissão do rei Jeoaquim, levou os artigos mais preciosos do templo para seu próprio templo na Babilônia e capturou os principais líderes e jovens de Judá ([2Rs 24.1](#); [2Cr 36.5-7](#); [Dn 1.1-4](#)). Quando Judá se revoltou vários anos depois, sob a instigação do Egito, o exército caldeu capturou Jerusalém em 597 a.C. O novo rei de Judá, Jeoaquim, foi deposto naquela época junto com mais de seus líderes ([2Rs 24.8-16](#)). Uma segunda revolta em 594 a.C. pelo rei nomeado pelos caldeus (Zedequias) resultou em uma terceira invasão, a destruição de Jerusalém em 586 a.C., e o exílio da maioria dos cidadãos de Judá ([2Rs 24.20-25.12](#); [2Cr 36.11-21](#)). Com o saque dessa e de outras conquistas, Nabucodonosor construiu Babilônia como uma das cidades mais deslumbrantes do mundo antigo. Seus projetos incluíram os Jardins Suspensos (uma das sete maravilhas do mundo antigo), o Portão de Ishtar e uma muralha externa de 27 quilômetros projetada para a defesa da cidade. Seu orgulho em tais realizações eventualmente trouxe o julgamento de Deus ([Dn 4.30-33](#)).

Nabucodonosor foi sucedido por seu filho Amel-Marduque (Evil-Merodaque em [2Rs 25.27](#) e [Jr 52.31](#), lembrado ali por sua especial bondade para com o rei exilado Jeoaquim). Após dois anos, ele foi morto em uma rebelião armada liderada por seu cunhado, Nergal-shar-usur (Nergal-Sarezzer de [Jr 39.3](#)), que tentou estabelecer sua própria dinastia. Após um reinado de quatro anos, Nergal-shar-usur foi sucedido por seu filho, que durou apenas alguns meses antes de ser deposto por um usurpador, Nabonido.

A queda da Babilônia

Nabonido foi o último dos monarcas caldeus. Sua ascensão ao trono foi apoiada por muitos oficiais babilônicos. Eles observavam seus antigos aliados, os medos, gradualmente se tornarem uma potência rival e viam em Nabonido um governante forte o suficiente para enfrentar essa ameaça. Forte ou não, suas tentativas de reformar a religião babilônica provaram ser extremamente impopulares, e seus esforços para fortalecer a economia foram malsucedidos. Ambos os fatos tornaram Babilônia um lugar desagradável para Nabonido; durante uma ausência prolongada da cidade capital, ele nomeou seu filho Belsazar como co-regente. (A posição de Belsazar explica por que ele é descrito como o rei de Babilônia no livro de Daniel do AT e por que em [Daniel 5.7](#) ele só pôde fazer de Daniel “o terceiro governante no reino”).

Enquanto Belsazar cuidava dos assuntos do governo, ocorreu o famoso incidente da “escrita na parede”, que previu de forma ameaçadora a queda de Babilônia ([Dn 5](#)). Os elamitas, de fato, já estavam atacando a ala leste do império. Rumores sobre o poder persa no norte trouxeram Nabonido de volta a Babilônia, justo a tempo para uma invasão pelo rei persa, Ciro, o Grande. Ciro tomou Babilônia sem luta, pondo fim tanto ao poder caldeu quanto ao Império Neo-Babilônico.

Veja também Assíria, Assírios; Astrologia; Babilônia; Livro de Daniel; Diáspora dos judeus; Nabucodonosor; Ur (Lugar).

Calebe

3. Filho de Jefoné, o quenezeu ([Nm 32.12](#); [Js 14.6](#)). Ele era o irmão mais velho de Quenaz ([Jz 1.13](#)). Calebe foi um dos 12 espiões enviados para explorar a terra de Canaã. Enquanto a maioria dos espiões tinha medo de atacar, Calebe e Josué recomendaram avançar imediatamente. Os israelitas rejeitaram seu conselho porque temiam as cidades fortemente defendidas. Por causa dessa falta de fé, Deus adiou a entrada de Israel em Canaã, a terra prometida, por muitos anos ([Nm 14.21-23,34-35](#)).

Quando Israel finalmente entrou em Canaã sob a liderança de Josué, Calebe tinha 85 anos ([Js 14.6-7,10](#)). Josué designou Hebrom como o território de Calebe. Calebe conquistou os anaquins que viviam lá (vv. [13-14](#)). Calebe ofereceu sua filha Acsa em casamento a quem conquistasse a cidade próxima de Quiriate-Sefer (também chamada Debir). Seu sobrinho Otniel (que era primo de Acsa) conquistou a cidade e casou-se com Acsa ([15.16-17](#)).

Hebrom mais tarde se tornou uma cidade de refúgio para os levitas ([Js 21.13](#); [1Cr 6.55-57](#)). Em parte do território de Calebe, Davi passou um tempo se escondendo do rei Saul. Ali, Davi conheceu sua futura esposa Abigail, que na época era casada com Nabal, um descendente de Calebe ([1Sm 25.3](#)). Esta área também foi onde as esposas de Davi foram capturadas por invasores amalequitas que haviam atacado o sul de Judá e “o Neguebe de Calebe” ([1Sm 30.14](#)).

4. Um filho de Hezrom e irmão de Jerameel ([1Cr 2.18,42](#)). Este Calebe também é chamado de Quelubai (v. [9](#)). Muitos estudiosos acham que pode ser a mesma pessoa que o Calebe mencionado acima. Eles acreditam nisso porque:
 5. Ambos os homens têm uma filha chamada Acsa (v. [49](#)).
 6. Seria incomum para um Calebe, de outra forma desconhecido, ocupar um lugar tão importante nos registros da família.

De acordo com esses estudiosos, Calebe é filho de Hezrom e neto de Judá, o que estabeleceu sua posição e herança na tribo de Judá. No entanto, Calebe era estrangeiro, sendo filho de Jefoné, um quenezeu, que se juntou, junto com seu clã, à tribo de Judá. Alguns estudiosos apoiam essa visão, argumentando que o nome Calebe é horita, não israelita.

7. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje chama Calebe de filho de Hur ([1Cr 2.50](#)). No entanto, é provável que essa versão combine o que deveriam ser duas frases separadas. A Almeida Revista e Atualizada (ARA mostra corretamente isso como duas declarações separadas: “Estes foram os filhos de Calebe. Os filhos de Hur...”.

Calebe de Efrata

Possivelmente um nome de lugar hebraico ([1Cr 2.24](#), ARC). Várias traduções modernas seguem a Septuaginta (primeira tradução grega do AT) ao tratar Efrata como o nome de uma das esposas de Calebe em vez de um lugar.

Calebite

Descendente de Calebe, filho de Jefoné ([1Sm 25.3](#)). Veja Calebe #1.

Calendários, Antigos e modernos

Representação visual do início e duração de cada ano e sua divisão em dias, semanas e meses. O calendário moderno geralmente é considerado algo outorgado. No entanto, sem um calendário, seria difícil concordar com uma linha do tempo uniforme de eventos. Além disso, seria impossível prever as estações.

O calendário moderno (gregoriano) passou por várias etapas de desenvolvimento.

Resumo:

- Dias e suas divisões
- Astronomia e o calendário
- Calendário judaico
- Festivais judaicos
- Conclusão

Dias e suas divisões

A maneira mais antiga de registrar o tempo provavelmente foi contando os dias, o que levou à divisão de cada dia em vinte e quatro partes iguais chamadas horas. Os sumérios parecem ter sido os primeiros a medir o tempo em minutos, horas e dias. Eles também conheciam a definição mais restrita de "dia" como um período de doze horas.

Nos dias do rei Acáz, o tempo era medido com relógios solares ([2Rs 20.9](#); [Is 38.8](#)). A divisão do dia em horas surgiu mais tarde. Tanto os primeiros europeus quanto os antigos egípcios começavam o dia à meia-noite, dividindo-o em dois segmentos de doze horas. No segundo século a.C., o astrônomo egípcio Ptolomeu e seus seguidores calcularam o início do dia ao meio-dia, quando o sol estava em seu ponto mais alto. Em Roma, o dia começava ao nascer do sol, e a segunda parte do dia começava ao pôr do sol.

Astronomia e o calendário

Os povos antigos baseavam seus calendários nos "ciclos" do sol e da lua. Um ano solar é o tempo que a Terra leva para completar sua órbita ao redor do sol.

A vida dos povos antigos estava intimamente ligada às mudanças de temperatura e à duração relativa dos dias e noites, características das quatro estações. A inclinação da Terra enquanto orbita o sol cria as estações do ano. No hemisfério norte, o dia mais longo do ano é chamado de solstício de

verão (cerca de 21 de junho), enquanto o dia mais curto do ano é chamado de solstício de inverno (21 ou 22 de dezembro). Durante o solstício de inverno (21 ou 22 de dezembro), o sol do meio-dia aparece mais baixo (mais ao sul). No entanto, no hemisfério sul, verão e inverno são invertidos.

O equinócio vernal (primavera) ocorre por volta de 21 de março, e o equinócio outonal (outono) acontece por volta de 23 de setembro. Nesses momentos, o sol está diretamente sobre o equador, fazendo com que os dias e as noites tenham a mesma duração. O termo “equinócio” vem da palavra latina que significa “noite igual”. Um ano solar era medido por povos antigos acompanhando o período entre dois solstícios ou equinócios semelhantes.

O calendário solar define os dias acompanhando o tempo que o sol leva para retornar ao mesmo lugar acima da terra (por exemplo: o nascer, o pôr do sol ou o ponto mais alto ao meio-dia). Assim, um “dia” é uma rotação completa da Terra em seu eixo, agora dividida em vinte e quatro horas. A rotação da Terra em torno de seu eixo não está relacionada à órbita anual da Terra ao redor do sol. Por essa razão, surgem alguns problemas porque um ano solar não pode ser facilmente dividido em um número exato de dias. Na verdade, um ano solar tem 365 dias mais uma fração de um dia.

Definir um ano por mais fatores do que apenas a rotação ao redor da Terra causa grandes problemas com o calendário. Os antigos enfrentaram dificuldades consideráveis ao tentar combinar períodos solares e lunares. Isso foi agravado pelo fato de que os meses correspondiam às fases da lua, que são pouco confiáveis. As órbitas do sol, da lua e da Terra causam muitas complicações.

O calendário lunar mede o tempo por lunações (o número de dias entre luas novas). Um mês lunar tem pouco mais de vinte e nove dias e meio, começando com a lua nova. Na realidade, a órbita da lua em torno da Terra é de cerca de vinte e sete dias e um terço. No entanto, a rotação da Terra ao redor do sol faz com que a lua leve dois dias extras para chegar à mesma posição entre o sol e a Terra e produzir uma “lua nova”.

Doze meses lunares eram aproximadamente 11 dias mais curtos que o ano solar. Portanto, mais dias eram adicionados para compensar a diferença. A prática de adicionar dias é chamada de intercalação. Era um método comum usado em calendários lunares. Por exemplo, os antigos

chineses adicionavam um mês extra a cada 30 anos ao seu calendário. Este ano seria composto por 12 meses de 29 ou 30 dias cada. O calendário lunar muçulmano, que ainda é usado no Islã, também tem um ciclo de 30 anos. O segundo ano de cada ciclo, e a cada três anos depois disso, contém um “ano bissexto” (um ano de duração anormal). No calendário muçulmano, um ano bissexto tem 355 dias, em vez do ano muçulmano comum de 354 dias. O antigo calendário hebraico tinha os mesmos problemas que outros calendários lunares.

Calendário judaico

As vidas dos antigos israelitas foram profundamente afetadas pelo calendário. O calendário judaico começa a partir da data suposta da Criação: 3.760 anos e três meses antes da era cristã. O ano atual no calendário judaico é 3.759 em relação à data no calendário gregoriano. No entanto, isso não leva em consideração os meses, já que o ano judaico começa no outono, em vez de 1º de janeiro.

Meses

O calendário judaico após o exílio babilônico possui doze meses. Os nomes dos meses foram emprestados dos babilônios. Os meses não se alinham com os meses do calendário romano.

Mais da metade dos meses são mencionados no Antigo Testamento:

- Quisleu ([Ne 1.1](#); [Zc 7](#));
- Tebete ([Et 2.16](#));
- Sebete ([Zc 1.7](#));
- Adar ([Et 3.7](#), [8.12](#));
- Nissan ([Ne 2.1](#); [Et 3.7](#));
- Sivã ([Et 8.9](#));
- Elul ([Ne 6.15](#)).

O mês judaico sempre começa com a lua nova. Como os meses têm aproximadamente vinte e nove dias e meio, o ano judaico tem 354 dias. Não temos certeza de como o povo judeu originalmente ajustou o calendário lunar para se alinhar novamente com o ano solar real. Finalmente, eles adicionaram um mês extra chamado Veader (“segundo Adar”) entre Adar e Nissan sete vezes em um ciclo de 19 anos. No século 19, Adar receberia meio dia extra.

Os nomes dos meses judaicos, como são conhecidos atualmente, originaram-se após o retorno da Babilônia para a Palestina. Antes do exílio babilônico, pelo menos quatro outros nomes eram usados:

- Abibe ([Êx 13.4](#));
- Zive ([1Rs 6.1.37](#));
- Etanim ([8.2](#));
- Bul ([6.38](#)).

Após o cativeiro babilônico, esses meses foram renomeados para Nissan, Iyar, Tishri e Heshvan, respectivamente. Os nomes originais estavam relacionados à agricultura. Por exemplo, em Abibe, as espigas do grão amadureciam, e em Zive, as flores do deserto floresciam.

O calendário hebraico mais antigo foi encontrado em Gezer (sudeste de Tel Aviv) em 1908. Foi criado no século dez a.C. Nele, os meses são divididos por atividades agrícolas como semeadura, colheita, poda e armazenamento. Provavelmente foi feito por um estudante judeu.

Os meses tinham um significado religioso para o povo judeu, permitindo-lhes lembrar de eventos importantes em sua história. O início de cada mês era considerado sagrado. A lua era um símbolo espiritual para os antigos israelitas, representando Israel, enquanto o sol eventualmente se tornou simbólico do Messias, o ungido de Deus ([Mt 4.2](#)). Assim como a lua não produz luz própria, Israel deveria refletir a luz do Messias para o mundo.

O calendário judaico permaneceu inalterado durante os quatrocentos anos entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, mesmo com as tentativas dos governantes gregos de modificá-lo. No calendário grego, cinco dias foram adicionados ao último mês do ano, com cada um dos 12 meses contendo 30 dias. Mesmo assim, não correspondia à duração de um ano solar.

Contagem de datas

Os antigos israelitas não registravam datas por mês e dia. Eles registravam datas referenciando eventos significativos, como o ano em que o rei governante subiu ao poder. Nos tempos do Novo Testamento, os judeus continuaram esse método sincronizando datas com seu calendário religioso ou o calendário romano. Os escritores do Novo Testamento seguiram o mesmo princípio ([Lc 1.5](#); [Jo 12.1](#); [At 18.12](#)). O calendário criado por Júlio César fez com

que as pessoas mudassem desse método para um sistema mais padronizado.

Festas judaicas

Além de guardar o sábado, os judeus observam sete festivais anuais.

1. **Páscoa** começa na noite do 14º dia de Nissan. Isto marca o Êxodo do Egito. O primeiro dia de Nissan determina a data para o Páscoa. A Páscoa é observada por sete dias e inclui a Festa dos Pães Asmos, que simboliza a rápida preparação de Israel para a fuga do Egito ([Êx 12.15](#)). O festival dos primeiros frutos da colheita de cevada ocorre em seguida ([Lv 23.10](#)).

2. **Pentecostes** é observado 50 dias após a Páscoa. Pentecostes é um tempo de celebração em que os primeiros frutos da colheita de trigo são recolhidos ([Êx 34.22](#); [Lv 23.15-17](#)).

3. **Rosh Hashaná** é observado no 1º de Tishri. De acordo com os rabinos, o dia 1º de Tishri foi o dia em que o Senhor criou o mundo. Rosh Hashaná significa "cabeça do ano" ou "início do ano".

4. **Yom Kipur** é observado no 10º dia de Tishri. É o dia mais solene de Israel, um dia sagrado conhecido como "o Sábado dos Sábados". O ritual complexo necessário para observá-lo é descrito na Bíblia ([Lv 16](#)).

5. **Sucote** é observado dos dias 15º-22º de Tishri. Também é conhecido como a Festa dos Tabernáculos. É um festival baseado em costumes agrícolas e celebra a colheita do outono. O apóstolo João a chamou de "a festa" ([Jo 7.37](#)). A Festa dos Tabernáculos também é chamada de Festa das Cabanas (Abrigos) e lembra o cuidado de Deus com seu povo durante os 40 anos de Israel no deserto ([Lv 23.39-43](#)).

6. **Hanucá** é observado no dia 25 de quisleu e nos sete dias seguintes. Foi adicionado ao calendário mais tarde na história judaica. Também é chamado de Festa da Dedicção. Comemora a vitória de Judas Macabeu sobre Antíoco Epifânio e os sírios, 150 anos antes de Cristo. O tempo de Judas Macabeu ocorreu após o último dos profetas do Antigo Testamento. Assim, a tradição determina como Hanucá é celebrado. Durante a semana de Hanucá, atividades alegres marcam o calendário judaico.

7. **Purim** é celebrado nos dias 14 e 15 de Adar. A festa, que começou na antiga Pérsia, comemora a libertação trazida por Mordecai e Ester quando

eles impediram o plano de Hamã de destruir os judeus ([Et 9](#)).

Conclusão

Assim como os antigos relógios solares e os relógios modernos marcam minutos e horas, um calendário marca dias, semanas, meses, anos e até séculos. Uma maneira uniforme de medir o tempo ajuda na agricultura, nos negócios e no governo. Também é útil para historiadores e unifica a celebração de festivais religiosos. O desenvolvimento do calendário moderno (gregoriano) reflete tanto a ciência quanto as tradições religiosas. Para os cristãos, o calendário destaca o contraste bíblico entre a atemporalidade de Deus e a mortalidade humana ([Sl 90](#)). O Salmo 90 pede a Deus para “nos ensinar a contar nossos dias, para que possamos apresentar um coração sábio” ([Sl 90.12](#)).

Veja também Astrologia; Astronomia; Dia; Festas e festivais de Israel; Ano do Jubileu; Lua; Noite; Sol.

Calfi

Calfi era o pai de Judas. Este Judas era um dos dois capitães no exército de Jônatas Macabeu.

Durante a batalha de Genesaré, o exército foi emboscado. Muitos soldados fugiram, mas Judas e o outro capitão, Matatias, permaneceram e lutaram bravamente ([1Mc 11.67-74](#)). Jônatas, Judas e Matatias encorajaram as tropas. Juntos, eles repeliram o inimigo.

Cálíce

A palavra pode se referir tanto ao recipiente em si quanto ao seu conteúdo e pode ser usada de forma literal ou figurativa.

1. Um pequeno recipiente para beber, feito de vários materiais (couro, metal ou cerâmica), tamanhos e modelos.
2. Uma figura de linguagem que representa a porção ou a participação de alguém em algo. Está associado com consolação ([Jr 16.7](#)), demônios ([1Co 10.21](#)), adivinhação ([Gn 44.2.5](#)), embriaguez ([Pv 23.31](#)), imoralidade ([Ap 17.4](#); [18.6](#)), herança ([Sl 16.5](#)), julgamento ([Sl 11.6](#); [75.8](#); [Is 51.17.22](#); [Jr 49.12](#); [Ez 23.33](#); [Zc 12.2](#); [Ap 14.10](#); [16.19](#); [18.6](#)), o Senhor ([1Co 10.21](#)), prosperidade ou bênção ([Sl 23.5](#)), salvação ([Sl 116.13](#)), sofrimento ([Mt 20.22](#);

[26.39](#); [Mc 10.39](#); [14.36](#); [Lc 22.42](#); [Jo 18.11](#)) e ação de graças ([1Co 10.16](#)).

Veja também Cálice de Bênção.

Cálice da bênção

Frase teológica usada em dois contextos: (1) no uso judaico, um cálice de vinho bebido no final de uma refeição, com significado especial na Páscoa; (2) no uso cristão, o cálice da Comunhão.

Na festa da Páscoa, o cálice da bênção é o terceiro dos quatro cálices requeridos na cerimônia da refeição pascal. Ele recebe seu nome da oração oferecida sobre o cálice: “Bendito és tu, ó Senhor nosso Deus, que nos dás o fruto da videira”.

O apóstolo Paulo usou o termo em referência ao vinho da Ceia do Senhor ([1Co 10.16](#)). Suas palavras são interpretadas por muitos como evidência de que a igreja primitiva via a Ceia do Senhor como uma transformação e cumprimento da celebração da Páscoa. Participar do beber do cálice da bênção é comprometer-se com Cristo, “nosso Cordeiro da Páscoa” ([5.7](#)), cuja morte se comemora, e entrar em “comunhão” ou comunhão com ele. A frase “cálice do Senhor” ([10.21](#); [11.27](#)) ou simplesmente “o cálice” ([11.25](#)) também é usada. Paulo acrescentou que a verdadeira comunhão com Cristo, simbolizada pelo cálice da bênção, deve excluir a comunhão com forças espirituais opostas a Cristo, simbolizada pelo “cálice dos demônios” ([10.21](#)).

Veja também Ceia do Senhor, A.

Calígula

Calígula era o apelido de Gaio Júlio César, que se tornou Imperador de Roma aos 25 anos, após a morte do Imperador Tibério. Calígula foi Imperador de Roma de 37 d.C. a 41 d.C.

Nome e anos iniciais

Gaio era filho de Germânico, um respeitado líder militar romano. O Imperador Augusto instruiu Tibério a adotar Gaio e nomeá-lo como o próximo Imperador.

Quando criança, Gaio viajou com seu pai ao longo do rio Reno, na região que hoje é a Alemanha. Os soldados o chamavam de *Calígula*, que significa “Botinha”, porque ele usava pequenas botas de soldado. O nome ficou com ele.

Calígula se torna Imperador de Roma

Quando Calígula se tornou Imperador, ele inicialmente tentou ganhar o apoio do povo. Ele libertou prisioneiros e permitiu que pessoas exiladas retornassem. No entanto, ele rapidamente esgotou todo o dinheiro da Tesouraria Romana. Ele precisou criar novos impostos, e o povo ficou insatisfeito com ele.

Seis meses após se tornar Imperador, Calígula ficou muito doente. Após essa doença, seu comportamento mudou. Ele começou a agir de forma estranha. Certa vez, nomeou seu cavalo como cônsul (um líder importante do governo). Ele também insultou muitas pessoas e matou outras sem motivo.

Conflito com os judeus

Calígula acreditava que o povo judeu em Jâmnia o havia insultado (Jâmnia era uma cidade na Judeia, perto do Mar Mediterrâneo). Com raiva, ele ordenou que uma estátua sua fosse colocada no templo de Jerusalém.

O povo judeu estava muito chateado. Uma grande revolta só foi interrompida porque o governador da Síria, Petrônio, atrasou a execução da ordem. Pouco tempo depois, Calígula foi morto por um dos homens que ele havia maltratado.

Um dos primeiros atos de Calígula como Imperador foi nomear Herodes Agripa I como rei de uma região próxima à Galileia ([At 12](#)). Calígula e Agripa eram amigos em Roma antes de assumirem o poder. Enquanto Calígula governava mal, Agripa era um rei sábio e respeitado.

Como muitos governantes orientais, tanto Calígula quanto Agripa afirmavam ser deuses. Calígula chegou a dizer que era igual a Júpiter, o principal deus romano. No entanto, o Senado Romano nunca concordou com essa afirmação.

Veja também Césares, Os.

Calístenes

Calístenes era um sírio no exército do General Nicanor. Ele incendiou os portões do templo durante a perseguição aos judeus por Antíoco Epifânio ([2Mc 8.33](#) - Bíblia de Jerusalém). Em 165 a.C., o exército de Nicanor foi derrotado. Após a batalha, os judeus puniram Calístenes e outros que haviam queimado os portões do templo. Eles foram queimados até a morte.

Calné

1. Cidade na Babilônia ([Gn 10.10](#)). A Bíblia NTLH omite o nome Calné da lista de cidade no texto referido.

2. Cidade identificada como Kullani (Kullan Koy), cerca de 32 quilômetros ao norte de Aleppo, no norte da Síria. Esta identificação ao norte é sugerida em [Isaías 10.9](#), onde Calno é associada a Carquemis, cerca de 80 quilômetros a nordeste, bem como no contexto de [Amós 6.2](#) (note a progressão de norte a sul—Calné, Hamate, Gate). Cane em [Ezequiel 27.23](#) parece referir-se à mesma localização geral e talvez deva ser ligada a Calné. Kullani foi capturada por Tiglate-Pileser II, rei da Assíria, por volta de 741 a.C.

Calno

Outro nome para Calné, uma cidade no norte da Síria ([Is 10.9](#)).

Veja Calné #2.

Calvário

Em [Lucas 23.33](#), a tradução da Almeida Revista e Corrigida referente ao Gólgota ("a caveira"), é o lugar onde Jesus foi crucificado.

Veja Gólgota.

Calvície

A condição de ter pouco ou nenhum cabelo no couro cabeludo.

A Bíblia refere-se indiretamente à calvície natural devido à idade, contrastando-a com a calvície causada pela lepra ([Lv 13.40-42](#)). Os israelitas eram proibidos de raspar a cabeça ou moldar a barba de maneiras que imitassem práticas religiosas pagãs ([Dt 14.1](#)), com tais restrições aplicando-se particularmente aos sacerdotes israelitas ([Lv 21.5](#)). No entanto, raspar o cabelo e oferecê-lo como sacrifício a Deus era um ato prescrito para aqueles que faziam um voto de nazireu ([Nm 6.1-5,18](#); [At 18.18](#)).

Em culturas antigas como o Egito, raspar o cabelo e as sobrancelhas era um sinal de respeito pelos

mortos. A Bíblia faz referência a esse costume entre os não-israelitas como um sinal de luto ou angústia ([Jr 16.6](#); [48.37](#); [Ez 27.31](#); [Mq 1.16](#)). Isso ocorre frequentemente no contexto do julgamento de Deus contra cidades ou nações pagãs. Como a calvície estava associada à lepra, doenças venéreas, idolatria ou morte, advertências proféticas às vezes incluíam previsões ou ameaças de calvície ([Is 3.16-24](#)).

Cam (Pessoa)

Segundo filho de Noé ([Gn 5.32](#); [6.10](#); [7.13](#); [9.18.22](#); [10.1.6.20](#)). Cam teve quatro filhos, cujos nomes eram Cuxe, Mizraim (hebraico para Egito), Pute e Canaã ([Gn 10.6](#); [1Cr 1.8](#)). Cam é, portanto, visto como o ancestral dos egípcios (embora aparentemente uma raça mista tenha surgido mais tarde), assim como de povos na África, Arábia e Canaã.

Após o Dilúvio, Noé começou a cultivar vinhedos e, em uma ocasião, expôs-se enquanto estava embriagado ([Gn 9.20-24](#)). Cam viu seu pai deitado nu e relatou o incidente a Sem e Jafé, que cobriram Noé discretamente. Quando Noé acordou e soube o que “seu filho mais novo” (visto por alguns como Cam) havia feito, ele amaldiçoou o filho de Cam, Canaã, dizendo que seus irmãos (Cuxe, Mizraim e Pute) e Sem e Jafé governariam sobre ele. Mas se Cam é o referido em [9.24](#) como ofendendo Noé, por que a maldição recairia sobre seu filho Canaã? A resposta mais provável é que Cam não está sendo referido no versículo [24](#). A expressão é “seu filho mais novo” ou “filho mais moço”, enquanto Cam é repetidamente visto como o segundo dos irmãos, não o mais novo ([5.32](#); [6.10](#); [7.13](#); [9.18](#); [10.1](#)), a ordem explícita dos filhos indicando idade. Em vez disso, “seu filho mais novo” refere-se a Canaã, e a algum ato vil não registrado, sobre quem a maldição recai. “Filho” usado para “neto” é comum no material semítico, e parece ter sido usado aqui dessa forma, já que Canaã é o “mais novo” dos (netos) filhos. A maldição, então, como o texto claramente diz, é sobre Canaã em vez de Cam. Canaã (e sua posteridade) deve ser subjugado por Jafé e Sem com os cananeus, desaparecendo finalmente nos tempos do NT.

Veja também Nações; Noé #1.

Camaleão

Um tipo de lagarto é conhecido por mudar de cor rapidamente. Os camaleões podem mover seus olhos separadamente, permitindo que um olho olhe para cima enquanto o outro olha para baixo. Eles vivem em árvores e arbustos e usam suas longas caudas para se segurar nos galhos.

No Antigo Testamento, os camaleões são listados como animais cerimonialmente impuros. Isso significa que os israelitas não podiam comê-los ([Lv 11.30](#)). A palavra hebraica traduzida como “camaleão” pode derivar de uma palavra que significa “arfar”. Isso pode ser devido à forma como o animal respira. Alguns povos antigos acreditavam que os lagartos viviam apenas respirando ar.

Veja também Lagarto.

Camarista

Um oficial real responsável pelos aposentos privados do rei. Às vezes, eles tinham tarefas importantes e exerciam influência sobre aqueles no poder ([At 12.20](#)). O camarista Erasto era, na verdade, o tesoureiro da cidade ([Rm 16.23](#)). Natã-Meleque, o camarista, era um oficial da corte na época de Josias ([2Rs 23.11](#)). Os reis persas usavam eunucos (homens que eram fisicamente incapazes de ter filhos) como camaristas ([Et 1.10.12.15](#); [2.3.14-15](#); [4.4-5](#); [6.2.14](#); [7.9](#)).

Cambista (Trocador De Dinheiro)

Profissão antiga que empreendia muitos dos serviços realizados pelo banqueiro moderno, especialmente na área de troca da moeda de um país ou província para a de outro, ou de troca de pequenas moedas por moedas de maior valor ou vice-versa. Naturalmente, uma taxa era cobrada por tal serviço.

Moedas padronizadas como tal não remontam ao sétimo século a.C. Em períodos anteriores, peças de prata eram pesadas em pagamento por mercadorias ([Gn 20.16](#); [37.28](#); [Jz 17.2](#)). Uma vez que a moeda padronizada foi adotada na Ásia Menor, a ideia foi copiada em outras terras, mas como as moedas diferiam de país para país, equivalências tiveram que ser calculadas pelos cambistas.

A necessidade de tais procedimentos era especialmente importante na Palestina, onde cada homem judeu adulto tinha que pagar uma oferta de meio shekel ([Êx 30.11-16](#)). Judeus de vários países que vinham para pagar esta quantia poderiam trazer uma variedade de tipos de moedas. As autoridades do Templo tinham que autorizar uma moeda apropriada para o propósito. Este era o meio-shekel de prata de Tiro ou tetradracma (cf. [Mt 17.27](#), onde Pedro foi instruído a pagar o imposto do templo por Jesus e a si mesmo com a moeda que ele encontrou na boca de um peixe). A Mishná afirma (*Shekalim* 1.3) que os cambistas operavam nas províncias no dia 15 do mês de Adar (o mês antes da Páscoa) para coletar este imposto. Dez dias antes da Páscoa, os cambistas se mudavam para os pátios do templo para auxiliar judeus de países estrangeiros.

Jesus encontrou os cambistas no pátio do templo quando ele “purificou o templo” ([Mt 21.12-13](#); [Mc 11.15-16](#); [Lc 19.45-46](#); [Jo 2.13-22](#)). A razão para esta ação tem sido uma questão de debate. Os adoradores precisavam obter o meio shekel para pagar seu imposto. Mas eles precisavam também comprar pássaros, animais ou ofertas de bolo em alguns casos. Esta atividade comercial de compra e troca de dinheiro parecia inadequada nos recintos do templo, que constituíam uma área sagrada (cf. [Mc 11.16](#)), embora Jesus tenha evidentemente aprovado o pagamento do imposto do templo como tal ([Mt 8.4](#); [17.24-26](#); [Mc 1.44](#); [Lc 5.14](#)). Há também a possibilidade de que a cobrança feita pelos cambistas e por aqueles que vendiam pássaros e animais sacrificiais fosse exorbitante, seja para seu próprio lucro ou para o lucro das autoridades do templo. Tais operações poderiam ser realizadas a uma distância adequada da área sagrada, para que o barulho e o comércio associados a tais atividades em um cenário oriental não perturbasse desnecessariamente a oração e a oferta de sacrifícios realizados nos pátios do templo (cf. [Jr 7.11](#)).

Veja também Moedas; Dinheiro.

Camelo

Um grande animal que vive em áreas desérticas, os camelos podem passar muitos dias sem beber água. As pessoas treinaram camelos para serem animais de trabalho, utilizando-os para viajar e carregar cargas pesadas pelo Oriente Médio.

O camelo (*Camelus dromedarius*) possui características especiais que o ajudam a sobreviver no deserto. Ele é chamado de “navio do deserto” porque, assim como os navios que transportam carga pelos oceanos, os camelos transportam cargas pesadas por vastas áreas desérticas. Seus pés têm almofadas elásticas e grossas de tecido fibroso que permitem caminhar nas areias quentes do deserto. Ele pode ficar sem água por longos períodos e se alimentar de plantas que crescem na areia salgada. O camelo é capaz de fechar suas narinas comprimidas para impedir a entrada de areia durante tempestades de areia violentas.

Os camelos são usados para transportar tanto mercadorias quanto pessoas. Uma pessoa montando um camelo pode percorrer de 96,5 a 121 quilômetros em um dia. Um camelo pode carregar uma carga pesando 272 quilos ou mais. Os camelos eram vitais no comércio de especiarias ([Gn 37.25](#)). Eles viajavam em caravanas de camelos entre a Arábia, o Egito e a Assíria. Eles também eram montados em tempos de guerra ([Jz 6.5](#)). Os agricultores podem até atrelar um camelo a um arado em áreas onde cultivam.

O pelo que os camelos perdem no início da primavera é guardado e usado na confecção de tecidos e tendas. Um camelo pode produzir até 4,5 quilos de pelo. Um manto áspero de pelo de camelo, como o usado por João Batista ([Mt 3.4](#)), ainda é utilizado por pessoas que vivem no deserto. Uma vestimenta de pelo de camelo também era o sinal de um profeta ([Zc 13.4](#)).

Existem dois tipos de camelos de uma corcova: o camelo lento, que carrega cargas, mencionado em [Gênesis 37.25](#) e o camelo de corrida rápido mencionado em [1 Samuel 30.17](#). O camelo de corrida pode ter até 2,1 metros de altura e 2,7 metros de comprimento. Seu estômago comporta de 14,2 a 28,4 litros de líquido. Este camelo pode ficar sem água por cinco dias no verão ou 25 dias no inverno. Sua corcova armazena gordura, permitindo que ele sobreviva com pouca comida durante viagens no deserto.

Outra espécie de camelo vive na terra santa, o camelo bactriano (*Camelus bactrianus*). Ele tem duas corcovas. É mais pesado, maior e tem pelos mais longos do que o camelo de uma corcova e é mais lento do que o camelo de corrida rápido. [Isaías 21.7](#) pode se referir ao camelo bactriano. Ambos os tipos de camelo são mencionados em [Ester 8.10](#). Nos tempos antigos, os camelos eram tão importantes quanto as ovelhas, o gado e os burros. A Bíblia menciona camelos 66 vezes. Um terço

dessas referências lista camelos ao lado de outros animais.

Os camelos ruminam, mas não têm cascos fendidos. Portanto, eram impuros, proibidos aos israelitas para comer ([Lv 11.4](#); [Dt 14.7](#)). No entanto, são consumidos pelos árabes, que também bebem seu leite (veja [Gn 32.15](#)).

De acordo com a Bíblia, Abraão tinha camelos quando viajou para o Egito ([Gn 12.16](#)). No início, Jó tinha 3.000 camelos, e após sua recuperação, 6.000 ([Jó 1.3](#); [42.12](#)). A maioria das pessoas começou a usar camelos por volta de 1000 a.C. ([Jz 6.5](#)). No entanto, textos sumérios do período da Antiga Babilônia mostram que as pessoas já tinham camelos treinados ainda mais cedo. Arqueólogos encontraram ossos de camelo e estatuetas em vários locais orientais datando de bem antes de 1200 a.C.

Veja Viagem.

Caminho

Uma rota ou estrada desgastada. “Caminho(s)” e estrada(s)” são usados para traduzir uma variedade de palavras utilizadas na Bíblia: (1) uma estrada bem feita e muito usada ([Gn 49.17](#); [Sl 16.11](#); [139.3](#); [Pv 2.8.19](#)); (2) uma via ou rodovia ([Is 59.7](#); [Jl 2.8](#)); (3) uma via batida entre os campos, colinas e através dos vales ([Jó 30.13](#); [Sl 119.35](#); [Pv 3.17](#)); (4) uma trilha ou passagem na qual a ideia de fluir ao longo dela está inclusa ([Sl 77.19](#); [Jr 18.15](#)); (5) um caminho circular, como em uma trincheira ou em um parapeito ([Sl 65.11](#); [Pv 2.9](#)); e (6) uma passagem estreita, como através de um buraco ([Nm 22.24](#)). “Caminho” é usado para traduzir as palavras gregas que significam uma trilha desgastada ([Mt 3.3](#); [Mc 1.3](#); [Lc 3.4](#)) e barrancos formados pela passagem de rodas ([Hb 12.13](#)).

Uma revisão minuciosa do uso dos termos “caminho(s)” e “estrada(s)” revela que a Bíblia os usa literalmente para falar de um trecho de terreno sobre o qual o tráfego passa. Poderiam se encontrar na forma de um caminho de montanha tortuoso, um caminho não pavimentado e muito viajado, ou um pavimento bem preparado. Os escritores bíblicos também usaram as palavras metaforicamente para falar ou descrever a maneira como a vida humana é vivida em relação a Deus, e como Deus dirige, pode e de fato e enriquece ou empobrece a vida humana. Os escritores usaram os

termos figurativamente para se referir à conduta e experiências humanas no meio das várias dimensões da vida humana. Especialmente coloridos nos últimos dois usos são expressões como o caminho da vida ([Sl 16.11](#)), o caminho seguro (nível) ([27.11](#)), o bom caminho ([Pv 2.9](#)), o caminho dos ímpios ([4.14](#)), o caminho dos justos (v. [18](#)), o caminho do julgamento ([Is 40.14](#)), os caminhos certos ([Pv 4.11](#)) e os caminhos da paz ([3.17](#)).

Camom

Cidade em Gileade onde Jair, o juiz, foi sepultado ([Jz 10.5](#)). Embora o local não tenha sido identificado com certeza, a moderna Kameim, uma pequena aldeia a sudeste do Mar da Galileia, provavelmente reflete o nome original, se não a localização exata.

Campo de Sangue

Veja Sangue, Campo de.

Caná

Cidade da Galileia que foi o cenário do primeiro milagre de Jesus: transformar água em vinho em uma festa de casamento ([Jo 2.1.11](#)). Jesus estava novamente em Caná quando disse a um nobre que seu filho, que estava gravemente doente em Cafarnaum, viveria ([Jo 4.46](#)). Caná também era a casa do discípulo de Jesus, Natanael ([Jo 21.2](#)).

Durante a primeira rebelião judaica, que resultou na destruição de Jerusalém em 70 d.C., Caná foi transformada em quartel-general para defender a Galileia contra os romanos. Após a destruição de Jerusalém e do templo, a cidade tornou-se a sede da família sacerdotal de Eliasibe. O Evangelho de João refere-se a ela como “Caná da Galileia”, evidentemente para distingui-la da Caná localizada perto da cidade fenícia de Tiro ([Is 19.28](#)). O local tradicional de Caná, reverenciado como tal desde os tempos bizantinos e medievais, é Kafr Kanna, cerca de 6,4 quilômetros a leste de Nazaré na estrada principal de Nazaré a Tiberíades. No entanto, a pesquisa contemporânea quase unanimemente estabeleceu Khirbet Qana como o local da Caná do NT. Essa ruína está cerca de 13 quilômetros ao norte de Nazaré na borda norte da Planície de Battuf. Os árabes da região ainda a chamam de Caná da Galileia até hoje. Arqueólogos

que exploram o local encontraram cerâmica do período da monarquia hebraica (c 900–600 a.C.) bem como dos tempos helenísticos, romanos, árabes e cruzados.

Caná

1. Riacho que forma a fronteira norte de Efraim e a fronteira sul da tribo de Manassés ([Js 16.8](#); [17.9](#)). Ele fluía para o oeste, juntando-se ao rio Yarkon a cerca de 8 quilômetros do Mediterrâneo, ao norte da moderna cidade de Tel Aviv (Jope bíblica). Fica seco na maior parte do ano. Caná é hoje chamado de Wadi Qana.

2. Cidade situada ao longo da fronteira de Aser ([Js 19.28](#)). Ficava cerca de 9 quilômetros a sudeste de Tiro, em uma das principais rotas nordeste-sudoeste através do norte da Galileia. Qana (no Líbano moderno) ainda mantém o nome e marca o local.

Cana, Cana-de-Açúcar

Uma planta alta de capim cultivada por sua seiva doce. A seiva é usada para fazer açúcar. Acredita-se que dois tipos de cana-de-açúcar tenham crescido naturalmente em Israel e nas áreas circundantes. Um tipo, *Saccharum sara*, é conhecido por crescer apenas no Líbano. O outro tipo nativo é o *Saccharum biflorum*, que cresce ao longo de valas e riachos. Ele cresce da Síria e do Líbano através de Israel e das áreas circundantes, e ao sul até a Arábia Rochosa e o Sinai. Esta pode ser a cana selvagem familiar ao povo judeu.

A maioria dos especialistas, no entanto, acredita que a "cana aromática" mencionada em [Isaías 43.24](#) (ARC) era a verdadeira cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*). Acredita-se que esta planta tenha vindo das áreas tropicais da parte oriental do mundo. As pessoas cultivam esta planta desde os tempos antigos, e não se sabe se germina de forma selvagem em nenhum lugar hoje. É uma gramínea perene alta e espessa que se assemelha ao milho. Possui muitos caules articulados e um grande cacho de flores plumoso no topo.

Veja também Cana Aromática.

Canaã, Cananeus

Território palestino (a Terra Prometida) a oeste do rio Jordão, colonizado pelos israelitas na época da liderança de Josué. Partes do sul da Síria também eram frequentemente consideradas parte do território cananeu, as fronteiras do norte das quais nunca foram claramente delimitadas. Os povos pré-israelitas da Palestina ocidental, excluindo o norte da Síria e lugares como Ugarite (Ras Shamra) na costa mediterrânea da Síria, carregavam a ampla designação de cananeus.

Resumo

- Terra e povo
- Idioma
- Literatura
- História
- Religião
- Influência sobre Israel

Terra e povo

Na “tabela das nações” ([Gn 10.15–19](#)), o neto de Noé, Canaã, era o antepassado de 11 grupos que viveram na área da Síria e da Palestina. Os primeiros seis, aparentemente, ocuparam território em ou ao sul de Sidom, enquanto os outros viveram mais ao norte. Os povos do norte se estabeleceram principalmente na borda da planície costeira; no sul, o assentamento se espalhou para leste, até as áreas de planície. As referências do AT colocaram especificamente os cananeus nos vales e áreas costeiras ocidentais da Palestina; o território montanhoso era habitado por amorreus e outros povos ([Nm 13.29](#); [Js 5.1](#); [7.9](#); [Jz 1.27–36](#)).

Uma das mais antigas referências conhecidas ao povo de Canaã está em uma tabuleta de Mari (séc. 15 a.C.), na qual um oficial militar relatou sua vigilância de “ladrões e cananeus”. Os cananeus foram listados como um grupo na Estela de Mênfis (coluna inscrita) do faraó egípcio Amenófis II (ca. 1440 a.C.). A terra de Canaã foi mencionada em uma inscrição do século 15 de Idrimi, rei de Alepo (a oeste de Ugarite), que fugiu para o porto cananeu de Amiya e então se tornou governante de Alalake (ao norte de Ugarite). Durante a Era de Amarna (séculos 15–14 a.C.), a Palestina era politicamente dominada pelo Egito, de acordo com as tabuletas egípcias de Amarna.

Assim como o termo “Canaã” designava toda a área da Palestina ocidental, o termo “cananeu”

descrevia seus habitantes pré-israelitas sem especificar raça. Entre os povos que viviam na Palestina, os amorreus apareceram pela primeira vez no segundo milênio a.C. como imigrantes da Mesopotâmia.

Várias referências do AT parecem igualar o território amorreu e a terra de Canaã ([Gn 12.5-6; 15.18-21; 48.22](#)), uma tradição refletida nas tabuletas de Alalake, que descreviam “Amurru” como parte da Síria-Palestina. As tabuletas de Mari do mesmo período falam de um governante amorreu de Hazor no norte da Palestina. Os textos de Tell el-Amarna (séc. 14–13 a.C.) indicam que o reino de Amurru da região do Líbano estava monopolizando o comércio e as transações ao longo da costa; portanto, referências aos dois povos (amorreus e cananeus) juntos no tempo de Moisés e durante o final da Idade do Bronze (ca. 1550–1200 a.C.) não são surpreendentes.

No final desse período, os “Povos do mar” (em grande parte filisteus) destruíram o Império hitita, e no tempo de Ramsés III (ca. 1180 a.C.) tomaram a Palestina ocidental. A conquista israelita da Palestina quebrou o poder de muitas cidades-estados dos cananeus e amorreus, enquanto a ascensão de uma confederação filisteia na costa sul da Palestina restringiu ainda mais a extensão do território especificamente cananeu. Desde o início da Idade do Ferro, os herdeiros dos cananeus eram os fenícios, centrados nas cidades-estado de Tiro e Sidom, que gostavam de ser conhecidos como cananeus (cf. [Mt 15.21-22; Mc 7.24-26](#)).

Idioma

Os vários grupos que habitavam a Palestina ocidental no período pré-israelita provavelmente falavam dialetos relacionados da família linguística semítica do Noroeste. O grande território coberto por esses povos e a possível influência das línguas hurritas ugaríticas e dos amorreus complicam as teorias modernas sobre o que é devidamente entendido por “cananeu” como uma língua.

Literatura

Assim como o idioma, é difícil ser preciso quanto à literatura cananeia. Um fato claro é que nosso próprio alfabeto se originou na Canaã da Idade do Bronze Médio. Antes desse tempo, a escrita era pictográfica (palavras ou ideias representadas por imagens), cuneiforme (impressões em forma de cunha em argila macia que representam sílabas e palavras inteiras), ou hieroglífica (escrita pictórica egípcia). A escrita alfabética foi passada através

dos hebreus e fenícios aos gregos, que deram ao nosso alfabeto presente sua forma clássica.

Até 1929 pouca literatura cananeia era conhecida, mas com as descobertas em Ugarite, um grande corpo de material literário veio à luz. As descobertas incluíram porções de um poema épico sobre o deus Baal e sua esposa, a deusa Anate (possivelmente de cerca de 2000 a.C.); uma lenda sobre um personagem real chamado Aqhat (de cerca de 1800 a.C.); as atividades lendárias do rei Keret (escrito cerca de 1500 a.C.) e material religioso, médico e administrativo em fragmentos.

História

As evidências arqueológicas indicam que a Palestina ocidental foi ocupada desde a Idade da Pedra Antiga. Os depósitos mesolítico, neolítico e calcolítico também foram encontrados em vários locais. É possível que os povos de língua semítica habitassem lugares como Jericó, Megido e Biblos por volta de 3000 a.C. As descobertas em Tell Mardikh (Ebla) mostram que um vigoroso Império cananeu existiu na Síria por volta de 2500 a.C., e não há dúvida de que tanto os povos amorreus quanto os cananeus estavam firmemente estabelecidos na Síria e na Palestina em 2000 a.C. A melhor evidência da invasão cananeia da Palestina ocidental veio da Idade do Bronze Média e Tardia (ca. 1950–1200 a.C.), período em que a terra estava repleta de cidades-estado cananeias e amoritas.

Os egípcios fizeram ofensivas periódicas para a Palestina durante sua 5ª e 6ª dinastias; na 13ª dinastia (segundo milênio a.C.), eles controlavam grande parte da Síria-Palestina tanto política quanto economicamente.

Os contatos cananeus com a Mesopotâmia a partir de aproximadamente 2000 a.C. são evidenciados em textos descobertos nas cidades de Mari e de Ugarite. Evidentemente, os amorreus, os hurritas, os primeiros Assírios e outros povos migravam periodicamente para Canaã, trazendo com eles uma diversidade de formas políticas e sociais. No final do séc. 16 a.C., a maioria dos pequenos reinos cananeus estava firmemente sob controle egípcio. Dentro de dois séculos, aqueles que estavam mais ao norte estavam sujeitos à influência política hitita.

A história cananeia é ainda mais complicada pelas atividades dos hicsos, entre cerca de 1800 e 1500 a.C. De origem asiática mista, os hicsos deviam grande parte de sua influência política ao seu uso militar de carros equipados com ferro e o arco

asiático composto. De locais cananeus como Hazor e Jericó, eles invadiram o Egito e estabeleceram o controle lá de cerca de 1776 a cerca de 1570 a.C. Quando eles foram expulsos no início do Novo Reino do Egito (1570–1100 a.C.), eles se retiraram para locais fortificados no sul de Canaã.

O controle egípcio sobre a Palestina ocidental havia desaparecido na época da conquista israelita de Canaã; Josué encontrou predominantemente oposição dos cananeus e dos amorreus. A invasão israelita de Canaã foi favorecida pelo estado de decadência em que haviam caído os pequenos reinos palestinos. Com a destruição da cultura hitita pelos povos do mar e sua posse das regiões do norte e costeira, as cidades-estados tradicionais entraram em colapso. Por volta de 1100 a.C., a cultura cananeia era restrita a Tiro, Sidom e alguns outros lugares.

Religião

Antes das descobertas ugaríticas, pouco se sabia sobre a religião cananeia além das referências que o AT contém. Do que agora é conhecido da cultura cananeia, o chefe da lista cananeia de deuses era um personagem sombrio chamado El, que era adorado como o “pai do homem”. Suas esposas eram: Athirat, conhecida pelos israelitas como Aserá; Astarte e Baaltis. El tinha um filho, Baal, um deus da fertilidade descrito nos mitos como o senhor da chuva e da tempestade. Baal sucedeu seu pai como chefe do panteão (lista de deuses) e supostamente residia nos céus distantes do norte. Um monumento encontrado em Ugarite o representava carregando um raio em seu lado esquerdo e um bastão em sua mão direita.

Pequenas e numerosas estatuetas de terracota com características sexuais exageradas, representando uma ou a outra das divindades femininas, foram restauradas dos locais da Idade do Bronze médio e final da Idade do Bronze na Palestina ocidental. Um local dedicado ao culto de Anate, escavado em Biblos na Fenícia, era claramente conhecido por prostituição religiosa e rituais de fertilidade sexual; muitas figuras femininas nuas foram descobertas no local. Outros objetos de culto cananeu incluíam algum tipo de *pilar sagrado* (*massebá*) e uma *imagem de madeira* (*Aserá*), provavelmente da própria deusa.

Na Era de Amarna, a religião orgiástica cananeia era especialmente influente no Oriente Próximo; se infiltrou, em certa medida, até mesmo as religiões conservadoras do Egito e da Babilônia. Quatro festivais principais associados com a atividade

agrícola parecem ter sido celebrados pelos cananeus, invariavelmente ocasiões de folia, embriaguez e excesso sexual. A religião cananeia era, evidentemente, a mais sexualmente depravada de qualquer outra no mundo antigo.

Influência sobre Israel

A moralidade israelita, como definida pelas leis da aliança do Monte Sinai, era muito diferente das tradições cúlticas da vida cananeia. O monoteísmo ético hebraico era, de muitas maneiras, oposto à adoração depravada da natureza politeísta da religião cananeia. Ficava claro que os dois sistemas não poderiam coexistir. Consequentemente a lei continha instruções estritas de que os cananeus e seus costumes deveriam ser eliminados da Terra Prometida ([Êx 23.24](#); [34.13–16](#); [Dt 7.1–5](#)) e que os hebreus deveriam permanecer separados da religião cananeia em lealdade à aliança de Deus. Isso estava longe de ser fácil, porque ambos os povos falavam dialetos relacionados estreitamente e, portanto, usavam expressões semelhantes de fala. Além disso, os israelitas invasores sob Josué descobriram que os cananeus eram superiores a eles na construção de estruturas de pedra e na fabricação de ferramentas de metal, utensílios e armas. Os hebreus, em uma desvantagem, certamente tiveram que enfrentar a possibilidade de necessitar de ajuda técnica dos cananeus. No tempo do rei Salomão, os cananeus da Fenícia foram alistados para projetar e construir o templo do Senhor em Jerusalém. Uma semelhança superficial entre alguns aspectos da religião cananeia e hebraica, como ofertas de paz e certos títulos divinos, também dificultou a manutenção da distinção cultural de Israel.

Exceto pela “proibição” imposta em Jericó, os israelitas foram capazes de usar equipamentos cananeus capturados na batalha. Daí sua determinação em destruir todos os vestígios dos cananeus, incluindo sua religião corrupta, foi gradualmente enfraquecida. Durante o reinado de Acabe, quando o culto ao Baal de Tiro estava profundamente enraizado no reino do Norte de Israel, os hebreus corriam um grave risco de perder sua identidade espiritual e teológica. Seus sacerdotes, que deveriam ter desempenhado um papel importante na manutenção da singularidade da fé da aliança, frequentemente sucumbiam aos costumes cananeus, imitando a imoralidade de seus vizinhos pagãos e encorajando o povo israelita a fazer o mesmo (cf. [1Sm 2.22](#)).

Como resultado, os profetas hebreus proclamaram que sua nação, que havia quase completamente sucumbido às seduções cananeias, teria que ser purificada pelo exílio antes que uma fé renovada pudesse se tornar uma possibilidade para Israel.

Veja também Deidades cananeias e Religião; Israel, História de; Palestina.

Canais do Mar

Vales ou leitos de riachos no fundo do oceano. O Senhor salvou Davi de todos os seus inimigos e do rei Saul. Então, Davi louvou o grande poder de Deus. Este poder poderia expor o fundo do oceano com um sopro de sua respiração ([2Sm 22.16](#); [Sl 18.15](#)).

Canal

Um túnel de água ou canal que transporta água de um lugar para outro. No Antigo Testamento, a palavra hebraica pode ter dois significados:

8. Pequenos riachos no solo formados pela chuva. Em [Jó 38.25](#), são chamados de "canal". Em [Ezequiel 31.4](#), são chamados de "ribeirões".
9. Uma valeta simples como a que Elias cavou ao redor do altar durante seu desafio contra os profetas de Baal. Baal era um deus cananeu da fertilidade ([1Rs 18.31-38](#)).

O rei Ezequias construiu um túnel de água para trazer água da Fonte de Gion para dentro da cidade. A Bíblia também se refere a essa fonte como um "reservatório" ([2Rs 18.17](#); [20.20](#); [Ne 2.14](#); [Is 7.3](#); [22.9-11](#); [36.2](#)). A fonte estava originalmente fora das muralhas da cidade, o que era perigoso durante ataques inimigos. Os trabalhadores de Ezequias selaram a abertura da fonte e criaram um túnel para trazer a água com segurança para dentro da cidade.

O túnel construído por Ezequias expandiu um túnel anterior que foi iniciado pelos jebuseus. Os jebuseus viviam em Jerusalém antes dos israelitas. O rei Davi e seus homens podem ter entrado em Jerusalém pelo primeiro túnel para derrotar os jebuseus ([2Sm 5.8](#)).

Veja também Arquitetura; Siloé, Piscina de.

Câncer

Conforme texto original, significaria uma forma de "cancro", ou mais literalmente, "gangrena" ([2Tm 2.17](#)).

Veja Gangrena.

Candace

Um título dado às antigas rainhas etíopes. Filipe, um líder na igreja primitiva, encontrou e batizou um eunuco etíope que era ministro sob o comando de Candace, rainha dos etíopes ([At 8.27](#)). Essa Candace em particular governou a região da Núbia (atual Sudão) de 25 a 41 d.C. Seu nome provavelmente era Amanitere.

Cane

Nome alternativo para Calné, uma cidade no norte da Síria, em [Ezequiel 27.23](#). *Veja* Calné #2.

Canela

Uma especiaria feita da casca interna seca de várias árvores que vêm da Ásia tropical. A casca tem um cheiro agradável. Pode ser moída e usada como especiaria. A canela mencionada em [Êxodo 30.23](#), [Provérbios 7.17](#), [Cântico dos Cânticos 4.14](#), e [Apocalipse 18.13](#) é certamente da árvore *Cinnamomum zeylanicum*.

A árvore de canela é relativamente pequena, jamais ultrapassando os seus 9,1 metros de altura. Possui casca lisa de cor cinza, ramos amplamente espalhados e flores brancas. Suas folhas perenes, brilhantes e com belas veias, crescem cerca de 22,9 centímetros de comprimento e 5,1 centímetros de largura.

O povo judeu considerava a canela uma substância deliciosamente perfumada e a valorizava muito, tanto como especiaria quanto como perfume. Era um dos principais ingredientes usados para fazer o precioso unguento, ou "óleo sagrado", que Moisés foi instruído a usar no tabernáculo. Este óleo era utilizado para ungir os vasos sagrados e os

sacerdotes que ali serviam. A canela era, sem dúvida, muito cara e altamente valorizada.

Veja Alimentos e Preparação de Alimentos.

Caneleiras

Peça protetora de armadura usada sobre a canela da perna ([1Sm 17.6](#)).

Veja também Armaduras e armas.

Cânon da Bíblia

A lista oficialmente aceita de livros que compõem as Escrituras Cristãs.

Veja Bíblia, Cânon da.

Cântico de Débora

O Cântico de Débora é um poema antigo encontrado em [Juízes 5](#). Celebra uma vitória israelita sobre os cananeus. Este cântico é semelhante ao cântico de Moisés em [Êxodo 15.1-18](#). Também narra a mesma história que o relato em prosa em [Juízes 4](#). O cântico descreve como os israelitas derrotaram o poderoso rei cananeu Jabim de Hazor e seu general Sísera com a ajuda de Deus. O estilo poético do cântico e o uso de formas antigas do hebraico podem ser observados nas traduções ligeiramente diferentes encontradas nas versões modernas da Bíblia. A linguagem forte do poema sugere que uma testemunha ocular da batalha o escreveu, provavelmente a própria Débora.

[Juízes 5.2](#) dirige-se a Israel com um convite para louvar a Deus. A canção também diz aos reis estrangeiros para aprenderem sobre o Deus de Israel e o que Ele fez. Os versículos [4-5](#) podem descrever a batalha atual ou a aparição anterior de Deus a Moisés no Monte Sinai. O versículo [5](#) poderia ser traduzido como: “As montanhas tremeram diante do Senhor, o Deus do monte Sinai”.

Débora é apresentada pela primeira vez no versículo [7](#). O versículo [8](#) pode significar que os cananeus impediram os israelitas de portar armas abertamente. Mais provavelmente, significa que os cananeus destruíram toda a fabricação de armas em Israel (compare [1Sm 13.19](#)). Durante um tempo

de medo e divisão, Débora, que era uma juíza, incentivou as tribos israelitas a lutar. Quando Débora pediu ajuda a todas as tribos, algumas não responderam, mas outras vieram para ajudar.

A batalha ocorreu em Taanaque, 24,1 quilômetros (15 milhas) a sudoeste do Monte Tabor. Os cananeus haviam reunido suas forças lá ([Jz 4.13](#)). Isso significava que os israelitas perderam a vantagem de lutar de sua posição montanhosa. No entanto, a canção de Débora sugere que Deus os ajudou, possivelmente através de uma forte tempestade.

A ajuda de Deus também é mencionada em [Juízes 4.14](#) (O Senhor está com você!). A canção descreve estrelas lutando contra Sísera e o rio Quisom transbordando. Estes representam forças naturais ajudando Israel ([Jz 5.20,21](#)). Além disso, os carros dos cananeus perderam sua vantagem quando Jael, uma corajosa mulher hebreia, matou Sísera, o líder dos carros ([Jz 5.24-27](#)). A morte de Sísera cumpriu a profecia de Débora a Baraque, o comandante israelita. Uma mulher, e não ele, receberia a glória por esse feito ([Jz 4.9](#)).

A canção retrata a mãe de Sísera tristemente aguardando seu retorno. Em contraste com essa imagem melancólica da mulher cananeia, a canção de Débora termina com uma poderosa oração por segurança futura. Embora Jael tenha sido abençoada ([Jz 5.24](#)) e Débora tenha sido elogiada, o Deus de Israel recebeu a glória ([Jz 5.1-3](#)).

Cântico de Moisés

Um dos dois poemas antigos:

- A Bênção de Moisés em [Deuteronômio 33](#);
- O Cântico de Moisés em [Deuteronômio 32](#).

O Cântico do Mar ([Êx 15](#)) é de um período anterior na vida de Moisés, enquanto esses dois poemas são como sua "mensagem final" antes da morte.

Moisés já havia escrito livros da Lei como testemunho contra Israel caso eles se afastassem de Deus. Mas a própria lei exigia pelo menos duas testemunhas para estabelecer qualquer acusação ([Dt 17.6](#)). Moisés foi então ordenado a escrever a canção como uma testemunha adicional contra Israel ([Dt 31.19](#)).

A canção serve como testemunho da grandeza e bondade de Deus, especialmente sua bondade para com Israel ([Dt 32.10–14](#)). Essa bondade torna a resposta pecaminosa de Israel ainda pior, o que traz a ira e o castigo de Deus. Deus usará desastres na natureza, animais selvagens e guerras para realizar seus propósitos. No entanto, este não é o fim. Deus, em sua graça, se voltará contra os inimigos de Israel e resgatará seu próprio povo ([Dt 32.36](#)).

Esta canção carrega a mesma mensagem de todos os grandes profetas do Antigo Testamento. [Salmo 78](#) expressa essa mensagem através de exemplos da história de Israel. A canção descreve a própria natureza de Deus, então faz sentido que no céu as pessoas cantem “a canção do servo de Deus Moisés e do Cordeiro” ([Ap 15.3](#)).

Veja também Moisés.

Cântico de Salomão

Um livro curto do AT (oito capítulos) contendo apenas poesia. Suas belas passagens poéticas descrevem as muitas dimensões do amor humano; há pouco neste livro que é explicitamente religioso. Além do título popular, o livro às vezes é referido como “Cântico dos Cânticos”. Esta é a tradução mais literal do título curto do livro na língua original e significa “o melhor de todos os possíveis cânticos”. Alguns escritores também intitulam o livro de “Cânticos”; este título é baseado no nome da versão latina do livro, *Canticum Cantorum*.

Resumo:

- Autor;
- Data;
- Várias interpretações;
- Propósito e ensino teológico;
- Conteúdo.

Autor

Havia uma antiga tradição entre os judeus de que o rei Salomão (c. 970–930 a.C.) escreveu o Cântico dos Cânticos. Essa visão é baseada em uma das várias possíveis traduções do primeiro versículo do Cântico: “Cântico dos Cânticos, a mais bela das canções de Salomão” ([1.1](#), NTLH). Essa visão pode estar correta, embora não haja certeza absoluta, pois as últimas palavras do versículo na língua original podem ser traduzidas de várias maneiras.

Uma tradução para o português que preserva a ambiguidade do original seria “Cântico de cânticos, que é de Salomão” (ARC); as últimas palavras poderiam significar que Salomão foi o autor, mas igualmente poderiam indicar que o cântico foi “dedicado a Salomão” ou “escrito para Salomão”. Como é frequentemente o caso com os escritos do AT, a autoria não pode ser conhecida com certeza absoluta.

Data

Segue que, se a autoria é incerta, também deve haver incerteza quanto à data em que o cântico foi escrito. Se Salomão foi o autor, ele foi escrito durante a segunda metade do décimo século a.C. Se ele não foi o autor, então o cântico provavelmente foi escrito em uma data posterior. Mas o conteúdo indica que o cântico deve ter sido escrito e concluído em algum momento durante a monarquia hebraica (antes de 586 a.C.). Para aqueles que não aceitam Salomão como autor, a data precisa dependerá, em certa medida, da teoria adotada em relação à interpretação do cântico. Se o cântico é uma antologia de poesia amorosa israelita, então os muitos poemas que compõem o cântico teriam sido escritos em datas diferentes e reunidos em um único volume no final da monarquia hebraica.

Várias interpretações

Existem duas grandes dificuldades em interpretar este livro. Primeiro, o cântico parece ser secular em sua forma atual e o nome de Deus não aparece; a única exceção a essa afirmação está em [8.6](#), onde algumas versões em português traduzem o texto para mostrar o nome de Deus, embora o texto original use o nome de uma forma incomum (adjetival). O segundo problema é que, tomado ao pé da letra, o cântico contém apenas poesia secular do amor humano. Qual é o significado teológico da poesia de amor? Essas e outras dificuldades levaram a uma infinidade de diferentes interpretações do cântico. Um breve levantamento de algumas das interpretações mais significativas esclarecerá não apenas o problema de entender o livro, mas também seu conteúdo e significado.

O cântico como alegoria

Uma das interpretações mais antigas do cântico o vê como uma alegoria. Essa visão foi sustentada tanto por estudiosos judeus quanto cristãos desde cedo. A descrição do amor humano no cântico é visto como uma alegoria do amor entre Cristo e a

igreja. Agostinho de Hipona (354–430 d.C.) acreditava que o casamento mencionado no cântico era uma alegoria do casamento entre Cristo e a igreja.

Essa teoria foi valorizada por muito tempo. Ela influenciou os tradutores da versão inglesa King James. Eles adicionaram cabeçalhos de capítulos às suas traduções como uma ajuda para os leitores entenderem a Bíblia. Por exemplo, no início do primeiro capítulo do Cântico de Salomão, eles escreveram: “1. O amor da Igreja por Cristo, 5. Ela confessa sua deformidade, 7. e ora para ser guiada ao seu rebanho”. É importante enfatizar, no entanto, que o texto hebraico não menciona Cristo ou a igreja. Os cabeçalhos representam o entendimento dos tradutores, não o conteúdo do hebraico original.

O cântico como drama

A ideia de que o cântico é um drama também é antiga. Aqueles que apoiam essa teoria começam observando que há vários oradores ou atores. Talvez, então, o cântico seja o roteiro de uma antiga peça teatral.

Esta teoria possui alguns pontos fortes. No manuscrito de uma antiga tradução grega do AT, foram adicionados títulos ao Cântico de Salomão que identificam os oradores. O elenco inclui a noiva, o noivo e os companheiros. No entanto, os títulos provavelmente não faziam parte do texto hebraico original. Eles refletem a interpretação dos primeiros tradutores gregos.

Há uma grande dificuldade com essa teoria: não há evidências claras de que o drama era uma forma de arte usada pelos hebreus. Embora o drama fosse comum entre os gregos, não parece ter sido empregado no Oriente Próximo. É possível, no entanto, sugerir uma ligeira variação na teoria do drama. Talvez o Cântico de Salomão não seja um drama, mas simplesmente poesia dramática, semelhante ao livro de Jó. Essa possibilidade é mais plausível, mas também apresenta dificuldades. Seria natural esperar uma narrativa ou enredo em um drama ou mesmo em uma poesia de caráter dramático, mas não fica evidente que realmente exista uma história ali.

De acordo com uma interpretação, a história pode ser a seguinte. A canção narra o amor verdadeiro. Uma donzela estava apaixonada por um jovem pastor. O rei Salomão, no entanto, se apaixonou pela donzela e a levou para seu palácio. Lá, ele tentou conquistar seu amor com belas palavras,

mas não teve sucesso. Ela permaneceu fiel ao jovem pastor que amava. Não conseguindo conquistá-la, Salomão a liberou e permitiu que ela retornasse ao seu verdadeiro amor. A história é bela e simples, mas não é fácil de perceber no texto sem títulos e explicações adicionais. Outros intérpretes discerniram uma história bastante diferente no Cântico de Salomão. Em conclusão, não é absolutamente claro que há uma única história sendo contada.

O cântico como reflexo de um culto à fertilidade

Alguns estudiosos modernos afirmam que a origem do Cântico de Salomão pode ser encontrada nos cultos de fertilidade do antigo Oriente Próximo. Nesses cultos, havia grande ênfase na fertilidade da terra, que se manifestava em colheitas abundantes. Os cultos eram projetados para garantir que a terra permanecesse fértil e eram acompanhados por uma mitologia que descrevia os deuses responsáveis pela fertilidade. Essa mitologia incluía poesia de amor sobre os deuses, e essa poesia tem alguma semelhança com o Cântico de Salomão.

A teoria pode ser a seguinte: originalmente, os hebreus também tinham um culto à fertilidade. O Cântico de Salomão contém poesia de amor associada a esse culto. Mais tarde, as referências mitológicas foram omitidas, fazendo com que o cântico atual pareça poesia de amor secular.

A principal dificuldade com essa teoria é a falta de qualquer evidência concreta. Não há referência a Deus ou a outros deuses no Cântico de Salomão. Não há menção a um culto de fertilidade ou a qualquer outro tipo de culto. E, mesmo que a teoria tivesse algum fundamento, já não restam evidências que a confirmem.

O cântico como coleção de poemas

Esta última e mais provável teoria de interpretação envolve dois princípios básicos. Primeiro, o cântico deve ser interpretado literalmente; é o que parece ser — poesia celebrando o amor humano. Segundo, o Cântico de Salomão é uma coleção, não uma única peça de poesia. Assim como o livro dos Salmos contém cânticos, hinos e orações de muitos períodos diferentes da história de Israel, o Cântico de Salomão também contém poesia de diferentes períodos e diferentes autores. O tema comum que une todas as passagens é o amor humano. As opiniões divergem sobre onde um cântico termina e o próximo começa. Pode haver até 29 cânticos no

livro, alguns consistindo de apenas um versículo e outros muito mais longos.

Propósito e ensino teológico

Se entendermos o Cântico de Salomão principalmente como uma coletânea de poemas que celebram o amor humano, qual é o seu significado como um livro bíblico? Quais são suas implicações teológicas? Primeiro, a presença do cântico na Bíblia fornece uma visão valiosa sobre o amor humano. O amor entre um homem e uma mulher é algo nobre e belo; é um presente de Deus. É caracterizado por um certo mistério e não pode ser comprado. No entanto, porque o amor humano é algo belo e nobre, pode facilmente ser degradado. No mundo moderno, o Cântico de Salomão oferece uma perspectiva adequada e uma visão equilibrada do amor humano. Além disso, um alto valor do amor humano é essencial. Já que o amor humano e o casamento são usados na Bíblia como uma analogia do amor de Deus pela humanidade, o amor em si deve ser bom e puro.

Conteúdo

A mulher canta seu cântico de amor (1.2-7)

Em cada um dos cânticos, o leitor é como um curioso ouvindo as palavras de amor faladas, às vezes em particular e às vezes para a pessoa amada. O cântico de abertura é uma canção de louvor, regozijando-se no amor e deleitando-se em uma pessoa amada em particular: “Que os seus lábios me cubram de beijos! O seu amor é melhor do que o vinho” (v. 2, NTLH). Este cântico, como muitos outros, é caracterizado por um cenário campestre, aqui destacado por um contraste com a cidade. A jovem é do campo e está bronzeada de trabalhar ao ar livre; isso a deixa consciente de si mesma entre as mulheres da cidade de Jerusalém. Mas o amor supera a falta de autoconfiança, e é no campo que ela encontrará seu amado.

O rei conversa com a mulher (1.8-2.7)

Nesta passagem, homem e mulher estão falando, mas não se trata de uma conversa comum. Eles não falam diretamente um com o outro, mas descrevem um ao outro. Assim, a beleza de ambos aparece, não de forma abstrata, mas através do olhar de quem ama. Afinal, embora a beleza possa ser definida de modo abstrato, a beleza percebida por dois amantes é diferente: ela nasce do olhar de quem ama e da relação de amor, que funciona como uma lente capaz de intensificar essa percepção.

Um cântico da primavera (2.8-13)

Este belo cântico descreve a jovem donzela observando seu amado vindo até ela. Ele a convida para se juntar a ele no campo, onde o inverno já passou e a nova vida da primavera pode ser vista na terra. A beleza do amor jovem é comparada ao florescimento de nova vida e fragrância que caracteriza a Palestina na primavera.

A mulher procura por seu amado (2.14-3.5)

Agora a mulher canta e uma nova dimensão de seu amor emerge das palavras de sua canção. O amor é pleno quando os parceiros estão juntos, mas a separação cria tristeza e solidão. As palavras da donzela evocam o desespero dos amantes separados, um desespero que só poderia se desfazer quando ela tivesse seu amado de volta em seus braços e não o soltasse mais (3.4).

O cortejo de casamento do rei (3.6-11)

O cântico começa com uma descrição da aproximação do cortejo nupcial real, um palanquim cercado por homens de guerra. O rei se aproxima da cidade para seu casamento, e as jovens da cidade saem para saudá-lo. O cântico pode ser comparada com [Salmos 45](#), outro cântico de casamento.

A beleza da mulher, como um jardim (4.1-5.1)

Em linguagem suntuosa, o homem descreve a beleza de sua donzela. Para o leitor moderno, a linguagem às vezes parece estranha: “O teu pescoço é como a torre de Davi” (4.4, ARC). Mas a estranheza está principalmente em nossa falta de familiaridade com as metáforas antigas. No entanto, grande parte da linguagem aqui se baseia na imagem da natureza e da vida selvagem, que pode ser apreciada por todos. Novamente, a beleza não é descrita apenas como algo estético, pois está intimamente ligada ao relacionamento de amor: “Como são deliciosas as suas carícias, minha namorada, minha noiva! O seu amor é melhor do que o vinho” (v. 10, NTLH). E novamente, a beleza da donzela não é simplesmente para ser admirada; é para ser dada ao amado. Assim, quando o homem conclui suas palavras de adoração, a mulher se oferece a ele (v. 16) e ele aceita (5.1).

A mulher fala de seu amado (5.2-6.3)

Neste cântico, a mulher está conversando com outras mulheres, e o homem não está presente. Enquanto ela fala sobre seu amado, há uma mudança nas palavras que expressam um

sentimento de solidão e separação ([5.4-8](#)) para um ressurgimento de alegria ao contemplar seu amado. A tristeza da separação de seu amado é dissipada enquanto ela descreve a ela a beleza de seu homem (vv. [10-16](#)).

O homem fala da beleza de sua amada ([6.4-7.9](#))

Esta longa passagem pode conter mais de uma única canção; há palavras do homem, da donzela e das companheiras. O tema principal é uma descrição adicional feita pelo homem sobre a beleza de sua amada ([6.4-10](#); [7.1-9](#)), um tema já conhecido de uma passagem anterior ([4.1-5.1](#)). Cada parte do corpo da donzela é extremamente bela aos olhos de quem a ama.

A mulher e o homem refletem sobre o amor ([7.10-8.14](#))

Ambos os parceiros falam nesta passagem complexa, que pode conter uma série de pequenas canções de amor. Enquanto algumas partes são difíceis de interpretar (especialmente [8.8-14](#)), outros versos revelam na linguagem mais profunda o significado do amor. O amor, o mais poderoso de todos os relacionamentos humanos, cria um senso de pertencimento e posse mútuos: "Eu sou do meu amado, e ele me quer" ([7.10](#), NTLH). E mais tarde, a moça fala do amor com palavras que transmitem uma das compreensões mais poderosas do amor em toda a Bíblia: "O amor é tão poderoso como a morte... Nenhuma quantidade de água pode apagar o amor, e nenhum rio pode afogá-lo. Se alguém quisesse comprar o amor e por ele oferecesse as suas riquezas, receberia somente o desprezo" ([8.6-7](#), NTLH).

Veja também Salomão (Pessoa).

Cântico de subida

A inscrição (título ou cabeçalho) dos [Salmos 120-134](#). Estes salmos também recebem o nome de "Cânticos de peregrinação" ou "Cânticos de romagem". Além disso, alguns interpretam esse nome como "Cântico dos degraus".

Veja Cântico dos degraus, Cântico das subidas.

Cânticos

Outro título para o livro bíblico é Cântico dos Cânticos (ou Cânticos de Salomão). O nome vem do nome latino do livro, *Canticum Canticorum* (que significa "Cântico dos Cânticos").

Veja Cântico dos Cânticos.

Cantor

O cantor profissional era importante no culto do Templo. Davi foi o primeiro a organizar cantores para o culto no Tabernáculo ([1Cr 9.33](#); [15.16,19,27](#)). Mais tarde, eles ministraram no Templo de Salomão ([2Cr 5.12-13](#)) e para outros reis ([20.21](#); [23.13](#); [35.15](#)). Após o exílio, os cantores estavam novamente ativos ([Ed 2.41,70](#); [Ne 7.1,44,73](#); [10.28,39](#)). Eles cantavam salmos para o culto no Templo ([Sl 68.25](#); [87.7](#)). Alguns foram nomeados "principais cantores" ([Hc 3.19](#)). Os filhos de Asafe eram proeminentes entre eles.

Veja também Música.

Cantos da Terra

Termo figurativo que denota as fronteiras e extremidades da terra ([Jó 37.3](#); [Is 11.12](#); [Jr 25.32](#); [31.8](#); [Ez 7.2](#); [Ap 7.1](#); [20.8](#)).

Cão

Cães foram um dos primeiros animais que os humanos mantiveram como animais de estimação. Cientistas acreditam que os cães modernos (*Canis familiaris*) descendem do lobo indiano (*Canis lupus pallipes*). Os cães nos tempos bíblicos provavelmente se assemelhavam aos cães pastores alemães de hoje. Eles tinham orelhas pontudas, um focinho afilado e uma cauda longa.

Perspectivas negativas sobre cães na Bíblia

Nos tempos bíblicos, as pessoas não gostavam de cães ([Pv 26.11](#); [2Pe 2.22](#)). Enquanto muitas pessoas hoje consideram os cães como amigos próximos, os escritores da Bíblia os viam de forma diferente. Os cães procuravam comida nas ruas e entre o lixo ([Êx 22.31](#); [1Rs 22.38](#); [Mt 15.26](#); [Lc 16.21](#)). Eles até comiam corpos humanos mortos ([2Rs 9.35-36](#)). Em geral, os cães desempenhavam a mesma função que os abutres e outras aves de

rapina. A Bíblia menciona cães 41 vezes, e a maioria dessas menções é negativa. As pessoas achavam que os cães eram animais sujos que agiam com medo.

Cães usados na caça aparecem em pinturas em tumbas egípcias, e há uma referência a cães pastoreando ovelhas em [Jó 30.1](#). Uma qualidade dos cães muito apreciada pelos israelitas era a vigilância ([Is 56.10](#)). No entanto, em geral, nos tempos bíblicos, "cão" era um termo de desprezo ([1Sm 17.43](#); [2Sm 16.9](#)). Era usado para descrever:

- Pessoas submissas ([2Sm 9.8](#); [2Rs 8.13](#))
- Pessoas más ([Is 56.10-11](#); [Mt 7.6](#); [Fp 3.2](#); [Ap 22.15](#))

Cães, assim como porcos, eram vorazes e onívoros (comendo qualquer tipo de alimento). Uma mulher gentia pediu a Jesus para curar sua filha. Ele respondeu usando uma metáfora sobre jogar restos de comida da casa para os cães ([Mt 15.22-28](#); [Mc 7.25-30](#)). No tempo de Jesus, "cão" era um insulto judaico para gentios. Eles eram considerados impuros, como cães. Jesus usou uma forma diminutiva da palavra, o que a suavizou. Vendo a fé dela, Jesus atendeu ao pedido da mulher, dando a um não-judeu um pouco do "pão dos filhos".

Caos, Águas do

No pensamento antigo, os mares primordiais que foram divididos. O mundo estava então situado entre as "águas acima" e "águas abaixo", ou "o Abismo" ([Gênesis 1.1-2.6-7](#)).

Capa

Tradução de várias palavras referentes a vestimentas externas.

Veja: Roupas.

Capacete

Veja: Armaduras e Armas.

Capadócia

Região do planalto do leste da Ásia Menor, cortada por cadeias de montanhas. O nome Capadócia não aparece no Antigo Testamento hebraico. Passagens que mencionam Caftor ou Caftorim ([Dt 2.23](#); [Am 9.7](#)), no entanto, foram traduzidas como "Capadócia" na Septuaginta (antiga tradução grega do AT). Alguns estudiosos sugerem que a Capadócia foi o lar original dos filisteus.

No NT, a Capadócia era a terra natal de alguns dos visitantes a Jerusalém que ficaram maravilhados ao ouvir suas próprias línguas sendo faladas no dia de Pentecostes ([At 2.5-13](#)). A Capadócia foi mais tarde um dos lugares na Ásia Menor onde os cristãos se estabeleceram, pessoas a quem o apóstolo Pedro dirigiu sua primeira carta ([1Pe 1.1](#)).

A Capadócia fazia fronteira com o Ponto ao norte, a Síria e a Armênia a leste, a Cilícia ao sul e a Licônia a oeste. Conhecida por seu trigo, gado e cavalos, também exportava alabastro, mica, prata e chumbo. A região era atravessada por importantes rotas comerciais, como a rota através dos Portões Cilícios em direção ao norte até o Ponto. A área foi controlada ou dominada sucessivamente por hititas, assírios, babilônios, persas, gregos, selêucidas e romanos.

Referência a uma carta para Ariarates, rei da Capadócia ([1Mc 15.22](#)), pode indicar que havia um assentamento judaico significativo lá no início do século II a.C. Judeus dessa comunidade aparentemente estavam visitando Jerusalém na época de Pentecostes. O cristianismo parece ter se espalhado para o norte na Capadócia ao longo da estrada de Tarso. A Capadócia tornou-se uma região de fortes líderes da igreja cristã no século IV d.C.

Capataz

Um capataz era uma pessoa que supervisionava os trabalhadores e os obrigava a trabalhar arduamente. Esculturas egípcias em pedra mostram capatazes segurando chicotes, que usavam para punir trabalhadores que não trabalhavam rápido o suficiente ([Êx 1.11](#); [3.7](#); [5.6-14](#); [Jó 3.18](#)). A palavra hebraica usada para capataz na Bíblia significa "oprimir", mostrando quão mal eles tratavam seus trabalhadores. Os reis Davi e Salomão tinham capatazes. Um homem chamado Adorão estava encarregado do trabalho forçado durante o tempo deles ([2Sm 20.24](#); [1Rs 4.6](#); [12.18](#);

[2Cr 10.18](#)). O tratamento cruel por parte desses capatazes tornou-se uma das razões pelas quais as tribos do norte de Israel se separaram das tribos do sul após a morte de Salomão ([1Rs 12.3-14](#)).

Capitel

Na arquitetura (projeto de edifícios), o capitel é a parte superior de uma coluna. Os capitéis são frequentemente decorados com desenhos detalhados. Capitéis (“capitel” na Versão da ARC) estavam no topo das cinco colunas do Tabernáculo durante a peregrinação dos israelitas no deserto ([Êx 36.38](#)). Eles também estavam no topo das colunas chamadas “Boaz” e “Jaquim” no Templo de Salomão ([1Rs 7.16-22,40-42](#)).

Veja também Arquitetura.

Cáraca

Cáraca era um lugar que pode ter estado na terra de Tobe. Judas Macabeu e seu exército passaram por Cáraca enquanto perseguiram seus inimigos sírios ([2Mc 12.17-19](#)).

Caravana

Nos tempos bíblicos, um grupo itinerante de mercadores, peregrinos ou outros se unia para proteção mútua. Geralmente, os viajantes usavam animais de carga para transportar suas mercadorias ou pertences pessoais. Para transportar bens de um distrito a outro, os jumentos eram principalmente usados até cerca de 1100 a.C., quando o uso de camelos se tornou mais comum. A antiga Palestina, situada entre o Mar Mediterrâneo e o Egito de um lado e a Síria, Mesopotâmia, Arábia e terras mais ao leste do outro, era atravessada por rotas comerciais. A nação de Israel estava, assim, intimamente familiarizada com caravanas, muitas nos tempos do AT vindas de Transjordânia e Arábia. As caravanas árabes frequentemente transportavam especiarias e incenso, produtos que eram particularmente lucrativos. Os governantes de Seba estavam envolvidos nesse empreendimento ([1Rs 10.2](#)). O tamanho de uma caravana dependia da quantidade de tráfego, precariedade da rota e disponibilidade de camelos. Talvez 40 camelos pudessem ser unidos por cordas presas da sela de um camelo ao anel nasal do camelo que o seguia. As

caravanas podiam viajar em fila única ou com três a quatro camelos lado a lado. Em clima quente ou em uma jornada extensa, um camelo podia carregar cerca de 159 quilos (350 libras); em viagens curtas e frescas, podia carregar muito mais. José foi vendido como escravo para uma caravana de especiarias indo para o Egito ([Gn 37.25-28](#)). Expedições de saque também formavam caravanas às vezes ([Jz 6.3-5](#); [1Sm 30.1-20](#)).

Veja também Viagem.

Carbúnculo

Uma pedra de cor vermelha ou ardente, como uma granada ou rubi. É mencionada como uma das pedras preciosas no peitoral do sumo sacerdote ([Êx 28.17](#)).

Veja Pedras, Preciosas.

Carca

Cidade não identificada que marca parte da fronteira sul de Judá ([Js 15.3](#)). Ficava localizada na seção sudoeste da Palestina, entre Cades-Barneia e Wadi el-Arish (Riacho de Besor).

Carcas

Um dos sete conselheiros do Rei Xerxes, em [Ester 1.10](#).

Carcor

Cidade na transjordânia onde Gideão atacou os exércitos dos dois reis midianitas, Zeba e Salmuna ([Jz 8.10](#)). As indicações de sua localização são vagas. [Juízes 8.11](#) a coloca a leste de Noba e Jogbehah, uma cidade identificada com Jubeiah, que fica 11,3 quilômetros a noroeste de Amã na Jordânia. Um local mais viável está nas proximidades da antiga Sucote (Tell Dier ‘Alla) e Penuel (Tell edh-Dhahab esh-Sherqiyeh), ambos atribuídos à tribo de Gade em Gileade.

Careá

Pai de Jônatas e Joanã ([2Rs 25.23](#)). Após Jerusalém cair para o exército de Nabucodonosor, seus filhos juntaram-se a Gedalias em Mispa ([Jr 40.8-43.5](#)).

Cária

Cária era uma região localizada na parte sudoeste da Ásia Menor (atual Turquia).

Quando Simão era sumo sacerdote em Jerusalém, Lúcio, um líder romano, enviou uma carta ao Rei Ptolemeu (que governou de 145 a 116 a.C.). A carta tratava da amizade entre Roma e Simão.

Cária foi uma das várias regiões gregas que receberam esta carta ([1Mc 15.23](#)). Na carta, Lúcio afirmou que qualquer pessoa que fugisse de Israel para essas regiões deveria ser enviada de volta a Simão. Simão, então, os puniria de acordo com a lei judaica (versículo [21](#)).

Carmelo

10. Uma cordilheira que se estende por cerca de 32 quilômetros ao longo do Mar Mediterrâneo e se prolonga para sudeste no Vale de Jizreel. Seu ponto mais largo no sudeste é de 20,9 quilômetros. Seu pico mais alto atinge 530,7 metros. A cordilheira é composta do mesmo calcário que as montanhas centrais da Palestina.

A montanha forma um promontório que se estende até o mar ao sul da Baía de Acre. A cidade moderna de Haifa, que foi construída em diferentes níveis da encosta no canto noroeste do Carmelo, possui excelentes instalações portuárias. Vários assentamentos judeus e duas grandes aldeias drusas também estão localizados nas encostas do monte Carmelo (os drusos são membros de uma seita distinta dentro do Islã). A planície de Sarom se estende para o sul.

O monte Carmelo era conhecido por sua beleza e terra fértil ([Js 33.9](#); [35.2](#)). Nos tempos antigos, era coberto por florestas de carvalhos, oliveiras e vinhedos. O nome "Carmelo" vem de uma palavra hebraica que significa "vinhedo" ou "jardim de Deus". A montanha era tão densa com plantas selvagens que, junto com seus desfiladeiros e

cavernas, tornou-se um esconderijo para ladrões e pessoas rejeitadas pela sociedade ([Am 9.3](#)).

Hoje, o monte Carmelo ainda é florestado, e grandes áreas foram transformadas em uma reserva natural. Em [Cântico dos Cânticos 7.5](#), o poeta descreve sua amada, dizendo: "A sua cabeça está sempre erguida como o monte Carmelo" talvez sugerindo que seu cabelo era espesso e cheio como as muitas árvores na montanha.

O terreno rochoso do monte Carmelo era uma barreira para as rotas comerciais e militares de norte a sul. A maioria dos conquistadores e comerciantes o contornava, viajando pelo Vale de Jizreel para o leste ou pelo Vale de Zebulom para o nordeste. No entanto, passagens importantes cortavam a montanha. Uma passagem estreita na extremidade sul conecta as planícies de Sarom e Esdraelon. O Faraó Tutmés III usou essa passagem no século XV a.C. O General Britânico Senhor Allenby a utilizou em 1918 quando conquistou a Palestina. As terras tribais de Aser, Zebulom, Issacar e Manassés encontravam-se no monte Carmelo, mas parece que nenhuma das tribos controlava totalmente as alturas da montanha.

O monte Carmelo também tinha importância religiosa. Foi o local do famoso confronto entre o profeta Elias e os profetas de Baal ([1Rs 18](#)). Este era um bom local porque o monte Carmelo ficava entre Israel e Fenícia. Demonstrou a luta entre o deus fenício Baal e o Deus de Israel. Elias não foi o primeiro a construir um altar a Deus na montanha. Antes de oferecer seu sacrifício, ele reparou um antigo altar arruinado do Senhor ([1Rs 18.30](#)).

O local tradicional do evento é Qeren ha-Carmelo. Ele tem 481,7 metros de altura e oferece vista para o Vale de Jizreel. O pequeno riacho Quisom, mencionado em [1Rs 18.40](#), atravessa o Vale de Jizreel e contorna o lado norte do monte Carmelo antes de desaguar na Baía de Acre.

11. Uma cidade em Judá ([Js 15.55](#)) identificada com el-Kirmil (Kermel), a 11,3 quilômetros ao sul de Hebrom. O rei Saul ergueu um memorial para sua conquista dos amalequitas lá ([1Sm 15.12](#)).

Carmelo também era a casa de Nabal, um homem rabugento que recusou gentileza a Davi ([1Sm 25.2-14](#)). Após a morte de Nabal, sua bela esposa, Abigail, casou-se com Davi. Carmelo é mencionado como a casa de Hezro, um dos 30 heróis de Davi ([2Sm 23.35](#)).

Carmesim

Uma cor vermelha intensa mencionada na Bíblia.

Veja Cor.

Carmi

12. Um dos filhos de Rúben; ele se juntou ao seu avô Jacó na mudança para o Egito ([Gn 46.9](#); [Êx 6.14](#); [1Cr 5.3](#)). Ele fundou a família dos carmitas ([Nm 26.5-7](#)).
13. Pai de Acã e membro da tribo de Judá ([Js 7.1,18](#); [1Cr 2.7](#); [4.1](#)).

Carmis

Carmis era filho de Melquiel. Ele era um dos três oficiais civis (magistrados) de Betúlia ([Jt 6.14-15](#); [10.6](#)). Quando os assírios atacaram, Carmis e os outros líderes decidiram esperar apenas um curto período para que Deus os resgatasse. Se nada acontecesse, planejavam se render.

Judite os repreendeu severamente. Ela lhes disse para não limitarem Deus ou decidirem como e quando ele agiria ([8.9-27](#)).

Carmita

Um nome para um descendente de Carmi. Carmi foi um dos filhos de Rúben ([Nm 26.6](#)).

Veja Carmi #1.

Carnaim

Cidade localizada ao longo da Estrada Real e de um dos afluentes nordestinos do Rio Yarmuk, a 35,4 quilômetros a leste do Mar da Galileia, no Planalto de Transjordânia. O profeta Amós profetizou contra Carnaim, prevendo sua destruição iminente devido à sua maldade ([Am 6.13](#)).

Foi a principal cidade da região após o declínio de sua cidade irmã, Astarote, e tornou-se o principal centro de uma província assíria no século 7 a.C. Em 163 a.C., foi capturada por Judas Macabeu ([1Mc](#)

[5.26,43-44](#)). As tradições cristã e judaica acreditam que seja a casa de Jó.

Veja também Astarote-Carnaim.

Carnain

Carnain era uma cidade fortificada na região de Gileade. Tornou-se importante após o exílio babilônico. Judas Macabeu atacou e destruiu Carnain ([1Mc 5.26,43-44](#); [2Mc 12.21-23,26](#)). Ele também destruiu o templo na cidade, que era dedicado a Atargatis, uma deusa síria associada aos peixes.

Veja Asterote-Carnain.

Carne

O corpo; o ser físico dos humanos; a pessoa humana e a existência humana; a natureza carnal dos humanos.

No Antigo Testamento

Termo comumente usado para designar a substância material do corpo, seja de pessoas ([Gn 40.19](#)) ou de animais ([Lv 6.27](#)). No entanto, "carne" é usada no AT com uma variedade de significados. Às vezes, é usada como equivalente para o corpo inteiro ([Pv 14.30](#)), e o significado é estendido para designar a pessoa inteira ("minha carne também descansará em esperança", [Sl 16.9](#), ARC). Esta ideia leva à união de duas pessoas diferentes, homem e mulher como "uma só carne" ([Gn 2.24](#)), e um homem pode dizer de seus parentes, "Eu sou osso e carne de vocês" ([Jz 9.2](#)). A ideia de carne como a pessoa inteira leva à expressão "toda carne", denotando a totalidade da humanidade, às vezes incluindo também o mundo animal.

Talvez o uso mais distintivo de "carne" no AT seja encontrado naquelas passagens onde designa a fraqueza e fragilidade humana em oposição a Deus. "Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem, porque ele também é carne" ([Gn 6.3](#), ARC). Em [Salmo 78.39](#), Deus atribui o pecado ao fato de que os homens são apenas carne. Em [2 Crônicas 32.8](#), o braço de carne do rei da Assíria (ou seja, sua fraqueza) é contrastado com o Deus todo-poderoso. Aquele que confia em Deus não precisa temer o que a "carne" pode fazer ([Sl 56.4](#)), mas aquele que confia na carne humana em vez de em Deus está sob uma maldição ([Jr 17.5](#)). Em [Isaías](#)

[31.3](#), carne é contrastada com espírito, assim como fraqueza é com força.

No entanto, em nenhum lugar no AT a carne é vista como pecaminosa. A carne é concebida como sendo criada por Deus do pó da terra ([Gn 2.7](#)), e como criação de Deus, é boa.

No Novo Testamento

Paulo atribui muitas — frequentemente únicas — definições à palavra "carne" (grego sarx).

Carne como a substância do corpo

"Carne" é frequentemente usada para descrever os tecidos que constituem o corpo. Existem diferentes tipos de carne — "de homens", "de animais", "de aves", "de peixes" ([1Co 15.39](#)). Dor e sofrimento podem ser experimentados na carne ([2Co 12.7](#)). A circuncisão é feita na carne ([Rm 2.28](#)). Embora "carne" em tais referências não seja pecaminosa, é corruptível e não pode herdar o reino de Deus ([1Co 15.50](#)). O corpo de Jesus também era um corpo de carne ([Cl 1.22](#)).

Carne como o próprio corpo

Por uma transição natural, a parte é usada para o todo, e em muitos lugares "carne" é sinônimo do corpo como um todo, em vez de designar a parte carnuda do corpo. Paulo pode assim falar tanto de estar ausente no corpo ([1Co 5.3](#)) quanto na carne ([Cl 2.5](#)). Paulo pode dizer que a vida de Jesus pode ser manifestada em nosso corpo ou em nossa carne mortal ([2Co 4.10-11](#)). "Ou não sabeis que o que se ajunta com a meretriz faz-se um corpo com ela? Porque serão, disse, dois numa só carne" ([1Co 6.16](#), ARC).

Carne como pessoa com referência à origem

Seguindo o uso do AT, "carne" foi usado por Paulo para se referir não apenas à substância do corpo ou ao próprio corpo, mas concretamente à pessoa constituída pela carne. Neste uso, a palavra pode se referir ao relacionamento humano da pessoa, à origem física e aos laços naturais que a unem a outros humanos. Paulo fala de seus parentes "segundo a carne", seus companheiros judeus ([Rm 9.3](#)), e até usa "minha carne" ([11.14](#)) como sinônimo para esses parentes. Os "filhos da carne" ([9.8](#)) são aqueles nascidos por geração natural em contraste com aqueles nascidos como resultado de intervenção divina. Cristo era descendente de Davi segundo a carne ([1.3](#)). A frase não designa apenas a fonte de sua vida corporal, mas de toda a sua

existência humana, incluindo tanto seu corpo quanto seu espírito humano.

Carne como existência humana

Outro uso de "carne" simplesmente designa a existência humana. Enquanto uma pessoa vive no corpo, essa pessoa está "na carne". Assim, Paulo pode falar da vida que ele vive "na carne" como vivida pela fé no Filho de Deus ([Gl 2.20](#)). Referindo-se ao ministério terreno de Jesus, Paulo diz que ele aboliu "na carne" a inimizade entre judeu e gentio ([Ef 2.15](#)). Pedro tem o mesmo significado quando fala de Jesus tendo sido morto "na carne" ([1Pe 3.18](#)). Assim também João: "Jesus Cristo veio em carne" ([1Jo 4.2](#)). Este uso é refletido mais notavelmente na declaração joanina "O Verbo se fez carne e habitou entre nós" ([Jo 1.14](#)).

Carne como existência humana em termos de apresentação externa

"Carne" também se estende além dos humanos em sua vida corporal para incluir outros fatores cruciais para a existência humana. Assim, "não confiamos na carne" ([Ep 3.3](#), ARC) não significa confiança no corpo, mas confiança em todo o complexo do reino externo da existência humana. Inclui a ascendência judaica de Paulo, seu rigoroso treinamento religioso, seu zelo e sua proeminência nos círculos religiosos judaicos. A frase "se gloriam segundo a carne" ([2Co 11.18](#), ARC) é traduzida como "se gabam por motivos apenas humanos" na NTLH. Uma boa aparência "na carne" é praticamente sinônimo de proeminência mundana ([Gl 6.11-14](#)). Os judaizantes insistiam na circuncisão para promover um senso de realização orgulhosa na vida religiosa, para que pudessem ter um motivo de glória. Mas essas distinções externas e motivos de glória não atraíam mais Paulo, porque o mundo havia sido crucificado para ele e ele para o mundo.

"Carne" também é usada para descrever relações externas, como ao descrever os laços sociais existentes entre escravo e mestre ([Ef 6.5](#); [Cl 3.22](#); [Fm 1.16](#)). "Na carne" também descreve o âmbito das relações conjugais, que envolve certos problemas complexos ([1Co 7.28](#)).

Este uso ilumina uma declaração de outra forma difícil: "Daqui em diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, ainda que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos assim" ([2Co 5.16](#), ACF). A NTLH traduz corretamente a frase como "com regras humanas". O versículo não significa que Paulo tinha

ouvido e visto Jesus em Jerusalém em algum momento anterior e tinha adquirido algum conhecimento de Cristo “segundo a carne”. “Segundo a carne” modifica o verbo “conhecer”, não o substantivo “Cristo”. Antes de sua conversão, Paulo conhecia todas as pessoas “segundo a carne”; isto é, ele as julgava por padrões mundanos e humanos. Conhecer Cristo “segundo a carne” significa vê-lo apenas com olhos humanos. Como judeu, Paulo sentia que Jesus era um pretense messiânico iludido. Segundo o entendimento judaico, o Messias deveria reinar sobre a terra como um rei davídico, salvar seu povo Israel e punir os odiados gentios. Mas Paulo abandonou essa visão humana falsa e passou a conhecer Cristo como ele realmente é — o Filho de Deus encarnado, o Salvador de todos os que creem. Como cristão, Paulo não mais julgava os outros segundo a carne.

Carne como humanidade caída

Quando Paulo diz que “o que é feito de carne e de sangue não pode ter parte no Reino de Deus” ([1Co 15.50](#)), ele não quer dizer que os humanos não podem herdar o reino de Deus, mas sim que a queda humana não pode; como a próxima cláusula mostra, “e o que é mortal não pode ter a imortalidade”. O corpo fraco, caído e corruptível não pode herdar o reino de Deus; deve haver uma mudança; o “este corpo mortal precisa se vestir com o que é imortal; este corpo que vai morrer precisa se vestir com o que não pode morrer” ([1Co 15.53](#), NTLH). Isso não é a salvação da alma ou do espírito, mas a troca de um tipo de corpo por outro que é adequado ao reino glorioso final de Deus.

Quando Pedro confessou a messianidade de Jesus, Jesus respondeu: “não foi carne e sangue quem te revelou, mas meu Pai, que está nos céus” ([Mt 16.17](#), ARC). O significado deste versículo é óbvio. Este conhecimento da messianidade de Jesus não foi uma dedução humana; só poderia ser alcançado por revelação divina.

Carne como humanidade pecaminosa

Resta um grupo de referências éticas que são distintamente paulinas. A característica mais importante desse uso é que o homem é visto não apenas como caído e fraco diante de Deus, mas como caído e pecador. A carne é contrastada com o espírito humano regenerado pelo Espírito divino, e sem a ajuda do Espírito, não se pode agradar a Deus. A passagem mais vívida é a primeira parte de [Romanos 8](#), onde Paulo contrasta fortemente aqueles que estão “na carne” com aqueles que estão

“no Espírito”. Estar “no Espírito” nesse sentido não significa estar em um estado de êxtase, mas viver a vida naquele reino espiritual que é controlado pelo Espírito de Deus. Aqueles que estão “na carne”, isto é, não regenerados, não podem agradar a Deus. Existem dois reinos contrastantes e mutuamente exclusivos: “na carne” e “no Espírito”. Estar “no Espírito” significa ser habitado pelo Espírito Santo de Deus, ou seja, ser uma pessoa regenerada.

Em [Romanos 7-8](#), Paulo deixa claro que a pessoa não regenerada não pode agradar a Deus amando e servindo-o como Deus requer. Assim, a Lei foi incapaz de tornar a humanidade verdadeiramente justa, porque a carne é fraca ([8.2](#)). Viver segundo a carne é morte; viver segundo o Espírito é vida ([8.6](#)). Em outro lugar, Paulo diz: “Pois eu sei que aquilo que é bom não vive em mim, isto é, na minha natureza humana” (literalmente: “na minha carne”) ([7.18](#)). Carne aqui não pode ser a carne física, pois o corpo de carne é o templo do Espírito ([1Co 6.19](#)) e um membro de Cristo ([6.15](#)) e deve ser o meio de glorificar a Deus ([6.20](#)). Paulo, portanto, quer dizer que em sua natureza não regenerada não habita nenhuma das bondades que Deus exige.

Enquanto Paulo faz um contraste nítido e absoluto entre estar “na carne” (não regenerado) e “no Espírito” (regenerado), quando alguém se torna regenerado e passa a estar “no Espírito”, essa pessoa não está mais na carne, mas a carne ainda está nela. De fato, permanece no crente uma luta entre a carne e o Espírito. Escrevendo para pessoas que estão “no Espírito”, Paulo diz: “Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro; para que não façais o que quereis” ([Gl 5.17](#), ARC). Porque a vida cristã é o campo de batalha desses dois princípios opostos, é impossível ser a pessoa perfeita que se gostaria de ser.

A mesma situação é refletida em [1 Coríntios 2.14-3.3](#), onde Paulo descreve três classes de pessoas: o “homem natural” ([2.14](#), ARC); o “carnal”, ou seja, o homem carnal ([3.1.3](#), ARC); e o “homem espiritual” ([3.1](#), ARC). O “homem natural” é não regenerado. Aqueles que estão “na carne” ([Rm 8.9](#)) dedicaram toda a sua vida ao nível humano e, portanto, são incapazes de conhecer as coisas de Deus. “Homem espiritual” refere-se àqueles cuja vida é governada pelo Espírito de Deus, de modo que os frutos do Espírito ([Gl 5.22-23](#)) são evidentes em sua vida. Entre esses dois, há uma terceira classe — aqueles que são “carnais” mas que são bebês em Cristo. Portanto, devem estar “no Espírito”, mas não andam “segundo o Espírito”. Porque são “bebês em

Cristo”, o Espírito de Deus habita neles, mas o Espírito Santo não tem controle total sobre eles, e ainda andam “como homens” ([1Co 3.3](#)), manifestando as obras da carne em ciúmes e contendas.

Obras da carne

Em [Gálatas 5.19–23](#), Paulo contrasta a vida na carne e a vida no Espírito: “Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas” ([Gl 5.19–21](#), ARC). O importante a notar sobre esta lista é que, enquanto alguns desses são pecados de apetite corporal e sexual, outros são pecados religiosos — idolatria, feitiçaria — e vários são pecados “do espírito”, isto é, da disposição — ódio, discórdias, emulações, ira, contendas. As palavras “dissensões” e “heresias” não se referem a heresias teológicas, mas a um espírito faccioso e divisivo. Isso prova conclusivamente que, para Paulo, a “carne” não é sinônimo de corpo, mas inclui a pessoa inteira, com todas as atitudes e disposições internas.

Vitória sobre a carne

Embora uma luta permaneça no cristão entre o Espírito e a carne, Paulo conhece um caminho de vitória para o Espírito. A carne do corpo está dentro do âmbito da santificação ([1Ts 5.23](#)), mas a carne como a natureza humana não regenerada só pode ser morta.

Isso é chamado de tensão entre o objetivo e o subjetivo. Porque certas coisas aconteceram em Cristo (objetivo), certos resultados inevitáveis devem ocorrer (subjetivo). Na visão de Paulo, a carne já foi colocada à morte na morte de Cristo. Aqueles que pertencem a Cristo já crucificaram a carne com suas paixões e desejos ([Gl 5.24](#)). Paulo diz em outro lugar: “Fui crucificado com Cristo” ([2.20](#)) e “nosso velho eu foi crucificado com ele” ([Rm 6.6](#)). Tais referências deixam claro que “carne” e o “eu” devem ser identificados de alguma forma. Essa identidade é ainda mais apoiada no ensino sobre a crucificação, pois Paulo quer dizer a mesma coisa com a crucificação da carne que ele quer dizer quando diz: “Como viveremos ainda no pecado, nós que para ele morremos? Fomos batizados na sua morte. Fomos sepultados com ele pelo batismo na morte” (v. [1–4](#)). Sou eu mesmo que morri com Cristo.

Esta crucificação e morte da carne não funciona automaticamente. É um evento que deve ser apropriado pela fé. Isso envolve dois aspectos. Primeiro, os crentes devem reconhecer que a carne foi crucificada com Cristo. “Assim também vocês devem se considerar mortos para o pecado; mas, por estarem unidos com Cristo Jesus, devem se considerar vivos para Deus” ([Rm 6.11](#), NTLH). Não se pode considerar o eu morto com Cristo para o pecado a menos que essa pessoa tenha realmente morrido e sido crucificada com Cristo, mas como isso já aconteceu no momento da fé salvadora, pode ser colocado em prática diária. Aqueles que morreram com Cristo devem “mortificardes as obras do corpo” ([8.13](#), ARC). “Corpo” é aqui usado como um veículo para as obras da “carne” — a vida sensual da natureza não regenerada. Aqueles que foram trazidos da morte para a vida devem oferecer seus membros a Deus como instrumentos de justiça ([6.13](#)). Quem morreu com Cristo deve “mortificar” (ARC), isto é, matar o que é terreno — prostituição, impureza, cobiça ([Cl 3.5](#)). Tendo já despido a velha natureza e vestido a nova, o crente deve vestir compaixão, bondade, humildade e semelhantes.

A vitória sobre a carne é às vezes descrita como andar no Espírito. “deixem que o Espírito de Deus dirija a vida de vocês e não obedeçam aos desejos da natureza humana” ([Gl 5.16](#), NTLH; cf. [Rm 8.4](#)). Andar no Espírito significa viver cada momento sob o controle do Espírito Santo.

Veja também Corpo; Pecado.

Carpinteiro

Aquele que trabalhava com madeira, construindo a estrutura das casas, os telhados, janelas e portas. Muitas vezes pequenas estruturas como casas eram construídas pelo proprietário. A construção de templos e palácios exigia trabalhadores qualificados. Para essas estruturas maiores, os carpinteiros trabalhavam ao lado de pedreiros, trabalhadores qualificados que sabiam como cortar e preparar pedras para construir ([2Rs 12.11; 22.6; 1Cr 14.1; 22.15; 2Cr 24.12; 34.11; Ed 3.7](#)). A carpintaria é raramente mencionada no Novo Testamento, embora fosse a profissão de Jesus e seu pai José ([Mt 13.55; Mc 6.3](#)).

Carpo

Um homem com quem o apóstolo Paulo deixou seu manto na cidade de Trôade, na Ásia Menor. Paulo instruiu seu discípulo Timóteo a trazer o manto quando o visitasse na prisão ([2Tm 4.13](#)). É possível que Carpo tenha sido um dos convertidos de Paulo. Segundo a tradição, Carpo tornou-se o bispo de Beirute, na Trácia.

Carquemis

Cidade antiga que controlava um importante vau na margem oeste do alto Rio Eufrates, cerca de 104 quilômetros a nordeste de Alepo. Hoje, parte da ruína está localizada na Turquia e parte na Síria. O significado do nome é incerto, embora descobertas recentes em Ebla sugiram “cidade de Quemis” (deus moabita).

Uma rota comercial norte-sul (aproximadamente seguindo o rio) e uma rota leste-oeste (conectando Nínive com o Mar Mediterrâneo) passavam por Carquemis. Achados de cerâmica indicam que o local foi ocupado em tempos pré-históricos. A referência mais antiga a ele está nas tábuas de Ebla (c. 2400 a.C.). Como Carquemis está a cerca de 120,7 quilômetros a oeste de Harã, Abraão provavelmente passou por Carquemis em seu caminho para Canaã.

No início de sua história, Carquemis foi aliada primeiro de Mari e depois de Alepo. Em 1355 a.C., caiu nas mãos dos hititas, tornou-se uma capital regional do leste de Hatti e adotou a cultura e a língua hitita. Após vários séculos de tentativas malsucedidas de incorporar Carquemis ao seu império, os assírios sob Sargão II finalmente conquistaram a cidade em 717 a.C. ([Is 10.9](#)) e a transformaram em sua fortaleza noroeste. Quando o reino neobabilônico de Nabucodonosor sucedeu o Império Assírio, Carquemis foi a última cidade a cair (605 a.C.). Os assírios foram auxiliados em sua defesa pelo Faraó Neco II do Egito ([2Cr 35.20](#); [Jr 46.2](#)). Depois disso, a cidade perdeu importância.

Escavações arqueológicas revelam que a cidade apresentava características tanto da arquitetura hitita quanto da assíria. Ela possuía uma muralha

de casamata no topo de aterros inclinados para dificultar os atacantes. Dentro da cidade, no ponto mais alto, havia uma cidadela cercada por sua própria muralha, além de um palácio com seu próprio templo e uma escadaria monumental.

Carruagem

Uma carruagem é um veículo antigo de duas rodas puxado por animais, geralmente cavalos. Carruagens eram usadas em batalhas. Eles também serviam como meio de transporte para pessoas de alta posição ou riqueza, e para caça.

Veja Viagem; Guerra.

Carsena

Um dos sete príncipes sábios da Pérsia e Média, a quem o Rei Xerxes (também chamado Assuero) pediu conselho jurídico ([Et 1.14](#)).

Cartá

Cidade levítica no território de Zebulom. A lista de cidades atribuídas ao clã Merarita dos levitas em [Josué 21.34](#) menciona Cartá, mas a passagem paralela em [1 Crônicas 6.77](#) (no hebraico) não a menciona.

Cartã

Cidade levítica atribuída aos gersonitas da tribo de Naftali ([Js 21.32](#)). É chamada de Quiriataim em [1 Crônicas 6.76](#). *Veja* Quiriataim #2; Cidades levíticas.

Carta aos Gálatas

A carta de Paulo aos Gálatas é uma das mais importantes do Novo Testamento. Ela nos ensina muito sobre a personalidade e os ensinamentos de Paulo. Muitas pessoas a consideram a mensagem fundamental da liberdade cristã.

Resumo

- Quem escreveu a carta aos Gálatas?

- Para onde foi enviada a carta aos Gálatas? Quem eram os destinatários?
- Por que a carta aos Gálatas foi escrita? O que ela ensina sobre Deus?
- Qual é a mensagem da carta aos Gálatas?

Quem escreveu a carta aos Gálatas?

O apóstolo Paulo escreveu esta carta ([Gl 1.1](#)). Ele compartilha alguns detalhes importantes sobre sua vida antes de se tornar seguidor de Jesus. Ele descreve sua vida passada como um judeu devoto ([Gl 1.13](#)).

O forte pano de fundo judaico de Paulo é importante para entender o que ele escreve nesta carta. Ele era tão comprometido com sua fé judaica que atacava ativamente a igreja cristã primitiva. Ele conta isso aos gálatas porque suas tradições judaicas eram muito importantes para ele. Ele acreditava que combater a igreja era a coisa certa a fazer.

A profunda devoção de Paulo ao Judaísmo torna sua conversão ao Cristianismo ainda mais notável. Ele acreditava que Deus lhe havia concedido uma mensagem especial (uma revelação) que lhe conferia a autoridade para escrever esta carta.

Nesta carta, Paulo fala sobre duas etapas importantes de como ele se tornou cristão. Primeiro, ele percebeu que Deus tinha um plano para sua vida mesmo antes de ele nascer ([Gl 1.15](#)). Embora Paulo não explique isso em detalhes, ele frequentemente falava sobre a bondade de Deus. Ele não acreditava mais que precisava ganhar a aprovação de Deus através de suas próprias boas obras.

A segunda parte importante foi entender que Deus o havia escolhido para ser um pregador ao mesmo tempo em que ele se tornou cristão. Quando Paulo pregou aos Gálatas, ele o fez com a autoridade de Deus porque sabia que Deus lhe havia dado essa tarefa. Os líderes da igreja (os apóstolos e anciãos) não decidiram que Paulo deveria pregar as boas-novas sobre Jesus. Esse era o plano de Deus.

Paulo também tinha certeza de que sua mensagem vinha de Deus, não dele mesmo. Ele havia recebido essa mensagem diretamente de Jesus Cristo ([Gl 1.12](#)).

Paulo teve grande cuidado em mostrar que Deus o havia escolhido como mensageiro ([Gl 1.1](#)). Ele sabia que Deus o havia chamado não apenas para pregar, mas também para ser um apóstolo (ou

mensageiro) com a mesma autoridade que os seguidores de Jesus em Jerusalém. Pode parecer que ele está se defendendo, mas isso foi por causa de problemas específicos entre os Gálatas que o fizeram escrever esta carta.

Nesta carta, Paulo compartilha algo sobre sua vida que ele não menciona em nenhum outro lugar. Após se tornar cristão, ele foi para um lugar chamado Arábia ([Gl 1.17](#)). Paulo não nos diz o que fez lá, mas provavelmente passou um tempo refletindo profundamente sobre suas novas crenças.

O livro de Atos nos conta que quando Paulo retornou à cidade de Damasco, ele demonstrou vigorosamente às pessoas que Jesus era o Messias, o líder escolhido por Deus ([At 9.22](#)). Paulo também menciona que viajou pelas regiões da Síria e Cilícia ([Gl 1.21](#)). Isso aconteceu antes de sua primeira viagem como missionário.

Para onde foi enviada a carta aos Gálatas? Quando foi escrita?

Antes de descobirmos quando esta carta foi escrita, precisamos entender para onde Paulo a enviou.

Para onde foi enviada a carta aos Gálatas?

Paulo escreveu sua carta aos Gálatas, mas os estudiosos debatem exatamente onde essas pessoas viviam, pois a palavra "Galácia" era usada de duas maneiras diferentes.

De uma forma, Galácia referia-se a uma grande área chamada província. Esta província se estendia de uma região chamada Panfília, no sul, até um lugar chamado Ponto, perto da costa norte. De outra forma, "Galácia" referia-se apenas à parte norte desta área, onde pessoas de um lugar chamado Gália se estabeleceram há muito tempo. Esses colonos deram seu nome à região.

Então, quando Paulo usa a palavra "Galácia," isso pode significar apenas a região norte ou toda a província. Os estudiosos têm duas principais interpretações sobre isso:

14. A Teoria da Galácia do Norte: sugere que Paulo estava escrevendo para igrejas na região norte.

- 15.** A Teoria da Galácia do Sul: sugere que Paulo estava escrevendo para igrejas que ele fundou no sul da Galácia durante sua primeira viagem missionária.

Isso pode parecer um pequeno detalhe, mas na verdade é importante. Saber para onde Paulo enviou sua carta nos ajuda a entender quando e por que ele a escreveu.

Até o início do século 20, acreditava-se que Paulo estava escrevendo para pessoas que viviam no norte da Galácia. Isso fazia sentido por várias razões. A área do norte havia sido chamada de Galácia por muito tempo. O nome veio de pessoas chamadas Gálatas que viviam lá. Somente muito mais tarde, em 25 a.C., os romanos transformaram uma área maior em uma província e também a chamaram de Galácia.

Muitos estudiosos acreditam que as pessoas que viviam na parte sul da província provavelmente não gostariam de ser chamadas de "Gálatas". Naquela época, quando as pessoas ouviam o nome "Gálatas", geralmente pensavam nas pessoas que viviam no norte.

Lucas, que escreveu o livro de Atos, geralmente descrevia os lugares por suas regiões geográficas em vez de suas áreas políticas. Por exemplo, ele chama as cidades de Listra e Derbe de parte da Licaônia, não parte da Galácia.

Por causa desse padrão, quando Lucas menciona Frígia e Galácia em [Atos 16.6](#) e [18.23](#), ele provavelmente quer dizer que Paulo viajou pela área norte. Essa região norte tinha três principais cidades: Ancira, Távio e Pesino. Isso sugere que Paulo provavelmente fundou igrejas nessas cidades do norte.

No entanto, alguns estudiosos discordam da visão da Galácia do Norte. Eles apontam que, enquanto Lucas descreve lugares por suas regiões, Paulo geralmente usa nomes de províncias romanas oficiais ao falar sobre grupos de igrejas. Por exemplo, Paulo se refere:

- As "igrejas de Cristo na Judeia" ([Gl 1.22](#));
- As "igrejas da Ásia" ([1Co 16.19](#)); e
- Ele também menciona os crentes na Macedônia e Acaia várias vezes (e.g., [2Co 8.1; 9.2; 1Ts 4.10; 1Co 16.15; 2Co 1.1](#); assim como [Rm 15.26; 2Co 9.2; 1Ts 1.7](#)).

Como este parece ser o modo usual de escrita de Paulo, esses estudiosos acreditam que sua carta aos Gálatas foi destinada a todas as igrejas na província romana da Galácia, não apenas àquelas na região norte.

As pessoas que apoiam a visão da Galácia do Sul têm dois argumentos principais. Primeiro, afirmam que as pessoas no sul da Galácia não se importariam de serem chamadas de gálatas porque não havia outro nome para chamá-las.

Em segundo lugar, eles destacam algo que Paulo escreveu em sua carta. Ele menciona que pregou pela primeira vez aos gálatas quando estava doente ([Gl 4.13](#)). Olhar para um mapa revela que isso é uma pista importante. A estrada para o norte da Galácia passava por montanhas e teria sido muito difícil para alguém doente. Mas a jornada para o sul da Galácia teria sido muito mais curta e fácil. Isso sugere que Paulo provavelmente foi para o sul em vez de para o norte quando estava doente.

Existem mais duas razões que apoiam a Teoria da Galácia do Sul. Primeiro, [Atos 20.4](#) lista pessoas que viajaram com Paulo para Jerusalém. Muitos estudiosos acreditam que essas pessoas foram escolhidas por suas igrejas para ajudar a entregar dinheiro às igrejas pobres na Judeia. A lista inclui Gaio e Timóteo, que eram do sul da Galácia, mas ninguém do norte da Galácia. No entanto, esse argumento seria mais forte se Atos mencionasse especificamente essa coleta de dinheiro.

Em segundo lugar, Paulo menciona um homem chamado Barnabé três vezes em sua carta ([Gl 2.1,9,13](#)). Isso sugere que os gálatas sabiam quem era Barnabé. De acordo com o livro de Atos, Barnabé viajou com Paulo apenas durante sua primeira viagem missionária, que passou pelo sul da Galácia.

Embora ambos os pontos de vista apresentem bons argumentos, as evidências parecem apoiar mais fortemente a Teoria da Galácia do Sul do que a Teoria da Galácia do Norte.

Quando a carta aos Gálatas foi escrita?

De acordo com a Teoria da Galácia do Norte, Paulo escreveu esta carta por volta do ano 56 d.C., durante sua terceira viagem missionária. Isso ocorreu após os eventos descritos em [Atos 18.23](#). Ele pode tê-la escrito enquanto estava na cidade de Éfeso ou logo após sair de lá.

A Teoria da Galácia do Sul nos oferece diferentes possibilidades sobre quando Paulo escreveu a carta. Ele poderia tê-la escrito a qualquer momento após sua primeira viagem missionária, quando iniciou igrejas no sul da Galácia. Isso inclui o período durante sua terceira viagem.

No entanto, há indícios na carta que sugerem que ela pode ter sido escrita muito antes. Na verdade, esta pode ser uma das primeiras cartas que Paulo escreveu.

É difícil determinar quando Paulo escreveu esta carta devido às diferenças entre o que Paulo diz e o que o livro de Atos relata sobre as visitas a Jerusalém. Em [Gálatas 1-2](#), Paulo menciona duas visitas a Jerusalém ([1.18](#); [2.1](#)). Mas Atos fala sobre três visitas ([At 9.26](#); [11.29-30](#); [15.2](#)).

Muitas pessoas acreditam que a segunda visita de Paulo ([Gl 2.1](#)) foi a mesma visita descrita em [Atos 15](#). Isso significaria que Paulo estava fornecendo seu próprio relato do que ocorreu em uma reunião importante chamada Concílio de Jerusalém. Existem várias razões para apoiar essa ideia:

- Ambas as narrativas mencionam Barnabé;
- Ambos discutem se os crentes não-judeus (gentios) precisavam ser circuncidados; e
- Ambos mostram Paulo e Barnabé relatando aos líderes em Jerusalém.

No entanto, há alguns problemas com essa visão:

- As palavras de Paulo em [Gálatas 2.1](#) sugerem que esta foi sua segunda visita a Jerusalém, mas em [Atos 15](#) foi sua terceira visita. Alguns explicam isso dizendo que durante sua segunda visita ([At 11.30](#)), Paulo e Barnabé apenas entregaram dinheiro aos anciãos da igreja e não se encontraram com os apóstolos;
- Em [Gálatas 2](#), Paulo apenas menciona seu encontro com três líderes principais em Jerusalém. Ele não fala sobre uma reunião com toda a igreja, como [Atos 15](#) descreve. Alguns sugerem que Paulo e Barnabé podem ter tido uma reunião privada com esses líderes antes da reunião maior da igreja em 50 d.C.;
- Paulo não menciona as regras que a igreja de Jerusalém fez para os crentes não-judeus ([At 15.20](#)). Em vez disso, ele apenas menciona o acordo deles para ajudar os pobres ([Gl 2.10](#)); e
- Paulo escreve sobre sua discussão com Pedro a respeito da comunhão entre crentes judeus e não judeus ([Gl 2.11-14](#)) após descrever seu acordo em Jerusalém. Isso é intrigante porque mostra Pedro agindo contra o que eles haviam concordado. Talvez Pedro tenha concordado que os não judeus não precisavam ser circuncidados, mas estava inseguro sobre comer com eles.

Alguns estudiosos têm uma ideia diferente sobre o que aconteceu. Eles acreditam que quando Paulo e Barnabé trouxeram dinheiro para Jerusalém, também tiveram reuniões privadas com os principais apóstolos. Isso pode ter ocorrido durante o período descrito em [Atos 11.29-30](#).

Nessa época, havia uma forte oposição aos apóstolos. [Atos 12](#) relata que Tiago foi morto e Pedro foi preso. Isso pode explicar por que Paulo e Barnabé se reuniram com os líderes em particular, em vez de com toda a igreja.

Esta explicação nos ajuda a compreender duas coisas:

16. Paulo não menciona a decisão da igreja porque essa reunião ocorreu antes da grande reunião em Jerusalém (conhecida como o Concílio de Jerusalém) e
17. Mais tarde, Pedro agiu de forma diferente em Antioquia ao se misturar com crentes não judeus, porque toda a igreja ainda não havia discutido e decidido o que fazer sobre essa questão.

Se essa visão estiver correta, Paulo pode ter escrito sua carta aos Gálatas antes de 50 d.C., tornando-a sua carta mais antiga.

No entanto, existem três problemas com essa ideia:

- Quando [At 11.30](#) fala sobre a visita de Paulo e Barnabé a Jerusalém, não menciona nenhum encontro com os apóstolos.
- Paulo diz que ele e Barnabé levaram um homem chamado Tito com eles ([Gl 2.1](#)), mas Atos não menciona Tito de forma alguma durante esta visita.
- Paulo fala sobre pregar para pessoas não judias ([Gl 2.2](#)). Isso sugere que ele escreveu a carta após sua primeira viagem como missionário. A única maneira de isso ter ocorrido mais cedo é se ele estivesse falando sobre seu trabalho em Antioquia, onde tanto crentes judeus quanto não judeus adoravam juntos.

É difícil saber qual visão está correta. Quando Paulo menciona esperar 14 anos ([Gl 2.1](#)), isso sugere que ele escreveu a carta mais tarde. Mas, ao compararmos o que Paulo escreve nesta carta com o que foi decidido no Concílio de Jerusalém em 50 d.C., parece que ele pode tê-la escrito mais cedo.

Por que a carta aos Gálatas foi escrita? O que ela ensina sobre Deus?

As igrejas na Galácia estavam enfrentando sérios problemas. Um grupo de pessoas estava causando dificuldades ao afirmar que os crentes não judeus precisavam ser circuncidados (passar por uma cerimônia religiosa judaica) para serem salvos. Esses causadores de problemas eram cristãos judeus (chamados de judaizantes) que acreditavam

que as pessoas não judias só poderiam ser salvas se seguissem os costumes judaicos.

Essas mesmas pessoas também estavam atacando a autoridade de Paulo como apóstolo de Jesus. Elas afirmavam que os apóstolos em Jerusalém eram mais importantes do que Paulo e apoiavam suas opiniões. Por isso, Paulo levou a situação tão a sério. Elas estavam desafiando a mensagem básica sobre Jesus (o Evangelho) que ele havia ensinado. Sua carta mostra o quanto ele estava preocupado com esse problema.

Como interpretamos esta carta depende de quando Paulo a escreveu. Se Paulo escreveu a carta antes do Concílio de Jerusalém, a igreja ainda não havia decidido o que fazer sobre a circuncisão ([At 15](#)). Isso significaria que o problema na Galácia foi o primeiro grande debate sobre essa questão.

No entanto, se Paulo tivesse escrito a carta após o Concílio de Jerusalém, as igrejas do sul da Galácia já teriam recebido as decisões do concílio ([At 16.4](#)). Mas elas ainda ouviam os cristãos judeus que tinham regras mais rígidas do que aquelas decididas pelos apóstolos em Jerusalém. Se ele estava escrevendo para igrejas no norte da Galácia, não sabemos se elas tinham ouvido falar sobre a decisão da igreja.

Paulo escreveu esta carta com dois objetivos principais:

18. Para demonstrar que ele era um verdadeiro apóstolo de Jesus com autoridade legítima e
19. Para defender sua mensagem sobre Jesus como a verdadeira mensagem (o Evangelho).

Em sua carta, Paulo ensina algumas ideias importantes sobre Deus. Sua principal mensagem adverte contra o pensamento de que as pessoas devem seguir regras religiosas rígidas para serem salvas (chamado legalismo). Isso não era apenas um problema para as igrejas da Galácia, mas é relevante em qualquer lugar onde as pessoas acreditam que precisam seguir certas regras para serem aceitas por Deus.

Paulo explicou por que esse pensamento estava errado. Se as pessoas não-judias tivessem que ser circuncidadas para se tornarem cristãs, isso significaria dois problemas:

20. Isso tornaria uma cerimônia física necessária para a salvação e

21. Isso obrigaria as pessoas a seguirem todas as leis judaicas.

Paulo ensinou que as pessoas são justificadas diante de Deus pela fé, e não por seguir regras religiosas. Ao longo de sua carta, ele enfatiza que a salvação vem pela graça de Deus, e não pelo esforço humano.

Embora Paulo argumentasse contra seguir regras religiosas para alcançar a salvação, ele não afirmou que as pessoas poderiam agir conforme desejassem. Ele ensinou que existe um caminho intermediário entre seguir regras estritas e não ter diretrizes.

Jesus dá liberdade aos crentes, mas Paulo adverte que essa liberdade não deve ser usada como desculpa para fazer coisas erradas ([Gl 5.13](#)). Na verdade, Paulo estabelece padrões muito elevados para como os cristãos devem viver. Ele usa a si mesmo como exemplo, dizendo que seu antigo eu morreu (ele foi "crucificado com Cristo") e agora vive para Cristo ([Gl 2.20](#)).

Portanto, esta carta ensina duas coisas importantes:

22. Como os cristãos podem ser realmente livres e
23. Como os cristãos devem usar essa liberdade para viver bem

Qual é a mensagem da carta aos Gálatas?

Introdução ([1.1-5](#))

Paulo inicia esta carta de maneira diferente das suas outras. Normalmente, ele começa suas cartas agradecendo a Deus e fazendo uma breve saudação. No entanto, nesta carta, ele omite o agradecimento e faz uma saudação mais longa. Desde o início, ele enfatiza fortemente que Deus o escolheu para ser seu apóstolo. (Um apóstolo é alguém escolhido e enviado por Jesus para ser seu mensageiro e representante especial).

Os oponentes ([1.6-10](#))

Paulo está surpreso que os gálatas tão rapidamente começaram a ouvir pessoas que estão distorcendo o evangelho (as boas-novas sobre Jesus). Ele adverte fortemente contra qualquer um que ensine uma mensagem diferente.

Uma defesa de seu apostolado ([1.11-2.14](#))

Paulo defende sua posição em várias etapas:

24. Ele explica que seu ensino vem diretamente de Deus, não de qualquer pessoa. Isso revela duas coisas importantes:
 - Deus o escolheu para ser apóstolo e
 - Deus aprovou a sua mensagem sobre Jesus.
25. Paulo quer deixar claro que sua autoridade não depende de outras pessoas. No entanto, ele também demonstra que ensina as mesmas coisas que os outros apóstolos ([Gl 1.11-12](#)).
26. Então, Paulo fala sobre como sua vida mudou. Ele descreve como passou de uma pessoa muito devota ao Judaísmo para alguém que prega as boas-novas sobre Jesus. Isso ajuda a mostrar que foi Deus quem o chamou para este trabalho ([Gl 1.13-17](#)).

Paulo então descreve duas reuniões importantes que teve com os apóstolos em Jerusalém. Nessas reuniões, eles o acolheram como um colega apóstolo, mostrando que todos estavam de acordo entre si.

Eles elaboraram um plano juntos:

- Paulo ensinaria os gentios sobre Jesus;
- Pedro ensinaria o povo judeu;
- Todos concordaram que Paulo era um verdadeiro apóstolo de Jesus; e
- Todos eles prometeram ajudar os pobres, já que os cristãos são responsáveis por fazer isso ([1.18-2.10](#)).

Paulo dá um exemplo real para mostrar sua autoridade como apóstolo. Ele conta sobre uma ocasião em que corrigiu publicamente Pedro. Pedro havia mudado seu comportamento porque estava com medo de algumas pessoas que vieram de Tiago em Jerusalém. Essas pessoas pertenciam a um grupo que insistia em seguir os costumes

judaicos (chamado "o grupo da circuncisão"). Quando Paulo desafiou Pedro sobre isso, isso levou aos principais ensinamentos de sua carta ([Gl 2.11-14](#)).

Uma defesa do evangelho ([2.15-4.31](#))

Paulo introduz a questão da justificação pelas obras da lei e mostra como ela é diferente da justificação pela fé. Paulo diz que as pessoas devem escolher entre Jesus (ser justificado com Deus pela fé) e a lei (ser justificado pelas obras da lei; [Gl 2.15-21](#)).

Paulo quer mostrar que a fé em Jesus é superior a seguir as leis judaicas para alcançar a salvação. Ele lembra aos gálatas que eles se tornaram cristãos através do Espírito de Deus, e não por seguir regras. Ele está confuso sobre por que agora eles querem voltar a seguir estritamente a lei, que ele diz ser fruto do esforço humano (a "carne") em vez do Espírito de Deus ([Gl 3.1-5](#)).

Paulo então fala sobre Abraão. Ele menciona Abraão porque seus oponentes estavam afirmando que apenas as pessoas descendentes de Abraão poderiam ser salvas e que a circuncisão era o sinal necessário de pertencimento à família da aliança de Deus.

Mas Paulo explica algo importante. Até mesmo Abraão foi justificado diante de Deus pela fé, não por seguir a lei ([Gl 3.6-9](#)).

Paulo explica que seguir a lei só pode trazer uma maldição porque ninguém pode obedecê-la perfeitamente. Então, ele ensina como Jesus se tornou uma maldição por nós. Por causa disso, Paulo diz que através de Jesus podemos receber as bênçãos que Deus prometeu a Abraão ([Gl 3.10-14](#)).

Paulo sabe que algumas pessoas podem argumentar contra seu ensinamento sobre Abraão. Elas podem dizer que ele não deveria usar a promessa de Deus a Abraão para argumentar contra a observância da lei. Mas Paulo explica que Deus fez essa promessa a Abraão 400 anos antes de dar a lei. Portanto, a lei posterior não pode cancelar a promessa anterior de Deus ([Gl 3.15-18](#)).

Em seguida, Paulo explica por que Deus deu a lei inicialmente. Ele afirma que a lei tinha dois propósitos importantes:

27. Para mostrar às pessoas que elas precisavam da ajuda de Deus e

28. Para demonstrar que seguir a lei por si só não pode proporcionar vida espiritual.

Paulo compara a lei a um guardião (ou tutor) que cuida de uma criança. Nos tempos antigos, famílias ricas tinham alguém para vigiar seus filhos até que fossem suficientemente velhos para serem independentes. Paulo usa este exemplo para explicar como a lei funcionava antes de Jesus vir ([Gl 3.19-29](#)).

Paulo compara duas situações diferentes:

29. Ser como uma criança sob a supervisão de um guardião e
30. Ser como uma criança crescida com todos os direitos na família.

Ele explica que o Espírito de Deus ajuda os crentes a terem um relacionamento próximo com Deus, permitindo que eles O chamem de "Abba" (que significa "Pai" em aramaico). Esse tipo de relacionamento próximo não era possível apenas seguindo a lei ([Gl 4.1-7](#)).

Após apresentar seus principais pontos, Paulo faz um apelo pessoal aos Gálatas. Primeiro, ele os lembra de seu passado:

- Antes de se tornarem cristãos, eles eram como escravos da Lei.
- Agora eles estão retornando ao mesmo tipo de escravidão ao tentar seguir os festivais religiosos judaicos. Paulo está muito triste com essa mudança.

Então, ele os lembra sobre o relacionamento deles:

- Quando se tornaram cristãos pela primeira vez, amavam e respeitavam Paulo.
- Agora a atitude deles em relação a ele mudou. Isso perturba profundamente Paulo ([Gl 4.8-20](#)).

Finalmente, Paulo utiliza uma história da Bíblia para tornar seu ponto mais claro. Ele menciona os dois filhos de Abraão, Isaque e Ismael. Ele usa a história deles como exemplo para demonstrar a diferença entre:

- Isaque, cuja mãe era Sara, uma mulher livre (Paulo o usa como exemplo de filhos livres de Deus).
- Ismael, cuja mãe era Hagar, uma escrava (Paulo o usa como exemplo de sermos escravos da lei)

Este exemplo apoia o que Paulo tem dito sobre liberdade versus escravidão às regras ([Gl 4.21-31](#)).

Conselhos práticos ([5.1-6.10](#))

Após explicar seus principais ensinamentos, Paulo instrui os Gálatas sobre como devem viver como pessoas livres em Cristo:

- Não abdique da liberdade concordando em ser circuncidado e seguir as leis judaicas ([Gl 5.1-6](#)).
- Tenha cuidado com pessoas que estão ensinando coisas erradas ([Gl 5.7-12](#)).
- Substitua a obediência estrita às regras pelo amor. O Espírito de Deus ajuda as pessoas a evitar fazer coisas erradas e a desenvolver boas qualidades em suas vidas ([Gl 5.13-26](#)).
- Viva com cuidado pelos outros. Ajude as pessoas que estão enfrentando problemas. Seja especialmente prestativo com outros cristãos. Procure maneiras de fazer o bem a todos ([Gl 6.1-10](#)).

Conclusão ([6.11-18](#))

Paulo escreve a parte final da carta pessoalmente. Ele faz um último contraste entre:

- Seu foco em se orgulhar apenas da morte de Jesus na cruz ("gloriar-se na cruz")
- O foco dos seus oponentes em se orgulhar de seguir a lei e as cerimônias religiosas ("vangloriar-se na carne")

Ao contrário de suas outras cartas, Paulo não termina com saudações. Em vez disso, ele simplesmente pede que ninguém o incomode mais sobre esses assuntos.

Veja também Galácia; Judaizantes; LEI, Conceito bíblico de; Paulo, O apóstolo.

Carta aos Romanos

O sexto livro do Novo Testamento é a carta mais longa do apóstolo Paulo na Bíblia.

Resumo

- Quem escreveu a Carta aos Romanos?
- Quando e onde a Carta aos Romanos foi escrita? Para quem foi destinada?
- Qual é o contexto da Carta?
- Quem eram as pessoas que receberam a Carta?
- Por que a Carta aos Romanos foi escrita?
- O que a Carta aos Romanos ensina sobre Deus?
- Qual é a mensagem da Carta aos Romanos?

Quem escreveu a Carta?

O apóstolo Paulo escreveu esta carta, o que se evidencia ao longo dela o uso recorrente da forma de primeira pessoa e o uso inclusivo do plural ([Rm 1.5.10](#) e outros versículos). A carta começa com "Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo". Embora Paulo tenha falado as palavras, um homem chamado Tércio as escreveu ([16.22](#)). Estudiosos de todos os pontos de vista concordam que Paulo escreveu esta carta. De fato, Romanos aparece primeiro em quase todas as listas antigas das cartas de Paulo.

Para quem a Carta foi escrita? De onde a Carta foi escrita?

Paulo enviou esta carta aos cristãos em Roma ([Rm 1.7](#)). Ele a escreveu enquanto estava na cidade de Corinto. Sabemos disso porque ele menciona Erasto, que era o tesoureiro da cidade de Corinto ([16.23](#)). Há uma inscrição (uma escrita esculpida no pavimento de pedra) ao lado do grande teatro em Corinto. A inscrição afirma que Erasto, o tesoureiro da cidade, a colocou lá em agradecimento por sua eleição. Parece que Erasto

permaneceu em Corinto porque era sua casa ([2Tm 4.20](#)).

Além disso, quando Paulo escreveu esta carta, ele estava hospedado com um homem chamado Gaio ([Rm 16.23](#)). Este era provavelmente o mesmo Gaio que vivia em Corinto ([1Co 1.14](#)). Uma mulher chamada Febe provavelmente levou a carta para Roma. Ela era uma diaconisa que servia na igreja em Cencreia, que era o porto oriental de Corinto ([Rm 16.1](#)).

Quando a Carta foi escrita?

Podemos determinar quando Paulo escreveu esta carta examinando o que ele diz nela, como referências a pessoas, eventos e suas viagens. Em [Romanos 15.23-28](#), Paulo indica que estava prestes a visitar Jerusalém. Ele estava levando dinheiro que as igrejas na Macedônia e Acaia haviam coletado para os cristãos pobres lá. Depois disso, ele planejava visitar Roma a caminho da Espanha ([15.23-28](#)). Ele levou esse dinheiro com ele de Corinto no final de sua terceira visita de três meses a essa cidade ([At 20.2,23; 24.17](#)).

Algumas pessoas viajaram com Paulo de Corinto nessa época. O livro de Atos lista seus nomes ([20.4](#)). Quatro dessas pessoas estavam com Paulo quando ele escreveu esta carta: Timóteo, Sosípatro, Gaio e Erasto ([Rm 16.21,23](#)). Paulo visitou Jerusalém por volta de 57-58 d.C. Assim, Paulo escreveu esta carta por volta dessa mesma época.

Qual é o contexto da Carta?

Durante sua segunda viagem missionária, Paulo visitou Corinto e iniciou uma igreja lá. Ele permaneceu na cidade por 18 meses ([At 18.1,11](#)). Ele chegou ao mesmo tempo que Priscila e Áquila, que tinham vindo recentemente de Roma. Depois que Paulo esteve em Corinto por 18 meses, ele foi levado perante o novo procônsul (governador) Gálio ([At 18.12](#)). Sabemos quando isso aconteceu porque arqueólogos encontraram uma inscrição sobre Gálio em Delfos que mostra que ele se tornou governador na primavera de 51 d.C. Isso significa que Paulo deve ter chegado em Corinto no inverno de 49 d.C.

Depois de deixar Corinto, Paulo voltou para Antioquia a fim de relatar sobre seu trabalho. Em seguida, ele iniciou sua jornada final para coletar dinheiro das igrejas não judaicas (gentias) para os pobres em Jerusalém ([Rm 15.25-29](#)). Ele havia planejado essa coleta anteriormente ([1Co 16.1; 2Co 9.5](#)). Paulo teve que retornar a Corinto por

causa de problemas contínuos lá ([1Co 1.11; 7.1; At 20.3](#)). Foi quando ele escreveu a carta aos Romanos. Os dois últimos capítulos mostram que Paulo planejava levar o dinheiro para Jerusalém em breve e, em seguida, viajar para Roma ([Rm 15.23-24](#)).

Ele escreveu esta carta para informar aos romanos que estava vindo, para que pudessem ajudá-lo a continuar sua jornada até a Espanha ([Rm 15.24,28](#)). Ao contrário da maioria das outras igrejas, Paulo não fundou as igrejas em Roma ou Colossos. É por isso que sua carta não menciona problemas específicos entre os cristãos romanos.

Quem eram as pessoas que receberam a Carta?

A igreja em Roma tinha tanto cristãos judeus quanto não judeus. A igreja provavelmente começou quando alguns crentes judeus que estavam em Jerusalém no Dia de Pentecostes se tornaram cristãos ([At 2.10](#)). Eles estavam entre as 3.000 pessoas que acreditaram em Jesus naquele dia. Alguns desses novos crentes provavelmente levaram as boas-novas sobre Jesus de volta para Roma. Alguns dos cristãos que Paulo saúda em sua carta podem ter seguido Jesus por muitos anos. Eles podem ter estado entre as primeiras pessoas a se tornarem cristãos. Até a chegada de Paulo, a igreja romana provavelmente cresceu através de seus próprios membros compartilhando sua fé, com ajuda ocasional de mestres visitantes.

As boas-novas sobre Jesus claramente se espalharam para os gentios, já que havia crentes não judeus na igreja romana. Podemos ver isso pelo que Paulo diz ao longo de sua carta. De fato, Paulo escreve para eles como se a maioria dos membros da igreja fosse gentia ([Rm 1.13,15; 15.15-16](#)). Muitos desses membros não judeus eram provavelmente pessoas "tementes a Deus" não judias que seguiam práticas religiosas judaicas, mas não haviam se convertido totalmente ao Judaísmo (como Cornélio em [At 10.2](#)).

Por que a Carta foi escrita?

Esta é a carta mais detalhada e apaixonada de Paulo. Ela se apresenta tanto como um documento de ensino cuidadoso quanto como uma carta pessoal e sincera. A mensagem principal ao longo é que tanto judeus quanto gentios falharam em viver de acordo com os padrões de Deus e precisam ser salvos ([Rm 3.21-31](#)). Deus mostrou seu modo de tornar as pessoas justas com ele para todos — não apenas para o povo judeu. Isso porque Deus é o

Deus de todas as pessoas, já que há apenas um Deus ([3.29](#)). Ele torna o povo judeu justo consigo mesmo através da morte de Jesus na cruz. Ele faz o mesmo para os não judeus, mantendo sua promessa a Abraão (v. [30](#)). Ambos os grupos podem receber a bênção de Deus através de sua fé ([5.2](#)). Estas boas-novas são para o povo judeu primeiro, e também para os gregos (que Paulo usa para significar todas as pessoas não judias; [1.16](#)).

O que a Carta ensina sobre Deus?

Uma vez que uma pessoa acredita em Jesus, ela é justificada diante de Deus ([Rm 1-3](#)). Isso significa que Deus a aceita como estando em conformidade com ele. Este novo relacionamento com Deus dá aos crentes uma nova vida através de Jesus e os torna parte do povo de Deus (caps. [4-8](#)). Esses capítulos são a parte mais complexa da carta. Eles explicam verdades profundas sobre a bondade infinita de Deus, seu amor supremo e seus planos misteriosos para as pessoas.

Depois disso, Paulo fala sobre como as pessoas não judias estão se tornando parte da família de Deus. Ele explica que, embora muitos judeus não tenham acreditado em Jesus, alguns permaneceram fiéis. Ele diz que um dia, todo o verdadeiro povo de Deus (tanto judeus quanto gentios) será unido como uma só igreja na terra ([Rm 9-11](#)).

Nas próximas seções, Paulo explica como esses ensinamentos devem mudar a maneira como os cristãos vivem e trabalham juntos (caps. [12-15](#)). A carta termina com as saudações pessoais de Paulo a vários cristãos em Roma (cap. [16](#)).

Qual é a mensagem da Carta?

Visão geral

[Romanos 1.17](#) declara a mensagem principal dos primeiros oito capítulos: “O justo viverá pela fé”. Paulo cita essas palavras de [Habacuque 2.4](#) para mostrar que ser justificado por Deus pela fé sempre fez parte do plano de Deus. Isso foi ensinado pelos profetas do Antigo Testamento. O que era novo no ensino de Paulo era que os gentios poderiam se tornar parte da família de Deus junto com o povo judeu ao crerem em Jesus ([Ef 3.5-6](#)). Alguns cristãos judeus diziam que os gentios tinham que se converter ao Judaísmo primeiro para serem aceitos por Deus ([At 15.1](#)). Mas Paulo explicou em Efésios que o plano de Deus era aceitar ambos os grupos através de sua fé em Jesus ([Ef 3.6](#)).

A primeira parte da carta explica como as pessoas são justificadas diante de Deus pela fé. Os primeiros três capítulos mostram que tanto judeus quanto gentios pecaram, e que a obra de Jesus para salvar as pessoas se aplica a ambos os grupos ([Rm 3.21-22](#)). O capítulo [4](#) mostra que Abraão é o pai espiritual de todos os que creem em Deus — tanto judeus quanto não judeus.

Então, nos capítulos [5-8](#), Paulo explica como as pessoas que foram justificadas por Deus devem viver pela fé. Qualquer pessoa (seja judeu ou gentio) que aceita o que Deus fez através da morte de Jesus na cruz estará livre de:

- A ira de Deus (cap. [5](#));
- O poder do pecado (cap. [6](#));
- A força obrigatória da lei (cap. [7](#));
- O poder da morte (cap. [8](#)).

Em [Romanos 9-11](#), Paulo trata da nação de Israel “segundo a carne” (judeus físicos) em relação ao propósito futuro de Deus. Ele conclui que Deus não rejeitou seu povo que veio da linhagem da família de Abraão ([11.1-2](#)). Usando a imagem de uma árvore, Paulo explica que Deus pode trazê-los de volta à sua família se aceitarem Jesus como seu salvador prometido (v. [23](#)).

Nos capítulos finais ([12-16](#)), Paulo explica como os ensinamentos dos primeiros 11 capítulos devem afetar a forma como os cristãos vivem diariamente. Ele conclui lembrando aos leitores a importância de os gentios terem chegado a Deus através de seu ministério (cap. [15](#)).

Detalhadamente

No primeiro capítulo, Paulo argumenta que os gentios pagãos estavam se rebelando contra Deus. Deus havia revelado sua ira contra seus caminhos malignos ([Rm 1.18](#)). Deus lhes havia dado evidências suficientes de sua existência através do mundo natural. Mas eles ainda escolheram adorar muitos deuses e ídolos, o que levou a um comportamento imoral (vv. [20-23](#)). Três vezes, Paulo diz que “Deus os entregou aos desejos de seus corações” (v. [24](#)). Isso incluía:

- “paixões vergonhosas” (v. [26](#));
- “uma mente depravada” (v. [28](#)), e
- fazendo “o que não deveria ser feito” (v. [28](#)).

Isso significa que Deus permitiu que seus pecados continuassem como um ato de julgamento divino ([3.25](#)). Ele não puniu a falta de entendimento deles sobre ele ([At 17.30](#)). Ele não os impediu de adorar falsos deuses ([7.42](#)).

O povo judeu não era muito melhor. Eles haviam recebido a lei de Deus através de Moisés, que mostrava a vontade de Deus para sua nação, mas não a obedeceram ([Rm 2.17-29](#)). Mesmo os gentios, que não têm a lei, às vezes fazem por natureza o que a lei exige. Eles mostram que a lei está “escrita em seus corações, suas consciências também testemunhando, e seus pensamentos os acusando ou defendendo” (vv. [14-15](#)). Para um judeu, obedecer à lei não era suficiente. Eles tinham que obedecer porque realmente desejavam, não apenas porque era exigido (v. [29](#)).

Alguns gentios respeitavam Deus e seguiam os principais ensinamentos de suas leis. Eles se tornaram exemplos que mostraram como era errado quando os judeus não obedeciam ([Rm 2.14,27](#)). Mesmo que o povo escolhido de Deus não tenha sido fiel, isso não impediu Deus de cumprir sua promessa a Abraão ([3.3](#)). Os judeus tinham muitas vantagens sobre os não judeus, mas isso não os ajudou porque ambos os grupos se renderam ao pecado (v. [1.9](#)). A situação agora era que “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (v. [23](#)).

Então, Deus enviou Jesus para redimir o mundo de seus pecados ([Rm 3.21-31](#)). Deus revelou sua justiça independentemente da lei através da “fé em Jesus Cristo” (v. [22](#)). Estudiosos e tradutores da Bíblia têm duas maneiras diferentes de entender essa frase:

31. “Fé em Jesus Cristo” (também chamada de visão do genitivo objetivo): esta visão interpreta a frase para significar nossa fé, com Cristo sendo o objeto dessa fé. Isso significa que somos salvos por acreditar em Jesus e no que ele fez por nós. A maioria das traduções da Bíblia em português adota esse entendimento.

32. “Fé de Jesus Cristo” (também chamada de visão do genitivo subjetivo): esta visão entende a frase como uma referência à própria fidelidade de Jesus a Deus. Significa que Jesus foi fiel em seguir o plano de Deus e cumprir sua missão, mesmo até a morte na cruz. Sob esta perspectiva, somos salvos através da obediência fiel de Cristo a Deus.

Muitos estudiosos hoje acreditam que ambos os significados podem ser pretendidos, mostrando como a fidelidade de Jesus e nossa fé trabalham juntas no plano de salvação de Deus. Ambas as visões concordam que “fé de Cristo” ou “fé em Cristo” estão disponíveis para todos, tanto judeus quanto não judeus, com base em sua confiança em Deus.

A lei é “santa, justa e boa” ([7.12](#)). No entanto, essa justiça não estava disponível apenas através da obediência aos mandamentos da lei. Isso faria de Deus apenas o Deus dos judeus, já que Deus deu a lei especificamente ao povo judeu ([3.29](#)).

Mas Deus também é o Deus dos gentios. Ele torna todos justos consigo mesmo através de Jesus Cristo. De acordo com o texto grego de [Romanos 3.22](#), essa justiça vem para “todos que são fiéis” ou “continuam na fé”. Assim, a justiça de Deus vem através da fé em (ou da fidelidade de) Jesus Cristo (vv. [3.22](#)). Ela fornece a base da salvação para todos que creem ([5.9](#)).

Várias vezes no [capítulo 4](#), Paulo enfatiza que Abraão foi o pai dos judeus e dos gentios ([Rm 4.11-12,16-18](#)). Deus prometeu a Abraão que, através de seus descendentes, todas as nações (gentios) seriam abençoadas. Abraão foi justificado pela fé, e essa promessa se estende a todos que compartilham a mesma fé (tanto judeus quanto gentios). A fidelidade de Jesus Cristo tornou isso possível, e é para todos que acreditam e permanecem fiéis (v. [11](#)).

Paulo explicou uma verdade importante sobre o plano de Deus. Ele ensinou que, quando as pessoas confiam em Jesus Cristo, elas são reconciliadas com Deus. Isso é chamado de justificação. Os cristãos compreendem a justificação de três maneiras principais:

- Alguns entendem a justificação como Deus declarando os crentes justos por meio da fé em Cristo. De acordo com essa visão, a justificação é uma declaração legal. A justiça de Cristo é imputada (creditada) aos crentes;
- Alguns entendem a justificação como Deus tornando as pessoas verdadeiramente justas por meio de sua graça, o que transforma suas vidas. De acordo com essa visão, a justificação inclui tanto a declaração de Deus quanto uma transformação interior através da graça e das boas obras. A justiça é infundida (derramada) nos crentes, especialmente através do batismo e dos outros sacramentos (meios de graça), que possibilitam esse processo transformador;
- Alguns entendem a justificação como parte do processo maior de salvação, onde os crentes são unidos a Deus de uma maneira profunda e transformadora. Nesta visão, a justificação não é apenas uma declaração legal ou uma transformação interna, mas uma participação completa na vida divina de Deus (chamada de theosis). Os crentes são gradualmente transformados à semelhança de Deus, experimentando uma união profunda e contínua com ele.

Todos concordam que, através de Jesus, os crentes são salvos do julgamento de Deus contra o pecado e encontram paz com Deus ([Rm 5.1.9](#)).

O pecado entrou no mundo através do primeiro pecado e a morte veio a todas as pessoas (v. [12](#)). No entanto, a justificação veio através do segundo Adão, Jesus. Ele oferece salvação àqueles que são fiéis e recebem a abundância de sua graça (vv. [16-18](#)).

A lei não foi feita para salvar o judeu. “Ela foi acrescentada por causa das transgressões” ([Gl 3.19](#)). Serviu para tornar todos os tipos de pessoas mais conscientes do pecado. “A lei veio para que a transgressão aumentasse” ([Rm 5.20](#)). O pecado

usou a lei para enganar e destruir aqueles que tentaram obedecê-la ([7.11](#)).

Paulo sabia o que era cobiçar (desejar coisas que pertencem a outros) antes de conhecer a lei. Quando completou 12 ou 13 anos, tornou-se responsável por seguir a lei e seus requisitos. O mandamento que dizia “não cobiçarás” mostrou a Paulo o quanto a lei exigia dele, e esse entendimento lhe trouxe grande angústia ([7.11](#)). Uma vez que as pessoas sabiam o que a lei exigia, eram totalmente responsáveis por obedecê-la. O pecado se tornou ainda mais sério porque agora significava quebrar a lei de Deus que as pessoas conheciam.

Essa situação fez com que as pessoas precisassem ainda mais da graça de Deus. Como a Bíblia diz, “onde o pecado aumentou, a graça aumentou ainda mais” ([Rm 5.20](#)). Alguns argumentaram que deveriam “continuar pecando para que a graça aumentasse”. Mas essa ideia compreende completamente errado o que significa estar livre da ira de Deus, livre da lei, livre do pecado e livre da morte ([6.1](#)).

Paulo explica que as pessoas que foram justificadas com Deus e salvas do pecado por Jesus morreram para o poder do pecado. O pecado não pode mais controlá-las como um mestre controla um escravo (vv. [2.6](#)). O ponto principal é que o pecado e Satanás não podem dominar as pessoas que acreditam em Jesus (vv. [9.14](#)). O pecado não pode ser seu mestre (v. [12](#)). O pecado não pode torná-las suas escravas (vv. [17.20](#)).

As pessoas que estão em paz com Deus estão livres de três coisas:

- Elas estão livres do julgamento de Deus sobre o pecado.
- Elas estão isentas das exigências da lei.
- Elas estão livres do domínio do pecado.

Através da obediência fiel de Jesus, Deus libertou essas pessoas da morte. Deus promete dar nova vida aos seus corpos físicos através do seu Espírito Santo ([Rm 8.2,11](#)). Se as pessoas viverem de acordo com seus desejos egoístas (“segundo a carne”), elas enfrentarão a morte. Mas se permitirem o Espírito Santo guiar suas vidas, experimentarão verdadeira liberdade e vida (vv. [6-13](#)). Nem mesmo a morte poderá separá-los do amor de Deus em Jesus Cristo (vv. [38-39](#)). O Espírito Santo guia e ajuda-os

quando estão fracos. Tanto o Espírito Santo quanto Jesus intercedem por eles (vv. [14.26.34](#)).

Paulo não discute como aplicar esses princípios teológicos até [Romanos 12](#). Nos capítulos [9-11](#), ele explica como e por que os judeus rejeitaram Jesus, o Messias (o escolhido de Deus). Como o povo judeu poderia rejeitar Jesus quando Deus havia trabalhado tão de perto com eles por tanto tempo? Eles tinham um relacionamento especial com Deus, diferente de todos os outros povos na terra. Paulo explora essa questão difícil nos capítulos [9-11](#).

Paulo apresenta quatro razões pelas quais os judeus rejeitaram Jesus, o Messias:

33. Deus escolheu Israel intencionalmente, sabendo o que aconteceria no futuro. Estes eram descendentes físicos de Israel que desfrutavam de todos os relacionamentos especiais com Deus que um povo escolhido poderia experimentar:
 - Eles eram filhos de Deus.
 - Eles vivenciaram a glória de Deus.
 - Eles receberam os pactos de Deus (acordos especiais).
 - Eles receberam a Lei de Deus.
 - Eles aprenderam a adorar a Deus.
 - Eles receberam as promessas de Deus.
 - Eles vieram dos patriarcas: Abraão, Isaque e Jacó.
 - Eles eram as pessoas das quais Jesus veio ([Rm 9.1-5](#)).

Deus os havia escolhido assim como escolheu Jacó em vez de Esaú antes de qualquer um deles nascer. Isso foi semelhante a quando Deus tornou Faraó teimoso ("endureceu" seu coração), ou como um oleiro molda o barro no tipo de vaso que deseja fazer ([9.6-26](#)).

Deus não os escolheu por causa de algo que eles fizeram ou deixaram de fazer. Ele os escolheu porque tinha um propósito especial para eles.

Isso não significa que Deus foi injusto. Ele precisava mostrar seu poder através do povo judeu para que todos na terra soubessem sobre ele. Deus escolheu Israel para servir aos seus propósitos, assim como escolheu Faraó, Jacó e Moisés. Essas pessoas foram salvas porque tinham fé em Deus ([Hb 11](#)).

34. Israel rejeitou Jesus, o Messias, e seu evangelho. Paulo argumenta que isso segue um padrão que aparece repetidamente ao longo da história ([Rm 9.30-10.21](#)). O povo judeu tentou estar em conformidade com Deus seguindo regras em vez de ter fé nele. Por causa disso, eles não reconheceram a justiça que vem pela fé. Eles basearam sua justiça na lei e, assim, "tropeçaram" em seu próprio Messias ([9.30-33](#)). Eles rejeitaram Jesus como Messias e não entenderam como as pessoas são justificadas diante de Deus.
35. Ele diz que alguns judeus (um pequeno grupo chamado de "remanescente") já haviam acreditado nas boas-novas sobre Jesus ([Rm 11.1-16.26](#)). Isso mostra que um dia, muitos mais judeus também acreditarão. Embora Paulo diga que Deus rejeitou Israel por enquanto, essa rejeição não é permanente ou definitiva.

Paulo utiliza a imagem de uma oliveira para explicar isso. Ele afirma que Deus cortou Israel da árvore da promessa feita a Abraão por um período. No entanto, Deus não rejeitou completamente seu povo. O remanescente que acreditou alcançou o que procurava, mas os outros foram endurecidos por um tempo. Deus fez isso para que eles ficassem com ciúmes ao verem pessoas não judias sendo aceitas no reino de Deus. Isso significa que a separação de Israel de Deus não precisa ser permanente.

36. Paulo afirma que Deus utilizou a rejeição de Jesus por Israel para trazer coisas boas. Quando o povo judeu rejeitou Jesus, isso abriu o caminho para que pessoas não judias (gentios) se tornassem parte da família de Deus. Paulo menciona que, se muitos judeus mais tarde aceitassem Jesus, isso seria tão incrível quanto ver pessoas mortas voltarem à vida! Ele desenvolve essa ideia ao longo do restante do capítulo ([Rm 11.17-36](#)).

Paulo adverte os gentios para não serem orgulhosos sobre isso. O povo judeu tropeçou para que os gentios pudessem ser incluídos no plano de Deus (vv. [17-19](#)). Israel não “tropeçou para cair de modo irrecuperável” (v. [11](#)). A “queda” deles foi uma bênção para os gentios e fazia parte do plano de Deus. Paulo usa novamente a imagem de uma oliveira. Ele diz que Deus cortou o povo judeu da árvore porque eles não acreditaram. Mas Deus pode inseri-los de volta na árvore se começarem a acreditar em Jesus.

Em [Romanos 12-16](#), Paulo explica como os cristãos devem viver com base em tudo o que ele ensinou anteriormente. Paulo começa dizendo: “Portanto, rogo-vos...” ([12.1](#)). Ele então lista muitas virtudes e responsabilidades cristãs. Paulo frequentemente oferece esse tipo de conselho em suas cartas. Ele deseja ajudar novos crentes a entender como viver como cristãos, independentemente de terem vindo de um contexto judaico ou não judaico.

[Romanos 13](#) foca em como os cristãos em Roma devem se relacionar com os oficiais do governo. Paulo ensina que Deus estabelece o governo civil, e os cristãos devem reconhecer que o governo civil tem o direito de existir, mesmo que aqueles que estão no poder sejam corruptos. Esses oficiais servem a Deus punindo aqueles que fazem o mal ([13.4](#)).

No capítulo [14](#), Paulo aborda como os cristãos devem tratar uns aos outros quando discordam sobre certas práticas, como comer determinados alimentos. Ele ensina que:

- Cristãos que se sentem livres para fazer essas coisas (por causa de sua liberdade em Cristo) não devem pressionar outros a agirem contra a própria consciência.
- Cristãos que evitam essas coisas não devem julgar aqueles que as praticam.
- Todos devem demonstrar amor e respeito uns pelos outros, o que mostra que são verdadeiros seguidores de Jesus.

No capítulo [15](#), Paulo compartilha seus planos de viagem e explica seu papel especial. Ele se vê como um ministro sacerdotal servindo aos gentios. Ele planeja levar o dinheiro coletado das igrejas gentias para Jerusalém como uma oferta especial a Deus, mostrando como os gentios se tornaram crentes.

O Capítulo [16](#) termina de maneira típica com saudações e recomendações de diferentes indivíduos. Ele menciona 27 pessoas pelo nome, mostrando sua profunda conexão com a comunidade da igreja em Roma.

Veja também Paulo, O apóstolo.

Carta de Jeremias

A carta de Jeremias é um livro que algumas igrejas aceitam como parte da Bíblia, mas as igrejas protestantes não. Foi escrita em hebraico ou aramaico por um autor judeu desconhecido. A versão original não existe mais. Hoje, temos uma tradução grega da carta de Jeremias na Septuaginta (uma tradução grega da Bíblia Hebraica). Os estudiosos acreditam que foi escrita entre 300 e 100 a.C.

A carta de Jeremias argumenta contra a adoração de ídolos (estátuas de falsos deuses). Alega ser escrita por Jeremias para os exilados judeus na Babilônia, mas isso é improvável. Em vez disso, foi provavelmente escrita por um judeu devoto para outros judeus que viviam fora de Israel e eram tentados a adorar ídolos. O autor diz: “Portanto, cuidem para não se tornarem de forma alguma como os estrangeiros... Mas digam em seu coração: ‘És tu, ó Senhor, a quem devemos adorar’ ” (versículos 5-6).

A carta ridiculariza os ídolos feitos por artesãos. Ela afirma que os ídolos:

- Tornam-se opacos ou danificados.
- Podem ser destruídos em um incêndio.
- Acumulam poeira.
- Escurecem pela fumaça nos templos.
- Tornam-se locais de repouso para os animais.
- Não conseguem falar ou se proteger.
- Não consegue ver as lamparinas nos templos.
- Não podem receber sacrifícios nem ajudar seus seguidores.

Como os ídolos são falsos, eles não podem suprir as necessidades das pessoas e não podem dar autoridade aos reis. A carta de Jeremias termina comparando a proteção de um ídolo a:

- um espantalho em um campo de pepinos,
- um espinheiro em um jardim, ou
- um cadáver jogado na escuridão (versos 70–71).

Na Vulgata Latina, a carta de Jeremias foi impressa como capítulo 6 do livro de Baruke. *Veja também* Livro de Baruke.

Cartas de Laquis

As Cartas de Laquis são uma coleção de escritos às vezes chamadas de "um suplemento a Jeremias". J. L. Starkey fez essa importante descoberta em Laquis em 1935. Ele encontrou 18 ostracas (pedaços de cerâmica com escrita) em uma sala de guarda entre os portões externo e interno da cidade. Elas estavam em uma camada de cinzas deixada pelo incêndio que Nabucodonosor iniciou quando destruiu a cidade. Isso provavelmente aconteceu no final de 589 a.C. após a colheita das azeitonas, já que muitos caroços de azeitona queimados foram encontrados nas proximidades. Após tomar Laquis e outras cidades, Nabucodonosor então atacou Jerusalém em janeiro de 588. Em 1938, mais três cartas curtas e incompletas foram encontradas em Laquis, mas sua data é incerta.

Todos os 21 textos foram escritos com tinta preta em cerâmica quebrada, utilizando uma caneta de madeira ou junco. Os escritores usaram o alfabeto fenício, que era empregado para o hebraico clássico.

A maioria desses documentos era composta por cartas de um oficial em um posto avançado para o comandante em Laquis. Infelizmente, apenas sete dos textos são claros o suficiente para serem totalmente compreendidos. O restante está manchado ou usa uma linguagem desconhecida. Os estudiosos nem sempre concordam sobre o que os outros dizem.

Uma carta interessante é a número 4, que diz: "Estamos observando os sinais de fogo de Laquis, de acordo com todos os sinais que meu Senhor deu, pois não podemos ver [os sinais de] Azeca". [Jeremias 34.7](#) menciona Laquis e Azeca (19,3 quilômetros, a nordeste de Laquis) como duas das últimas cidades sobreviventes de Judá. Esta carta sugere que Azeca pode ter caído, mas é possível que os sinais não fossem visíveis por outras razões. Esta carta fornece evidências de que o antigo Israel usava sinais de fogo, que também são mencionados em [Jeremias 6.1](#).

A carta 6 fala sobre os príncipes enfraquecendo a determinação do povo. Diz: "E eis que as palavras dos príncipes não são boas, mas servem para enfraquecer nossas mãos e afrouxar as mãos dos homens que estão informados sobre elas". Isso é quase idêntico à acusação que alguns dos príncipes fizeram contra Jeremias: "pois ele está desencorajando os guerreiros que permanecem nesta cidade, assim como todo o povo, ao falar tais palavras para eles" ([Jr 38.4](#)).

A carta 3 menciona uma viagem do comandante do exército da Judeia ao Egito, possivelmente em busca de ajuda. Isso evidencia as atividades do grupo pró-Egípcio durante o reinado do rei Zedequias. A razão para essa viagem deve ter sido muito diferente daquela mencionada em [Jeremias 26.20–23](#). Esta carta também se refere a um aviso de um profeta. Alguns tentaram identificar o profeta como Urias ou Jeremias, mas não podemos ter certeza de qual profeta se tratava.

As cartas 2–6 mencionam um Hosaías (um nome que aparece em [Jr 42.1](#); [43.2](#)) defendendo-se para seu superior, Ya'osh, que escreveu várias das cartas de Laquis. As acusações exatas não estão claras, mas parecem envolver a leitura de documentos secretos. Um estudioso acredita que essas cartas podem ter sido usadas no julgamento de Hosaías. A

casa da guarda não era apenas um posto militar, mas também ficava perto do portão onde os julgamentos eram realizados nos tempos bíblicos.

As cartas de Laquis são valiosas para os estudiosos da Bíblia por várias razões:

- Eles mostram qual língua e escrita os hebreus utilizavam na época de Jeremias.
- Eles ajudam a compreender o texto hebraico.
- Eles fornecem informações de primeira mão sobre a difícil situação política e militar pouco antes de Nabucodonosor destruir Jerusalém.
- Eles nos ajudam a estudar os nomes hebraicos do final da monarquia.
- Eles fornecem detalhes históricos (por exemplo, a carta 20 menciona o nono ano do rei Zedequias).

Essas cartas ajudam a dar vida aos tempos instáveis descritos no livro de Jeremias.

Veja também Escrita de cartas antigas.

Carvalhais de Manre

Lugar associado a Abraão e Isaque ([Gn 13.18](#)). Veja Manre (Lugar).

Carvalho

Na Palestina, pelo menos cinco tipos de carvalhos crescem. Um deles é o carvalho quermes (*Quercus coccifera*), que abriga o inseto *Coccus ilicis*. Este inseto produz um corante escarlate (vermelho) usado para tingir linho e lã ([Gn 38.28-30](#); [Êx 25.4; 26.1; 28.33; 35.23; 39.24](#); [Lv 14.4-6,51-52](#); [Nm 19.6; 2Cr 2.7,14; 3.14](#); [Is 1.18](#); [Hb 9.19](#); [Ap 18.12](#)).

O carvalho quermes cresce de 1,8 a 10,7 metros de altura. Ele se desenvolve nas áreas montanhosas da Síria, Líbano e Israel, além das regiões circundantes. Quando cresce isoladamente, o carvalho quermes frequentemente se transforma em uma grande árvore. No Oriente, era comum plantar carvalhos perto de túmulos. Durante os tempos bíblicos, os carvalhos eram respeitados e até honrados por seu grande tamanho e força.

Pessoas importantes geralmente eram enterradas à sombra de carvalhos. O carvalho de Abraão em Hebrom é um exemplo.

Um segundo tipo é o carvalho valônia (*Quercus aegilops*), possivelmente o carvalho mencionado em [Isaías 2.13](#) e [44.14](#). É comum em zonas de montanha média e provavelmente era amplamente difundido na área ao redor de Basã.

O carvalho em [Gênesis 35.4,8](#) é considerado o azinheira (*Quercus ilex*), um carvalho perene que cresce até 18,3 metros de altura.

Outro tipo é o *Quercus lusitanica*, o carvalho-cipreste. Esta é uma pequena árvore caducifolia que raramente cresce mais de 20 pés (6,1 metros) de altura. As pessoas às vezes comiam as bolotas muito grandes dessa árvore.

A palavra traduzida como "árvore" em [Gênesis 12.6, 13.18, 14.13](#) e [18.1](#) na versão NTLH provavelmente deveria ser traduzida como "carvalho" (como na ARA, ARC, NVI e outras).

As muitas referências a "pólos de Aserá" no Antigo Testamento, geralmente conectadas com a adoração de Baal ou outros deuses não israelitas, podem ter sido às vezes associadas a bosques sagrados de carvalhos ([Êx 34.13](#); [Dt 16.21](#); [Jz 3.7; 1Rs 14.23; 18.19](#); [2Rs 17.16](#)). Esses eram locais onde as pessoas realizavam rituais de adoração pagã.

Carvalho de Meonenim

Árvore perto de Siquém ([Jz 9.37](#), ARC). Veja Carvalho dos Adivinhos.

Carvalho do pranto

Árvore perto de Betel sob a qual Débora, a ama de Rebeca, foi enterrada ([Gn 35.8](#)), daí chamada Alom-Bacute, que significa "Carvalho do Pranto".

Carvalho dos Adivinhos

Local aparentemente próximo a Siquém ([Jz 9.37](#)). A versão ARC da Bíblia menciona "carvalho de Meonenim" e a NTLH menciona "árvore sagrada". O Carvalho dos Adivinhos pode ter sido associado àqueles que praticavam adivinhação, daí o nome.

Carvalho-verde, Azinheira

Árvore mencionada em [Isaías 44.14](#) cuja madeira era usada como combustível e na construção de ídolos; sua identidade é incerta. Em geral, as Bíblias em português traduzem como "carvalho".

Veja Plantas (Cipreste; Carvalho; Freixo).

Carvão

Na Bíblia, "carvão" é a tradução de várias palavras hebraicas e gregas. Refere-se principalmente ao carvão vegetal produzido pela queima de madeira. O carvão mineral, extraído do solo, não é encontrado na Palestina (a Terra Santa). As pessoas utilizavam brasas incandescentes de fogueiras de madeira para diversos fins:

- Para aquecer casas ([Is 47.14](#); [Jo 18.18](#))
- Para cozinhar alimentos ([Is 44.19](#); [Jo 21.9](#))
- Por ferreiros para metalurgia ([Is 54.16](#))
- Em cerimônias religiosas, onde as brasas do altar tinham usos especiais ([Lv 16.12](#); [Is 6.6-7](#))

A Bíblia também usa o carvão como símbolo de várias maneiras. Ele representa:

- A infinita luminosidade e glória de Deus ([2Sm 22.9.13](#))
- Revelação de Deus ([Sl 18.8](#))
- Julgamento de Deus ([140.10](#))
- Criaturas celestiais associadas com o trono de Deus ([Ez 1.13](#); [10.2](#)).

Em outros contextos, carvões em brasa representam:

- A própria vida ([2Sm 14.7](#))
- O hálito quente de uma enorme besta ([Jó 41.21](#))
- O perigo de ser prejudicado pelo pecado sexual ([Pv 6.28](#))

Casa

Pessoas que vivem no mesmo lugar e formam uma família ou família estendida. Nos tempos bíblicos, uma casa incluía pai, mãe(s), filhos, avós, escravos, concubinas e peregrinos. A casa de Jacó, por exemplo, incluía 66 pessoas, sem contar as esposas de seus filhos ([Gn 46.26](#)). Os integrantes da casa eram vistos como responsáveis coletivamente pela honra da família ([2Sm 3.27](#) dá um exemplo de vingança por um membro da família). Os membros masculinos de toda a casa eram circuncidados como sinal da aliança ([Gn 17.23](#)). Na era do NT, algumas famílias inteiras foram batizadas ([At 11.14](#)).

Veja também Vida familiar e relações.

Casa

Veja Casas e habitações.

Casa da floresta do Líbano

Veja Palácio da floresta do Líbano.

Casa de César

A casa de César era o grupo de pessoas que trabalhavam para o imperador Romano, incluindo tanto escravos quanto pessoas livres. Eles viviam em Roma e em outras partes do Império Romano.

O apóstolo Paulo saudou "os da casa de César" em uma de suas cartas ([Fp 4.22](#)). César era o título do imperador de Roma. A casa do imperador tinha centenas de trabalhadores. Muitos de seus trabalhos eram respeitados e importantes na sociedade romana.

Quando Paulo chegou a Roma, muitas pessoas da casa de César o receberam. Isso é relatado em um escrito do segundo século chamado o Martírio de Paulo. Paulo também conversou com líderes judeus em Roma e ensinou abertamente sobre Jesus. Ele pregou sem ser impedido ([At 28.17.31](#)). Alguns homens e mulheres acreditaram em sua mensagem ([At 28.23-24](#)). Alguns desses novos crentes provavelmente eram da casa de César. A mensagem sobre Jesus chegou até mesmo a toda a Guarda Pretoriana ([Fp 1.13](#)), um grupo especial de soldados romanos que guardavam o imperador.

Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que certas pessoas mencionadas em [Romanos 16](#) podem ter pertencido à casa do imperador.

Veja também Césares, Os.

Casa De Deus

Frase comum usada no mundo antigo do Oriente Próximo para uma estrutura usada para acomodar uma divindade ou seus servos. No AT, se referia ao tabernáculo ([Dt 23.18](#); [1Cr 6.31-32](#)), o templo de Salomão ([1Rs 8.11-20](#); [12.27](#); [Jr 20.1](#)), santuários nacionais, ou templos pagãos ([Jz 9.4](#); [2Rs 10.21](#)).

Nos tempos do NT, o costume do AT de se referir ao templo como a “casa de Deus” ainda era usado ([Mt 12.4](#); [Mc 2.26](#); [11.17](#); [Lc 6.4](#); [Jo 2.16-17](#)), mas com algumas mudanças significativas. Após a ascensão de Cristo, a igreja se via como a casa de Deus ([1Co 3.9](#); [Hb 3.6](#); [1Pe 2.5](#); [4.17](#)). Deus não habitava mais em edifícios feitos por mãos humanas, mas nas vidas daqueles que confessam Jesus como Senhor.

Veja também Tabernáculo; Templo.

Casa do Jardim

A tradução de Bete-Hagã na Bíblia TB2010 em [2 Reis 9.27](#).

Veja Bete-Hagã.

Casa dos arquivos

Edifício usado para armazenamento de registros, anais e decretos; uma estrutura comum nas nações do Oriente Próximo no segundo milênio a.C. ([Ed 5.17-6.1](#)). Nos arquivos de Ecbátana, uma residência de verão para os reis persas, o rei Dario (521-486 a.C.) encontrou um edito de Ciro (559-530 a.C.) que autorizava os judeus a iniciarem a reconstrução do templo de Jerusalém após o exílio ([Ed 6.2](#)). Com base nesse edito, Dario deu seu apoio à retomada dos esforços de reconstrução, que haviam sido interrompidos por 16 anos devido à oposição local (cf. [Ag 1.1](#); [Zc 1.1](#)).

Casaco

Tradução de várias palavras relacionadas a diferentes vestimentas.

Veja Roupas.

Casamento

Veja Casamento, costumes de casamento.

Casamento levirato

Costume israelita em que um homem, após a morte de seu irmão, casa-se com a viúva do irmão e gera filhos para ele. *Veja* Casamento, Costumes de casamento.

Casamento misto

Um casamento misto ocorre quando uma pessoa judia se casa com uma pessoa não judia (um gentio). Deus deu instruções específicas sobre esses casamentos. Ele proibiu os israelitas de se casarem com os povos originais que viviam em Canaã. Essa regra existia porque Deus estava preocupado que os israelitas pudessem começar a adorar ídolos em vez dele ([Dt 7.1-5](#)). O Novo Testamento também adverte os crentes a não se colocarem em “jugo desigual” com descrentes ([2Co 6.14](#)).

Apesar dessa regra, muitos israelitas se casaram com estrangeiros durante o tempo dos juízes ([Jz 3.6](#)). Isso também ocorreu mais tarde ([2Sm 11.3](#); [1Rs 11.1-8](#)).

Deus não deu uma proibição clara contra casamentos com pessoas de outras nacionalidades ([Nm 12.1](#); [Dt 23.7](#); [Rt 1.4](#)). Após o retorno do povo judeu do exílio na Babilônia, os líderes Esdras e Neemias se opuseram fortemente aos casamentos entre judeus e não-judeus ([Ed 9.1-4](#); [Ne 13.23-27](#)).

Veja também Casamento, Costumes de casamento.

Casamento, Costumes matrimoniais

A união de homem e mulher no matrimônio, como praticado por várias culturas.

A ideia de casamento foi ordenada por Deus em sua instrução a Adão de que um homem deveria deixar seu pai e mãe, e que ele e sua esposa deveriam ser como uma só carne ([Gn 2.24](#)).

Várias formas de casamento são referidas no AT, a primeira das quais parece ser baseada em um princípio matrilinear. Embora pareça haver algumas evidências para isso na Idade Média do Bronze e na monarquia primitiva, é difícil ter certeza sobre o assunto, apesar da importância no Egito, e talvez em outros lugares, do papel da mãe na determinação da descendência.

Geralmente, a noiva deixa seus pais quando ela se casou e foi viver com o clã de seu marido, como Rebeca fez ([Gn 24.58-59](#)). A frase “se casar com uma esposa” é de um significado raiz para “se tornar mestre” ([Dt 21.13](#)), e a esposa frequentemente tratava seu marido - e se referia a ele - como mestre.

As listas genealógicas hebraicas indicam que a descendência foi contada através da linhagem dos homens ([Gn 5.10; 36.9-43; Nm 1.1-15; Rt 4.18-22; 1Cr 1.1-9](#)). O importante direito de nomear uma criança, indicando poder e autoridade sobre essa criança, foi exercido quase igualmente entre pai e mãe nas referências bíblicas (cf. [Gn 4.1, 25-26; 5.29; 35.18; 1Sm 1.20; 4.21; Js 8.3; Os 1.4-9](#)). Os filhos eram frequentemente nomeados em homenagem a seus pais e eram identificados com eles.

O pai era a figura de autoridade no lar em uma sociedade patriarcal. Sua esposa e filhos eram considerados como seus bens, de certa forma equiparando-se aos seus campos e gado ([Êx 20.17; Dt 5.21](#)). Ele tinha o direito de vender suas filhas ([Êx 21.7; Ne 5.5](#)), e até tinha o poder da vida e da morte sobre seus filhos.

A facilidade com que um homem poderia terminar um casamento divorciando-se de sua esposa também mostra a medida de sua autoridade na família ([Dt 24.1-4](#); cf. [22.13-21](#)).

O casamento levirato era um costume no antigo Israel, destinado a preservar a linhagem familiar e os bens de um homem. Se um homem morresse sem filhos, esperava-se que seu irmão (ou parente masculino mais próximo) se casasse com a viúva. Isso é descrito em [Deuteronômio 25.5-10](#). O primeiro filho nascido desse novo casamento seria contado como filho do falecido, para que seu nome e herança continuassem. O costume também ajudava a cuidar da viúva, que, de outra forma, poderia ficar sem sustento. Práticas semelhantes eram conhecidas entre os cananeus, assírios e hititas.

A situação de levirato mais familiar no AT, embora não se conformando estritamente com a lei de

[Deuteronômio 25](#), é descrita no livro de Rute. Era essencial que Rute encontrasse algum parente homem próximo para se casar com ela, para que o nome de família e a propriedade pudessem ser preservados. O parente homem mais próximo declinou a responsabilidade, sentindo que era uma dupla imposição, primeiro, ter que comprar a terra e apoiar Rute, e segundo, saber que o primeiro filho seria considerado como o filho de seu marido morto, levando seu nome e herdando a terra. Boaz concordou em assumir a responsabilidade ([Rt 2.20-4.10](#)).

Apesar de numerosos exemplos de poligamia citados no AT, não há dúvida de que a grande maioria dos israelitas era monogâmica. Não há exemplos de grandes casamentos polígamos nas famílias dos plebeus.

A instrução original a Adão era que um “homem... apegar-se-á à sua esposa” ([Gn 2.24](#)). As leis hebraicas geralmente implicam que um casamento com uma esposa é a forma mais aceitável de casamento ([Êx 20.17; 21.5; Lv 18.8, 16-20; 20.10; Nm 5.12; Dt 5.21](#)). Embora isso pareça ter se tornado a norma na época da monarquia, um rei como Salomão não seguia as tradições hebraicas neste assunto. No período pós-exílico, os casamentos eram predominantemente monogâmicos, embora estivessem, cada vez mais, extinguidos em razão de divórcio. No período do NT, a monogamia parece ter sido a regra, embora pessoas como Herodes, o Grande, fossem polígamos. Cristo ensinou que o casamento deve durar perpetuamente entre os parceiros, e se um homem se divorciou de sua esposa e se casou com outra mulher durante a vida de seu cônjuge anterior, ele cometeu adultério ([Mt 5.31-32](#)).

O casamento geralmente ocorria com aqueles que estavam perto do ciclo familiar imediato, e era imperativo, portanto, que os limites à consanguinidade aceitável fossem impostos. Nos tempos patriarcais, um homem poderia se casar com sua meia-irmã do lado de seu pai ([Gn 20.12](#)), e isso continuou a ser o mesmo caso sob o governo de Davi ([2Sm 13.13](#)), embora fosse especificamente proibido em [Levítico 20.17](#). Como há alguma contradição entre as leis do casamento de Deuteronômio e aquelas na Lei da Santidade ([Dt 25.5; Lv 18.16](#)), é possível ter havido alguma modificação dos regulamentos levíticos mais estritos. Os casamentos entre primos, como Isaque com Rebeca, e Jacó com Raquel e Lia, eram comuns. Quando um parente próximo estava interessado no casamento, era quase impossível negar ([Tb 6.13](#);

[7.11-12](#)). Moisés era o filho de um casamento entre sobrinho e tia ([Êx 6.20](#); [Nm 26.59](#)), que teria sido proibido em [Levítico 18.12-13](#) e [20.19](#), assim como o casamento de Jacó com duas irmãs ao mesmo tempo ([Gn 29.30](#)).

Quando os israelitas se estabeleceram em Canaã, muitos deles se casaram com mulheres cananeias, para grande consternação daqueles que desejavam manter a pureza da religião hebraica ([1Rs 11.4](#)). Tal casamento foi proibido sob a lei mosaica ([Êx 34.15-16](#); [Dt 7.3-4](#)), embora muitos israelitas tenham ignorado esses regulamentos e continuado a se entregar a casamentos mistos. Se uma mulher fosse capturada na guerra uma exceção poderia ser feita ([Dt 21.10-14](#)). Em contraste, Sansão se casou com uma mulher filisteia que permaneceu com seu próprio povo, mas que recebia visitas conjugais de seu marido, periodicamente ([Jz 14.8-15.2](#)).

O perigo de casamentos entre si, afetando a pureza da religião hebraica, foi considerado com tal gravidade que, no período pós-exílico, o divórcio foi ordenado para os judeus que haviam se casado com esposas estrangeiras ([Ed 9.2](#); [10.3. 16-17](#)). A intenção era que a religião nacional permanecesse pura, mesmo que casas e famílias fossem destruídas. Mesmo nos tempos do NT, Paulo denunciou o casamento com os não-cristãos ([2Co 6.14-15](#)).

É difícil estimar com que idade os jovens se casavam. Um menino era considerado um homem ao alcançar em sua adolescência, e a tradição judaica, mais tarde, celebrava esta transição através do bar mitzvah, que geralmente ocorria quando o menino tinha 13 anos.

Normalmente os pais do jovem escolhiam a noiva. A conversa resultante sobre o casamento ocorria entre os pais do noivo e os pais da noiva, e muitas vezes nenhum dos jovens era consultado. Era essencial que o mais velho na família se casasse primeiro ([Gn 29.26](#)). Quando Abraão decidiu que Isaque deveria se casar, um servo foi enviado para escolher uma noiva entre os parentes de Abraão na Mesopotâmia. O servo fez contato com o irmão e a mãe da noiva ([24.33-53](#)), e apenas depois que Rebeca foi convidada a dar seu consentimento (vv. [57-58](#)). Seu pai estava possivelmente incapacitado; caso contrário, teria sido improvável que seu consentimento tivesse sido pedido.

Os jovens frequentemente não podiam sustentar mais de uma esposa, pois tinham que pagar um preço de noiva ao pai da noiva. Em alguns casos, um homem podia oferecer anos de serviço em vez de

dinheiro ([Gn 29.15-30](#)). Ou então, podiam completar uma tarefa específica exigida pelo pai da noiva ([1Sm 18.25-27](#)). Se um homem estuprasse uma virgem, era obrigado a pagar ao pai dela 50 siclos de prata e se casar com ela, se o pai permitisse ([Dt 22.28-29](#)). Esse pagamento era uma forma de punição e compensação, não um preço de noiva típico.

Na época do segundo templo, uma noiva virgem era tomada pelo valor de 50 siclos, e uma viúva ou mulher divorciada cerca de metade dessa quantia. Durante este período, uma noiva virgem era normalmente casada no meio da semana para que, se seu marido a encontrasse não sendo virgem, ele poderia trazer a prova ao tribunal no dia seguinte, e ainda seria antes da chegada do Sábado. Uma viúva ou uma mulher divorciada normalmente se casou em dia equivalente a uma quinta-feira, dando-lhe um dia inteiro com seu marido antes do Sábado.

O casamento era um pacto ou aliança entre duas famílias. Assim os uniu, e ao ampliar o parentesco, o tamanho geral do grupo foi aumentado. Isso era importante em uma sociedade onde as responsabilidades por parentes, por mais distantes, eram aceitas sem hesitar. O conceito da aliança também poderia ter conotações políticas, como o casamento entre Salomão e a princesa egípcia ([1Rs 11.1](#)) ou Acabe de Israel e Jezabel de Tiro ([16.31](#)).

A confirmação da aliança incluía a transferência de presentes, que estabeleceria a riqueza e o status do doador e da noiva ([Gn 34.12](#)). No antigo Oriente Próximo, acredita-se que a doação de um presente incluía uma parte do doador, de modo que o doador estava realmente oferecendo uma parte de si. O presente que selava a aliança também estabelecia a autoridade do doador sobre a noiva.

A próxima etapa no procedimento de casamento era o noivado. Mencionado pela primeira vez em [Êxodo 22.16](#), o termo é usado várias vezes em Deuteronômio ([Dt 20.7](#); [22.23-24](#)). O noivado tinha o status legal de um casamento ([Dt 28.30](#); [2Sm 3.14](#)), e qualquer um que violasse uma virgem prometida seria apedrejado, de acordo com a lei de Deuteronômio, por violar a “esposa” de seu próximo ([Dt 22.23-24](#)). O significado de um noivado envolvia a tomada de posse, de forma semelhante à de receber tributo. No entanto, permaneceu uma distinção entre noivar uma mulher e tomá-la como esposa ([20.7](#)). Durante o período de noivado, o noivo em potencial estava isento do serviço militar. Foi assumido que o

noivado era uma parte formal de um relacionamento permanente ([Mt 1.18](#); [Lc 1.27](#); [2.5](#)).

Um homem que deveria se casar com a filha de outro já era considerado como um genro na época do noivado ([Gn 19.14](#)). Maria, como prometida de José, era, na verdade, considerada sua esposa, embora ele não tivesse relacionamento sexual com ela até após o nascimento de Jesus.

O primeiro registro bíblico de um casamento celebrado por uma festa está na história de Jacó ([Gn 29.22](#)). Não havia, factualmente, um registro de contrato de casamento, até sua menção no livro de Tobias ([Tb 7.12](#)). Este contrato não era considerado válido até que o casal tivesse coabitado por uma semana ([Gn 29.27](#); [Jz 14.12, 18](#)). Quando Sansão deixou sua noiva antes do final do período de sete dias, os pais da noiva consideraram nulo o casamento, e a deram em noivado a outro homem ([Jz 14.20](#)).

O casamento era uma ocasião de grande alegria familiar. A roupa especial da noiva e do noivo ([Is 61.10](#); [Ez 16.9-13](#)) incluía para a noiva um vestido fino, muitas vezes adornado com joias ([Sl 45.14-15](#); [Is 61.10](#)) e outros ornamentos, enquanto o noivo tinha roupas finas e usava um diadema ([Ct 3.11](#); [Is 61.10](#)). A noiva usava um véu ([Gn 24.65](#); [Ct 4.3](#)), que era removido na câmara nupcial. Isso explicaria a necessidade de Rebeca de se velar na presença de Isaque, seu noivo ([Gn 24.65](#)), e também pela facilidade com que Labão foi capaz de substituir Raquel por Lia na noite de núpcias de Jacó ([29.23-25](#)).

Cerimônias simbólicas, às vezes, podem ter sido incluídas como parte do noivado ou cerimônias de casamento, como o pedido de Rute de que Boaz estendeu sua capa sobre ela para indicar que ele estava a tomá-la como sua esposa ([Rt 3.9](#)). Outro ritual pode ter sido a remoção cerimonial do cinto da noiva pelo noivo na câmara nupcial, que era um cômodo ou tenda especialmente preparado para o casal recém-casado. O casamento era normalmente consumado na primeira noite ([Gn 29.23](#); [Tb 8.1](#)), e o linho manchado seria mantido como evidência da virgindade da noiva.

Em um contraste com a elaborada procissão e festa do casamento, o divórcio era simples. Um homem poderia se divorciar de sua esposa se ele encontrasse falha em qualquer assunto específico, e este direito não foi abolido até o século 11 d.C. O divórcio era desencorajado, no entanto, e gradualmente o procedimento se tornou mais

complexo, sendo cercado com uma série de impedimentos.

À medida que as leis sobre o divórcio se tornaram mais complexas, o procedimento se tornou cada vez mais caro. Em um momento posterior, um advogado, ou às vezes um rabino, daria conselhos, especialmente em assuntos como o retorno da propriedade que pertence corretamente à noiva ou sua família.

Se uma noiva fosse encontrada por cometer adultério, pensava-se que o marido estava legitimado a requisitar divórcio. Este também era o caso se ele suspeitasse de infidelidade. Ele também poderia se divorciar de sua esposa se ele sentisse que ela havia violado a moralidade comum, havia se tornado apóstata, ou havia sido menos do que eficiente no gerenciamento de sua casa. Se uma mulher rejeitar ao seu marido os seus direitos conjugais por um período de, pelo menos um ano, ela poderia ser divorciada. Outros motivos para se divorciar de uma esposa incluíam comportamento insultante a um marido ou seus parentes, contrair uma doença incurável, ou se negar a acompanhar seu marido quando ele mudou o domicílio para uma nova área.

Em geral, a posição da esposa era baixa. Apesar do fato de que ela dava conselhos, administrava a casa, educava as crianças pequenas e trabalhava ao lado de seu marido quando necessário, ele ainda era seu mestre, e seu papel era obedecer. Ela era pouco mais do que uma serva, embora melhor do que uma escrava, pois ela não poderia ser vendida, mesmo que ela pudesse ser divorciada.

Nos frequentes usos figurados do casamento no AT, o povo hebreu e Deus são referidos em termos de noiva e noivo ([Is 62.4-5](#); [Jr 2.2](#)). A desolação que está prestes a dominar Judá é contrastada por Jeremias com a celebração de uma festa de casamento ([Jr 7.34](#); [16.9](#); [25.10](#)). As formas figuradas são usadas novamente em Oseias, onde Deus rejeita o relacionamento com sua esposa, Israel ([Os 2.2](#)), mas está preparado para aceitá-la novamente se ela retomar suas práticas fiéis (vv. [19-20](#)).

No NT, João Batista compara seu senso de alegria com o de um amigo do noivo em um casamento ([Jo 3.29](#)), enquanto o próprio Jesus fez referência aos preparativos do casamento na parábola das virgens sábias e tolas ([Mt 25.1-12](#)). Na história da festa de casamento ([22.1-14](#)) Cristo menciona incidentalmente o fato de que as vestes de casamento foram fornecidas para os convidados

em tais cerimônias. O tema da igreja cristã como a noiva de Cristo ocorre em livros como 2 Coríntios, Efésios e Apocalipse.

Os ensinamentos de Jesus sobre casamento e adultério

Em questões de direito civil, os ensinamentos de Jesus frequentemente reorientam ou intensificam a ênfase encontrada no Antigo Testamento. Por exemplo, o adultério na lei do Antigo Testamento parece ter sido entendido principalmente como a violação do casamento de outro homem, em vez de uma quebra da fidelidade conjugal mútua. No entanto, quando questionado pelos fariseus, Jesus apontou para o desígnio original de Deus na criação: um homem e uma mulher unidos em um vínculo permanente ([Mc 10.2-9](#)). Ele foi além, declarando que se um homem se divorciar de sua esposa e se casar com outra, ele "comete adultério contra ela" (v. 11) — uma reversão impressionante das premissas predominantes. Ao fazê-lo, Jesus afirmou a igualdade moral entre homens e mulheres em questões de fidelidade conjugal: um marido infiel é tão culpado de adultério quanto uma esposa infiel. Este ensinamento, que os discípulos acharam surpreendentemente rigoroso (veja [Mt 19.10](#)), exemplifica o chamado de Jesus por uma justiça mais profunda do que a dos líderes religiosos de sua época ([5.20](#)).

Há uma pequena diferença no relato de Mateus do ensino de Jesus, o que levou alguns estudiosos a argumentar que Jesus não era tão rígido quanto o resumo acima sugere. De acordo com [Mateus 19.9](#), a "falta de castidade" de uma esposa (provavelmente alguma má conduta sexual) permite que um marido prejudicado se divorcie dela e se case novamente. Se esta observação concluísse a passagem, esta interpretação seria a mais simples. No entanto, do contexto, é provável que Jesus tenha permitido que cônjuges inocentes se separassem de suas esposas, mas não para se casar novamente. Isso explica por que os discípulos ficaram tão chocados e por que Jesus continuou falando sobre alguns que se negam a se casar por causa do reino do céu ([Mt 19.12](#)). Esta também foi a maneira como a igreja interpretou a passagem dos primeiros cinco séculos. Eles permitiram que os cristãos se separassem, mas não se casassem novamente (cf. [1Co 7.11](#)).

Veja também Adultério; Lei civil e justiça; Concubinato, Concubinas; Divórcio; Vida familiar e relações; Sexo, Sexualidade; Virgem.

Casas E Habitações

Resumo

- Casas da Idade do Bronze Médio
- Casas da Idade do Bronze Final
- Casas israelitas da Idade do Ferro
- Casas nos tempos do Novo Testamento

Casas da Idade do Bronze Médio (ca. 1800–1500 a.C.)

Os primeiros antepassados de Israel viviam principalmente em tendas ou habitações temporárias, mas os cananeus da Idade do Bronze Médio (para a terra de quem os israelitas foram) viviam em casas substanciais de várias salas construídas em torno de um pátio.

A forma mais simples deste novo tipo de casa tinha um pátio com um único cômodo de um lado, geralmente no oeste do pátio, para evitar que os ventos predominantes de oeste soprassem fumaça para o cômodo. Os silos para armazenar grãos ficavam normalmente no cômodo, em vez de no pátio. Bons exemplos de tais casas de um cômodo foram encontrados em Tel Nagila, a noroeste de Berseba, que datam de cerca de 1700 a.C. Três dessas casas tinham um cômodo de 3 por 2,1 metros e um pátio de 3 por 4,9 metros. Partições às vezes dividiam a sala. As paredes eram feitas de pedra bruta e tijolos de barro cobertos por reboco de lama e quase não eram grossas o suficiente para suportar um segundo andar. As casas eram construídas juntas para tirar proveito de uma parede traseira comum com entradas para o pátio em ruas aproximadamente paralelas. Cada casa continha um banco de pedra e argila ao longo das paredes.

Às vezes, vários cômodos eram construídos de um lado do pátio. O maior deles ainda encontrado vem de Tel Beit Mirsim, que data de cerca de 1600 a.C., provavelmente a casa de um governador local ou patrício. Havia nada menos do que seis cômodos no lado ocidental do pátio, que tinha cerca de 10,7 por 5,8 metros. O espaço habitável coberto, incluindo tanto o térreo quanto os segundos andares, era de cerca de 139 metros quadrados; um segundo andar é suposto devido à espessura das paredes ao redor. O piso térreo pode ter sido multifuncional, com dois cômodos estáveis e duas áreas de armazenamento. Outras variantes menos imponentes da casa do pátio com cômodos de um

lado apenas vêm desta mesmo tel no Estrato E (ca. 1700 a.C.).

O segundo tipo de casa na Idade do Bronze Médio tinha um salão coberto com cômodos em um ou dois lados. Um bom exemplo de tal casa com cômodos de um lado vem de Tel Beit Mirsim, que data de cerca de 1800 a.C. O grande salão retangular e coberto continha três grandes pedras planas, posicionadas ao longo do longo eixo para servir como fundações para os suportes do telhado de madeira. Vigas de madeira e um telhado de juncos cobertos de lama foram encontradas nos detritos. Cada uma dos três cômodos no oeste poderia ser acessado pelo salão. As fundações de pedra e as paredes de tijolos de barro eram substanciais o suficiente para suportar um segundo andar que poderia ser acessado por uma escadaria ou escada de madeira exterior. O chão de terra, cinzas e palha foi cuidadosamente alisada.

Um terceiro tipo de casa consistia em um pátio aberto com cômodos em dois lados adjacentes do pátio. Um bom exemplo vem de Tel Beit Mirsim, construída sobre as ruínas da casa com o salão coberto. O salão coberto se tornou o pátio. Uma casa em Tel Tanach do período do Bronze Médio IIB (ca. 1700 a.C.) era de construção muito forte, com paredes de mais de 90cm de espessura posicionadas com argamassa. O pátio continha uma cisterna, e um forno foi encontrado em um cômodo no lado leste da casa. Os andares térreos eram rebocados e cobriam de 214 metros quadrados. Uma escadaria interior levaria a um segundo andar.

Em algumas casas, os cômodos eram colocados em lados opostos do pátio. Bons exemplos vêm de Bete-Semes (Tel er-Rumeileh) e Megido. Em Bete-Semes, a muralha da cidade formava a parede sul da casa, e os cômodos ficavam a leste e a oeste do pátio. A entrada era da rua para um dos cômodos. As outras salas podiam ser acessadas atravessando o pátio. As paredes externas tinham mais de 91,4 centímetros de espessura e paredes interiores de 45,7 centímetros de espessura. Lama e reboco de cal revestiam as paredes.

Em Megido, as casas foram construídas contra o muro do norte da cidade. No nível XII (ca. 1750–1700 a.C.), três casas bem preservadas deste tipo foram encontradas. As casas eram separadas por paredes em ângulos retos em relação ao muro da cidade. O acesso para cada casa era através de uma porta na rua, através de um cômodo, e para um pátio pavimentado com pequenas pedras e seixos.

Os pátios abrigavam os fornos, e uma casa tinha uma cisterna.

Um quarto tipo de casa da Idade do Bronze Médio tinha cômodos em três lados do pátio. Esses cômodos variavam muito em tamanho e uso. Um bom exemplo que data de cerca de 1600 a.C. vem de Megido, nível IX. A casa tinha 12,8 por 11,9 metros de tamanho e continha nove cômodos de tamanhos variados. O pátio era rebocado de cal e tinha um grande forno no centro. Um segundo forno foi encontrado em uma sala mais ao leste. Cada cômodo tinha uma porta para o pátio. Esta casa, como outras da Idade do Bronze Médio, tinha locais de sepultamento sob os pisos (cf. [1Sm 25.1](#); [1Rs 2.34](#) para referências bíblicas na Idade do Ferro).

A grande variedade de casas palestinas durante a Idade do Bronze Médio aponta para um nível de prosperidade muito maior do que o da Idade do Bronze Inicial. Ambas as casas e túmulos apresentaram quantidades de utensílios domésticos graciosos e bem feitos.

Casas da Idade do Bronze Final (ca. 1550–1200 a.C.)

As informações são limitadas para este período, devido, em parte, aos acidentes de escavação e em parte à destruição severa de muitos locais no final da era pelas mãos dos israelitas, povos do mar, egípcios e outros.

Casas israelitas da Idade do Ferro (ca. 1200–600 a.C.)

Muitos exemplos de edifícios domésticos vêm deste período. As estruturas israelitas eram, a princípio, bastante grosseiras, mas a qualidade melhorou. Assim, em Tel Qasile, no século 12, havia casas pobres com um pátio e um único cômodo de um lado. Na contemporânea Bete-Semes, uma casa maior tinha uma fundação de grandes pedras não cortadas, um pátio de cerca de 10,4 por 6,1 metros e três cômodos de um lado de 3,4 por 3,2 metros. Havia pavimentação de pedra bruta no pátio e em dois dos cômodos. Em Hazor, uma casa foi descoberta que tinha um pátio e cômodos de um lado que datam de cerca de 900 a.C. Metade do pátio estava coberto, o telhado sendo apoiado em pilares de pedra. Esses pilares de pedra são muito característicos das casas da Idade do Ferro na Palestina e foram encontrados em sítios [arqueológicos] em todo o país.

O tipo mais comum de casa nos dias dos reis de Judá e Israel era aquele em que os cômodos eram construídos em três lados de um pátio. Este tipo de casa às vezes tem sido chamado de “casa de quatro cômodos”. Um longo cômodo foi construído em todo o eixo pequeno do pátio, e outros dois cômodos, um de cada lado do pátio, foram construídos no eixo longo. O pátio era dividido em três por duas fileiras de pilares que se estendiam pelo longo eixo do pátio. Esses pilares apoiavam o telhado e davam apoio para paredes, tanto de meia altura quanto de altura total. A entrada da casa era da rua para o pátio, onde fornos e silos eram normalmente colocados, embora isso variasse. Tal estrutura poderia ser expandida adicionando uma fileira de cômodos fora dos cômodos existentes no longo eixo do pátio. Havia muitas maneiras de dividir cômodos longos em cômodos menores. Em alguns casos em que as paredes eram fortes o suficiente, um segundo andar era adicionado. Um excelente exemplo de uma casa de quatro cômodos que mais tarde foi ampliada foi encontrado em Siquém e datada do período por volta de 748–724 a.C. O pátio continha um caixote de armazenamento, uma grande lareira aberta, um quern (moinho manual), moedores de pedra e as bases de frascos de cerâmica apoiados em pedestais de pedra. Nos cômodos que haviam sido adicionados, havia um dispositivo para capturar água do telhado e entregá-la a um sistema de água subterrâneo. Um grande silo em um cômodo se conectava a uma cozinha.

Há evidências de que as casas maiores da Idade do Ferro serviam como edifícios industriais ou de comércio. Certas casas em Tel Beit Mirsim continham tinteiros e pesos de tear. Em outros lugares, o grande número de moinhos manuais sugere uma indústria de moagem de trigo. Há evidências também de tanques de vinho, ou equipamentos de oleiro, e de lojas. Algumas casas tinham cômodos separados para fins religiosos e continham incenso, estatuetas, pequenos altares e coisas similares.

As escavações de Kathleen Kenyon em Jerusalém trouxeram à tona casas dos últimos dias de Judá. Elas eram bem pequenas e irregularmente planejadas, mas do mesmo projeto geral que aqueles nos locais das colinas de Judá — um pátio dividido por uma fileira de pilares de pedra que sustentavam o telhado.

O contraste entre grandes casas e pequenas casas em algumas cidades provavelmente indica a desigualdade social referida pelos profetas. Nos

séculos 10 e 9 a.C. havia uma imagem bastante uniforme de muitas casas pequenas e algumas grandes. No século 8 a.C., em uma cidade como Tirza, havia três ou quatro casas grandes e muitas estruturas frágeis.

Casas nos tempos do Novo Testamento

Há referências no NT a casas, telhados, portas, fundações, uma sala superior e lâmpadas. Uma das parábolas de Jesus se refere a fundamentos bons e ruins ([Mt 7.25](#)). Em um incidente, amigos levaram um homem paralítico para o telhado, que eles baixaram para a sala onde Jesus estava ([Mc 2.4](#)). Jesus se referiu às proclamações feitas dos telhados ([Mt 10.27](#); [Lc 12.3](#)), e Pedro subiu no telhado para orar ([Atos 10.9](#)). As casas eram varridas para encontrar objetos perdidos ([Lc 15.8](#)) e iluminadas por lâmpadas ([Mt 5.15](#)). Há várias referências a casas de indivíduos específicos ([Mc 8.3](#); [Lc 10.5](#); [16.4](#); [19.9](#); [Jo 11.20](#); [Atos 4.34](#); [9.11](#); [10.32](#)). Algumas casas tinham quartos superiores no telhado com acesso por uma escada externa. A refeição de Páscoa foi preparada em um cômodo grande no andar de cima ([Mc 14.12–15](#)). Os discípulos se hospedaram em um cômodo semelhante após a morte e ressurreição de Jesus ([Atos 1.13](#)). Em tais casas, às vezes havia servos ([10.7](#)), e alguns tinham um quarto de hóspedes ([Mc 14.14](#)). Concluimos a partir dos dados do NT que havia uma variedade no tamanho e elegância das casas dos dias de Jesus. Uma rua típica na Judeia ou Galileia teria casas que variavam de casa pequena (2,3 a 2,8 metros quadrados) até as mansões das classes superiores, que poderiam ter dois ou mais andares embelezadas por fileiras de pilares e adornos arquitetônicos.

Para o caráter preciso dessas casas, temos que nos voltar para evidências arqueológicas e literárias. Os escritos dos rabinos e Josefo acrescentam muitos detalhes. As escavações em locais do período romano (herodiano) (37 a.C. a 70 d.C.) forneceram evidências mais tangíveis. Uma fonte rica de informações é a escavação no antigo bairro judeu em Jerusalém. Uma grande casa de cerca de 209 metros quadrados tinha um pátio central onde três fornos de cozinha e uma cisterna de água foram encontrados. Grandes nichos estabelecidos em algumas das paredes continham cerâmica quebrada e podem ter sido armários. Vestígios de pisos de mosaico e paredes rebocadas dão uma ideia da beleza desta casa. Havia vários cômodos fora do pátio, talvez até dez. Os restos de outras belas casas do final do período do segundo templo foram encontrados mais a oeste, notavelmente na

área do cemitério armênio no Monte Sião, no qual belos afrescos foram preservados exibindo uma representação única de pássaros. Outras casas apresentaram pavimentos de mosaico com padrões puramente geométricos, aderindo assim à injunção contra desenhar formas animais.

Veja também Arquitetura.

Casfo

Casfo era uma cidade a leste do Mar da Galileia. É mencionada em 1 e 2 Macabeus.

Judas e Jônatas Macabeus lideraram seu exército na região da Transjordânia. Eles capturaram Casfo, junto com Maced, Bosor e outras cidades em Gileade ([1Mc 5.36](#)).

A maioria dos estudiosos acredita que Casfo é o mesmo lugar chamado *Caspin* em [2 Macabeus 12.13](#). Alguns acreditam que Casfo estava localizado em el-Muzeirib na planície de Haurã ou em Tell el-Jamid pelo rio Yarmuk. No entanto, atualmente, a maioria dos estudiosos o localiza em Khisfin, cerca de 16 quilômetros a leste do Mar da Galileia.

Casifia

Local para o qual Esdras enviou em busca de levitas quando percebeu que seu grupo de retornados do exílio carecia de pessoas qualificadas para o serviço no templo ([Ed 8.17](#)). Casifia era possivelmente Ctesifonte no Rio Tigre, perto da moderna Bagdá.

Casluim, Casluítas

Descendentes de Noé através de seu filho Cam e neto Mizraim ("Egito" em algumas versões), e ancestrais dos filisteus ([Gn 10.14](#); [1Cr 1.12](#)).

Caspin

Caspin era uma cidade a leste do Rio Jordão, provavelmente o mesmo lugar que Casfo ([1Mc 5.26.36](#)). Especialistas antigos e modernos não concordam totalmente sobre a localização. O historiador judeu Josefo identifica Caspin com Maced ([2Mc 12.13](#)). Em [1 Macabeus 5.24–36](#), Judas e Jônatas Macabeus lideraram seu exército na

região chamada Transjordânia (do outro lado do Rio Jordão). Lá, Judas "foi apoderar-se de Casfo, Maced, Bosor e das outras cidades do Galaad" (versículo [36](#), Bíblia de Jerusalém).

Cássia

Um tipo de árvore que cresce na Ásia tropical. A casca da cássia é usada como especiaria e tem um sabor semelhante ao da canela, mas não é de qualidade tão alta.

A "cássia" mencionada na Bíblia vem da árvore de casca de cássia (*Cinnamomum cassia*). É um dos ingredientes usados no óleo sagrado de unção ([Êx 30.24](#)). Também era um item valioso de comércio ([Ez 27.19](#)). Em algumas versões da Bíblia em português, "cássia" aparece como "cana aromática" ou outro termo similar, mas a maioria das versões usam o termo "cássia" (e.g., NAA, ARA, NVI).

Em [Salmo 45.8](#), a referência parece ser a uma planta diferente chamada íris indiana (*Saussurea lappa*).

Castanheiro

Má tradução da ARC para plátano, uma árvore nativa da Palestina ([Gn 30.37](#); [Ez 31.8](#)). *Veja* Plantas (Plátano).

Castanhola

Um pequeno instrumento de percussão portátil, como um chocalho, em [2 Samuel 6.5](#).

Veja Instrumentos Musicais; Música.

Castigar, Castigo

Esses termos indicam correção ou disciplina que visa tornar uma pessoa justa ([Dt 21.18](#); [Jó 5.17](#); [2Tm 2.25](#)).

Veja Disciplina.

Cástor e Pólux

De acordo com a mitologia grega e romana, eles eram filhos gêmeos de Zeus. O apóstolo Paulo navegou de Malta para Puteóli em um navio cujo sinal ou figura de proa era os "Irmãos Gêmeos" ([At 28.11](#)). Esses irmãos gêmeos também eram conhecidos como Dióscuros (que significa "filhos de Zeus").

Veja Dióscuros.

Catate

Cidade atribuída a Zebulom ([Is 19.15](#)), possivelmente a mesma que Quitrom de [Juízes 1.30](#). *Veja* Quitrom.

Cativeiro Babilônico

O período em que muitas pessoas que viviam em Judá, o reino do sul de Israel, foram levadas para a Babilônia após a conquista de Jerusalém por Nabucodonosor no século VI a.C.

Veja Babilônia, Babilônia; Diáspora dos Judeus.

Cativeiro, o

O período em que muitas pessoas de Judá foram levadas para a Babilônia após a conquista de Jerusalém por Nabucodonosor no século VI a.C. é conhecido como a *Diáspora dos Judeus*.

Cauda

Cauda era uma pequena ilha ao sul de Creta. O navio que levava o apóstolo Paulo a Roma parou em Cauda durante uma tempestade para encontrar proteção temporária ([At 27.16](#)).

Por trás da ilha, a água estava mais calma. Nesta área protegida, os marinheiros içaram a bordo um pequeno barco que estavam rebocando atrás do navio. Eles também trabalharam para reforçar o casco do navio.

Mesmo depois de baixarem as velas, os ventos fortes os empurraram além da ilha. Por fim, o navio afundou.

Cauda é a ilha moderna de Gaudos (também chamada de Gozzo). Antigas cópias manuscritas da

Bíblia soletram o nome de maneiras diferentes. Algumas usam "Cauda" (como na maioria das versões modernas da Bíblia), enquanto outras usam "Clauda".

Cavalaria

Soldados que combatem montados em cavalos.

Veja Guerra.

Cavalo

O cavalo é um mamífero com cascos que tem sido importante ao longo da história para transporte, guerra e trabalho, conhecido por sua longa crina, cauda e estrutura forte.

Tipos de cavalos

Um cavalo é um grande animal de quatro patas usado para montaria, tração de veículos e em guerras. O cavalo domesticado (*Equus caballus*) provavelmente descende do tarpan, um cavalo selvagem do sul da Rússia que foi extinto em 1851. Outro cavalo selvagem, o cavalo de Przewalski (*Equus przewalskii*), vivia na Mongólia até que caçadores com armas modernas mataram a maioria deles após a Primeira Guerra Mundial. Os cavalos foram domesticados pela primeira vez no Turquestão, uma região ao norte do Afeganistão e Índia, agora parte da Rússia. Um cavalo se diferencia de um burro por ter orelhas mais curtas, uma crina mais longa com cabelo na testa, uma longa cauda peluda e um focinho macio e sensível.

Cavalos nos tempos bíblicos

Os cavalos eram usados na guerra não apenas para montar, mas também para puxar os pesados carros de guerra sem molas. Dois tipos de cavalos eram necessários para esses diferentes propósitos. Os hebreus distinguiam entre cavalos de carruagem e cavalos de cavalaria.

O Senhor advertiu os primeiros israelitas contra a coleta de muitos cavalos, como os egípcios fizeram ([Dt 17.14-16](#)). No entanto, Davi e Salomão, para atender às necessidades do exército, importaram e criaram cavalos do Egito. Salomão aumentou o número de cavalos do reino e manteve grandes estábulos em várias cidades ([1Rs 10.26](#)). Locais importantes incluíam:

- Megido;
- Hasor;
- Gezer.

Essas cidades eram importantes para a defesa ([1Rs 9.15-19](#)). Os cavalos de Acabe são mencionados em [1 Reis 18.5](#). Além disso, os registros de Salmanasar III mostram que Acabe forneceu 2.000 carros de guerra contra a Assíria.

No início de Israel, o cavalo representava luxo pagão e dependência do poder físico em vez de Deus para proteção ([Dt 17.16](#); [1Sm 8.11](#); [Sl 20.7](#); [Is 31.1](#)). O comércio de cavalos, mencionado já em [Gênesis 47.17](#), era realizado por Salomão entre o Egito e os impérios siro-hititas ([1Rs 10.28-29](#)).

A maioria das menções bíblicas de cavalos descreve seu uso na guerra. No entanto, eles também eram usados para transporte. Unidades de cavalaria (soldados a cavalo) não foram introduzidas até o século 12 a.C., pelos medos (um povo da antiga Pérsia). José andou no segundo carro de Faraó ([Gn 41.43](#)). Absalão exibiu sua importância ao andar em uma carruagem puxada por cavalos ([2Sm 15.1](#)). Naamã viajou a cavalo e em carruagem ([2Rs 5.9](#)).

Mais tarde, os cavalos eram tão comuns em Jerusalém que o palácio real tinha um portão especial para cavalos ([2Cr 23.15](#)). Havia também um portão da cidade chamado Portão dos Cavalos ([Ne 3.28](#); [Jr 31.40](#)). Mordecai, em um gesto de honra, montou um cavalo real do rei Xerxes ([Et 6.8-11](#)).

Cavalos como símbolos

Cavalos frequentemente aparecem como símbolos na Bíblia:

- Um cavalo representa teimosia que precisa de controle em [Salmo 32.9](#).
- Uma égua representa beleza e força em [Cântico dos Cânticos 1.9](#).
- Os garanhões representam paixão descontrolada em [Jeremias 5.8](#) e [12.5](#).
- Os cavalos frequentemente representam o julgamento e o poder de Deus ([Hc 3.8](#); [Zc 1.8](#); [6.1-8](#); [Ap 6.2-8](#); [9.17](#); [19.11-16](#)).

Veja também Guerra; Viagem.

Cavalos, Portão dos

Portão próximo ao palácio em Jerusalém ([Jr 31.40](#)), na parte sudeste da muralha da cidade. Algumas Bíblias em português usam a expressão "Porta dos Cavalos". Aqui, a rainha Atalia foi executada ([2Rs 11.16](#); [2Cr 23.15](#)). O portão foi restaurado sob o comando de Neemias ([Ne 3.28](#)).

Veja também Jerusalém.

Cedro

Uma árvore que cresce naturalmente na Palestina. Sua madeira era usada para construção e edificação ([1Rs 6.9](#)). Cedro refere-se a vários tipos de árvores perenes com cones que são nativas da Europa, Ásia e África. A maioria das menções de "cedro" na Bíblia refere-se ao cedro do Líbano.

O cedro do Líbano (*Cedrus libani*) é uma árvore magnífica. Era a árvore mais alta e impressionante conhecida pelo povo israelita. Cresce rapidamente, atingindo alturas de até 36,6 metros. Seu tronco pode ter uma largura de até 2,4 metros. Na época do rei Salomão, essas árvores eram abundantes nas montanhas do Líbano. Hoje, são muito raras porque muitas foram cortadas para madeira.

As pessoas valorizavam o cedro do Líbano por várias razões: sua força, beleza, longevidade, cheiro agradável e madeira que dura muito tempo sem apodrecer. A árvore tornou-se um símbolo de grandeza, poder, majestade, dignidade, altura e ramos amplamente espalhados.

Em [Ezequiel 17.3,22-24](#) e [31.3-18](#), essas árvores imponentes são como reis da floresta. Os cedros são usados como símbolos para representar força, poder e glória mundanos.

Cedrom

O Vale do Cedrom é um vale e leito de riacho localizado abaixo do muro sudeste de Jerusalém. Ele separa a cidade do Monte das Oliveiras a leste. De lá, ele se dirige para sudeste e segue um caminho sinuoso até o Mar Morto. O Cedrom é melhor descrito como um leito de torrente que está quase sempre seco. A água flui apenas na estação chuvosa. É parcialmente alimentado por duas nascentes irregulares, Giom e En-Rogel.

A Fonte de Giom era uma fonte de água crucial para a antiga cidade de Davi. No tempo do rei Ezequias, um túnel subterrâneo foi escavado na rocha para garantir um fornecimento constante de água durante os cercos. Este túnel levava ao tanque de Siloé, localizado dentro das muralhas da cidade.

O termo "ribeiro" é encontrado em [João 18.1](#) na ARC. Uma tradução melhor seria "fluxo de inverno" ou "curso de inverno". Isso reflete a natureza sazonal do riacho, não um rio constante.

O Vale do Cedrom desempenha dois papéis fundamentais na história de Jerusalém: militar e funerário. As muralhas da cidade sempre se ergueram acima do vale. Sua inclinação dificultava que os inimigos atacassem daquela direção. Escombros de ruínas próximas elevaram o piso do vale ao longo do tempo. Agora está cerca de 12,2 metros mais alto do que seu nível antigo. Muitas cavernas e tumbas antigas podem ainda estar enterradas sob a superfície atual. Logo ao sul da cidade, o Cedrom se junta aos Vales de Tiropeão e Hinom. A área tem sido usada há muito tempo para jardins reais, irrigados por nascentes próximas.

Desde o século 4 d.C., o Vale do Cedrom tem sido chamado de "Vale de Josafá" ([Jl 3.12](#)). Está associado ao julgamento final das nações. Esta tradição é significativa tanto para muçulmanos quanto para judeus. Hoje, os lados do vale estão repletos de túmulos. Mesmo antes do exílio, o Cedrom era um local de sepultamento popular. [2Rs 23.4-12](#) menciona os túmulos de pessoas comuns e o descarte de objetos idólatras lá. Isso também é referenciado em [2 Crônicas 34.4-5](#).

A primeira referência ao Vale do Cedrom está em [2 Samuel 15.23](#) quando o rei Davi e seu povo o atravessaram durante a rebelião de Absalão. Essa travessia foi estratégica, proporcionando uma rota de fuga em caso de ataque à cidade. O rei e o povo choraram enquanto fugiam ([2Sm 15.30](#)). Simbolizou o abandono de Sião por Davi sem luta. Mais tarde, Salomão proibiu o ofensivo Simei de cruzar o Cedrom. A penalidade por desobediência era a morte ([1Rs 2.36-38](#)). O historiador Josefo observa que a rainha Atalia foi executada no Vale do Cedrom (*Antiguidades* 9.7.3). [2Rs 11.16](#) não é claro se a entrada dos cavalos no palácio dava para o Cedrom.

A última menção do Cedrom na Bíblia é quando Jesus o atravessou com seus discípulos na noite de sua traição ([Jo 18.1](#)). Os paralelos entre as travessias de Jesus e Davi são notáveis. Eles se relacionam com o papel de Davi no tema bíblico da

realeza. Jeremias profetizou que, nos tempos finais, o Senhor tornaria o Vale do Cedrom sagrado ([Jr 31.38-40](#)) como parte da restauração de Israel.

Veja também Jerusalém.

Cefas

A tradução aramaica para o nome do apóstolo Simão Pedro em [João 1.42](#); [1 Coríntios 1.12](#); e [Gálatas 1.18](#). O nome significa "rocha" ou "pedra".

Veja Simão Pedro.

Cefira

Uma cidade antiga onde viviam os heveus. A NVI usa a grafia "Quefira". A cidade tornou-se parte do território israelita através de um acordo incomum. O povo de Gibeão (uma cidade próxima) enganou Josué e os israelitas para fazerem paz com eles enquanto os israelitas estavam conquistando a terra de Canaã ([Js 9.17](#)).

Mais tarde, a cidade tornou-se parte da terra dada à tribo de Benjamim, uma das doze tribos de Israel ([Js 18.26](#)). Muitos anos depois, após o povo judeu retornar do exílio na Babilônia, algumas pessoas voltaram a viver em Cefira ([Ed 2.25](#); [Ne 7.29](#)).

Hoje, as ruínas desta antiga cidade são chamadas de Khirbet Kefireh. Essas ruínas estão localizadas a sudoeste de onde a antiga cidade de Gibeão se situava.

Cegueira

Estado de incapacidade de enxergar. A cegueira física era comum no antigo Oriente Próximo e ainda é predominante entre os povos pobres e tribais que não têm os benefícios da medicina moderna.

As causas médicas de cegueira não são especificadas na Bíblia, mas má higiene pessoal e condições de vida insalubres eram, sem dúvida, fatores contribuintes. Os bebês recém-nascidos eram especialmente suscetíveis. Grande incidência de cegueira desde o nascimento ([Jo 9.1-3](#)) era provavelmente a gonorreia dos olhos. No processo de nascimento, os germes da mãe passavam para os olhos do bebê, onde eles encontraram um meio ideal para crescimento. Dentro de três dias

inflamação, pus e inchaço seriam evidentes. Em tais casos, o tratamento primitivo não poderia impedir algum dano permanente ou até mesmo total ao olho. A prática médica moderna trata todos os bebês recém-nascidos com colírios antissépticos; mas tal tratamento nem sempre está disponível para os pobres, ou é rejeitado por eles em partes do Oriente Médio hoje. Os bebês e crianças pequenas também foram ameaçados por infecções oftálmicas. Carregada por moscas, essa doença causa crosta pesada, pálpebras caídas, perda de cílios e eventualmente turvação da córnea, muitas vezes levando à cegueira total. Em certas partes do mundo, é possível ver mãos (por causa de superstições locais) permitindo que moscas estejam constantemente no rosto de seus bebês enquanto os mantêm em seu colo. A cegueira entre adultos pode ser causada devido a efeitos colaterais de doenças como malária, longa exposição a tempestades de areia e brilho do sol no deserto, acidentes, punição (como com Sansão, [Jz 16.21](#)), ou velhice ([Gn 27.1](#); [1Sm 4.15](#); [1Rs 14.4](#)).

O AT exigiu consideração especial pelos cegos ([Lv 19.14](#)) e impôs punição para quem enganasse uma pessoa cega ([Dt 27.18](#)). Um homem cego, considerado defeituoso, não era permitido servir como sacerdote ([Lv 21.18](#)).

O ministério de cura de Jesus trouxe visão aos cegos no cumprimento da profecia ([Lc 4.18](#)). Sua capacidade de restaurar a visão era uma das provas dadas a João Batista de que Jesus era o Messias ([Mt 11.5](#)). Jesus curou dois homens cegos na Galileia ([9.27-30](#)), um homem cego em Betsaida ([Mc 8.22-26](#)), um homem cego de nascimento em Jerusalém ([Jo 9](#)), e um mendigo cego chamado Bartimeu e seu amigo em Jericó ([Mc 10.46-52](#); cf. [Mt 20.30-34](#); [Lc 18.35-43](#)). Às vezes, Jesus ordenava a restauração imediata ([Mc 10.52](#)). Em outras ocasiões, ele usou “meios”, como argila e água ([Jo 9.6-11](#)) ou sua própria saliva ([Mc 8.23](#)). O apóstolo Paulo ficou cego durante sua conversão e recebeu uma cura milagrosa na presença de Ananias ([At 9.1-9.18](#)). Paulo mais tarde afligiu um feiticeiro, Elimas, com cegueira temporária por se opor ao seu ministério na ilha de Chipre ([13.11](#)).

Veja também Medicina e Prática Médica; Doença.

Ceia Do Senhor, A

A ceia que Jesus compartilhou com seus discípulos, algumas horas antes de ser preso e levado para seu julgamento e morte (muitas vezes chamada, assim,

de “A Última Ceia”); a cerimônia de participar do pão e do vinho que os cristãos vieram chamar de Ceia do Senhor ([1Co 11.20](#)), o partir do pão ([Atos 2.42, 46](#); [20.7](#)), a Santa Comunhão (da expressão de [1Co 10.16](#)), a Eucaristia (a palavra grega para “ação de graças”, veja [Mc 14.23](#)), ou a Missa. O apóstolo Paulo fala de entregar o que ele havia “recebido do Senhor” sobre a instituição desta ceia “na noite em que ele foi traído”. Tal como Lucas, Paulo dá a ordem do Senhor aos seus discípulos: “Fazei isso em memória de mim” ([1Co 11.24-25](#)). De acordo com [Atos 2](#), os primeiros cristãos desde o início da vida da igreja se reuniam regularmente para “partir o pão”.

Resumo

- Os relatos da Instituição
- A história da Instituição
- Palavras e ações da Instituição
- A prática da Igreja Primitiva
- O ensino de Paulo

Os relatos da Instituição

A instituição da Ceia do Senhor é registrada em [Mateus 26.26-30](#); [Marcos 14.22-26](#); e [Lucas 22.14-20](#). O Evangelho de João (capítulo [13](#)) fala da Última Ceia que Jesus compartilhou com seus discípulos, de sua lavagem dos pés dos discípulos e o ensino associado a isso, mas não menciona sua instituição de Comunhão. Muitos veem a Ceia do Senhor refletida no ensino de [João 6](#), seguindo o milagre da multiplicação para alimentar a multidão de 5.000 pessoas, e a fala de Jesus de si mesmo como “o pão da vida”, mas isso está aberto a questionamentos. [Primeira Coríntios 11.23-26](#) dá a versão de Paulo da instituição, da qual ele fala como “receber” e “entregar” aos cristãos coríntios.

Em [Lucas 22.17-18](#) diz-se que Jesus passou o cálice para os discípulos com as palavras “Tomem isso, e dividam entre si” antes de tomar o pão e dar a eles. Na maioria dos manuscritos antigos, há um segundo cálice, por fim, após a distribuição do pão. Esta diferença de Lucas ante os outros Evangelhos e de Paulo foi explicada de várias maneiras, mas se há dois cálices de vinho na ceia ou uma ordem diferente na distribuição do pão e do vinho, não faz diferença essencial para o fato e o significado da instituição.

A história da Instituição

Todas as narrativas — os três Evangelhos e 1 Coríntios — falam da Última Ceia quando a Eucaristia foi instituída, como que ocorrendo algumas horas antes da prisão de Jesus. Todos os quatro Evangelhos relatam, neste contexto, das palavras de Jesus aos seus discípulos, sobre a traição de Judas, e sobre Jesus dizendo a Pedro que ele negaria seu Mestre. Mateus ([Mt 26.17-20](#)), Marcos ([Mc 14.12-17](#)) e Lucas ([Lc 22.7-14](#)) dizem, claramente, que esta Última Ceia foi preparada pelos discípulos e guardada por Jesus, com eles, como uma refeição da Páscoa. João fala disso como acontecendo “antes da festa da Páscoa” e, então, relata que, na época do julgamento de Jesus diante de Pilatos, os líderes judeus “não entraram no pretório, para que eles não pudessem ser contaminados, mas poderiam comer a Páscoa” ([Jo 13.1; 18.28](#), ARA).

Várias explicações desta diferença entre João e os outros Evangelhos foram sugeridas, tais como os diferentes grupos de judeus que mantinham a Páscoa em momentos diferentes, que a refeição na sala superior não era estritamente uma Páscoa, mas uma refeição de comunhão na temporada da Páscoa, ou que Jesus escolheu deliberadamente por suas próprias razões especiais para celebrar a Páscoa antes do tempo normal. [Lucas 22.15](#) concede suas palavras: “Eu, sinceramente, desejei comer esta Páscoa com vocês antes de sofrer” (ARA). No entanto, as diferenças entre os Evangelhos podem ser explicadas, e sempre que a reunião ao redor da mesa ocorria, fica claro que a Última Ceia tinha o significado de uma refeição da Páscoa.

Assim, há uma semelhança inevitável entre a celebração da Páscoa como uma festa da antiga aliança, e a Ceia do Senhor como uma festa da nova. A primeira olha para trás com gratidão, uma lembrança à redenção do povo e libertação do Egito pelo ato de Deus, associado com o sacrifício do cordeiro da Páscoa. Esta última recorda com gratidão a redenção realizada por Deus através do sacrifício de Cristo. O apóstolo Paulo conecta os dois: “Cristo, nosso cordeiro da Páscoa, foi sacrificado” ([1Co 5.7](#), NVI).

Palavras e ações da Instituição

A associação da Última Ceia com a Páscoa aponta para a importância do pano de fundo do AT para nossa compreensão do significado da Ceia do Senhor. Este contexto do AT é igualmente

importante para entender as palavras e ações de Jesus na sala superior.

“Este é meu corpo”.

As ações de Jesus ao tomar o pão são descritas da mesma forma em Mateus ([Mt 26.26](#)), Marcos ([Mc 14.22](#)), Lucas ([Lc 22.19](#)) e 1 Coríntios ([1Co 11.23-24](#)). Jesus tomou o pão, deu graças a Deus (“bênção” tem o mesmo significado no contexto bíblico), e o partiu. Vale ressaltar que as mesmas três ações são descritas nos registros do milagre da multiplicação dos pães, com as multidões de 5.000 pessoas, e das 4.000 pessoas ([Mc 6.41; 8.6](#)). O que ele disse, de acordo com todos os quatro relatos da Última Ceia, foi “Este é meu corpo”. Os cristãos nas tradições católicas, ortodoxas e várias tradições protestantes têm divergências em sua compreensão do significado preciso dessas palavras. O que fica claro é que, no tomar o pão, há a percepção de Jesus se entregar, seu corpo a ser quebrado na cruz, sua vida oferecida para que nós, em e através dele, possamos ter vida. [Primeira Coríntios 11.24](#) registra as palavras como “Este é meu corpo que é para vocês”, e alguns manuscritos iniciais “quebrado por vocês”.

“Faça isso em memória de mim”.

Esta instrução específica é encontrada apenas em [Lucas 22.19](#) e [1 Coríntios 11.24](#). Alguns argumentaram que a ausência das palavras nos outros registros do Evangelho indica que não era a intenção explícita do Senhor que o que ele fez na Última Ceia deveria ser repetido como um sacramento cristão. No entanto, todos os Evangelhos foram escritos quando o partir do pão havia sido uma prática regular na vida da igreja por anos. Mateus e Marcos, portanto, podem ter pensado que era desnecessário expressar a intenção de Jesus com essas palavras. Elas foram tomadas como certas.

Também deve ser dito que essas palavras foram interpretadas de forma diferente em várias tradições cristãs. Muitos cristãos protestantes entenderam que elas significavam que, na Santa Comunhão, devemos lembrar com grande gratidão que Cristo nos amou e se deu para morrer por nós. Na Igreja Católica Romana, a palavra “lembrança” foi entendida como um memorial diante de Deus, uma representação do sacrifício de Cristo diante do Pai. “Faça isso” foi interpretado como significado “oferecer isso”, e até mesmo no segundo século os escritores cristãos falavam da Eucaristia como um “sacrifício”. Os cristãos protestantes, geralmente,

sentiram o perigo desta maneira de falar; pode prejudicar, ou até mesmo negar, a compreensão bíblica do sacrifício de Cristo tendo sido oferecido de uma vez por todas, suficientemente expiação pelos pecados do mundo (cf. [Hb 7.27](#); [9.12](#)). Deve ser dito, no entanto, que muitas declarações católicas romanas enfatizam, hoje, a suficiência e integridade do sacrifício de Cristo na cruz; e muitos estudiosos protestantes, embora não desejem introduzir uma compreensão sacrificial da Ceia do Senhor, enfatizam que “lembrança” é mais do que simplesmente trazer à mente de uma ação do passado. No pensamento bíblico, “lembrança” muitas vezes envolve uma realização e apropriação no presente do que foi feito ou o que se provou verdadeiro no passado (veja [Sl 98.3](#); [106.45](#); [112.6](#); [Ec 12.1](#); [Is 57.11](#)).

“Este é meu sangue da [nova] aliança”.

Jesus tomou o cálice de vinho, deu graças e o entregou aos seus discípulos para que todos eles bebessem. Em essência, os quatro relatos da instituição concordam. Mateus ([Mt 26.28](#)) e Marcos ([Mc 14.24](#)) registram as palavras de Jesus como “Este é meu sangue da [nova] aliança”. [Lucas 22.20](#) tem “Este cálice que é derramado por vocês é a nova aliança em meu sangue”, e [1 Coríntios 11.25](#) é semelhante a isso. Isso se refere ao ritual de fazer uma aliança com a oferta do sacrifício, como a aliança entre Deus e Israel após o Êxodo ([Êx 24.1-8](#)). Implícito também está que a esperança profética da nova aliança ([Jr 31.31-34](#)) foi cumprida em Jesus, como [Hebreus 8-9](#) descreve.

“Derramado por muitos pelo perdão dos pecados”.

O significado da morte de Jesus como um sacrifício está ligado com a compreensão da Páscoa e da aliança. Também está relacionado com o que [Isaías 53](#) diz sobre o Servo sofredor se fazendo “uma oferta pelo pecado” ([Is 53.10](#)). [Lucas 22.37](#) inclui entre as palavras de Jesus na sala superior a declaração: “Esta escritura deve ser cumprida em mim: ‘E ele foi contado com os transgressores’.” Esse verso, [Isaías 53.12](#), também diz: “ele derramou sua alma na morte” e “ele levou sobre si o pecado de muitos”. [Marcos 14.24](#) parece aludir a essas Escrituras quando Jesus fala de seu sangue “derramado por muitos”, e [Mateus 26.28](#) acrescenta “para o perdão dos pecados”.

Expectativa para o Futuro

Todos os quatro relatos da Última Ceia se associam, embora de maneiras diferentes, uma expectativa pelo futuro com a instituição da Eucaristia. Em [Marcos 14.25](#), vem nas palavras de Jesus: “Em verdade, eu digo a vocês que não beberei novamente do fruto da videira até aquele dia em que beberei novo no reino de Deus” (ARA). Em [Mateus 26.29](#) que o futuro desfrutar da bebida do fruto da videira é dito que será “com vocês no reino de meu Pai”. Em [Lucas 22.18](#), há palavras semelhantes, e dois versos anteriores a declaração sobre cumprimento da Páscoa “no reino de Deus”. Tudo isso pode ser entendido como a realização final de outra esperança que tanto o AT quanto os escritos apocalípticos judaicos posteriores estabeleceram adiante: o banquete messiânico, a festa no monte do Senhor da qual [Isaías 25.6](#) fala. Em [1 Coríntios 11.26](#) essa esperança futura é bastante explícita que se trata da segunda vinda de Cristo; pois, diz o apóstolo: “Todas as vezes que você come este pão e bebe o cálice, você proclama a morte do Senhor até que ele venha” (ARA).

A prática da Igreja Primitiva

Em [Atos 2.42](#), após o registro do que aconteceu em Pentecostes, é dito que “eles se dedicaram ao ensino e comunhão dos apóstolos, ao partir do pão e às orações” (ARA). Além disso, “diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração” ([Atos 2.46](#), ARA). Duas perguntas são levantadas sobre essas palavras e a prática que estava por trás delas. Eles simplesmente querem dizer que os cristãos compartilhavam refeições comuns juntos? [Atos 2.46](#) parece falar de partir o pão e participar de refeições como duas ações separadas. Além disso, [Atos 20.7](#) ao falar dos cristãos em Trôade “no primeiro dia da semana . . . reunidos para partir o pão” parece claramente aludir a um culto cristão e não apenas uma refeição. De [1 Coríntios 10](#) e talvez da referência a “festas de amor” em [Judas 12](#), podemos deduzir razoavelmente que uma refeição na comunhão cristã e a celebração da Ceia do Senhor, muitas vezes, ocorriam juntas. Uma segunda pergunta é se o primitivo “partir do pão”, como na igreja de Jerusalém, pode ter sido um rito diferente daquele com o pão e o vinho, o primeiro lembrando a comunhão dos discípulos com o Senhor ressuscitado, este último especialmente lembrando sua morte sacrificial. Não há evidências diretas para apoiar tal visão. A Ceia do Senhor, da qual os Evangelhos dão testemunho, envolveu o

partir do pão e o compartilhar do cálice em memória do sangue de Cristo “derramado por muitos”. Podemos assumir, também, que a tradição que o apóstolo Paulo recebeu, seguiu e passou para os outros remonta a seus primeiros anos como cristão e assim envolveu o partir do pão e o compartilhar do cálice em memória de Cristo, e assim proclamando a morte do Senhor até seu retorno.

O ensino de Paulo

No ensino de Paulo, como nos Evangelhos, a Ceia do Senhor envolve claramente o olhar para trás em lembrança grata pelo sacrifício de Cristo oferecido de uma vez por todas pelos pecados do mundo, a realização de o Senhor estar com seu povo no presente, e a expectativa em esperança. Outros aspectos do ensino relacionados com a Eucaristia são trazidos em [1 Coríntios 10-11](#). O ensino surge de aspectos práticos da situação na igreja de Coríntio; a necessidade de estar ciente do perigo de voltar para trás de qualquer maneira para a adoração dos ídolos; e as divisões potenciais na comunhão cristã, incluindo entre ricos e pobres.

Comunhão com Cristo

Comer do pão e beber do cálice é mencionado como tendo parte com Cristo, pois compartilhar em refeições sacrificiais significaria participar da “mesa dos demônios” ([1Co 10.21](#)). “O cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo?” (v. [16](#), ARA). “Comunhão” é a tradução da palavra grega *koinonia*, tão frequentemente traduzida como “aliança” nas passagens do NT. Quando a Ceia do Senhor foi celebrada, deve ter havido muitas vezes uma reminiscência não apenas da Última Ceia na noite antes de Jesus morrer, mas também de sua presença com seus discípulos na primeira Páscoa e seu dar-se a conhecer a eles no partir do pão ([Lc 24.30-35](#)). Eles continuaram a experimentar essa comunhão com ele.

Alimentando-se de Cristo

Dos dois sacramentos cristãos, o batismo tem uma natureza de ser realizada uma única vez por todas, enquanto a Santa Comunhão é repetida. A vida de Cristo foi oferecida pelos pecados de uma vez por todas na cruz, e encontramos vida ao nos voltar a ele — o batismo significa isso. Ao mesmo tempo, a vida também é oferecida a nós constantemente para o alimento de nossas vidas espirituais dia a dia

— desta alimentação regular em Cristo, que a Eucaristia fala. [Primeira Coríntios 10.3-4](#) fala de “comida sobrenatural” e “bebida sobrenatural” e encontra nos eventos no mar e no deserto, nos dias de Moisés, prenúncios do que os cristãos encontram em Cristo. Cristo disse: “Eu sou o pão da vida”, e “Minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida”; assim o que temos no Evangelho de João ([Jo 6.35,55](#), ARA) está perto do que Paulo implica sobre a Ceia do Senhor, expressando a verdade de que os cristãos espiritualmente se alimentam de Cristo.

Ceifeiro, ceifar

Veja Agricultura.

Celeiro

Um celeiro é um edifício onde grãos são armazenados após a colheita. Os agricultores usam celeiros para proteger suas colheitas do clima, pragas e animais. Nos tempos bíblicos, os celeiros eram muito importantes para a segurança alimentar. Eles permitiam que as pessoas armazenassem o excesso de grãos de boas colheitas para usar durante períodos de seca ou fome.

Veja Agricultura.

Celessíria

Literalmente, o termo significa “Síria oca”. Foi usado de forma um tanto vaga ao se referir a partes do Vale do Jordão. Esta designação não é encontrada na Bíblia, mas é mencionada várias vezes nos Apócrifos, sozinha em [1 Macabeus 10.69](#) e junto com Fenícia em outros lugares ([1Ed 2.17,24,27; 4.48; 6.29; 7.1; 8.67; 2Mc 3.5,8; 4.4; 8.8; 10.11](#)). Era o nome comumente dado ao vale de aproximadamente 161 quilômetros de extensão que se estende entre as montanhas do Líbano e Antilíbano após o tempo de Alexandre, o Grande, mas é evidente pelo uso do termo por escritores antigos que nem sempre indicava o mesmo território.

Celestiais, Os

Termo exclusivo da carta de Paulo aos efésios, também traduzido como "lugares celestiais" ou "reinos", referindo-se às regiões superiores e superterrestres do ar. Como o termo "nos celestiais" tinha associações com o vocabulário cultural pagão, pode ter sido usado pelo apóstolo de maneira apologética.

"Os lugares celestiais" referem-se à esfera onde Cristo ressuscitado foi assentado à direita de Deus, em uma posição de autoridade, poder e domínio, reinando como conquistador e governante muito acima do mundo celestial ([Ef 1.20-21](#)). Outro uso aponta para a ideia da esperança realizada daqueles que estão em Cristo, pois os crentes já foram abençoados com "toda bênção espiritual nas regiões celestiais" ([v.3](#)) e são ressuscitados com Cristo, assentados com ele nas regiões celestiais ([2.6](#)). A igreja fará conhecida a sabedoria de Deus aos principados e potestades nas regiões celestiais ([3.10](#)). Assim, ela participará da vitória sobre as hostes espirituais da maldade, também presentes nos lugares celestiais ([6.12](#)).

Veja também Céu; Principados e Potestades.

Celons

Os Celons são um grupo de pessoas mencionado no livro de Judite. Eles aparecem em uma lista de lugares que Holofernes, o principal general do Rei Nabucodonosor, atravessou durante sua campanha militar ([Judite 2.23](#)).

Os estudiosos não concordam exatamente sobre quem eram os celons. Alguns os associaram à cidade de Celous (atual Khalasa), mas essa localização está muito distante das outras mencionadas na mesma passagem.

Uma opção melhor é a antiga Cole, que ficava entre Palmira (também chamada de Tadmor) e o Rio Eufrates. Esse lugar, agora chamado de el-Khalle, se encaixa bem com a geografia em [Judite 2.21-25](#).

Cem pesos

Medida equivalente a cerca de 1 talento ou 34 quilogramas, mencionada apenas em [Apocalipse 16.21](#). *Veja Pesos e medidas.*

Cem, Torre dos

Torre na parte mais ao norte da muralha de Jerusalém (perto de onde a muralha cruza o Vale de Tiropeon). Ficava a oeste do Portão das Ovelhas, perto da Torre de Hananel ([Ne 3.1](#); [12.39](#); ARC "Torre de Meá"). *Veja também Jerusalém.*

Cencreia

Cidade portuária que atendia às necessidades marítimas da grande cidade de Corinto, localizada a cerca de 12,9 quilômetros a oeste. Cencreia é conhecida desde o século V a.C. em conexão com um ataque ateniense a Corinto. Antes que o Canal de Corinto fosse aberto através do istmo, o tráfego para a Europa vindo da Ásia frequentemente passava de Cencreia por Corinto até Lequeu.

Escavações iniciadas em 1963 localizaram o molhe do porto (quebra-mar), restos de armazéns datando do início do primeiro século e um grande edifício de pedra do segundo século. Uma igreja do quarto século testemunha a influência do Cristianismo na cidade. Porções da antiga estrada que leva ao sudeste do Portão de Cencreia, em Corinto, ainda podem ser vistas entre as ruínas da agora (mercado) dessa cidade.

Cencreia é mencionada duas vezes no NT. O apóstolo Paulo fez um voto que exigia o corte de seu cabelo antes de deixar Cencreia durante sua terceira viagem missionária ([At 18.18](#)). Em sua carta à igreja em Roma, Paulo recomendou Febe, uma diaconisa da igreja em Cencreia, bem conhecida por seu serviço cristão ([Rm 16.1](#)).

Cendebeu

Comandante-chefe da costa marítima da Síria-Palestina por volta de 138 a.C. sob Antíoco VII ([1Mc 15.38](#)). Cendebeu foi instruído a construir uma fortaleza em Cedron (provavelmente a Gedera de [Js 15.36](#)), após o que transferiu seu quartel-general para Jamnia e de lá realizou incursões na Judeia ([1Mc 15.39-40](#)). Simão Macabeu, incapaz de revidar devido à sua idade avançada, enviou seus filhos Judas e João Hircano contra Cendebeu com 20.000 soldados e cavaleiros. Judas foi ferido, mas os judeus prevaleceram após matar cerca de 2.000 homens. Cendebeu foi perseguido de volta a Cedrom, e os judeus retornaram à Judeia ([16.1-10](#)).

Censo

O registro e a contagem de pessoas são geralmente realizados para fins de guerra ou impostos. A Bíblia menciona alguns censos. Em algumas versões da Bíblia em português, "censo" aparece como "recenseamento", "contagem" ou outro termo similar.

O primeiro censo foi realizado no Monte Sinai dois anos após o êxodo. Ele contou os homens israelitas com mais de 20 anos para avaliar a força militar — 603.550 no total ([Nm 1.1-3.46](#)). Um censo especial dos levitas, que serviam no Tabernáculo em vez de deveres militares, contou 22.000 homens, com apenas 8.580 elegíveis para o serviço sacerdotal ([Nm 3.15,39; 4.46-48](#)).

O segundo censo ocorreu no final dos 40 anos de Israel no deserto. Isso está registrado em [Números 26](#). Foi também um censo militar, realizado pouco antes dos israelitas invadirem a Terra Prometida. O censo encontrou 601.730 homens aptos para lutar ([Nm 26.51](#)), sem incluir os levitas. Os 23.000 levitas foram contados separadamente porque não receberiam terra ([Nm 26.62](#)). Os israelitas pagaram meio siclo cada, cerca de 6 gramas de prata, como parte deste censo ([Êx 30.11-16](#)).

O terceiro censo ocorreu perto do final do reinado do Rei Davi ([2Sm 24](#)). Deus ordenou os dois primeiros censos, mas o censo de Davi aconteceu quando Deus estava irritado com Israel. A Bíblia diz que o Senhor "levou Davi a prejudicá-los", mas não explica as razões de Davi (veja [1Cr 21.1](#) para uma interpretação posterior). Davi pode ter desejado o censo para recrutamento, tributação ou para medir seu poder. Joabe, o principal comandante militar de Davi, sentiu que realizar o censo era errado e tentou impedir Davi. Após o censo — embora haja alguma incerteza sobre se foi concluído (veja [1Cr 21.6; 27.23-24](#)) — Davi percebeu seu erro e se arrependeu. Mas Deus ainda estava irritado e deu a Davi a escolha de três punições: três anos de fome, três meses fugindo de um inimigo ou três dias de uma praga mortal. Davi escolheu a praga, que matou 70.000 homens. O censo encontrou 800.000 homens aptos em Israel e 500.000 em Judá ([2Sm 24.9](#)). Um relato diferente menciona uma potencial milícia de 1.100.000 em Israel e 470.000 em Judá ([1Cr 21.5](#)), além de 38.000 levitas que poderiam servir no Templo ([1Cr 23.3](#)).

Os estudiosos questionaram por que os números do terceiro censo são quase o dobro dos dois primeiros. Muitas explicações foram sugeridas, mas nenhuma é completamente satisfatória.

Um quarto censo é registrado em [Ed 2](#), que ocorreu quando os exilados retornaram a Jerusalém. Incluía 42.360 israelitas do sexo masculino, 7.337 escravos (homens e mulheres) e 200 cantores (homens e mulheres).

No Novo Testamento, um censo desempenhou um papel nos eventos do nascimento de Jesus. "Naquele tempo o imperador Augusto mandou uma ordem para todos os povos do império. Todas as pessoas deviam se registrar a fim de ser feita uma contagem da população. Quando foi feito esse primeiro recenseamento, Cirênio era governador da Síria. Então todos foram se registrar, cada um na sua própria cidade" ([Lc 2.1-3](#)).

Josefo, um historiador judeu do primeiro século d.C., observa que Cirênio completou um censo logo após se tornar governador da Síria em 6 d.C. Mas [Mateus 2](#) coloca o nascimento de Jesus durante o reinado de Herodes, o Grande, que morreu em 4 a.C., sugerindo que provavelmente houve dois censos diferentes naquela época. A referência de Lucas ao "primeiro recenseamento" ([Lc 2.2](#)) provavelmente o distingue do censo de 6-7 d.C. Lucas provavelmente sabia sobre o censo posterior, que ele menciona em [Atos 5.37](#). Uma série de censos no Egito por volta da mesma época apoia a ideia de que uma série semelhante ocorreu na Palestina. A explicação mais provável é que um censo anterior ocorreu durante a liderança de Cirênio antes de ele se tornar oficialmente governador.

A menção de Lucas ao censo sob Cirênio serve a dois propósitos. Ela data o nascimento de Jesus e explica por que José e Maria estavam em Belém. O censo provavelmente tinha fins fiscais, já que os romanos não exigiam que os judeus servissem no exército. A exigência de retornar à cidade natal reflete tanto as tradições hebraicas quanto a disposição do imperador Romano César Augusto em permitir que os judeus seguissem seus costumes.

Centeio

Uma forma comum de trigo nos tempos bíblicos.

Veja Alimentos e preparação de alimentos; Plantas (Espelta).

Centeio

O "centeio" de [Isaías 28.25-27](#) (NTLH "cevada") é a flor da noz-moscada, cujas sementes são usadas como condimento. O "centeio" de [Ezequiel 4.9](#) (NTLH "trigo miúdo") é provavelmente o farro, um tipo inferior de trigo. Há uma boa variação de termos nas Bíblias em português como cevada, centeio, espelta, favas e outros como opção.

Veja também Plantas (Flor de Noz-Moscada; Espelta).

Centurião

Um centurião era um líder no exército romano que comandava 100 soldados. O exército romano organizava seus soldados em grupos. Cada unidade grande (chamada de legião) tinha 10 grupos de 1.000 soldados. Cada grupo tinha seis centuriões que reportavam a oficiais superiores chamados tribunos. Por exemplo, em [Atos 22.26](#), um centurião perguntou ao seu oficial o que fazer sobre Paulo. Os centuriões tinham muito poder porque trabalhavam diretamente com os soldados. Eles iam para as batalhas com eles e tomavam decisões rápidas com base no que estava acontecendo.

Ser um centurião era frequentemente a posição mais alta que um soldado comum podia alcançar. Muitos centuriões começaram como soldados regulares e subiram de posição devido à sua experiência. Depois de se tornarem centuriões, eles podiam conseguir empregos ainda melhores ao se moverem para posições mais importantes. O melhor trabalho era ser o centurião principal do primeiro grupo de 1.000 soldados em uma legião. Isso significava que os centuriões frequentemente se deslocavam pelo Império Romano.

Os centuriões tinham muitas responsabilidades além de manter os soldados na linha. Eles eram responsáveis por sentenças de morte ([Mt 27.54](#); [Mc 15.39,44-45](#); [Lc 23.47](#)). Eles estavam no comando de seus soldados o tempo todo, fossem os soldados romanos ou contratados de outros lugares. Ser um centurião era uma posição respeitada e bem remunerada. A maioria das pessoas que se tornava centurião permanecia nesse trabalho por muito tempo.

O Novo Testamento menciona seis centuriões. Pelo menos dois deles parecem ter se tornado seguidores de Cristo.

37. Um centurião em Cafarnaum pediu a Jesus para salvar seu servo que estava à beira da morte. Ele acreditava que as doenças obedeceriam a Jesus assim como seus soldados o obedeciam ([Mt 8.5-13](#); [Lc 7.2-10](#)). Mesmo sendo uma pessoa importante, ele era humilde e reconhecia que precisava de ajuda. Ele se importava com seu servo. Jesus ficou maravilhado com sua fé e curou o homem doente.
38. O centurião encarregado do grupo que matou Jesus disse: "Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus!" ([Mc 15.39](#)) e "Certamente este era um homem justo" ([Lc 23.47](#)). Os Atos apócrifos de Pilatos, provavelmente do século quarto, chamaram este centurião de Longino. Os católicos romanos o consideraram um santo. Há uma estátua de pedra dele na Basílica de São Pedro em Roma, feita pelo artista do século 17 Gian Lorenzo Bernini.
39. Um centurião em Cesareia chamado Cornélio tornou-se seguidor de Jesus depois que Pedro lhe contou sobre o evangelho. Inicialmente, Pedro não queria compartilhar o evangelho com não-judeus, mas Deus lhe mostrou uma visão que mudou sua opinião ([At 10](#)).
40. Um centurião em [Atos 22.25-26](#) ajudou a salvar Paulo de ser espancado ao informar seu oficial superior que Paulo era um cidadão romano.
41. Outro centurião ajudou a salvar Paulo dos judeus que queriam matá-lo ([At 23.17-22](#)).
42. Um centurião chamado Júlio foi encarregado de guardar Paulo em sua viagem de Cesareia a Roma ([At 27.1](#)). Quando o navio deles naufragou em uma tempestade, Júlio impediu os soldados de matarem todos os prisioneiros, incluindo Paulo ([At 27.42-43](#)).

Veja também Guerra.

Cerâmica

Objetos feitos de argila cozida, como potes, jarros e pratos, eram recipientes domésticos comuns nos tempos bíblicos.

Veja Olaria.

Cerinto

Cerinto foi um falso mestre que viveu por volta do ano 100 d.C. O apóstolo João se opôs aos seus ensinamentos.

Em que Cerinto acreditava?

Cerinto provavelmente nasceu no Egito e foi criado como judeu. Mais tarde, ele se tornou o líder de um grupo com crenças gnósticas. Os gnósticos acreditavam que o conhecimento especial poderia salvar as pessoas. Cerinto ensinava que:

- Deus não criou o mundo. Em vez disso, foi criado por um espírito inferior (chamado "Demiurgo") ou por um grupo de anjos;
- Um desses anjos entregou a lei aos judeus;
- Jesus era apenas um homem comum;
- "O Cristo" (um poder divino) desceu sobre Jesus durante o seu batismo;
- Este "Cristo" revelou às pessoas o verdadeiro Deus, que está muito acima de todos os outros seres;
- Antes de Jesus ser crucificado, o "Cristo" o abandonou.

João e a oposição a Cerinto

Um cristão conhecido chamado Irineu (que viveu por volta de 260–340 d.C.) contou uma história sobre Cerinto. Ele disse que um discípulo do apóstolo João, chamado Policarpo, compartilhou essa história com ele.

De acordo com a história, João certa vez foi a uma casa pública de banhos na cidade de Éfeso. Mas quando João ouviu que Cerinto estava lá dentro, ele

saiu correndo. Ele disse: "O prédio vai desabar porque o inimigo da verdade está lá dentro!".

Algumas pessoas acreditam que partes dos escritos de João na Bíblia foram feitas para corrigir ensinamentos falsos como os de Cerinto (veja [Jo 1.1-3,14](#); [1Jo 4.1-3](#)).

Certificado de Divórcio

Um documento oficial que declara o término de um casamento entre marido e mulher.

Veja Divórcio, Certificado de.

Cervo

Um cervo é um animal grande com cascos. Ele come grama e plantas de uma maneira especial (rumina). Engole sua comida e depois a regurgita para mastigá-la novamente. Os cervos eram considerados ritualmente puros para consumo de acordo com a lei judaica.

Apenas os cervos machos têm chifres. Esses chifres crescem a cada ano e são sólidos. Isso é diferente dos chifres de antílopes e gazelas. Chifres totalmente crescidos não têm pele ou coberturas. Essencialmente, eles são ossos mortos que os cervos vivos carregam por um tempo.

O final do focinho do cervo é sem pelos em todas as espécies. O estômago é dividido em várias câmaras, algumas das quais são usadas para armazenar alimentos parcialmente mastigados. O alimento é posteriormente regurgitado, remastigado e engolido. Em seguida, vai para uma parte do estômago onde ocorre a digestão propriamente dita.

Tipos de cervos

Três espécies de cervos viviam na Palestina:

43. O cervo-vermelho (*Cervus elaphus*)
44. O cervo-dama persa (*Dama mesopotamica*)
45. O corço (*Capreolus capreolus*)

Todos agora estão extintos lá. Os últimos cervos foram caçados na Palestina em 1914. A Bíblia refere-se ao cervo vermelho como "veado" (macho), "cervo" (macho) e "corça" (fêmea). Eles tinham cerca de 1,2 metros de altura no ombro.

Viviam em rebanhos ou bandos, cada grupo permanecendo em uma única área. Os cervos vermelhos procuravam comida durante a manhã e no final da tarde ([Lm 1.6](#)). Os sexos permaneciam em grupos diferentes. O cervo vermelho era conhecido por seus saltos ([Is 35.6](#)) e firmeza nas montanhas ([Sl 18.33](#); [Ct 2.8-9.17](#); [8.14](#); [Hc 3.19](#)).

Os chifres do gamo persa ([1Rs 4.23](#)) eram grandes, planos e ramificados (como uma palma aberta com os dedos estendidos). Seu pelo era marrom-amarelado. Ele viajava em pequenos grupos, alimentando-se principalmente de grama pela manhã e à noite.

O corço era um animal pequeno e gracioso, de cor marrom avermelhada escura no verão e cinza amarelado no inverno ([Dt 14.5](#); [1Rs 4.23](#)). Seus chifres tinham cerca de 30,5 centímetros de comprimento e possuíam três pontas. O corço preferia vales levemente arborizados e encostas de montanhas mais baixas. Ele pastava em campos abertos. Geralmente, associava-se em grupos familiares compostos pela corça e sua prole. Eram tímidos, mas muito curiosos. O corço latia como um cachorro quando perturbado e era um excelente nadador.

Há alguma dúvida sobre se [1 Reis 4.23](#) se refere ao corço. Pode referir-se ao gamo. No entanto, é provável que esse animal não vivesse no sul da Palestina, ao redor do Deserto do Sinai, devido à sua necessidade de comida e água. Gamos foram encontrados no norte da Palestina.

Cervo como alimento na lei judaica

O veado (o cervo vermelho macho) estava listado entre os animais limpos que a lei judaica permitia como alimento ([Dt 12.15,22](#); [14.5](#)). No entanto, os cervos não estavam listados entre os animais que podiam ser sacrificados.

Mãe cervo e seus filhotes

A corça (fêmea do cervo vermelho) geralmente dava à luz um filhote. No entanto, gêmeos nasciam com frequência ([Jó 39.1](#); [Sl 29.9](#); [Jr 14.5](#)). O período de gestação era de cerca de 40 semanas. Quando estava prestes a dar à luz, a corça procurava um lugar seguro para se esconder. Preferia a vegetação densa da floresta, onde podia proteger seu pequeno filhote. Durante os primeiros dias após o nascimento, a mãe nunca se afastava muito de seu filhote. O filhote conseguia ficar de pé sozinho algumas horas após o nascimento.

[Jeremias 14.4-5](#) descreve o cuidado do cervo mãe com seu filhote, afirmando que apenas uma seca severa a afasta dele. [Jó 39.1-4](#) descreve o parto das corças. A corça demonstrou graça e charme ([Gn 49.21](#); [Pv 5.19](#)). Seus olhos escuros e gentis e membros graciosos descreviam a beleza de uma mulher ([Pv 5.18-19](#)).

Cervo

Um cervo é como um veado macho adulto de espécie vermelha.

Veja Veado.

Cesareia

Cidade nomeada em homenagem a Augusto César, construída por Herodes, o Grande, de 22 a 10 a.C. O sítio de 3.240 hectares fica a 40 quilômetros ao sul da moderna Haifa, na bela planície de Sarom, na costa mediterrânea de Israel. Conhecida como Cesareia Marítima, tornou-se o centro administrativo do país durante o período de ocupação romana. Três governadores romanos da Palestina viveram lá: Félix ([At 24](#)), Festo ([25.1.4-6.13](#)) e Pôncio Pilatos, que visitava Jerusalém em ocasiões especiais (como em [Jo 19](#)). Arqueólogos encontraram o nome de Pilatos esculpido em pedra no teatro de Cesareia.

Cesareia serviu como o principal porto marítimo da Judeia nos tempos do NT. Como a costa sul da Palestina não possuía um bom porto, Herodes criou um ao construir dois enormes quebra-mares que podiam abrigar navios das tempestades mediterrâneas.

Um oficial romano chamado Cornélio foi convertido ao Cristianismo em Cesareia ([At 10.1.24](#)). Mais tarde, o apóstolo Pedro visitou Filipe, um líder cristão proeminente que morava lá ([21.8](#)). Paulo passou mais de dois anos preso em Cesareia ([24.27-25.1](#)) e embarcou de lá em sua jornada para Roma (cap. [27](#)). Em 70 d.C., o general romano Tito retornou a Cesareia após conquistar Jerusalém, assim como Flávio Silva em 73 d.C. após derrotar as cidades-fortaleza de Massada e Heródio (ambas no leste da Judeia).

Escavações contínuas desde 1971 têm acrescentado à riqueza de informações sobre Cesareia. Herodes construiu um aqueduto elevado para trazer água doce do Monte Carmelo para

Cesareia; a água originava-se de nascentes ao nordeste e viajava em um aqueduto subterrâneo até o Monte Carmelo. Um aqueduto menor trazia água salobra de uma nascente ao norte da cidade para irrigação. Grandes esgotos (mencionados pelo historiador judeu Josefo), lavados pela ação do mar, foram encontrados correndo sob a cidade. Um hipódromo (pista de corrida) com capacidade para 30.000 pessoas ficava no lado leste da cidade. Parece ter sido construído no segundo século d.C., mas foi destruído durante a invasão muçulmana de 640, junto com um grande edifício de arquivos na costa. A escavação do edifício de arquivos produziu várias inscrições em seus pisos de mosaico, entre as quais estavam duas citações do texto grego de [Romanos 13.3](#). Ainda soterrado e visível apenas em fotografia infravermelha está um grande anfiteatro, a noroeste do hipódromo.

Escavações em 1976 produziram as primeiras evidências da Torre de Estrato, o sítio helenístico perto do qual Herodes construiu Cesareia, segundo Josefo. Uma pequena sinagoga foi escavada ao norte de um grande forte construído no porto herodiano durante as Cruzadas. A área do porto continha muitos armazéns de pedra; embora 7 tenham sido explorados, até 73 podem ainda estar não escavados. Um armazém foi reutilizado pelas legiões romanas como um mitreu (um centro cultural dedicado ao deus persa Mitras), o único já encontrado na Palestina. A cidade de Cesareia não foi reconstruída após sua destruição pelos muçulmanos no século 13.

Cesareia De Filipe

Cidade na extremidade norte da Palestina, nas encostas do sul do Monte Hermom, perto da antiga cidade de Dã. Cesareia de Filipe fica em uma bela área em uma das três fontes do rio Jordão, o Vale de Banias.

No segundo século a.C., o lugar foi chamado de Panias porque o deus grego Pan era adorado em uma caverna lá. É mencionado por Políbio, um historiador grego, como o lugar onde o rei sírio Antíoco III derrotou os Ptolomeus do Egito em uma importante batalha por volta de 200 a.C. O historiador judeu Josefo (*Antiguidades* 15.10.3) escreveu que a cidade de “Pânio” era governada por Zenodoro; seu local cúltilo era “uma caverna muito fina em uma montanha, abaixo da qual existe uma grande cavidade na terra, e a caverna é íngreme, extraordinariamente profunda e cheia de água parada; sobre ela se ergue uma grande

montanha, e sob as cavernas surgem as nascentes do rio Jordão”.

Após a morte de Zenodoro, César Augusto deu a cidade a Herodes, o Grande, que, de acordo com Josefo, “adornou este lugar, que já era muito notável” com um “templo mais bonito da pedra mais branca”. Quando Herodes morreu em 4 a.C., seu filho Filipe recebeu o território que cercava Panias, uma área conhecida como Paneias. Josefo (*Guerra* 2.9.1) relatou que “Filipe construiu a cidade Cesareia, nas fontes do Jordão, e na região de Paneias”. Filipe tornou-a sua capital e a nomeou Cesareia de Filipe em homenagem ao imperador romano Tibério César e a si mesmo, diferenciando-a da maior Cesareia Marítima na costa do Mediterrâneo. Josefo (*Guerra* 3.9.7) escreveu que os imperadores Vespasiano e Tito “marcharam daquela Cesareia que ficava à beira-mar, e vieram para aquela chamada de Cesareia de Filipe”.

Foi em Cesareia de Filipe que o apóstolo Pedro confessou Jesus como sendo “o Cristo, o Filho do Deus vivo” ([Mt 16.13-16](#); [Mc 8.27-29](#)).

Por volta de 50 d.C., Agripa II ampliou Cesareia de Filipe e a nomeou Neronias em homenagem ao imperador Nero. O nome moderno, Banias, deriva do árabe, difícil de pronunciar Paneias.

Cetro

Um cetro é um bastão especial que reis e governantes usavam para demonstrar seu poder. Era tipicamente um bastão longo com ornamentos decorativos no topo. Os reis seguravam esses cetros durante cerimônias importantes para mostrar que estavam no comando. Às vezes, uma versão mais curta do cetro era usada como arma em batalha, simbolizando também a força militar de um governante.

Na Bíblia, o cetro é mencionado em muitas histórias como um símbolo de autoridade real e poder militar.

Exemplos do cetro como símbolo de autoridade real incluem:

- Quando Jacó abençoou seus filhos, ele disse que os descendentes de Judá teriam autoridade real ([Gn 49.10](#); veja também [Sl 45.6](#) e [Hb 1.8](#));
- O profeta Amós refere-se à autoridade real dos reis da Síria e Filístia ([Am 1.5.8](#));
- O profeta Zacarias refere-se à autoridade real do Egito ([Zc 10.11](#));
- O rei Assuero (também chamado de Xerxes) estendeu um cetro (um símbolo de sua autoridade real) para Ester ([Et 4.11](#); [5.2](#); [8.4](#)).

Exemplos do cetro como símbolo de poder militar incluem:

- O livro de Números fala sobre um cetro que pertenceria ao rei escolhido por Deus (o Messias) que foi prometido para vir no futuro ([Nm 24.17](#));
- O profeta Isaías fala sobre como Deus quebraria o cetro da Babilônia ([Is 14.5](#)). Deus destruiria o poder que a Babilônia usava para controlar e prejudicar outras nações;
- O profeta Ezequiel usou a imagem de um cetro para explicar como Israel havia perdido seu poder e não conseguia recuperá-lo ([Ez 19.11,14](#)).

Céu

Ambiente ou domínio (ou ambientes/domínios) designado por um termo hebraico usado para representar o céu e o ar e também céu no sentido de lugar divino ou espiritual. A forma da palavra em hebraico é dual (indicando ou sugerindo dois de algo). Embora essa forma dual possa apenas representar um dispositivo antigo para expressar o plural, supõe-se por alguns que implica a existência de um céu inferior e um superior — um céu físico e um céu espiritual.

No Antigo Testamento

Os escritores do AT viam os céus físicos como um "firmamento" aparecendo como um grande arco apoiado em fundações e pilares ([2 Samuel 22.8](#)) e espalhado acima da terra, com a chuva descendo através de suas portas ([Salmo 78.23](#)). A nota-chave da revelação do AT sobre os céus físicos é apresentada em [Salmos 8](#) e [19.1-6](#). Em outros lugares, o AT fala dos céus atmosféricos como a região das nuvens ([Salmo 147.8](#)), ventos ([Zacarias 2.6](#)), chuva ([Deuteronômio 11.11](#)), trovão ([1 Samuel 2.10](#)), orvalho ([Deuteronômio 33.13](#)), geada ([Jó 38.29](#)) e o habitat das aves ([Gênesis 1.26.30](#)). É também o local de forças destrutivas como granizo ([Josué 10.11](#)), fogo e enxofre ([Gênesis 19.24](#)). No NT, essa noção da expansão abobadada do céu como a região onde os elementos, nuvens e tempestades se reúnem ([Mateus 16.2](#); [Lucas 4.25](#)) e as aves voam ([Lucas 9.58](#)) é continuada.

Além das regiões atmosféricas, a ideia hebraica dos céus físicos inclui o espaço estelar, que, em última análise, abrange o universo. Os corpos celestes dos céus estelares eram vistos pelos hebreus como manifestações inexpressivelmente gloriosas da obra de Deus, sem ter qualquer poder ou vitalidade próprios. Estes incluem o sol, a lua, os planetas e as estrelas, que eram apenas luzes no firmamento dos céus ([Gênesis 1.14](#); [15.5](#)). Como tal, eram considerados indignos de adoração porque Deus, por sua própria vontade e graça, fez os humanos superiores a eles. De fato, os hebreus foram expressamente proibidos de adorar os corpos estelares ([Êxodo 20.4](#)), os deuses e deusas que os representavam ([Jeremias 44.17-25](#)), ou de participar em especulações astrológicas ([Isaías 47.13](#)). Assim, esta ordenança teológica única diferenciava os hebreus, que viam os corpos celestes como feitos e movidos pela vontade de Deus, dos supersticiosos pagãos, que os adoravam.

O termo "céus dos céus" ([Deuteronômio 10.14](#); veja também [1 Reis 8.27](#); [Salmo 68.33](#); [148.4](#)) é a tradução literal em português do idioma hebraico para o superlativo "o mais alto céu". Alguns consideram isso como equivalente à expressão de Paulo "o terceiro céu" ([2 Coríntios 12.2](#)), que se assemelha à concepção grega clássica de três céus. Essa noção foi posteriormente adotada pela igreja medieval católica romana e na forma latina de *Coelum Aqueum*, *Coelum Sidereum*, e *Coelum Empyreum*. O conceito básico seguiu a visão grega, e coincide com a visão do AT dos céus físicos e espirituais, conforme indicado anteriormente.

Aqueles que seguem essa abordagem tendem a considerar esse terceiro céu como o lugar alcançado pelas almas dos bem-aventurados ao passarem pelas duas regiões inferiores da atmosfera e do espaço sideral contendo os corpos celestes, e entrarem nos confins do universo.

No Novo Testamento

O Senhor Jesus indicou que céu é a morada de Deus ([Mateus 6.9](#)). Jesus, durante seu ministério terrestre, repetidamente afirmou que tinha vindo do céu ([João 3.13](#); [6.33-51](#)); e em pelo menos três ocasiões, declarações do céu confirmaram essas afirmações ([Mateus 3.16-17](#); [17.5](#); [João 12.28](#)). É onde o verdadeiro tabernáculo está, do qual o tabernáculo terrestre era apenas uma sombra (cf. [Hebreus 8.1-5](#)). Essa morada de Deus estava em vista quando o apóstolo Paulo escreveu sobre “o terceiro céu” ([2 Coríntios 12.2](#)). Como tal, muitas vezes é visto como um sinônimo para o próprio Deus (cf. [Mateus 23.22](#); [Lucas 15.18](#)).

Após a ascensão de Jesus, registrada em [Atos 1.6-11](#), dois anjos lembraram aos discípulos que Jesus retornaria novamente do céu. Isso foi posteriormente confirmado pelo apóstolo Paulo ([1 Coríntios 15.1-11](#); [Efésios 4.7-16](#); [1 Timóteo 3.16](#)) e reiterado no resumo dos ensinamentos do NT conhecido como o Credo Apostólico. Em suma, a relação de Jesus Cristo com a morada celestial de Deus está intrinsicamente entrelaçada no NT e é inseparável da mensagem do evangelho em si. De fato, é da “mão direita de Deus” que Cristo vive para sempre para interceder por aqueles que vieram a ele pela fé ([Hebreus 7.25](#); cf. [Marcos 14.62](#)).

Paulo afirma que o corpo do crente será conformado ao corpo glorioso de Jesus Cristo quando Cristo retornar do céu ([Filipenses 3.20-21](#)). Os crentes precisam de tal corpo celestial para corresponder à sua cidadania celestial. O termo “cidadãos” (NTLH) ou “cidadania” (NVI) implica uma colônia de indivíduos que vivem em um país estrangeiro enquanto observam as leis de sua pátria em vez da terra em que residem (cf. [Atos 22.28](#)). A implicação para os crentes é bastante clara: Eles devem viver de acordo com os princípios morais e éticos de Deus, conforme revelado do céu, independentemente dos padrões proclamados pelo mundo. Eles foram ressuscitados juntamente com Cristo e foram instruídos a “buscar as coisas que são de cima, onde Cristo está, assentado à direita de Deus” ([Colossenses 3.1](#)). De lá, Cristo abençoou seus seguidores “com toda bênção espiritual nas regiões celestiais” ([Efésios 1.3](#)). A

expressão “nas regiões celestiais” é peculiar a Efésios (veja [1.3,20](#); [2.6](#); [3.10](#); [6.12](#)), sugerindo que as bênçãos do mundo espiritual não estão relegadas a algum tempo ou lugar remoto no futuro, mas podem ser percebidas pela fé aqui e agora. É por isso que se diz que os crentes já foram feitos participantes do chamado celestial ([Hebreus 3.1](#); [6.4](#)).

Enquanto isso, os crentes aguardam um novo céu e uma nova terra com a nova Jerusalém. Não haverá lágrimas, tristeza, dor, morte e noite lá porque o Filho de Deus estará lá ([Apocalipse 21.1-4,27](#); [22.1-5](#)), e no estado ressuscitado não haverá casamento nem se dar em casamento ([Lucas 20.27-38](#)). Pelo menos dois santos do AT, Enoque ([Gênesis 5.22-24](#); [Hebreus 11.5](#)) e Elias ([2 Reis 2.11](#)), foram transladados diretamente para a presença de Deus — para o céu. Além da declaração de Paulo sobre o terceiro céu, João foi chamado ao céu ([Apocalipse 4.1](#)), um céu que se destina a ser povoado (cf. [19.1](#)). Todos os crentes habitarão finalmente no céu em seus corpos de ressurreição, que receberão quando o Senhor vier buscá-los do céu ([1 Tessalonicenses 4.16-17](#); [Apocalipse 19.1-4](#)). O Senhor também dará tesouros e recompensas naquele tempo ([Mateus 5.12](#); [1 Coríntios 9.25](#); [2 Coríntios 5.1](#); [2 Timóteo 4.8](#); [Tiago 1.12](#); [1 Pedro 1.4](#); [5.4](#); [Apocalipse 2.10](#); [4.10](#)).

Veja também “Seio de Abraão”; Novos céus e nova terra; Paraíso.

Céus, Novos

Veja Novos Céus e Nova Terra.

Ceva

O pai de sete filhos. Ele era um sumo sacerdote judeu em Éfeso quando o apóstolo Paulo visitou a cidade em sua terceira viagem missionária. Os filhos de Ceva tentaram imitar Paulo, expulsando espíritos malignos em nome de Jesus. No entanto, suas tentativas de exorcismo falharam porque sua autoridade não foi reconhecida. Assim, os espíritos malignos atacaram e feriram esses filhos de Ceva que tentaram prendê-los ([At 19.14](#)).

Cevada

Uma planta de grão que produz sementes comestíveis. Possui espigas de flores com pelos ásperos. A cevada comum (*Hordeum distichon*), a cevada de inverno (*Hordeum hexastichon*) e a cevada de primavera (*Hordeum vulgare*) têm sido cultivadas em regiões de clima ameno desde os tempos antigos. A cevada era um alimento importante nas terras bíblicas e continua sendo uma cultura de grãos significativa hoje.

Cevada e trigo eram as duas principais culturas de cereais do Egito, de Israel e das áreas circundantes. Como a cevada era menos cara que o trigo, as pessoas frequentemente a usavam para alimentar animais. No entanto, as pessoas também comiam cevada, seja sozinha ou misturada com trigo e outras sementes ([Ez 4.9-12](#)). A Bíblia menciona a cevada mais de 30 vezes como um alimento comum. Como a cevada custava menos que o trigo, tornou-se um símbolo de pobreza ([Os 3.2](#)).

Veja Agricultura; Alimentos e preparação de alimentos.

Chacal

Mamífero semelhante a um lobo, conhecido por seu uivo distintivo ([Mq 1.8](#)). Algumas versões traduzem como "raposa", a ARC usa "dragão".

Veja Animais.

Chamada, Chamando

Um chamado ou vocação na Bíblia refere-se a Deus instando ou direcionando alguém para uma tarefa, função ou estilo de vida específico.

Veja Eleito, Eleição.

Chapéu

Veja Cobertura de cabeça.

Charismata

Charismata é uma palavra grega que significa "dons" ou "dons espirituais". Estas são habilidades especiais que o Espírito Santo concede às pessoas

na igreja ([1Co 12; 14](#)). Esses dons têm o propósito de ajudar a igreja a crescer e a servir aos outros.

Veja Dons espirituais.

Chaves do Reino

Uma descrição simbólica da autoridade que Jesus deu a Pedro. Em [Mateus 16.19](#), Jesus diz a Pedro: "Eu lhe darei as chaves do Reino do céu. O que você ligar na terra será ligado no céu, e o que você desligar na terra será desligado no céu."

Nos tempos antigos, muitas culturas acreditavam que os portões do céu e do submundo eram controlados por seres com chaves. Por exemplo, na mitologia grega, Plutão tinha a chave do submundo. Escritos judaicos frequentemente atribuíam a chave a Deus. No livro do Apocalipse, Jesus detém as chaves da morte e do submundo ([Ap 1.18](#); veja [3.7](#)).

No Evangelho de Mateus, as chaves representam a autoridade para gerenciar a entrada no reino dos céus. Após Pedro declarar que Jesus é o Cristo, Jesus lhe concede a autoridade para "ligar" e "desligar" ([Mt 16.16,19](#)). Essa autoridade é posteriormente compartilhada com todos os discípulos ([Mt 18.18](#)). Os termos "ligar" e "desligar" eram usados pelos rabinos para descrever a declaração de alguém sob uma proibição ou sua libertação dela. Isso poderia significar expulsão ou reintegração em uma sinagoga ou determinar o julgamento de alguém por Deus.

O "poder das chaves" de Jesus refere-se à autoridade espiritual. É semelhante à autoridade que Jesus concede em João [João 20.23](#): "Se você perdoar os pecados de alguém, eles estão perdoados; se você reter o perdão de alguém, ele é retido."

Os fariseus e escribas pensavam que tinham o poder de negar a entrada de outros no reino do céu ([Mt 23.13](#)). No entanto, eles não compreenderam a verdade que Pedro reconheceu — que Jesus é o verdadeiro caminho para o reino de Deus. As chaves simbolizam a autoridade para declarar julgamento e oferecer perdão, não pelo poder humano, mas com base nos ensinamentos de Cristo.

Veja também Reino de Deus, Reino dos céus.

Chefe Da Sinagoga*

Oficial sênior em uma sinagoga dos tempos do NT. É geralmente entendido que havia apenas um oficial desse tipo em qualquer sinagoga.

Suas funções eram tomar conta dos arranjos físicos para os serviços de adoração, gerenciar a manutenção do edifício e determinar quem seria chamado para ler a Lei e os Profetas ou conduzir as orações. O ofício era às vezes mantido por um período específico, às vezes pela vida toda.

O NT se refere a este oficial em quatro ocasiões diferentes. Jairo aparentemente era o chefe de uma sinagoga em Cafarnaum. Quando sua filha estava doente, ele foi a Jesus para obter ajuda, e Jesus a ressuscitou dos mortos ([Mt 9.18-26](#); [Mc 5.21-43](#); [Lc 8.41-56](#)). [Lucas 13.14](#) registra a hostilidade de outro chefe de uma sinagoga que se opôs à cura de Jesus no Sábado após ensinar naquela sinagoga.

Em suas viagens missionárias, Paulo geralmente começou seu ministério em cada lugar que ele visitava indo para a sinagoga. Na Antioquia da Pisídia ([Atos 13.15](#)), os chefes da sinagoga o receberam e o encorajaram a pregar o evangelho e voltar novamente na semana seguinte. Crispo, o chefe da sinagoga em Corinto, foi convertido ([18.8](#)), e mais tarde Sóstenes (o sucessor de Crispo) foi espancado pela multidão depois que os judeus haviam feito uma denúncia contra Paulo perante Gálio, o governador de Acaia.

Veja também Sinagoga.

Chicória

Uma planta (*Cichorium intybus*) que cresce de forma selvagem em muitas partes de Israel e nas regiões circundantes. Possui flores de um azul brilhante e folhas que podem ser consumidas como vegetal. Alguns estudiosos sugerem que pode ter sido uma das ervas amargas usadas nos tempos antigos, embora isso não seja certo.

Veja Ervas amargas.

Chifre

46. Um instrumento musical frequentemente feito de chifre de carneiro. *Consulte Instrumentos musicais (Hatzotzrot).*

47. Um símbolo de poder na Bíblia ([1Rs 22.11](#)). Chifres podem representar:

- domínio sobre os fracos ([Ez 34.21](#)),
- forças de destruição ([Zc 1.18-21](#)), e
- liberdade da opressão ([1Rs 22.11](#); [2Cr 18.10](#)).

Assim, o chifre tem dois significados: resgate e força ([2Sm 22.3](#); [Sl 18.2](#)). O crescimento do chifre referido em [Sl 132.17](#) pode significar a continuação da linhagem real. [Sl 75.10](#) diz que os chifres dos ímpios serão cortados, mas os chifres dos justos serão exaltados. A imagem simbólica em Daniel e Apocalipse mostra que os chifres representam poder e autoridade ([Dn 7-8](#); [Ap 13.17](#)).

48. Um recipiente para líquidos. As pessoas usavam chifres de carneiro, chifres de cabra e chifres de boi selvagem para armazenar líquidos. Esses chifres também eram recipientes especiais para óleo usado em cerimônias ([1Sm 16.1,13](#); [1Rs 1.39](#)). Chifres de vaca não eram permitidos para uso religioso ou cerimonial.
49. Quatro projeções em forma de chifre se destacavam dos quatro cantos dos altares do tabernáculo e do templo ([Êx 27.2](#); [30.2-3](#)). Esses chifres do altar eram cobertos com sangue sacrificial e delimitavam uma área de santuário ([Êx 29.12](#); [Lv 4.7,18](#); [1Rs 1.50-51](#)).

Chipre

Um país insular localizado no nordeste do Mar Mediterrâneo. Chipre está a 80 quilômetros ao sul da Turquia (Ásia Menor), 112 quilômetros a oeste da Síria e 394 quilômetros ao norte do Egito. A ilha tem cerca de 177 quilômetros de comprimento e 80 quilômetros de largura. A fértil Planície de Mesaoria divide duas cadeias de montanhas, as cadeias de Kyrenia e Troodas Massif. Uma faixa estreita de terra de 64 quilômetros de comprimento e 8 quilômetros de largura se estende a partir da parte nordeste da ilha.

Chipre possui muitos portos naturais. Nos tempos antigos, esses portos eram um ponto de conexão estratégico para rotas marítimas da Ásia Menor, Síria, Palestina e Egito. As minas de cobre cipriotas estão agora em grande parte esgotadas, mas historicamente foram uma indústria importante para a ilha.

Chipre histórica

A população e a importância econômica de Chipre cresceram durante a Idade do Bronze, no final do quarto ao segundo milênio a.C. A ilha foi primeiramente chamada de Alashiya, de acordo com documentos antigos de Ebla do século 24 a.C. Documentos de Mari no século 18 a.C., assim como de Ugarit e Tel el-Amarna no século 14 a.C., também a identificam por esse nome. Elisá parece ser um nome do Antigo Testamento para a ilha. O nome pode ser uma interpretação hebraica de Alashiya (cp. [Ez 27.7](#)).

As redes de comércio com a Síria, Palestina e Egito tornaram a ilha conhecida por suas exportações, especialmente de cobre, óleo, madeira e cerâmica. Fragmentos de cerâmica de Alashiya foram encontrados no Egito, Palestina e Síria. Os textos antigos de Ebla, Mari e Amarna registram detalhes comerciais sobre valiosas trocas de cobre. No final da Idade do Bronze, gregos de Micenas e Acaia começaram a migrar para Chipre. As colônias gregas de Salamina e Pafos foram fundadas por volta de 1270 a 1190 a.C.

Nos séculos IX e VIII a.C., os fenícios se estabeleceram e afirmaram sua dominação em Chipre. O rei Hirão II de Tiro governou sobre Chipre, de acordo com as inscrições encontradas no Monte Sinoas. Ele foi rei de 741 a 738 a.C.. Kition, perto da moderna Larnaka, era um assentamento fenício cujos residentes eram chamados Quitim. Os hebreus nomearam toda a ilha de Quitim ([Nm 24.24](#), ARC). Textos hebraicos eventualmente referiram-se a qualquer país marítimo por este nome ([Jr 2.10](#); [Dn 11.30](#); [1Mc 1.1](#)). Isaías anunciou que relatos da destruição de Tiro seriam confirmados a partir dos portos de Quitim (Chipre) ([Is 23.1.12](#)).

Assíria, a potência dominante em ascensão no Oriente Próximo durante os séculos VIII e VII a.C., fez de Chipre um de seus tributários. A estela do Rei Sargão II, que governou de 721 a 705 a.C., é um monumento de pedra que registra dinheiro e presentes recebidos por sete reis de Chipre. O Rei Esar-Hadom manteve registros em um objeto de argila em forma de prisma. Ele governou por volta

de 670 a.C. O prisma lista dez reis que governaram diferentes cidades em Chipre. Durante a ocupação assíria, Chipre era chamado de Iadnan. Após o fim do Império Assírio, Chipre foi governado por Amasis, que governou o Egito de 569 a 527 a.C. Mais tarde, Chipre foi governado pelo Rei Cambises II da Pérsia, que governou de 529 a 522 a.C.

Alexandre, o Grande, derrotou o exército persa em Isso em 333 a.C. Após isso, Chipre enviou 120 navios para ajudar a apoiar seu cerco contra Tiro. Os Ptolomeus do Egito (uma subdivisão do Império Grego) ganharam posse da ilha após a morte de Alexandre em 323. O Egito manteve o controle de Chipre de 294 a 258 a.C. Este período trouxe relativa paz e prosperidade para a ilha. O nome Chipre, que significa cobre em grego, foi então atribuído a ela.

Chipre foi anexado a Roma em 58 a.C. Cícero foi nomeado governador de Chipre em 52 a.C.. Em 22 a.C., Roma transformou Chipre em uma província senatorial; Sérgio Paulo foi escolhido como seu procônsul em 46 d.C. Mais tarde, Adriano suprimiu uma violenta revolta judaica em 117, após a qual ele baniou todos os judeus da ilha.

Chipre no Novo Testamento

No Novo Testamento, Chipre é mencionado pela primeira vez como o local de nascimento de Barnabé ([At 4.36](#)). Mais tarde, crentes judeus buscaram refúgio em Chipre da perseguição em Jerusalém por causa de Estevão ([11.19-20](#)). Paulo e Barnabé zarparam de Selêucia, atravessando para Chipre antes de seguir para a Ásia Menor (por volta de 47 d.C.) na primeira viagem missionária de Paulo.

Ao desembarcarem em Salamina, eles viajaram pela ilha até a cidade portuária ocidental de Pafos. Aqui, encontraram Barjesus, o falso profeta, e converteram o procônsul romano Sérgio Paulo. De Pafos, Paulo e Barnabé navegaram para a Ásia Menor, atracando em Perge na Panfília ([13.4-13](#)).

Paulo passou ao largo de Chipre em sua segunda viagem missionária. Barnabé e João Marcos revisitaram a ilha ([15.39](#)). Na viagem final de Paulo a Jerusalém, Chipre foi um ponto de referência ao cruzar de Pátara para Tiro ([21.3](#)). Na viagem para Roma, o navio de Paulo navegou sob a proteção de Chipre para evitar ventos fortes ([27.4](#)).

Chumbo

Metal pesado, macio, de cor azul-cinza. *Veja* Minerais e metais.

Chuva

Veja Palestina (clima).

Chuva temporã

Termo encontrado em algumas versões em português (e.g. ARC) para a chuva importante que inicia o ano agrícola na Palestina, geralmente em outubro ([Dt 11.14](#); [Jr 5.24](#); [Tg 5.7](#)).

Veja Palestina.

Chuvas de primavera

As chuvas anuais de primavera na Palestina ocorrem do final de março ao início de abril. As chuvas de primavera (ou chuvas tardias) acontecem após a colheita de cítricos e antes das colheitas de trigo e cevada. As chuvas de primavera geralmente indicam o fim da estação chuvosa até que as chuvas de outono comecem novamente em outubro.

Na Bíblia, as chuvas da primavera estavam associadas ao favor ou desagrado de Deus com Israel ([Dt 11.13-17](#); [Jó 29.23](#); [Pv 16.15](#); [Jr 3.3](#); [Os 6.3](#); [Jl 2.23](#); [Zc 10.1](#); [Tg 5.7](#)).

Cicuta

Tradução incorreta na ACF para ervas peçonhenta e para alosna em [Oséias 10.4](#) e [Amós 6.12](#), respectivamente. *Veja* Plantas (Absinto).

Cidadania

No Novo Testamento, este termo possui dois significados:

50. Relativo à cidade ou cidade-estado onde alguém nasceu e foi criado.

51. O status de compartilhar os privilégios e responsabilidades do Império Romano.

Portanto, o apóstolo Paulo afirmou ser cidadão tanto de Tarso quanto de Roma ([At 21.39](#); [22.27-28](#)).

O direito à cidadania romana era mais comumente adquirido por nascimento, como foi o caso de Paulo. O status de uma criança com pais casados era baseado no status do pai no momento da concepção. O status de uma criança nascida fora do casamento era determinado pelo da mãe no nascimento. Escravos automaticamente se tornavam cidadãos quando libertados por seus mestres. Embora chamados de "libertos", muitas vezes lhes eram negados os direitos dos cidadãos nascidos livres.

Funcionários gananciosos frequentemente vendiam o direito de cidadania por um preço alto. O oficial, Cláudio Lísias, obteve sua cidadania dessa maneira ([At 22.28](#)). Os direitos de cidadão também poderiam ser concedidos por tratado ou comando do império. Após uma guerra na Itália chamada Guerra Social (por volta de 90-85 a.C.), Roma concedeu cidadania a todos que viviam na Itália. Mais tarde, Júlio César concedeu direitos de cidadania às pessoas que viviam em colônias romanas na Gália (que agora é a França) e na Ásia Menor (que agora é a Turquia). De acordo com o censo do Imperador Augusto (mencionado em [Lucas 2.1](#)), havia aproximadamente 4.233.000 cidadãos romanos na época do nascimento de Jesus. Na época do ministério de Paulo, o número havia chegado a 6.000.000.

Cidadãos romanos frequentemente precisavam fornecer prova de sua cidadania. Isso geralmente era feito verificando os arquivos do censo (listas oficiais de cidadãos), que registravam o nome de cada cidadão. Além disso, cidadãos nascidos livres tinham uma pequena certidão de nascimento de madeira, que indicava seu status de nascimento. Documentos militares e registros fiscais também listavam os nomes dos cidadãos registrados. Além disso, todo cidadão romano tinha três nomes, enquanto os não cidadãos geralmente tinham apenas um.

A cidadania romana concedia muitos direitos. Estes incluíam o direito de votar, ocupar cargos públicos e servir no exército. Os cidadãos podiam comprar, possuir, vender e doar propriedades. Eles podiam firmar contratos, ter um julgamento justo e apelar para César. Assim, ao mencionar sua cidadania

romana, os oficiais em Filipos pediram desculpas por tê-lo aprisionado sem julgamento ([At 16.38-39](#)). Ele também evitou um açoite em Jerusalém e pôde solicitar um julgamento perante César ([At 22.24-29](#); [25.10-12](#); cp. [26.32](#)).

Cidade

A Bíblia geralmente não distingue entre cidade, vila e aldeia. A ênfase nas muralhas ([Lv 25.29-31](#)) e fortificações ([Js 19.35](#)), com referências repetidas a torres, portões e cercos, indica que as cidades forneciam a principal segurança para as vilas e aldeias ao redor.

Origem e ntiguidade

Pré-requisitos práticos

A existência de comunidades estabelecidas dependia de um suprimento de alimentos controlado. Em contraste com o morador da cidade, o nômade vivia em uma tenda portátil, adequada para uma busca incessante por comida. O contraste entre a vida urbana estabelecida e a experiência nômade é ilustrado por uma referência no NT ao seminômade Abraão: “Pois ele esperava a cidade que tem alicerces, cujo arquiteto e edificador é Deus” ([Heb 11.10](#), NTLH).

A primeira cidade na Bíblia

A primeira referência bíblica a uma cidade está em [Gênesis 4.17](#). O verbo hebraico indica que Caim “estava construindo” a cidade. Provavelmente ele não a completou, nem residiu permanentemente lá; ele havia sido anteriormente condenado a uma existência de errante (v. [12](#)).

O relato de Gênesis, que afirma que a vida urbana surgiu cedo na existência humana, é internamente consistente. Os primeiros descendentes humanos, Caim e Abel, estavam envolvidos na produção de alimentos ([Gn 4.2](#)). Caim era agricultor, e Abel cuidava de rebanhos domesticados. [Gênesis 4](#) mostra tanto o pré-requisito da produção de alimentos quanto a especialização resultante. Com Jabal, a fabricação de tendas estava associada (v. [20](#)); com Jubal, a música (v. [21](#)); e com Tubalcaim, a metalurgia (v. [22](#)).

Evidências arqueológicas

O testemunho da arqueologia geralmente concorda com uma data antiga para a origem das cidades. A

cidade mais antiga até agora descoberta em Canaã foi Jericó. Usando análise de carbono-14 em materiais de madeira do local, Kathleen Kenyon atribuiu uma data anterior a 7000 a.C. Embora com menos de 4 hectares, era uma cidade bem desenvolvida com uma impressionante muralha de 1,8 metros de espessura e uma torre de pedra redonda com quase 9 metros de altura, equipada com uma escada interna de cima a baixo.

Jericó parece ser 3.000 anos mais antiga do que outras cidades cananeias. A maioria das grandes cidades sumérias, como Ur, Ish, Lagah e Uruk, foram fundadas mais tarde, no quarto ou início do terceiro milênio a.C.

Localização e nome

Pré-requisitos topográficos

Havia quatro considerações principais na escolha de um local para uma cidade.

1. A situação topográfica da cidade antiga contribuía para sua defesa. Uma cidade construída em uma colina natural tendia a ser menos vulnerável do que uma situada no vale. Os defensores tinham uma vantagem substancial se o inimigo fosse forçado a atacar subindo uma inclinação.

A topografia de Jerusalém ilustra o fator de segurança na escolha de um local. Embora cercada por montanhas mais altas ([Sl 125.2](#)), Jerusalém foi originalmente estabelecida em uma crista de calcário protegida a leste pelo profundo Vale do Cedrom e a oeste pelo igualmente formidável Vale do Tiropeão. Os dois vales se encontravam, proporcionando assim proteção a Jerusalém pelo sul. Para completar a segurança, foram construídas muralhas ao redor da cidade, com ênfase especial no lado norte, onde Jerusalém estava de outra forma exposta (cf. [2 Sm 5.6](#)).

2. Uma fonte de água convenientemente localizada era uma necessidade absoluta para a existência de uma cidade. A nascente ou poço da cidade tornou-se o centro de interação social, particularmente para as mulheres, que eram tradicionalmente as portadoras de água. Exemplos bíblicos de socialização no poço da aldeia são numerosos ([Gn 29.1-12](#); [1 Rs 1.38-39](#)).

Em geral, as fontes de água estavam localizadas em vales, então a nascente mais próxima de uma cidade frequentemente ficava fora das muralhas. Se um inimigo atacante tomasse a fonte de água, uma cidade poderia ser forçada a se render quando

o suprimento de água armazenado dentro das muralhas secasse. Em Jerusalém, o rei Ezequias construiu um túnel de água para neutralizar o iminente ataque do rei assírio Senaqueribe ([2 Rs 20.20](#); [2 Cr 32.30](#)). Sua incrível façanha de engenharia, com mais de 518 metros de comprimento e mais de 2.500 anos de idade, ainda pode ser vista pelos visitantes de Jerusalém.

3. Cada cidade precisava de alimentos adequados para seus habitantes. Os agricultores antigos viviam em uma vila ou cidade e caminhavam todos os dias até seus campos. A existência de uma cidade, portanto, dependia de campos cultiváveis próximos, adequados para atender às necessidades da população.

4. Para facilitar a importação de matérias-primas e a exportação de produtos acabados, a proximidade com estradas locais e internacionais era desejável, senão imperativa. As cidades importantes da Bíblia estavam localizadas ao longo das principais rotas comerciais.

A importância relativa desses quatro fatores mudou ao longo dos séculos. Com o surgimento de nações-estado fortes, como Roma, as cidades puderam contar com exércitos permanentes e, assim, abandonar seus locais inconvenientes no topo das colinas. O desenvolvimento de cisternas revestidas e aquedutos possibilitou a fundação de cidades a alguma distância de fontes de água; por exemplo, Cesareia, construída por Herodes, o Grande, ficava a 19,3 quilômetros das nascentes do Monte Carmelo. As rotas comerciais mudaram com as condições internacionais em transformação, causando o desaparecimento de algumas cidades e o desenvolvimento de outras.

Consulte também Arqueologia e a Bíblia.

Cidade da Destruição

Termo na Almeida Revista e Corrigida que aparece em [Isaías 19.18](#), geralmente entendida como uma referência à cidade egípcia Heliópolis.

Veja também Heliópolis.

Cidade da Destruição

Uma frase em [Isaías 19.18](#) na versão ARC da Bíblia. A maioria dos estudiosos da Bíblia acredita que isso se refere a Heliópolis ou Cidade do Sol (NTLH), uma antiga cidade egípcia.

Veja Heliópolis.

Cidade das palmeiras

Expressão que faz referência a Jericó, chamada assim por suas muitas palmeiras ([Dt 34.3](#)). *Veja* Jericó.

Cidade de Davi

52. Uma colina sudeste (também chamada de Ofel) na atual cidade de Jerusalém. Foi o local ocupado pelo rei Davi como sua cidade real. Também é chamada de São (p. ex., em [1Rs 8.1](#)). Davi capturou a fortaleza dos jebuseus de Jerusalém e transferiu sua capital para lá de Hebrom ([2Sm 5.1-10](#)).

Veja Jerusalém.

53. Um nome alternativo para Belém, a cidade natal de Davi, no Novo Testamento ([Lc 2.11](#)).

Veja Belém.

Cidade do Sal

Cidade localizada perto do Mar Morto, atribuída à tribo de Judá como herança ([Js 15.62](#)).

Cidade do Sol

Frase em [Isaías 19.18](#), geralmente considerada uma referência à cidade egípcia de Heliópolis. *Veja* Heliópolis.

Cidades da Planície

Um grupo de cinco cidades localizadas na planície ou bacia do Rio Jordão também era conhecido como as “cidades do vale”. Esta região era muito fértil, o que atraiu o sobrinho de Abraão, Ló, quando surgiu a necessidade de separar seus grandes rebanhos e manadas ([Gn 13.10-12](#)). Estas cidades são chamadas:

- Sodoma
- Gomorra
- Admá
- Zeboim
- Bela (mais tarde chamada de Zoar)

Cada uma dessas cidades era provavelmente uma cidade estado, o que significa que tinha seu próprio rei.

Essas cidades desempenham um papel significativo na Bíblia de quatro maneiras principais:

54. A região ofereceu um local para Ló se estabelecer, e ele optou por viver em Sodoma.
55. Os cinco reis dessas cidades lutaram contra uma força mais poderosa liderada por quatro reis de terras distantes no Leste. Eles foram derrotados, e suas cidades foram saqueadas. Os invasores levaram muitos bens e cativos, incluindo mulheres e crianças ([Gn 14](#)). Ló estava entre os capturados, o que levou Abraão a realizar uma missão de resgate bem-sucedida. Ele recuperou Ló, os outros cativos e os bens roubados.
56. As cidades mais tarde receberam o julgamento de Deus. Sua pecaminosidade era tão severa que nem mesmo a intercessão de Abraão pôde salvá-las ([Gn 18.22-33](#)). Sua maldade é destacada pela história da multidão em Sodoma tentando prejudicar os convidados de Ló ([Gn 19](#)). Logo depois, Ló e sua família foram avisados para fugir antes que as cidades fossem destruídas. Enxofre e fogo choeram, destruindo as cidades e alterando drasticamente a paisagem.

57. A destruição dessas cidades é mencionada em muitas outras partes do Antigo e Novo Testamento como um aviso de punição divina pelo pecado ([Is 3.9](#); [Ir 50.40](#); [Ez 16.46-56](#); [Mt 10.15](#); [Rm 9.29](#)).

Cidades de refúgio

Seis cidades, três em Canaã e três na Transjordânia (área Leste do Rio Jordão), foram designadas como locais de segurança para pessoas suspeitas de homicídio culposo. As seis cidades estavam entre as 48 atribuídas aos levitas ([Nm 35.6](#)). As três cidades transjordânicas eram Bezer, Ramote e Golã ([Dt 4.43](#); [Js 20.8](#)). As três cidades a oeste do Jordão eram Quedes, Siquém e Quiriate-Arba (ou seja, Hebrom) na região montanhosa de Judá ([Js 20.7](#)). Elas foram distribuídas de modo que a Leste do Jordão, Golã estava localizada no norte, Ramote no centro e Bezer no sul. A oeste do Jordão, Quedes, Siquém e Hebrom estavam localizadas no norte, centro e sul, respectivamente. Isso possibilitava que um acusado de homicídio culposo chegasse rapidamente a uma cidade de refúgio.

No antigo Israel, o parente mais próximo de uma vítima de assassinato era obrigado a tirar a vida do assassino ([Nm 35.19-21](#)). Era seu dever para com a viúva, outros membros da família e para com a sociedade. Assassinos não podiam viver, e não havia como resgatá-los (v. [31](#)).

A morte accidental, no entanto, era outra questão. Homicídio culposo, sem malícia ou premeditação, tinha uma provisão especial na Lei de Moisés. Um homem que acidentalmente matasse alguém poderia fugir para a cidade de refúgio mais próxima, onde as autoridades locais lhe concederiam proteção ([Dt 19.4-6](#)). Quando o caso chegava ao tribunal, se o homem fosse considerado culpado de assassinato premeditado, ele era entregue para execução ([19.11-12](#)). Se a morte fosse considerada accidental, a pessoa era absolvida. No entanto, ele tinha que pagar uma penalidade. O homicida tinha que permanecer na cidade de refúgio enquanto o atual sumo sacerdote estivesse no cargo ([Nm 35.22-28](#)). Isso seria uma dificuldade considerável em alguns casos. Significava ou a separação da família ou o custo e risco de se mudar da terra ancestral e tentar ganhar a vida em uma nova cidade.

Veja também Asilo; Direito civil e justiça.

Cidades levitas

Áreas especiais foram reservadas para a tribo de Levi em vez de uma herança territorial regular ([Nm 18.20-24](#); [26.62](#); [Dt 10.9](#); [18.1,2](#); [Js 18.7](#)). Os levitas receberam 48 cidades, incluindo as seis cidades de refúgio ([Nm 35.6.7](#)). Cada cidade e uma zona limitada ao redor dela eram para os levitas (vv. [3-5](#)); sua propriedade tinha um status especial em relação às leis de redenção ([Lv 25.32-34](#)).

Duas listas das cidades levitas são fornecidas ([Js 21](#); [1 Cr 6.54-81](#)). Treze cidades eram para os sacerdotes ([Js 21.4](#)), incluindo as seis cidades de refúgio. Apesar de algumas variações entre as duas listas, parece claro que elas remontam a um original. A distribuição das cidades levitas revela muito sobre seu propósito. Elas foram distribuídas entre as 12 tribos, mas geralmente não estavam localizadas nos centros tribais. As de Judá e Simeão estavam realmente no sul da região montanhosa, a área onde os clãs satélites dos calebitas e dos quenezeus se estabeleceram. As de Benjamim estavam agrupadas ao longo da metade sul da herança dessa tribo, a parte que mais tarde foi anexada a Judá; a família de Saul estava localizada lá. As cidades levitas foram colocadas em áreas de fronteira onde eram necessárias guarnições — por exemplo, nas bordas do deserto oriental em Rúben e de frente para a Filístia em Dã. Outros territórios-chave estavam nas planícies onde Aser, Manassés e outras tribos da Galileia originalmente falharam em conquistar as cidades cananeias ([Jz 1.27,31](#)). Assim, os levitas foram designados para lugares onde a tarefa especial de controlar áreas estratégicas era necessária. Muitas das cidades não foram tomadas durante a conquista inicial e só ficaram sob controle israelita no reinado de Davi.

Embora os levitas não fossem os únicos moradores de nenhuma cidade (eles as compartilhavam com outros israelitas), estavam ali para funções específicas. Eles cuidavam do trabalho do Senhor e do serviço do rei ([1Cr 26.30-32](#)). Coletar dízimos ([Nm 18.21](#); [Dt 14.28](#)), lidar com questões legais e judiciais ([1Cr 26.29](#); [2Cr 17.8](#); [19.8-10](#)), cumprir deveres de guarnição militar ([1Cr 26.1-19](#)) e gerenciar os armazéns (v. [22](#)) eram todas responsabilidades dos levitas. Embora servissem por rotação na capital ([27.1](#)), também tinham deveres semelhantes durante todo o ano em seus distritos de origem ([26.29-32](#)). Sua lealdade à casa de Davi fez com que perdessem seu status no reino

do norte, então a maioria deles se juntou a Judá quando o reino foi dividido ([2Cr 11.13-14](#)).

Veja Cidades de refúgio.

Cilícia

Uma província do Império Romano, localizada no sudeste da Ásia Menor. A capital era Tarso, cidade natal de Paulo ([At 21.39](#); [22.3](#)). É por isso que Paulo tinha cidadania romana, mesmo sendo judeu ([16.37](#)).

História da Cilícia

Antíoco, o Grande, estabeleceu 2.000 famílias judias nas regiões da Ásia Menor de Lídia e Frígia no segundo século a.C. (*Antiguidades* de Josefo 12.3.4). Esta pode ser a origem da população judaica na área.

No Antigo Testamento, a Cilícia é referenciada pelo nome *Qûe* (forma hebraica transliterada). A região formava uma ponte entre o país agora conhecido como Turquia e a Síria. O país era dividido entre Cilícia Tráqueia e Cilícia Pedia.

- Cilícia Tráqueia é a região montanhosa na metade ocidental. Cilícia Tráqueia era um território que Marco Antônio havia dado a Cleópatra em 36 a.C. Na época de Paulo, o rei grego Antíoco IV de Comagena governava esta área. Ele foi rei de 38 a 72 d.C. Os Portões da Cilícia, uma passagem estreita nas montanhas do Tauro, forneciam entrada para a Turquia.
- Cilícia Pedia eram as planícies ao leste. Cilícia Pedia estava conectada à província da Síria (cerca de 38 a.C.). O Novo Testamento refere-se à Síria e Cilícia como uma região ([Gl 1.21](#)).

Em 72 d.C., o imperador romano Vespasiano uniu as duas áreas em uma província romana chamada Cilícia.

Cilícia no Cristianismo primitivo

Judeus da Cilícia participaram da perseguição de Estevão ([At 6.9](#)). Após Paulo se converter ao Cristianismo, ele retornou a Tarso. Mais tarde, Paulo viajou com Barnabé para Antioquia ([At](#)

[11.25-26](#)). Devido à história de Paulo, a Síria e a Cilícia se tornaram o primeiro grande centro do Cristianismo não judaico. O Cristianismo se espalhou dessa área para o restante da população gentia do Império Romano.

Veja também Cilícia.

Cilindro de Ciro

Um barril de argila cozida, com 22,9 centímetros de comprimento e inscrito em cuneiforme, foi encontrado pelo arqueólogo Hormuzd Rassam durante suas escavações na Babilônia de 1879 a 1882. Atualmente, está guardado no Museu Britânico em Londres. A inscrição foi escrita por Ciro, o Grande (que fundou o Império Persa e o governou de 539 a 530 a.C.) para descrever e justificar suas políticas. O texto, quase intacto, tem cerca de 1.000 palavras e data de aproximadamente 536 a.C.

Ciro começou criticando Nabonido, o último governante do Império Neo-Babilônico, chamando-o de "fraco" por ter removido as imagens dos deuses de seus templos e negligenciado o culto a Marduque, o principal deus babilônico. Nabonido também obrigou seu povo a trabalhar em muitos projetos públicos.

Os historiadores agora acreditam que Nabonido havia abandonado o culto a Marduque em favor de Sin, o deus da lua adorado em Ur e Harã. Antes de Babilônia cair, Nabonido tentou trazer muitos dos deuses das cidades babilônicas para a capital, o que irritou os poderosos líderes religiosos e muitas pessoas.

Ciro continuou a inscrição dizendo que Marduque havia ouvido as queixas dos deuses e procurado um governante justo. Ele encontrou Ciro, que tinha "boas ações" e um "coração reto". Marduque ajudou Ciro a conquistar muitas terras e ordenou que ele marchasse contra Babilônia, apoiando-o como um amigo. Ciro tomou Babilônia sem luta, e Marduque entregou Nabonido a ele. Fontes gregas dizem que a vida de Nabonido foi poupada, e o povo da Babilônia ficou feliz com o governo de Ciro, pois evitaram danos e desastres.

Ciro então falou sobre sua linhagem, mostrando que ele descendia de uma linha real em Anshan, uma região a leste do Golfo Pérsico. Ele afirmou que os deuses babilônicos Bel e Nebo estavam satisfeitos com ele. Ciro provavelmente sentiu a necessidade de fazer essa declaração porque ele

havia conquistado os impérios Medo e Neo-Babilônico à força.

Após estabelecer seu direito de governar, Ciro descreveu sua recepção pelo povo, sua fiel adoração a Marduque e seu tratamento gentil para com seus súditos. Ele controlou suas tropas para evitar o terror, manteve a paz, interrompeu o trabalho forçado e desenvolveu projetos de habitação pública. Ciro acreditava que Marduque estava satisfeito com suas ações e o favoreceria, assim como seu filho Cambises e suas tropas. Príncipes de todo o império vieram a Babilônia para prestar homenagem a Ciro.

A próxima parte da inscrição é importante para a história bíblica. Ciro reverteu a política de deportação dos babilônios e assírios, permitindo que todos os povos cativos retornassem às suas casas. Ele também devolveu as imagens dos deuses aos seus templos e ajudou a reconstruí-los. Isso mostra que o decreto no Livro de Esdras, permitindo que os judeus retornassem à Palestina ([Esdras 1](#)), fazia parte da política mais ampla de Ciro, e não devido à sua conversão ao Deus de Israel. Outros povos cativos também tiveram decretos semelhantes.

No último parágrafo, Ciro pediu aos deuses que intercedessem junto a Bel e Nebo por uma vida longa para ele e que o recomendassem a Marduque. Ele acreditava que sacerdotes e adoradores gratos, ao orarem por ele, seriam súditos leais, eliminando fontes de descontentamento.

Veja também Ciro o Grande.

Címbalo

Um címbalo é um instrumento musical composto por duas placas de metal redondas, finas e ligeiramente curvas, que são batidas juntas para produzir um som de toque. Os israelitas usavam címbalos na adoração a Deus ([2Sm 6.5](#); [Ed 3.10](#); [Sl 150.5](#)).

Veja também Instrumentos musicais (Zelzelim); Música.

Cinta

Uma das várias peças de roupa que são usadas na cintura.

Cinzas

Um pó fino que é deixado após algo ter sido completamente queimado. A queima de ofertas sacrificiais no altar do tabernáculo ou templo produzia cinzas que precisavam ser descartadas em uma cerimônia ([Lv 1.16](#); [4.12](#); [6.10-11](#); cp. [Hb 9.13](#)). As cinzas nos altares pagãos são mencionadas em várias histórias do Antigo Testamento ([1Rs 13.1-5](#); [2Rs 23.4](#)). Quando Moisés jogou cinzas no ar durante o confronto com o Faraó egípcio, as cinzas se espalharam como pó fino por todo o Egito. Isso causou uma praga de úlceras a aparecer tanto em pessoas quanto em animais ([Êx 9.8-10](#)).

Na Bíblia, as cinzas são frequentemente mencionadas como um sinal de profundo pesar, arrependimento, humilhação ou sentimento de inutilidade. As pessoas colocavam cinzas sobre si mesmas para demonstrar essas emoções intensas. A Bíblia às vezes usa cinzas e pó de maneiras semelhantes. Por exemplo:

- Tamar colocou cinzas sobre si mesma para mostrar o quanto estava abalada após ser sexualmente agredida por seu meio-irmão ([2Sm 13.19](#)).
- Mardoqueu (ou, Mordecai) cobriu-se de cinzas porque estava muito preocupado depois que o rei ordenou que todos os judeus em seu reino fossem mortos ([Et 4.1-3](#)).
- Daniel jogou cinzas sobre si mesmo quando orou a Deus por seu povo que foi forçado a viver em um país estrangeiro ([Dn 9.3](#)).
- O rei de Nínive colocou cinzas sobre si mesmo para mostrar que estava arrependido de suas ações erradas depois de ouvir a mensagem de Jonas de Deus ([Jn 3.6](#); cp. [Lc 10.13](#)).

As pessoas na Bíblia também usavam cinzas como símbolo para representar diferentes ideias:

- Sentindo-se humilde ou pequeno ([Gn 18.27](#)).
- Sentindo-se inútil ou como se algo não tivesse utilidade ([Jó 13.12](#); [30.19](#); [Is 44.20](#)).
- Destruição ([Ed 28.18](#); [2Pe 2.6](#)).

Veja também Luto.

Cipreste

A árvore de cipreste é conhecida por suas folhas escuras e forma simétrica. Foi usada no Templo de Salomão ([1Rs 5.8](#)).

O cipreste (*Cupressus sempervirens horizontalis*) é uma árvore perene massiva e de crescimento alto, com pequenas folhas em forma de escama. Cresce amplamente nas regiões montanhosas de Israel e áreas circundantes. No Monte Líbano e no Monte Hermom, cresce junto com cedros e carvalhos. As árvores de cipreste geralmente crescem de 15,2 a 18,3 metros de altura, mas podem atingir até 24,2 metros.

Diz-se que os fenícios, cretenses e gregos usaram extensivamente a madeira de cipreste na construção de navios. A maioria dos estudiosos concorda que a "madeira de gofer" mencionada em [Gênesis 6.14](#) é cipreste, porque a madeira dura muito tempo sem apodrecer. Noé usou essa madeira para construir um barco extremamente grande (a arca).

Circuncisão

Remoção cirúrgica do prepúcio do órgão reprodutor masculino. Nos tempos bíblicos, a circuncisão era o selo da aliança de Deus com Abraão ([Gênesis 17.1-14](#)). Embora a circuncisão se originou como um antigo rito tribal ou religioso, desde o início deste século, ela tem sido praticada nas nações ocidentais para fins higiênicos. Muitos médicos acreditam que a circuncisão ajuda a prevenir cânceres genitais em homens e suas esposas, de modo que esta pequena operação é realizada alguns dias após o nascimento em quase todos os machos recém-nascidos na América do Norte. Fora do judaísmo, o procedimento não carrega mais significado religioso.

Resumo

- Circuncisão no Mundo Antigo
- Circuncisão no Antigo Testamento
- Circuncisão no Novo Testamento

Circuncisão no Mundo Antigo

O rito da circuncisão é muito mais antigo do que o povo hebreu. As pinturas rupestres dão evidências de que era praticada nos tempos pré-históricos. Os desenhos do templo egípcio mostram que a operação era comum em 4000 a.C., e provavelmente, antes. Grupos de pessoas que praticavam a circuncisão viviam em quase todos os continentes. O rito foi constatado entre índios da América Central e do Sul, polinésios, os povos da Nova Guiné, muitas tribos australianas e africanas, egípcios e árabes pré-islâmicos. O rito não é mencionado no Alcorão, mas porque Maomé era circuncidado, a tradição dita que os muçulmanos homens seguem o antigo costume. A ascendência árabe é atribuída a Abraão através de Ismael ([Gênesis 17.20](#)), por isso uma idade comum para as circuncisões muçulmanas é 13 anos, já que Ismael estava circuncidado nessa idade (v. [25](#)).

Entre os povos semitas ocidentais, os amonitas, edomitas, midianitas, moabitas e fenícios, todos praticavam a circuncisão ([Jeremias 9.25-26](#)). Os filisteus, no entanto, não a fizeram ([Juízes 14.3; 15.18; 1 Samuel 14.6; 17.26.36; 18.25.27; 31.4; 2 Samuel 1.20; 3.14; 1 Crônicas 10.4](#)).

Os jovens eram geralmente circuncidados na puberdade, evidentemente em preparação para o casamento e o ingresso nas responsabilidades tribais completas. Os hebreus eram os únicos antigos praticantes da circuncisão a cumprir o rito na infância, isentando-os assim da associação com os rituais de fertilidade.

Circuncisão no Antigo Testamento

Na Bíblia, a prática da circuncisão começou em [Gênesis 17](#) como um sinal da aliança entre Deus e Abraão. Deus prometeu a Abraão uma terra e, através de um filho ainda a ser concebido, numerosos descendentes, de quem viriam reis. As bênçãos viriam sobre Abraão e através dele a todas as nações ([Gênesis 12.1-3](#)). Após a aliança ser formalmente inaugurada (capítulo [15](#)), Deus a selou, ordenando que Abraão fosse circuncidado com todos os machos em sua casa ([Gênesis 17.9-13](#)).

A circuncisão era para ser uma expressão de fé de que as promessas de Deus seriam realizadas. Como

a fé de Abraão havia falhado ([Gênesis 16](#)) mesmo depois de ele ter visto a incrível manifestação da majestade de Deus ([15.9-17](#)), um lembrete permanente das promessas da aliança de Deus foi colocado em seu corpo e nos corpos de seus descendentes homens ([17.11](#)). Este sinal estava tão intimamente relacionado com a promessa da aliança de Deus que o próprio rito poderia ser chamado de “aliança” ([Gênesis 17.10; Atos 7.8](#)).

A circuncisão deveria ser realizada no oitavo dia após o nascimento ([Gênesis 17.12; Lv 12.1-3](#); ver [Gênesis 21.4; Lc 1.59; 2.21; Atos 7.8; Filipenses 3.5](#)), habitualmente pelo pai do menino ([Gênesis 17.23; 21.4; Atos 7.8](#)), momento em que um nome seria dado ([Lucas 1.59; 2.21](#)). Facas de pedra eram usadas nos primeiros dias ([Êxodo 4.25; Josué 5.2-3](#)). Mais tarde, o rito foi realizado por um profissional treinado chamado *mohel*. A pesquisa médica determinou que a protrombina, uma substância no sangue que ajuda na coagulação, está presente em maior quantidade no oitavo dia do que em qualquer outro momento da vida.

Significado teológico

A circuncisão tinha a ver com o cumprimento da promessa de Deus a respeito dos descendentes de Abraão ([Gênesis 17.9-12](#)). Por ser aplicado ao órgão reprodutor, o sinal envolvia a propagação da raça. Sua aplicação ao bebê de oito dias demonstra o caráter gracioso da promessa de Deus aos descendentes de Abraão e indica que o povo de Deus necessita da graça purificadora desde o nascimento ([Levítico 12.1-3](#)). As promessas da aliança foram reafirmadas a cada geração antes que os destinatários pudessem responder com fé ou descrença. Nada nos corações do povo escolhido poderia afetar o cumprimento final das promessas dadas a Abraão e seus descendentes.

A circuncisão também tinha a ver com o cumprimento da promessa de Deus sobre a terra ([Gênesis 17.8](#)). A terra era a possessão santa de Deus, e os israelitas tinham que ser santos para possuí-la. Quando José e seus descendentes estavam no Egito, eles continuaram a circuncidar seus filhos. Mas seguindo o grande pecado no Monte Sinai após o Êxodo, os israelitas incrédulos falharam em colocar o sinal da aliança em seus filhos enquanto eles vagavam pelo deserto. Como a nova geração não havia sido circuncidada, as pessoas estavam despreparadas para entrar na Terra Prometida. Por essa razão, Deus ordenou a Josué que circuncidasse os homens de Israel. A resposta obediente das pessoas era um ato de fé,

uma vez que os exércitos do inimigo estavam acampados nas proximidades, enquanto os guerreiros israelitas estavam incapacitados pela cirurgia ([Josué 5.2-9](#)).

Desde o início, a participação nas promessas da aliança estava disponível a pessoas de fora da casa de Abraão ([Gênesis 17.12-13](#)). [Êxodo 12.43-49](#) dá aos não israelitas a oportunidade de participar da Páscoa se eles estiverem dispostos a cumprir a mesma estipulação colocada sobre os judeus—a da circuncisão.

Circuncisão no Novo Testamento

João Batista era circuncidado, assim como Jesus e Paulo ([Lucas 1.59](#); [2.21](#); [Filipenses 3.5](#)). Jesus reconheceu o significado purificador da circuncisão ([João 7.22-23](#)), contrastando o rito com seu ministério curador que tornava um homem completamente sadio e, portanto, cerimonialmente “limpo”. Pouco antes de ser apedrejado, Estêvão se referiu à aliança da circuncisão e responsabilizou seus acusadores judeus por serem, como seus antepassados, de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvidos, e de sempre resistir ao Espírito Santo ([Atos 7.8,51](#)).

Por um tempo, os primeiros cristãos continuaram a participar dos ritos e costumes judaicos, até mesmo frequentando os serviços do templo ([Atos 3.1](#); [5.21,42](#)). Quando os gentios vieram a Cristo, surgiu a controvérsia entre aqueles que disseram que a participação na comunidade da aliança exigia circuncisão e aqueles que acreditavam que o rito era desnecessário. Argumentava-se que, uma vez que a promessa da aliança do Messias foi dada aos judeus, os gentios devem primeiro ser circuncidados e se tornar judeus antes que pudessem receber a salvação em Cristo.

No tempo de Cristo, muitos judeus entenderam mal o significado da circuncisão, acreditando que o ato físico era necessário e uma garantia de salvação. Assim, para os judeus, a observância se tornou não apenas um símbolo de privilégio religioso, mas também uma fonte de orgulho racial ([Filipenses 3.4-6](#)). Esses judeus associaram a cerimônia à lei mosaica, em vez da promessa a Abraão ([João 7.22](#); [Atos 15.1](#)). Como gregos e romanos não praticavam a circuncisão, os judeus vinham sendo chamados de “a circuncisão” (ARC [Atos 10.45](#); [11.2](#); [Romanos 15.8](#); [Gálatas 2.7-9](#); [Efésios 2.11](#); [Tito 1.10](#)) e seguindo a prática do AT ([Ezequiel 28.10](#); [31.18](#); [32.19-32](#)), os gentios eram denominados “a incircuncisão” (ARC [Gálatas 2.7](#); [Efésios 2.11](#)).

Durante sua visita a Cesareia, os crentes judeus ficaram espantados ao perceber que os gentios não circuncidados receberam o presente purificador do Espírito Santo ([Atos 10.44-48](#)). Moisés havia prometido que Deus circuncidaria os corações de seu povo para amar o Senhor de todo coração e alma ([Dt 30.6](#)). Ezequiel havia profetizado que o Senhor aspergiria água purificadora sobre seu povo, dando-lhes um novo coração e colocando seu Espírito dentro deles ([Ezequiel 36.25-27](#)). Quando esses crentes judeus testemunharam o cumprimento da profecia de que Deus derramaria seu Espírito sobre toda a carne ([Joel 2.28](#); [Atos 2.17](#)), eles perceberam que a realidade interior simbolizada pela circuncisão poderia ser alcançada sem o sinal físico. Portanto, os crentes gentios foram imediatamente batizados.

Nem todos os crentes judeus estavam imediatamente dispostos a aceitar gentios na igreja. Quando Pedro voltou para Jerusalém após sua visita a Cesareia, “o grupo da circuncisão” o criticou. Mas após dizer como o Espírito havia sido derramado sobre os gentios, Pedro declarou que ele não poderia se colocar contra Deus. Com isso, os crentes judeus foram silenciados e glorificaram a Deus porque arrependimento para a vida havia sido concedido aos gentios ([Atos 11.1-3, 15.8](#)).

Certos “judaizantes” do grupo farisaico ensinavam aos cristãos em Antioquia que a circuncisão era necessária para a salvação ([Atos 15.15](#)). Após debater com essas pessoas, Paulo e Barnabé foram a Jerusalém para consultar os outros apóstolos e anciãos (v. 2). Pedro argumentou que Deus havia dado o Espírito aos gentios e “purificado seus corações pela fé”, afirmando que “por meio da graça do Senhor Jesus, nós, judeus, cremos e somos salvos do mesmo modo que os não-judeus” (vv. [8-9, 11](#)). Assim, Tiago e os outros líderes de Jerusalém concordaram que a circuncisão não deveria ser imposta aos gentios (vv. [13-21](#)).

Foi decidido que Pedro, Tiago e João seriam encarregados de transmitir o evangelho aos “circuncidados”, enquanto Paulo e Barnabé pregariam aos “não circuncidados” ([Gálatas 2.7-9](#)). Por causa de sua tática evangelística de ser “todas as coisas para todas as pessoas” com respeito a questões de costumes que são espiritualmente indiferentes ([1 Coríntios 9.19-23](#)), Paulo havia circuncidado Timóteo. Timóteo era considerado pelos judeus como um de sua raça porque sua mãe era judia ([Atos 16.1-2](#)). Mas Paulo resistiu às tentativas de ter circuncidado Tito, uma vez que ele era um gentio ([Gálatas 2.3](#)). Aparentemente, ele

permitiu que os crentes judeus circuncidassem seus filhos ([Atos 21.21](#)).

No entanto, Paulo acusou aqueles que defendiam que os cristãos gálatas deveriam ser circuncidados e guardar a lei, onde nem eles mesmos a guardavam, mas queriam se vangloriar na carne dos gálatas, e fugir da perseguição pela cruz de Cristo ([Gálatas 6.12-13](#))—perseguição que Paulo estava disposto a suportar ([5.11](#)). Admitindo, em nome do argumento, o pressuposto farisaico de que a salvação poderia ser merecida pela guarda da lei, Paulo declarou que aqueles que receberam a circuncisão devem obedecer a todas as outras leis judaicas (vv. [2-3](#)). Cristo seria “sem proveito” para aqueles que “seriam justificados pela lei”; esta tentativa de praticar a justiça evidenciaria que os gálatas foram “separados de Cristo”, tendo “caído da graça” (vv. [2-4](#)). Esses cristãos estavam sendo tentados a se voltar para “um evangelho diferente” ([1.6-7](#)).

Por causa da séria ameaça que os judaizantes representavam ao evangelho da livre graça, Paulo desejava que aqueles que perturbaram os gálatas “se mutilassem” ([Gálatas 5.12](#)). Ele chamou os judaizantes de “cães”, “obreiros malignos” e de os “que insistem em cortar o corpo” (NTLH), afirmando que os cristãos são “a verdadeira circuncisão”, porque eles adoram a Deus em espírito e gloriam-se em Cristo Jesus, não depositando confiança nas obras humanas para merecer salvação ([Filipenses 3.2-3](#)).

Ele ensinava que a circuncisão era de fato de valor para os judeus, pois era o sinal de que a eles haviam sido designado os “oráculos de Deus”, isto é, a palavra de Deus sobre a promessa de salvação ([Romanos 3.1-3](#)). Ele lembrou aos efésios orgulhosos que, como gentios, eles haviam sido “estranhos aos pactos da promessa”, não carregando o sinal da aliança em seus corpos ([Efésios 2.11-12](#); veja [Colossenses 2.13](#)). Da mesma forma, os judeus não tinham motivo para orgulho, pois a desobediência poderia fazer com que a circuncisão externa fosse contada como incircuncisão ([Romanos 2.25](#)).

Paul e os outros apóstolos seguiram Moisés e os profetas do AT ao ensinar que a verdadeira circuncisão era uma questão do coração. O ensino do NT vai mais além ao afirmar que um crente fiel, embora fisicamente incircunciso, é considerado por Deus como circuncidado, pois “é claro que não é aquele que é judeu somente por fora e circuncidado só no corpo.” ([Romanos 2.28](#)). Tanto judeus quanto gentios são salvos pela graça ([Atos](#)

[15.11](#)), e circuncidados e não circuncidados são igualmente justificados no fundamento de sua fé, à parte das obras da lei ([Romanos 3.28-30](#)).

Abraão serviu como um exemplo de uma pessoa que tinha sua fé considerada como justiça ([Rm 4.3](#); veja [Gn 15.6](#)). Paulo argumentou que tanto gentios quanto judeus são justificados pela fé, porque Abraão foi considerado justo antes de ser circuncidado. Abraão não recebeu a circuncisão para obter justiça, mas como um sinal ou selo da justiça que ele tinha pela fé enquanto ele ainda estava incircunciso. Assim, Abraão é o pai de todos os que creem sem ser circuncidado, bem como aqueles que são circuncidados, mas também seguem o exemplo da fé de Abraão ([Romanos 4.9-12](#); veja [Gálatas 3.6-9](#)).

Veja também Batismo; Purificação e Imundície, Regulamentos a respeito; Incircuncisão.

Circuncisão

Tradução ARC no texto de [Filipenses 3.2](#), significando “mutilação da carne”.

Cirene, Cireneus

Uma cidade na costa do Norte da África, conhecida como a capital da Cirenaica. Foi fundada no século VII a.C. por gregos que eram principalmente agricultores. Heródoto, um historiador do século V a.C., observou que Cirene era única porque tinha três estações de colheita, resultando em um longo e contínuo outono de oito meses: “a terra de Cirene, a mais alta daquela parte da Líbia que é habitada por nômades, tem a notável peculiaridade de três estações de colheita separadas... proporcionando para o povo afortunado de Cirene, um outono contínuo de oito meses consecutivos” (4.199).

Alexandre, o Grande, conquistou Cirene em 331 a.C., e mais tarde ela se tornou parte do Império Romano. Durante o período do Novo Testamento, a cidade tinha uma grande população judaica de Alexandria. Um desses judeus, Simão de Cirene, estava em Jerusalém durante a Páscoa quando foi compelido a carregar a cruz de Jesus ([Mt 27.32](#)). No Pentecostes, Pedro pregou para judeus de Cirene em Jerusalém ([At 2.10](#)). Estevão foi atacado por judeus de uma sinagoga que incluía pessoas de Cirene ([At 6.9](#)). Alguns desses judeus cireneus foram posteriormente convertidos ao cristianismo e se tornaram pregadores ([At 11.20](#)), viajando até

Antioquia, onde Lúcio de Cirene foi um notável professor cristão ([At 13.1](#)).

Cirênio

A versão da NTLH da grafia de Quirino, em [Lucas 2.2](#). Quirino era o governador da Síria quando Cristo nasceu.

Veja Quirino.

Ciro, o Grande

Rei persa (559–530 a.C.) que fundou a dinastia Aquemênida e o Império Persa. *Ciro (II)* era filho de Cambises I (600–599 a.C.), que governou os territórios unificados de Parshumash-anshan e Parsa. A mãe de *Ciro* era Mandane, filha do rei meda Astíages (585?-550 a.C.). O ancestral da dinastia era Aquêmenes. *Ciro* sucedeu seu pai e estabeleceu-se em Pasárgada por volta de 559 a.C. Ambicioso e ousado, ele alinhou seu reino com povos e tribos vizinhas em um bloco sólido de poder persa, depois se revoltou contra Astíages da Média. Quando ficou evidente que *Ciro* venceria na luta para controlar a Média, as tropas de Astíages se amotinaram e desertaram para *Ciro*. Quando *Ciro* conquistou o reino meda, no entanto, ele entrou em conflito com Babilônia, já que os dois reinos reivindicavam grande parte do mesmo território.

Ciro consolidou seu poder antes de lutar contra a Babilônia. Primeiro, ele conquistou a Ásia Menor. O rico Rei Cresos da Lídia e os lídios se submeteram a ele. Em seguida, ele invadiu a região montanhosa ao norte, entre o Mar Cáspio e o canto noroeste da Índia.

Em 539 a.C., *Ciro* estava pronto para avançar contra a Babilônia. O governador babilônico de Elão desertou para *Ciro* e juntou-se ao seu exército. Com uma oposição mínima, os exércitos de *Ciro* entraram na capital babilônica em 539 a.C. Nabonido foi feito prisioneiro, mas foi tratado com respeito e misericórdia. Dezesseis dias depois, o próprio *Ciro* entrou na cidade, sendo aplaudido por muitos de seus habitantes.

A profecia de Isaías mencionou *Ciro* como o ungido do Senhor ([Is 45.1](#)). Israel o considerava chamado e capacitado por seu Deus para libertá-los. Sob *Ciro*, os judeus foram autorizados a reconstruir Jerusalém e seu Templo ([44.28](#)). Documentos

preservados no AT afirmam que no primeiro ano na Babilônia, *Ciro* emitiu um decreto permitindo a reconstrução da casa de Deus em Jerusalém ([2Cr 36.22-23](#); [Ed 1.1-3](#); [6.2-5](#)). Ele também devolveu os vasos sagrados retirados do Templo por Nabucodonosor. As descrições bíblicas do decreto não mencionam a reconstrução da cidade, mas isso estaria em harmonia com a política do rei.

Durante as escavações (1879–82) em Babilônia, o arqueólogo Hormuzd Rassam descobriu uma inscrição em um barril de argila na qual *Ciro* relatava a tomada da cidade e suas políticas resultantes. Isaías e Crônicas refletem o conteúdo da inscrição, que afirma que os povos capturados foram autorizados a retornar para casa e construir santuários para seus próprios deuses.

Nada se sabe sobre a morte de *Ciro*. Relatos preservados deixam claro que ele foi morto em batalha, mas as declarações são conflitantes. Provavelmente, o historiador grego Heródoto está certo ao indicar que *Ciro* morreu em um terrível desastre que destruiu o exército persa enquanto lutava contra massagetas. O túmulo de *Ciro* ainda pode ser visto em Pasárgada, no Irã.

Veja também Cilindro de *Ciro*; Pérsia, Persas.

Cisterna

Local para armazenar água; uma bacia de captação ou reservatório feito pelo homem. As cisternas de pedra revestidas com cal passaram a ser amplamente usadas na Palestina no século XIII a.C.

Cisternas vazando ou abandonadas eram frequentemente usadas como câmaras de sepultamento, tortura ou prisão. Por exemplo, a masmorra na qual o profeta Jeremias foi colocado era uma cisterna lamacenta abandonada ([Jr 38.6](#)). Ismael jogou os corpos de 70 homens assassinados em uma grande cisterna originalmente construída pelo rei Asa para o abastecimento de água durante a guerra ([41.4-9](#)).

Cisternas eram de vital importância no árido Oriente Próximo. O rei Uzias de Judá é descrito como tendo escavado muitas cisternas em áreas onde faltavam nascentes ou poços ([2Cr 26.10](#)). Um general assírio, zombando do rei Ezequias e de seu povo, prometeu que, se eles se submetessem, todos beberiam a água de sua própria cisterna ([Is 36.16](#); cp. [2Rs 18.31](#)). Muito antes, Moisés havia assegurado aos israelitas que cisternas já

escavadas estariam entre as bênçãos de Deus na Terra Prometida ([Dt 6.11](#)).

Citópolis

O nome grego para Bete-Seã em [2 Macabeus 12.29](#).
Veja Bete-Seã, Bete-Sã; Decápolis.

CITRONELA

Uma árvore nativa da Ásia que produz frutos semelhantes a limões, com uma casca grossa e perfumada. A árvore de citronela (*Tetraclinis articulata*) geralmente não cresce mais do que 9,1 metros. Ela possui madeira dura, de cor escura, duradoura e perfumada, que pode ser polida até obter um acabamento fino.

Esta madeira era uma das mais valiosas nos tempos antigos. As pessoas a utilizavam amplamente para fazer móveis finos e armários. Costumava-se dizer que valia seu peso em ouro. Devido ao seu conteúdo natural de resina, a madeira resiste à decomposição e permanece principalmente intacta contra insetos.

Clauda

O antigo nome (e variação ortográfica) de uma pequena ilha ao sul de Creta ([At 27.16](#)).

Veja Cauda.

Cláudia

Uma mulher cristã conhecida pelo apóstolo Paulo e por Timóteo ([2Tm 4.21](#)).

Cláudio

Cláudio foi o Imperador do Império Romano de 41 a 54 d.C. Ele é mencionado duas vezes no Novo Testamento ([At 11.28](#); [18.2](#)).

Início da vida e ascensão ao poder

Cláudio nasceu em 10 a.C. em Lyon, uma cidade que hoje fica na França. Seu nome completo era Tibério Cláudio Germânico. Ele era sobrinho do Imperador Tibério e neto de Lívia, que foi esposa de Augusto.

Em 37 d.C., o Imperador Calígula nomeou Cláudio como cônsul (um líder de alto escalão do governo). Quando Calígula morreu, a Guarda Pretoriana (os guarda-costas do Imperador) escolheu Cláudio para ser o próximo Imperador. O Senado Romano concordou com a escolha deles.

O início do governo de Cláudio e a amizade com Herodes Agripa

Quando Cláudio se tornou Imperador, ele tentou reparar os danos causados pelo governo severo de Calígula. Calígula havia tratado mal muitas pessoas, incluindo o povo judeu em Alexandria, no Egito.

Cláudio interrompeu a perseguição aos judeus lá. O historiador judeu Josefo relatou que Cláudio enviou uma mensagem importante ao Egito. Nela, Cláudio declarou: "Tibério Cláudio César Augusto Germânico, sumo sacerdote e tribuno (oficial) do povo, ordena o seguinte... Quero garantir que certos direitos e privilégios dos judeus não sejam retirados por conta da loucura de Gaio. Eles devem continuar a ter os direitos e privilégios que possuíam antes e poder seguir seus próprios costumes".

Essa decisão mostrou que Cláudio era amigo de Herodes Agripa. Agripa havia ajudado Cláudio a tornar-se Imperador.

Para agradecê-lo, Cláudio deu a Agripa o controle sobre a Judeia e Samaria. Essas terras haviam pertencido ao avô de Agripa, Herodes, o Grande.

Cláudio confiava tanto em Agripa que retirou a Judeia do domínio romano direto e permitiu que Agripa a governasse.

A morte de Herodes Agripa

Herodes Agripa não governou por muito tempo. Para agradar os líderes judeus, ele matou Tiago, o filho de Zebedeu. Ele também colocou Pedro na prisão e planejou matá-lo após a festa da Páscoa na primavera de 44 d.C ([At 12.1-5](#)). Mas Pedro escapou.

No verão daquele mesmo ano, Agripa fez um discurso público. Ele vestiu uma túnica feita com fios de prata que brilhavam à luz do sol. Ele se sentou em seu trono enquanto falava. O povo gritou que ele era um deus ([At 12.22](#)). Imediatamente, ele foi ferido por um anjo do Senhor. Cinco dias depois, ele morreu.

Cláudio tentou manter boas relações com o povo judeu. No entanto, cinco anos após a morte de

Agripa, Cláudio ordenou que todos os judeus deixassem a cidade de Roma.

Lucas escreveu que Áquila e Priscila estavam entre aqueles forçados a sair ([At 18.2](#)). O escritor romano Suetônio explicou que Cláudio expulsou os judeus porque eles frequentemente se revoltavam. Ele disse que os tumultos eram iniciados por alguém chamado “Chrestus”.

“Chrestus” era um nome comum para escravos, mas soava quase igual a “Christus”, que é latim para Cristo.

Suetônio pode ter querido dizer que esses problemas estavam relacionados a pessoas que seguiam Cristo. Ele parecia pensar que “Chrestus” era o líder de um novo movimento, provavelmente o cristianismo.

Fomes durante o governo de Cláudio

Quando Cláudio se tornou Imperador, houve uma grave escassez de grãos. Isso ocorreu principalmente devido à má liderança de Calígula antes dele (cp. [At 11.28](#)). O historiador Josefo escreveu que, durante o tempo de Cláudio, Judeia, Samaria e Galileia sofreram com a fome.

Para ajudar o povo em Jerusalém, Helena (a mãe do rei de Adiabene) comprou grãos do Egito e figos secos de Chipre. Isso provavelmente aconteceu por volta de 45–46 d.C.

Outros escritores antigos, como Tácito, Suetônio e Eusébio, também mencionaram que fomes ocorriam frequentemente em Roma e em outros lugares. As colheitas eram pequenas, e os alimentos não eram bem distribuídos ou entregues.

Família de Cláudio

Cláudio teve uma vida familiar complicada. Sua terceira esposa, Messalina, foi condenada à morte devido às suas ações imorais.

Depois disso, Cláudio casou-se com sua sobrinha, Agripina. Ela tinha um filho chamado Nero de um casamento anterior.

Agripina desejava que Nero se tornasse Imperador em vez do próprio filho de Cláudio, Britânico. Britânico era filho de Messalina e deveria ser o próximo Imperador.

Morte e legado de Cláudio

Em 54 d.C., Cláudio escolheu Britânico para se tornar o próximo Imperador.

Mas Agripina queria que seu próprio filho, Nero, governasse. Ela envenenou Cláudio para que Nero pudesse assumir o trono.

Após a morte de Cláudio, o Senado o declarou como um deus. Ele foi o terceiro imperador romano a receber essa honra.

Veja também Césares, Os.

Cláudio Lísias

Comandante da guarnição romana em Jerusalém que escreveu uma carta ao procurador romano Félix a respeito do apóstolo Paulo ([At 23.26](#)). Seu título em grego (*chiliarch*) o identifica como comandante de 1.000 tropas. Embora Cláudio Lísias seja desconhecido fora do NT, algumas informações sobre ele são fornecidas pelo livro de Atos. Seu sobrenome Lísias é grego. O nome romano Cláudio foi evidentemente adotado na época em que ele adquiriu sua cidadania romana ([22.28](#)).

Estacionado na fortaleza Antônia, com vista para o setor norte da área do Templo em Jerusalém, ele resgatou Paulo de uma multidão judaica que estava prestes a matá-lo ali. Ele permitiu que Paulo falasse aos judeus de uma das duas escadarias que levavam do Pátio dos Gentios no Templo até a Antônia ([At 21.40](#)) e impediu que Paulo fosse açoitado quando soube da cidadania romana de Paulo ([22.22–29](#)). Cláudio Lísias enviou Paulo secretamente para Cesareia sob forte escolta quando o sobrinho de Paulo informou o tribuno sobre um complô judaico para assassinar o apóstolo em Jerusalém ([23.16–35](#)).

Não se sabe como Lucas, o autor de Atos, obteve uma cópia da carta oficial sobre Paulo escrita por Cláudio para Félix, o governador, mas o documento oferece uma importante defesa do caráter e da conduta de Paulo diante das acusações de seus oponentes.

Cláudio, Edito de

Uma mensagem esculpida em uma laje de mármore (uma peça plana de pedra) foi encontrada em Nazaré. A mensagem adverte as pessoas a não roubarem de túmulos. Provavelmente foi escrita quando Cláudio era o Imperador Romano, entre os anos 41 e 54 d.C. *Veja* Inscrições.

Cleantes

O líder da escola de filosofia Estoica em Atenas de 269 a 232 a.C. Os estoicos eram pessoas que seguiam um tipo de filosofia (uma maneira de pensar sobre a vida) que começou na Grécia antiga. Essa filosofia era chamada de "Estoicismo".

Cleantes escreveu um poema chamado "Hino a Zeus". Outro poeta estoico chamado Arato mais tarde adaptou partes deste poema quando escreveu seu próprio poema chamado "Fenômenos". Séculos depois, o apóstolo Paulo citou a quinta linha de "Fenômenos". Ele estava falando a uma multidão no Areópago em Atenas. Paulo citou as palavras: "Somos sua descendência" ([At 17.28](#)).

Veja Estoicismo, Estoicos.

Clemente

Colega de trabalho de Paulo em Filipos que colaborou diretamente com ele na promoção do evangelho naquele lugar ([Fp 4.3](#)). Paulo o inclui no grupo daqueles cujos nomes estão escritos no Livro da Vida. Embora alguns pais da igreja primitiva tenham identificado este Clemente como o terceiro bispo de Roma, não há evidências para sustentar suas alegações.

Clemente de Roma

Um presbítero e bispo em Roma que escreveu uma carta para a igreja em Corinto. A carta foi escrita por volta de 96 d.C. Esta carta é provavelmente o mais antigo escrito cristão fora do Novo Testamento. Dionísio de Corinto, que foi bispo por volta de 170 d.C., foi o primeiro a identificar Clemente como o autor dessa carta. Orígenes, um teólogo que viveu em Alexandria, e Eusébio, o primeiro historiador da igreja, identificaram o escritor como o Clemente que é listado no *Pastoreio de Hermas*. O *Pastoreio de Hermas* é um escrito cristão de meados do segundo século.

Veja também Clemente, Epístola de.

Clemente, Primeira Epístola de

Quem escreveu a primeira epístola de Clemente?

Uma epístola escrita por Clemente de Roma para a igreja em Corinto. Foi escrita por volta de 96 d.C. Esta carta é provavelmente a mais antiga epístola cristã sobrevivente fora do Novo Testamento. Por volta de 170 d.C., Dionísio de Corinto registrou a primeira afirmação de que Clemente era o autor desta carta. Orígenes e Eusébio também identificaram Clemente como o autor da carta.

Qual é a mensagem da primeira epístola de Clemente? Por que foi escrita?

A carta instrui vários crentes mais jovens que lideraram uma revolta e expulsaram os anciãos líderes da igreja de Corinto. Esses jovens podem ter desejado um sistema de ministério mais flexível e reconhecimento de seus dons espirituais. Eles eram ascetas que praticavam extrema autodisciplina e contenção. Eles também alegavam ter um conhecimento secreto (*gnosis*) da fé que era revelado apenas à elite.

Esta carta foi enviada por toda a igreja romana, em vez de por um único indivíduo. As igrejas primitivas não se consideravam isoladas. Elas sabiam que faziam parte da igreja universal. Isso significava que não estavam imunes aos eventos e condições das igrejas vizinhas. Sentiam-se responsáveis por alertar e aconselhar umas às outras.

A carta frequentemente cita a Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento). O autor mistura temas do Novo Testamento e do Antigo Testamento. Clemente exemplifica os heróis do Antigo Testamento como modelos para a conduta cristã. A primeira epístola do apóstolo Paulo aos Coríntios serve como modelo para a carta de Clemente à mesma igreja. Clemente imita de perto [1 Coríntios 13](#) nos capítulos 49 e 50. Ele baseia muitas de suas crenças nos escritos de Paulo sobre a ressurreição e cismas.

Clemente foca na moralidade e ética. Ocasionalmente, a carta se assemelha mais ao Judaísmo Helenístico e ao Estoicismo do que à teologia Paulina. Clemente também descreve uma forma hierárquica de ministério, onde diferentes líderes possuem diferentes níveis de autoridade. Ele apoia a doutrina da sucessão apostólica, que é a ideia de que os líderes da igreja estão conectados aos apóstolos originais.

Por que esta carta é importante?

Clemente utilizou muitas citações dos ensinamentos de Jesus ao longo de sua carta. Ele incluiu ditos encontrados em Mateus, Marcos e Lucas. Ele também citou Romanos, 1 Coríntios e Hebreus. A carta de Clemente nos mostra que, no final do primeiro século, muitas igrejas já estavam compartilhando e lendo os escritos que mais tarde se tornaram parte do Novo Testamento. Esses textos estavam sendo copiados e enviados de uma igreja para outra. A carta de Clemente fornece evidências importantes para o martírio dos apóstolos Pedro e Paulo. Também fornece evidências para a missão de Paulo à "fronteira ocidental" (isso pode se referir à Espanha).

Cleopas

Um seguidor de Jesus que conversou com ele no caminho para Emaús ([Lc 24.18](#)). Alguns identificam este Cleopas com o Clopas de [João 19.25](#), mas isso é improvável.

Veja Clopas.

Cleópatra

Cleópatra era o nome de uma rainha do Egito e de sua filha, mencionadas nos Apócrifos e nos escritos do historiador judeu Flávio Josefo.

58. Cleópatra, Esposa de Ptolemeu VI Filométor: Esta Cleópatra foi provavelmente a esposa de Ptolemeu VI Filométor, que governou o Egito de 181 a 146 a.C. Durante o quarto ano do reinado de Ptolemeu, Dosíteus, alegando ser um sacerdote levita e filho de Ptolemeu, trouxe a Carta de Purim para o Egito ([Adições a Ester 11.1](#)). Esta "carta" provavelmente se refere não apenas à carta de Mordecai ([Et 9.20-22](#)), mas também à tradução grega do livro de Ester por Lisímaco.

59. Cleópatra, Filha de Ptolemeu VI Filométor: Esta Cleópatra, provavelmente a filha da rainha mencionada anteriormente, casou-se com Alexandre Epifânio após sua conquista da Síria. Ele governou a Síria de 150 a 145 a.C. ([1Mc 10.57-58](#)).

Mais tarde, o pai de Cleópatra, Ptolemeu VI, a retirou de Alexandre como um sinal de sua raiva e a deu a Demétrio Nicátor durante sua invasão da Síria ([1Mc 11.8-12](#)). Alexandre foi posteriormente morto em batalha contra as forças combinadas de Ptolemeu e Demétrio. Após Demétrio ser capturado e mantido na Pártia, Cleópatra casou-se com o irmão dele, Antíoco VII (Sidetes), que se tornou o governante da Síria em 137 a.C.

Cloé

A maioria das Bíblias usam a grafia "Cloe". Mulher cujos membros da casa (possivelmente escravos) informaram Paulo em Éfeso sobre discussões na igreja de Corinto ([1Co 1.11](#)). Não se sabe se Cloé vivia em Corinto ou Éfeso, ou mesmo se ela própria era uma crente.

Clopas

O marido de Maria, uma das mulheres que estava lá quando Jesus foi crucificado ([Jo 19.25](#)). No texto grego, não está claro se Maria, esposa de Clopas, também era irmã da mãe de Jesus ou se era uma pessoa diferente. Existem três ideias diferentes sobre quem Clopas poderia ter sido:

60. Alguns dizem que Clopas era irmão de José.
61. Alguns o conectam a Cleopas, que aparece em [Lucas 24.18](#). No entanto, o nome "Clopas" vem do hebraico, enquanto "Cleopas" vem do grego.
62. Alguns acreditam que ele pode ser a mesma pessoa que Alfeu. Isso só seria possível se Tiago, filho de Alfeu ([Mt 10.3](#); [Lc 6.15](#); [At 1.13](#)) for o mesmo que Tiago, filho de Maria ([Mt 27.56](#); [Mc 15.40](#)). Maria também precisa ser a mesma pessoa mencionada em [João 19.25](#).

Essas são todas ideias possíveis, mas não podemos ter certeza. Clopas, Cleopas e Alfeu podem ser pessoas diferentes.

Cnido

Uma cidade portuária localizada no canto sudoeste da Ásia Menor. O navio do apóstolo Paulo passou por este porto enquanto ele viajava para a Itália ([At 27.7](#)). Durante o segundo século a.C., o povo judeu havia estabelecido uma comunidade ali ([1Mc 15.23](#)). Cnido foi originalmente construída em uma ilha, mas hoje essa ilha está conectada ao continente por um banco de areia (uma faixa estreita de areia).

Coa

Povo provavelmente vivendo ao nordeste da Babilônia. Elas são mencionadas junto com Babilônia, Pecode e Soa como povos que viriam contra Jerusalém como instrumentos do julgamento de Deus sobre Israel ([Ez 23.23](#)). Elas talvez possam ser identificadas com os Kutu, mencionados frequentemente em inscrições assírias.

Coate, coatitas

Filho de Levi ([Gn 46.11](#); [Êx 6.16](#)), pai de Amrão, Isar, Hebrom e Uziel ([Êx 6.18](#); [Nm 3.19,27](#); [1Cr 6.2](#)), e progenitor da ramificação coatita das famílias levíticas que eram responsáveis pelo serviço do tabernáculo ([Nm 3.31-32](#)). Moisés, Arão e Miriã eram descendentes de Coate ([Êx 6.18-20](#); [Nm 26.59](#); [1Cr 6.3](#); [23.13-17](#)).

As três principais divisões da tribo de Levi eram Gérson, Coate e Merari, que eram tradicionalmente considerados os filhos originais de Levi ([Gn 46.11](#); [Êx 6.16](#); [Nm 3.17](#); [1Cr 6.1,16](#); [23.6](#)). Os coatitas, portanto, eram uma família levítica proeminente. A ordem de seus nomes em [Números 4](#), [Josué 21, 1 Crônicas 6.16](#) e [2 Crônicas 29.12](#) indica que lhes foi atribuído um cargo mais honroso do que a Gérson ou Merari. Sua posição e responsabilidades — seja referidos como “os coatitas” ou “os filhos de Coate” — são mencionadas ao longo dos primeiros escritos dos hebreus ([Êx 6.18](#); [Nm 3.19,27-30](#); [4.2-4.15,18,34,37](#); [7.9](#); [10.21](#); [26.57](#); [Js 21.4-5.10,20,26](#); [1Cr 6.2,18,22,33,54,61,66,70](#); [15.5](#); [23.12](#); [2Cr 20.19](#); [29.12](#); [34.12](#)).

Durante a peregrinação dos israelitas no deserto após o êxodo do Egito, os coatitas foram designados para uma posição no lado sul do tabernáculo ([Nm 3.29](#)). Quando o tabernáculo era movido, eles deviam carregar a arca e outros objetos sagrados em seus ombros ([7.9](#)). Na época da construção do tabernáculo, foi realizado um censo para determinar o número de coatitas do sexo masculino que estariam envolvidos no serviço do Senhor ([3.27-28](#); [4.1-4.34-37](#)).

Após o assentamento das tribos na terra de Canaã, parecia que o serviço dos coatitas havia terminado. Deus, no entanto, declarou especificamente que eles deveriam ser cuidados da mesma maneira que as outras famílias levíticas. Os coatitas receberam numerosas cidades ([Jos 21.4-5.20-26](#); [1Cr 6.66-70](#)).

Quando Davi se tornou rei, ele organizou os levitas em três divisões ([1Cr 23.6](#)). Hemã, que representava os coatitas, foi encarregado do serviço musical na casa do Senhor ([6.31](#)), e outro grupo de coatitas foi responsável pelo “pão da presença” a cada sábado ([9.32](#)). Quando Davi trouxe a Arca da Aliança para Jerusalém, Uriel, um coatita, foi comissionado para supervisionar seu transporte ([15.3-5](#)).

Durante o período do reino dividido, as forças combinadas dos moabitas e amonitas atacaram Judá. O rei Josafá admitiu sua incapacidade de repelir os agressores e buscou a ajuda do Senhor. Os coatitas lideraram o povo em um cântico de louvor e provavelmente lideraram o exército quando, na manhã seguinte, o rei e os homens de guerra de Judá saíram contra os invasores ([2Cr 20.19-22](#)).

Dois importantes movimentos de reforma caracterizaram os anos de declínio do reino de Judá. O primeiro ocorreu durante o reinado de Ezequias (715–686 a.C.; [2Rs 18](#); [2Cr 29-30](#)); o segundo no reinado de Josias (640–609 a.C.; [2Rs 22-23](#); [2Cr 34](#)). O clímax da reforma de Josias ocorreu em 621 a.C. com a descoberta do Livro da Lei. Em ambos os movimentos, os coatitas desempenharam um papel importante. No reinado de Ezequias, eles foram contados entre aqueles que purificaram a casa do Senhor ([2Cr 29.12-16](#)), e na época de Josias, dois coatitas notáveis estavam entre os nomeados para supervisionar o trabalho do templo ([34.12](#)).

Após o exílio, os coatitas são mencionados novamente. A falta de evidências impede qualquer julgamento sobre a importância de seu ministério.

Provavelmente, eles estavam entre aqueles que tentaram servir ao Senhor fielmente em meio ao declínio espiritual geral. Os poucos cujos nomes estão eternamente consagrados nas Escrituras foram designados para cargos humildes. Na ausência de evidências em contrário, pode-se supor que cumpriram seus deveres fielmente ([1Cr 9.19,31-32](#); [Ed 2.42](#); [Ne 12.25](#)).

Veja também Levi, Tribo de; Sacerdotes e levitas; Tabernáculo; Templo.

Coba

A aldeia mencionada no livro de Judite como sendo fortificada pelos judeus quando o comandante assírio Holofernes invadiu a Palestina ([Jt 4.4](#)). A localização precisa não pode ser identificada, mas pode ser el-Makhubbi, a 4,8 quilômetros de Besan, ou possivelmente o Hoba de [Gênesis 14.15](#). O relato indica que os judeus perseguiram o exército de Holofernes até Coba e além de Damasco ([Jt 15.4-5](#)).

Cobertura da cabeça

O ato de cobrir a cabeça é uma maneira de demonstrar respeito na adoração religiosa. No mundo antigo, as mulheres geralmente usavam véus ou outras coberturas na cabeça, especialmente ao orar.

Práticas da igreja primitiva

Nos dias de Paulo, as mulheres judias sempre usavam véus em público. As mulheres gregas geralmente também usavam véus. A prática de as mulheres cobrirem a cabeça mostrava deferência à autoridade e dignificava quem usava. O apóstolo Paulo discutiu a questão da cobertura da cabeça em [1 Coríntios 11.2-16](#).

Na igreja em Corinto, surgiu um problema quando algumas mulheres começaram a orar em público sem cobrir a cabeça. Como as mulheres tradicionalmente cobriam a cabeça por respeito aos homens (ou "maridos"), parecia vergonhoso para uma mulher orar ou profetizar sem um véu ou cobertura na cabeça. Na cultura deles, isso era equivalente a ter a cabeça raspada (v. [5](#)), o que o povo de Corinto considerava vergonhoso.

Paulo respondeu a esta questão falando sobre como Deus criou homens e mulheres (v. [8](#)). Ele primeiro se refere aos "anjos" no versículo [10](#) antes

de explicar como homens e mulheres precisam um do outro nos versículos [11-12](#). Alguns interpretam a palavra "véu" no versículo [10](#) como um símbolo de nova autoridade, já que, nas sinagogas, as mulheres não podiam participar dos serviços de adoração judaica. Em contraste, uma mulher cristã podia participar da adoração cristã desde que usasse um véu.

Paulo disse que a "natureza" ensina homens e mulheres sobre coberturas de cabeça. Alguns estudiosos acham que ele quis dizer que, como o cabelo comprido de uma mulher era seu orgulho, ela deveria cobrir a cabeça (v. [15](#)). Alguns pensam que a frase se referia a penteados. Outros acreditam que Paulo estava dizendo que um véu não era necessário, já que o cabelo de uma mulher é dado a ela como cobertura (v. [15](#)). Paulo incentivou a liberdade, mas também insistiu na ordem nas igrejas. Ele manteve certos costumes para evitar ofensas (veja [1Co 9.19-23](#)). No entanto, ele desafiou outros costumes em prol da integridade do evangelho (veja [Gl 6.12](#)).

O ensino de Paulo e a prática atual

Na maioria das tradições religiosas, cobrir a cabeça é considerado necessário apenas em sociedades onde é visto como apropriado que as mulheres estejam veladas. Alguns grupos acreditam que todas as mulheres ainda devem usar chapéus ou coberturas na cabeça durante os serviços religiosos. Em alguns poucos grupos, as mulheres usam regularmente pequenas "coberturas" no cabelo para que possam sempre orar com a cabeça "coberta". É importante notar que as opiniões sobre coberturas de cabeça e penteados variam entre diferentes culturas e épocas.

Veja também Coríntios, Primeira Carta aos.

Cobertura de cabeça

Algo utilizado para cobrir a cabeça, seja para proteção ou por razões religiosas.

Os homens usavam um gorro, turbante ou lenço na cabeça para proteção contra o sol. O gorro era semelhante a um solidéu (um gorro sem aba) e às vezes era usado pelos pobres. O turbante (mencionado em [Is 3.23](#)) era feito de linho grosso enrolado em volta da cabeça com as pontas dobradas dentro das dobras. O turbante do sacerdote tinha uma placa presa a ele com a inscrição "SANTO PARA O SENHOR" ([Êx 28.36](#)). O

lenço de cabeça era feito de 0,8 metros quadrados (uma jarda quadrada) de tecido, dobrado ao meio para formar um triângulo. Os lados caíam sobre os ombros e a ponta em V descia pelas costas, sendo mantido no lugar por uma faixa de cabeça feita de corda. No segundo século a.C., os judeus do sexo masculino começaram a usar filactérios (pequenas caixas de couro com passagens especiais das Escrituras) nas orações matinais e festivas. No entanto, eles não os usavam no sábado.

As mulheres frequentemente usavam véus em público, embora essa tradição tenha mudado ao longo dos séculos. Nos tempos do Novo Testamento, as mulheres geralmente usavam véus ([1Co 11.5-6](#)). As mulheres também usavam um tecido semelhante ao lenço de cabeça. No entanto, era de uma qualidade e cor diferentes daquele usado pelos homens. Muitas vezes, era preso sobre um chapéu rígido e adornado com decorações. Se uma mulher fosse casada, essas decorações e outras moedas importantes cobriam a frente de seu chapéu. Esses itens eram dados como presentes de casamento quando ela se casava ([Lc 15.8-10](#)). As mulheres também estilizavam seus cabelos em tranças complexas. Pedro advertiu as mulheres cristãs a não se concentrarem demais em sua aparência exterior ([1Pe 3.3-4](#)).

Cobiçar, cobiça

Cobiçar significa desejar intensamente algo que pertence a outra pessoa—um anseio ou desejo ardente.

Uso do Antigo Testamento

No Antigo Testamento, três palavras hebraicas diferentes são traduzidas como “cobiçar”. Em uma versão dos dez mandamentos ([Dt 5.21](#)), diz: “Não cobice a mulher de outro homem.” A mesma palavra hebraica aparece em [Provérbios 21.26](#): “ele passa o dia inteiro pensando no que gostaria de ter.” Outra palavra hebraica sugere um desejo de ganho desonesto ([Hc 2.9](#)). Na versão de Êxodo dos Dez Mandamentos, uma terceira palavra é usada para desejar a mulher do próximo ([Êx 20.17](#)). Esta palavra também é usada quando Acã cobiçou os despojos de Ai ([Js 7.21](#); compare [Mq 2.2](#)). Cobiçar significa desejar algo tão intensamente que se torna mais importante do que o amor e a devoção a Deus.

Utilização do Novo Testamento

No Novo Testamento, uma palavra grega que literalmente significa “desejo desordenado de ter mais” transmite essa ideia. O apóstolo Paulo incluiu esse tipo de cobiça entre as atitudes terrenas das quais os cristãos deveriam se livrar. Ele escreveu: “Portanto, matem os desejos deste mundo que agem em vocês, isto é, a imoralidade sexual, a indecência, as paixões más, os maus desejos e a cobiça, porque a cobiça é um tipo de idolatria.” ([Cl 3.5](#); compare [Ef 5.3](#); [1Co 6.10](#)).

A cobiça é apresentada como um pecado sério que pode levar a muitos outros pecados. O amor ao dinheiro é a raiz de todos os tipos de mal ([1Tm 6.9-10](#); compare [Pv 15.27](#)). A cobiça foi o pecado de Ananias e Safira ([At 5.1-3](#); compare [1Sm 15.9.19](#); [Mt 26.14-15](#); [2Pe 2.15](#); [Jd 1.11](#)). Jesus advertiu: “Prestem atenção! Tenham cuidado com todo tipo de avareza porque a verdadeira vida de uma pessoa não depende das coisas que ela tem” ([Lc 12.15](#)). Outra palavra grega traduzida como “cobiçar” na NTLH é melhor traduzida como “procurem sempre” em um sentido positivo ([1Co 14.39](#)).

Os tradutores do Antigo Testamento que produziram a Septuaginta usaram ainda outra palavra grega para as três palavras hebraicas traduzidas como “cobiçar” nas versões em inglês. No Novo Testamento, a forma verbal dessa palavra é usada de maneiras tanto positivas quanto negativas. Significa “desejar ou ansiar por”, aplicando-se a:

- Comida ([Lc 15.16](#));
- Mistérios divinos ([Mt 13.17](#); [1Pe 1.12](#));
- Algo bom ([Fp 1.23](#); [Hb 6.11](#));
- Algo ruim ([Mt 5.28](#); [1Ts 4.5](#); [1J 2.17](#)).

A forma substantiva desta palavra geralmente reflete uma atitude de desobediência à lei de Deus, onde o desejo leva a um impulso maligno que resulta em pecado ([Jo 8.44](#); [Rm 1.24](#); [6.12](#); [7.7-8](#); [13.14](#); [Gl 5.16,26](#)).

Veja também Os dez mandamentos.

Cobra de bronze, Serpente de bronze

Uma peça de arte em metal que Deus mandou Moisés fazer quando os israelitas estavam sendo mordidos por cobras venenosas ([Nm 21.4-9](#)). Deus enviou essas cobras como punição porque o povo

estava reclamando contra Deus e contra Moisés. Quando o povo se arrependeu, Deus ordenou que Moisés fizesse "uma serpente ardente e a colocasse em um poste". Qualquer um que olhasse para ela era curado.

Algumas pessoas associam o significado deste evento com outra história em que a vara de Moisés se transformou em uma serpente. Essa serpente então engoliu as serpentes-varas dos magos do Faraó. Depois, voltou a ser uma vara novamente ([Êx 7.8-12](#); compare [4.2-5.28-30](#)).

A serpente era adorada como um deus tanto nas religiões egípcia quanto cananeia. Portanto, a vitória sobre a figura da serpente de Deus mostrou que Deus era mais poderoso do que esses falsos deuses. Em [Números 21](#), no entanto, esse entendimento provavelmente não era o ponto principal.

Este evento foi o último de várias ocasiões em que os israelitas se afastaram de Deus no deserto (compare [1Co 10.9](#)). Todos esses eventos incluíram quatro partes:

63. O povo reclamou de Deus;
64. As pessoas passaram por julgamento;
65. O povo se arrependeu;
66. Deus ofereceu perdão e salvação.

O foco não estava em um modo mágico de cura, mas sim na serpente como um símbolo de salvação oferecido a todos que a contemplassem.

A serpente de bronze é mencionada novamente em [2 Reis 18.4](#). Ao longo dos anos, ela se tornou um objeto de adoração, e o rei Ezequias (que governou de 716 a 686 a.C.) do reino do sul, de Judá, a destruiu durante suas reformas religiosas. A menção final dela em escritos pré-cristãos está no livro Sabedoria de Salomão, que apoia a explicação acima: a salvação não veio através da própria serpente, mas através da provisão de Deus. "Aquele que se voltou para ela foi curado, não pelo que viu, mas por você, o Salvador de todos" ([Sabedoria de Salomão 16.7](#)).

Com esse contexto, Jesus disse que ele, assim como a serpente de Moisés, deve ser "levantado" ([Jo 3.14](#)). O "levantamento" do "Filho do Homem" refere-se claramente à morte de Jesus e tem dois pontos principais:

- Um dos temas é a "morte como salvação" (a ideia de que a salvação vem através da morte). Isso aparece na história da serpente de bronze de Moisés e no comando divino "deve" no Evangelho de João, que mostra que Deus planejou e exigiu essa forma de salvar as pessoas.
- O outro tema é "morte como exaltação" (a ideia de que a morte leva à honra e glória). Isso é visto no significado do próprio verbo (que inclui a ideia de majestade) e no foco de João na glória do tempo de Jesus na terra e em sua vida ressuscitada.

Cobra de metal

Uma cobra de metal, ou serpente de bronze, que Moisés fez por ordem de Deus para curar os israelitas que foram mordidos por cobras no deserto.

Vejá Serpente de Bronze, Cobra de Bronze.

Cobrador De Impostos

Aquele que coletava impostos para o governo. Nos tempos do NT, os romanos coletavam uma variedade de impostos. Seus próprios oficiais realizavam parte deste trabalho, mas também delegavam a indivíduos privados, judeus e outros, que eram obrigados a devolver às autoridades uma soma acordada. Indivíduos desonestos coletavam muito mais do que eram obrigados a pagar e se tornaram um grupo odiado, especialmente os judeus que enganavam outros judeus. Zaqueu, um judeu, era um "chefe dos cobradores de impostos" que acumulava riqueza considerável na área de Jericó ([Lc 19.2-10](#)). Tais homens eram considerados pecadores e muitas vezes eram interligados na frase "cobradores de impostos e pecadores" ([Mt 9.10-11](#); [11.19](#); [Mc 2.15-16](#); [Lc 5.30](#); [19.2-10](#)).

Cobre

Metal maleável de cor marrom-avermelhada encontrado no solo ([Dt 8.9](#)) e transformado em ornamentos, ferramentas e moedas.

Veja Minerais e metais.

Códice

A forma mais antiga do livro consistia em folhas de papiro ou velino dobradas e encadernadas juntas, fechadas entre duas folhas ou tábuas de madeira.

Veja Escrita.

Codorna

Uma codorna é uma ave pequena e robusta com bico e pés semelhantes aos de uma galinha. Essas características ajudam-na a comer sementes e insetos. A codorna-comum (*Coturnix coturnix*) é o menor membro da família das aves, que também inclui faisões e perdizes.

Codornas medem cerca de 25 centímetros de comprimento. Elas possuem asas pequenas e arredondadas e uma barriga branca. Quando assustadas, saem de gramíneas ou arbustos com um som de zumbido. Uma fêmea pode botar até 18 ovos. Se a fêmea morrer, o macho pode cuidar dos filhotes.

Codornas da região do Mediterrâneo passam o inverno no Sudão. Na primavera, migram para o norte em grandes bandos. As codornas não conseguem voar por longos períodos. Em vez disso, aproveitam as correntes de vento para se manterem no ar.

Codorna na Bíblia

Grandes bandos de codornas alimentaram os israelitas duas vezes durante seu tempo no Deserto do Sinai ([Êx 16.13](#); [Nm 11.31-32](#); [Sl 105.40](#)). Na segunda vez, provavelmente estavam voando ao longo do Golfo de Aqaba e foram desviados de curso por um vento leste ([Nm 11.31](#); [Sl 78.26-28](#)).

Como as codornizes não conseguem voar por muito tempo, elas permanecem próximas ao solo, cerca de dois côvados, ou 101 centímetros. Quando cansadas, podiam ser capturadas à mão ([Nm 11.31-32](#)).

Codornas eram consideradas alimento puro sob a lei de Moisés. Elas eram valorizadas como as mais delicadas de todas as aves de caça. As pessoas frequentemente as preservavam secando-as ao sol.

Veja também Aves.

Coélet

Outra grafia para Qoheleth. Esta é uma maneira alternativa de escrever o título hebraico do livro de Eclesiastes. A diferença na grafia vem de diferentes formas de traduzir as letras hebraicas para o português. Tanto Coélet quanto Qoheleth referem-se à mesma pessoa que escreveu Eclesiastes e se autodenominou "o Mestre" ou "o Pregador".

Veja Qoheleth.

Coelhos selvagens

Veja Animais (texugo).

Coentro

Uma erva anual nativa da Palestina. As sementes perfumadas desta planta são mencionadas duas vezes na descrição do maná ([Êx 16.31](#); [Nm 11.7](#)). As referências nestes versículos referem-se claramente à planta comum de coentro (*Coriandrum sativum*).

O coentro era comumente encontrado crescendo ao lado de grãos em campos cultivados em todo Israel e áreas circundantes. Também cresce de forma selvagem no Egito. Os antigos o usavam tanto como tempero alimentar quanto como remédio. As folhas têm um cheiro forte e agradável e são usadas em sopas e para temperar pudins, misturas de temperos e vinhos.

Os árabes ainda usam coentro como especiaria atualmente. Na Bíblia, é mencionado apenas ao descrever o maná, que se dizia ter a aparência de sementes de coentro em tamanho, forma e cor.

Veja também Alimentos e preparação de alimentos.

Coisas dedicadas

Pessoas, animais ou objetos que Deus não permitiu que os israelitas mantivessem ou usassem para si

mesmos. Esses itens foram separados como pertencentes inteiramente a Deus ([Lv 27.28-29](#); [Nm 18.14](#)).

Veja Maldição, amaldiçoado.

Coisas que se arrastam

Referência a insetos, répteis e alguns outros animais que rastejam sobre a barriga ou se arrastam sobre quatro ou mais patas.

Veja Animais.

Coisas rastejantes

Tradução de várias palavras hebraicas referindo-se principalmente a répteis.

Veja Animais (Víbora; Naja; Camaleão; Lagartixa; Lagarto; Cobra).

Col-Hozé

O pai de Salum, que era governante do distrito de Mispa ([Ne 3.15](#)). Col-Hozé, filho de Hazaías em [Neemias 11.5](#), pode ser outra pessoa.

Colaías

1. Benjamita; antepassado de uma família que viveu em Jerusalém após o exílio ([Ne 11.7](#)).
2. Pai de Acabe, o falso profeta que, junto com Zedequias, profetizou falsamente em nome de Deus nos dias de Jeremias ([Jr 29.21](#)).

Colar

Veja Joias, Pedras preciosas.

Colheita

A colheita é a coleta de plantações, especialmente para alimentação. No antigo Israel, diferentes culturas eram colhidas em diferentes épocas do ano. As azeitonas eram colhidas de setembro a novembro, o linho de março a abril, a cevada de abril a maio e o trigo de maio a junho. Frutas como

figos e uvas eram colhidas no final do verão, em agosto ou setembro. O calendário dos israelitas era centrado em torno desses períodos de colheita ([Jz 15.1](#); [Rt 1.22](#)).

No Antigo Testamento, Pentecostes era um dos três principais festivais em que os israelitas se reuniam para celebrar a colheita ([Êx 23.16](#)). Era um momento para lembrar que a terra que possuíam era um presente de Deus ([Dt 8.7-10](#)). Ao oferecerem os primeiros frutos de sua colheita ([Lv 23.10-11](#)), eles demonstravam gratidão a Deus e reconheciam sua dependência dele. Eles também eram instruídos a deixar parte de sua colheita para aqueles que necessitavam ([Lv 19.9-10](#); [23.22](#)).

No Novo Testamento, o termo "colheita" é frequentemente usado de forma figurativa. Por exemplo, em uma parábola, a colheita representa o julgamento final, onde os anjos separam os justos dos ímpios ([Mt 13.24-30](#), [36-43](#)). Em outra ocasião, a colheita refere-se às pessoas que ainda não ouviram o evangelho, e os "trabalhadores" são aqueles que o compartilham com elas ([Mt 9.37-38](#)).

Veja também Agricultura; Festas e festivais de Israel; Videiras, vinhedos.

Colina de Marte

Este era o nome de uma pequena colina localizada a noroeste da Acrópole em Atenas, Grécia. Também era o nome do conselho que se reunia lá. A Colina de Marte (ou Colina de Ares) foi o local onde Paulo fez seu famoso discurso aos filósofos atenienses ([At 17.16-34](#)).

Veja Areópago.

Colocíntide, Coloquíntida

Esse tipo de pepino ou melão selvagem aparece na Bíblia em [2 Reis 4.39](#), onde um dos seguidores de Eliseu, sem saber, colheu seu fruto e o adicionou a um ensopado durante uma fome. Quando as pessoas provaram, gritaram: "Há morte na panela!" devido à sua extrema amargura e potencial toxicidade. A maioria dos estudiosos identifica esta planta como *Citrullus colocynthis* (colocíntide ou maçã amarga), uma videira que se espalha pelo chão ou sobe sobre arbustos e cercas.

O fruto da colocíntide se assemelha a uma pequena abóbora redonda e contém uma polpa esponjosa e

amarga. Em grandes quantidades, pode causar um desconforto estomacal severo e agir como um forte laxante.

Alguns estudiosos sugerem que a amargura da colocíntide pode explicar por que a Bíblia às vezes usa a palavra "fel" (*Rôs* em hebraico) como um símbolo de extrema amargura ou veneno ([Sl 69.21](#); [Lm 3.5,19](#); [Mt 27.34](#)).

Veja também Cucurbita.

Colossenses, Carta aos

Epístola do NT, uma das quatro "cartas da prisão" atribuídas ao apóstolo Paulo. Assim como em Efésios, Filipenses e Filemom, Paulo mencionou que estava na prisão quando escreveu Colossenses ([Cl 4.3,10](#); cf. [Ef 3.1](#); [4.1](#); [6.20](#); [Fp 1.12-14](#); [Fm 1.9-10](#)). Ele enviou três das cartas para igrejas na Ásia Menor e as associou com seu colega, Tíquico ([Cl 4.7-9](#); [Ef 6.21-22](#)). Isso parece indicar que ele as escreveu aproximadamente na mesma época e que Tíquico as entregou.

Resumo

- Autor
- Data, origem e destino
- Contexto
- Propósito e ensino

Conteúdo

Autor

Embora a tradição de que Paulo escreveu Colossenses esteja bem fundamentada, muitos estudiosos hoje debatem sua autoria. As razões para suas dúvidas se dividem em duas categorias principais: teologia e estilo.

Primeiro, alguns estudiosos questionam a autoria de Paulo por motivos teológicos. O desenvolvimento de certos temas teológicos principais em Colossenses difere da forma como são apresentados nas cartas indiscutíveis de Paulo. Em Colossenses, a doutrina de Cristo é desenvolvida com base em um hino sobre Cristo em [1.15-20](#). Ali, ele é visto como o "primogênito de toda a criação"; todas as coisas devem tanto sua origem quanto sua existência contínua a ele. Nele reside toda a plenitude da divindade. Sua morte é interpretada não como uma vitória sobre o pecado,

a lei e a morte, mas como um triunfo sobre as autoridades e poderes cósmicos.

Para alguns estudiosos, isso sugere que a Cristologia em Colossenses é muito mais "exaltada" do que em qualquer uma das cartas indiscutíveis. No entanto, Paulo caracteristicamente considerava Cristo como altamente exaltado. Ele declarou que Cristo é o criador de todas as coisas ([1Co 8.6](#)) e estabeleceu sua soberania sobre toda a ordem cósmica citando outro hino ([Fp 2.6-11](#)). Além disso, o tipo de declarações feitas sobre Cristo em Colossenses foi exigido pela situação que havia surgido na cidade de Colossos. A heresia que havia se infiltrado na congregação exigia tais declarações.

Colossenses também parece ensinar doutrinas sobre "as últimas coisas" e batismo que são um tanto diferentes das doutrinas nas cartas indiscutíveis. Em Coríntios, Paulo baseou seu ensino sobre as últimas coisas na doutrina judaica das "duas eras". O judaísmo ensinava que nesta "era" o mundo está sob a tirania dos poderes malignos, mas que na "era vindoura" Deus o libertaria. Em contraste, o ensino de Paulo era único ao afirmar que a era vindoura já havia chegado no Advento de Cristo — embora não em sua plenitude. Paulo via o tempo entre o primeiro e o segundo adventos de Cristo como um período de conflito. Cristo "tem de reinar até que Deus faça com que ele domine todos os inimigos" ([1Co 15.25](#)). Cristo, por sua missão, está libertando a era presente dos poderes malignos, mas o conflito não terminará até sua segunda vinda. Portanto, os cristãos vivem na esperança de sua futura aparição. Esse elemento futuro de esperança não é enfatizado em Colossenses (embora veja [3.1-4](#)); em vez disso, a ênfase está em uma esperança já presente no céu ([1.5](#)).

A doutrina do batismo em Colossenses foi influenciada pela ênfase no aspecto realizado da esperança. Em sua Carta aos Romanos, Paulo ensinou que os cristãos batizados vivem pela fé no Senhor ressuscitado e estão cheios de esperança para sua futura ressurreição ([Rm 6.1-11](#)). Em Colossenses, ele declarou que os crentes batizados não apenas morreram com Cristo, mas já foram ressuscitados com ele ([Cl 2.12-13](#); [3.1](#)). A esperança para o futuro não é pela ressurreição, mas pela manifestação da vida que já está oculta com Cristo em Deus ([3.2-3](#)). Além disso, em Romanos, Paulo afirmou que no batismo os cristãos morreram para o pecado, então não precisam mais servi-lo. Colossenses, por outro lado, afirma que em

Cristo, os cristãos morreram para o que pode ser literalmente traduzido como os “rudimentos do mundo” (2.20). Muitos interpretam essa frase como significando o ensino religioso básico do mundo. Em Colossenses, no entanto, pode-se argumentar fortemente que a frase significa “espíritos maus que dominam o Universo” (NTLH). Em qualquer caso, a ênfase, senão o significado, difere de Romanos.

Tais questões teológicas levaram muitos a acreditar que Paulo não poderia ter escrito a Carta aos Colossenses. Em vez disso, eles veem a carta como produto de um discípulo de Paulo que a escreveu em um momento posterior. Deve-se notar, no entanto, que as diferenças são de perspectiva ou ênfase, não diferenças que resultam em contradições.

O segundo motivo para questionar a autoria de Paulo em Colossenses é literário, relacionado ao vocabulário e estilo. A breve carta utiliza 34 palavras que não aparecem em nenhum outro lugar no NT. Além disso, termos comuns de Paulo estão ausentes em passagens onde logicamente poderiam ser esperados. Ademais, o estilo da carta, embora semelhante ao de Efésios, é notavelmente diferente de outras cartas indiscutíveis de Paulo. Nessas cartas, os pensamentos geralmente são desenvolvidos em um estilo argumentativo semelhante às discussões dos escribas judeus. Colossenses é marcada por características estilísticas que se encontram em hinos, liturgias e catecismos judaicos e cristãos primitivos. No entanto, algumas diferenças óbvias na perspectiva teológica e no estilo literário não obrigam a concluir que alguém além de Paulo escreveu Colossenses.

Data, origem e destino

A data de Colossenses depende de onde Paulo estava preso quando escreveu. Tradicionalmente, os estudiosos acreditam que todas as quatro “cartas da prisão” vieram de Roma. Se for assim, Paulo as teria escrito entre 60 e 62 d.C.

O livro de Atos indica três lugares onde Paulo foi preso: Filipos, Cesareia e Roma. Paulo, escrevendo 2 Coríntios antes de qualquer uma das duas últimas prisões, sugeriu que já havia estado na prisão muitas vezes (2Co 11.23). Éfeso é um lugar provável para uma dessas prisões (cf. At 19-20; 1Co 15.32; 2Co 1.8-10). Consequentemente, um número crescente de estudiosos nomeia essa cidade como o provável lugar onde Paulo escreveu as cartas da prisão. Se isso estiver correto, Paulo

escreveu Colossenses em algum momento entre 52 e 55 d.C. Mas o consenso geral é que todas as Epístolas da Prisão foram escritas em Roma, levando assim a 60-62 d.C. como a data de Colossenses.

Contexto

Identificar o ensino que colocou em perigo a igreja em Colossos é uma tarefa difícil. O problema não é a falta de dados, mas o oposto. A pesquisa histórica revelou uma abundância de informações sobre as crenças e práticas religiosas que proliferaram no mundo romano do primeiro século. A Ásia Menor era uma região particularmente fértil para religiões. Muitas pessoas pertenciam até a mais de uma seita religiosa, e era comum selecionar ideias e práticas de várias religiões. Os cristãos não estavam isentos dessas tendências.

Heresia em Colossos

Paulo não forneceu uma definição formal da heresia cristã em Colossos. Em vez disso, ele abordou uma série de questões sem identificá-las precisamente. No entanto, se alguém recebe apenas as respostas a várias perguntas, pode ser possível recriar as perguntas a partir delas. O leitor de Colossenses deve tentar definir os princípios do falso ensino com base na resposta de Paulo a essas questões.

Alguns estudiosos concluíram que a heresia surgiu do dualismo entre carne e espírito, que se tornou característico do gnosticismo grego e oriental posterior. Os gnósticos posteriores ensinavam que a ordem material das coisas é má, então apenas o que está livre da matéria é bom. Outros estudiosos, observando as injunções de Paulo contra certas leis alimentares, festivas, sábados e circuncisão externa, concluíram que o falso ensinamento surgiu de crenças judaicas. Como a tendência de misturar uma variedade de ideias era tão prevalente, ambas as teorias são provavelmente verdadeiras.

Paulo considerava o ensino herético como uma “filosofia” baseada na tradição humana (2.8). Sua oração pelos colossenses (1.9-11) e certos outros comentários (1.26-28; 2.2-3) sugerem que ele estava contrariando a noção de que, para certas pessoas, a “filosofia” levava a algum entendimento especial, talvez mágico. Essa filosofia era baseada nos “rudimentos do mundo”. Esta frase está aberta a duas principais linhas de interpretação. Primeiro, o significado básico de “rudimentos” é “objetos que estão em fila ou série”, como as letras do alfabeto.

Pode ser facilmente estendido para significar princípios rudimentares ou ensino básico. Esse é o significado em [Hebreus 5.12](#), onde o termo se refere às “primeiras lições” da Palavra de Deus. Segundo, os gregos aplicavam a frase às quatro substâncias físicas que pensavam compor o mundo: terra, água, fogo e ar.

Um texto grego do século I a.C., referindo-se aos seguidores do filósofo Pitágoras, usa várias das mesmas palavras que Paulo aplicou à heresia colossense. Um mensageiro dos deuses mais altos transporta a alma através de todos os elementos do mundo, desde o mais baixo, a terra e a água, até o mais alto. Se a alma for pura, ela permanece no elemento mais elevado. Caso contrário, é devolvida aos inferiores. A pureza necessária é alcançada por meio da abnegação e de certas práticas culturais. O ar superior contém o sol, a lua e as estrelas, considerados deuses que controlam os destinos humanos. Além disso, a atmosfera ao redor da terra está cheia de poderes espirituais que devem ser reverenciados. Dessa forma, os elementos do mundo tornam-se associados aos deuses e poderes espirituais que mantêm todas as pessoas cativas e determinam seu destino. Com a ajuda do conhecimento mágico e das cerimônias culturais, os seres humanos não apenas poderiam escapar do destino imposto pelos poderes espirituais, mas até mesmo manipulá-los para sua própria vantagem.

Para resumir, a expressão “rudimentos do mundo” pode se referir tanto ao ensino religioso básico quanto aos poderes espirituais do universo. As declarações em Colossenses tornam o último significado mais provável. Através de sua cruz, Cristo triunfou sobre os governantes e autoridades e os expôs publicamente ([2.15](#)). Eles não governam a ordem mundial; ele sim ([1.16-20](#)). A “plenitude” divina habita em Cristo, não em uma divindade remota ([1.19; 2.9](#)). Os poderes espirituais estão sob a autoridade de Cristo ([2.10](#)) e devem sua existência a ele ([1.16](#)). A “adoração de anjos” (uma prática que provavelmente inclui homenagem prestada aos poderes celestiais) é tão errada que pode ter consequências desastrosas ([2.18](#)).

Características principais da heresia

Um dogma importante da filosofia colossense parece ter afirmado que Deus era remoto e inacessível. Dois fatores apontam nessa direção. Primeiro, a fascinação com os anjos e poderes espirituais discutidos anteriormente parece indicar que o Deus remoto era acessível apenas através de uma longa cadeia de intermediários.

Cristo parece ter sido considerado como um deles, talvez entronizado acima dos outros. Segundo, a filosofia evidentemente sustentava um dualismo que separava o Deus supremo da criação. Para se aproximar dele, os buscadores primeiro tinham que ser libertados da influência maligna da ordem material.

Como os seres humanos poderiam contornar ou manipular os poderes estelares angélicos que os impediam de alcançar o Deus supremo? Como poderiam ser libertados do poder escravizador da matéria? A filosofia evidentemente oferecia sabedoria mágica e discernimento como resposta. Através da adoração aos anjos e da observação de dias especiais e práticas culturais ([2.16-18](#)), os buscadores poderiam apaziguar ou agradar os intermediários e alcançar a “plenitude” divina. Por meio da auto-humilhação voluntária, da abnegação e da obtenção de visões ([2.18,21-23](#)), eles poderiam escapar da atração da ordem material. A prática da abnegação através da abstinência de alimentos e possivelmente de relações sexuais (“não toque” em [2.21](#)) parece ter sido limitada a temporadas especiais para alcançar a “visão” de Deus. Caso contrário, a filosofia parece ter permitido liberdade para se engajar em práticas libertinas ([3.5-11](#)).

Propósito e ensino

Um aviso em [Colossenses 2.8](#) destaca o principal propósito da carta aos Colossenses. Os leitores são advertidos a não seguir aqueles que “os torne escravos por meio de argumentos sem valor, que vêm da sabedoria humana. Essas coisas vêm dos ensinamentos de criaturas humanas e dos espíritos que dominam o Universo e não de Cristo” (NTLH). Um falso ensino estava se instalando e ameaçando a saúde da congregação, então Paulo escreveu Colossenses para combatê-lo.

Paulo abordou a heresia contrastando seus ensinamentos com o ensino correto que seus leitores haviam recebido nas tradições previamente entregues a eles, provavelmente por Epafra ([1.7; 4.12-13](#)). Deus, através de Cristo, os qualificou para serem exclusivamente seu próprio povo, sua igreja ([1.12-14](#)). Os defensores do falso ensino ameaçavam desqualificar os colossenses dessa posição favorecida, persuadindo-os a não se manterem firmes em Cristo, o Cabeça da igreja ([2.18-19](#)). Consequentemente, as tradições que Paulo citou ensinam principalmente sobre Cristo ou sobre a igreja. As primeiras estão principalmente relacionadas ao impressionante

hino sobre Cristo (1.15-20; referido novamente em 2.9-10, as últimas principalmente associadas ao batismo).

Cristo

Em 1.15-20, Cristo é celebrado como o Criador preexistente de tudo e como o redentor divino de todos. O "todos" tem dimensões cósmicas, incluindo a terra e os céus, o visível e o invisível, a igreja e os poderes universais. Todas as coisas, incluindo os poderes celestiais, devem sua existência, sustento e destino a Cristo. Ele não deve ser considerado como um dos mediadores celestiais, pois é o preeminente em quem toda a plenitude de Deus habita (1.19; 2.9) e em quem os seres humanos encontram realização (2.10).

Paulo deu atenção especial ao significado da morte de Cristo. No hino de Colossenses 1, ele explicou a obra reconciliadora de Cristo pela frase "trouxe a paz por meio da morte do seu Filho na cruz" (1.20). Ele contrastou as experiências passadas e presentes dos leitores. Anteriormente, eles estavam alienados de Deus tanto em atitude quanto em comportamento. Agora eles estão reconciliados "por meio da morte do seu Filho na cruz" (1.21-22). Como consequência dessa reconciliação, Deus transforma o caráter humano.

A morte de Cristo não apenas restaura os relacionamentos entre indivíduos e Deus, mas também os liberta das intenções hostis dos "principados e potestades". Esses poderes parecem ser agentes demoníacos que trazem acusações contra os seres humanos — acusações baseadas em um "certificado de dívida" fundamentado em ordenanças (leis). Paulo proclamou aos Colossenses que Deus havia removido o fundamento dessas acusações, pregando-o na cruz (2.14), e que na cruz ele havia exposto publicamente e triunfado sobre os acusadores (v. 15). A morte de Cristo não foi uma tragédia, mas um triunfo libertador e transformador sobre o pecado e os poderes malignos.

A Igreja

A igreja é o "corpo" de Cristo (1.18,24), sobre o qual Cristo é o Cabeça e fonte de vida (2.19). É uma comunidade que o Pai qualificou para participar da herança celestial com os santos; ele a livrou dos poderes da era maligna e a fez participar do poder da era vindoura, "o Reino do seu Filho amado" (1.13). A igreja, portanto, não deve viver com medo dos "governantes" e "autoridades", mas deve

participar do triunfo de Cristo sobre esses poderes hostis.

Conteúdo

Ao escrever aos Colossenses, Paulo seguiu um formato padrão de carta com saudação, ação de graças, oração, corpo principal e observações finais. A saudação (1.1-2) traz saudações à igreja dele e de Timóteo. Em seguida, há uma declaração de ação de graças pela boa condição da comunidade (1.3-8) e uma oração para que os Colossenses sejam preenchidos com o conhecimento da vontade de Deus, o que resultará em uma conduta digna (1.9-11).

A primeira parte do corpo da carta convoca os Colossenses a louvar e, em seguida, cita e aplica o Grande hino sobre Cristo (1.12-23). Especificamente, a primeira parte começa com uma ação de graças confessional ao Pai por chamá-los para serem seu povo único (1.12-14). Um hino segue, celebrando Cristo como o soberano Criador e redentor de tudo o que existe (1.15-20). Os Colossenses são participantes dos resultados do ministério reconciliador de Cristo (1.21-23).

A segunda parte do corpo da carta descreve o ministério apostólico de Paulo (1.24-25). Sua tarefa era tornar conhecido o mistério de Deus referente a Cristo aos gentios em geral (1.24-29) e às igrejas de Colossos e Laodiceia em particular (2.1-5).

A terceira parte do corpo da carta introduz a principal preocupação de Paulo com a congregação de Colossos: eles devem seguir a tradição recebida sobre Cristo (ou seja, os ensinamentos sobre Cristo que aceitaram inicialmente), e não cair nas falsas doutrinas atuais (2.6-23). Eles devem caminhar à luz da tradição recebida (vv. 6-7), e são advertidos contra a falsa filosofia (v. 8). O hino de 1.15-20 é novamente mencionado, aqui enfatizando a soberania divina de Cristo (2.9-10) e proclamando sua vitória sobre os principados e potestades (vv. 11-15). Por causa de tal Cristo, os colossenses são exortados a não se submeterem aos regulamentos e preceitos da falsa doutrina (vv. 16-23).

A quarta parte do corpo da carta convoca a igreja a viver de maneira condizente com os cristãos (3.1-4.6). Aqueles que foram ressuscitados com Cristo devem buscar as coisas do alto (3.1-4). Isso significa que devem abandonar os traços e atitudes listados em um catálogo de vícios (vv. 5-11) e adotar os traços e atitudes listados em um catálogo de virtudes (vv. 12-14). No culto, devem se

comportar de maneira unificada e ordeira ([3.15-4.1](#)). O chamado “código doméstico” referente ao casamento, filhos e escravidão ([3.18-4.1](#)) aparece em um contexto que trata do culto ([3.15-17](#); [4.2-6](#)). As admoestações mais urgentes no código são dirigidas a esposas e escravos, grupos que especialmente desejariam a igualdade prometida no evangelho ([Gl 3.28](#); note [Cl 3.11](#)). Assim, Paulo provavelmente usou o código para chamar à ordem no serviço de culto público.

Paulo concluiu sua carta afirmando primeiro que Tíquico e o escravo recém-convertido, Onésimo, informariam a igreja sobre suas circunstâncias ([4.7-9](#)), e depois acrescentou uma série de saudações (vv. [10-18](#)).

Veja também Atos dos Apóstolos, Livro de; Apóstolo, Apostolado; Colossa, Colossos; Paulo, o Apóstolo.

Colossos, Colossas

Cidade antiga na Ásia Menor, localizada na parte sudoeste da atual Turquia, lembrada principalmente pela carta do apóstolo Paulo à igreja local ([Cl 1.2](#)). Colossos estava perto do rio Lico, um afluente do Meandro. A cidade prosperou durante o século VI a.C.. Segundo Heródoto, um antigo historiador grego, quando o rei persa Xerxes chegou a Colossos, era uma cidade de grande tamanho. Outro historiador grego, Xenofonte, relatou que Ciro, o Grande, fundador do Império Persa, havia passado por Colossos ainda antes em seu caminho para a Grécia.

Colossos estava situada na região conhecida como Frígia e era um centro comercial em um cruzamento na estrada principal de Éfeso para o Leste. Nos tempos romanos, a relocação da estrada que levava ao norte para Pérgamo provocou tanto o crescimento de Laodiceia, uma cidade a 16 quilômetros de distância, quanto o declínio gradual de Colossos. Colossos e Laodiceia compartilhavam o comércio de lã. Assim, o nome Colossos foi derivado de um nome latino *collossinus*, que significa “lã púrpura”.

Na época do apóstolo Paulo, Colossos era uma pequena cidade com uma população mista de frígios, gregos e judeus. Durante sua estadia prolongada em Éfeso, Paulo pode ter ensinado judeus e gregos que viviam em Colossos ([At 19.10](#)). Epafras, um colossense, visitou Paulo em Roma e informou-o sobre a condição da igreja em Colossos

([Cl 1.7](#); [4.12](#)), e depois foi preso com Paulo ([Fm 1.23](#)). Outros membros da igreja colossense incluíam Filemom, Áfia, Arquipo e Onésimo, um escravo que se tornou cristão ([Fm 1.16](#)). A história subsequente é silenciosa sobre a igreja em Colossos. A cidade foi enfraquecida sob o domínio islâmico e acabou sendo destruída no século XII.

Comerciante

Uma pessoa que compra e vende mercadorias para obter lucro. O sistema de troca de mercadorias evoluiu, com o tempo, para um sistema onde comerciantes profissionais facilitavam a troca de bens. No início, o pagamento era feito em peças de prata ([Gn 23.16](#)) e depois em moedas ou algum outro meio de troca. Os comerciantes operavam local e internacionalmente com arameus ([1Rs 20.34](#); [Ez 27.16-18](#)), cananeus e fenícios ([Is 23.28](#)), assírios ([Na 3.16](#)), babilônios, persas, gregos e romanos. Alguns comerciantes viajavam para longe ([Ne 13.16-20](#)). Povos do deserto com caravanas comercializavam suas mercadorias em muitas terras ([Ez 27.15.20-23](#); [38.13](#)). Eles operavam em bazares e montavam lojas para comércio ([1Rs 20.34](#); [Ne 3.31](#); [13.19-20](#)). As mercadorias eram armazenadas em armazéns ([Gn 41.49](#); [1Rs 9.19](#)). Os filhos de Jacó negociavam no Egito ([Gn 43.11](#)). Nos dias de Salomão, o comércio se expandiu significativamente ([1Rs 9.26-27](#); [10.28](#)). Durante o exílio, os judeus se envolveram em atividades comerciais na Babilônia, e muitos nunca retornaram à Palestina. Em Jerusalém, os comerciantes ajudaram Neemias a reconstruir o muro ([Ne 3.31-32](#)).

Comida E Preparação De Alimentos

Substâncias exigidas pelo corpo para sustentar a vida e os métodos de torná-las comestíveis. Os alimentos consumidos nos tempos bíblicos incluíam pão, produtos lácteos, frutas, carnes e peixes. A comida também era oferecida sacrificialmente ou dada como presentes. A disponibilidade de comida era uma preocupação perpétua por causa da escassez recorrente: as secas eram frequentes ([2Rs 4.38](#); [Jr 14.14-6](#); [Ag 1.11](#)), tempestades de granizo causavam devastação entre colheitas ([Ag 2.17](#)), a produção agrícola era frequentemente interrompida pela guerra com as nações vizinhas ([2Rs 6.25](#)), e pragas

intermitentes de gafanhotos devastavam grandes áreas.

A comida era mais abundante na Palestina (descrita como uma “terra de onde flui leite e mel”) do que em muitas outras partes do Oriente Próximo. A lavoura rasa do solo, no entanto, tornava as colheitas altamente dependentes das chuvas regulares. As colheitas egípcias eram muito menos suscetíveis às variações climáticas, porque o Nilo fornecia uma fonte confiável de água.

A escassez de alimentos era considerada uma advertência ou punição de Deus ([Lm 4.9.11](#); [Am 4.6-9](#)) para ensinar aos hebreus que a vida é mais do que comida e que a fé deve continuar apesar da escassez, fome ou até mesmo a morte ([Dt 8.3](#); [Hb 3.17-18](#)).

Os alimentos básicos dos hebreus nômades eram leite, coalhada e queijo. À medida que as pessoas se tornaram mais estacionárias, elas plantaram grãos e vegetais e plantaram pomares e vinhas. Os grãos às vezes eram plantados por uma temporada, e então, após a colheita, as tribos moviam seus rebanhos para outros pastos e encontravam outras terras aráveis. Os sacrifícios e festivais religiosos eram tempos não apenas de solenidade, mas também de alegria e grande festa. As vitórias também eram celebradas com banquetes e festividades com a comida obtida do acampamento do inimigo vencido.

Resumo

- Produtos lácteos
- Colheitas de grãos
- Produtos animais
- Insetos e seus produtos alimentares
- Vegetais e Temperos
- Frutas, Nozes e Vinho

Produtos lácteos

O leite e seus subprodutos formavam uma parte vital da dieta hebraica (veja [Jz 4.19](#)). O leite de cabra era mais frequentemente usado, embora o leite de camelos, vacas e ovelhas também estivesse disponível ([Gn 32.15](#); [Dt 32.14](#); [Pv 27.27](#)).

Uma vez que o leite fresco não poderia ser preservado no clima quente da Palestina, era processado em manteiga, coalhada e queijo. O leite era derramado em peles de cabra, onde azedava e engrossava por causa da condição não estéril das peles usadas anteriormente e do movimento à

medida que era transportado. Esse movimento da bolsa (muitas vezes feito do estômago de uma vaca, contendo a enzima renina usada na fabricação de queijo) produzia coalhada. A coalhada é mencionada pela primeira vez na Bíblia como parte da refeição que Abraão forneceu para seus convidados extraordinários ([Gn 18.8](#)).

A palavra hebraica para *coalhada* (*chena*) também pode ser traduzida como “manteiga” ([Jó 10.10](#)). Esta manteiga seria semelhante em consistência ao iogurte do qual a água foi espremida. Quando pressionada e enrolada em pequenas bolas, ela durava indefinidamente, apesar do clima. Assim, a coalhada comprimida era especialmente valiosa para viagens em regiões áridas onde a comida era escassa.

Colheitas de grãos

O alimento mais frequentemente mencionado na Bíblia é o pão. O termo se refere em um sentido geral a todos os alimentos, mas mais especificamente a alimentos preparados a partir de grãos. Nos tempos bíblicos, o pão era preparado a partir de vários grãos. Trigo, cevada e espelta (trigo-vermelho) cresciam no Egito ([Êx 9.31-32](#)).

Um médico egípcio chamado Sinuhe, que viveu em meados do século 20 a.C., registrou que pães eram assados diariamente na Palestina e na Síria, e é provável que fosse servido com todas as refeições. Este pão era provavelmente uma bolacha ou bolo plano feito de cevada, ou farro (uma forma inferior de trigo), uma vez que essas eram as duas colheitas de grãos que Sinuhe mencionou ver. O trigo era o grão mais caro. A farinha de trigo fina era um luxo do qual apenas os ricos poderiam dispor ([Gn 18.6](#); [Ez 16.13,19](#)). Em períodos posteriores, o trigo se tornou uma valiosa colheita de exportação que era enviada de Tiro para outros portos no Mediterrâneo.

Como a cevada poderia crescer em solo menos produtivo e era mais tolerante com as condições de seca, ela se tornou um tipo de grão popular no antigo Oriente Próximo. A cevada também poderia ser colhida várias semanas antes do trigo. Pão de cevada ([Jz 7.13](#); [2Rs 4.42](#)) e bolos de cevada ([Ez 4.12](#)) eram comidos pelo trabalhador mediano. Jesus milagrosamente multiplicou os cinco pães de cevada de um jovem menino e dois peixes e alimentou cinco mil ([Jo 6.9-13](#)).

O milhete (painço), um cereal com uma pequena cabeça de grãos crescendo em um talo de um pouco mais de meio metro de altura, e a espelta, um tipo

de trigo, também eram usadas em tempos de necessidade como uma fronteira em torno das bordas dos campos.

A maneira mais primitiva de processar grãos era esfregar as espigas entre as mãos para separá-los, como Jesus e seus discípulos fizeram ([Lc 6.1](#)). Realizar este ato no sábado (o dia de descanso) era considerado o equivalente a colher e era, portanto, proibido.

A secagem (assar levemente os grãos em uma panela) era outro método simples de preparação ([Js 5.11](#); [1Sm 17.17](#)). Formava uma refeição rápida e fácil para trabalhadores ou reis ([Rt 2.14](#); [1Sm 25.18](#); [2Sm 17.28](#)). O milho seco era ideal para levar em viagens.

Fazer pão era uma tarefa cansativa. Almofarizes, pilões e moinhos simples com pedras superiores e inferiores eram usados para moer farinha no antigo Egito por volta de 2900 a.C. Esses moinhos primitivos eram normalmente colocados no chão, e uma pessoa era compelida a se ajoelhar para fazer o trabalho árduo. A refeição resultante era grosseira e cheia de pequenos pedaços de casca.

Quando a farinha havia sido preparada, água era adicionada e a mistura era amassada em um cocho especial. A massa poderia então ser transformada imediatamente em bolos, panquecas ou pães sem fermento ([Gn 19.3](#)). Esses bolos ou bolachas planos eram muitas vezes assados em pedras previamente aquecidas, nas paredes internas de pequenos fornos cônicos, ou em fornos públicos maiores. O fermento era adicionado para fazer uma massa mais leve. O fermento era normalmente um pedaço de massa de pão que havia sobrado de uma mistura anterior e permitido fermentar antes de ser usado. A farinha também era misturada com um mingau feito de feijão lentilha para aumentar o suprimento de alimentos.

Produtos animais

A introdução de carne como parte da dieta parece ter coincido com o tempo em que Noé e sua família deixaram a arca ([Gn 9.3](#)). Após este período, no entanto, os animais normalmente fornecidos para comida eram tão valiosos que apenas os ricos poderiam se dar ao luxo de abatê-los. Assim, nos tempos bíblicos, os camponeses tinham uma dieta simples e um pouco monótona, enquanto os ricos se banquetavam com carne, iguarias e mercadorias importadas. Como resultado, a carne era um item de luxo que os pobres raramente desfrutariam, exceto em ocasiões como a

celebração da Páscoa ou sacrifícios em que o adorador comia parte da oferta ([Êx 12.8](#)). Embora fosse claramente antieconômico abater um animal que produzisse alimentos básicos como leite, coalhada e queijo, as regras de hospitalidade no Oriente Próximo ditavam que um animal deveria ser morto para entreter um convidado de honra ([2Sm 12.2-4](#)).

Ovelhas domésticas, cabras e bois forneciam a principal fonte de carne, embora a carne de veado fosse popular entre as classes superiores. Quando o cego Isaque foi enganado por seu filho Jacó, foi oferecido ao pai o luxo da carne de cabrito e da caça selvagem do menino ([Gn 27.3,9,19](#)). O boi mantido em uma barraca ou o bezerro gordo era reservado para ocasiões de grande festividade ([Mt 22.4](#)).

O uso de carne para sacrifício recebeu forma definitiva nas provisões de Levítico e Deuteronômio. A Lei proibia qualquer um de abater um animal e seus filhotes no mesmo dia ([Lv 22.28](#)). Outra proibição, talvez dirigida aos rituais sacrificiais pagãos cananeus, não permitiria que uma cria fosse cozida ou ensopada no leite de sua mãe ([Dt 14.21](#)). A lei mosaica era enfática ao proibir o consumo de sangue de qualquer forma. O sangue de animal era considerado a fonte da vida do animal e era oferecido pelos sacerdotes como um sacrifício a Deus para expiar o pecado humano ([Lv 17.11](#)). Na lei mosaica, porcos, camelos, texugos e coelhos eram considerados impuros, e, portanto, eram proibidos como alimentos, principalmente por motivos higiênicos ([11.4-8](#)).

No mundo antigo, a carne geralmente era fervida ou cozida. Assar um boi ou um cabrito geralmente ocorreria apenas como parte de uma festa especial, ou ritual sacrificial. Os animais também poderiam ser assados para membros do palácio real ou para os convidados especiais de um rei.

Apesar do fato de que a caça era desfrutada por todos os que eram capazes de participar, a caça selvagem fornecia apenas uma pequena parte da dieta. Entre a caça encontrada na Palestina e mencionada na Bíblia estão gazelas, corças, cabras-selvagens, e cervos ([Dt 14.5](#); [1Rs 4.23](#)). É provável que os faisões estivessem disponíveis, e certamente havia rolas, pombos, codornas e perdizes, embora as quantidades precisas de comida que essas aves forneciam não sejam certas ([Gn 15.9](#); [Êx 16.13](#)). O ganso era o prato mais popular no Egito, e os patos do pântano também eram altamente estimados como caça. Após o período persa, as galinhas eram comidas ([2Ed 1.30](#)), e ovos e omeletes eram populares em Roma

nos tempos cristãos antigos. Os ovos mencionados em Deuteronômio são provavelmente ovos de aves selvagens ([Dt 22.6-7](#); cf. [Is 10.14](#)).

Trinta variedades de peixes estavam disponíveis no Jordão, e uma extensa indústria pesqueira existia nas margens do Mar da Galileia na época de Cristo. Os suprimentos de peixe estavam prontamente disponíveis da costa mediterrânea durante o período romano, mas em um momento anterior, o fornecimento de peixe dependia em grande medida de qualquer nação que tivesse controle da costa. No período pós-exílico, o povo de Tiro abastecia a cidade de Jerusalém de peixes, que eram vendidos perto da Portão dos Peixes ([Ne 3.3](#)). Nos regulamentos sobre os tipos de peixes adequados para alimentação, apenas aqueles que tinham barbatanas e escamas eram aceitáveis ([Lv 11.9-12](#)).

Nos tempos do NT, muitas das distinções relativas a alimentos foram eliminadas. No Evangelho de Marcos, Jesus, desafiando a hipocrisia dos fariseus, perturbou as leis alimentares judaicas dizendo que pensamentos malignos, não certos alimentos, tornam uma pessoa impura. ([Mc 7.19](#)). À medida que o cristianismo se espalhava para as áreas gentias, havia, no entanto, um interesse contínuo sobre o consumo de carne que havia sido oferecida aos ídolos. A pergunta veio à tona em Corinto. O apóstolo Paulo sustentou que, embora a carne fosse aceitável, deve-se tomar cuidado em não causar dano espiritual a outro cristão com uma consciência mais sensível.

Insetos e seus produtos alimentares

O mel selvagem era encontrado na Palestina, mas não há evidências de apicultura. Os egípcios, no entanto, praticavam a apicultura naquela época.

O favo de mel é mencionado especificamente em [1Samuel 14.27](#) e [Cantares 5.1](#); o mel líquido é referido em [1Reis 14.3](#). O mel deveria ser encontrado em fendas de rochas e nas árvores ([Dt 32.13](#)). Era o adoçante primário na cozinha. Embora não pudesse ser usado em um sacrifício ao Senhor ([Lv 2.11](#)), o mel era valorizado como uma iguaria. No século 15 a.C., quando Tutemés III estava fazendo campanha na Síria e na Palestina, ele trouxe de volta vastas quantidades de mel como tributo de suas terras recém-conquistadas.

Os gafanhotos provavelmente foram primeiro comidos em desespero depois de terem devastado as plantações. Eles são um dos poucos insetos mencionados como uma fonte permissível de

alimento ([Lv 11.22](#)). Os gafanhotos eram fritos em farinha ou mel, ou eram preservados ao serem secos. Gafanhotos e mel selvagem formaram a dieta básica de João Batista no deserto ([Mt 3.4](#); [Mc 1.6](#)). Embora os gafanhotos conttenham pouca proteína, eles são ricos em gordura e têm certo conteúdo mineral.

Legumes e temperos

O povo hebreu que vagava no deserto do Sinai lamentou a perda dos legumes saborosos com os quais eles haviam se acostumado durante seu cativeiro egípcio. Em especial, eles expressaram um desejo por pepinos, melões (possivelmente melancias), alho-poró, cebolas e alho ([Nm 11.5](#)). Muitos desses legumes foram mais tarde plantados na Palestina (especialmente em Gaza). Quando os pepinos foram cultivados pela primeira vez, eles eram considerados itens de luxo e tinham que ser protegidos por guardas que viviam em barracas com vista para os jardins ([Is 1.8](#)). Feijão, lentilhas e grãos secos estavam entre os itens trazidos a Davi e seus soldados em Maanaim ([2Sm 17.28](#)). As lentilhas eram conhecidas no Egito pelo menos desde o século 13 a.C. e eram usadas extensivamente tanto na época quanto em tempos posteriores pelos israelitas. A sopa de lentilha é mencionada em [Gênesis 25.34](#).

Em tempos de fome, as cascas da alfarrobeira, normalmente fornecidas para o gado, poderiam ser usadas como alimento. Essas teriam sido mais aceitáveis para o filho pródigo ([Lc 15.16](#)). Havia muitos tipos de ervas verdes que poderiam fornecer uma refeição para os pobres em tempo de necessidade ([Pv 15.17](#)). Em casos de fome extrema, alguns tipos de raízes de malva e cedro também poderiam ser usadas como alimento. No tempo de Eliseu, um grupo de profetas em Gilgal preparou um ensopado de legumes selvagens, ao qual eles adicionaram erroneamente cabaças selvagens venenosas. Eliseu consertou a situação adicionando farinha à panela ([2Rs 4.38-41](#)). Embora não haja registro real dos tipos de ervas amargas usadas como parte da oferta de Páscoa ([Êx 12.8](#); [Nm 9.11](#)), a hortelã e o cominho estavam provavelmente incluídos. Endro, cominho, arruda e hortelã eram ervas comuns de jardim ([Mt 23.23](#); [Lc 11.42](#)).

Os temperos eram complementos bem-vindos para o caráter bastante brando da tarifa típica israelita. O sal vinha principalmente da área do Mar Morto e era essencial como um agente temperante e preservador. O sal era tão importante na dieta que

se tornou parte do vocabulário da obrigação moral. O compartilhamento do sal com uma pessoa em uma refeição selava uma aliança ou pacto ([Nm 18.19](#)). No ritual sacrificial levítico, o sal fazia parte das ofertas de carne e cereais, uma vez que significava o selamento da aliança de Deus com Israel ([Lv 2.13](#); [Ez 43.24](#)).

A mostarda, que provavelmente era produzida por seu teor de óleo, crescia de uma semente minúscula até a altura de 4,5 metros ([Mt 13.31-32](#)). Erva-doce, coentro e canela também estavam disponíveis ([Êx 16.31](#); [Nm 11.7](#)). Talvez o tempero mais popular e amplamente usado, além do sal, fosse o alho. O vinagre provavelmente também era usado como um agente aromatizante e um conservante. Do número de sementes e plantas encontradas nos túmulos egípcios da 18ª dinastia, é óbvio que o uso do tempero era difundido na antiguidade.

Frutas, Nozes e Vinho

As oliveiras cresciam abundantemente na Palestina e eram uma excelente fonte de comida e óleo. Mesmo em solo pobre, uma árvore poderia abastecer suficientemente uma família por um ano inteiro. Algumas azeitonas verdes eram conservadas em salmoura e comidas com pão, mas a azeitona era mais importante como uma fonte de óleo. O azeite era usado para assar pães e bolos e fritar alimentos. O azeite de oliva de melhor qualidade era usado nos sacrifícios do templo.

O óleo era extraído das azeitonas por um processo simples: para o óleo de melhor qualidade, as azeitonas eram colhidas antes de estarem totalmente maduras e depois esmagadas manualmente com um almofariz e um pilão de pedra. Normalmente, no entanto, os catadores derrubavam as azeitonas das árvores com longos pedaços de madeira e as coletavam em cestos. O óleo era então pisado, provavelmente no mesmo tanque usado para uvas ([Mq 6.15](#)), que eram colhidas aproximadamente quatro semanas depois.

Um moinho de óleo foi desenvolvido posteriormente, e a pesada pedra de moagem superior era virada por duas pessoas. Enquanto o óleo pingava, era coletado em outro tanque de pedra e era deixado para assentar e purificar. Quando refinado, o óleo era armazenado em odres ou frascos.

As figueiras cresciam em todas as áreas da Palestina. Elas exigiam pouca atenção e forneciam

duas ou três colheitas por ano. A mais abundante dessas era a segunda, que amadurecia no final do verão. Os primeiros figos da estação eram considerados uma grande iguaria ([Is 28.4](#); [Mq 7.1](#)). O profeta Oseias sugeriu que os israelitas eram como as primícias da figueira ([Os 9.10](#)). Outro profeta, Jeremias, falou daqueles que haviam ido para o exílio como sendo como os primeiros figos, enquanto aqueles que foram deixados para trás eram os figos maus, bons apenas para destruição ([Jr 24.1-10](#)).

Os figos eram geralmente comidos frescos das árvores, mas alguns eram prensados em bolos para usar quando viajavam ([1Sm 25.18](#); [30.12](#); [1Cr 12.40](#)). Os figos também eram valiosos para fins medicinais, uma vez que cataplasmas eficazes poderiam ser feitas a partir deles ([2Rs 20.7](#); [Is 38.21](#)). Os sicômoros produziam pequenos frutos semelhantes a figos comidos principalmente pelos pobres. Pouco tempo antes da colheita, o fruto era ligeiramente cortado, fazendo-o inchar e amadurecer mais rapidamente. O profeta Amós colhia frutos de sicômoro antes de ser chamado por Deus ([Am 7.14](#)).

A fruta da palmeira de tâmara também poderia ter sido prensada em bolos planos para viajantes, como os figos. A Bíblia, no entanto, não faz nenhuma referência específica ao seu fruto como alimento (veja [Jz 4.5](#); [Sl 92.12](#); [Jl 1.12](#); [Jo 12.13](#)).

Outra fruta popular do Oriente Próximo era a romã vermelha. Era comida inteira, ou tinha suas sementes prensadas para fornecer uma bebida refrescante. A romã é mencionada no ritual do templo como um dos frutos trazidos de volta de Canã para Moisés por seus espiões ([Êx 28.33](#)) e como uma bebida exótica ([Ct 8.2](#)). A “maçã” mencionada nas Escrituras ([Pv 25.11](#); [Ct 2.5](#)) era provavelmente um tipo de damasco ou marmelo, não uma maçã como a conhecemos hoje. As nozes eram usadas para dar sabor adicional na preparação de alimentos. Amêndoas e nozes de pistache estavam entre os presentes enviados por Jacó para resgatar seus filhos ([Gn 43.11](#)).

As uvas eram populares e abundantes desde o início da Idade do Bronze. Além de serem comidas frescas da videira, as uvas eram secas como passas ([Nm 6.3](#); [1Sm 25.18](#)) ou prensadas, seu suco bebido como vinho novo ou fermentado em uma bebida alcoólica. Uma das obrigações do copeiro nas antigas cortes reais era fornecer suco de uva ou vinho para o rei, sua família e convidados ([Gn 40.9-13](#)).

O suco de uvas também produzia vinagre quando o vinho se deteriorava. O vinagre era usado como um agente aromatizante na preparação de alimentos e como um conservante. Quando diluído com água, fornecia uma bebida refrescante para os trabalhadores nos campos. Um tipo de geleia era feito no Oriente Próximo por uvas fervidas até que elas assumissem a consistência de melaço. Este xarope também poderia ser usado como um agente adoçante na preparação de alimentos.

O vinho era a bebida universal na antiguidade. Poderia ser diluído com água ou misturado com especiarias, ou mel para fazer um vinho equilibrado ([Ct 8.2](#); [Is 5.22](#)). A palavra hebraica para “banquete” ou “festa” literalmente significa “beber”, o que revela grande parte do caráter de tais ocasiões. Uma certa quantidade de alegria era considerada apropriada em um festival ou banquete ([Gn 43.34](#); [Jz 9.13](#); [Lc 5.34](#)).

A produção de vinho era semelhante em muitos aspectos à produção de azeite. Os cachos de uvas eram cortados da videira com uma foice, coletados em cestos e levados para o lagar, onde eram pisados por homens e mulheres. O suco corria para um tonel inferior, onde, sob o sol quente, a fermentação começava quase imediatamente. O vinho era deixado para assentar para que quaisquer galhos ou peles formassem um sedimento; depois disso, o vinho poderia ser coado. Em cerca de seis semanas, o vinho estava pronto para beber ou armazenar em frascos de barro, ou odres.

Veja também Animais; Pão; Vida familiar e Relações; Fermento; Refeições, Significado de; Plantas; Pães sem fermento.

Cominho

Uma erva da família da cenoura que é cultivada por suas sementes aromáticas. As sementes são usadas para temperar alimentos ([Is 28.25–27](#); [Mt 23.23](#)).

O cominho (*Cuminum cyminum*) é considerado nativo do Egito e da região leste do Mediterrâneo. As pessoas cultivam cominho há muito tempo para colher suas sementes fortemente aromáticas e de sabor marcante.

As sementes de cominho são semelhantes às sementes de alcaravia, mas maiores. Elas não têm um sabor tão agradável quanto as sementes de alcaravia, mas ainda assim eram amplamente utilizadas como tempero ou especiaria. Às vezes, as

peças até misturavam cominho com farinha ao fazer pão. Além de serem usadas na culinária, as pessoas também utilizavam o cominho como remédio e como tempero para peixes e carnes.

Veja Alimentos e Preparação de Alimentos.

Cominho preto, Alcaravia preta, Flor de noz-moscada

O “cominho” mencionado em [Isaías 28.25–27](#) provavelmente se refere a *Nigella sativa*. Esta planta é às vezes chamada de cominho preto, alcaravia preta ou flor de noz-moscada. Esta planta anual pertence à família dos ranúnculos (*Ranunculaceae*). Ela cresce de forma selvagem no sul da Europa, Síria, Egito, Norte da África e outras regiões mediterrâneas, e é cultivada por suas sementes saborosas.

As sementes pretas têm um sabor e aroma picante, semelhante ao da pimenta. Pessoas em países orientais as polvilham sobre pães e bolos e as usam para temperar curries e outros pratos, tanto historicamente quanto atualmente.

Os agricultores em Israel e nas áreas circundantes ainda colhem cominho e *Nigella* usando os métodos suaves que Isaías descreveu, mostrando como as práticas agrícolas tradicionais permaneceram amplamente inalteradas.

Compaixão

A qualidade de demonstrar bondade, favor, graça ou misericórdia. Na Bíblia, Deus é descrito como um pai compassivo para aqueles que o reverenciam ([Sl 103.13](#)). Jesus Cristo exemplificou a compaixão de Deus através de sua pregação, cura ([Mt 9.36](#); [14.14](#)), preocupação com a perdição da humanidade ([Lc 19.41](#)) e, em última análise, em seu sacrifício na cruz ([Rm 5.8](#)). A igreja é chamada a demonstrar compaixão como parte do amor que Jesus ordenou ([Mt 5.4–7](#); [Jo 13.34](#); [Tg 2.8–18](#); [1Jo 3.18](#)).

No Antigo Testamento, a compaixão descreve um aspecto do relacionamento de aliança de Deus com seu povo. Uma palavra hebraica para “compaixão” vem de uma raiz que significa “útero”, comparando o amor de Deus ao amor de uma mãe. A compaixão de Deus sempre foi demonstrada através de ações que afirmavam sua aliança com Israel. Apesar das rebeliões de Israel, Deus ainda tinha compaixão de

seu povo ([2Rs 13.23](#); [2Cr 36.15](#); [Sl 78.38](#)) e de toda a criação ([Sl 145.9](#)). Mesmo quando Israel temia que Deus tivesse retirado seu favor ([Sl 77.9](#); [Is 27.11](#); [63.15](#); [Jr 13.14](#); [21.7](#); [Os 13.14](#)), a compaixão de Deus reviveria, e ele restauraria seu povo ([Dt 30.3](#); [Sl 135.14](#); [Is 14.1](#); [49.13](#); [54.7-8](#); [Jr 12.15](#); [30.18](#); [Mq 7.19](#)).

No Novo Testamento, Jesus Cristo refletiu perfeitamente a compaixão do Pai em suas interações com a humanidade. Ele curou, expulsou espíritos, capacitou outros e os enviou para fazer o mesmo. Jesus alimentou os famintos e ressuscitou os mortos. Suas parábolas, como a do Bom Samaritano ([Lc 10.33](#)) e a do Filho Pródigo ([Lc 15.20](#)), ilustraram ainda mais a compaixão.

O apóstolo Paulo listou a compaixão como uma qualidade primária para a igreja de Colossos incorporar ([Cl 3.12](#)). A compaixão era uma parte importante da comunidade cristã. A palavra grega usada significa literalmente "ser movido nas entranhas", apontando para o núcleo dos sentimentos internos de alguém, semelhante a como "coração" é usado hoje. Esse sentimento interno intenso deve sempre levar a atos externos de misericórdia e bondade.

Companheirismo

Comunhão com Deus, que resulta em participação comum com outros crentes no Espírito de Deus e nas bênçãos de Deus.

No início, Adão foi colocado no Jardim para desfrutar da amizade e comunhão com Deus. Quando Adão e Eva escolheram afirmar sua própria autonomia em vez de viver sob o cuidado gracioso do Criador, a comunhão foi quebrada. Como resultado, Adão e Eva se esconderam da presença do Senhor ([Gn 3.8](#)). No entanto, Deus imediatamente os procurou e revelou seu plano para a restauração final dos pecadores através da obra do Redentor (v. [15](#)).

O AT conta como Deus começou a atrair um povo especial para comunhão consigo mesmo. Enoque é descrito como um homem que andou com Deus ([Gn 5.22,24](#)). Noé, da mesma forma, andou em comunhão com o Senhor ([6.9](#)). E Abraão, o pai de Israel, é chamado de "amigo de Deus" ([Tg 2.23](#)). Nenhuma pessoa do AT teve comunhão mais profunda com Deus do que Moisés durante seu encontro de 40 dias com o Senhor no Monte Sinai ([Êx 24](#)). Mais tarde na história de Israel, Davi

escreveu salmos que refletem um coração em sintonia vital com o Deus vivo ([Sl 16](#), [34](#), [40](#), [63](#)).

Como resultado da obra concluída de Cristo na cruz, Deus agora faz sua morada permanente no coração de cada crente ([Jo 14.23](#)). Como resultado, a comunhão que agora prevalece sob a nova aliança é nada menos que a união vital e espiritual do crente com Cristo (v. [20-21](#)). A comunhão com Deus é o objetivo da vida cristã ([1Jo 1.3](#)), e esse relacionamento será aperfeiçoado para sempre quando virmos nosso Salvador "face a face" ([1Co 13.12](#)), quando Deus habitar com seu povo na eternidade ([Ap 21.3](#)).

O evangelho restaura a comunhão não apenas com Deus, mas também entre os crentes. A Santa Ceia de Jesus com seus discípulos ilustra a relação entre as dimensões vertical e horizontal da comunhão ([Mc 14.22-25](#)). No cenáculo, Jesus compartilhou com seus discípulos um sagrado banquete de amor. Os corações do Senhor e de seus seguidores foram unidos por um profundo senso de amor e compromisso. Mais tarde, os discípulos descobriram que seus próprios corações estavam fortemente unidos por sua lealdade comum a Jesus. Após a cruz e o derramamento do Espírito, a igreja nasceu — essa nova sociedade de pessoas em comunhão com Deus e uns com os outros.

A profundidade da camaradagem entre os primeiros cristãos é retratada nos primeiros capítulos de Atos. Os crentes se reuniam em grupos nas casas para ensino, comunhão, a Ceia do Senhor e oração ([At 2.42,46](#)). Tão profundo era o seu senso de união que os cristãos compartilhavam suas posses e as distribuíam aos irmãos e irmãs necessitados ([2.44-45](#); [4.32-35](#)). Talvez a característica dominante dessa primeira comunhão cristã fosse o amor entre os crentes ([1Ts 4.9](#); [1Pe 1.22](#)).

Motivado pelo amor, Paulo organizou entre as igrejas gentias uma coleta para os crentes pobres em Jerusalém. Em [Rm 15.26](#), que fala das ofertas das igrejas na Macedônia e Acaia, a palavra traduzida como "contribuição" é a palavra grega comum para "comunhão". Da mesma forma, a comunhão que a igreja de Filipos compartilhou com Paulo assumiu a forma de presentes para apoiar o ministério do apóstolo ([Fp 1.5](#); [4.14-15](#)).

As Escrituras usam várias imagens para descrever o espírito de união que caracterizava a igreja primitiva. A primeira é "a família de Deus" ([Ef 2.19](#); [1Tm 3.15](#)), ou "a família da fé" ([Gl 6.10](#)). Na família de Deus, o amor e a hospitalidade devem ser a regra

([Hb 13.1-2](#)). Além disso, a igreja é retratada como a família de Deus na terra ([Ef 3.15](#)). Deus é o Pai, e os crentes são seus filhos e filhas fiéis. A vida da família de Deus deve ser governada por amor, ternura, compaixão e humildade ([Fp 2.1-4](#)). Finalmente, a comunhão cristã é representada como o "novo homem" ou o "corpo unido" ([Ef 2.15-16](#)). Apesar da grande diversidade natural no corpo, o Espírito Santo une os crentes em um único organismo ([4.4-6](#)). Nesta comunhão de amor, nenhum crente é insignificante. Cada membro foi dotado de dons para a edificação espiritual de todo o corpo.

A Escritura estabelece a base da comunhão em [1 João 1.7](#): “Porém, se vivemos na luz, como Deus está na luz, então estamos unidos uns com os outros” (NTLH). Jesus Cristo, então, é a fonte e origem de toda comunhão espiritual. Somente quando estamos corretamente relacionados com o Senhor experimentamos verdadeira comunhão com outro cristão. Assim como luz e trevas são incompatíveis, um crente não pode ter verdadeira comunhão com um descrente. Nem o cristão pode estar em comunhão com alguém que anda contrário ao ensino de Cristo ([2Jo 1.9-11](#)), ou um irmão professante que é imoral, idólatra, bêbado ou ladrão ([1Co 5.11](#)).

A Escritura estabelece várias diretrizes para melhorar a comunhão dos crentes no corpo: (1) Amem uns aos outros com a mesma compaixão que Cristo demonstrou aos seus ([Jo 13.34-35](#); [15.12](#)). A lei da comunhão deve ser a regra do amor ([Hb 13.1](#)). (2) Cultivem aquele espírito de humildade que busca a honra do outro ([Fp 2.3-5](#)). (3) Aliviem as cargas dos irmãos na fé, suportando os fardos uns dos outros ([Gl 6.2](#)). (4) Compartilhem bênçãos materiais com irmãos e irmãs em necessidade ([2Co 9.13](#)). (5) Corrijam ternamente um pecador enquanto ajudam a encontrar soluções para os problemas ([Gl 6.1](#)). (6) Socorram um irmão na fé em tempos de sofrimento ([1Co 12.26](#)). (7) Orem uns pelos outros no Espírito sem cessar ([Ef 6.18](#)). O cristão deve considerar seriamente o ditado de um santo anônimo: “Você não pode se aproximar de Deus se estiver distante de seu irmão”.

Comunhão, Santa

Veja A Ceia do Senhor.

Comunicação

O ato de enviar uma mensagem de um lugar para outro. Nos tempos antigos, as pessoas usavam diferentes métodos para enviar mensagens a longas distâncias. Os primeiros métodos incluíam sinais de fogo, luz e fumaça. Os babilônios foram os primeiros a usar um sistema simples chamado heliógrafo, que utilizava a luz solar refletida para enviar mensagens a curtas distâncias.

Sinais de incêndio

Um escritor grego chamado Ésquilo contou uma história sobre sinais de fogo. Ele disse que por volta de 1084 a.C., as pessoas usavam fogueiras no topo das montanhas para enviar a notícia de que Troia havia caído. A mensagem chegou até Clitemnestra em Micenas usando cerca de 12 ou mais fogueiras.

Em 587 a.C., as cartas de Laquis descreveram o uso de sinais de fogo para ajudar Israel a se defender contra os babilônios. Uma carta conclui: “Que meu Senhor saiba que estamos observando os sinais de fogo de Laquis de acordo com os sinais que meu Senhor deu, porque não vemos Azeca” (veja [Jr 6.1; 34.7](#)).

Mais tarde, sinais de fogo foram usados em faróis (torres com luzes para guiar navios próximos à costa), como o famoso de Alexandria, Egito.

Comunicação por som

As pessoas têm usado sons altos para enviar mensagens há milhares de anos. Por volta de 550 a.C., Ciro da Pérsia construiu uma rede de torres. Soldados nessas torres gritavam mensagens entre si.

De acordo com uma antiga história, Alexandre, o Grande, possuía uma ferramenta em forma de chifre muito grande (como um megafone) que podia fazer uma voz viajar por vários quilômetros.

Um historiador chamado Severo escreveu que os romanos usavam tubos de latão para se comunicarem ao longo de sua muralha de defesa na Inglaterra.

O povo hebreu usava uma trombeta especial chamada shofar, feita de um chifre de carneiro. Eles a utilizavam para anunciar a lua nova, o sábado e o perigo ([Js 6.4](#); [Jz 7.16](#); [Os 8.1](#)).

As pessoas também usavam batidas de tambor para enviar mensagens. Ainda hoje, os bateristas Ashanti em Gana conseguem usar sons de tambor

altos e baixos que correspondem aos tons de sua língua falada.

Tábuas de barro

Arqueólogos (cientistas que estudam culturas antigas escavando e examinando artefatos e restos) encontraram milhares de cartas antigas escritas em tábuas de argila. Por volta de 2000 a.C., os assírios usavam um serviço postal informal (um sistema para enviar e receber correspondências e pacotes) para se comunicar com a Anatólia oriental (Ásia Menor). Eles utilizavam caravanas (grupos que viajavam juntos) para se deslocarem entre si.

Mais tarde, as estradas assírias foram utilizadas por mensageiros reais para enviar correspondências. Os funcionários postais nas cidades importantes gerenciavam os mensageiros e o correio. Tábuas de argila com listas de nomes de lugares e as distâncias entre eles eram usadas como guias de viagem. Os historiadores utilizam cartas reais da Assíria e de outras partes do Oriente Médio para ajudar a entender a história antiga.

Serviço postal

Quando a Pérsia ganhou poder, eles melhoraram o serviço postal dos assírios. Os persas construíram uma "estrada real" para mensageiros do governo, mas estava aberta a todos. Tinha mais de 2.574 quilômetros de extensão. Estendia-se de Sardes na Ásia Menor até Susã, a capital persa perto da extremidade norte do Golfo Pérsico ([Et 3.13](#); [8.10](#)). Casas e pousadas foram construídas a cada 24 quilômetros de distância. Fortes e balsas também foram construídos em locais importantes ao longo do caminho.

Viajantes comuns poderiam percorrer toda a extensão da "estrada real" em cerca de três meses. Enquanto isso, o serviço de despacho persa cavalgava em montarias frescas (cavalos ou outros animais bem descansados). Estas eram obtidas em estações de serviço e permitiam que o serviço de despacho geralmente percorresse a mesma distância em duas ou três semanas. Um historiador grego chamado Heródoto escreveu que os mensageiros persas completavam suas rondas apesar do clima muito ruim.

Enquanto isso, a dinastia Chou na China também desenvolveu um sistema postal eficiente. No terceiro século a.C., a dinastia Han da China e os Ptolomeus do Egito criaram o serviço postal mais avançado do mundo antigo.

César Augusto, que viveu de 27 a.C. a 14 d.C., criou um sistema de comunicação que conseguiu conectar todo o Império Romano. No sistema romano, correspondências enviadas por distâncias curtas chegavam rapidamente, mas aquelas enviadas por longas distâncias ou por água levavam semanas. Este sistema de correio não era um benefício para o público em geral. Em vez disso, representava um fardo adicional de impostos. Famílias ricas podiam usar seus escravos para entregar correspondências, empresas empregadas podiam pagar por mensageiros, e aqueles que eram pobres enviavam correspondências com amigos viajantes.

Na Bíblia, líderes cristãos em Jerusalém enviaram mensagens para as igrejas da Ásia Menor. Essas mensagens foram entregues pelos apóstolos Paulo e Barnabé ([At 15.22-29](#)). Mais tarde, Paulo solicitou que Timóteo, Tíquico e Epafrodito fossem mensageiros (veja [1Ts 3.2](#); [Cl 4.7,9](#); [Fp 2.25](#); [4.18](#)).

Os romanos tinham uma maneira especial de compartilhar notícias em suas cidades. Eles usavam algo chamado *álbum*, um quadro de avisos público pintado de branco. Ele exibia mensagens no centro da cidade.

Veja também Viagem.

Conanias

1. Levita e oficial chefe que supervisionou os dízimos, contribuições e as coisas dedicadas ao Templo durante o reinado de Ezequias ([2Cr 31.12-13](#)).
2. Um dos principais levitas durante o tempo do Rei Josias ([2Cr 35.9](#)); talvez identificável com Jeconias em [1 Esdras 1.9](#).

Concílio de Jerusalém

O Concílio de Jerusalém foi uma grande reunião cristã realizada por volta de 50 d.C. ([At 15.6-29](#)). De acordo com o livro de Atos, a reunião foi realizada para responder a uma pergunta importante: os gentios (não judeus) crentes precisam ser circuncidados e seguir a lei de Moisés para serem salvos?

Alguns crentes judeus da Judeia trouxeram essa questão para Antioquia ([14.26-15.1](#)). Mais tarde, a igreja levou o assunto aos líderes em Jerusalém para resolver ([15.3-5](#)). Os apóstolos e os anciãos

consideraram o assunto por um longo tempo (v. 6). Isso incluiu os apóstolos Pedro, Paulo e Barnabé (vv. 7-11; 12.22-26). Tiago, o irmão de Jesus, parece ter sido o moderador da reunião (vv. 13-21).

Qual foi a decisão do Concílio?

Os líderes no Concílio de Jerusalém concordaram em quatro pontos principais:

67. Deus não faz distinção entre os crentes em Cristo, sejam eles judeus ou gentios ([At 15.9](#)).
68. A salvação vem pela graça do Senhor Jesus por meio da fé (vv. 9-11).
69. Deus confirmou sua aceitação dos gentios através de sinais e maravilhas (vv. 8,12).
70. A inclusão dos gentios entre o povo de Deus fazia parte do plano divino revelado no Antigo Testamento (vv. 15-18; cf. [Amós 9.11-12](#)).

A assembleia também emitiu uma lista (às vezes chamada de “o decreto”) instruindo os cristãos gentios a se absterem de:

- idolatria;
- pecado sexual
- consumir animais estrangulados e
- consumir sangue.

(Esses dois últimos itens eram sobre comida. As práticas alimentares eram uma grande diferença entre judeus e gentios). Os líderes escreveram uma carta com essas instruções e a enviaram para as igrejas em Antioquia, Síria e Cilícia ([At 15.23](#); cp. [16.4](#)).

Quem faz parte do povo de Deus?

Esta história é um momento crucial no livro de Atos. Mostra como a igreja primitiva estava aprendendo o que significava ser o povo de Deus. Muitos dos primeiros crentes judeus ainda entendiam sua fé como obediência à lei, incluindo cerimônias e rituais. Eles acreditavam que seguir a lei e os costumes religiosos era necessário para a salvação e para permanecer no favor de Deus. Eles também acreditavam que apenas o povo de Israel tinha um lugar especial com Deus. Os judeus consideravam sua nação exclusivamente como “o

povo de Deus” e esperavam que os convertidos fossem circuncidados, seguissem a lei de Moisés e oferecessem os sacrifícios exigidos. Mesmo após acreditar em Jesus como o Messias, alguns dos primeiros cristãos em Jerusalém ainda mantinham essas crenças.

O livro de Atos mostra como Deus corrigiu algumas ideias equivocadas na igreja primitiva. Alguns crentes judeus pensavam que Deus se importava apenas com Israel. Eles acreditavam que as pessoas precisavam seguir todas as leis judaicas para serem aceitas por Deus. Mas Deus usou vários eventos para demonstrar que isso não era verdade.

Estevão desafiou a ideia de que Deus estava presente apenas em Jerusalém ([At 7](#)). Então Filipe pregou aos samaritanos e a um oficial etíope, pessoas que não estavam totalmente conectadas ao judaísmo ([At 8](#)).

Deus disse diretamente a Pedro para visitar Cornélio. Ele era um homem temente a Deus, mas um gentio incircunciso ([At 10](#)). Pedro disse a Cornélio que Jesus é o Messias e Senhor. Através deste evento, Pedro percebeu que Deus não mostra favoritismo. Deus aceita pessoas de todas as nações que o honram e fazem o que é certo ([10.34-35](#)).

O Espírito Santo veio sobre Cornélio e sua família enquanto Pedro ainda estava falando ([10.44](#)). Isso foi uma prova clara e surpreendente de que Deus havia aceitado esses crentes gentios. Mesmo os crentes judeus, que eram muito rigorosos quanto à circuncisão, não puderam negar o que viram (vv. 45-48). Da mesma forma, aqueles que mais tarde ouviram a história não puderam negá-la ([11.1-18](#)). Pedro usou este mesmo exemplo quando falou no Concílio de Jerusalém ([15.7-11](#)).

Alguns judeus rigorosos podem ter pensado que a aceitação de Cornélio por Deus foi um caso especial. Mas essa visão tornou-se insustentável à medida que mais gentios acreditavam em Jesus.

Em Antioquia, gentios de língua grega também se tornaram seguidores de Jesus ([11.20](#)). Uma nova igreja começou ali, composta por judeus e gentios. Os líderes da igreja vieram de muitos contextos diferentes ([At 13.1](#)). Mais tarde, durante a primeira viagem missionária de Paulo, muitos mais gentios acreditaram em Jesus na região do centro-sul da Ásia Menor (caps. [13-14](#)).

Neste ponto da história, alguns cristãos judeus de Jerusalém vieram para Antioquia. Eles causaram uma crise ao afirmar que os crentes gentios precisavam ser circuncidados e seguir a lei de

Moisés. Isso equivalia a dizer que os gentios tinham que se tornar judeus em todos os aspectos (por nação, cultura e religião) antes de poderem seguir Jesus.

Isso forçou a igreja primitiva a responder a duas grandes perguntas:

- O Cristianismo era apenas uma parte do Judaísmo ou algo distinto?
- A salvação era baseada na lei e na identidade nacional, ou era pela graça de Deus através da fé?

Qual foi o significado da decisão do Concílio?

O Concílio de Jerusalém deixou claro que a salvação é um presente gratuito de Deus. As pessoas a recebem pela fé, não por seus próprios esforços. O concílio rejeitou a ideia de que alguém pode obter a salvação cumprindo leis ou seguindo cerimônias religiosas.

Isso também demonstrou que o Cristianismo não está restrito a nenhuma raça, nação, cultura ou grupo social. Todas as pessoas podem seguir Jesus.

Ao mesmo tempo, o conselho lembrou aos fiéis que vivam de uma maneira que agrade a Deus. Os cristãos devem agir com cuidado, respeitando os padrões morais de Deus e sendo atenciosos quanto a como suas ações afetam os outros na igreja.

Veja também Atos dos Apóstolos, Livro de; Gálatas, Carta aos; Judaizantes; Paulo, O apóstolo.

Concubinato, Concubinas

Concubinato é quando um homem vive com uma mulher (uma concubina) que é considerada sua parceira sexual ou uma esposa secundária. Esta mulher tem um status inferior ao da esposa principal. O concubinato foi praticado em muitas culturas antigas, especialmente na Mesopotâmia. Lá, os reis tinham haréns, e até mesmo cidadãos comuns podiam ter uma ou duas concubinas junto com sua esposa principal. A Bíblia também se refere a ambos os tipos de concubinato. Muitas vezes, uma concubina era uma escrava ou capturada em guerra ([Jz 5.30](#)).

Os homens podiam optar por ter uma concubina pois era uma maneira mais econômica de casar, já que não era necessário pagar dote ou preço da noiva. Ter uma concubina também poderia aumentar o prestígio de um homem,

proporcionando-lhe mais filhos. Esses filhos eram frequentemente reconhecidos como legítimos ao serem apresentados à esposa principal, tornando-se parte da família. A concubina também contribuía para a força de trabalho da casa.

No período patriarcal, o concubinato era uma prática comum ([Gn 22.24](#); [35.22](#); [36.12](#)), especialmente quando a esposa principal não conseguia ter filhos ([Gn 16.1-3](#); [25.5-6](#); [1Cr 1.32](#)). Uma concubina tinha certos direitos, e seus filhos podiam ser reconhecidos como parte da família e herdar propriedades (por exemplo, [Gn 49.1-28](#) inclui os filhos das concubinas junto com os das esposas principais; veja também [Gn 35.22-26](#)). A lei mosaica não proibia o concubinato e o incluía em suas regras para múltiplas esposas ([Dt 17.17](#); [21.15-17](#)).

O concubinato continuou durante o tempo dos juízes. Gideão teve uma concubina ([Jz 8.31](#)), e um levita também teve uma ([Jz 19](#)). O mau tratamento da concubina deste levita por homens da tribo de Benjamim levou a uma sangrenta guerra civil ([Jz 20-21](#)). Durante a monarquia de Israel, apenas os reis podiam se dar ao luxo de ter concubinas, como:

- Saul ([2Sm 3.7](#))
- Davi ([2Sm 5.13](#); [15.16](#))
- Salomão ([1Rs 11.3](#))
- Roboão ([2Cr 11.21](#))

Haréns reais também eram comuns em outras culturas daquela época, incluindo:

- Egito
- Pérsia ([Et 2.14](#))
- Babilônia ([Dn 5.2-3.23](#))

Embora as concubinas fossem aceitas em muitas culturas antigas, o casamento entre duas pessoas era considerado melhor. O concubinato resultava do desejo de prestígio e de uma família numerosa, mas às vezes podia levar à liberdade sexual ([Ec 2.8](#)). Enquanto o concubinato era comum nas culturas grega e romana, ele não estava alinhada com os ensinamentos de Jesus ([Mt 19.1-9](#)).

Veja também Direito civil e justiça; Vida familiar e relações; Casamento, Costumes matrimoniais.

Condenação

Veja Inferno; Julgamento.

Confiança

Estar seguro ou confiante sobre o que você acredita ou faz.

A "certeza da esperança" ("tornar sua esperança segura" [Hb 6.11](#)) e a "certeza da fé" ([Hb 10.22; 11.1](#)) são mencionadas como qualidades de plenitude que ajudam os crentes a viver de forma responsável.

Paulo falou de um "entendimento confiante" do evangelho de Cristo, que resultou em amor na comunidade ("entendimento completo"; [Cl 2.2](#)). Ele também falou da "bênção assegurada" que era dele em Cristo ("plenitude da bênção" [Rm 15.29](#)).

Confissão

Admissão, especialmente de culpa ou pecado; também, uma declaração de crença religiosa. "Confessar" pode significar concordar, prometer ou admitir algo.

Dois tipos de confissão ocorrem na Bíblia. Primeiro, os indivíduos confessam que pecaram e são, portanto, culpados diante de Deus, muitas vezes confessando um pecado específico ([Lv 5.5; 1Jo 1.9](#)). Em tal confissão, alguém concorda ou reconhece que quebrou a lei de Deus ([Sl 119.126](#)), que sua pena é justamente merecida ([Rm 6.23](#)), e que de alguma maneira específica o padrão de santidade de Deus não foi alcançado ([Lv 19.2; Mt 5.48](#)).

Nos tempos do AT, o sumo sacerdote confessava os pecados de toda a nação ([Lv 16.21](#)); a nação de Israel deveria confessar quando havia se rebelado contra a lei de Deus ([Lv 26.40; 2Cr 7.14](#)). Os judeus eram foram rápidos em confessar; Daniel, Esdras e Neemias confessaram os pecados de sua nação, concordando com Deus que sua punição do povo (incluindo eles mesmos) era justa, mas orando pela misericórdia e libertação de Deus ([Dn 9.20; Ed 10.1; Ne 1.6](#)).

Segundo, os indivíduos confessam que Deus é Deus e que ele governa o mundo ([1Cr 29.10-13](#)), que ele é fiel em mostrar seu amor e bondade ([Sl 118.2-4](#)), e que ele ajudou seu povo ([Sl 105.1-6](#)). Tal confissão ou concordância, expresso publicamente

em adoração ou cântico ([Sl 100.4](#)), é mencionada no AT como "louvar ao Senhor".

Os dois tipos de confissão são muitas vezes combinados na Bíblia, produzindo muitos salmos de ação de graças. Em geral, esses salmos contêm algumas ou todas as seguintes ideias: (1) pequei; (2) fiquei enfermo e quase morri; (3) orei a Deus, que me libertou; e (4) agora ofereço este cântico de confissão, que lhe prometi ([Sl 22; 30; 32; 34; 40; 51; 116](#)). A mesma palavra hebraica significa tanto "louvor" quanto "confissão de pecado"; os dois significados faziam parte de um único conceito. O salmista começou admitindo o pecado e a justiça de Deus, e ele terminou confessando o perdão de Deus e entregando poder.

Ambos esses significados também ocorrem no NT. Os cristãos confessam (isto é, eles declaram como uma questão de convicção e fidelidade) que Jesus é o Cristo e que eles pertencem a ele. "Portanto, qualquer que me confessar diante dos homens, eu também o confessarei diante de meu Pai que está no céu" ([Mt 10.32](#), KJV). Não confessar a Cristo é o mesmo que negá-lo ([Mt 10.33; Lc 12.8](#); cf. [2Tm 2.11-13; Ap 3.5](#)). A vida cristã, portanto, começa com uma confissão de fé, uma declaração pública diante de testemunhas ([Rm 10.9-10; 1Tm 6.12](#)). Uma dimensão adicional da confissão do cristão é fornecida em [1João 4.2](#): deve-se confessar que "Jesus Cristo veio em carne", isto é, reconhecer a divindade e preexistência de Jesus como o Filho de Deus (que ele "veio"; veja também [1Jo 4.15](#)), bem como a humanidade e encarnação de Jesus (que ele veio "em carne"). A palavra grega "confissão" literalmente significa "dizer a mesma coisa/concordar". A "boa confissão" do cristão é modelada pelo padrão da confissão de Cristo ([1Tm 6.12-13](#)).

Em apenas algumas passagens o NT discorre sobre a confissão de pecados. Aqueles sendo batizados por João Batista admitiram publicamente seus pecados e se arrependeram ([Mc 1.4-5](#)). Todos os cristãos, de fato, devem concordar com Deus que eles são pecadores ([1Jo 1.8-10](#)). Tiago apresentou uma imagem mais completa: quando um cristão está doente, os anciãos devem visitar e dar à pessoa a oportunidade de confessar quaisquer pecados. Como nos Salmos, o perdão e a cura (a moral e a física) estão ligados à confissão. Lembrando esse princípio, Tiago instigou os cristãos a confessar seus pecados uns aos outros.

Veja também Conversão; Perdão; Arrependimento.

Conformar, Conformação

Processo espiritual de moldar o crente à imagem de Jesus. Paulo fala sobre isso em [Romanos 8.28-30](#):

"E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto. Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (ARC).

Como é desejo e plano de Deus ter muitos filhos e filhas, cada crente deve ser conformado ao protótipo, Jesus. Note como as palavras "predestinou", "chamou", "justificou" e especialmente "glorificou" em [Romanos 8.29-30](#) estão no passado. Isso ocorre porque Deus, de sua perspectiva eterna, vê esse processo como já concluído. Da perspectiva de Deus, os crentes já foram glorificados porque Ele os vê como seu Filho. No entanto, na realidade do tempo, eles devem passar pelo processo de serem conformados à imagem do Filho de Deus. Deus está trabalhando todas as coisas na vida daqueles que o amam e são chamados segundo o seu propósito. Seu objetivo é conformar cada filho e filha à imagem de seu amado Filho.

Ao continuar a leitura do restante de [Romanos 8](#), fica bastante evidente que as "coisas" que Deus usa para conformar os cristãos envolvem vários tipos de sofrimento. A conformidade à imagem de Jesus Cristo requer conformidade à sua morte (veja [Fp 3.10](#)). Enquanto a transformação envolve uma mudança interior, transmitida pela vida em nossa constituição essencial, a conformação implica uma pressão externa que molda a imagem de Cristo em seus filhos. Se eles devem ser feitos à sua semelhança, precisam ter ambos. Conhecer Jesus, no que dizia respeito a Paulo, era conhecer tanto o poder de sua ressurreição quanto a comunhão de seus sofrimentos. Ninguém gosta de sofrer; ninguém quer ser um Jó. Mas Jó foi perspicaz quando disse: "se ele me puser a prova, verá que sairei puro como o ouro" ([Jó 23.10](#), NTLH). O sofrimento produz um elemento no crente que ele não possui inerentemente. Deus usa os sofrimentos para conformá-los à imagem de seu Filho.

O Senhor Jesus deixou para seus seguidores um modelo de sofrimento que não pode ser evitado. Este é o caminho que ele, o pioneiro da salvação,

percorreu. O Pai o aperfeiçoou através do sofrimento ([Hb 2.10](#)) — ou seja, ele, como homem, foi totalmente qualificado para ser nosso líder e até mesmo nosso misericordioso Sumo Sacerdote por causa do que sofreu em nosso favor. Os cristãos devem esperar sofrer, pelo menos em parte, algumas das coisas que Jesus sofreu. Claro, isso não significa que qualquer crente possa repetir seu ato único de sofrimento na cruz para redenção. Pedro diz que "O próprio Cristo sofreu por vocês e deixou o exemplo, para que sigam os seus passos" ([1Pe 2.21](#), NTLH). A palavra grega subjacente a "exemplo" (hupogramma) no uso comum do grego designava uma tábua de traçado que continha todo o alfabeto grego. Os alunos usariam isso para traçar o alfabeto. Eles teriam que aprender cada letra, de alfa a ômega. A vida de Jesus, uma vida de sofrimento, é exatamente essa tábua de traçado. Aqueles que aprendem a seguir Jesus serão aqueles que sabem o que é sofrer, pois o sofrimento é o meio pelo qual Deus nos conforma à imagem de Jesus.

Veja também Transformação.

Congregação

Uma congregação é um grupo de pessoas que se reúne, especialmente para propósitos religiosos. Na Bíblia, Deus chamou o povo de Israel de "a congregação do Senhor" porque eles tinham um acordo especial (aliança) com Deus. Toda a nação de Israel era considerada o povo de Deus ([Êx 3.6-8.15-16](#); [12.6](#); [Is 1.2-4](#); [14.1](#)).

Como nação escolhida, Israel deveria mostrar a grandeza de Deus para outras nações ([Dt 4.6-14](#); [Is 42.1](#); [45.4](#); [65.9,22](#)). Assim, a nação foi chamada de "todo o ajuntamento dos filhos de Israel" ([Nm 14.5](#); ARC; veja também [Lv 4.13](#); [Nm 16.3](#)).

A igreja do Novo Testamento se edifica sobre o fundamento espiritual estabelecido pela congregação do Antigo Testamento do povo de Deus. Várias passagens na Bíblia mostram essa conexão entre a igreja e o povo de Deus no Antigo Testamento ([Hb 2.10-13](#); [1Pe 2.9-10](#); veja também [Rm 9.1-8](#); [Gl 6.16](#)).

Veja também Igreja.

Congregação, Monte da

Tradução ARC para "monte da assembleia", o nome de uma montanha que aparecia na mitologia babilônica e cananea, em [Isaías 14.13](#).

Conhecimento

Observação e reconhecimento de objetos dentro do alcance dos sentidos de uma pessoa; conhecimento de natureza pessoal que inclui uma resposta do conhecedor.

A palavra "saber" ou "conhecimento" aparece mais de 1.600 vezes na Bíblia. A conotação específica desse grupo de palavras oferece uma visão sobre as mensagens básicas tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento.

A visão hebraica do homem é de uma totalidade diferenciada — o coração, a alma e a mente estão tão inter-relacionados que não podem ser separados. "Conhecer" envolve, portanto, o ser inteiro e não é simplesmente uma ação da mente. O coração às vezes é identificado como o órgão do conhecimento (cf. [Sl 49.3](#); [Is 6.10](#)). A implicação é que o conhecimento envolve tanto a vontade quanto as emoções. É à luz dessa conotação que o AT usa "conhecer" como uma expressão idiomática para relações sexuais entre marido e mulher.

O conceito de conhecimento dos judeus é lindamente ilustrado em [Isaías 1.3](#): "O boi conhece o seu dono, e o jumento sabe onde o dono põe o alimento para ele, mas não o meu povo não sabe nada, o povo de Israel não entende coisa nenhuma" (NTLH). O fracasso de Israel não estava no comportamento ritual, mas na recusa em responder com obediência amorosa ao Deus que os escolheu. Somente o tolo se recusa a responder a essa revelação. Assim, a pessoa que não responde com obediência obviamente tem um conhecimento incompleto do Senhor. "Conhecer a Deus" envolve relacionamento, comunhão, preocupação e experiência.

O NT continua essa ideia básica de conhecimento e adiciona algumas variações próprias. No Evangelho de João, o conhecimento de Deus é mediado através de Jesus como o Logos. Jesus tem conhecimento perfeito do propósito e da natureza de Deus, e o revela aos seus seguidores: "Agora que vocês me conhecem, conhecerão também o meu Pai" ([Jo 14.7](#), NTLH). A identificação do próprio relacionamento de Jesus com o Pai como um modelo para o relacionamento dos discípulos

indica que o conhecimento significa um relacionamento pessoal que é íntimo e mútuo.

A definição de vida eterna em [João 17.3](#) adiciona mais conteúdo a este conceito: "E a vida eterna é esta: que eles conheçam a ti, que és o único Deus verdadeiro, e conheçam também Jesus Cristo, que enviaste ao mundo" (NTLH). Este conceito é vastamente diferente daquele do misticismo helenístico, no qual a contemplação e o êxtase são consumados na fusão gradual do conhecedor e Deus. Em João, por contraste, o resultado do conhecimento é ter um relacionamento pessoal com Deus através de seu Filho.

Paulo também apresenta a revelação de Deus em Cristo como a fonte do conhecimento. Deus revelou o "mistério de sua vontade" para aquele que está "em Cristo". A pessoa espiritual é ensinada pelo Espírito de Deus ([1Co 2.12-16](#)) e responde à verdade conforme ela é revelada em Jesus Cristo. Novamente, há ênfase no relacionamento e no encontro como elementos essenciais no conceito de conhecimento.

O conhecimento cristão de Deus não se baseia apenas na observação ou especulação, mas é o resultado da experiência em Cristo. Este conhecimento contrasta fortemente com a sabedoria natural, que opera a partir de uma perspectiva incorreta. Paulo rapidamente aponta que o mistério do plano redentor de Deus foi revelado e agora não há espaço para ignorância. O conhecimento, então, envolve a pessoa inteira em relacionamento com Deus através de Cristo.

Vea também Revelação; Verdade.

Conquista e distribuição da terra

Termos que se referem à conquista da Terra Prometida por Israel e à forma distinta como ela foi dividida entre as tribos israelitas.

Conquista

A conquista de Canaã pelos israelitas é um dos eventos mais notáveis da história do AT: um povo nômade, organizacionalmente frouxo, invadiu com sucesso uma cultura estabelecida há muito tempo, segura em seus centros urbanos protegidos. Esse feito, de acordo com as Escrituras, foi o resultado de uma promessa que Deus fez a Abraão, Isaque e Jacó de que seus descendentes possuiriam a terra ([Gn 17.8](#); [26.4](#); [28.13](#); [Êx 3.15-17](#)). A desapropriação dos habitantes pagãos foi um

julgamento divino sobre a falsa religião e sua imoralidade associada ([Dt 7.1-5](#)).

Os estudiosos que tentam reconstruir a história da Conquista enfrentam certos problemas. A crítica acadêmica entrou em conflito com declarações na Bíblia em três pontos principais: cronologia, taxa de ocupação e a questão do aniquilamento militar de Israel em partes da população das cidades-estado cananeias.

Data

Obras de referência e estudos acadêmicos sobre a história do AT frequentemente sugerem uma data para o Êxodo do Egito no século 13 a.C. (1280 a.C. ou mais tarde). Várias referências bíblicas a esse evento parecem exigir uma data anterior. De acordo com [1 Reis 6.1](#), a construção do templo de Salomão foi iniciada no quarto ano de seu reinado, 480 anos após o Êxodo. Como o quarto ano de Salomão foi por volta de 960 a.C., isso colocaria o Êxodo em 1440 a.C. Em [Juízes 11.26-28](#), quando Jefté, oitavo dos juízes nomeados, discutiu com o rei de Amom sobre a posse israelita da terra a leste do Rio Jordão, ele indicou que Israel havia ocupado esse território por 300 anos. A ascensão de Saul ao reinado por volta de 1020 a.C. ainda estava a algumas décadas de distância, então a data posterior proposta para o Êxodo não permite tempo suficiente para o período dos juízes. Além disso, o apóstolo Paulo referiu-se a um período de cerca de 450 anos do Êxodo até os dias de Samuel ([At 13.20](#)).

Campanhas de Josué

O livro de Josué apresenta uma imagem de um período concentrado para a conquista israelita de Canaã. No entanto, muitos estudiosos insistem que houve uma penetração gradual anterior (por hebreus que supostamente não acompanharam Jacó ao Egito), além de um processo de limpeza prolongado que continuou até a época da monarquia. Embora o registro bíblico permita aquisições posteriores em algumas áreas (por exemplo, Megido e Bete-Seã), não há razão válida para rejeitar a descrição da Conquista principal apresentada em [Josué 1-12](#).

A Conquista começou no lado leste do rio Jordão sob a liderança de Moisés. Após a morte de Moisés, Josué liderou Israel através do rio, capturando primeiro as cidades fortificadas de Jericó e Ai. Essas vitórias estratégicas proporcionaram acesso à região montanhosa e abriram caminho para o centro de Canaã. Seguiram-se duas campanhas

principais — uma ao sul e outra ao norte — que, em seis anos, conquistaram para Israel as cidades chave de Canaã, derrotando 31 reis e concluindo a fase inicial e principal da Conquista.

[Números 32](#) registra a atribuição anterior do território a leste do Jordão (Gileade e Basã, adquiridos pela derrota de dois reis, Seom dos amorreus e Ogue de Basã) às tribos de Rúben, Gade e à meia tribo de Manassés. Embora sua terra já tivesse sido adquirida, os homens dessas tribos eram obrigados a atravessar o Jordão com o restante para participar da conquista militar de Canaã.

[Josué 2-8](#) registra os eventos extraordinários da destruição de Jericó e Ai na investida inicial para o oeste. Essas vitórias tendiam a desmoralizar as cidades restantes da terra. Os capítulos [9](#) e [10](#) descrevem a campanha sulista, incluindo a obtenção de um tratado pelos gibeonitas por meio de engano. [Josué 10](#), com seu relato da notável derrota das forças inimigas (vv. [9-12](#)) e o prolongamento milagroso da luz do dia, é a passagem central sobre a campanha sulista. Na batalha subsequente, uma aliança de cinco reis amorreus foi esmagada, os reis foram mortos, e as cidades-estado da área foram destruídas, exceto Jerusalém (mais tarde capturada por Davi).

Em sua campanha no norte, Josué enfrentou uma aliança mais formidável. No entanto, nem mesmo Jabim, o poderoso rei de Hazor, a maior das cidades dos cananeus, apoiado por seus vassalos locais, foi páreo para os exércitos de Israel. [Josué 11](#) descreve essa fase e depois resume toda a Conquista nos versículos [16-23](#) e ao longo do capítulo [12](#).

Veja também Distribuição da Terra.

Consagração

Consagração refere-se à separação de pessoas, utensílios, edifícios ou lugares de usos não religiosos para dedicá-los a propósitos sagrados ou santos.

Qual é o significado de "consagração" na Bíblia?

Na Bíblia, a consagração era indicada por um rito ou voto apropriado. Algumas palavras hebraicas implicam “separação” ([Êx 13.2](#); [Lv 8.10-12](#); [Dt 15.19](#)), algumas implicam “dedicação” ([Lv 21.12](#); [Nm 6.9](#)), outras palavras implicam “ordenação” (literalmente, “enchendo a mão”, [Êx 28.41](#); [1Rs](#)

[13.33](#)). O Novo Testamento tem menos referências à consagração, mas frequentemente estão relacionadas à ideia de santidade ([Jo 10.36](#); [1Co 7.14](#); [1Tm 4.5](#)).

Como diferentes tradições compreendem a consagração?

Na prática da igreja, especialmente entre denominações com estruturas de liderança formal, a consagração descreve as cerimônias especiais que estabelecem um bispo em seu papel. Também é usada para descrever:

- a dedicação de locais sagrados,
- recipientes para objetos sagrados,
- catedrais (igrejas grandes e importantes que servem como a principal igreja de um bispo),
- elementos da Divina Liturgia ou Missa (o pão e o vinho utilizados durante os serviços de Comunhão), ou
- edifícios destinados a funções relacionadas à igreja.

O ensino protestante enfatiza a ideia do sacerdócio de cada crente. Assim, todos os cristãos são considerados "santos". A palavra "santos" compartilha a mesma raiz que "consagração" e se refere às pessoas que dedicaram suas vidas a Deus.

Na doutrina Ortodoxa e Católica Romana, a igreja oficialmente consagra ou "canoniza" grandes cristãos como santos após a sua morte. Esta honra é concedida àqueles que demonstraram vidas especialmente santas.

Por que a consagração é importante para a vida cristã?

A consagração é importante tanto em relação a Deus quanto ao mundo. O apóstolo Paulo define o termo em [Romanos 12.1-2](#). Ele enfatiza que a consagração envolve pessoas oferecendo suas vidas simbolicamente como sacrifícios a Deus. A importância da consagração em relação a pessoas e coisas é um tema básico na primeira carta do apóstolo Pedro. Cada cristão deve viver diariamente como um "sacerdócio santo" e "real" para a glória de Deus ([1Pe 2.9](#)). Os cristãos consideram um importante marco de maturidade espiritual consagrar suas próprias personalidades à medida que o Espírito Santo os auxilia.

Veja também Santidade.

Consciência

Um termo para autoconsciência ou autoconhecimento. A consciência determina se algo que uma pessoa fez ou fará está de acordo com seus próprios padrões morais. A consciência também torna alguém ciente de coisas feitas que estavam erradas.

Tanto a palavra "consciência" em português e a palavra grega correspondente no NT têm a ideia de "estar com conhecimento" (ou com consciência). No Antigo Testamento, Adão e Eva sentiram vergonha e se esconderam de Deus. Isso foi porque suas consciências determinaram que quando desobedeceram a Deus, foi errado ([Gn 3.8-10](#)). É normal para todos os seres humanos serem capazes de saber o que é certo e errado. "O SENHOR deu aos seres humanos inteligência e consciência; ninguém pode se esconder de si mesmo" ([Pv 20.27](#)). Assim, a consciência é um presente de Deus para ajudar uma pessoa a saber se algo é bom ou ruim.

O que significa "consciência" no Novo Testamento?

A palavra "consciência" é encontrada 32 vezes no Novo Testamento. Isso é mais frequente nos escritos do apóstolo Paulo. Em seus escritos, a consciência é mostrada como determinante do que era certo fazer no passado e do que será certo fazer no futuro. Pessoas que não conhecem a lei de Deus ainda podem fazer o que ela diz. Isso mostra que o que a lei exige está "escrito em seus corações" ([Rm 2.14-15](#)). Paulo também diz que cada pessoa deve "submeter-se à autoridade" para evitar o julgamento de Deus e "por questão de consciência" ([13.5](#)). Este ensinamento assume que a consciência pode tornar a obediência um requisito para o que é certo.

A consciência também aprova ou determina ou julga quando alguém é inocente. Isso é tão importante quanto quando uma pessoa se torna ciente de que fez algo errado. Paulo disse: "Minha consciência está limpa" ([1Co 4.4](#)). No entanto, a consciência não pode determinar perfeitamente o certo e o errado, nem pode guiar suficientemente uma pessoa. Paulo continuou: "Mas isso não me justifica. É o Senhor quem me julga". Em outra

passagem, Paulo diz que sua consciência confirmou que ele estava falando a verdade. Ele liga o que a consciência aprova com o Espírito Santo ([Rm 9.1](#); compare [2Co 1.12](#)). No entanto, ele não desenvolve exatamente qual é a conexão.

Paulo procurou defender seu ministério para com a igreja de Corinto pedindo-lhes que julgassem se seu comportamento era certo ou errado. Eles deveriam ser capazes de fazer isso com a ajuda de suas próprias consciências ([2Co 4.1-2](#)). Paulo insistiu que Deus sabia o que motivava seu comportamento. Assim, Paulo esperava que a consciência dos coríntios também reconhecesse esse motivo de “o temor do Senhor” ([5.11](#)). Quando Paulo escreveu a Timóteo, ele conectou uma boa consciência com fé sincera ([1Tm 1.5](#)). Quando as pessoas param de viver pela fé cristã, suas consciências podem se tornar “cauterizadas”. Isso significa que elas não estão mais cientes do que é certo e errado porque persistem em fazer o que é mau ([4.2](#)).

Em sua primeira carta à igreja de Corinto, Paulo respondeu a uma pergunta sobre alimentos oferecidos como sacrifício a ídolos. Ele falou sobre como a consciência determina o comportamento futuro e passado ([1Co 8-10](#)). Alguns coríntios tinham uma consciência “fraca” porque achavam que era errado comer alimentos oferecidos como sacrifício a ídolos ([1Co 8.7](#)). Eles não reconheceram que todos os alimentos podem ser consumidos, ou são “limpos” ([Rm 14.20](#)).

Conselho superior

Veja Sinédrio.

Conselho, Conselheiro

Conselho é orientação. Um conselheiro é alguém que oferece conselhos, especialmente em questões legais. Advogados são frequentemente chamados de conselheiros. Nos tempos bíblicos, um conselheiro na corte de um rei era semelhante a um membro do gabinete político hoje. Um conselheiro às vezes poderia estar na linha de sucessão ao trono.

Conselheiros na Bíblia

Aitofel foi conselheiro de Davi e Absalão. Ele dava conselhos tão confiáveis que era como se viessem diretamente de Deus ([2Sm 16.23](#)). Os anciãos de

Israel aconselharam o rei Roboão ([1Rs 12.6](#)). Assim fizeram também os amigos de infância de Roboão (vv. [7-8](#)), embora seus amigos tenham dado conselhos ruins. A Bíblia menciona conselheiros oficiais no Egito ([Is 19.11](#)) e na Babilônia ([Dn 3.2-3](#)).

Uma pessoa sábia busca conselhos ao fazer planos: “Os planos fracassam por falta de conselho, mas com muitos conselheiros eles têm sucesso”. ([Pv 15.22](#)). Os conselheiros podem ser:

- os pais de alguém ([1.8](#));
- pessoas mais velhas ([Ez 7.26](#));
- profetas ([2Cr 25.16](#));
- homens sábios ([Jr 18.18](#));
- amigos ([Pv 27.9](#)).

Alguns conselheiros são maus e dão conselhos destinados a enganar as pessoas ([Pv 12.5](#)).

Deus como conselheiro

De acordo com a Bíblia, Deus também aconselha. Ele frustra o conselho das nações que se opõem a ele ([Sl 33.10](#)). Mas o próprio conselho de Deus perdura por muitas gerações (v. [11](#)). Ninguém pode aconselhar o Senhor ([Is 40.13](#)). Seu líder escolhido, o Messias, é chamado de “Conselheiro Maravilhoso” ([9.6](#)).

De acordo com o Novo Testamento, o Espírito Santo aconselha ou conforta os crentes ([Jo 14.16-17](#)). Cristo envia o Espírito Santo ao seu povo ([16.7](#)). O Espírito Santo, também chamado de Espírito da verdade, dá testemunho de Cristo ([15.26](#)). Jesus Cristo, depois que subiu ao céu, é visto como um conselheiro no tribunal celestial de Deus (descrito como um “advogado” em [1Jo 2.1](#)).

Veja também Espírito de Deus.

Consolador

Tradução ARC da palavra grega parakletos em [João 14.16,26](#); [15.26](#); e [16.7](#).

Veja Paracleto.

Constantino, o Grande

Constantino, o Grande, foi Imperador do Império Romano de 306 a 337 d.C. Ele governou todo o

império até o final de sua vida. Muitas pessoas o lembram principalmente por seu apoio ao Cristianismo. Ele nasceu em 272 ou 273 d.C. e morreu em 337 d.C.

Início da vida e ascensão ao poder

O pai de Constantino era Constâncio Cloro, que governou a parte ocidental do Império Romano. A mãe de Constantino era Helena, que não era casada com Constâncio.

Quando Constâncio morreu na Inglaterra em 306 d.C., seus soldados proclamaram Constantino como Imperador. Galério, o Imperador do Oriente, não gostou disso, mas concordou. Naquela época, cinco homens reivindicaram o título de Imperador, o que levou a muitas batalhas.

Galério interrompeu os ataques aos cristãos antes de morrer em 311 d.C.. Após sua morte, Constantino e outro imperador chamado Licínio uniram forças. Eles lutaram contra dois rivais: Maxêncio e Maximino Daia.

Em 312 d.C., Constantino matou Maxêncio na batalha da Ponte Mílvia, perto de Roma. Licínio derrotou Maximino Daia no ano seguinte. Por um tempo, Constantino e Licínio mantiveram a paz. Mas em 323 d.C., eles lutaram entre si. Constantino venceu as batalhas de Adrianópolis e Crisópolis. Depois disso, ele se tornou o único Imperador.

Nova capital e reformas

Em 330 d.C., Constantino fundou a cidade de Constantinopla. Ele a construiu no local da antiga cidade de Bizâncio. A cidade estava localizada no Estreito de Bósforo, onde a Europa e a Ásia se encontram, o que a tornava um bom local para comércio e defesa.

Constantino deu continuidade às reformas iniciadas por Diocleciano (que governou de 284 a 305 d.C.). Ele aprimorou o sistema monetário e permitiu que pessoas que não eram cidadãs romanas se juntassem ao exército.

Favor aos cristãos

Constantino é mais conhecido por seu tratamento aos cristãos. As pessoas ainda debatem no que ele acreditava, mas ele claramente apoiou a igreja.

Antes da batalha na Ponte Mílvia, Constantino teve um sonho. Nele, ele viu letras gregas que representavam o nome de Cristo. No dia seguinte, ele instruiu seus soldados a pintarem as letras em seus escudos.

Outra história diz que Constantino e seu exército viram uma cruz de luz acima do sol, com palavras que diziam: “vença por este sinal”.

Em 312–313 d.C., Constantino escreveu uma carta a um oficial romano no Norte da África. Ele instruiu que fosse dado dinheiro ao bispo de Cartago para ajudar a igreja.

Em 313 d.C., Constantino e Licínio promulgaram uma lei na cidade de Milão. Esta lei permitia que as pessoas seguissem qualquer religião de sua escolha.

Leis que ajudaram os cristãos

Constantino aprovou novas leis para apoiar os cristãos:

- Ele autorizou que bispos cristãos julgassem casos legais.
- Ele aboliu a marcação no rosto (marcar criminosos com metal quente) porque as pessoas são feitas à imagem de Deus.
- Ele fechou os tribunais e as oficinas aos domingos.
- Ele interrompeu as lutas de gladiadores.

Constantino permitiu que outras religiões continuassem. Até 324 d.C., ele ainda usava imagens não cristãs em moedas. A maioria das pessoas no império ainda não era cristã, então Constantino tentou não ofendê-las.

Envolvimento em conflitos na igreja

Constantino também ajudou a resolver conflitos na igreja. Em 313 d.C., um grupo chamado Donatistas desafiou o bispo de Cartago, afirmando que Ceciliano não era o verdadeiro bispo. Os Donatistas haviam se separado do restante da igreja africana. Constantino solicitou aos bispos em Roma que formassem um grupo para ouvir o caso. Os Donatistas não ficaram satisfeitos com a decisão. Então, Constantino decidiu ouvir o caso pessoalmente. Em 316 d.C., ele determinou que Ceciliano era o verdadeiro bispo.

Em 325 d.C., Constantino convocou o Concílio de Niceia. O concílio decidiu contra um ensinamento chamado Arianismo. Os arianos afirmavam erroneamente que Jesus não existia com Deus Pai

desde o princípio. Constantino transformou a decisão do Concílio em lei.

Anos finais e morte de Constantino

Em 326 d.C., Constantino ordenou a morte de seu filho Crispo e de sua esposa Fausta. Alguns disseram que eles eram culpados de adultério.

De acordo com algumas histórias, Constantino foi batizado como cristão pouco antes de morrer em 337 d.C. Após sua morte, três de seus filhos se tornaram governantes:

- 71. Constante
- 72. Constâncio
- 73. Constantino II

Veja também Césares, os.

Constelação

Um certo número de estrelas no céu, selecionadas arbitrariamente como um grupo e nomeadas por um objeto, animal ou pessoa que o contorno do grupo supostamente se assemelha. Várias constelações são mencionadas na Bíblia.

Veja também Astronomia.

Construir, Construção

Construir significa criar algo, muitas vezes utilizando madeira, pedra ou outros materiais. Um edifício é algo que as pessoas constroem para abrigo ou uso, como uma casa, templo ou muralha da cidade. A Bíblia frequentemente menciona a construção ou reconstrução de altares, templos, casas e cidades. Às vezes, a Bíblia usa a palavra *construção* como uma imagem do trabalho de Deus em seu povo ([1Pe 2.4-8](#)).

Veja Arquitetura.

Cônsul

Título dos dois mais altos magistrados civis e militares de Roma na época da República. Os cônsules atuavam como chefes de estado, comandando o exército e governando com o Senado. Eles também tinham certas funções judiciais. Normalmente, um cônsul era nomeado para um mandato de um ano. Uma carta do cônsul

Lúcio Calpúrnio Pisão (cônsul, 140–139 a.C.) para Ptolemeu VII Physcon (reinou de 145–116 a.C.) do Egito é mencionada em [1 Macabeus 15.16](#).

Conversão

Mudança total na direção de alguém na vida ou orientação moral. Para os cristãos, isso significa uma mudança de uma orientação que não leva Deus em conta para uma na qual a pessoa está submetida a Cristo. A conversão é o resultado do arrependimento.

No AT, conversão é basicamente um retorno ou uma mudança de alguém do antigo caminho da vida em direção ao Senhor, o Deus de Israel. Israel muitas vezes tinha que retornar para seu Deus ([Dt 4.30](#)), seja como indivíduos ([Sl 51](#)) ou como uma nação ([Jr 4.1](#)); nações estrangeiras precisavam se voltar para Deus pela primeira vez ([Sl 22.27](#)). A característica marcante é que alguém se volta da maldade ([Jr 26.3](#); [36.3](#); [Ez 18.21, 27](#); [33.9, 11](#)), de uma vida de deslealdade a Deus para uma vida de obediência a ele ([Is 10.20-21](#); [14.2](#); [Jr 34.15](#); [Os 14.4](#)). Conversão significa uma mudança na orientação interior que encontra expressão em um estilo de vida mudado.

No NT, João Batista começa o chamado para a conversão ([Mt 3.2](#); [Mc 1.4](#); [Lc 3.3](#)), proferindo um chamado profético para as pessoas mudarem de ideia (que é o significado raiz do termo grego) à luz da proximidade do reino de Deus. Esta mudança de vida deve incluir uma mudança nas ações para provar sua realidade ([Mt 3.8](#); [Lc 3.8](#)). Jesus pregou a mesma mensagem ([Mt 4.17](#); [Mc 1.15](#)), acrescentando que, uma vez que o reino havia chegado em sua pessoa, a obediência a ele fazia parte das boas novas da conversão. No entanto, isto também poderia ser uma má notícia, pois alguém seria condenado se falhasse em passar por esta mudança radical ([Mt 11.20](#); [Lc 13.3-5](#)). A conversão é radical, mas também simples, pois requer a simplicidade de uma criança que compromete todo o seu ser, não a autoproteção do adulto ([Mt 18.3](#)).

Fora dos Evangelhos, “conversão” não é um termo usado com frequência, exceto no livro de Atos, onde forma o chamado para o compromisso presente no clímax dos sermões evangelísticos ([2.38](#); [3.19](#); [8.22](#)), descreve o compromisso dos novos cristãos com o Senhor ([9.35](#); [11.21](#)) e retrata a mudança da vida como um retorno das trevas para a luz ([26.18-20](#)). Escritores posteriores olham para trás para a

conversão ([2Co 3.16](#)), temem que os cristãos se convertam ao paganismo ou ao judaísmo ([Gl 4.9](#)) e chamam para a reconversão dos cristãos que deixaram a fé e estão em perigo de julgamento ([Tg 5.19-20](#); [Ap 2.5, 16, 22](#); [3.19](#)).

Como no AT e na pregação de João e Jesus, a conversão tem três fatores. Primeiro, é um desvio de algo, que inclui pecados específicos, falsos deuses ou simplesmente uma vida vivida por si mesmo ([1Ts 1.9](#); [Ap 9.20-21](#); [16.11](#)). Segundo, a conversão é um produto da vontade de Deus e seu trabalho gracioso no mundo ([Atos 11.18](#); [Rm 2.4](#); [2Co 7.10](#); [2Tm 2.25](#); [2Pe 3.9](#)). Terceiro, a conversão é um retorno para alguém, um compromisso de toda a vida com Deus em Jesus Cristo ([Atos 14.15](#); [1Ts 1.9](#); [1Pe 2.25](#)). É, portanto, uma reorientação total, seja surpreendente ou não, repentina ou gradual, emocional ou calma, na qual uma pessoa transfere sua lealdade total a Deus.

Veja também Fé; Graça; Justificação, Justificado; Arrependimento; Santificação.

Convocação, Santa

Assembleias solenes eram celebradas em Israel durante festas designadas para que o povo e o Templo fossem santificados; os dias eram especialmente dedicados ao descanso e ao sacrifício a Deus.

Veja Festas e Festivais de Israel; Expição, Dia da; Sábado.

Coorte Augusta

Uma unidade militar romana mencionada em [Atos 27.1 \(versão ARC\)](#). A versão NTLH usa "Batalhão do Imperador" em vez de "Coorte Augusta".

Um centurião (um oficial encarregado de cerca de 100 soldados) chamado Júlio era membro da Coorte Augusta. Ele era um comandante responsável pela custódia do apóstolo Paulo a caminho de Roma. A palavra grega traduzida como "coorte" normalmente significava uma unidade militar romana (500 homens) ou uma força de duas unidades.

Alguns estudiosos acreditam que Júlio estava no comando daquela unidade. É incomum que um oficial que normalmente comandava uma centúria (100 homens) estivesse no comando de 500 a 1.000 homens. É possível que Júlio não estivesse no

comando de toda a unidade. Ou pode ser que não fosse uma coorte regular, mas sim um grupo especial destinado a enviar mensagens ou atuar como guardas.

Veja também Guerra.

Copeiro

Oficial cuja principal função era provar o vinho servido ao rei como precaução contra envenenamento. Copeiros frequentavam as cortes de reis e altos funcionários na antiguidade ([1Rs 10.5](#)). Esses homens estavam próximos das autoridades e, às vezes, exerciam considerável influência. Geralmente, vários deles serviam ao rei com o "chefe dos copeiros" (mordomo) à frente ([Gn 40.1-23](#)). A corte de Salomão incluía copeiros ([2Cr 9.4](#)), e Neemias era o copeiro do rei ([Ne 1.11-2.1](#)); Rabsaque pode ter sido um copeiro ([2Rs 18.13-19](#); [Is 36.2](#)).

Cor

O AT e o NT não têm palavra exata para "cor", embora a palavra apareça várias vezes em nossas Bíblias em português. As palavras traduzidas como "cor" têm significados bastante diferentes nos idiomas originais.

A palavra mais frequentemente traduzida como "cor" na BKJ literalmente significa "olho" e sugere "aparência" ([Lv 13.55](#); [Nm 11.7](#); [Pv 23.31](#); [Ez 1.4,7,16,22,27](#); [8.2](#); [10.9](#); [Dn 10.6](#)). Apenas [Lv 13.55](#) mantém a tradução "cor" na ARA. Outras palavras traduzidas como "cor" na ARA: se referem à aparência facial ([Dn 5.6-10](#); [7.28](#)), tecidos de cores variadas ([Pv 7.16](#); [Ez 17.3](#); [27.24](#)), pedras ([1Cr 29.2](#)) e couraças ([Ap 9.17](#)). A "capa de muitas cores" de José ([Gn 37.3](#), BKJ) e a "roupa de várias cores" de Tamar ([2Sm 13.18-19](#), BKJ) eram túnicas com mangas longas ou com ricos adornos, usadas como um símbolo de posição preferencial.

No NT, uma palavra que significa "pretensão" é usada arcaicamente em [At 27.30](#) e foi interpretada como "cor" pelos tradutores da BKJ. Eles também adicionaram a palavra "cor" a [Ap 17.4](#), evidentemente para esclarecer o significado.

Embora muitas cores sejam mencionadas na Bíblia, as cores não são especialmente destacadas para enfatizar a questão. As cores naturais são raramente mencionadas em descrições. de maneira

descritiva. As cores que aparecem com frequência e que são mais criteriosamente diferenciadas são cores fabricadas, especialmente corantes.

Cores mencionadas na Bíblia

Porque os hebreus percebiam a cor de forma diferente do que fazemos na cultura ocidental, às vezes é difícil traduzir precisamente as várias palavras hebraicas que significam cores. Assim, há muitas vezes uma grande variação nas traduções de tais palavras nas Bíblias em português. Para fornecer uma base para comparação, este artigo seguirá a ARA, exceto onde indicado.

As cores mencionadas com mais frequência no AT e NT são as seguintes:

“Preto” é a tradução de cinco palavras no AT e uma no NT, expressando vários graus de trevas. As palavras descrevem a cor de cordeiros ([Gn 30.32-33.35.40](#)), cabelo ([Lv 13.31.37](#); [Ct 5.11](#); [Mt 5.36](#)), pele ([Jó 30.30](#)), cavalos ([Zc 6.2.6](#); [Ap 6.5](#)), o céu ([1Rs 18.45](#); [Is 50.3](#); [Jr 4.28](#)), o dia ([Jó 3.5](#); [Mq 3.6](#)), o sol entenebrecido ([Ap 6.12](#)) e um exército invasor ([Jl 2.2](#)). A “escuridão” de Jó ([Jó 30.28](#)) foi entendida como doença ou tristeza.

“Azul” provavelmente se refere a um corante azul-púrpura obtido dos moluscos do Mediterrâneo. Uma cor popular, era considerada menos desejável na antiguidade do que o púrpura “real”. Ambos os corantes foram produzidos em Tiro, que, ao mesmo tempo, tinha um monopólio na fabricação de corante azul e púrpura ([2Cr 2.7.14](#); [Ez 27.24](#)). Os navios de Tiro tinham toldos de azul e púrpura ([Ez 27.7](#)). O azul foi usado nos tecidos do tabernáculo ([Êx 26.1](#); [Nm 4.6-9](#)), as roupas dos sacerdotes ([Êx 28.5-6](#)), no templo de Salomão ([2Cr 2.7.14](#)) e na corte persa ([Et 1.6](#); [8.15](#)). Azul não é mencionado no NT.

“Carmesim” é a tradução em português de três palavras hebraicas diferentes. Esta cor vermelha de vários tons derivava de certos insetos. A palavra descreve certos tecidos no templo de Salomão ([2Cr 2.7.14](#); [3.14](#)) e foi usada figurativamente para descrever o pecado ([Is 1.18](#)). A palavra traduzida “carmesim” para descrever roupas de Bozra ([63.1](#)) provavelmente significa “cores vívidas” em vez de um tom específico.

“Cinza”, uma cor encontrada apenas no AT, é usada exclusivamente para descrever a velhice — como nos cabelos grisalhos ou de cabeça cinza ([Gn 42.38](#); [44.29-31](#); [Dt 32.25](#); [1Sm 12.2](#); [1Rs 2.6.9](#); [Jó 15.10](#); [Sl 71.18](#); [Pv 20.29](#); [Is 46.4](#); [Os 7.9](#)). Uma palavra diferente usada para descrever cavalos cinzentos

malhados ([Zc 6.3](#)) provavelmente significa “moteados” ou “salpicados”.

“Verde” traduz sete palavras no AT e duas no NT. A maioria das palavras se refere à vegetação e descreve uma condição fresca ou úmida das plantas, em vez de sua cor. Os seguintes itens são descritos como “verdes”: plantas ([Gn 1.30](#)), árvores ([1Rs 14.23](#)), ramos ([Jó 15.32](#)), pastagens ([Sl 23.2](#); [Jl 2.22](#)), ervas ([Sl 37.2](#)), oliveiras ([Sl 52.8](#); [Jr 11.16](#)), espinhos ([Sl 58.9](#)), folhas ([Jr 17.8](#)), relva ([Mc 6.39](#); [Ap 8.7](#)) e madeira ([Lc 23.31](#)). Além de várias plantas, a asa de uma pomba ([Sl 68.13](#)), um sofá ([Ct 1.16](#)) e uma pessoa justa ([Sl 92.14](#)) também são descritos como “verde”. As práticas de adoração idólatra ocorreram sob “toda árvore verde” ([Dt 12.2](#); [2Rs 16.4](#); [Is 57.5](#); [Jr 2.20](#); [Ez 6.13](#)), embora a palavra realmente descreva o crescimento exuberante das folhas em vez de sua cor.

Outra palavra, “esverdeado”, é derivada de uma das palavras do AT para “verde” e se refere à doença ([Lv 13.49](#)) e fungo que se forma nas paredes das casas ([14.37](#)).

“Púrpura” era o corante mais altamente valorizado no mundo antigo. Englobando tonalidades que variam do atual púrpura ao vermelho, essas cores eram obtidas dos moluscos das classes de Gastropoda. As primeiras pessoas a usar o corante possivelmente foram os antigos fenícios, cujo nome podem vir de uma palavra grega que significa “vermelho-sangue”. De qualquer forma, os fenícios monopolizaram a indústria púrpura por muitos anos. Alguns tecidos foram descritos como sendo púrpura: aqueles usados no tabernáculo ([Êx 25.4](#); [26.1](#)), nas vestes dos sacerdotes ([28.5-8.15.33](#)), no templo de Salomão ([2Cr 2.7](#)), no estofamento da carruagem de Salomão ([Ct 3.10](#)) e nas decorações da corte persa ([Et 1.6](#)). Púrpura era costumeiramente usada por pessoas abastadas financeiramente e pessoas de ascendência real ([Jz 8.26](#); [Pv 31.22](#); [Dn 5.7](#)). Mordecai foi recompensado com uma roupa de púrpura ([Et 8.15](#)). Daniel recebeu uma roupa semelhante ([Dn 5.29](#)). Era usada por soldados Assírios ([Ez 23.6](#)). Jeremias descreveu ídolos que foram vestidos de vestes azuis e púrpura ([Jr 10.9](#)). Os navios de Tiro tinham toldos de azul e púrpura ([Ez 27.7](#)), e o corante púrpura era um item de comércio entre Tiro e o povo de Arã (v. [16](#)). É usado uma vez para descrever a cor do cabelo ([Ct 7.5](#)).

As referências a púrpura no NT são menos frequentes do que no AT, mas afirmam a importância econômica contínua do corante. As roupas púrpuras denotavam riqueza ([Lc 16.19](#)).

Jesus foi vestido de púrpura por soldados romanos ([Mc 15.17.20](#); [Jo 19.2.5](#); cf. [Mt 27.28](#), “escarlate”). A roupa púrpura e escarlate da prostituta Babilônia simbolizava a posição real ([Ap 17.4](#)). Lídia de Tiatira era uma vendedora de tecidos de púrpura ([At 16.14](#)).

“Vermelho” frequentemente se refere à cor natural de certos objetos mencionados na Bíblia: pele ([Gn 25.25](#)), guisado ([v. 30](#)), o olho ([49.12](#), embora a palavra usada aqui possa significar “cintilante” ou “trevas”), uma novilha sacrificial ([Nm 19.2](#)), água ([2Rs 3.22](#)), o rosto daquele que chora ([Jô 16.16](#)), vinho ([Pv 23.31](#)), os olhos daquele que bebe vinho (v. [29](#)), roupas ([Is 63.2](#)), um escudo ([Na 2.3](#)) e cavalos ([Zc 1.8; 6.2](#)). É usado figurativamente para descrever o pecado ([Is 1.18](#)). Uma doença leprosa ([Lv 13.49](#)), uma mancha na pele (vv. [19.24.42-43](#)) e fungo na parede de uma casa ([14.37](#)) estavam descoloridos com um tom avermelhado. O Mar Vermelho é mencionado frequentemente no AT ([Êx 10.19; 15.4](#)), mas as palavras hebraicas assim traduzidas realmente significam “Mar de Juncos”. No entanto, no NT, a palavra grega é, na verdade, a palavra “vermelho” ([At 7.36; Hb 11.29](#)). No NT, o vermelho é usado para descrever a cor do céu ([Mt 16.2-3](#)), um cavalo ([Ap 6.4](#)) e um dragão ([12.3](#)).

“Escarlate”, uma tonalidade vermelha brilhante derivada de certos insetos, era usada para tecidos e fios e era altamente valorizada no mundo antigo ([Ap 18.12](#)). É difícil distinguir entre “escarlate” e “carmesim” na Bíblia. Um fio escarlate estava ligado à mão de Zerá no nascimento ([Gn 38.28.30](#)). A palavra descreve certos tecidos no tabernáculo ([Êx 25.4; 26.1.31.36; 27.16](#)), as roupas dos sacerdotes ([28.5-8.15.33](#)), corda ([Js 2.18.21](#)), roupas ([2Sm 1.24; Pv 31.21; Jr 4.30](#)), lábios ([Ct 4.3](#)) e uniformes dos soldados ([Na 2.3](#)). Algum tipo de material escarlate foi usado durante a ratificação da aliança no Sinai ([Hb 9.19](#)), para a purificação de um leproso ([Lv 14.4-6](#)) e de uma casa (vv. [49-52](#)), para cobrir os artigos na mesa do pão da Presença ([Nm 4.8](#)) e para o ritual da novilha vermelha ([19.6](#)). Mateus descreveu o manto de Jesus em seu julgamento como escarlate ([Mt 27.28](#)). A mulher de [Ap 17.3-4](#) estava vestida de púrpura e escarlate e sentada sobre uma besta escarlate. O luxo associado a Roma é sugerido pela descrição de roupas de púrpura e escarlate ([Ap 18.16](#)). Escarlate, como carmesim e vermelho, também é usado figurativamente como pecados ([Is 1.18](#)).

“Branco” traduz uma série de palavras encontradas na Bíblia. É geralmente a cor de objetos naturais, como cabras ([Gn 30.35](#)), cabelo ([Lv 13.10; Mt 5.36;](#)

[Ap 1.14](#)), pele doente ([Êx 4.6; Lv 13.4.17](#)), maná ([Êx 16.31](#)), neve ([2Rs 5.27](#)), leite e dentes ([Gn 49.12](#)), cavalos ([Zc 1.8; 6.3; Ap 6.2; 19.11](#)), um jumento ([Jz 5.10](#), BJK; RSV “amarelado”), lâ ([Ez 27.18](#)), pedras especiais ([Ap 2.17](#)), luz ([Mt 17.2](#)), nuvens ([Ap 14.14](#)) e campos prontos para a colheita ([Jo 4.35](#)). É usado para descrever a cor das cortinas ([Et 1.6](#)), roupas ([Et 8.15; Ec 9.8; Dn 7.9; Mc 16.5; Ap 3.5.18; 4.4](#)), as roupas dos anjos ([Jo 20.12; At 1.10](#)) e um trono ([Ap 20.11](#)). É usado figurativamente para descrever a purificação do pecado ([Sl 51.7; Is 1.18; Dn 12.10](#)) e a aparição de príncipes ([Lm 4.7](#)).

Veja também Pano e Fabricação de Pano; Tintura, Tingimento, Tintureiro.

Cor

Grande medida seca.

Veja Pesos e Medidas.

Corá

1. Terceiro filho de Esaú com Oolibama, filha de Aná ([Gn 36.5.14.18; 1Cr 1.35](#)).

2. Neto de Esaú; quinto filho de Elifaz ([Gn 36.16](#)).

3. Filho mais velho de Isar, filho de Coate da tribo de Levi ([Êx 6.21.24](#)), que liderou uma rebelião contra Moisés e Arão no deserto, acusando-os de se exaltarem acima da assembleia do Senhor ([Nm 16.1-3](#)). [Números 16.1](#) também registra uma revolta liderada por dois irmãos, Datã e Abirão, e um homem chamado On, todos da tribo de Rúben, que também desafiaram a autoridade de Moisés. Datã e Abirão acusaram Moisés de se fazer príncipe sobre o povo e depois falhar em conduzi-los à Terra Prometida (vv. [12-14](#)). As histórias das duas rebeliões estão entrelaçadas de tal forma que é difícil separá-las. Pode ser que as duas revoltas tenham ocorrido simultaneamente.

Moisés desafiou Corá e seus seguidores a uma prova por ordálio. Junto com Arão, eles deveriam levar incensários cheios de fogo e incenso para a tenda do encontro no dia seguinte; o Senhor então escolheria entre eles quem deveria ser o sacerdote santo diante do Senhor ([Nm 16.4-10.15-17](#)). Moisés acusou Corá e sua companhia de se rebelarem contra Deus em vez de contra Arão (v. [11](#)). Quando os homens se reuniram conforme Moisés havia instruído, a glória do Senhor apareceu a todo o povo. O Senhor ordenou a Moisés que

disse a congregação para se separar das tendas de Corá, Datã e Abirão (vv [19-24](#)). Moisés propôs um teste para mostrar a fonte de sua autoridade, mas enquanto ele ainda falava, a terra se abriu e engoliu todos os rebeldes, suas famílias e seus bens. O fogo consumiu os 250 homens que estavam oferecendo o incenso. O restante dos israelitas ficou apavorado e fugiu da cena (vv [31-35](#)). [Números 26.11](#) acrescenta, no entanto, que “os filhos de Corá não morreram naquele dia” com os outros.

Então, através de Moisés, o Senhor instruiu Eleazar, filho de Arão, a pegar os incensários dos homens que haviam morrido e transformá-los em placas marteladas para serem usadas como cobertura para o altar. Assim, eles serviriam como um lembrete para os israelitas de que ninguém que não fosse sacerdote e descendente de Arão deveria jamais se aproximar para queimar incenso diante do Senhor, para que essa pessoa não encontrasse o mesmo destino que Corá e sua companhia ([Nm 16.36-40](#)).

Em vez de estarem convencidos de que Deus havia vindicado Moisés e Arão, no dia seguinte a congregação começou a reclamar que eles haviam matado o povo do Senhor. Por este ato de rebelião, Deus ameaçou destruir a congregação e enviou uma praga entre eles. Moisés intercedeu e evitou uma catástrofe completa, mas não antes que 14.700 israelitas tivessem morrido ([Nm 16.41-50](#)). O incidente rebelde dos coraítas é mencionado pela última vez em [Judas 1.11](#).

Veja também Coraita, coratita.

4. Filho mais velho de Hebrom, incluído na genealogia de Calebe ([1Cr 2.43](#)); a referência tem sido entendida como um nome geográfico, possivelmente uma cidade em Judá.

5. Filho de Aminadabe e neto de Coate, segundo filho de Levi ([1Cr 6.22](#)).

Coração

Órgão corporal vital; centro emocional do ser.

Em hebraico e grego, como no português moderno, “coração” é usado para designar um órgão físico, bem como o centro emocional do ser. “Coração” (hebraico *leb*; grego *cardia*) ocorre aproximadamente 1.000 vezes na Bíblia, embora muitas vezes seja disfarçado na tradução. A gama de significado é grande.

Coração Físico

Que o coração batendo indica que a vida parece implícito em [1 Samuel 25.37-39](#) (veja NVI), apesar do atraso na morte de Nabal. Comida física e vinho afetam o coração ([Jz 19.5](#); [Sl 104.15](#); [Atos 14.17](#)), e o coração pode “enfraquecer” e “tremar”. A posição do coração no corpo fornece uma metáfora óbvia para “o centro” ([Mt 12.40](#)).

Coração Psicológico

O coração atende intelectualmente (p. ex., [Jr 12.11](#)); também percebe ([Jo 12.40](#)), entende ([1Rs 3.9](#)), debate ([Mc 2.6](#)), reflete ([Lc 2.19](#)), lembra ([Lc 2.51](#)), pensa ([Dt 8.17](#)), imagina ([Lc 1.51](#)), é sábio ([Ec 1.17](#), ARC), tem habilidade técnica ([Êx 28.3](#), ARC), e muito mais.

Emocionalmente, o coração experimenta felicidade intoxicada ([1Sm 25.36](#)), contentamento ([Is 30.29](#)), alegria ([Jo 16.22](#)), tristeza ([Ne 2.2](#)), angústia ([Rm 9.2](#)), amargura ([Pv 14.10](#)), ansiedade ([1Sm 4.13](#)), desespero ([Ec 2.20](#)), amor ([2Sm 14.1](#)), confiança ([Sl 112.7](#)), afeição ([2Co 7.3](#)), luxúria ([Mt 5.28](#)), insensibilidade ([Mc 3.5](#)), ódio ([Lv 19.17](#)), medo ([Gn 42.28](#)), ciúme ([Tg 3.14](#)), desejo ([Rm 10.1](#)), desânimo ([Nm 32.9](#)), simpatia ([Êx 23.9](#)), raiva ([Dt 19.6](#), KJV), irresolução ([2Cr 13.7](#), KJV), e muito mais.

Voluntariamente, o coração pode propor ([1Co 4.5](#)), inclinar-se para ([1Sm 14.7](#)), incitar ([2Rs 12.4](#); cf. [Pv 4.23](#)), ser firme ([Atos 11.23](#)), estar disposto ([Êx 35.22](#)), planejar o mal ([Atos 5.4](#)), ou seguir seu “tesouro” ([Mt 6.21](#)).

Moralmente, o coração pode ser gentil, humilde ([Mt 11.29](#)), santo ([1Ts 3.13](#)), fiel ([Ne 9.8](#)), justo ([Sl 97.11](#)), puro, honesto ([Tg 4.8](#)), limpo ([Atos 15.8](#)), amoroso para com Deus ([Mc 12.30](#)) e outros ([1Pe 1.22](#)), endurecido, ou sensível ([Ez 11.19](#)). A ênfase das Escrituras recai sobre o mal do coração ([Gn 6.5](#) e por toda parte), como autoengano ([Tg 1.26](#)), enganoso ([Jr 17.9](#)), avarento ([Mt 6.19-21](#)), luxurioso ([Mt 5.28](#)), arrogante ([Is 9.9](#)), ímpio ([At 7.51](#)), perverso ([Sl 101.4](#)), e impenitente ([Rm 2.5](#)). Nada corrompe um homem mais do que seu próprio coração ([Mc 7.18-19](#)).

No entanto, do coração pode vir o bem ([Lc 6.45](#); [8.15](#)). Mesmo quando frustrado por circunstâncias ou pelo medo, a boa intenção do coração permanece boa; sua intenção maligna, ruim ([1Rs 8.18](#); [Mt 5.28](#)).

Sendo tão complexo, o coração de uma pessoa é tristemente dividido, e as Escrituras muitas vezes

exaltam um coração perfeito, inteiro e verdadeiro (isto é, unido) ([Gn 20.5](#); [Sl 86.11](#); [Atos 8.37](#)). O “coração” significa o eu interior total, o núcleo oculto de uma pessoa ([1Pe 3.4](#)), com o qual alguém comunga, que “derrama” em oração, palavras e ações ([Sl 62.8](#); [Mt 15.18-19](#)). É o eu genuíno, distinto da aparência, posição pública e presença física ([1Sm 16.7](#); [2Co 5.12](#); [1Ts 2.17](#)). E este “eu do coração” tem sua própria natureza, caráter e disposição ([Dn 4.16](#); [7.4](#), KJV; cf. [Mt 12.33-37](#)).

O Coração Espiritual

O coração é especialmente importante na religião bíblica. O mistério do eu oculto é totalmente conhecido por Deus e por Cristo ([Jr 17.10](#); [Lc 9.47](#); [Rm 8.27](#)), e o coração é a base de nosso conhecimento de Deus ([2Co 4.6](#)). O estado do coração governa a visão de Deus ([Mt 5.8](#)); do coração se fala com Deus ([Sl 27.8](#)); o coração é o local da habitação divina ([2Co 1.22](#); [Gl 4.6](#); [Ef 3.17](#)).

Por outro lado, o mal moral no coração é visto na perspectiva bíblica como pecado contra Deus. Os corações sem sentido estão em trevas, muitas vezes secretamente idólatras, longe de Deus, “injustos” diante de Deus ([Dt 29.18-19](#); [Mt 15.8](#); [At 8.21](#); [Rm 1.21](#)). No entanto, o Senhor não desprezará um coração quebrantado e arrependido ([Sl 51.17](#)). Quando o coração de alguém está voltado para Deus, ele promete torná-lo sensível às coisas divinas, renovado e purificado ([Dt 4.29](#); [2Rs 23.25](#); [Sl 51.10](#); [Jl 2.13](#); [Ez 36.25-27](#)). A lei de Deus então será escrita no coração como o guia interior e incentivo ([Jr 31.33](#); [Hb 8.10](#); cf. [2Co 3.2-3](#)).

Em termos cristãos, tal transformação envolve acreditar no evangelho de “coração honesto e bom” que fornece solo frutífero para a Palavra de Deus ([Lc 8.15](#); [Rm 10.9](#)). O verdadeiro coração se aproxima de Deus, o ama com todo o seu intelecto, sentimento e vontade ([Lc 10.27](#); [Hb 10.22](#)). Então Deus dá força, recompensa, renovação, graça, paz e alegria ao coração ([Sl 73.26](#); [Is 57.15](#); [At 2.46](#); [Ep 4.7](#); [Hb 13.9](#)). Então o ideal antigo se torna possível novamente, o de ser “um homem segundo o coração do próprio Deus” ([1Sm 13.14](#); [At 13.22](#)).

Coraíta, coratita

Um membro da tribo de Levi, da divisão de Coate ([Êx 6.18,21](#)).

Seu ancestral, Isar, era membro da família sacerdotal e estava relacionado a Moisés e Arão.

Corá, Datã e Abirão lideraram uma rebelião contra Moisés e Arão, que terminou com a morte de muitos coraítas ([Nm 16.31-35](#)). Somente aqueles que não participaram da rebelião sobreviveram ([Nm 16.11](#)). Eles se estabeleceram ao redor de Hebrom em áreas reservadas para os levitas ([Nm 26.58](#)).

Os coraítas eram conhecidos como cantores do templo, de acordo com [Salmos 42](#), [44-49](#), [84-85](#) e [87-88](#). Davi os encarregou do serviço musical na casa do Senhor depois que a Arca da Aliança foi trazida para Jerusalém ([1Cr 6.31-33](#)). Eles também atuavam como porteiros ([1Cr 9.19](#); [26.19](#)). Eles assavam bolos usados em sacrifícios ([1Cr 9.31](#)). Eles são mencionados como cantores na celebração da vitória de Josafá sobre Amom e Moabe ([2Cr 20.19](#)).

Veja também Corá nº 3.

Coral

O coral é uma substância dura formada quando pequenos animais marinhos constroem conchas externas protetoras, semelhantes às conchas duras que protegem os caracóis. Essas conchas são feitas de cálcio, o mesmo mineral que fortalece ossos e dentes. Quando muitos desses pequenos animais vivem e morrem no mesmo local, suas conchas se acumulam, criando grandes estruturas no oceano.

O coral vermelho (*Corallium rubrum*) que cresce no Mar Mediterrâneo e no Mar Vermelho tem sido especialmente valioso ao longo da história. As pessoas usaram este coral vermelho para fazer joias e remédios. Enquanto vivo, ele parece verde e arbustivo, assemelhando-se a uma planta subaquática. Ele tem essa aparência porque os pequenos animais de coral se fixam em um local e não podem se mover. Uma vez fora da água, ele se torna duro e vermelho.

Nos tempos antigos, o coral era usado como moeda, juntamente com gemas, pérolas e ouro. Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que quando o livro de [Lamentações 4.7](#) menciona algo vermelho e precioso, está falando sobre pérolas em vez de coral. No entanto, [Jó 28.18](#) e [Ezequiel 27.16](#) provavelmente se referem ao coral vermelho.

Veja Minerais e Metais; Pedras Preciosas.

Corante, tingimento, tingidor

Um corante é uma substância colorida usada para mudar a cor de têxteis, couro e outros materiais. Tingimento é o processo de aplicar essas cores aos materiais. Um tintureiro é uma pessoa que trabalha com corantes para colorir tecidos e outros materiais. A prática de tingir materiais existia no Oriente Próximo mesmo antes do tempo de Abraão. A Bíblia menciona quatro cores de corantes: púrpura, azul (na verdade, um tom de violeta), carmesim e escarlata.

Corantes Roxo e Azul

Os corantes roxo e azul eram obtidos de pequenos moluscos murex encontrados ao longo da costa fenícia. O corante era um líquido especial produzido por esses moluscos. Quando exposto ao ar, esse líquido mudava de cor de amarelado-branco para vermelho, violeta ou roxo, dependendo do tratamento que recebia. Como esse corante era caro de produzir, apenas pessoas ricas podiam se dar ao luxo de usar roupas roxas. O roxo, portanto, tornou-se um símbolo de realeza e riqueza. O corante era comumente conhecido como "roxo de Tiro" porque as cidades fenícias de Tiro e Sidom eram os principais fornecedores ([Ezequiel 27.16](#)).

Corantes Carmim e Escarlata

Crimson e escarlata eram cores vermelhas brilhantes obtidas do inseto kermes (uma pequena larva que se alimenta de um tipo de carvalho que cresce no sul da Europa e na Ásia Menor). Alguns tintureiros sírios ainda usam kermes hoje em dia, mesmo que tinturas europeias artificiais estejam disponíveis. As "peles de carneiros curtidas" mencionadas em [Êxodo 25.5](#) ainda são feitas na Síria. A pele curtida é esfregada com tinta feita fervendo o kermes em água. Quando seca, a pele é oleada, polida e usada para chinelos beduínos e outros belos itens de couro.

Os "bens púrpura" vendidos por Lídia de Tiatira eram, na verdade, de uma cor vermelha opaca, agora às vezes chamada de "vermelho da Turquia" ([At 16.14](#)). Essa cor vinha da raiz da planta de ruiva. Era usada tanto para exportação para a Europa quanto para uso local na tintura de algodão e lã para tapetes e roupas. O cultivo de ruiva era uma indústria importante em Chipre e Síria. Um pai plantaria um novo campo de ruiva para cada filho nascido, que eventualmente se tornaria a herança

desse filho. Tiatira tinha um grupo especial de trabalhadores chamado de guilda dos tintureiros.

Veja também Tecido e Fabricação de Tecidos.

Corazim

Uma cidade na Palestina onde Jesus realizou muitos milagres, mas o povo não se arrependeu, levando-o a pronunciar julgamento sobre eles ([Mt 11.21-24](#); [Lc 10.13-14](#)). A maioria dos milagres de Jesus foi realizada em Corazim, Betsaida e Cafarnaum. No entanto, as pessoas lá não responderam nem se arrependeram ([Mt 11.20](#)).

Corazim estava provavelmente perto de Cafarnaum e Betsaida. O pai da igreja, Jerônimo (que viveu por volta de 400 d.C.), escreveu sobre Cafarnaum. Ele disse que ficava a cerca de 3,2 quilômetros de Cafarnaum, que está na margem noroeste do Mar da Galileia.

A maioria dos estudiosos acredita que as ruínas chamadas Khirbet Kerazeh, localizadas nas colinas ao norte de Cafarnaum, são os restos da antiga Corazim. Essas ruínas indicam que foi uma cidade importante. Entre os restos está uma sinagoga (local de culto judaico) provavelmente construída no quarto século d.C. A sinagoga contém um assento de pedra esculpido com uma inscrição, que é um exemplo de um "assento de Moisés" ([Mt 23.2](#)). De acordo com o Talmude Judaico (um texto central no Judaísmo), Corazim era conhecida por seu trigo.

Corbã*

Transliteração grega de um termo hebraico (*korban*) que ocorre apenas em *Mc 7.11*, onde Marcos fornece uma explicação editorial: [corbã](#) é "dado", isto é, "dedicado ou dado a Deus". Assim, corbã é uma oferta.

A lei judaica permitia que os indivíduos reservassem seu serviço ou propriedade como "dedicado a Deus", removendo-o assim do uso profano e dando-lhe o caráter de uma oferta destinada a Deus. Fazer isso era uma decisão séria (de acordo com a Mishná, Nedarim) e era raramente revertida (Nedarim 5), quem violasse um voto de corbã corria o risco de enfrentar graves consequências de julgamento divino. Em [Mc 7](#), Jesus castiga os escribas porque, teoricamente, um filho poderia excluir seus pais de obter qualquer

benefício de sua propriedade declarando sua propriedade “corbã a eles”. Isso, de fato, anula o quinto mandamento (veja [Êx 20.12](#)), estabelecendo tradições rabínicas contra a lei de Moisés. Pior ainda, se o filho se arrependesse de seu voto — argumentando que havia sido feito às pressas — um tribunal rabínico, sem dúvida, proibiria uma reversão de corbã ([Mc 7.12](#); cf [Nm 30.1-2](#)).

Corça

Uma corça é uma fêmea do veado ([Pv 5.19](#)).

Veja Veados.

Corça

Uma corça é um animal jovem, geralmente um cervo.

Veja Animais (veado).

Corça, corço

Veja Animais (cervo; gazela).

Corcunda

Um corcunda é uma condição física em que a pessoa tem uma coluna vertebral anormalmente curvada, criando uma forma arredondada ou encurvada nas costas.

Veja Deformidade.

Cordeiro

Um cordeiro é uma ovelha jovem. Na Bíblia, os cordeiros fazem parte do grupo mais amplo chamado ovelhas, que inclui tanto animais jovens quanto adultos.

Os cordeiros eram frequentemente usados para sacrifícios na adoração de Israel ([Êx 12.3-6](#); [Lv 4.32](#)).

No Novo Testamento, "Cordeiro de Deus" é um título para Jesus Cristo ([Jo 1.29](#)). Significa que Jesus deu sua vida como o sacrifício final para tirar os pecados do mundo ([1Pe 1.19](#); [Ap 5.6](#)). Isso se

conecta aos cordeiros sacrificados na Páscoa. Deus instruiu os israelitas a marcarem suas portas com o sangue do cordeiro para que fossem poupados da morte no Egito ([Êx 12.21-27](#)).

Veja Ovelha; *Veja também* Animais; Cordeiro de Deus.

Cordeiro de Deus

Um termo geral usado duas vezes por João Batista quando viu Jesus ([Jo 1.29,36](#)). Na primeira vez, João acrescentou: "que tira o pecado do mundo!" João não explicou o que o termo significava. Os cristãos usam esse termo com frequência, mas o que ele significa? Por que alguém seria chamado de "Cordeiro de Deus"?

O cordeiro da Páscoa

Alguns estudiosos acreditam que João viu Jesus cumprindo tudo o que a Páscoa significa e que esta é uma forma de se referir ao cordeiro pascal. O quarto Evangelho coloca a morte de Jesus no momento em que os sacrifícios da Páscoa eram realizados. No entanto, "cordeiro pascal" é uma expressão moderna. Não se conhecem exemplos de seu uso nos tempos antigos. Quando as pessoas queriam se referir ao animal sacrificado para este sacrifício, elas simplesmente o chamavam de "a Páscoa" ([Êx 12.21](#), compare [1Co 5.7](#)). O animal da Páscoa nem sempre era um cordeiro. Poderia ser, e muitas vezes era, um cabrito jovem. Não há uma razão clara para conectar a Páscoa com a expressão "Cordeiro de Deus".

O cordeiro na profecia de Isaías

Alguns estudiosos acreditam que a imagem vem de [Isaías 53](#). Eles veem o cordeiro levado ao matadouro no versículo 7 como uma referência ao Messias (o escolhido de Deus).

O cordeiro nos escritos apocalípticos

Alguns estudiosos acreditam que há uma referência ao cordeiro triunfante encontrado em escritos apocalípticos. Os escritores da literatura apocalíptica usavam imagens vívidas para revelar seu significado aos iniciados e escondê-lo dos de fora. Eles às vezes usavam o cordeiro como símbolo de um conquistador (compare o uso de "o Cordeiro" para "o Poderoso" em Apocalipse). Esses estudiosos acreditam que João estava apontando para Jesus como o Messias, rei de Israel. Muitos

acham essa visão atraente. A posição real que ela confere a Jesus certamente se encaixa com o Evangelho de João. Mas essa visão tem um problema. João estava falando sobre um Cordeiro que tira o pecado, enquanto o cordeiro apocalíptico é normalmente um conquistador. Esses são papéis diferentes. Além disso, não é fácil ver como os leitores não-judeus do Evangelho teriam entendido a imagem apocalíptica quando foi escrita.

Outros possíveis significados

Existem outras sugestões. O "manso cordeiro" ([1r 11.19](#)), o sacrifício diário no templo, o bode expiatório (um animal que simbolicamente levava os pecados do povo) e a oferta pela culpa foram todos sugeridos com alguma confiança. No entanto, ninguém apresentou evidências de que algum desses foi chamado de "cordeiro de Deus".

O significado do sacrifício

No Antigo Testamento, as passagens que se referem a um cordeiro quase sempre falam de sacrifício (85 de um total de 96). Combinado com uma referência à remoção do pecado, é difícil não ver uma alusão à expiação sacrificial (fazer as pazes entre Deus e os humanos). Tipicamente, o cordeiro nas Escrituras elimina o pecado sendo sacrificado. "O Cordeiro de Deus" significa que essa provisão é feita pelo próprio Deus. Uma referência ao sacrifício parece clara, mas é difícil estabelecer uma conexão com qualquer sacrifício específico. Cristo cumpriu perfeitamente tudo o que os sacrifícios do Antigo Testamento apontavam. O Cordeiro de Deus elimina o pecado de uma vez por todas.

Veja também Festas e festivais de Israel; João, o Apóstolo; João, Evangelho de.

Coré

1. Levita coatita que, junto com seus irmãos, era responsável pelo serviço na entrada da tenda do encontro no tempo de Davi ([1Cr 9.19](#); [26.1](#)).

2. O filho de Imna, um levita que era guardião do Portão Leste durante o reinado de Ezequias. Ele era responsável pelas ofertas voluntárias do povo ([2Cr 31.14](#)).

Coreítas

Ortografia alternativa da NVI de Coraíta, um descendente de Corá, filho de Hebrom, em [1 Crônicas 12.6](#). *Veja* Corá #4.

Coríntios, Primeira Carta Aos

Resumo

- Autor
- Data e Origem
- Contexto
- Propósito e ensino
- Conteúdo

Autor

Não há dúvida sobre quem escreveu 1 Coríntios, pois todos os estudiosos concordam que o apóstolo Paulo a escreveu em sua terceira jornada missionária enquanto ele estava morando em Éfeso. Por esta altura, Paulo era um missionário maduro, de meia-idade (talvez 55 anos), totalmente experiente após plantar igrejas em torno de um quarto do mundo mediterrâneo.

Data e Origem

Paulo trabalhou em Corinto por volta de 50 a 52 d.C. Após uma breve estadia em Jerusalém, ele voltou para sua obra missionária, desta vez em Éfeso ([Atos 19](#)), onde ele ministrou por três anos (53–55/56 d.C.). Durante este período, ele escreveu pelo menos três cartas a Corinto, além de fazer uma visita. Sua primeira carta, muitas vezes chamada de "a carta anterior", é mencionada em [1 Coríntios 5.9–11](#). Sabemos através desta referência que a carta foi mal compreendida, contudo sabemos pouco sobre seu conteúdo, pois foi perdida.

Em algum momento do ano 55 d.C., após ouvir relatos da casa de Cloé ([1Co 1.11](#)), que provavelmente eram membros da igreja doméstica de Cloé, ele ditou uma segunda carta a Corinto, a qual conhecemos como "1 Coríntios". Esta foi provavelmente enviada através das mãos de Estêvão, Fortunato e Acaico ([16.17](#)). Paulo mais tarde escreveria uma terceira carta a Corinto, chamada de "a carta das lágrimas" ([2Co 2.2–3](#)), e então, finalmente, 2 Coríntios.

Contexto

Corinto era uma cidade portuária, destruída pelos romanos em 146 a.C. e reconstruída em 46 a.C. por Júlio César. Após o ano 27 a.C., se tornou a capital romana da Acaia, onde o procônsul tinha sua residência ([Atos 18.12](#)). A cidade era na realidade composta por três cidades: o porto de Cencreia, a cerca de 13 quilômetros a leste, onde os navios do Egeu descarregavam; o porto de Lequeu, a cerca de 1,6 quilômetros a oeste, no Golfo de Corinto, onde os navios seriam recarregados, seus bens eram transportados em vagões ao longo do canal e os navios ficavam sobre rolos; além da própria cidade, que ficava no terreno alto do meio.

A acrópole da cidade, no topo da íngreme e alta Acrocorinto, continha o templo de Afrodite, onde 1.000 escravas eram dedicadas ao serviço desta deusa do amor. Este distinto culto de Corinto era dedicado à veneração de Afrodite, deusa do amor, beleza e fertilidade, que é identificada com a Vênus romana. Associado a tais práticas religiosas estava uma degradação moral geral. A moral coríntia era notoriamente corrupta, mesmo quando comparada com a Roma pagã. Na cidade havia uma sinagoga ([Atos 18.4](#)); pois apesar da cidade, como uma colônia romana, ser em grande parte povoada por italianos, ela havia atraído outros povos do Mediterrâneo, entre os quais estavam os judeus.

Propósito e ensino

A principal preocupação de Paulo em 1 Coríntios era a unidade da igreja. Havia um egocentrismo em Corinto que resultou na construção de conflitos dentro da igreja, visto que ostentavam conhecimento e liberdade diante de outros que ficavam escandalizados com isso, além de exibir egoísmo nos serviços de adoração.

Duas outras grandes preocupações também surgem no livro. Primeiro, juntamente com outras práticas pagãs, a ética sexual relaxada de Corinto havia influenciado a igreja; Paulo precisava estabelecer algumas barreiras. Segundo, havia um problema em aceitar a ressurreição do corpo; Paulo percebeu que esta questão trazia implicações que poderiam abalar o fundamento da fé e, por isso, afirmou vigorosamente a ressurreição.

Essas últimas duas áreas, bem como aspectos da questão sobre a unidade (especialmente seu interesse com o conhecimento), foram identificados por alguns estudiosos como influências gnósticas, levando à conclusão de que Paulo estava se opondo a um partido gnóstico em

Corinto. Um exame minucioso revela, no entanto, que, embora alguns dos elementos que flutuavam no meio coríntio tenham posteriormente contribuído para o desenvolvimento do gnosticismo, seria anacrônico chamá-los de gnósticos. Ao reconhecer ideias proto-gnósticas na situação coríntia, é importante manter a interpretação dentro do contexto do primeiro século.

Assim, o foco da preocupação de Paulo era a igreja, sua unidade e pureza. Paulo estava lutando para impedir que esta igreja se desintegrasse em várias facções concorrentes e se dividissem em conflito sobre questões morais e doutrinárias. Além disso, ele queria manter o foco da igreja em Jesus, o Senhor exaltado.

Conteúdo

Saudação, 1.1-9

Paulo começa com uma saudação padrão, seguida por sua habitual oração de ação de graças. Duas características se destacam. Primeiro, a saudação associa Sóstenes a Paulo. Embora não possamos ter certeza de quem era Sóstenes, ele era certamente bem conhecido dos coríntios; provavelmente ele era o Sóstenes a quem [Atos 18.17](#) identifica como o governante da sinagoga, após a conversão de Crispo.

Segundo, Paulo enfatiza as habilidades dos coríntios na fala, conhecimento e dons espirituais. Eles tinham todas estas coisas, e elas eram genuínas, mas era precisamente dessas coisas boas que os coríntios estavam abusando. A solução de Paulo não é suprimir esses dons (de fato, ele agradece a Deus por eles), mas colocá-los em um novo contexto.

Relatório da Casa de Cloé, 1.10-4.21

Os coríntios tornaram Paulo, Cefas (Pedro), Apolo e até mesmo Cristo líderes de diferentes partidos. Não temos certeza do que cada um desses grupos representava, mas pode-se supor que o grupo paulino enfatizou as ideias de Paulo sobre liberdade; o grupo petrino, a necessidade de manter as práticas judaicas; e o grupo Apolo, o valor da compreensão filosófica e da oratória. O que quer que eles defendessem, Paulo fica chocado que isso esteja rompendo sua unidade. Sua primeira resposta é argumentar que seu próprio comportamento não tinha a intenção de construir um grupo de seguidores, mas de apontar para Cristo. Ou seja, ele não insistiu em batizar

pessoalmente os convertidos; quem realizava esses atos não importava de fato, uma vez que eles foram todos batizados em Cristo.

Paulo imediatamente se move para a questão subjacente, a de várias pessoas querendo se mostrar melhores ou mais sábias do que as outras que não defendiam as ideias de seu partido na igreja. Sua busca por sabedoria contradiz a pregação do evangelho feita a eles por Paulo.

Primeiro, a mensagem de um Cristo crucificado (1.18) não fazia sentido dentro da sabedoria e valores dos judeus ou dos gregos. Ela exigia toda uma nova maneira de ver a vida — o caminho de Deus.

Segundo, Deus não os havia escolhido com base em suas posições na sociedade; muito pelo contrário, ele havia determinado as suas posições de acordo com a posição que eles receberam do próprio Deus (1.26–31).

Terceiro, sua fé não havia sido baseada na oratória de Paulo, mas nos dons do Espírito que Paulo havia manifestado (2.4), que os havia convencido de que Deus estava agindo em Paulo. Assim, não foram argumentos que os levaram a Deus, mas o Espírito de Deus. Portanto, era o Espírito, não o raciocínio humano, que continuaria a lhes revelar quem Deus é. A menos que eles se tornassem tolos segundo o padrão do raciocínio mundano, eles nunca seriam capazes de repensar a vida da perspectiva do Espírito, que dá a verdadeira sabedoria.

Quarto, eles não estavam agindo neste nível espiritual quando reivindicaram Paulo e outros como líderes de partido; esta atividade demonstra o impulso maligno nos seres humanos (“a carne” ou “a natureza humana caída”) agindo, uma vez que está elevando servos humanos, em vez do Deus que opera igualmente em cada um deles.

Quinto, esses servos estavam trabalhando juntos para construir um “templo” para Deus baseado no único fundamento em Jesus Cristo, isto é, a igreja. Somente Deus julgará como cada cristão contribui para a obra de edificar a igreja. Mas aí da pessoa que divide a igreja, pois “se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá” (3.17, NAA). (Observe que aqui a figura do templo é usada coletivamente; a igreja é o templo. No capítulo 6, será usada individualmente; cada cristão é o templo).

Finalmente, Paulo aponta para a escatologia super-realizada dos coríntios, pois com seus dons espirituais (que eram genuínos) e sabedoria

vangloriada (que era mundana), eles alegavam que estavam reinando com Cristo (4.8–13). Paulo, com sarcasmo irônico, aponta como esta alegação é diferente do estilo de vida dos apóstolos. Os apóstolos viviam como Jesus — uma vida de sofrimento, esperando a exaltação posterior. Os coríntios estavam tentando ter sua exaltação terrena sem crucificação.

Paulo fecha esta seção com uma admoestação. Ele suaviza suas palavras para aqueles que seriam responsivos, exortando-os a copiar seu estilo de vida. O mestre era a mensagem (vv. 14–16). Timóteo também viverá fielmente a verdade diante deles. Então, ele ameaça os “arrogantes” (v. 18), apontando que, se ele for visitá-los, não desafiaria suas palavras, mas sim seu poder espiritual.

O Relatório dos mensageiros de Corinto, 5.1–6.20

Paulo agora se volta para três questões levantadas por relatórios orais dos mensageiros que levaram a carta dos coríntios a ele.

A primeira questão é a da disciplina da igreja (5.12–13). Paulo cita um caso de imoralidade flagrante — o de incesto. Esta imoralidade era tão clara (até mesmo os pagãos a consideravam imoral) que não era um caso de ignorância dos princípios cristãos. Além disso, a igreja não havia tomado nenhuma ação, mas se vangloriou de sua tolerância, talvez com base em um mal-entendido do ensino de Paulo sobre a liberdade da lei.

Paulo apresenta três princípios nesta seção: (1) o objetivo principal da disciplina da igreja é o arrependimento e restauração do ofensor; (2) o segundo objetivo principal da disciplina é a proteção da igreja (5.6–8); e (3) a igreja não deve buscar julgar ou controlar as ações de pessoas malignas no mundo — elas são responsabilidade de Deus — mas disciplinar os de dentro da igreja (vv. 9–13). Paulo usará esses princípios também nos capítulos seguintes (cf. 7.12–16).

A segunda questão é a dos processos judiciais entre cristãos (6.1–11). A sociedade coríntia era tão propensa a litígios quanto a nossa, e os cristãos não viam nada de errado em processar uns aos outros. Paulo estava perturbado. Se os cristãos quisessem julgar o mundo, eles certamente não deveriam trazer o mundo para julgar as questões de dentro da igreja. Em vez de colocar seus casos diante “daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja” (6.4, ARA, isto é, juízes pagãos), eles mesmo deveriam decidir os casos de dentro da igreja.

Paulo tem uma maneira ainda melhor do que passar pelos tribunais pagãos: sofrer a injustiça ([1Co 6.7](#)). Aplicando o ensino de Jesus literalmente ([Mt 5.38-42](#)), Paulo argumenta que seria melhor se permitir ser defraudado. Em vez disso, os coríntios estavam dispostos a pisar em seus irmãos em Cristo para obter o que eles sentem que são seus direitos. Isso levanta a questão se a ganância ainda não está em seus corações ([1Co 6.9-11](#)). Enquanto Paulo aceita pessoas que anteriormente fizeram todos os tipos de mal (pois Jesus os purificou), ele deixa muito claro que qualquer um que continue praticando ganância ou imoralidade não faz parte do reino, quaisquer que sejam seus compromissos doutrinários.

A questão final nesta seção é a da relação sexual casual ([6.12-20](#)). Em um mundo onde a virgindade era importante caso uma mulher desejasse se casar, e onde as escravas no templo de Afrodite estavam disponíveis como prostitutas, a prostituição era a principal forma de sexo casual. O partido libertino usou dois lemas: “Todas as coisas são legais para mim”, um ditado que pode muito bem ter sido derivado do ensino de Paulo, e “A comida é feita para o estômago e o estômago para comida” — isto é, uma vez que o corpo trabalha desta maneira, deve ser o propósito do Criador. Paulo qualifica em vez de contradizer seus lemas. A liberdade é subordinada a outros objetivos ([6.12.20](#)). O corpo não foi feito para ser usado como desejarmos, mas ele deve ser dedicado ao Senhor, conforme a doutrina da ressurreição demonstra (vv. [13-14](#)).

Além disso, a relação sexual é um ato da pessoa por completo, ao contrário de comer (Paulo cita [Gn 2.24](#); cf. Jesus em [Mt 19.5](#)). Portanto, este ato toma um membro (isto é, a pessoa) do corpo de Cristo e o torna uma unidade com uma prostituta ([1Co 6.15-17](#)). Assim, a imoralidade é diferente dos outros pecados que são externos ao eu, pois muda o eu, e, assim, contamina o corpo, o lugar onde o Espírito Santo habita. Desconsidera o fato de que Cristo redimiu o corpo, e que o cristão por completo pertence a Deus, não a si mesmo.

As respostas de Paulo aos coríntios, 7.1-16.4

Agora Paulo se volta para os próprios problemas dos coríntios, construindo sobre as respostas que ele já deu às perguntas que eles não fizeram.

A primeira questão é a do casamento ([7.1-24](#)). O lema do partido ascético em Corinto (talvez uma reação contra os libertinos do capítulo [6](#)) era “É bom que o homem não toque em mulher” ([7.1](#),

[ARA](#)). Os coríntios aplicaram este lema tanto aos casados quanto aos solteiros, argumentando que os cristãos casados deveriam se abster de relações sexuais. Paulo esclareceu o assunto com três pontos. Primeiro, ele disse que isso era totalmente irreal, pois a abstinência total levaria à imoralidade (vv. [2.7-9](#)). Segundo, quando as pessoas se casam, elas não possuem mais seus próprios corpos; seus corpos pertencem um ao outro para seu benefício mútuo (vv. [3-4](#)). A rejeição sexual nega ao cônjuge o que pertence a ele ou ela por direito. Terceiro, a abstinência é permitida por períodos limitados de acordo mútuo como um tipo de jejum para ajudar a se concentrar em Cristo (v. [5](#)).

Embora Paulo venha a abordar a questão dos solteiros mais plenamente em [7.25-40](#), em uma observação paralela ele indica que ele mesmo está contente em ser solteiro. Mas uma vez que alguns não têm este dom, a expressão sexual completa no casamento é muito melhor do que lutar contra a paixão ([7.7-9](#)). Uma vez que dois cristãos são casados, o divórcio é impensável. Uma palavra clara de Cristo prova isso ([Mt 5.31-32](#); [Mc 10.11-12](#); [Lc 16.18](#) e paralelos), então não há exceções (Paulo não sabe da cláusula de exceção em [Mt 19.9](#) ou ele entende isso como se referindo a algo como a falta de castidade pré-matrimonial descoberta antes do casamento, não ao adultério após o casamento). Mesmo que em alguns casos um casal cristão deva viver separadamente, é sempre com uma visão da reconciliação. O ensino de Jesus não permite que ele pense em um casamento terminando ([1Co 7.10-11](#)).

Mas e se o cônjuge não for um cristão? Paulo aplica seus princípios a uma situação para a qual Jesus não deixou uma palavra clara. Primeiro, uma vez que Jesus disse aos cristãos para não se divorciarem, mesmo nesta situação, o cristão pode não iniciar um divórcio ([7.12-13](#)). Segundo, uma vez que os cristãos não devem controlar ou julgar os não cristãos ([6.12-13](#)), o cristão não precisa continuar o relacionamento se o não cristão insiste em um divórcio ([7.15](#)). Terceiro, longe de contaminar o cristão (como o relacionamento em [6.15](#) faz), o cristão tornará o relacionamento santo, com resultados positivos para os filhos e a possível salvação do cônjuge ([7.14.16](#)). Embora este não seja um chamado para permanecer em situações de abuso físico ou sexual, é um chamado para permanecer fiel a uma situação de casamento misto.

Paulo não acredita que normalmente é preciso mudar a situação de vida para servir a Cristo ([7.17-](#)

24). Portanto, normalmente cada pessoa deve permanecer no estado civil em que ele ou ela já estava quando chamado a Cristo. Os exemplos de Paulo mostram que ele estava pensando em termos de casamento ou solteirice, judeu (circuncisão) ou gentio, escravo ou livre, não em termos de situações relacionadas à imoralidade. No caso dos escravos, eles podem aceitar a liberdade se ela se tornar disponível, mas não faz diferença essencial em seu real estado diante de Deus, ou sua capacidade de servir a Cristo (vv. 21-23).

A segunda questão é a dos solteiros (7.25-40). Paulo argumenta que pessoas solteiras e viúvas podem se casar — não é errado. No entanto, ele os aconselha a permanecer solteiros. Já que tudo nesta era está passando, seria bom ficar solteiro para evitar o sofrimento extra ao qual o casamento expõe uma pessoa (vv. 25-31). Além disso, o casamento sempre divide a atenção entre o Senhor e as necessidades legítimas do cônjuge. O cristão não deve abandonar o cônjuge ou ignorar suas necessidades para servir ao Senhor, contudo, pode permanecer solteiro para que o Senhor seja o único foco de sua vida e toda sua devoção (vv. 32-35). Finalmente, se alguém está em uma situação em que o casamento é esperado, a pessoa deve tomar sua própria decisão sobre se ele deve se casar com a mulher por causa dela (e talvez pela família em geral), ou se ele poderia simplesmente cuidar dela como uma pessoa solteira (vv. 36-38). Paulo fecha esta seção repetindo seus princípios gerais (vv. 39-40).

A terceira questão com que Paulo lida é a da comida que foi oferecida aos ídolos (8.1-11.1). A maioria da carne que estava disponível no mercado vinha de animais abatidos como sacrifícios nos templos ou de grupos de animais que eram oferecidos como um sacrifício dedicatório. Para judeus escrupulosos, toda esta carne seria intocada. Além disso, os pagãos convidavam os cristãos para festas em suas casas e para festas privadas realizadas nos recintos dos templos pagãos, onde as guildas de comércio também realizavam festas. Paulo debate essas questões e as usa para ensinar princípios mais amplos da conduta cristã.

Primeiro, o amor, não o conhecimento, é a chave para corrigir o comportamento (8.1-13). Alguns coríntios se sentiam superiores porque estavam convencidos de que os ídolos não eram reais (há apenas um Deus), e, portanto, qualquer alimento oferecido a eles era apto a comer. Paulo novamente aceita suas constatações, mas as contraria com a declaração: “O conhecimento leva ao orgulho, mas

o amor edifica.” (v. 1, NAA). Deus não está preocupado com o que sabemos ou comemos, mas ele está interessado em saber se amamos ou não nossos companheiros cristãos. O interesse não é que um companheiro cristão venha a se enfurecer porque alguém pecou, mas que a própria pessoa possa ter uma consciência vulnerável e pedir perdão, mesmo que ela tenha acreditado que era errado e, assim, em seus próprios olhos tenha apostatado da fé (isto é, se rebelado contra Cristo). Desviar do caminho desta maneira não é amor. Seria melhor nunca mais comer carne do que levar um companheiro cristão ao pecado.

Segundo, Paulo aponta que os cristãos devem subordinar os próprios interesses aos dos outros, especialmente aos de Cristo e seu evangelho (9.1-23). Tanto os exemplos dos apóstolos, que esperavam que a igreja os sustentasse e suas famílias (cf. Lc 10.5-7), quanto as Escrituras provam que Paulo tinha o direito de exigir apoio dos coríntios. Essa não havia sido sua prática, pois ele costumava construir tendas para manter seu ministério, embora ele aceitasse presentes de outras igrejas. Paulo fez isso para impedir que as pessoas pensassem que ele estava vendendo a religião para obter lucro (9.12) e para a satisfação pessoal de fazer mais do que ele tinha que fazer (vv. 16-17). Isso fazia parte da prática de Paulo de subordinar suas próprias preferências e interesses pessoais aos de Cristo e seu evangelho (vv. 19-23).

Terceiro, a arrogância dos fortes que demonstravam sua liberdade com desrespeito aos companheiros cristãos é espiritualmente perigosa (9.24-10.22). Não é quem começa, mas quem completa a vida cristã que importa; portanto, é uma vida de disciplina, não de licenciosidade relaxada (9.24-27). Israel no deserto apresenta um exemplo de fracasso a este respeito. Eles tinham o “batismo” e “a Ceia do Senhor” (10.2-4), assim como a igreja, mas a maioria deles não chegou à Terra Prometida. A razão pela qual Deus os destruiu era simples: eles se voltaram para o pecado. Da mesma forma, o cristão deve ser cauteloso para não ser tão orgulhoso da fé e da liberdade que venha a se tornar negligente em relação ao pecado e, assim, cair da fé (v. 12). Por outro lado, os cristãos não precisam ter medo, pois a tentação não é mais poderosa do que eles; Deus forneceu um caminho de escape, se eles o tomarem (v. 13).

Outro elo entre os israelitas e os coríntios tratava-se do participar de uma refeição sacrificial (10.14-22). Na Ceia do Senhor, há um compartilhamento do sangue e do corpo de Cristo, tão real quanto os

sacrifícios de Israel no altar. A comida oferecida aos ídolos também é um compartilhamento, não com o suposto deus, mas com o verdadeiro demônio que está por trás do ídolo. Tentar tomar parte em ambas as mesas é provocar o ciúme de Deus, assim como Israel fez (v. 22).

Um resumo da discussão reúne os três capítulos (10.23-11.1). Uma vez que a comida não é alterada ao ser oferecida aos ídolos, e uma vez que todo alimento verdadeiramente pertence a Deus, pode-se comer qualquer coisa vendida no mercado — não faça perguntas (10.25-26). Da mesma forma, o cristão pode comer qualquer coisa servida em um jantar na casa de um incrédulo. No entanto, se alguém afirma que a comida foi oferecida aos ídolos, o cristão deve rejeitá-la, não porque o danificaria, mas porque é um problema para a pessoa que levantou a questão, e o cristão está interessado no bem de seu próximo (vv. 27-30). Em outras palavras, sigam o exemplo de Paulo conforme ele se coloca como um padrão de alguém que imita Jesus, o qual serviu aos outros em vez de a si mesmo. Aja para que a fama e o caráter de Deus resplandeçam até mesmo naquilo que se come (v. 31); tente não ofender a ninguém, mas beneficiar cada pessoa ao conduzi-lo em direção à salvação (v. 32).

A quarta questão com que Paulo lida é a da ordem nas reuniões da igreja (11.2-14.40). As igrejas domésticas dos coríntios tinham reuniões animadas, mas em vez de demonstrar unidade em Cristo, elas demonstravam egoísmo. Paulo não desejava mudar o que eles faziam; ele queria mudar como eles faziam.

O primeiro problema nas reuniões era o comportamento das mulheres casadas (11.1-16). O sinal de casamento naquele tempo era o uso de um véu ou penteado distintivo, como um anel é hoje. Mulheres orando e proferindo profecias na igreja não era um problema para Paulo, mas as mulheres de Corinto podem ter sentido que isso as libertou de seus maridos (cf. Mc 12.25) e, portanto, era uma razão para deixar de lado seus véus. Paulo argumenta que o marido e a esposa estão intimamente unidos, assim como os seres humanos estão a Deus (1Co 11.3). Portanto, da mesma maneira que os seres humanos não devem envergonhar, mas sim glorificar a Deus, assim também a esposa deve agir em relação a seu marido. Por isso, embora Paulo aprove o ministério de mulheres, ele coloca o casamento em primeiro lugar.

O segundo problema nas reuniões era o de fazer distinções de classes (11.17-34). Até a Ceia do Senhor semanal começar a ser transformada no sacrifício da missa no terceiro e quarto séculos, ela era uma refeição completamente compartilhada. Os cristãos das classes média e superior poderiam vir mais cedo às reuniões da igreja e também fornecer os melhores alimentos e bebidas para si mesmos. Seguindo os costumes dos clubes pagãos, eles não tinham escrúpulos contra começar cedo e se banquetear como convinha às suas classes, desde que, pelo menos, comida simples fosse fornecida para os escravos e camponeses que não poderiam vir tão cedo (v. 21). Isso envergonhava os cristãos mais pobres e os fazia sentir distinções de classes intensamente (v. 22). Isso, argumenta Paulo, não é a Ceia do Senhor, mas uma farsa (v. 20).

Paulo repete as palavras de instituição para apontar que todos eles estão participando do corpo e sangue de Cristo (cf. 10.16-17), não de sua própria refeição. Fazer isso de uma maneira indigna, com divisões e distinções de classes entre eles, é profanar sua refeição falhando em demonstrar a unidade de seu corpo, a igreja (11.29), e assim convidar seu julgamento, que eles já estavam experimentando. Em vez disso, eles deveriam examinar seus próprios motivos e verdadeiramente se reunir para comer esta refeição comum.

O terceiro problema em suas reuniões era o uso de dons espirituais (12.1-14.40). É possível que algumas pessoas nessas igrejas domésticas, sob a influência das ideias gnósticas, nas quais o espiritual é bom e o material maligno, e sentindo-se inspiradas por um espírito, proclamaram: “Jesus [que significa o Jesus humano em oposição ao Cristo espiritual] seja amaldiçoado”. Não é o Espírito de Deus dizendo isso, argumenta Paulo, pois o Espírito em nós clama a confissão cristã básica: “Jesus é Senhor”.

Outros nessas igrejas estavam exaltando seu próprio dom específico, especialmente o dom de línguas, gritando com os outros ou se negando a dar-lhes uma chance. Há apenas um Espírito e ele é quem dá todos os dons, Paulo argumenta (12.4-6). O Espírito se manifesta soberanamente em cada cristão, não simplesmente para o próprio benefício do cristão, mas para o bem de todos (v. 7). Uma vez que é o Espírito, não uma dada manifestação, que o cristão tem, os dons manifestados poderiam mudar de reunião para reunião.

Esse mesmo Espírito faz de todos os cristãos uma unidade orgânica em Cristo (12.12-13). Assim, não apenas o Espírito dá todos os dons — todos são igualmente inspirados — mas todos os dons são igualmente necessários para o funcionamento adequado do corpo de Cristo (vv. 14-26). Ninguém pode dizer que sua falta de um dom dado o torna menos parte do corpo; de fato, os dons menos visíveis podem muito bem ser os mais importantes. Assim, dentro do corpo de Cristo, não há apenas diferentes manifestações do Espírito através de indivíduos em uma determinada reunião, mas diferentes ministérios ou funções de indivíduos no corpo (vv. 27-31).

Portanto, não é a demonstração de um dom específico que evidencia a espiritualidade de alguém, mas como se demonstra isso — isto é, se é manifestado com amor (13.1-13). Qualquer dom exercido para propósitos egoístas pode ser um dom genuíno do Espírito, mas é inútil para o indivíduo (vv. 1-3). Isso ocorre porque o amor é o oposto do egoísmo (vv. 4-7). Na verdade, os dons do Espírito são apenas para o período entre a primeira vinda de Jesus e sua segunda vinda, quando o reino de Deus será perfeitamente revelado e o Rei estará presente em pessoa, e assim os dons intermediários do Espírito não serão mais necessários (vv. 10.12). Não são os dons, mas a fé e a esperança que terão uma recompensa por fim, e o amor, que é o maior, porque continuará enquanto os cristãos viverem em perfeito amor uns com os outros e com Jesus (v. 13).

Aplicando isso a Corinto, Paulo argumenta que, embora eles devam desejar todos os dons, o amor determina que a profecia deve ser o dom mais buscado nas reuniões da igreja (14.1-25). Os coríntios estavam evidentemente enfatizando as línguas. Línguas sem interpretação são de pouco valor para os outros, exceto para o próprio orador. Não edifica ninguém; sua confusão parece loucura para os de fora. Fora das reuniões da igreja, há uma função para as línguas, tanto como um sinal de julgamento (v. 21) quanto para a devoção privada (v. 18), mas para dentro da igreja, apenas com interpretação. A profecia, no entanto, tanto edifica quanto condena, e assim deve ser buscada nas reuniões.

Nas reuniões da igreja, então, tanto os dons quanto a ordem devem prevalecer (14.26-40). Todos os tipos de dons podem ser expressos com um objetivo de edificação mútua, não uma demonstração egoísta (v. 26). Os que falam em línguas devem ter um intérprete; tanto eles quanto

os profetas devem falar, cada um na sua vez, com um determinado tempo sendo tomado para avaliar as declarações após cada um dos poucos oradores (vv. 27-33). Além disso, as mulheres, que provavelmente costumavam conversar durante o culto (talvez devido aos hábitos aprendidos nas sinagogas judaicas, onde elas eram segregadas e não participavam) deveriam cessar sua tagarelice, prestar atenção e aprender, fazendo perguntas em casa se elas não entenderem (vv. 34-36). Em seu resumo conclusivo, Paulo afirma que tudo deve ser feito de uma maneira ordenada (vv. 37-40).

A quinta questão com que Paulo lida é a da ressurreição dos mortos (capítulo 15). Alguns dos problemas mencionados anteriormente como moral frouxa (capítulos 5-6), negação ascética, sexualidade (capítulo 7), ou sentindo que alguém já foi ressuscitado (capítulo 15), apontam para o fato de que alguns coríntios não acreditavam na ressurreição do corpo, embora aparentemente acreditassem na ressurreição de Jesus e na imortalidade da alma humana.

Paulo reafirma que a ressurreição de Jesus é uma parte essencial da mensagem do evangelho (15.1-19). A voz unificada da igreja era que Jesus não apenas morreu, mas ressuscitou e apareceu a numerosas testemunhas (vv. 3-11). Se eles fossem consistentes em seu argumento contrário à ressurreição, Cristo não poderia ter sido ressuscitado. No entanto, se este fosse o caso, toda a mensagem do evangelho seria falsa e todas as suas esperanças de salvação seriam vãs (vv. 12-19).

Uma vez que Cristo foi ressuscitado, os cristãos também serão ressuscitados por causa de sua solidariedade com ele (15.20-28). Bem como eles já haviam experimentado os resultados de estar em Adão, agora eles experimentarão os resultados de estar em Cristo. Mas a ressurreição não acontece de uma só vez. Há estágios progressivos: (a) Cristo foi o primeiro; (b) os cristãos serão ressuscitados em sua vinda; (c) Cristo deve reinar até que ele estenda o governo do reino sobre todo o mundo, destruindo todos os poderes demoníacos (incluindo a própria morte); e (d) então ele entregará o reino aperfeiçoado para o Pai (vv. 23-28).

A esperança da ressurreição também explica práticas cristãs, como batizar pessoas em nome de outros que haviam morrido (provavelmente pessoas que haviam se voltado para Cristo, mas haviam morrido antes de poderem ser batizados, 15.29), e disposição de arriscar a vida por Cristo (vv. 30-32).

Paulo admite que há problemas intelectuais envolvidos, mas estes são resolvidos quando se percebe que a ressurreição inclui tanto continuidade quanto descontinuidade ([15.35-50](#)). Assim como uma semente e uma planta são a mesma coisa e também coisas diferentes, e assim como muitos tipos de corpos existem, assim é com a ressurreição. O que era perecível, desonroso, fraco e físico (isto é, em Adão) será ressuscitado imperecível, glorioso, poderoso e espiritual (isto é, em Cristo). De fato, é apenas quando os cristãos se tornam semelhantes a Cristo, o homem celestial, que eles passam a fazer parte do reino de Deus.

Com entusiasmo, Paulo compartilha sua real esperança: a transformação ([15.51-58](#)). Na vinda de Cristo, os mortos serão ressuscitados e transformados. Mas os vivos também precisarão de transformação, e isso acontecerá em uma fração de segundo, tornando todos eles impermeáveis à morte. Então eles verdadeiramente conhecerão a vitória já presente na ressurreição de Jesus (vv. [54-57](#)). Um resumo final tira a conclusão prática de que este ensino deve dar-lhes certeza de uma recompensa por qualquer coisa feita por Cristo agora (v. [58](#)).

A sexta questão com que Paulo lida é a da coleta para a igreja necessitada de Jerusalém ([16.1-4](#)). Por causa da fome na Judeia nos anos 40, a igreja de lá havia se tornado empobrecida. Em parte por causa da necessidade e em parte para promover a unidade da igreja, Paulo levantou uma coleta em algumas de suas igrejas para a igreja da Judeia. Ele responde às perguntas práticas dos coríntios afirmando que a coleta deveria ser feita semanalmente de acordo com a capacidade, não tudo de uma vez apenas quando Paulo chegasse ([16.2](#)). Quando ele vier, ele enviará o dinheiro com seus próprios mensageiros. Paulo permanece vago sobre se ele os acompanhará ou não, aliviando as suspeitas de que de alguma forma ele planejasse lucrar com isso (cf. [2Co 8-9](#)).

Observações finais e encerramento, 16.5-24

Tendo chegado ao fim, Paulo aborda seus planos de viagem, incluindo sua intenção de uma longa visita assim que ele deixasse Éfeso (cf. [2Co 1](#)). Timóteo estava indo com a carta ou então chegaria logo após outra missão; eles deveriam respeitá-lo e ajudá-lo em seu retorno. Paulo aponta que ele exortou Apolo a visitar Corinto, no caso de alguma suspeita de que Paulo estivesse contra ele. Uma exortação formal para que os coríntios permanecessem firmes na fé e no amor conduz às suas costumeiras

saudações finais. Ele elogia os mensageiros coríntios que haviam lhe trazido sua carta ([16.15-18](#)) e envia saudações de Áquila e Prisca (Priscila), seus comissionados que o haviam ajudado a fundar a igreja em Corinto ([Atos 18.2-3,18](#)). Referindo-se à saudação costumeira na igreja, ele lhes diz para saudar uns aos outros com um beijo em cada bochecha ([16.20](#)). Paulo então toma a pena do escriba, como era comum, e escreve a exortação final — colocando uma maldição sobre aqueles que não amam Jesus, a expressão aramaica comum usada na igreja “Vem, Senhor” (*Marana tha*, talvez usada para fechar os cultos), e fornecendo uma garantia de seu próprio amor por eles (vv. [21-24](#)).

Vea também Atos dos Apóstolos, Livro dos; Corinto, Coríntios, Segunda Carta aos; Paulo, O Apóstolo.

Coríntios, Segunda Carta aos

Resumo

- Autor
- Data e origem
- Contexto
- Propósito e ensino
- Conteúdo

Autor

O apóstolo Paulo é o autor reconhecido de 2 Coríntios. Enquanto alguns estudiosos argumentam que [2 Coríntios 2.14-7.4](#) e [10-13](#) são cartas separadas, apenas no caso de [6.14-7.1](#) a autoria de Paulo é contestada. Esta seção é, admitidamente, uma digressão estranha, mas mais estranho ainda seria pensar que um editor poderia tê-la inserido em um lugar tão incomum. Além disso, a repetição do pensamento em [7.2](#) de [6.13](#) indica que Paulo está ciente de que se desviou de seu tópico e está repetindo uma frase para trazer seus leitores de volta ao assunto.

Data e origem

Após escrever tanto a “carta anterior” ([1Co 5.9](#)) quanto 1 Coríntios de Éfeso em 55 d.C., Paulo continuou a trabalhar lá. Em algum momento durante o ano seguinte, surgiu uma crise em Corinto. Paulo fez uma viagem rápida pelo Mar Egeu, mas não conseguiu resolver a crise e, devido à oposição pessoal de um líder na igreja

(provavelmente um intruso com cartas de recomendação de Jerusalém), ele teve que se retirar ([2Co 2.1.5](#)). Retornando a Éfeso dessa "visita dolorosa", Paulo enviou Tito com uma "carta de lágrimas" contundente, sua terceira carta àquela igreja ([2Co 2.4](#); [7.8,12](#)), que levou à excomunhão do líder e ao arrependimento da igreja. Esta carta foi perdida. Enquanto isso, uma situação eclodiu em Éfeso durante a qual a morte (provavelmente execução) parecia tão certa que Paulo desesperou da vida (veja [At 19.23-41](#); cf. [Rm 16.4](#); [2Co 1.8-9](#)). Paulo não foi morto, mas sua fuga pareceu milagrosa.

Saindo de Éfeso no início de 56 d.C., Paulo viajou para o norte até Trôade em busca de Tito e notícias de Corinto. Incapaz de suportar a falta de notícias, ele abandonou uma missão promissora em Trôade e navegou para Filipos. Lá ele encontrou Tito, que explicou a mudança de coração em Corinto. [2 Coríntios 1-9](#) responde a essa situação, com os capítulos [8-9](#) preparando os coríntios para uma visita iminente. Mais tarde, Paulo recebeu novas notícias de Corinto de que havia uma renovada oposição a ele. Em resposta, ele escreveu a autodefesa encontrada em [2 Coríntios 10-13](#). Paulo seguiu a carta com uma visita mais tarde naquele ano ([At 20.2-3](#)). Não sabemos a resposta a 2 Coríntios ou o resultado de sua visita final, mas mais tarde a história conturbada da igreja de Corinto continuou, com outro líder cristão precisando escrever uma carta no final do século (Epístola de Clemente).

Contexto

As igrejas domésticas de Corinto sempre tiveram grande diversidade. Enquanto aqueles que gostavam de Apolo sem dúvida desprezavam o estilo rude de Paulo, outros que preferiam Pedro provavelmente apelavam, além de Paulo, para os mais genuínos "originais" apóstolos em Jerusalém com seus costumes judaicos ([1Co 1](#)). Mestres itinerantes com cartas de recomendação desses apóstolos facilmente atraíam seguidores quando vinham a Corinto e minavam a autoridade de Paulo e até mesmo seu caráter. Além disso, por causa dessa influência externa, a coleta para os pobres em Jerusalém que Paulo havia iniciado ([16.1-4](#)) foi deixada em suspenso, tanto porque estava ligada a Paulo quanto porque os próprios mestres estavam tirando dinheiro da igreja. Paulo escreve para reafirmar seu amor e reparar os danos causados pelos intrusos.

Propósito e ensino

Na primeira seção da carta, Paulo tem dois propósitos principais. O primeiro é consolidar seu relacionamento restaurado com Corinto, explicando situações, perdendo aqueles que se opuseram a ele e refletindo sobre a natureza do ministério. Para Paulo, o ministério significava tanto sofrimento intenso quanto conforto. O sofrimento físico e emocional vinha das situações e das pessoas com quem ele trabalhava, mas seu conhecimento da recompensa futura e sua experiência do poder de Deus agindo nele traziam profunda alegria e conforto. Devido ao seu recente encontro com a morte, Paulo também reflete sobre o que acontece após a morte. Sua expectativa é receber um corpo de ressurreição e estar na presença de Jesus após a morte.

O segundo propósito desta seção é colocar a coleta para Jerusalém de volta nos trilhos. Neste contexto, ele oferece um importante ensinamento sobre doação e economia cristã: os cristãos devem seguir Cristo ao doar livremente; a igualdade econômica é o princípio que governa quem doa para quem.

A segunda seção da carta é uma defesa apaixonada, refutando as alegações de superioridade do intruso. Nem a oratória nem a linhagem são importantes no ministério cristão, mas apenas o chamado de Deus.

Em ambas as seções, observa-se o profundo desejo de Paulo pela unidade da igreja, tanto dentro da comunidade local quanto com líderes designados por Deus, como ele próprio.

Conteúdo

Saudação, [1.1-7](#)

Uma saudação padrão ([2Co 1.1-2](#)) vem antes da habitual ação de graças de Paulo (vv. [3-7](#)). O tema da ação de graças — conforto em meio ao sofrimento — é o tema dos capítulos [1-7](#). Paulo sabe o que é sofrer, mas é no sofrimento que ele experimentou o conforto de Deus, que ele transmite aos coríntios.

Explicação de Paulo, [1.8-2.13](#)

Paulo informa-os sobre o perigo que enfrentou em Éfeso, tão grande que ele não acreditava que sobreviveria. Sua eventual sobrevivência parecia uma ressurreição virtual, reforçando sua convicção de que Deus, e não a força humana, é o único refúgio cristão ([1.8-11](#)). Nessa e em todas as

situações, a única glória de Paulo é ter uma consciência limpa diante de Deus (vv. [12-14](#)).

Paulo havia falado sobre planos para uma visita dupla (cf. [1Co 16.5-6](#)), mas, exceto por sua breve “visita dolorosa”, ele não havia cumprido seu plano ([2Co 1.15-2.4](#)). Ele se defende de acusações de não planejar no Espírito ou de vacilação hipócrita. Ele era, de fato, fiel à sua palavra (cf. [Tg 5.12](#)), pois sua vida refletia a promessa cumprida de Deus em Jesus, mas ele havia mudado os planos para não repetir a “visita dolorosa” do ano anterior. Foi o amor, não a inconstância, que motivou a visita adiada.

Os coríntios responderam à “carta de lágrimas” de Paulo excomungando a pessoa que havia se oposto a Paulo (não a mesma pessoa de [1Co 5](#)). Como a pessoa se arrependeu, Paulo pediu sua restauração à comunidade, perdoadando livre e graciosamente o homem que o havia magoado. A excomunhão é para os não arrependidos; seu propósito é alcançado assim que a pessoa se arrepende ([2Co 2.5-11](#)).

Paulo então contou sobre sua jornada de Éfeso a Filipos, quando buscou notícias sobre a resposta à “carta de lágrimas” ([2.12-13](#)). Após relatar como deixou uma oportunidade de ministrar em Trôade para encontrar Tito em Filipos, ele interrompe a narrativa com uma longa digressão.

Natureza do ministério apostólico, [2.14-7.4](#)

O ministério apostólico no qual Paulo participou é semelhante ao ministério de Jesus, sendo um ministério de sofrimento e glória. Mesmo no sofrimento, há triunfo em Cristo, pois os cristãos compartilham do triunfo de Cristo. No entanto, assim como os perfumes de um triunfo romano eram alegria para os vencedores, mas significavam morte para os prisioneiros a caminho da execução, o triunfo de Jesus é vida para o crente e morte para o descrente ([2.14-17](#)).

Este triunfo pode ter soado como uma ostentação, mas Paulo não está se exaltando. De fato, ele não precisa das cartas de recomendação que o intruso em Corinto trouxe de Jerusalém, pois os coríntios são eles mesmos a prova de seu ministério ([3.1-3](#)). Sua ostentação não está em si mesmo, mas na nova aliança no Espírito, que, ao contrário da antiga aliança, não está desvanecendo (aqui Paulo segue uma interpretação judaica de [Êx 34.29-35](#), que Moisés colocou o véu sobre o rosto para que o povo não visse a glória desaparecer), nem oculta a presença de Deus. A nova aliança é permanente; ela

revela Deus diretamente no Espírito. Não há engano ou ocultação, pois a mensagem não é sobre Paulo, mas sobre Jesus, que é a própria luz ([2Co 3.4-4.6](#)).

Paulo, o mensageiro, é simplesmente o vaso barato e quebrável que contém o tesouro inestimável, revelando por meio do contraste que o único poder no evangelho é o poder de Deus. Este contraste entre fraqueza e poder é visto nos sofrimentos do apóstolo, uma espécie de morte viva modelada após os sofrimentos de Jesus, dos quais a vida de Jesus flui para os outros ([4.7-15](#)).

Portanto, apesar do intenso sofrimento, Paulo tem coragem, pois ele olha além desta vida para as recompensas da vida futura. Toda a sua motivação é baseada na fé, não na visão, pois ele já vive para realidades invisíveis ([4.16-18](#)). Quando morrer, Paulo espera receber um corpo de ressurreição eterno. Sua esperança não é se tornar uma alma desencarnada (“nua”), mas passar imediatamente para uma vida corporal glorificada, já garantida pela presença do Espírito. Essa esperança provavelmente foi fruto de sua experiência de quase morte em Éfeso, quando ele deve ter meditado e orado sobre o que viria na morte ([5.1-5](#)). Como esse futuro inclui o julgamento de Cristo, Paulo queria fazer todo o esforço para viver à luz desse julgamento, que ele já via pela fé (vv. [6-10](#)).

Longe de tentar se elogiar ou se exaltar, Paulo estava simplesmente apresentando o que ele era — uma pessoa cheia do amor de Cristo e convencida de que todos deveriam viver não para si mesmos, mas para Cristo ([5.11-15](#)). Ninguém deveria ser valorizado apenas do ponto de vista humano, nem Paulo, nem mesmo Cristo (pois Paulo, antes de sua conversão, tinha uma opinião humana de Cristo que sua conversão havia mudado radicalmente); todos deveriam ser valorizados do ponto de vista da nova criação. O trabalho de Paulo era simplesmente anunciar a reconciliação da nova criação, que Deus já realizou do seu lado e que apenas aguarda a ratificação de uma pessoa do lado humano ([5.16-20](#)).

Paulo, então, era um colaborador de Deus, anunciando a salvação, utilizando todos os meios consistentes com o caráter de Deus para proclamar a mensagem, e sofrendo tudo o que se pode imaginar para demonstrar a extensão do amor de Deus ([6.1-10](#)). Portanto, Paulo não tinha nada contra os coríntios. Se havia algum bloqueio no relacionamento deles com ele, devia ser do lado deles ([6.11-13](#)).

Digressão sobre pureza, [6.14-7.1](#)

Talvez, suspeitando que o verdadeiro obstáculo no relacionamento fosse o amor deles pelo mundo, ou que os coríntios ainda não estivessem totalmente livres dos problemas mencionados em 1 Coríntios, Paulo discorreu sobre a pureza e santificação dos crentes. Existem dois grupos: luz e trevas, Cristo e o diabo, crentes e descrentes. Portanto, como [Êxodo 25.8](#), [Levítico 26.11-12](#), [Isaías 52.11](#), [Ezequiel 37.27](#) e [Oséias 1.10](#) mostram (frases dessas passagens fluem umas nas outras em um estilo de citação em cadeia familiar aos judeus), os cristãos não devem estar intimamente ligados aos descrentes no casamento ou nos negócios, pois isso afetará sua pureza moral.

Retorno à natureza do ministério apostólico, [7.2-4](#)

Retomando de [6.13](#), Paulo destaca que os coríntios não têm nada substancial contra ele. Ele não está criticando, mas simplesmente apelando a eles com amor; mesmo agora ele está preparado para morrer por eles.

Explicação concluída, [7.5-16](#)

Tendo concluído sua digressão, Paulo agora retorna à sua jornada, que ele deixou em [2.13](#). Quando encontrou Tito, ele recebeu boas notícias sobre Corinto. Ele ficou aliviado ao saber que sua “carta de lágrimas” havia sido eficaz, não apenas em deixá-los tristes, mas em levá-los ao verdadeiro arrependimento que gerou zelo, pureza moral e alegria. Além disso, o comportamento deles em relação a Tito foi tão impressionante que o relato entusiástico de Tito sobre suas próprias impressões animou ainda mais Paulo.

Coleta para Jerusalém, [8.1-9.15](#)

No contexto de relacionamentos restaurados, Paulo aborda o tema sensível da coleta para a igreja em Jerusalém, que havia sido empobrecida por fomes na Judeia nos anos 40. Esta coleta era tanto um ato de caridade (cf. [At 11.27-30](#); [Gl 2.10](#)) quanto um ato simbólico de unidade e comunhão entre os ramos gentio e judeu da igreja.

A igreja empobrecida e sofrida na Macedônia (Filipos) havia dado de bom grado. Portanto, Tito estava voltando para ajudar os coríntios a completar o que haviam começado no ano anterior (e provavelmente interrompido durante a controvérsia com Paulo, [2Co 8.1-7](#)). Os princípios da coleta são (1) os coríntios devem seguir o

exemplo de Jesus, que se fez pobre por eles; (2) eles devem dar livremente o que podem sem lamentar que não podem dar mais, pois Deus valoriza a disposição de dar expressa em ação, não o valor líquido da oferta; e (3) deve haver uma igualdade econômica entre as seções da igreja, nenhuma seção sendo enriquecida às custas de outra (cf. [Êx 16.18](#)). Essa igualdade econômica se estende ao relacionamento entre duas igrejas em continentes diferentes ([2Co 8.8-15](#)).

Tito e dois homens absolutamente confiáveis, designados pelas igrejas para este trabalho, virão supervisionar a coleta final — Paulo não teria nada a ver com o dinheiro pessoalmente — pois é importante que não apenas Deus, mas o mundo também veja a honestidade e integridade com que a igreja lida com o dinheiro ([8.16-24](#)).

Nesta seção, Paulo destaca que não precisa argumentar as razões para esta coleta; eles estavam cientes delas quando começaram a arrecadar dinheiro no ano anterior. Esta carta não é um argumento para a coleta, mas um incentivo para terminar o trabalho, para que, quando Paulo chegar com representantes de outras igrejas trazendo suas contribuições, os coríntios não fiquem envergonhados por suas igrejas relativamente ricas não estarem prontas ou capazes de dar generosamente, apesar das declarações de Paulo sobre o entusiasmo anterior deles. Ao dizer isso, Paulo mostra-se diplomático e perspicaz em motivar o comportamento humano; ele faz as melhores suposições possíveis sobre a situação atual ([9.1-5](#)).

Paulo não queria que os coríntios dessem por obrigação, embora ele, assim como Jesus ([Mt 6.19-20](#)), destacasse que o único valor real do dinheiro está em doá-lo para ajudar os outros. Em vez disso, ele desejava que eles estivessem tão convencidos da generosidade de Deus e de Sua capacidade de prover que dessem de forma livre e alegre. Deus queria enriquecê-los para que pudessem dar mais. A doação resultaria em ações de graças a Deus pelos destinatários, que também orariam por aqueles que deram o presente, unindo assim a igreja. Um lembrete final da extensão da própria doação de Deus encerra a seção ([2Co 9.6-15](#)).

A autodefesa de Paulo, [10.1-13.14](#)

Há uma mudança abrupta de tom entre [9.15](#) e [10.1](#). Agora, em vez do tom de conciliação encontrado em [1.1-7.16](#), há argumentação e defesa, até mesmo ameaça. O apostolado de Paulo foi atacado, e ele o defenderá com vigor.

Paulo era realmente uma pessoa humilde que preferia não usar sua autoridade. No entanto, quando forçado, ele tinha mais do que autoridade; ele possuía poder espiritual, capaz de destruir argumentos contrários e levar todos à obediência a Jesus. Ele usaria esse poder em Corinto, se necessário, embora até aquele momento ele tivesse sido gentil e mostrado esse lado de seu ministério apenas em cartas ([10.1-11](#)).

Seus oponentes falavam de suas qualificações e se comparavam favoravelmente com outros ministros. Paulo não entraria nesse jogo de comparações. Deus havia estabelecido a esfera de seus trabalhos, que era a área em que ele fundou igrejas. Ele foi quem iniciou a igreja em Corinto, então essa é sua esfera de ministério, não a do intruso (e outros como ele). Eles se gabavam de ter colhido os benefícios de seu ministério; Paulo podia apontar para um ministério original dado por Deus, pois é a recomendação de Deus no final que conta ([10.13-18](#)).

No entanto, a rebelião dos coríntios é séria o suficiente para forçá-lo a se defender, por mais ridículo que tal exercício seja. Ele ficou chocado com a facilidade com que eles se voltaram para toda nova doutrina que surgia. Essa tendência causa medo no coração de Paulo ([11.1-6](#)).

Paulo havia sido criticado por recusar apoio financeiro de Corinto (mesmo que ele aceitasse presentes de outras igrejas; cf. [1Co 9](#)). Ele continuaria a recusar tal apoio, pois queria minar as alegações do intruso. Se o intruso realmente estivesse servindo a Deus sozinho, que trabalhasse na mesma base que Paulo! Mas como o intruso era falso de coração, servindo a Satanás e não a Deus, ele buscava dinheiro da igreja. Paulo estava surpreso que, na vangloriada sabedoria dos coríntios, eles não vissem através dessa hipocrisia, mas ele esperava que, mesmo que tivesse que se fazer de tolo ao se defender, eles pelo menos aceitassem um tolo como Paulo. A ironia é que seu cuidado e preocupação muito ternos pela igreja, sua gentileza, estavam sendo usados contra ele como uma suposta "fraqueza". Paulo, argumentava o oponente, sabia que era falso, por isso não ousava aceitar dinheiro dos coríntios ([11.7-21](#)).

Intrusos afirmaram vir com autoridade de Jerusalém. Eles tinham cartas dos apóstolos; é improvável, no entanto, que os apóstolos tivessem aprovado suas atividades. Ainda assim, eram judeus com autoridade respeitável por trás deles. Paulo sentiu-se compelido a declarar suas próprias credenciais. Se eles eram judeus, ele era judeu tão

puro quanto eles. Se serviam a Cristo, seu trabalho e sofrimentos poderiam igualar os dele? A lista de sofrimentos tanto fornece informações históricas não encontradas em Atos quanto aponta para um trabalho incansável, incluindo dias de jejum ("ficado sem comida") e noites passadas em oração ("ficado sem dormir") ([11.21-29](#)).

Mas essa ostentação era repulsiva para Paulo, então ele destacou um sofrimento em particular — sua fuga de Damasco, quando teve que se esconder e escapar da cidade em um cesto. A história mostra ao mesmo tempo sua eficácia como evangelista (pois ele era alvo de perseguição) e o envergonha, pois não conseguiu se defender e teve que escapar sob a cobertura da escuridão. No entanto, essa fraqueza era, de fato, sua glória ([11.30-33](#)).

Seus oponentes se gabavam de revelações de Deus. Paulo sabia que esse orgulho era insensato; no entanto, se fosse necessário, ele lhes contaria sobre uma revelação superior à deles, uma ocasião em que ele realmente viu o interior do céu (ele não tem certeza se foi uma visão ou uma experiência corporal real). Isso provavelmente aconteceu por volta de 42 d.C., enquanto Paulo estava em Tarso, antes de Barnabé vir buscá-lo ([At 9.30](#); [11.25](#)). Paulo não gostava de falar sobre isso, pois o poder de Deus é mais facilmente visto em sua fraqueza. De fato, os oponentes de Paulo eram uma aflição de Satanás que Deus permitiu para manter Paulo humilde e demonstrar seu poder na fraqueza de Paulo. (A imagem de um "espinho na carne" é uma de inimigos — [Nm 33.55](#); [Js 23.13](#); Paulo também descreve o que ele quer dizer mais claramente em [2Co 12.10](#)). Se a vulnerabilidade mostra o poder de Deus, Paulo aceita de bom grado a fraqueza ([12.1-10](#)).

Paulo sentiu vergonha de ter que se gabar. Os oponentes se vangloriavam de vir dos "superapóstolos" de Jerusalém. Paulo destacou que ele era igual a eles, embora ambos não fossem nada. Deus havia marcado o trabalho de Paulo. Com uma ironia mordaz, ele pede perdão por não ter aceitado dinheiro dos coríntios ([12.11-13](#)).

No entanto, Paulo viria uma terceira vez e manteria a mesma política de não aceitar nenhum apoio deles, mas de se entregar livremente a eles, assim como Jesus havia feito na terra. Não apenas ele, mas todos os seus enviados mantinham a mesma política. Ninguém poderia acusá-lo de engano ou inconsistência ([12.14-18](#)). No entanto, ele temia vir até eles, pois sabia que a comunidade não apenas se rebelou contra ele, mas também estava

em desordem interna. Essa desunião e imoralidade humilhariam e magoariam Paulo ([12.19-13.4](#)).

Portanto, os coríntios fariam bem em examinar a si mesmos. Eles estavam realmente seguindo Jesus ou não? Se sim, deveriam perceber que Paulo também estava seguindo Jesus. No entanto, a preocupação de Paulo não era com sua própria posição — ele estava contente em ser rejeitado (“fraco”) — mas com o fato de eles seguirem a verdade. Ele esperava pelo arrependimento deles, não para se proteger, mas para que não precisasse ser severo quando viesse ([13.5-10](#)).

Provavelmente tomando a caneta do escriba neste ponto, Paulo encerra com um apelo final para que se arrependam e alcancem a unidade como igreja. Breves saudações da igreja na Macedônia e uma bênção formal encerram sua correspondência com os Coríntios (vv. [11-13](#)).

Veja também Atos dos Apóstolos, Livro de; Corinto; Coríntios, Primeira Carta aos; Paulo, o Apóstolo.

Corinto

Uma proeminente cidade da Grécia, anteriormente a capital da antiga província de Acaia, onde o apóstolo Paulo pregou. O local da antiga Corinto está a oeste do istmo que separa a Península do Peloponeso do continente da Grécia. As ruínas antigas, em grande parte de origem romana, estão situadas a cerca de 1.285 metros da Corinto atual. A área foi habitada desde os tempos neolíticos. Corinto é dominada por um afloramento de rocha conhecido como Acrocorinto (Corinto Superior). A grandiosidade do período grego é evidente nos restos do templo de Apolo, cujas colunas maciças dominam o local. A entrada para a cidade antiga é feita por meio de uma avenida muito larga que segue em linha reta desde o portão da cidade. Essa avenida termina no mercado, com estradas que levam de lá ao Acrocorinto. No período apostólico, a cidade era um centro comercial e industrial movimentado, com uma população de quase 700.000.

História e arqueologia

Por volta de meados do século VIII a.C., Corinto, estrategicamente localizada ao longo das rotas comerciais Leste-Oeste, era uma cidade-estado próspera. De 350 a 250 a.C., foi a cidade mais proeminente da Grécia. Então, a máquina militar romana iniciou uma marcha implacável para forjar

um vasto império. Em 146 a.C., Corinto foi completamente destruída e ficou em ruínas por um século. Em 46 a.C., Júlio César transferiu um grupo misto de italianos e gregos despojados para o local, e mais uma vez uma magnífica cidade surgiu, desta vez como uma colônia romana. Como na maioria das cidades romanas, templos de mármore dominavam a paisagem. A cidade era abastecida com água de um poço subterrâneo. Tornou-se uma cidade cosmopolita que atraía comerciantes de todo o mundo, embora sua reputação crescesse simultaneamente como um centro de luxo, indulgência e vício. Uma grande colônia de judeus deslocados (parte da Diáspora) se desenvolveu na cidade, um grupo que sem dúvida atraiu o apóstolo Paulo.

Em 1896, a Escola Americana de Estudos Clássicos em Atenas obteve permissão para iniciar a escavação do antigo local. As descobertas são de especial interesse para o estudo das epístolas aos Coríntios do NT. Uma importante descoberta arqueológica foi um lintel de porta com uma parte de uma inscrição designando o edifício como a “Sinagoga dos Hebreus”. Pode ter marcado a sinagoga na qual o apóstolo pregou ([At 18.4](#)). Outra descoberta foi o bema, ou lugar de julgamento (vv. [12-17](#)), localizado no centro da ágora, ou mercado. Ali Paulo apareceu diante de Gálio, procônsul da Acaia. As datas de Gálio estão bem estabelecidas por outras inscrições. Ele não deve ter chegado em Corinto antes de julho de 51 d.C. Paulo apareceu diante dele após ter ministrado na cidade por quase 18 meses. Isso dataria a chegada de Paulo em Corinto como o início de 50 d.C.

Corinto é significativo na história da igreja devido ao ministério do apóstolo Paulo em resposta à sua visão macedônica ([At 16.9-10](#)). Ele estabeleceu igrejas em Filipos, Tessalônica, Bereia e possivelmente Atenas a caminho de Corinto. [Atos 18](#) descreve o trabalho de Paulo em Corinto, inicialmente com os judeus, que se opuseram violentamente a ele (v. [6](#)). Em Corinto, Paulo se dedicou ao ministério mais longo até então em qualquer uma de suas primeiras viagens missionárias. A igreja de Corinto, nascida em um ambiente de intenso paganismo, teve que enfrentar sérias dificuldades iniciais. As cartas de Paulo ao grupo de crentes lá refletem um grande catálogo de problemas para os cristãos do primeiro século, uma lista não muito diferente dos problemas enfrentados pelos cristãos hoje.

Veja também Coríntios, Primeira Carta aos; Coríntios, Segunda Carta aos.

Cornélio

Centurião romano e o primeiro cristão gentio mencionado no livro de Atos.

A história da conversão de Cornélio através da pregação do apóstolo Pedro está registrada em [Atos 10.1–11.18](#). Antes de sua conversão, Cornélio era bem conhecido pelos judeus como uma pessoa que temia a Deus, orava continuamente e dava esmolas.

No início, a igreja era composta apenas por judeus, que relutavam em pregar o evangelho aos gentios porque os judeus que seguiam a lei nunca tinham comunhão com "pagãos". Pedro, um judeu que seguia a lei, tinha reservas em entrar na casa de um gentio e comer alimentos "impuros". No entanto, através de uma visão, Deus levou Pedro à casa de Cornélio para pregar o evangelho a ele, sua família e amigos próximos. Antes que Pedro terminasse de falar, e antes que o batismo ou a imposição de mãos pudessem ser administrados, Deus demonstrou dramaticamente sua aceitação dos gentios na comunhão da igreja, dando-lhes o dom do Espírito Santo. Pedro permaneceu vários dias na casa de Cornélio, sem dúvida regozijando-se na conversão do centurião e instruindo-o em sua nova fé.

A conversão de Cornélio representou um passo significativo na separação da igreja primitiva do judaísmo. Cornélio não precisou se submeter a nenhuma das práticas judaicas, como a circuncisão ou o consumo apenas de animais ritualmente "puros". Pela primeira vez, um crente gentio foi aceito na igreja em igualdade de condições com os cristãos judeus.

Veja também Atos dos Apóstolos, Livro de.

Corneta

Veja Instrumentos Musicais (Hatzotzrot); Música.

CORO

É um tipo de cantoria ou fala de forma repetida e rítmica que muitas vezes soa como um tom contínuo ([Sl 8.1](#); [Ez 32.16](#)).

Veja Música.

Coro

Medida de mercadoria seca equivalente a um ômer (cerca de 220 litros). *Veja* Pesos e medidas.

Coroa

Peça de cabeça que simboliza honra ou alto cargo. Além de usar a palavra metaforicamente, o Antigo Testamento refere-se a três tipos de coroas.

Um tipo de coroa era usado pelo sumo sacerdote e pelos reis hebreus. A "coroa sagrada" do sumo sacerdote era uma placa de ouro gravada com as palavras "Santo ao Senhor" e presa à frente de um turbante ([Êx 29.6](#); [39.30](#)). [Um turbante é um tipo de cobertura para a cabeça (geralmente feito de tecido) que se enrola ao redor da cabeça.] A "coroa sagrada" do sumo sacerdote simbolizava sua consagração como representante do povo diante de Deus. Os reis hebreus usavam uma coroa leve o suficiente para ser usada em batalha ([2Sm 1.10](#))—talvez uma faixa estreita de seda cravejada de joias. Assim como a coroa do sumo sacerdote, a coroa do rei também indicava um cargo divinamente designado ([2Rs 11.12](#); [Sl 89.39](#); [132.18](#)).

Um segundo tipo de coroa era um símbolo maciço de ouro e joias usado por reis pagãos e ídolos ([2Sm 12.30](#); [Et 1.11](#)). O profeta Zacarias colocou tal coroa em Josué, o sumo sacerdote, para indicar a união das funções reais e sacerdotais ([Zc 6.11.14](#)).

Um terceiro tipo de coroa era uma grinalda de flores usada em um banquete para simbolizar alegria e celebração ([Ct Sl 3.11](#); [Is 28.1](#); [Ct Sl 2.8](#)).

A palavra "coroa" é usada metaforicamente para indicar governo ou realeza ([Na 3.17](#), Versão King Tiago), glória ou honra ([Ió 19.9](#); [Sl 8.5](#); [Ez 16.12](#)), alegria ([Ez 23.42](#)) ou orgulho ([Ió 31.36](#); [Is 28.3](#)).

No Novo Testamento, a palavra mais comum para "coroa" refere-se a uma coroa de louros usada em banquetes ou como um prêmio concedido em honra cívica ou militar. O apóstolo Paulo aludiu ao seu uso como prêmio atlético ao incentivar os cristãos a serem disciplinados na busca por uma "coroa" que não murcharia ([1Co 9.25](#); [2Tm 2.5](#)). Paulo considerava seus convertidos como sua "alegria e coroa" ([Fp 4.1](#); [1Ts 2.19](#)).

Uma coroa de vencedor simboliza a vida eterna herdada pelos cristãos que perseveraram ([Tg 1.12](#); [1Pe 5.4](#); [Ap 2.10](#); [3.11](#)). No livro de Apocalipse, as vitórias dos gafanhotos ([9.7](#)), da mulher ([12.1](#)) e de Cristo ([6.2](#); [14.14](#)) são simbolizadas por coroas de

louro. Uma palavra grega diferente, que significa uma coroa real, é usada para os diademas nas cabeças do dragão ([12.3](#)), da besta do mar ([13.1](#)) e de Cristo ([19.12](#)).

A coroa de espinhos de Jesus era uma faixa circular formada por um arbusto espinhoso — uma paródia irônica de uma coroa de vencedor ([Mc 15.17-18](#)). Sua combinação com o manto, o cetro ([Mt 27.27-29](#)) e a inscrição satírica na cruz de que Jesus era “o Rei dos Judeus” ([Mc 15.26](#)), tinha o objetivo de zombar dele como um Messias fracassado.

Corpo

Termo usado biblicamente de várias maneiras diferentes, incluindo certas expressões metafóricas ou teológicas. Muitas das referências bíblicas ilustram características especiais do pensamento hebraico sobre a vida humana.

No Antigo Testamento

Os escritores do AT usaram uma série de palavras hebraicas traduzidas “corpo” em versões em português, principalmente com referência à vida física. O corpo sofre; é atormentado por doença ou é ferido. Às vezes está morto, isto é, um cadáver ou carcaça. A referência é até mesmo feita aos “corpos” de seres espirituais — dos querubins na visão de Ezequiel ([Ez 1.11](#)) e de um anjo ([Dn 10.6](#)). Jeremias falou dos corpos de deuses pagãos, referindo-se às suas imagens na forma de ídolos ([Jr 10.1-16](#)). Tais usos indicam que os hebreus pensavam em todos os seres, sejam celestiais ou terrenos, como personificados.

Às vezes, a palavra “corpo” se aproxima do significado de “carne”, e frequentemente a mesma palavra hebraica está por trás de ambos os termos. “Corpo” é o homem em sua vivência física total. “Carne” é a palavra geralmente usada para se referir à pecaminosidade ou à condição de criatura do homem.

Os seres humanos têm corpos e uma existência corporal; cada pessoa também tem um espírito e uma dimensão espiritual na vida. Mas nas Escrituras, os dois não são colocados um contra o outro ou vistos como “partes” separadas do homem. O corpo não é visto como um impedimento para a alma (como em grande parte do pensamento grego). Somente no período intertestamentário os escritores judeus começaram a falar do corpo como algo maligno ou oposto à alma.

No Novo Testamento

Embora “corpo” seja usado no NT das mesmas maneiras que no AT, o conceito recebe um novo significado. O corpo de Jesus (isto é, seu cadáver) foi retirado da cruz ([Mc 15.43](#)). Um corpo poderia experimentar doença e cura ([5.29](#)) e precisava ser vestido ([Tg 2.16](#)); no entanto, o corpo (isto é, vida física) vai muito além das roupas ([Mt 6.25](#)). Jesus disse para não temer aqueles que matam o corpo, mas não pode matar a alma; em vez disso, temer aqueles que podem destruir tanto a alma quanto o corpo no inferno ([10.28](#)).

Na Ceia do Senhor, Jesus disse com referência ao pão: “Este é meu corpo”, e então acrescentou — com o cálice na mão — “Este é meu sangue” ([Mc 14.22,24](#)). Esses termos do sistema sacrificial do AT tinham a intenção de ressaltar o significado sacrificial da morte de Jesus. Sob a antiga e a nova aliança, uma vida real e física foi oferecida na morte por causa do “povo da aliança”.

O apóstolo Paulo fez do termo “corpo” uma referência fundamental na compreensão da vivência cristã. A maioria das referências do NT a “corpo” está em suas cartas.

O corpo pecaminoso

Em [Rm 6.6](#), Paulo falou da destruição do “corpo pecador”. A frase não significava que o próprio corpo é pecador, como se o pecado estivesse de alguma forma ligado à matéria física. Também não se tratava de alguma entidade, pecado, que se pensava existir na natureza humana. Nem personificava o pecado. Em vez disso, a frase se referia à vida física de seres humanos — vida na terra — dominada pela influência do pecado. Na conversão cristã, Paulo viu esse padrão familiar de experiência humana sendo destruído. Ligar o pecado com o corpo é apenas reconhecer que os seres humanos em sua vida terrena (“vida no corpo”) são profundamente pecadores. Após descrever o terrível conflito na experiência humana, Paulo clamou: “Quem me livrará do corpo desta morte?” ([Rm 7.24](#), ARA). A vida humana, “danificada” pelo pecado e suas consequências em todos os pontos, requer a redenção de Cristo ([7.25-8.4](#)).

O corpo do crente

Na conversão, os crentes são descritos por Paulo como aqueles que irão experimentar não apenas a “salvação da alma”, mas também a transformação da vida presente. Eles morreram para o pecado e

foram libertos da escravidão causada por ele. Paulo, assim, pediu por uma vida de santidade “na carne”. “Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões” ([Rm 6.12](#), ARA). A justiça, e não o pecado, deve governar a vivência física de um cristão. A vida social e pessoal dos crentes deve ser caracterizada pela santidade. Os crentes estão no mundo ([Jo 17.11](#)) e devem viver para Deus no mundo (isto é, em sua existência corporal); eles não devem ser indiferentes ao mundo.

A vida física e terrena assume assim novo significado. Paulo disse aos cristãos para apresentar seus corpos como um sacrifício vivo ([Rm 12.1](#)). Cada vida humana individual deve ser um “sacrifício vivo” a Deus. Longe de depreciar a existência terrena, Paulo via que, em Cristo, ela tinha um novo potencial. A razão é que o Espírito Santo é encontrado lá. “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus” ([1Co 6.19](#), ARA). Essa afirmação não deve ser lida materialisticamente, como se o Espírito tomasse residência em certos tecidos; “corpo” significa toda a existência física e terrena.

Paulo também antecipou uma transformação final da vida no corpo através de Cristo. Ele falou da “redenção de nossos corpos” ([Rm 8.23](#)) e da transformação de “nossos corpos humildes para ser como seu corpo glorioso” ([Ep 3.21](#)). A Bíblia, embora tenha uma visão realista do pecado humano e deterioração física, não compartilha o pessimismo das visões de mundo que buscam escapar do mundo.

O Corpo da Ressurreição

A possível separação de corpo e alma não ocorria na mente hebraica. Biblicamente, a vida além da morte não existe sem o corpo, mas uma existência para a qual um “novo corpo” é preparado. Embora Paulo tenha levantado muitas perguntas em [1Co 15.35-57](#), fica claro que ele viu a continuidade entre o corpo terreno e o corpo da ressurreição. “Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual” (v. [44](#)). Essa expressão pode ser derivada em grande parte da experiência de Jesus, onde o corpo morto não foi apenas trazido à vida, mas também transformado para que não fosse preso pela terra. Seu corpo de ressurreição foi derivado do terreno. Mas Paulo tinha certeza de que na ressurreição prometida, a vida voltaria para o corpo sem suas limitações presentes e com novas

manifestações. A morte, disse Paulo, é assim “tragada pela vitória” (v. [54](#)).

Veja também Ressurreição; Corpo de Cristo; Igreja; Homem.

Corpo de Cristo

A expressão “corpo de Cristo” na Bíblia refere-se a três coisas:

74. O corpo físico de Jesus Cristo;
75. O pão e o vinho são usados na Ceia do Senhor para lembrar de Jesus. Seu corpo quebrado é comparado ao pão, e seu sangue derramado é comparado ao vinho; e
76. A igreja, tanto local quanto mundial.

O corpo físico de Jesus Cristo

O Novo Testamento afirma que Deus, o Pai, preparou um corpo humano para Jesus, o Filho ([Hb 10.5](#)). O corpo foi formado quando o Espírito Santo fez com que Maria, que era virgem, engravidasse ([Mt 1.20](#)). Jesus nasceu como descendente de Davi ([Rm 1.3](#)). No entanto, Jesus também foi chamado de Filho de Deus ([Lc 1.35](#)).

O apóstolo João enfatizou que o corpo de Jesus era realmente humano, não apenas um espírito ([1Jo 4.2-3](#)). Algumas pessoas nos dias de João já estavam começando a argumentar que Jesus era apenas espírito. Deus “se fez carne e habitou entre nós” ([Jo 1.14](#); cp. [Is 53.1-4](#)). O corpo terreno de Jesus possuía características e limitações humanas comuns. Como um ser humano real:

- Jesus experimentou tristeza ([Jo 11.35](#); [Hb 5.7-8](#));
- Jesus ficou cansado ([Jo 4.6](#));
- Jesus teve sede ([Jo 19.28](#)); e
- Jesus sentiu dor ([Jo 19.1-3](#)).

Quando Jesus morreu na cruz, seu corpo físico faleceu ([Jo 19.30,33](#)). O Novo Testamento afirma que ele carregou os pecados do mundo quando morreu ([1Pe 2.24](#); [1Jo 2.2](#); cp. [Is 53.5-6](#)). Sua morte é descrita como um sacrifício perfeito ([Hb 9.12-14,26-28](#)) que torna os crentes santos e justos diante de Deus ([2Co 5.21](#); [Hb 10.10](#)).

O corpo de Jesus foi sepultado de maneira tradicional ([Mt 27.59](#); [Mc 15.46](#); [Lc 23.53,56](#); [24.1](#); [Jo 19.39-40](#)). Foi colocado no túmulo de pedra de José de Arimateia ([Mt 27.57-60](#); [Jo 19.41](#)). No terceiro dia, seu corpo ressuscitou, como ele havia dito que aconteceria ([Jo 2.19-22](#)).

Ele foi visto em seu corpo de ressurreição física ([Mt 28.9](#); [Lc 24.31,36](#); [Jo 20.10-19,26](#)). As pessoas o viram, ouviram e tocaram após ele voltar à vida. ([Mt 28.9](#); [Lc 24.39](#); [Jo 20.17](#); [1Jo 1.1](#)). Ele permitiu que as pessoas tocassem suas cicatrizes ([Lc 24.39](#); [Jo 20.17](#)). Ele podia comer, mostrando que tinha um corpo real ([Lc 24.42-43](#)). Mas seu corpo também era especial. Ele podia entrar e sair de salas de maneiras incomuns ([Lc 24.31,36](#); [Jo 20.19,26](#)). A Bíblia diz que, porque o corpo de Jesus voltou à vida, os crentes também voltarão à vida um dia ([1Co 15.20-23,50-57](#); [Fp 3.20-21](#)).

O corpo de Cristo na Ceia do Senhor

Na Santa Ceia ([Mt 26.26-29](#); [Mc 14.22-25](#); [Lc 22.15-20](#); [1Co 11.23-26](#)), Jesus segurou o pão e disse: "Isto é o meu corpo". Ele segurou o cálice de vinho e disse: "Este é o meu sangue da aliança" ([Mt 26.26,28](#)). Jesus quis dizer que o pão representava seu corpo. Seu corpo foi quebrado quando ele foi espancado em seu julgamento e perfurado em sua crucificação ([Lc 23.33](#); [Jo 19.1-2](#)). Paulo disse que Jesus, nosso cordeiro pascal, foi sacrificado por nós ([1Co 5.7](#)). Isso significa que o cordeiro pascal no Antigo Testamento era uma lição objetiva. Aponta para "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" ([Jo 1.29](#)).

Para os cristãos, o corpo de Cristo é visto ([Mt 8.17](#); [1Pe 2.24](#); cp. [Is 53.4-5](#)) como o pão partido na Ceia do Senhor. O cálice de vinho representa o sangue de Jesus derramado. O sangue é o principal fator na aliança de graça de Deus com seu povo.

Jesus chamou de "a nova aliança no Meu sangue" ([Lc 22.20](#)). Todo o evento da Ceia do Senhor também deveria ser um momento de lembrança ([1Co 11.25-26](#)). Nesse evento, os crentes são lembrados de que Cristo morreu pelos pecadores. Eles recordam o perdão dos seus pecados ([Mt 26.28](#)). Eles também são lembrados de que estão unidos a ele como parte do corpo de Cristo ([Rm 6.1-11](#); [1Co 10.16](#); [Gl 2.20](#); [Fp 3.10](#)).

O corpo de Cristo, o povo de Deus

O "corpo de Cristo" também costumava significar toda a igreja. Todos os crentes unidos a Jesus são considerados o povo de Deus. Diz-se que o povo de

Deus são membros do "corpo místico" de Cristo ([1Co 12.27](#)). Isso significa que eles estão próximos de Jesus, e ele cuida deles ([Ef 5.25,29](#)). A Bíblia usa uma série de outras comparações para todo o povo de Deus, como a videira ([Sl 80.8](#)), o templo de Deus ([1Co 3.16-17](#)), edifício ([1Pe 2.5](#)), povo escolhido ([2.9](#)), e família de Deus ([Ef 3.15](#)). Essas comparações mostram quão conectado e dependente o "corpo de Cristo" é do Deus vivo.

Paulo frequentemente usava "corpo de Cristo" para lembrar uma igreja local de que fazia parte de algo maior. Paulo ensinava que todos os crentes são parte de um corpo, com Jesus como a cabeça. "Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim em Cristo, nós que somos muitos somos um só corpo, e cada membro pertence um ao outro" ([Rm 12.4-5](#)). Paulo ensinou os cristãos de Corinto que eles eram parte do corpo de Cristo ([1Co 12.27](#)). Eles e Paulo foram todos batizados por um Espírito nesse único corpo ([Ef 5.30](#)).

Em muitas passagens escritas por Paulo, a igreja é chamada de "corpo" e Cristo de "cabeça" ([Cl 1.18](#)). Cristo foi feito "cabeça sobre tudo para a igreja", que "é seu corpo" ([Ef 1.22-23](#)). O corpo cresce através da "conexão com a cabeça", ([Cl 2.19](#)). Como cabeça do corpo, Cristo é seu Salvador ([Ef 5.23](#)).

A comparação entre cabeça e corpo leva a uma dependência natural da igreja em Cristo e seu domínio sobre a igreja. A igreja se entende em termos de seu Cabeça. A relação é natural, pois a vida flui e é sustentada pelo Cabeça. A relação é rápida, direta e completa. Sem Cristo, tanto em seu sacrifício salvador quanto em sua posição atual à direita de Deus, a igreja não existiria.

No Novo Testamento, a expressão "corpo de Cristo" refere-se à igreja mundial e a cada grupo local de crentes. Inclui tanto crentes judeus quanto não judeus unidos em Jesus Cristo ([Ef 2.14-16](#); [3.6](#); [4.4](#)).

- Jesus salvou o "corpo de Cristo" ([Ef 5.23](#));
- Jesus lidera o "corpo de Cristo" ([Cl 1.18](#));
- Jesus governa o "corpo de Cristo" ([Ef 1.22-23](#)); e
- Jesus dá força e unidade ao "corpo de Cristo" ([Ef 4.15-16](#); [Cl 2.19](#)).

Os dons do Corpo de Cristo

Cada membro do corpo de Cristo recebeu habilidades especiais (chamadas de dons espirituais) para servir a Jesus ([Rm 12.6](#); [1Co 12.11](#)). Essas habilidades são frequentemente discutidas na Bíblia. Elas incluem ensinar, encorajar os outros e demonstrar bondade ([Rm 12.7-8](#); [Ef 4.11](#)). O ministério de servir deve ser compartilhado por todos os cristãos. Os cristãos podem fazer isso através da doação para as necessidades físicas dos outros ([At 11.29-30](#); [1Co 16.1-4](#); [2Co 8.1-5](#)). Eles também podem fazer isso orando uns pelos outros ([Ef 1.15-23](#); [3.14-19](#); [6.18-20](#)).

Ninguém deve menosprezar os outros ou seus dons. Deus escolheu cada pessoa para ter um papel especial no corpo ([1Co 12.14-26](#)). Os dons são dados para apoiar "os santos para obras de ministério e para edificar o corpo de Cristo, até que todos alcancemos a unidade na fé e no conhecimento do Filho de Deus, enquanto amadurecemos até a plena medida da estatura de Cristo" ([Ef 4.12-13](#)). Todos devem se tornar mais semelhantes a Jesus ([4.15-16](#)).

Veja Corpo; Igreja; Ceia do Senhor, A; Ressurreição.

Correção

O ato de ensinar alguém a corrigir um comportamento inadequado.

Veja Disciplina.

Corrupção, Monte da

Extremidade sul do Monte das Oliveiras, chamado de "corrupção" porque o Rei Salomão construiu ídolos lá para suas esposas estrangeiras ([1Rs 11.7](#); [2Rs 23.13](#)). Algumas Bíblias em português traduzem como "Monte da Destruição". O termo é

possivelmente um jogo de palavras irônico com a palavra hebraica para "ungir". O local pode ter sido originalmente chamado de "Monte da Unção" porque o óleo dos muitos olivais em suas encostas era usado em cerimônias de consagração.

Veja Oliveiras, Monte das.

Cortinas

Veja Móveis; Casas e Moradias; Tabernáculo; Templo.

Coruja

Corujas são aves ativas à noite. Elas têm cabeças e olhos grandes que olham para frente. Suas penas macias ajudam-nas a voar silenciosamente. O corpo de uma coruja é pequeno e leve, aproximadamente do tamanho de um pombo, mas parece maior devido às suas penas espessas.

Corujas vivem em lugares tranquilos e escuros. No Oriente Médio, elas frequentemente habitam ruínas de templos antigos, pirâmides, túmulos de pedra e cavernas. Esses locais incluem áreas no Egito e em ambos os lados do Rio Jordão em Israel. Corujas geralmente se mantêm afastadas de locais onde as pessoas vivem.

As corujas têm uma visão excelente à noite, o que as ajuda a localizar e capturar pequenos animais, como camundongos. Seus olhos grandes não funcionam bem durante o dia, pois a luz forte as incomoda.

Corujas conseguem engolir animais inteiros porque suas gargantas (chamadas de esôfago) se expandem. Mais tarde, elas expelem pelotas feitas de pelos e ossos que não conseguem digerir. Corujas têm bicos curtos, curvados, afiados e fortes.

Corujas podem botar até dez ovos em um ninho. Ambos os pais cuidam dos filhotes. Famílias de corujas frequentemente permanecem perto do local onde nasceram.

Corujas na Bíblia

A Bíblia menciona corujas várias vezes. As corujas eram vistas como aves impuras sob a lei judaica ([Lv 11.17](#); [Dt 14.16](#)). Como as corujas comem outros animais, elas não eram permitidas como alimento.

Existem oito tipos de corujas na terra da Bíblia. Cinco delas são comuns. No entanto, é difícil saber

quais tipos correspondem às quatro palavras hebraicas para "coruja" na Bíblia. Em algumas versões, uma das palavras traduzidas como "coruja" provavelmente significa "avestruz" em vez disso.

Algumas das espécies de corujas encontradas na terra da Bíblia incluem:

- Coruja das torres ou Coruja-branca
- Corujão
- Coruja pequena
- Mocho

Veja também Aves; Avestruzes.

Coruja das torres, Coruja branca

A coruja-das-torres (*Tyto alba*) é uma coruja grande, conhecida por seu rosto em forma de coração. Algumas pessoas a chamam de "coruja roncadora" devido ao som que emite ao respirar em seu ninho. Outros a chamam de "coruja gritadeira" por causa de seu grito alto e assustador quando está voando.

Sua cabeça grande e olhos largos fazem algumas pessoas acharem que ele parece assustador ou até mesmo maligno. Por causa de seu rosto, outros o chamam de "coruja com cara de macaco".

Embora algumas pessoas achem que esta coruja pareça estranha, ela é uma ave útil. Ela caça e come roedores (como ratos e camundongos) que destroem colheitas e consomem alimentos armazenados. Isso torna a coruja-das-torres benéfica para os agricultores.

Como outras corujas, a coruja-das-torres dorme durante o dia e caça à noite. Ela possui uma audição e visão excelentes, o que a ajuda a capturar presas no escuro.

A coruja-das-torres possui penas de um marrom-amarelado claro. Seu rosto é branco, e há uma "máscara" branca ao redor dos olhos e bochechas. Suas pernas são completamente cobertas por penas. Essas penas ajudam a proteger a coruja de mordidas quando captura presas com suas garras afiadas (chamadas de talões).

Corujas das torres na Bíblia

Algumas traduções modernas da Bíblia mencionam a coruja-do-celeiro ou a coruja-branca pelo nome

([Lv 11.17-18](#); [Dt 14.16](#)). Essas corujas são listadas como aves impuras na lei judaica, o que significa que não eram permitidas para consumo.

Veja também Aves; Coruja.

Coruja pequena

A coruja pequena (*Athene noctua glaux*) é a menor coruja que caça à noite. Ela se alimenta principalmente de insetos, mas às vezes captura pequenos pássaros. É a coruja mais comum na Terra Santa.

A pequena coruja frequentemente vive em lugares tranquilos como ruínas, rochas, matagais (áreas arbustivas) e ao redor de tumbas. Algumas pessoas acreditam que pode ser a coruja mencionada no [Salmo 102.6](#).

Seu chamado soa como uma pessoa gemendo ou chorando de dor. As pessoas no passado viam a pequena coruja como sábia, especialmente porque ela frequentemente fica parada e observa o horizonte. Os antigos gregos associavam essa coruja à deusa Atena.

Algumas traduções da Bíblia mencionam a coruja pequena pelo nome nas listas de aves impuras ([Lv 11.17](#); [Dt 14.16](#)).

Veja também Aves; Coruja.

Corujão

Nome de uma das grandes corujas ou corujas-reais ([Dt 14.16](#)). Apenas a Bíblia NVI apresenta essa descrição. Algumas versões traduzem como "fbis".

Veja Aves (Coruja; Coruja, Grande).

Corujinha-do-mato

O nome "corujinha-do-mato" às vezes é usado para diferentes tipos de corujas que emitem chamados altos e estridentes. Na Bíblia, isso pode se referir a corujas como a coruja-das-torres ou a corujinha-do-mato, conhecidas por seus gritos penetrantes à noite.

Veja Coruja-das-torres, coruja-branca; coruja-orelhuda.

Corvo-marinho

Grande ave aquática de pés pretos e palmados, considerada cerimonialmente impura para os israelitas ([Lv 11.17](#); [Dt 14.17](#)).

Veja Aves.

Cós

Cós é uma ilha no Mar Egeu, parte do grupo das Espórades. A ilha possui uma cidade com o mesmo nome. Cós está localizada próxima à costa de Cária na Ásia Menor (atual Turquia).

O apóstolo Paulo visitou Cós durante suas viagens. Foi sua primeira parada após deixar Éfeso enquanto viajava para Jerusalém no final de sua terceira viagem missionária ([At 21.1](#)).

No Apócrifo (um conjunto de textos antigos não incluídos na Bíblia Hebraica, mas aceitos por alguns grupos cristãos), Cós é mencionada junto com outras áreas. Esses lugares receberam uma carta do cônsul romano Lúcio. A carta proibia a guerra contra o povo judeu que vivia nessas áreas ([1Mc 15.23](#)).

Cós (anteriormente chamada de Kós) era um importante centro de transporte marítimo e comércio. Era famosa por seu trigo, unguentos, vinhos e seda. Mais tarde, tornou-se um dos centros financeiros do Mediterrâneo Oriental.

Hipócrates, conhecido como o "pai da medicina", nasceu em Cós. Ele praticou medicina lá durante os séculos V e IV a.C. Durante o governo do Rei Herodes, Cós recebeu pagamentos financeiros contínuos. O povo de Cós construiu uma estátua para homenagear o filho de Herodes, Herodes Antipas.

Cosã

Um ancestral de Jesus. Ele era pai de Adi e filho de Elmadã. Ele é mencionado apenas na lista de ancestrais de Jesus em Lucas ([Lc 3.28](#)).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Cosaco de malha

Peça de armadura que cobre o corpo do pescoço até o cinto, provavelmente feita de couro com

pequenas placas de metal entrelaçadas e costuradas.

Veja Armaduras e armas.

Cosbi

Uma mulher de Midiã teve um relacionamento impróprio com um israelita chamado Zinri. Este relacionamento violou as leis de Deus. Durante esse tempo, uma doença mortal se espalhava entre os israelitas como punição. Fineias, neto de Arão, o sumo sacerdote, interrompeu a doença matando tanto Zinri quanto Cosbi ([Nm 25.15-18](#)).

Cosméticos

Cosméticos são produtos que as pessoas aplicam em seus corpos para melhorar a aparência.

Como os cosméticos eram utilizados no mundo antigo?

Originalmente, a pintura para os olhos tinha o propósito médico de prevenir que moscas espalhassem infecções. As moscas fazem isso pousando nos olhos, especialmente de pessoas dormindo. Substâncias como kohl, malaquita e antimônio possuem propriedades que ajudam a limpar e proteger contra infecções. Eram medicamentos úteis.

Esses minerais foram encontrados e transformados em uma pasta ao serem misturados com goma arábica ou água. A tinta era preparada em uma pequena tigela e aplicada com uma espátula ou com o dedo. Arqueólogos encontraram muitas dessas tigelas datando de 800 a.C. em vários locais palestinos. Eles também recuperaram tigelas muito mais antigas do Egito. As mulheres egípcias usavam malaquita verde como pintura para os olhos. No período romano, o antimônio se tornou popular.

Quando a maquiagem dos olhos se tornou uma moda como procedimento cosmético, os olhos eram contornados de preto. As pessoas usavam galena ou sulfeto de chumbo para fazê-los parecer maiores. Essa prática era comum especialmente no Egito, Palestina e Mesopotâmia. As sobrancelhas também eram escurecidas com a aplicação de uma pasta preta.

Cosméticos na Bíblia

Jezabel decorou seus olhos com cosméticos pouco antes de sua morte dramática por volta de 841 a.C. ([2Rs 9.30](#)). Muitos na sociedade judaica bíblica acreditavam que mulheres com olhos pintados careciam de virtude ([Jr 4.30](#); [Ez 23.40](#)). As pessoas usavam henna como tinta e a aplicavam em partes do corpo. Elas aplicavam henna nas mãos, pés, unhas das mãos e unhas dos pés.

As pessoas usavam óleos como proteção para a pele contra o sol e frequentemente adicionavam perfume a esses óleos. A unção, que significa aplicar óleo no corpo de alguém como parte de uma cerimônia especial, era considerada muito importante. Quando as tropas do rei israelita Acáz retornaram à sua terra natal por volta de 730 a.C., elas foram vestidas, alimentadas e ungidas ([2Cr 28.15](#)). Como um ato comum de hospitalidade, o anfitrião ungia os pés de um convidado. O processo também pode ter sido importante para a limpeza. Muitas pessoas achavam muito mais conveniente aplicar perfumes do que lavar o corpo, especialmente quando a água era escassa.

Um jarro de alabastro com unguento era um presente muito caro, pois teria que ser importado ([Lc 7.37](#)). Na escavação arqueológica de Laquis, foi encontrado um excelente frasco de unguento de marfim datado de cerca do século XIII a.C. Uma inscrição babilônica descreveu um unguento perfumado feito da raiz de capim-gengibre, que era importado da Arábia. Nos tempos do Novo Testamento, unguentos caros provavelmente vinham da Índia.

Costumes funerários

Os costumes e cerimônias relacionados à morte e ao falecimento humano. Todas as sociedades humanas têm observado práticas funerárias desde seus primórdios.

A maioria dos antropólogos acredita que os costumes funerários têm importantes propósitos sociais para os vivos. No entanto, há debate sobre quais são esses propósitos. Alguns cientistas acreditam que os costumes funerários acalmam a ansiedade em relação à morte. Outros, porém, acreditam que esses costumes promovem reverência religiosa ou fortalecem os relacionamentos entre os vivos. Provavelmente, ambos os fatores fazem parte da maioria dos costumes funerários. Esses costumes lembram às

pessoas que a morte é um assunto sério, ao mesmo tempo que oferecem algum conforto.

Crenças sobre a vida após a morte influenciam os costumes funerários. A maioria das culturas acredita em alguma forma de imortalidade (a ideia de que alguma parte de uma pessoa existe para sempre). Muitos artefatos foram encontrados em túmulos, tais como:

- Ferramentas
- Decorações
- Alimento

Isso pode ser evidência da crença na existência humana após a morte. Acreditava-se que os rituais funerários adequados ajudavam os mortos a alcançar seu lugar de descanso final. Essa jornada frequentemente incluía muitos perigos, como atravessar rios. Os costumes também asseguravam aos vivos que os mortos não os prejudicariam.

Descarte do corpo

Covas (sepultamento na terra) são uma maneira comum de descarte dos mortos. Isso pode ser devido à crença de que os mortos viviam no subsolo. A cova era frequentemente vista como a entrada para o submundo. No entanto, algumas culturas acreditavam que os mortos viviam no céu.

Certas culturas praticavam o descarte acima do solo. Algumas comunidades colocavam o cadáver em uma estrutura para ser devorado por animais. Alguns grupos consumiam o cadáver, acreditando que poderiam absorver as boas qualidades do falecido.

Muitas sociedades asiáticas cremam corpos. No passado, às vezes as esposas e escravos de uma pessoa falecida podiam se lançar ao fogo. O Ocidente começou a cremar corpos mais devido à falta de terra para sepulturas.

Quase todas as sociedades possuem costumes especiais de luto durante o sepultamento do corpo. Estes incluem:

- Uso de vestimentas especiais
- Fortes emoções
- Permanecendo isolado
- Evitando determinados alimentos

A maioria das sociedades realiza cerimônias que podem incluir rituais de purificação e o

compartilhamento de refeições especiais com outros enlutados. Em muitas culturas, indivíduos de alta condição frequentemente têm cerimônias fúnebres mais grandiosas.

Costumes funerários e a Bíblia

A Bíblia realmente fornece detalhes sobre o procedimento de sepultamento. Existem indícios sobre as práticas comuns de sepultamento em Israel e há certas leis sobre a morte. A maioria dos corpos era enterrada no solo ou em uma caverna. Ficar insepulto era uma grande desonra ([Dt 28.26](#); [1Rs 11.15](#)). Se possível, os mortos eram enterrados no dia em que faleciam ([Dt 21.23](#)). Os mortos geralmente não eram embalsamados, mas frequentemente eram vestidos com roupas especiais de sepultamento e aspergidos com vários perfumes ([Mc 15.46](#); [Jo 11.44](#)).

Os funerais frequentemente envolviam choro intenso. Este luto fazia parte do costume funerário ([Mt 11.17](#)). No antigo Israel, pranteadores pagos lamentavam sob comando. Grande parte do serviço fúnebre envolvia esses pranteadores realizando salmos e fazendo elogios fúnebres para os mortos ([2Cr 35.25](#); [Jr 9.17-22](#)). Esta ênfase no luto vinha da apreciação hebraica da vida e da saúde como presentes de Deus ([Sl 91.16](#)), e sua visão de que a vida existia no corpo ([16.9-11](#)). Esta crença pode explicar por que o Antigo Testamento não possui uma doutrina de imortalidade. Ele sugere uma existência sombria em Sheol e uma futura ressurreição ([Jó 14.13](#); [Ez 37](#)).

A igreja cristã primitiva concordava com a crença judaica de que a vida existia no corpo. No entanto, os primeiros cristãos também acreditavam na existência após a morte. Enquanto os gregos acreditavam na imortalidade da alma, os escritores do Novo Testamento acreditavam na vida eterna da alma e do corpo.

Essa crença na ressurreição corporal influencia os costumes funerários cristãos. As práticas simbolizam a crença na ressurreição e na vida eterna. O lamento foi substituído pelo canto alegre de salmos. O corpo era lavado, ungido, envolto em linho e cercado por velas, que representam a vida eterna. Os enlutados mantinham uma vigília na casa do falecido e liam escrituras sobre a ressurreição e a vida eterna. A Ceia do Senhor era consumida, simbolizando o sacrifício de Cristo. Um discurso fúnebre era feito para honrar os mortos e confortar os vivos. Muitas dessas práticas ainda são observadas pelos cristãos hoje.

Veja também Enterro, costumes de enterro; Luto.

Couraça

Tradução da NTLH para cota de malha, parte da armadura defensiva de um soldado ([2Cr 26.14](#); [Ne 4.16](#); [Jó 41.26](#)). *Veja* Armadura e Armas.

Couro

Couro cru de animal preparado, usado extensivamente nos tempos bíblicos para uma ampla variedade de propósitos. Era usado como roupa nos tempos antigos ([Gn 3.21](#)). No início do período dos profetas, suas vestes, feitas de peles de animais, se tornaram um meio de identificá-los ([2Rs 1.8](#); [Zc 13.4](#)). O manto de Elias ([1Rs 19.13.19](#); [2Rs 2.8, 13-14](#)) é descrito no AT grego, Septuaginta, como feito de pele de carneiro. Peles de animais também eram usadas para fazer sapatos ([Ez 16.10](#)), cintas ([Mt 3.4](#)) e outros artigos de vestuário ([Lv 13.48](#)).

Alguns utensílios domésticos eram feitos de couro. O mais comum era o recipiente para armazenar líquidos, como leite ([Jz 4.19](#)), vinho ([Mc 2.22](#)) e água ([Gn 21.14](#)). O óleo, extraído das azeitonas, então purificado e refinado, também era armazenado em odres, até que fosse necessário para cozinhar, produtos de higiene pessoal ou fins medicinais, ou como combustível para lâmpadas. Com toda a probabilidade, o couro era usado para camas, cadeiras e outros artigos domésticos. Não há referência ao couro sendo usado para fazer tendas, mas peles de animais foram empregadas na construção do tabernáculo ([Êx 25.5](#); [Nm 4.8](#)). Claramente, as referências são a peles curtidas. Seu uso garantiria que o telhado fosse à prova d'água.

A Bíblia é silenciosa sobre o uso do couro para fazer armaduras ou armas; no entanto, seria uma escolha natural para capacetes e proteções para defesa, fundas para o ataque e aljavas para carregar flechas. O ato de esfregar óleo na superfície das proteções, presumivelmente para prevenir que se tornassem quebradiças e, portanto, inúteis, é referido em [2Samuel 1.21](#) e [Isaías 21.5](#) e aponta para sua confecção de couro. Uma pintura no túmulo de um nobre egípcio de cerca de 1900 a.C. complementa o escasso conhecimento que a Bíblia fornece sobre o uso do couro nos tempos do AT. Na pintura, os homens usam sandálias e, as mulheres, botas. Uma garrafa de água de couro está amarrada

às costas de um homem. Outro, um arqueiro, carrega uma aljava nas costas. Os asnos estão carregando objetos que foram identificados como dois pares de foles de pele de cabra.

O couro foi amplamente utilizado como material de escrita, mas no início quase exclusivamente no Egito. Lá, o pergaminho, também derivado de peles de animais, tem uma história muito antiga. A diferença entre couro e pergaminho é que o primeiro é curtido, enquanto o outro é produzido tratando as peles com soluções de cal, sal ou corantes, raspando os pelos de um lado e a carne do outro, esticando e secando-os em uma moldura, depois esfregando-os com uma pedra-pomes para produzir superfícies lisas em ambos os lados. O uso de peles preparadas para material de escrita era conhecido antes de 2000 a.C. no Egito, mas de acordo com Plínio, o termo “pergaminho” não entrou em uso até cerca de 160 a.C. em outras áreas.

Nenhum documento de couro foi encontrado na Assíria ou Babilônia, provavelmente porque o couro era usado muito menos extensivamente lá do que em outros lugares no Oriente antigo. As alusões literárias do Oriente Médio apontam para que o couro tenha entrado em uso lá num período posterior. O termo “pergaminho” não é encontrado antes do período persa, e a frase “escrita em pergaminho” não ocorre antes dos primeiros anos dos selêucidas (312–64 a.C.). Mesmo então o papiro era o principal material de escrita.

Outro produto de couro, velino, é o pergaminho fino feito de peles de bezerro, cabrito, cordeiro ou antílope. Em Roma, do primeiro século a.C. até o segundo século d.C., o velino estava em uso restrito. Somente no terceiro e quarto séculos o velino prevaleceu. Foi neste momento que o célebre Códice Vaticano, e o Códice Sinaítico, foram produzidos. Toda a Bíblia agora poderia ser reunida em um único códice, que era na forma de um livro moderno com folhas dobradas, enquanto anteriormente seria necessário um conjunto de 30 a 40 rolos de papiro para se ter a Bíblia. Velino também permitia o palimpsesto, no qual a escrita original poderia ser apagada e escrita novamente.

No AT, couro ou peles não são mencionados em conexão com a escrita. Os livros em forma de rolo são mencionados no [Salmo 40.7](#), [Jeremias 36](#) e [Ezequiel 2.9–3.3](#), mas provavelmente eram papiros. Antes da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, a primeira referência aos judeus usando pergaminho ou couro como material de escrita é encontrada em Josefo, no final do primeiro

século d.C. No entanto, agora sabemos que por volta de 100 a.C. o pergaminho era usado pelos judeus. O Talmude exige que a Lei seja escrita em peles de animais limpos, um regulamento que ainda prevê que livros sejam usados na sinagoga, mas não é certo que isso aponta para uma tradição antiga.

Alguns dos Manuscritos do Mar Morto foram escritos em couro. Por exemplo, o grande pergaminho de Isaías, escrito por volta de 100 a.C., consiste em 17 folhas costuradas em um comprimento de quase 7 metros. Os autógrafos do NT foram provavelmente escritos em papiro. Certamente João escreveu sua segunda carta sobre papiro ([2Jo 1.12](#)) dentro do último trimestre do primeiro século.

A curtição não é mencionada no AT, mas está implícito em [Êxodo 25.5](#) e [Levítico 13.48](#). O possível uso de peles de animais impuros e o contato constante com cadáveres faziam da curtição um comércio impuro, e era proibido na cidade. No entanto, a preparação de peles para pergaminho era considerada um chamado honroso.

Veja também Escrita de Carta, Antiga; Escrita.

Cova

Palavra usada frequentemente no AT para denotar a sepultura, a morada dos mortos, ou Sheol — isto é, uma existência sombria que os vivos temiam porque os afastava da luz, alegria e vitalidade. As pessoas piedosas abominavam-na porque lhes parecia que isso negaria sua comunhão com Deus: Ezequias ([Is 38.17–18](#)), Jó ([Jó 17.13–16](#); [33.22](#)), e os salmistas ([Sl 28.1](#); [30.3](#); [55.23](#); [88.4–6](#)).

Veja também Abismo; Lugar dos Mortos; Morte; Sheol.

Coz

1. Descendente de Judá e possivelmente um ancestral da casa sacerdotal de Hacoç ([1Cr 4.8](#)).
2. Tradução NVI da família sacerdotal de Hacoç ([Ed 2.61](#); [Ne 3.4.21](#); [7.63](#)); talvez identificável com o #1 acima. *Veja* Hacoç.

Cozeba

Nome alternativo de Aczibe, uma cidade no território de Judá, em [1 Crônicas 4.22](#).

Veja Aczibe #1.

Cozinha

Veja Alimentos e preparação de alimentos; Casas e moradias.

Crédito, Credor

Reconhecimento de pagamento de uma dívida contraída por meio de bens ou serviços vendidos a crédito, e aquele que opera o negócio de venda a crédito. A lei mosaica regulava o crédito e os credores ([Dt 23.19-20](#)).

Veja também Banqueiro, Bancário; Dívida.

Crentes

As pessoas que acreditam. No Novo Testamento, refere-se especificamente às pessoas que acreditam em Jesus como Senhor e o seguem ([At 5.14](#)).

Poderíamos esperar que o termo “crentes” (às vezes traduzido como “fiéis”) fosse um título para os cristãos, já que o Novo Testamento enfatiza a crença em Jesus. Embora os autores do Novo Testamento tenham destacado a crença, raramente usaram o termo “crente” como nome para os cristãos.

Existem alguns exemplos claros de “crente” sendo usado como um nome para cristãos em [Atos 4.32, 10.45, 19.18](#), e [1 Timóteo 4.12](#). Mas em outros lugares, o termo é uma descrição, não um nome ([At 2.44; 15.5; 18.27; 1Tm 4.3](#)). Como nome, “crente” aponta para o compromisso pessoal dos cristãos com Jesus. Os cristãos foram chamados não apenas para acreditar em algo, mas para se entregar a alguém.

Crescente

Crescente era um colega de trabalho do apóstolo Paulo. Ele viajou para a Galácia quando Paulo estava preso em Roma ([2Tm 4.10](#)).

Creta

Quarta maior ilha no Mediterrâneo, encontrando-se aproximadamente 97 quilômetros a sudeste da Grécia e 177 quilômetros a sudoeste da Turquia. Tem 257,4 quilômetros de comprimento de leste a oeste, com uma largura de aproximadamente 58 quilômetros e uma área de 5.149 quilômetros quadrados. Através da ilha se estende uma cordilheira, dominada no centro pelo sagrado Monte Ida (altitude 9.000 pés ou 2.742 metros). Essas montanhas descem acentuadamente para a costa sul, com o resultado de que a maioria dos habitantes vive nas encostas mais graduais do norte.

Creta é importante na história da igreja cristã. Quando Paulo foi para Roma como prisioneiro, o navio buscou refúgio de uma tempestade em Bons Portos ([Atos 27.8](#)). O navio tentou chegar ao porto maior em Fênix (v [12](#)), mas foi afastado da rota e buscou refúgio em uma ilha na costa sudoeste de Creta, chamada Cauda (v [16](#)). Paulo pode ter visitado Creta após o aprisionamento em Roma, pois em sua Carta a Tito, ele disse. “Eu o deixei na ilha de Creta” ([Ti 1.5](#)). Com base nesta e outras evidências, muitos estudiosos concluem que Paulo foi liberto e tinha um ministério prolongado antes de sua segunda prisão e execução. ([2Tm 4.6](#)). Paulo tinha pouco de bom a dizer sobre o povo de Creta, citando um de seus próprios poetas dizendo que eles eram “mentirosos, animais cruéis e glutões preguiçosos” ([Ti 1.12](#)). Mas o evangelho deve ter feito uma grande diferença lá, pois hoje o nome de Tito é honrado em muitas aldeias, igrejas e mosteiros.

Por causa de sua localização e sua relativa fertilidade, Creta tem sido um prêmio de guerra e de comércio. A ilha foi conquistada por Roma em 67 a.C., e se tornou uma província separada. Os habitantes prosperaram sob os romanos e mais tarde sob os cristãos gregos (bizantinos). Os sarracenos (muçulmanos) habitaram a ilha por mais de cem anos (823–960 d.C.). Após centenas de anos de liderança cristã, foi conquistada pelo sultão turco, e a civilização definiu (1669–1898). No século XX, Creta fazia parte da Grécia, exceto por um período de domínio alemão durante a Segunda Guerra Mundial.

Criação

O ato divino de fazer algo do nada; o ato divino de trazer o mundo à existência ordenada. Os seres humanos, sem ajuda da revelação divina, não podem chegar à doutrina bíblica da Criação por especulação teológica, filosófica ou científica. De acordo com a Bíblia, o conhecimento da criação deve vir pela revelação de Deus (cf. [Hb 11.3](#)).

Resumo

- Entendendo a Criação
- Criação e Teologia
- Criação e Ciência
- As questões que cercam a evolução

Criação, Ciência e Moralidade

Entendendo a Criação

Começar uma discussão sobre a Criação com uma comparação do relato de Gênesis e da ciência moderna é começar no lugar errado. Deve-se primeiramente perguntar o que o relato da Criação teria significado para uma pessoa hebraica nos tempos bíblicos; então deve-se questionar qual foi o uso que os profetas de Israel fizeram da doutrina da Criação. Os seguintes são alguns pontos a serem observados.

1. A criação foi uma conquista sobre o caos. Na maioria das histórias antigas sobre a criação, o mundo começava com o caos. O deus mais forte vencia ao derrotar o caos, que frequentemente era retratado como outro deus. Esse deus então se tornava o deus mais importante. [Gênesis 1](#) apresenta uma imagem diferente. Conta como o Deus de Israel transformou o caos em [Gênesis 1.2](#) em um mundo bem-ordenado. Ao contrário das histórias pagãs, a Bíblia ensina que existe apenas um Deus. O caos antes da obra criadora de Deus não é outro deus. É simplesmente o estado do mundo antes de Deus separar os elementos e preencher a criação.
2. A criação foi motivada pela boa vontade de Deus. Ela foi um ato livre de Deus. Ela é boa ([Gn 1.4,10,12,18,21,25,31](#)). Com base nesse fato, os cristãos afirmam que a vida é um presente de Deus. A afirmação cristã se posiciona contra todos os niilismos e pessimismos encontrados na história religiosa e filosófica.
3. A criação está sob a sombra do pecado ([Rm 8.18-25](#)). As Escrituras ensinam que a criação de hoje não pode ser vista em sua intocada pureza original,

em vez disso, ela é vista como um mundo com uma grande medida de ambiguidade.

4. A criação é dependente de Deus. O relacionamento de Deus com sua criação é definido em [Efésios 4.6](#). Deus está acima de tudo; isto é, ele é transcendente. Deus está em meio a tudo; isto é, ele trabalha em todas as coisas. Deus está em todos; isto é, ele está divinamente presente ou imanente em toda a criação ([Sl 90.1-4](#); cf. [Jo 1.3](#); [1Co 8.6](#); [Cl 1.16-17](#)).

5. A criação é pela palavra de Deus ([Gn 1](#); [Hb 11.3](#)). Estudantes de literatura já disseram que a criação do mundo pela “palavra de Deus” é um dos mais sublimes de todos os pensamentos humanos. Entre outras coisas, significa criação por meio de uma Pessoa. A vasta extensão do universo e o enorme número de estrelas e galáxias podem anestesiar uma pessoa esclarecida em um senso de falta de sentido. Mas quando se sabe que tudo foi criado pela palavra de Deus, sabe-se que uma Pessoa está por trás da máscara frígida dos espaços estelares ([Sl 8](#); [19](#); [Rm 1.20](#)).

6. A criação conforme descrita na Bíblia resiste a um exame crítico. Estudiosos estudaram relatos paralelos de outros povos dos tempos bíblicos, e nenhum deles tem a majestade e pureza teológica do relato de Gênesis.

Criação e Teologia

A doutrina da Criação é construída na soma de todos os ensinamentos bíblicos sobre a Criação. O exame desse material leva a uma série de conclusões.

1. A doutrina da Criação nos proporciona nossa compreensão fundamental da humanidade. Homens e mulheres são feitos à imagem de Deus ([Gn 1.26-27](#)). Isso significa, pelo menos, que um ser humano é mais do que um animal, mesmo que ambos tenham sido criados da poeira da terra e tenham muito em comum. Muitas conjecturas foram feitas sobre o significado positivo da expressão “imagem de Deus”. Se há um denominador comum, é que os seres humanos encontram seu significado, seu destino e seu valor em seu relacionamento especial com Deus.
2. Paralela à declaração do relacionamento da humanidade com Deus está a afirmação de que o ser humano deve ser o senhor da criação de Deus. Novamente, os seres humanos estão separados do mundo animal, e sua responsabilidade diante de Deus é especificada ([Gn 1.28](#); [2.15](#); [Sl 8](#)).

3. Tanto homens quanto mulheres são feitos à imagem de Deus. Isso significa que a imagem divina é carregada igualmente por ambos os sexos. Também significa que a sexualidade nos seres humanos tem muito mais dimensões do que a sexualidade entre os animais. A vida sexual dos seres humanos é, portanto, muito mais rica do que a dos animais, e, por isso, sujeita a uma corrupção mais profunda ([Mc 10.2-9](#); [1Co 7.1-5](#); [Ef 5.25-31](#); cf. [Hb 13.4](#)).

4. A doutrina da oração como “pedir e receber” está fundamentada na providência de Deus, que por sua vez é fundamentada na Criação. Há significado na oração de petição apenas se houver um criador soberano que possa responder às petições de suas próprias criaturas ([Mt 6.5-13](#); [Cl 4.2](#); [1Pe 5.6-7](#); [Ap 8.3](#)).

5. A história da humanidade e de Israel começa com [Gênesis 1](#). A criação começa a história; ela não é meramente a premissa da história. O Deus da Criação é o Deus de Abraão, de Moisés, dos profetas e de Jesus Cristo.

6. A criação é uma testemunha da existência e da natureza de Deus ([Sl 19](#); [Rm 1.18-19](#)). Na teologia, a expressão usada é “revelação geral”. “Geral” significa que é uma revelação testemunhada por todas as pessoas.

7. A Criação é uma criação total. O relato de Gênesis menciona certos corpos nos céus, certas criaturas nos mares, certa vida vegetal e animal na terra. O número de espécies chega aos milhões. Gênesis não tenta listá-los, mas meramente sugere tal lista. Deus fez tudo o que existe (cf. [Jo 1.1-2](#)). Portanto, nunca há uma ameaça ao crente no Senhor de qualquer parte do universo. Há apenas um Senhor, não muitos deuses e senhores, a quem todos são chamados em obediência. O significado pessoal é encontrado em [Romanos 8.38-39](#), onde o apóstolo Paulo olha para todo o universo e não pode encontrar nada nele, em qualquer outro lugar ou em qualquer outro momento, que possa separar um crente do amor de Deus em Cristo.

8. No AT, o principal uso teológico da doutrina da Criação é o de rotular a idolatria como o pecado que esta verdadeiramente é. A idolatria é a mentira primitiva, além de levar à imoralidade, fazendo da vida de alguém uma mentira.

9. Uma das doutrinas mais notáveis do NT é o “Cristo cósmico” — o que significa que ele é o Criador e Sustentador do universo ([Jo 1.1-2](#); [Cl 1.16-17](#); [Hb 1.3](#)). O propósito de relacionar Cristo

com a Criação é mostrar que ele é mais do que um judeu do primeiro século da Palestina.

Criação e Ciência

A ciência prova a Criação? Alguns cientistas pensaram que as inúmeras condições necessárias para a vida, as quais de fato existem na terra, constituem tal prova. Esse argumento foi chamado de “teologia cósmica”.

Outra denominada “prova da Criação”, da parte da ciência, é a teoria do “big bang” como a origem do universo. Embora essa visão tenha saído à frente de seus competidores, ela é uma teoria dos “primeiros estados”, e não da origem absoluta de todas as coisas. A doutrina cristã da criação a partir do nada (latim, *ex nihilo*) significa mais do que isso: significa que a origem absoluta, a sustentação e o significado de todas as coisas está no Senhor vivo de Israel e da igreja.

Outro argumento vem da segunda lei da termodinâmica e o conceito de entropia. (A entropia se refere ao nivelamento de energia ou temperatura para um estado em que nenhuma energia está disponível). Os sistemas de calor esfriam. O universo não é infinitamente antigo, senão estaria congelado. Uma vez que ainda há estrelas e sóis, o universo deve ter sido criado há um tempo finito. Um argumento semelhante é que era necessário criar um universo que iria se esgotar. Tendo se esgotado, fornece calor à terra para que o drama de Deus e do homem possa se desenrolar.

As questões que cercam a evolução

Quando Charles Darwin propôs a evolução biológica em meados do século 19, muitos cristãos evangélicos a rejeitaram completamente. Eles se opuseram ainda mais vigorosamente quando os livros foram escritos sobre a evolução humana. Dois debates famosos resultaram dessa controvérsia. Na Inglaterra, a questão foi debatida em 1860 diante da Associação Britânica para Avanço da Ciência em Oxford. Esse debate foi travado pelo bispo Samuel Wilberforce (contra a teoria) e T. H. Huxley (a favor da teoria). Embora não tenha havido uma decisão formal, o sentimento estava a favor de Huxley. O segundo debate foi o famoso julgamento de Scopes em Dayton, Tennessee, em 1925. William Jennings Bryan defendeu a lei que dizia que John T. Scopes deveria ser considerado culpado por ensinar a evolução em sala de aula. Clarence Darrow defendeu Scopes. Novamente, o sentimento estava com o proponente

da evolução, Darrow (embora Bryan tenha dado uma defesa mais robusta de suas crenças do que é geralmente reconhecido).

Tanto os católicos romanos ortodoxos quanto os protestantes evangélicos adotaram várias visões da controvérsia, das quais apenas algumas podem ser mencionadas.

1. Alguns argumentam que a evolução é contrária aos ensinamentos das Escrituras e é — em nome da ciência — na verdade, o desafio supremo da autoridade das Escrituras. Assim, nenhuma clemência deve ser dada na batalha contra a evolução.

2. Outros encontram uma resolução satisfatória na “evolução teísta” — isto é, Deus começou o processo evolutivo.

3. Muitos veem os paralelos entre a ordem dos estratos que contêm fósseis na chamada “coluna geológica” e os seis dias da Criação, considerando que são muito próximos para serem acidentais. Para eles, há uma harmonia essencial entre “Gênesis e geologia”.

4. Muitos consideram a evolução como uma teoria assim como todas as outras teorias, as quais serão criadas ou desconsideradas no laboratório, ou no trabalho de campo. Eles veem a doutrina da Criação como nem a favor, nem contra a evolução. Está em um nível diferente de explicação: “A ciência diz como; as Escrituras dizem por que”.

5. O paleontólogo jesuíta Teilhard de Chardin tentou salvar o cristianismo da evolução “cristificando” todo o processo evolutivo.

6. O autor britânico C. S. Lewis, entre outros, distinguiu a evolução do que poderia ser chamado de “evolucionismo”. Lewis disse que a validade da evolução como uma tese científica verificada é algo para os cientistas decidirem. Mas a noção de um mito evolutivo total e envolvente, como uma pseudodoutrina humana da Criação, claramente não é científica.

Criação, Ciência e Moralidade

O crescimento da população mundial e a propagação da industrialização produziram o problema da poluição tanto local quanto mundial. Alguns estudiosos argumentaram que a culpa pela crise ecológica é da fé cristã, que inspirou o homem — como o “senhor da criação” — a explorar a criação. Mas isso dificilmente é o significado de [Gênesis 1.28](#), que é uma injunção à responsabilidade. Uma série de textos do AT

mostra claramente que o interesse das Escrituras é pela responsabilidade humana no mundo de Deus; portanto, as Escrituras são paralelas aos interesses ecológicos modernos.

A ciência amplia a compreensão teológica ao continuamente revisar nosso conhecimento do universo, mas a doutrina bíblica da Criação não se retira à medida que a ciência avança. Para o cristão, o mundo estudado por cientistas e ponderado pelos filósofos permanece o mundo criado de Deus.

Veja também Mitos de Criação; Deus, Ser e Atributos de.

Criação, Nova

Veja Nova Criação, Nova Criatura.

Criança

Veja Vida familiar e relações.

Criatura noturna

Uma criatura noturna é mencionada em algumas traduções da Bíblia como uma criatura que vive em áreas desérticas ([Is 34.14](#)). Nas traduções modernas da Bíblia, essa criatura geralmente é entendida como um tipo de coruja. Diferentes traduções usam vários nomes para essa ave, incluindo “criatura da noite”, “ave noturna” ou “coruja que chirria”. Algumas Bíblias traduzem como “fantasma”, “bruxa noturna”, “animal noturno”.

Veja Coruja-orelhuda.

Criatura, Nova

Veja Nova Criação, Nova Criatura.

Crisólito

Silicato de magnésio e ferro, geralmente verde oliva; mencionado na visão de Ezequiel das quatro rodas ([Ez 1.16](#)) e como uma das pedras preciosas na muralha de fundação da nova Jerusalém ([Ap 21.20](#)). *Veja* Minerais e Metais; Pedras, Preciosas.

Crisópraso

Variedade verde-claro de calcedônia; mencionada como uma das pedras na parede de fundação da nova Jerusalém ([Ap 21.20](#)). *Veja* Minerais e Metais; Pedras Preciosas.

Crispo

Um líder da sinagoga judaica em Corinto. Crispo e todos em sua casa se tornaram seguidores de Jesus durante a visita missionária de 18 meses do apóstolo Paulo à cidade ([At 18.8,11](#)). Paulo mencionou Crispo como uma das poucas pessoas que ele pessoalmente batizou em Corinto ([1Co 1.14](#)).

Cristal

Uma variedade de quartzo, geralmente claro ou quase isso. Duas palavras hebraicas e duas palavras gregas são traduzidas como “cristal”.

Veja Minerais e Metais; Pedras Preciosas.

Cristão

Nome inicialmente dado aos seguidores de Jesus Cristo ([At 11.26](#)). Quando o movimento cristão chegou a Antioquia na Síria, o evangelho foi pregado tanto para gentios quanto para judeus. Tal evangelização marcou o movimento cristão, tido como seita judaica, como mais do que um novo tipo de judaísmo; era uma nova religião. Os gentios em Antioquia criaram um nome para o novo grupo. Como os membros do grupo falavam constantemente sobre Cristo, eles foram chamados de cristãos, significando a “casa” ou “partidários” de Cristo. Alguma sátira pode ter sido intencionada no nome. Por exemplo, assim como os “agostinianos” eram um grupo organizado que liderava o louvor público ao Imperador Nero Augusto, os cidadãos de Antioquia podem ter criado um nome latinizado semelhante a partir de Cristo, em tom de zombaria. Grupos semelhantes incluíam os partidários de Herodes, os herodianos. “Cristo” era um nome incomum e sem significado para os gentios, mas Chrestos (significando “bom” ou “gentil”) era um nome comum; alguns pagãos chamavam a nova seita de “chrestianos”. Assim, Suetônio escreveu sobre os judeus sendo expulsos de Roma em 49 d.C. por causa de “Chrestus”.

Os próprios cristãos aparentemente não apreciaram o nome, mas, como muitos outros apelidos, “cristão” pegou. Aparece apenas três vezes no NT grego: [Atos 11.26](#) descreve sua origem; [Atos 26.28](#) registra Herodes Agripa II dizendo de forma irônica a Paulo: “Em pouco tempo você pensa em me fazer um cristão!”; [1 Pedro 4.16](#) instrui os crentes a não se envergonharem se sofrerem porque o nome foi aplicado a eles. Nenhum outro registro do nome aparece até o segundo século, quando Inácio de Antioquia se tornou o primeiro cristão a chamar os crentes de cristãos. O governador romano Plínio (da área para a qual 1 Pedro foi dirigido) escreveu ao Imperador Trajano sobre pessoas acusadas em seu tribunal de serem cristãs. A partir de então, o apelido se tornou popular entre os cristãos. Que nome melhor poderia haver do que um que declarasse que eles pertenciam a Cristo?

Cristo

Título oficial dado a Jesus no NT. Significa seu ofício de Salvador ungido e alude às suas qualificações espirituais para a tarefa de salvar seu povo. A palavra deriva da palavra grega *Christos*, a tradução da palavra hebraica Messias ([Jo 1.41](#)). Ambos os termos vêm de verbos que significam “ungir com óleo sagrado” e como títulos, eles significam “o Ungido”. Aplicados a Jesus, eles expressam a convicção de que ele tinha uma nomeação divina para seu ofício e função.

No NT, o título é usado em combinação com o nome dado, como “Jesus Cristo” ([Mt 1.1](#); [Mc 1.1](#); [Rm 1.4](#)), “Cristo Jesus” (NVI [Rm 1.1](#); [1Co 1.1](#)), com o artigo “o” ([Rm 7.4](#)), ou com outro título “Senhor” ([Rm 16.18](#)). Também é usado sozinho como o nome ou título substitutivo para Jesus ([Jo 20.31](#); [Rm 15.3](#); [Hb 3.6](#); [5.5](#); [1Pe 1.11,19](#)).

Os Evangelhos retratam Jesus como aceitando modestamente o título e o papel do Messias. Seu batismo deve ser entendido como sua unção ao tríplice ofício de profeta, sacerdote e rei. Em seu batismo por João (o novo Elias, [Mt 11.14](#)), Jesus recebeu o derramamento do Espírito e a ordem de Deus para começar seu ministério ([Mt 3.16-4.17](#)). O próprio João negou ser o ungido, mas tacitamente identificou Jesus como o Cristo ([Jo 1.20](#); [Lc 3.14-17](#)). Os primeiros discípulos de Jesus o seguiram porque sabiam que ele era o Messias ([Jo 1.41](#)). Os demônios o reconheceram como “o Santo [ungido] de Deus” ([Mc 1.24](#); cf. [Mt 8.29](#)). As multidões o seguiram como o Profeta, o novo Moisés ([Jo 6.14](#)).

32), mas o abandonaram quando entenderam que seu reino era um reino espiritual, não um reino político (v. 66). Os Doze permaneceram leais, dizendo: “Cremos... . . . você é o Santo de Deus” (Jo 6.69, NVI). A confissão dos discípulos dita por Pedro e aprovada por Jesus como uma revelação divina é “Você é o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16, NVI). Em seus julgamentos, o fator decisivo para a condenação de Jesus era sua afirmação de ser o Cristo (Mt 26.63–64, 68; 27.11, 17, 22, 37).

Uma característica importante na pregação cristã primitiva era a proclamação de que Jesus é o Cristo (Atos 2.36; 3.18–20; 9.22; 28.23, 31). Este permanece o artigo mais antigo (Mt 16.16) e mais básico de confissão cristã (1Co 1.23; 1Jo 5.1), afirmando que Jesus desempenhou perfeitamente o papel de profeta, sacerdote e rei ungido como servo de Deus para seu povo (Lc 7.16; 1 Co 15.25; Hb 7.22–28; Ap 19.16).

Veja também Jesus Cristo, Vida e Ensinamentos de; Messias.

Cristologia

O estudo sobre quem é Jesus Cristo e o que ele fez. A crença de que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo, foi primeiramente declarada com ousadia por Pedro em Cesareia de Filipe (Mt 16.16). Esta é a crença central da fé cristã. É o que define alguém como cristão. Toda a teologia cristã está centrada em compreender o significado dessa crença.

A primeira decisão teológica significativa na igreja, baseada nessa crença, foi aceitar que Jesus, o Filho de Deus, é verdadeiramente divino. Isso significa que ele compartilha a mesma essência com Deus, o Pai e o Espírito Santo. Essa crença foi explicitada na doutrina da Trindade no Concílio de Niceia em 325 d.C. Com a aplicação dessa doutrina a Jesus de Nazaré, surgiu a questão: Como uma pessoa pode ser tanto Deus quanto homem? Como alguém infinito pode se tornar finito? Como alguém eterno pode se tornar parte do tempo? Como Deus pode se tornar humano?

Para responder a isso, a igreja adotou a doutrina da Encarnação, que afirma que Deus se tornou um ser humano em Jesus. Esta doutrina foi desenvolvida após muita discussão. Durante esses debates, a igreja rejeitou certas ideias:

- O docetismo negava a humanidade de Jesus para enfatizar sua divindade;
- O adocionismo negou a divindade para enfatizar sua humanidade;
- Os apolinários acreditavam que Jesus apenas parecia humano, mas que seu espírito era divino;
- Outros acreditavam que Jesus era humano, mas se tornou divino através do desenvolvimento moral e então se tornou Deus. Isso aconteceu ou no seu batismo, quando ele recebeu o Espírito Santo, ou na sua ressurreição, como sugerido por Atos 13.33 — “Hoje eu me tornei o seu Pai”;
- O nestorianismo acreditava que Jesus era duas pessoas distintas — uma divina e outra humana;
- O monofisismo acreditava que Jesus possuía uma natureza divina e humana combinadas.

O Credo de Calcedônia

No Concílio de Calcedônia em 451 d.C., a igreja declarou que Jesus Cristo é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. O credo deste concílio afirmou:

“[Ele é] consubstancial com o Pai em relação à sua divindade, e consubstancial também conosco em relação à sua humanidade; semelhante a nós em todas as coisas, exceto no pecado; quanto à sua divindade, gerado do Pai antes de todos os séculos; mas quanto à sua humanidade, nestes dias, nascido por nós, homens, e para nossa salvação, da virgem Maria, a mãe de Deus, um e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigênito, conhecido em duas naturezas, sem confusão, sem conversão, sem separação e sem divisão; a distinção das naturezas não sendo de modo algum abolida por sua união, mas a peculiaridade de cada natureza sendo mantida, e ambas concorrendo em uma pessoa e subsistência. Confessamos não um Filho dividido e separado em duas pessoas, mas um e o mesmo Filho, unigênito, e Deus-Verbo, nosso Senhor Jesus Cristo”.

Durante a Reforma, os reformadores protestantes também adotaram esta confissão.

Esse entendimento de Cristo não explica o mistério da Encarnação, mas define como os crentes devem

pensar sobre Cristo. Isso tem sido importante no pensamento cristão ao longo da história.

Alguns termos-chave do credo são:

- **Natureza** (do grego *physis*)

Isso não se refere a coisas físicas que podem ser estudadas através da ciência. Em vez disso, "natureza" refere-se à essência de uma coisa. A natureza de Jesus Cristo sendo "divina" significa que todas as qualidades que definem Deus também se aplicam a ele. Ele não é apenas como Deus, ele é Deus. Mas, a mesma coisa é verdadeira sobre sua natureza humana — Jesus não apenas parece um homem, ele é um homem. Ele não é apenas um homem ou apenas Deus, ele é o Deus que se tornou homem. Jesus não deixou de ser Deus quando se tornou homem, nem trocou um espírito divino por um humano. Em vez disso, ele assumiu a humanidade, então agora ele é tanto divino quanto humano.

- **Pessoa** (do grego *hypostasis*)

Isso descreve Jesus Cristo como um indivíduo autoconsciente e livre, alguém que pode se referir a si mesmo como "eu" e se relacionar com os outros como "você". Como uma conexão entre Deus e a humanidade, Jesus é uma pessoa com naturezas tanto divina quanto humana. Embora não possa haver uma "pessoa" sem uma "natureza", pode haver uma "natureza" sem uma "pessoa". Por exemplo, um objeto como uma pedra pode ter a "natureza" de ser cinza, dura, redonda e lisa, mas não é uma "pessoa" porque não é autoconsciente nem livre.

Cristo é uma "pessoa" tanto com uma "natureza divina" quanto uma "natureza humana". Os pais da igreja ensinaram que, enquanto Cristo possuía todas as qualidades divinas e humanas (incluindo atributos físicos humanos — o Verbo "se fez carne", [Jo 1.14](#)), ele não era "duas pessoas". Ele é uma pessoa divina com uma natureza humana. Ele não é simplesmente uma pessoa humana. Todos os humanos têm um começo. Um humano se torna autoconsciente em algum momento. No entanto, Jesus disse, "Antes que Abraão existisse, eu sou" ([Jo 8.58](#)). Esta declaração é a verdade absoluta. A pessoa que pregou na encosta da montanha e chamou pescadores para segui-lo à beira-mar é a mesma pessoa que existia antes de haver qualquer mar, montanha ou mesmo pescadores.

Jesus não é apenas um humano que recebeu discernimento pela Palavra de Deus. Jesus é o eterno Filho de Deus que se tornou um ser humano.

O Filho de Deus não entrou em uma pessoa humana. Ele adicionou a natureza humana à sua pessoa divina. Ele permanece a mesma pessoa, embora agora compartilhe de nossa humanidade. Portanto, Jesus vive na história e transcende a história. Por exemplo, ele disse: "Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer. E agora, Pai, glorifica-me em tua presença com a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse" ([Jo 17.4-5](#)). Jesus fala como alguém no mundo que também existia antes do mundo começar e compartilhava da glória do Pai.

Tentar entender esse mistério geralmente resulta em simplificá-lo excessivamente. Algumas tentativas foram:

- **Docetismo:** Cristo é um ser divino que apenas aparenta ser humano;
- **Adocionismo:** Cristo é um ser humano que foi adotado como divino;
- **Ritschlianismo:** Cristo possui valor divino apenas em relação aos outros.

Para preservar as duas naturezas de Jesus Cristo, o credo utiliza quatro frases que nos informam o que é verdadeiro sobre a Encarnação (quando Cristo se tornou homem):

- 77. Sem confusão;
- 78. Sem conversão;
- 79. Sem separação;
- 80. Sem divisão.

Algumas pessoas zombaram disso como "quatro simples negativas", mas elas são, na verdade, muito importantes. Se qualquer uma delas for falsa, perderemos uma crença central da fé cristã — que Jesus Cristo é plenamente tanto Deus quanto homem.

O credo não apenas diz o que não aconteceu na Encarnação, ele também nos diz o que aconteceu:

- As duas naturezas de Jesus foram unificadas;
- As duas naturezas estão presentes em uma única pessoa;
- Essa pessoa é o Filho eterno do Pai.

Esta união das duas naturezas foi realizada pelo Filho de Deus. Este é o principal mistério da Encarnação: ninguém sabe como um Deus infinito

se tornou um homem finito. Os teólogos refletiram profundamente sobre isso, e muitas explicações foram escritas desde o Concílio de Calcedônia.

A união das naturezas divina e humana em Jesus é chamada de "união hipostática". Este termo vem de uma palavra grega que significa "pessoa". A união é pessoal porque é o ato de uma Pessoa — o Filho de Deus, que se tornou humano. Isso significa que Jesus é uma pessoa divina digna de adoração. Ele não é apenas um humano como qualquer outra pessoa. Adorar um humano seria idolatria. Como a natureza divina e humana de Jesus estão unidas em uma só pessoa, Jesus é uma Pessoa, não duas. Adorar duas pessoas — uma humana e uma divina — seria absurdo. Portanto, essa Pessoa, que combina tanto as naturezas divina quanto humana, é frequentemente chamada de "Deus-homem". Desde que este termo seja entendido como significando que Jesus Cristo é plenamente tanto Deus quanto homem, é consistente com o ensino do credo.

Cristologia após o Concílio de Calcedônia

Após o Concílio de Calcedônia, compreender a humanidade de Jesus tornou-se desafiador, e não houve muitos acordos entre os teólogos. No entanto, a visão que é mais consistente com o Credo de Calcedônia e amplamente aceita pelos protestantes refere-se à "humanidade impessoal" de Jesus. Teólogos modernos como Karl Barth, Emil Brunner e G. C. Berkouwer também apoiaram essa visão.

"Humanidade impessoal" não significa que o Jesus encarnado carecia de qualidades humanas. Em vez disso, significa que sua humanidade existe apenas como parte da Pessoa divina que assumiu a natureza humana na Encarnação. A natureza humana de Jesus existe em e através do Verbo (o Filho de Deus), que é Deus. Embora Deus esteja presente em toda a criação, ele não compartilha sua identidade com nada. Mesmo quando o Novo Testamento diz que o Espírito Santo vive nos cristãos, isso não significa que eles sejam iguais a Deus. O humano e o divino não são iguais. No entanto, Jesus Cristo era único: Jesus é idêntico a Deus porque ele é o Verbo feito carne. Como Karl Barth diz, Jesus não está apenas vivendo através de Deus ou com Deus; ele é Deus. Sua natureza humana está unida à sua natureza divina, o que significa que sua humanidade é uma característica de sua divindade. Sua natureza humana só existe por causa do Verbo divino agindo em e através dele.

De maneira simples, Jesus está tão unido a Deus que só pode existir como homem porque ele é Deus. Isso é confirmado por duas doutrinas:

- **Anhipostasia:** a natureza humana de Jesus não existe independentemente;
- **Enhipostasia:** a natureza humana de Jesus existe por meio de sua união com o divino Filho de Deus. Jesus de Nazaré não se tornou o Filho de Deus; o Filho de Deus se tornou Jesus de Nazaré.

A Encarnação é um ato de uma Pessoa divina, não uma experiência de uma pessoa humana se tornando divina. Na Encarnação, o Filho de Deus agiu, mas uma pessoa humana não foi transformada. Como o Filho divino age para se tornar o homem, Jesus de Nazaré, este homem é o Filho de Deus de uma maneira que nenhum outro humano pode ser.

A evidência bíblica para a doutrina da Encarnação inclui:

- Os Evangelhos;
- Várias passagens nas cartas de Paulo, especialmente [Filipenses 2.6–8](#), são as declarações mais importantes sobre Cristo no Novo Testamento. Paulo fala de Jesus: "Que, existindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo a ser retido, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, sendo feito à semelhança humana".

O Credo de Calcedônia não resolve o mistério da Encarnação, e teólogos têm se esforçado muito para compreendê-lo melhor. Uma teoria bem conhecida, baseada na passagem de Filipenses mencionada anteriormente, é chamada de "kenosis". Ela sugere que, quando o Filho de Deus se tornou humano, ele abandonou ("esvaziou-se") alguns aspectos de sua divindade. No entanto, o texto em Filipenses não diz que ele se esvaziou de algo, mas sim que ele "esvaziou-se", uma figura de linguagem que significa que ele se humilhou (a versão BKJ diz "Mas fez-se sem reputação"). Apesar da dificuldade de interpretar essa declaração, a teoria da kenosis ainda está presente, especialmente na teologia britânica. Outra interpretação sugere que a humanidade de Jesus era um disfarce (um termo usado pelo filósofo

Søren Kierkegaard) que escondia sua identidade divina de todos, exceto daqueles com fé. De acordo com essa visão, a Encarnação revela a verdade, mas também a esconde.

Veja também Ascensão de Cristo; Cristo; Encarnação; Jesus Cristo, Vida e Ensinamentos de; Reino de Deus, Reino dos Céus; Messias; Parábola; Filho de Deus; Filho do Homem; Nascimento virginal de Jesus; Verbo.

Crocodilo

Um crocodilo é um grande réptil aquático que se alimenta de carne. Ele possui um focinho longo e achatado, além de uma cauda poderosa. Embora o crocodilo se assemelhe a outros lagartos, ele tem um corpo maior com pernas curtas.

O crocodilo é o maior réptil vivo (nome científico *Crocodylus vulgaris*). Ele pode crescer até seis metros de comprimento. Os crocodilos têm corpos grandes, semelhantes aos de lagartos, com pernas curtas. Suas cabeças possuem focinhos achatados com dentes fortes em forma de cone. Cada dente está em seu próprio encaixe, e novos dentes crescem para substituir os antigos. Seus dedos são palmados para nadar. As costas e a cauda têm escudos em forma de quadrado dispostos em fileiras que se tocam nas bordas. Seus olhos têm pálpebras móveis que se fecham quando o crocodilo está na água.

Crocodilos passam a maior parte do tempo na água. Eles se alimentam de peixes, pássaros e pequenos animais. Em terra, os crocodilos conseguem se mover rapidamente, apesar de suas pernas curtas, que fazem com que sua barriga e cauda arrastem no chão.

Até os anos 1900, crocodilos viviam nos pântanos e rios do oeste da Palestina. Um escritor romano chamado Plínio mencionou um lugar na Terra Santa chamado "cidade dos crocodilos", ou Crocodeilópolis, localizado ao sul do Monte Carmelo. Visitantes nos anos 1800 também relataram ter visto crocodilos nessa área.

A descrição de "Leviatã" em [Iô 41](#) parece ser baseada no crocodilo. O "dragão" de [Ezequiel 29.3](#), que se refere ao Faraó egípcio, pode também estar descrevendo um crocodilo.

Veja também Dragão; Leviatã.

Crônicas, Livros de primeiro e segundo

Dois livros do Antigo Testamento, registros históricos do rei Davi e seus sucessores na terra de Judá. Os livros das Crônicas estão entre os mais negligenciados da Bíblia, em parte porque a maior parte do material pode ser encontrada em Samuel, Reis ou em outros lugares do Antigo Testamento. Quatorze capítulos ([1Cr 1-9](#); [23-27](#)) são pouco mais do que listas de nomes; o restante do material é principalmente narrativa histórica, que algumas pessoas acham quase tão entediante quanto listas. No entanto, o conteúdo das Crônicas não é história em um sentido profissional ou acadêmico porque os materiais usados são comparáveis aos anais compilados por escribas das cortes do Antigo Oriente Próximo. Essas fontes registravam os eventos mais importantes de cada ano e frequentemente eram mais propagandísticas do que objetivamente históricas. Os registros em Crônicas, de natureza um tanto eclética e ignorando certos aspectos da história nacional enquanto enfatizam outros, tratam apenas de uma parte selecionada da história dos israelitas. Grande parte da crítica de que a obra é historicamente não confiável vem da falta de compreensão do caráter do livro. Crônicas não é tanto uma história quanto uma interpretação metafísica dos eventos na vida israelita à luz dos valores do pacto. Não era suficiente para o Cronista que reis se levantassem e caíssem; os eventos foram interpretados de um ponto de vista religioso especial.

Resumo:

- Autor;
- Data;
- Contexto;
- Origem e propósito;
- Conteúdo.

Autor

Na Bíblia Hebraica, 1 e 2 Crônicas formam um único livro. A Bíblia não especifica quem escreveu esse livro ou quando foi escrito. De acordo com o Talmude Judaico, Esdras escreveu "seu livro e Crônicas — a ordem de todas as gerações até ele mesmo". Embora muitos estudiosos apoiem a ideia de que Esdras escreveu Crônicas, ainda não há consenso geral sobre a data e a autoria do livro.

O autor é geralmente chamado de "o Cronista", um título que sugere que ele era um historiador. É

possível que ele fosse um escriba, sacerdote ou levita. Evidentemente, o escritor tinha acesso aos arquivos do governo e do templo, pois são feitas referências repetidas a vários registros oficiais de reis ([1Cr 9.1](#); [27.24](#); [2Cr 16.11](#); [20.34](#); [25.26](#); [27.7](#); [28.26](#); [32.32](#); [33.18](#); [35.27](#); [36.8](#)) e profetas ([1Cr 29.29](#); [2Cr 9.29](#); [12.15](#); [13.22](#); [20.34](#); [26.22](#); [32.32](#); [33.19](#)).

A evidência sugere, mas não conclui, que o autor de Crônicas também escreveu os livros de Esdras e Neemias. Os dois últimos versos de Crônicas são quase idênticos aos três primeiros versos de Esdras. A linguagem e o estilo literário dos três livros são semelhantes. As mesmas preocupações teológicas com o templo e seu culto, assim como o mesmo interesse por listas e genealogias, aparecem em todos os três livros. Na Bíblia Hebraica, Esdras-Neemias é considerado um único livro e está antes de Crônicas. Crônicas está no final da Bíblia Hebraica.

Data

Não é possível determinar precisamente quando o livro de Crônicas foi escrito. O livro termina com uma referência ao decreto de Ciro, rei da Pérsia, permitindo que os cativos judeus na Babilônia retornassem à sua terra natal. Como o decreto de Ciro é geralmente datado por volta de 538 a.C., Crônicas não poderia ter sido escrito antes dessa data. Mas se Esdras-Neemias faz parte da mesma obra que Crônicas, os materiais não poderiam ter sido escritos até Neemias retornar a Jerusalém em 444 a.C.

As genealogias em Crônicas e Esdras-Neemias podem oferecer alguma luz sobre a datação dos livros. Em [1 Crônicas 3.10-24](#), a linhagem de Davi e Salomão é traçada até a sexta geração após o exílio, o que situaria a data para Anani (a última pessoa na lista) por volta de 400 a.C.

A linguagem de Crônicas é definitivamente a do hebraico pós-exílico. O uso da palavra persa *daric* ([1Cr 29.7](#)), além da ausência de qualquer palavra grega, situa Crônicas no período persa (538-331 a.C.). A palavra *midrash* ("exposição") aparece no AT apenas em Crônicas ([2Cr 13.22](#); [24.27](#)), mas é muito comum no hebraico pós-bíblico. Por volta de 400 a.C. é provavelmente a melhor estimativa para a data de Crônicas, com base nas evidências agora disponíveis.

Contexto

Durante o período persa, alguns judeus retornaram a Jerusalém da Babilônia logo após o decreto de Ciro. Eles reconstruíram o templo e aguardaram a chegada da era messiânica. No entanto, devido à seca, dificuldades econômicas e relaxamento moral e espiritual, suas esperanças se desvaneceram. Judá estava politicamente estável como parte do grande e dominante Império Persa. Não havia a menor possibilidade de restaurar o reino davídico.

Se o reino de Davi não pudesse ser restaurado politicamente, como um judeu do início do quarto século a.C. entenderia a história e o lugar dos judeus no plano de Deus? O Cronista, vivendo naquela época, encontrou a chave para a história na aliança de Deus com Davi. Os primeiros 10 capítulos de 1 Crônicas conduzem a Davi; os capítulos [11-29](#) detalham eventos do governo de Davi. Moisés é mencionado em Crônicas 31 vezes; Davi, mais de 250 vezes. Davi planejou o templo e arrecadou dinheiro para construí-lo. Ele nomeou levitas, cantores e porteiros. Ele dividiu o sacerdócio em suas ordens. Ele foi responsável pelo culto no templo, que era extremamente importante para o Cronista e seus contemporâneos.

O período persa da história de Israel é em grande parte silencioso, tanto em outros materiais do Antigo Testamento quanto em achados arqueológicos. Claro, todas as evidências ainda não estão disponíveis, pois os arqueólogos continuam suas investigações sobre o período.

Origem e propósito

O cronista provavelmente viveu em Jerusalém e escreveu para a comunidade judaica local. Ele menciona Jerusalém cerca de 240 vezes e Judá mais de 225 vezes. Um sentimento negativo em relação ao reino do norte de Israel é evidente na quase total ausência de referências a qualquer rei do norte. A atitude do cronista em relação ao norte é claramente expressa nos dois versículos seguintes: "Desde aquela época até hoje, o povo de Israel, o Reino do Norte, está revoltado contra os reis descendentes de Davi" ([2Cr 10.19](#), NTLH) e "Será que vocês não sabem que o Senhor, o Deus de Israel, fez uma aliança eterna com Davi, prometendo que ele e os seus filhos sempre seriam os reis de Israel?" ([13.5](#), NTLH).

O cronista queria que o povo judeu entendesse que Deus era soberano sobre todas as coisas. Por exemplo, ele inclui a declaração de Davi: "Tu és grande e poderoso, glorioso, esplêndido e

majestoso. Tudo o que existe no céu e na terra pertence a ti; tu és o Rei, o supremo governador de tudo. Toda a riqueza e prosperidade vêm de ti; tu governas todas as coisas com o teu poder e a tua força e podes tornar grande e forte qualquer pessoa” ([1Cr 29.11-12](#), NTLH).

Compilado no período pós-exílico, Crônicas foi destinado a enfatizar a importância da teocracia à luz da história anterior. A teocracia era uma configuração social que Deus planejou para o Judá pós-exílico, uma comunidade religiosa em vez de secular. Em vez de um rei, os judeus tinham um sacerdócio aprovado pelo Senhor (diferente dos sacerdotes corruptos que foram em grande parte responsáveis pelo colapso moral e espiritual da nação antes do exílio).

Os judeus pós-exílicos deveriam viver como uma nação santa, não como pessoas com ambições políticas e nacionalistas. Portanto, o Cronista exigia obediência total à aliança mosaica para que os judeus que retornavam pudessem encontrar prosperidade, bênção divina e graça. Os judeus ainda eram o povo escolhido, purificados pela experiência do exílio, com uma nova oportunidade de cumprir a aliança do Sinai.

O cronista deu grande importância à retribuição divina e insistiu que todas as ações fossem guiadas por princípios morais específicos, para refletir claramente o caráter de Deus em seu povo. Como o escritor via a mão de Deus em toda a história, punindo o apóstata e sendo gracioso com o penitente, ele via no remanescente castigado do exílio os verdadeiros herdeiros espirituais da casa de Davi. Ele insistiu que a comunidade pós-exílica aderisse rigorosamente à moralidade do Sinai, protegendo-se contra a apostasia pré-exílica e garantindo a bênção divina.

O escritor queria que os judeus conhecessem o poder de Deus. Ele também desejava que eles acreditassem no Senhor para que fossem “estabelecidos”. Se confiassem nos mensageiros de Deus, teriam sucesso ([2Cr 20.20](#)). Ele também queria que o povo soubesse que Jerusalém era o lugar de adoração escolhido por Deus ([2Cr 5-6](#)), e que o templo, sacerdotes, cantores, levitas e porteiros haviam sido divinamente designados ([1Cr 28.19](#)). O templo era destinado a ser um lugar onde todas as suas necessidades poderiam ser atendidas ([2Cr 6.19-7.3](#)).

Conteúdo

O livro de Crônicas pode ser brevemente delineado da seguinte forma: 1 Crônicas — genealogias ([1-9](#)); o reinado de Davi ([10-29](#)); 2 Crônicas — o reinado de Salomão ([1-9](#)); os reis de Judá ([10.1-36.21](#)); epílogo sobre o exílio e retorno ([36.22-23](#)). Como os escritos do Cronista não têm um formato didático, o leitor deve extrair as ideias e princípios que são proeminentes e básicos.

Uma ideia importante que permeia Crônicas é a grandeza, o poder e a singularidade de Deus. Isso é expresso de forma mais bela e contundente em [1 Crônicas 29.11-12](#), que declara que tudo no céu e na terra pertence a Deus e ele é o cabeça sobre tudo. Outras passagens fazem uma afirmação semelhante. Quando Senaqueribe, rei da Assíria, atacou Judá e Jerusalém, o rei Ezequias de Judá advertiu seu povo a não temer o rei da Assíria.

O Cronista frequentemente repete a ideia de que o Deus de Israel é único: não há outro Deus como o Senhor. O [Salmo 96.4-5](#) é citado em [1 Crônicas 16.25-26](#): “O Senhor é grande e merece todo o nosso louvor; ele deve ser temido mais do que todos os deuses. Pois os deuses das outras nações são somente ídolos, mas o Senhor fez os céus” (NTLH). Tanto Davi quanto Salomão são citados dizendo que não há outro Deus além do Senhor ([1Cr 17.20](#); [2Cr 6.14](#)).

Crônicas enfatiza que o Senhor é “maior que todos os deuses” ([2Cr 2.5](#)). A passagem clássica que destaca as diferenças entre Deus e o “deus” de uma nação está em [2 Crônicas 32](#). Quando Senaqueribe atacou Jerusalém, ele perguntou ao povo em quem eles estavam confiando para resistir ao cerco em Jerusalém. Senaqueribe estava dizendo, na verdade: “Não deixem que Ezequias os engane dizendo que o seu Deus os livrará. Nenhum deus de qualquer nação até agora foi capaz de resistir a mim. O seu Deus é como os deuses de todas as outras nações. Ele não será capaz de livrá-los de mim”. O Cronista observa que os assírios falaram do Deus de Jerusalém como falavam dos deuses dos povos da terra. Mas Deus realmente livrou Ezequias e os habitantes de Jerusalém de Senaqueribe.

Várias passagens declaram que Deus governa sobre as nações ([1Cr 17.21](#); [2Cr 20.6](#)). De fato, o Cronista via o Senhor como aquele que dirige a história. O Senhor trouxe Israel do Egito e expulsou os cananeus de sua terra ([1Cr 17.21](#); [2Cr 6.5](#); [20.7](#)). Algumas aparentes peculiaridades da história são explicadas com frases como “Deus havia decidido”

([2Cr 22.7](#), NTLH). Repetidamente, ao contar a história das lutas dos reis de Judá com outras nações, Crônicas aponta que o Senhor sempre decidiu a batalha ([1Cr 10.13-14](#); [18.6](#); [2Cr 12.2](#); [13.15](#); [20.15](#); [21.11-14](#); [24.18](#); [28.15-6,19](#)).

Para o Cronista, o Senhor era um Deus que mantinha alianças ([2Cr 6.14](#)). Ele era o Deus da justiça e retidão ([12.6](#)), então os juízes humanos devem julgar honestamente e de forma justa ([19.7](#)). O Cronista deixou claro que nenhum indivíduo ou nação poderia ter sucesso ao se opor a Deus ([24.20](#)); as pessoas não apenas falhariam contra Deus, mas também eram impotentes sem ele ([1Cr 29.14](#); [2Cr 20.12](#)).

O Senhor é visto não apenas como um Deus único, justo e poderoso, mas também como um Deus sábio. Deus testa o coração humano e sabe quando encontra integridade ([1Cr 29.17](#)). Salomão orou para que Deus “ouve tu desde os céus, do assento da tua habitação, e perdoa, e dá a cada um conforme todos os seus caminhos, segundo conheces o seu coração (pois só tu conheces o coração dos filhos dos homens)” ([2Cr 6.30](#), NTLH).

Embora Deus saiba tudo sobre os seres humanos e tenha poder supremo no céu e na terra, homens e mulheres ainda são livres para obedecer ou desobedecer ao Senhor. As histórias em Crônicas retratam pessoas que escolheram obedecer ou desobedecer a Deus. Aqueles que obedeceram tiveram sucesso; mas na medida em que outros, até mesmo reis, desobedeceram a Deus, eles falharam. Três dos heróis do Cronista foram Josafá, Ezequias e Josias. Cada um foi um grande reformador, e cada um foi elogiado por obedecer ao Senhor. No entanto, cada um pecou perto do fim de sua vida e incorreram no desagrado de Deus. Josafá se juntou a uma aliança com um rei perverso do norte ([2Cr 20.35-37](#)). Ezequias pecou ao receber enviados da Babilônia e “Deus o deixou por conta própria” ([32.31](#)). Josias não obedeceu à palavra de Deus falada por Faraó Neco e foi morto ([35.21-24](#)).

O cronista acreditava que todos os seres humanos pecaram ([2Cr 6.36](#)) e deveriam se arrepender com toda a mente e coração ([6.38](#)). Uma das maiores passagens sobre arrependimento em toda a Bíblia está em [2 Crônicas 7.14](#).

Um tema proeminente em Crônicas é a importância do templo como o local para encontrar Deus em adoração. Pode-se dizer que quase tudo em Crônicas está relacionado ao templo de alguma forma. Para uma pessoa vivendo em Jerusalém no quarto século a.C. sob a dominação persa, a

adoração no templo era muito significativa. O Cronista expressou a importância da verdadeira comunidade e da adoração institucional.

A adoração era a atitude predominante do Cronista, cujo Deus era digno de ser louvado. Um serviço de adoração é descrito em [2 Crônicas 29.20-30](#). Ezequias ordenou que uma oferta queimada e uma oferta pelo pecado fossem feitas por todo Israel. Os levitas estavam posicionados na casa do Senhor com címbalos, harpas e liras. Os sacerdotes tinham trombetas “Ezequias ordenou que oferecessem no altar o sacrifício que ia ser completamente queimado; e, logo que o sacrifício começou, todos começaram a cantar hinos de louvor a Deus, o Senhor, acompanhados pelas trombetas e pelos outros instrumentos musicais. Todos adoraram a Deus, e os hinos e o toque de trombetas continuaram até que o sacrifício terminou. Em seguida, o rei e todas as outras pessoas se ajoelharam e adoraram a Deus. O rei e as altas autoridades disseram aos levitas que cantassem ao Senhor os cânticos compostos por Davi e pelo profeta Asafe. Cantaram cheios de alegria e depois se ajoelharam e adoraram a Deus” ([2Cr 29.27-30](#), NTLH).

Veja também Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); Israel, História de; Reis, Livros de primeiro e segundo.

Cronista

O título de um alto funcionário do governo que servia nas cortes reais desde o tempo do rei Davi até o fim do reino de Israel. O Antigo Testamento não especifica claramente as funções dessa pessoa, mas é provável que o cronista mantivesse os registros oficiais e aconselhasse o rei com base nessas informações.

[2 Samuel 8.16](#), [20.24](#), e [1 Reis 4.3](#) mencionam um cronista junto com outros oficiais principais. O cronista falou em nome do rei Ezequias em suas negociações com Rabsaqué ([2Rs 18.18](#)). Durante o reinado do rei Josias, um cronista supervisionou os reparos do templo ([2Cr 34.8](#)).

Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento)

Ramo dos estudos bíblicos que tenta atribuir datas e sequências aos eventos do AT. A cronologia é uma ciência. Lida com evidências, teorias, suposições e

o equilíbrio das probabilidades. Muitas vezes, resume-se a uma questão de escolher entre teorias que são igualmente incapazes de resolver todos os problemas levantados por outros pontos de vista. A cronologia do AT é um ramo credenciado dos estudos bíblicos principalmente porque é essencial para entender o contexto histórico adequado dos textos bíblicos. Em geral, a cronologia do AT é compreendida bem o suficiente para vindicar a precisão básica e a ordem sequencial das Escrituras.

Materiais bíblicos e não bíblicos são utilizados por estudantes de cronologia do AT. Dados bíblicos incluem (1) genealogias mostrando afiliações pessoais e tribais entre vários povos; (2) números específicos dados por autores bíblicos para indicar a longevidade de uma pessoa, o reinado de um rei ou a duração de um evento específico; (3) declarações de sincronização que datam um evento em um ano específico do reinado de um rei ou o relacionam a um fenômeno natural assumido como conhecimento comum na época da escrita (por exemplo, [Amós 1.1](#); [Zacarias 14.5](#)).

A partir da abundância de tais passagens cronológicas no AT, pode-se concluir que o estabelecimento de datas e sequências do AT seria um procedimento simples. Cada um dos três tipos de materiais bíblicos, no entanto, apresenta problemas especiais que devem ser resolvidos primeiro.

Materiais não bíblicos que lançam luz sobre a cronologia do AT são bastante numerosos, e mais são descobertos ano após ano. Eles incluem (1) registros oficiais de assuntos importantes, como campanhas militares de países como Egito ou Babilônia; (2) inscrições oficiais que são dedicatórias ou comemoram uma grande vitória; (3) anais listando as principais realizações de um governante ano após ano; (4) ostraca (pedaços de cerâmica inscritos) contendo cartas, transações fiscais e registros econômicos, despachos militares entre líderes de campo e quartéis-generais, ou outras informações. Ostraca podem ser datados arqueologicamente e são frequentemente usados para complementar o registro bíblico.

O cronologista tenta examinar as informações bíblicas e não bíblicas pertinentes, observa áreas de correlação entre todos os dados e, finalmente, estabelece um sistema de trabalho no qual o maior número de fatos pode ser encaixado. Novas evidências descobertas a qualquer momento podem necessitar mudanças no sistema de trabalho atual. Embora a estrutura básica da

cronologia bíblica pareça razoavelmente firme, muitos detalhes sem dúvida estarão sujeitos a mudanças à medida que novas evidências forem descobertas.

Como regra geral, quanto mais antigo o período, menos certa é a datação. No segundo milênio a.C., por exemplo, muitas datas podem ser atribuídas dentro de um intervalo de cerca de 100 anos. Na época de Davi e Salomão (ca. 1000 a.C.), a margem de erro sobre a qual os estudiosos debatem é de uma década ou menos. O intervalo se estreita à medida que se aproxima do presente, de modo que, com exceção de uma ou duas eras problemáticas, datas precisas dentro de um ou dois anos são possíveis por volta do meio do nono século a.C. Tais limitações devem ser mantidas em mente em qualquer exame dos principais períodos da história do AT.

Resumo

- Período pré-patriarcal
- De Abraão a Moisés
- Conquista e consolidação
- A monarquia
- Judá após a queda de Israel
- Além de 587 a.C.

Período pré-patriarcal

Evidência bíblica

Nos primeiros 11 capítulos de Gênesis encontram-se relatos da Criação (caps. [1-2](#)), a queda (cap. [3](#)), Caim e Abel (cap. [4](#)), o Dilúvio (caps. [6-9](#)), e a Torre de Babel (cap. [11](#)). Esses eventos estão situados dentro de um certo quadro cronológico.

De acordo com [Gênesis 5](#), um período de 10 gerações se passou entre a Criação e o Dilúvio. Embora os indivíduos listados tenham desfrutado de uma vida total de impressionantes 847 anos ou mais, o tempo total decorrido entre Adão e o Dilúvio foi de apenas 1.656 anos.

De acordo com [Gênesis 11](#), outras 10 gerações se passaram desde o tempo do Dilúvio até o tempo de Abraão (pelo menos na Septuaginta, a tradução grega do terceiro século a.C. do AT; o texto hebraico massorético tem 9). Nesse período, a idade média alcançada pelos indivíduos na lista é de 346 anos (usando um valor de 460 para Cainã, filho de Arfaxade, que está incluído no v [13](#) da LXX; cf. [Lucas 3.36](#)); o tempo total decorrido do Dilúvio até

Abraão é de apenas 520 anos. Tomado literalmente, isso significaria que todos os ancestrais de Abraão, desde o filho de Noé, Sem, ainda estavam vivos no nascimento de Abraão, e que um total de apenas 2.176 anos se passaram desde a Criação até Abraão.

Interpretação dos dados bíblicos

Uma interpretação literalista ou matematicamente servil dos números, como apareceu na margem de muitas Bíblias King James em inglês, requer uma série de suposições: que nenhum nome foi omitido das genealogias, que todos os números dados são consecutivos e, especialmente, que os números usados em uma fonte bíblica antiga têm o mesmo significado que lhes é associado na mente ocidental moderna. Cada suposição precisa de um exame sério à luz de outros fatos estabelecidos.

Uma leitura superficial de outras genealogias bíblicas, por exemplo, revela que nem todos os nomes de uma determinada família foram sempre incluídos. Mesmo Mateus registrou um total de 28 gerações (dois conjuntos de 14 cada) entre Davi e Jesus, e a comparação com genealogias do AT revela que Mateus omitiu vários nomes. Lucas listou um total de 42 gerações para o mesmo intervalo. As omissões também são óbvias quando se comparam as listas genealógicas dadas em [1 Crônicas 1-8](#) com aquelas registradas anteriormente em Gênesis, Êxodo, Números, Josué, 1 e 2 Samuel, e 1 e 2 Reis.

Além disso, os povos antigos pensavam nos números de uma maneira esquemática ou estilizada. O uso de números entre as nações do antigo Oriente Próximo diferia acentuadamente da prática ocidental atual. Exemplos dessa prática são conhecidos de fontes bíblicas e não bíblicas. Por exemplo, uma lista de oito reis sumérios que governaram na cidade de Churupaque (também conhecida como Xurupaque ou Shurrupak) antes do “Grande Dilúvio” da era Jemdet Nasr (ca. 3000 a.C.) atribui a cada homem um reinado médio de mais de 30.000 anos. Berossus, um sacerdote babilônico de Marduk que viveu no terceiro século a.C., adicionou dois nomes aos oito encontrados naquela lista anterior de reis e atribuiu uma média de 43.200 anos a cada rei. Esses números extraordinariamente altos fornecem uma perspectiva para considerar os números de Gênesis.

Portanto, embora se possa supor que os números atribuídos às idades dos patriarcas anteriores a Abraão em Gênesis tinham um significado real para

aqueles responsáveis por sua preservação, eles não devem ser usados de forma puramente literal para calcular a duração das várias gerações mencionadas no texto. Além disso, os números dados na Septuaginta e no Pentateuco Samaritano, outra versão antiga do Pentateuco, divergem em muitos detalhes dos do Texto Massorético Hebraico. Isso significa, entre outras coisas, que os números de Gênesis causaram problemas até mesmo para os primeiros estudiosos das Escrituras.

Evidência não bíblica

A arqueologia não fornece evidências que possam ser usadas para datar a Criação ou qualquer outro relato preservado em [Gênesis 1-11](#). O Dilúvio é um exemplo que ilustra algumas das dificuldades. Muitas afirmações foram feitas por pessoas de uma ampla variedade de origens (cientistas, exploradores, teólogos e outros) no sentido de que a arqueologia provou ser verdadeiro o relato do Dilúvio de Gênesis. No entanto, nenhuma cidade até agora escavada na Palestina e Síria (incluindo algumas das cidades mais antigas do mundo) mostra evidências arqueológicas do Dilúvio.

Embora várias cidades na Mesopotâmia exibam evidências de uma inundação, três fatores tornam difícil ligar essa evidência com [Gênesis 6-9](#). Cada um dos níveis de inundação descobertos até agora data de um período diferente. Além disso, como locais próximos não mostram evidências de inundação, todas as evidências de inundação mesopotâmica apontam para inundações locais relativamente pequenas. Finalmente, as evidências não indicam grandes descontinuidades culturais do tipo que resultariam da destruição de uma população inteira. Assim, parece que as antigas inundações mesopotâmicas descobertas através de pesquisas arqueológicas são do mesmo tipo que as inundações que ainda ocorrem no vale do Rio Eufrates.

Claramente, certas perguntas que alguém possa fazer sobre as narrativas de Gênesis simplesmente não podem ser respondidas. Muitos que consideram a Bíblia como a Palavra de Deus concluíram que a datação dos eventos encontrados em [Gênesis 1-11](#) deve ser menos importante do que as verdades teológicas de salvação, fé e obediência que esses relatos apresentam.

De Abraão a Moisés

A era patriarcal

A data de Abraão ainda é um tópico debatido entre os estudiosos bíblicos que concordam que Abraão, Isaque e Jacó foram de fato pessoas históricas. As opiniões variam desde uma visão de datação antiga que estima que a era patriarcal se estendeu de 2086 a 1871 a.C., até uma visão de datação tardia que coloca Abraão por volta de 1400 a.C. Como cada posição afirma se encaixar nos dados bíblicos, é necessário um exame mais detalhado dos dois pontos de vista.

Muitas passagens do AT parecem apoiar a visão que coloca Abraão em uma data comparativamente precoce. No texto de [1 Reis 6.1](#) calcula 480 anos de volta a partir da fundação do templo no quarto ano do reinado de Salomão (961 a.C., de acordo com a visão de data precoce) até o Êxodo do Egito, que seria então datado de 1441 a.C. Contando 430 anos como o período da permanência israelita no Egito (veja [Gênesis 15.13](#); [Êxodos 12.40](#)) leva a data de volta para 1871 a.C. A essa data são adicionados os 215 anos exigidos pelo total de (1) a idade de Abraão ao entrar em Canaã (75 anos de acordo com [Gênesis 12.4](#)); (2) 25 anos adicionais antes do nascimento de Isaque ([Gênesis 21.5](#)); (3) mais 60 anos até o nascimento de Jacó ([Gênesis 25.26](#)); e (4) a aparição de Jacó perante o Faraó aos 130 anos ([Gênesis 47.9](#)). Esses 215 anos adicionados ao total anterior dão uma data de 2086 a.C. para a entrada de Abraão em Canaã e uma data de 2161 a.C. para seu nascimento.

Tal cálculo não utiliza todas as evidências cronológicas apresentadas no AT; consequentemente, a data para Abraão está sujeita a questionamentos. Por exemplo, os 480 anos entre o Êxodo e o quarto ano do reinado de Salomão representam um período de tempo no qual as peregrinações no deserto, a carreira de Josué e seus sucessores imediatos, o período dos juízes, Samuel, Saul e Davi devem ser inseridos. Embora o AT não diga especificamente quanto tempo duraram as carreiras de Josué, Samuel ou Saul, mesmo uma estimativa modesta eleva o total de anos exigidos por todos os dados bíblicos juntos para aproximadamente 600.

Além disso, a duração do tempo a ser atribuída à estada no Egito é problemática. O Pentateuco Samaritano e a Septuaginta consideram o número 430 (em [Êxodo 12.40](#)) como aplicável não apenas aos anos no Egito, mas também aos anos de Abraão, Isaque e Jacó em Canaã. Evidentemente, Paulo

seguir a tradição da Septuaginta quando datou a entrega da lei 430 anos depois do tempo da promessa de Deus a Abraão (veja [Gálatas 3.15-18](#)). Isso significa que o número da Septuaginta não pode ser descartado levemente.

A datação tardia de Abraão (ca. 1400 a.C.) baseia-se em duas proposições: (1) A imagem da sociedade patriarcal retratada em Gênesis se assemelha mais de perto àquela refletida nas tábuas cuneiformes recuperadas de Nuzi, uma cidade no nordeste da Mesopotâmia, cerca de 282 quilômetros ao norte de Bagdá. (2) Como essas tábuas devem ser datadas nos séculos 15 e 14 a.C., a era patriarcal paralela deve ter ocorrido dentro do mesmo período geral.

Aqueles que defendem a visão de data tardia estão cientes de que sua data para Abraão não pode ser equiparada ao conjunto de números dos quais a visão de data inicial depende. Eles apontam para outros dados, também do AT. José, que já era um oficial egípcio de alta posição quando Jacó se mudou para o Egito, viveu até os 110 anos ([Gênesis 50.26](#)). Moisés era bisneto de Levi, irmão mais velho de José. Como José viveu para ver seus próprios bisnetos nascerem (que provavelmente seriam mais jovens que Moisés, já que seu bisavô era mais jovem que o dele), a visão de data tardia conclui que José poderia estar vivo quando Moisés nasceu. A genealogia de quatro gerações de Moisés (Levi-Coate-Amrão-Moisés, em [Êxodo 6.16-20](#); [Números 3.17-19](#); [26.58-59](#); [1 Crônicas 6.1-3](#)) foi evidentemente considerada completa de acordo com [Gênesis 15.16](#), que previu que os descendentes de Abraão seriam libertados da escravidão egípcia “na quarta geração”.

No entanto, uma data em torno de 1400 a.C. para Abraão não pode ser alinhada com certos outros dados bíblicos, incluindo a longa permanência no Egito exigida por [Gênesis 15.13](#) e [Êxodo 12.40](#) e uma existência no deserto de 40 anos (ou “uma geração”). Alguns estudiosos normalmente moderados são forçados a reduzir o tempo no deserto para dois anos a fim de manter sua data tardia para Abraão.

Em resumo, a teoria da data tardia é consistente com parte da evidência bíblica (as genealogias de Moisés), mas a teoria da data inicial se conforma a outra parte (os números de anos reais listados em versos dispersos de Gênesis e Êxodo). A teoria da data tardia sustenta que as genealogias representam informações mais confiáveis em sociedades semíticas em geral, enquanto a teoria

da data inicial calcula os anos dados no relato bíblico literalmente ao longo de seu esquema.

Devido aos problemas associados a ambas as posições, um grande grupo de estudiosos adota uma posição intermediária na datação da era patriarcal. Arqueologicamente, dizem eles, Abraão e sua vida e tempos se encaixam perfeitamente no início do Segundo milênio, mas imperfeitamente em qualquer período posterior. Ao situar Abraão aproximadamente entre 1800 e 1600 a.C., eles oferecem latitude suficiente para uma fusão de todas as evidências disponíveis, bíblicas e não bíblicas, em um esquema cronológico viável. A arqueologia fornece quatro principais evidências para uma era patriarcal do início do Segundo milênio.

1. Embora as tábuas de Nuzi forneçam um paralelo claro à vida social patriarcal, outras tábuas de outras cidades e de uma era anterior refletem muitos dos mesmos costumes comuns a Nuzi e Gênesis. Como os nuzianos eram hurritas que vieram do nordeste da Mesopotâmia de outro lugar (talvez Armênia), seus costumes sociais se originaram, sem dúvida, muito antes da época das tábuas que agora possuímos. Assim, a data do século XV a.C. das tábuas de Nuzi não exclui uma data anterior para Abraão.

2. Os nomes de vários dos ancestrais de Abraão listados em [Gênesis 11](#) podem agora ser identificados com cidades na área norte da Mesopotâmia ao redor de Harã, a cidade de onde Abraão migrou para Canaã ([Gênesis 11.31–12.3](#)). Significativamente, Harã floresceu nos séculos 19 e 18 a.C.

3. Pouco depois de 2000 a.C., nômades semitas do deserto invadiram as comunidades civilizadas do Crescente Fértil. Esses invasores, chamados de amoritas no AT, estabeleceram-se em várias cidades no norte da Síria e Mesopotâmia. Uma das cidades amorita era Babilônia, governada por Hamurábi por volta do início do século 18 a.C. Embora o rei Anrafel de [Gênesis 14.1](#) não seja linguisticamente identificável com o rei babilônico Hamurábi, como estudiosos anteriores acreditavam, os eventos após a invasão amorita ainda concorda bem com as narrativas de Gênesis em geral.

4. Mari, outra cidade amorita, é agora bem conhecida por causa de mais de 20.000 tábuas recuperadas de seu palácio real e arquivos. Geograficamente, Mari está localizada na área geral de Harã. Cronologicamente, as tábuas recuperadas

são do século 18 a.C. Um rei de Mari do século dezoito, Zinri Lim, manteve uma extensa correspondência com Hamurabi da Babilônia. As tábuas de Mari também fornecem informações valiosas sobre grupos tribais e étnicos e seus movimentos na região geral. De importância básica para datar os materiais do Gênesis são certos documentos de Mari que incluem nomes pessoais muito semelhantes a Abraão (Abi-Ram), Jacó, Labão e vários outros nomes semíticos ocidentais.

As evidências arqueológicas não provam nem desaprovam a existência real de Abraão, Isaque ou Jacó. Isso é admitido por todos os lados. O que a arqueologia fez foi fornecer uma estrutura de probabilidades dentro da qual as narrativas patriarcais bíblicas parecem cada vez mais estar em casa.

Data do Êxodo

O problema de datar a era patriarcal está intimamente relacionado ao problema de atribuir uma data ao Êxodo dos israelitas do Egito. Como as evidências não permitem uma data precisa para Abraão, uma data precisa para a entrada de José ou Jacó no Egito também é inalcançável. Além disso, as evidências bíblicas não fornecem um número exato para a duração da estadia dos israelitas no Egito.

Por muitos anos, estudiosos bíblicos consideraram [1 Reis 6.1](#) como uma base sobre a qual construir uma data inabalável para o Êxodo. Como o quarto ano de Salomão poderia ser fixado indiscutivelmente dentro de pelo menos um intervalo de 10 anos (967–958 a.C.), o Êxodo também poderia ser datado com a mesma precisão, simplesmente adicionando 480 anos. Mas outros dados bíblicos levantam sérias questões sobre esse procedimento simples. Quando a Bíblia trata de todos os eventos entre o tempo do Êxodo e a fundação do templo de Salomão, ou seja, de Números a [1 Reis 5.18](#), os números precisos dados totalizam não 480, mas mais próximo de 600 anos.

Como a evidência é insuficiente para permitir uma data precisa para o Êxodo, a opinião acadêmica permanece dividida entre duas possibilidades. Um Êxodo no século 15 é apoiado por várias evidências. A cronologia em [1 Reis 6.1](#) parece ser corroborada independentemente por uma passagem em [Juízes 11.26](#). Afirma que Israel havia ocupado a área ao redor de Hesbom por 300 anos antes do próprio dia de Jefté. Se Jefté é datado em aproximadamente 1100 a.C., obviamente se é levado de volta a um Êxodo em meados do século quinze. Além disso, três gerações sucessivas de

faraós que governaram nos séculos dezesseis e quinze não produziram descendentes masculinos, tornando mais provável que Moisés se tornasse o filho adotivo de uma princesa real durante esse tempo; todos os reis da 19ª dinastia (1306–1200 a.C.) tinham herdeiros masculinos legítimos.

Além disso, uma data do século 15 possibilita uma conexão entre a invasão dos habirus de Canaã (1400–1350 a.C.) — descrita nas cartas de Amarna encontradas em Tell el-Amarna, Egito — e a invasão de Canaã pelos hebreus descrita no livro do AT de Josué. Relacionado a isso está uma referência a “Israel” na Estela de Merneptá, um pilar de pedra inscrito com os feitos do rei egípcio, Merneptá, por volta de 1220 a.C. Isso implica que o povo referido, encontrado por Merneptá no curso de uma campanha militar cananeia, já existia há algum tempo. Finalmente, um escavador de Jericó, João Garstang, situou a destruição daquela cidade por volta de 1400 a.C.

Outras evidências, no entanto, sugerem fortemente não uma data do século quinze, mas do século treze para o Êxodo. Muitos estudiosos atribuem uma data entre 1290 e 1275 a.C. com base nessas evidências. Primeiro, os 480 anos de [1 Reis 6.1](#) discutidos acima podem ser interpretados como representando esquematicamente 12 gerações, conforme indicado por [1 Crônicas 6.3–8](#). Assim, se 12 gerações tiveram uma média de 25 anos em vez de 40 anos, a redução de 480 anos esquematizados para 300 anos reais apontaria para uma data do Êxodo por volta de 1266 a.C. Segundo, existem evidências arqueológicas que datam a destruição nos locais assumidos de várias cidades conquistadas por Josué (Laquis, Debir, Betel e Hazor) para o final do século treze. Terceiro, não há menção bíblica de campanhas militares egípcias (como a incursão de Merneptá em 1220 a.C.); os israelitas vivendo em Canaã antes da época dos faraós militarmente ativos Seti I (1319–1301 a.C.) e Ramsés II (1301–1234 a.C.) certamente teriam sido afetados por tal atividade. Quarto, [Êxodo 1.11](#) menciona a cidade de Ramessés, a capital construída por Ramsés II, de acordo com suas próprias inscrições. Uma quinta linha de argumento vem de conclusões arqueológicas de que Transjordânia e o Deserto do Neguebe não foram ocupados por pessoas sedentárias entre 1900 e 1300 a.C., enquanto a Bíblia afirma claramente que os israelitas encontraram forte oposição de grupos naquela mesma região. Assim, argumenta-se que os israelitas devem ter entrado naquela região após 1300 a.C. Sexto, conectar os habirus com os israelitas da Conquista carece de

peso porque muitos textos além das tábuas de Amarna atestam a existência de grupos habirus praticamente em todo o antigo Oriente Próximo. “Habiru” parece ser um termo muito mais amplo, possivelmente significando “invasor”, e provavelmente não está relacionado etimológica ou semanticamente com “hebreu”. Sétimo, e finalmente, o trabalho de Garstang em Jericó foi agora revisado pela arqueóloga Kathleen Kenyon, que mostrou que as muralhas caídas que Garstang datou por volta de 1400 a.C. na realidade foram destruídas em 1800 a.C. ou antes.

Até agora, tem sido impossível decidir com precisão entre os dois séculos propostos para o Êxodo. A opinião majoritária entre os estudiosos do AT em geral, incluindo um número crescente de estudiosos moderados ou conservadores, é a favor da opção do século treze. Por outro lado, muitos outros estudiosos conservadores continuam a preferir a data do século quinze. O dogmatismo é injustificado, pois problemas permanecem sem solução com qualquer uma das opções.

De acordo com a opinião da maioria, no entanto, uma data por volta de 1290 a.C. para o Êxodo será usada ao lidar com problemas subsequentes.

Conquista e consolidação

A tarefa cronológica para o período de conquista e consolidação é encaixar todos os eventos narrados pelo AT, principalmente em Josué e Juízes, entre o Êxodo (ca. 1290 a.C.) e os tempos de Davi (ca. 1000 a.C.) e Salomão (d. 930 a.C.). Em outras palavras, é preciso encaixar aproximadamente 550 anos de eventos bíblicos entre Moisés e Davi em um período de 290 anos.

Embora atribuir uma data antiga para o Êxodo (ca. 1447 a.C.) tornasse a tarefa um pouco mais fácil, a mera adição de cerca de 157 anos não resolve por si só todos os problemas. Nenhuma das datas permite tempo suficiente para que todos os eventos do AT, de Josué a Davi, ocorram de forma única e consecutiva. Assim, defensores de ambas as datas assumem que alguns dos juízes governaram simultaneamente em vez de consecutivamente.

O livro de Josué fornece a maior parte das evidências do AT sobre a conquista de Canaã pelos israelitas. Infelizmente, o livro de Josué não possui notas cronológicas que especifiquem a quantidade de tempo decorrido durante a carreira de Josué. Além disso, não há referências bíblicas a eventos contemporâneos importantes em outras partes do mundo antigo, cujas datas poderiam ser usadas

para fixar a cronologia. Em vez disso, em um relato obviamente condensado, o livro de Josué registra a queda de Jericó e Ai, seguidas de perto por uma campanha ao sul e depois ao norte. Após essas vitórias, cobrindo grande parte do território total de Canaã, várias parcelas de terra foram distribuídas aos grupos tribais de Israel; esperava-se que as tribos completassem a tarefa de destruir quaisquer habitantes cananeus que restassem em sua região particular. Busca-se em vão, no entanto, por qualquer declaração indicando quanto tempo esses eventos levaram.

No livro de Juízes, prevalece uma circunstância ligeiramente diferente. Lá, o AT fornece uma lista bastante completa de figuras para indicar a duração dos períodos de opressão estrangeira, juizados e paz subsequente. O número total de anos descritos para esse período é 410, mas esse total não inclui nenhum tempo para os muitos juízes “menores”. Parece óbvio, portanto, que a maioria, senão todos, dos juízes eram simplesmente chefes locais cuja atividade era simultânea à de outros juízes, pelo menos por parte de seu reinado. Infelizmente, o livro de Juízes não fornece um sistema de referências cruzadas para indicar quais juízes eram contemporâneos de quais outros. Talvez o melhor que se pode fazer é assumir diretrizes gerais para a cronologia desse período entre Moisés e Davi.

Dois fatos significativos devem ser mantidos em mente. Primeiro, as informações arqueológicas parecem exigir uma data de Conquista começando por volta de 1250 a.C. em vez de 200 anos antes. Assumir carreiras simultâneas para os juízes permite comprimir os números literais do AT no esquema geral exigido por outras evidências.

Em segundo lugar, os escribas antigos evidentemente relacionaram a cronologia do período a um esquema baseado em 40 anos ou gerações, uma prática que durou até a época do reino dividido, quando uma cronologia dinástica regular foi introduzida. Diante de tantas carreiras sendo atribuídas exatamente a 40 anos, o fato é que os totais literais de tais números não podem ser harmonizados com a evidência bíblica ou arqueológica do período. Assim, a maioria dos estudiosos duvida que o número 40 tenha sido alguma vez destinado a ser um cálculo matemático exato. Essa visão permite flexibilidade suficiente para um ajuste cauteloso das evidências bíblicas e outras em um cronograma geral.

A monarquia

Tipos de evidência

Para o período da monarquia israelita, as evidências cronológicas são abundantes.

O AT em si se esforça para fornecer todas as informações necessárias para a cronologia do período, incluindo (1) uma lista completa de todos os reis em Israel e em Judá, tanto antes quanto depois da divisão do reino; (2) a idade de cada rei (exceto Saul) ao assumir o trono; (3) sincronismos do reino do norte de Israel e do reino do sul de Judá, mostrando em que ano de seu contemporâneo no outro reino cada rei subiu ao trono; e (4) cálculos precisos da duração do reinado de cada rei. Além disso, alguns eventos importantes são datados por referência a outro evento; outros são coordenados com eventos simultâneos na história secular.

Fora do AT, uma abundância de material fornece evidências para uma cronologia do período. De longe, a fonte única mais importante é uma coleção de listas de *limmu* assírias. Na Assíria, um registro de cada reinado de rei era mantido em um tipo particular de anais. Cada ano de reinado era nomeado em homenagem a um indivíduo de alta patente na corte; o primeiro ano era nomeado em homenagem ao próprio rei, o segundo em homenagem ao próximo oficial de mais alta patente (embora esse nome pareça ter sido originalmente selecionado por sorteio), e assim por diante, até a morte do rei. A palavra *limmu* era usada para introduzir o nome do oficial após o qual o ano corrente seria nomeado, daí a designação “*listas de limmu*”.

As listas *limmu* assírias estão precisamente ligadas ao ano solar, tornando os documentos altamente confiáveis. Além disso, além de muitos eventos na história assíria, fenômenos naturais notáveis foram datados com base no *limmu* em que ocorreram. Por exemplo, um eclipse solar datado pelos escribas assírios no ano *limmu* de Bur-Sagale foi calculado astronomicamente como 15 de junho de 763 a.C. Começando com o ano 763, então, e trabalhando tanto para trás quanto para frente, uma lista completa de oficiais *limmu* assírios foi obtida para o período entre 891 e 648 a.C.

Com a precisão das listas *limmu* assírias corroboradas por várias fontes, elas podem ser usadas com confiança na reconstrução da cronologia do período correspondente da história bíblica. Isso é especialmente verdadeiro quando um escritor bíblico relaciona um evento israelita ou

judaíta a um ano específico do reinado de um rei assírio cuja lista *limmu* indica os anos precisos de seu reinado.

Há também registros de listas de reis caldeus (babilônicos) e de historiadores gregos posteriores. Ptolomeu, no segundo século d.C., por exemplo, forneceu datas para reis babilônicos a partir de 747 a.C. e continuou com datas para governantes persas, gregos e romanos até 161 d.C. Finalmente, informações úteis são encontradas em inscrições de monumentos, estelas e outros artefatos da Assíria e de outros lugares.

Cronologia monárquica

A lista *limmu* do rei assírio Salmanaser III fornece uma base para a primeira comparação de datas entre Assíria, Israel e Judá. No *limmu* de Daian-Assur, no sexto ano de Salmanaser no trono, Acabe de Israel foi listado como um dos reis que lutaram contra os assírios na batalha de Qarqar. Assim, a data para essa batalha pode ser colocada com confiança em 853 a.C.

Registros assírios também indicam que Salmanaser III entrou em contato com um rei israelita 12 anos depois, em 841 a.C. Esse rei era Jeú. Assim, dois pontos fixos estão disponíveis para correlacionar as informações bíblicas. Após a morte de Acabe, que não é datada exatamente por referência aos registros assírios, dois de seus filhos chegaram ao poder. O primeiro, Acazias, reinou dois anos ([1 Reis 22.51](#)); o segundo, Jorão (também chamado Jeorão), reinou um total de 12 anos ([2 Reis 3.1](#)). Devido a forma como contavam os anos naquele período, o total aparente de 14 anos pode ser reduzido a um total real de 12. Assim, parece evidente que Acabe não apenas lutou contra Salmanaser III em 853 a.C., mas também morreu naquele ano. Acabe foi então seguido por seus dois filhos por um total de 12 anos antes da ascensão de Jeú a tempo de explicar seu contato com Salmanaser II em 841 a.C. Além disso, porque Jeú assassinou tanto o rei de Israel (Jeorão) quanto o rei de Judá (Acazias) ao mesmo tempo ([2 Reis 9.24-27](#)), um sincronismo fixo é fornecido entre os dois reinos para o ano 841 a.C.

Os primeiros nove reis de Israel governaram um total aparente de 98 anos ou um total real (levando em conta a política de não-ascensão de Israel) de 90 anos. Zinri, que governou apenas sete dias ([1 Reis 16.15-18](#)), conta como um dos nove, mas não insere um ano extra em nenhum dos totais reais ou aparentes. A ascensão de Jeroboão I ocorreu assim em 930 a.C. (adicionando 90 anos a 841 a.C.), e

Roboão de Judá começou a governar nesse mesmo ano também. Permitir a Salomão o reinado de 40 anos indicado em [1 Reis 11.42](#) aponta para o ano 970 a.C. para sua ascensão. A morte de Davi também seria localizada nesse período, embora deva ser considerada a possibilidade de uma curta co-regência de Davi e Salomão antes da morte de Davi. O reinado de Saul então se situa aproximadamente no final do século 11 a.C.

Em Judá, o período entre a morte de Salomão em 930 a.C. e o assassinato de Acazias por Jeú em 841 a.C. foi ocupado pelos reinados de seis homens cujo tempo no trono totaliza 95 anos bíblicos. O cálculo desse período em Judá não é tão simples quanto para os reis israelitas por várias razões. Os problemas incluem uma mudança de contagem de anos de ascensão para não-ascensão em algum momento por volta de 850 a.C., pelo menos duas co-regências (Josafá com Asa e depois Jeorão com Josafá), e as diferenças de calendário entre os dois reinos. É claro que os 95 anos aparentes devem ser reduzidos, com base nas diferenças de cálculo e calendário, para 90 anos reais, a fim de alinhar os números judaicos com os sincronismos assírios e israelitas estabelecidos.

Após o ano 841, o próximo evento bíblico a ser certificado por materiais não bíblicos é a queda de Samaria em 722 a.C. Essa data é fornecida pelos anais de Sargão II da Assíria (722-705 a.C.), sucessor de Salmanasar V (727-722 a.C.). Embora essa data venha apenas 120 anos após o ponto fixo de 841 a.C. na história israelita, os materiais cronológicos para esse período são bastante difíceis de interpretar com precisão. No passado, estudiosos recorreram a suposições de extensas co-regências, a uma confusão presumida por parte de certos escribas sobre os métodos a serem seguidos nos cálculos, ou a outras teorias na tentativa de entender o período. Apesar das muitas dificuldades, no entanto, todas as datas bíblicas e assírias para o período da monarquia dividida foram harmonizadas — com exceção de quatro números relacionados aos anos finais do reino israelita, todos conectados de alguma forma com o reinado problemático de Oséias.

Judá após a queda de Israel

Após a queda de Samaria em 722 a.C., a cronologia do AT preocupa-se apenas com o reino do sul de Judá até sua destruição cerca de 135 anos depois. Dois eventos no registro bíblico importantes para estabelecer uma cronologia para esse período são o cerco de Jerusalém por Senaqueribe da Assíria no

final do oitavo século e a eventual queda de Jerusalém para os babilônios no início do sexto século.

Invasão de Judá por Senaqueribe

A invasão assíria (704–681 a.C.) é registrada em [2 Reis 18.13–16](#), onde o versículo [13](#) data o evento no 14º ano do rei Ezequias. As próprias inscrições de Senaqueribe incluem uma versão mais longa do caso. A partir delas, a data de 701 a.C. é estabelecida, situando a ascensão de Ezequias em 715 a.C. Isso é simples, mas ainda surgem problemas. Por exemplo, [2 Reis 19.9](#) relata que Senaqueribe estava em contato com um rei etíope, Tiraca (ca. 690–664 a.C.), durante sua campanha, que incluiu um cerco a Jerusalém. Obviamente, o contato com um governante que assumiu o poder não antes de 690 a.C. não poderia se referir a eventos em 701 a.C. É possível, no entanto, que Senaqueribe tenha feito duas invasões de Judá, a primeira em 701 e a segunda em algum momento posterior. A data dessa suposta segunda invasão não é assegurada, embora [2 Reis 19.35–37](#) possa implicar que Senaqueribe foi assassinado pouco depois de sua retirada de Jerusalém. Como Senaqueribe foi sucedido por seu filho Esar-Hadom no ano 681, a presumida segunda invasão de Judá teria ocorrido em algum momento na segunda metade da mesma década.

Vários estudiosos se opõem à suposição de uma segunda invasão de Jerusalém por Senaqueribe. Eles sugerem a possibilidade de que Tiraca, embora rei apenas a partir de 690 a.C., possa ter liderado tropas contra Senaqueribe já em 701, antes de ascender ao trono. A referência ao Rei Tiraca em [2 Reis 19.9](#) seria então entendida como o uso de seu título eventual em um esforço para identificá-lo a uma geração posterior de leitores.

No entanto, a questão do número de invasões está estabelecido, é certo que Senaqueribe invadiu Judá em 701 a.C., o 14º ano de reinado de Ezequias. Tal sincronismo estabelece o ano de ascensão de Ezequias como 715 a.C., mas essa data levanta outro problema. A queda de Samaria, agora estabelecida em 722, é datada por [2 Reis 18.10](#) no sexto ano do reinado de Ezequias. A solução mais provável é que Ezequias começou uma co-regência com seu pai, Acaz, seis anos antes da queda de Samaria. A possibilidade de confusão surge do fato de que um versículo ([2 Reis 18.13](#); repetido em [Isaías 36.1](#)) sincroniza a invasão de Senaqueribe em 701 a.C. com o 14º ano do reinado independente de Ezequias; outro versículo ([2 Reis](#)

[18.10](#)) correlaciona a queda de Samaria com o início da co-regência de Ezequias. Assim, de cerca de 728 a 715 a.C., Ezequias foi co-regente com Acaz. De 715 a 697, ele reinou sozinho. De 696 a 686, seu filho Manassés foi co-governante com ele.

De acordo com as informações cronológicas dadas por vários versículos em 2 Reis, um total de 128 anos e seis meses se passaram entre a ascensão de Ezequias em 715 e a captura do Rei Jeoaquim em 597, uma data a ser discutida abaixo. Assim, outro problema é explicar o excesso de mais de 10 anos aparentemente exigido pelos totais bíblicos. A melhor solução parece residir na suposição de que Manassés primeiro assumiu o poder em 697 como co-regente com seu pai, Ezequias. Manassés morreu em 642, seguindo o que [2 Reis 21.1](#) afirma ter sido um reinado de 55 anos. Ezequias, que subiu ao trono em 715, é dito ter reinado 29 anos ([2 Reis 18.2](#)), o que significaria que ele foi rei até 686, aproximadamente 11 anos após o tempo em que Manassés deve ter subido ao trono para completar um reinado de 55 anos até 642.

Queda de Jerusalém

Registros babilônicos contemporâneos estão disponíveis para lançar luz valiosa sobre os últimos anos da existência de Judá. Para os anos 626–623, 618–595 e 556 a.C., a Crônica Babilônica, um registro formal dos assuntos de estado babilônicos, foi recuperada. A partir das informações contidas nessa crônica e em outros documentos cuneiformes do período, três datas na história de Judá podem ser fixadas com firmeza. A primeira é a morte de Josias em 609; a segunda é a batalha de Carquemis em 605; a terceira é o fim do reinado de Jeoaquim, que é datado pela Crônica Babilônica para o segundo mês de Adar no nono ano de Nabucodonozor, ou 16 de março de 597.

Após a captura de Jeoaquim, Zedequias tornou-se rei fantoche de Judá por 11 anos ([2 Reis 24.18](#)). No décimo dia do décimo mês durante o nono ano de reinado de Zedequias ([2 Reis 25.1](#)), o cerco final de Jerusalém foi iniciado pelo exército babilônico. Esse dia foi 15 de janeiro de 588. No nono dia do quarto mês durante o 11º ano de reinado de Zedequias, após um cerco de quase 18 meses, o muro de Jerusalém foi rompido ([2 Reis 25.3–4](#)). O templo foi queimado no dia sete do mês seguinte (quinto mês).

Além de 586 a.C.

Após a tragédia de 586 a.C., vários outros desenvolvimentos são mencionados

cronologicamente no AT. [Jeremias 52.30](#) registra uma terceira deportação de judeus para a Babilônia no 23º ano do rei Nabucodonosor (582 ou 581 a.C.). Tanto [2 Reis 25.27](#) quanto [Jeremias 52.31](#) evidenciam a libertação do rei Jeoaquim da prisão; a Crônica Babilônica data esse evento em 27 de Adar, ou 21 de março de 561 a.C.

Em 539 a.C., os próprios babilônios estavam destinados a aprender o significado da derrota. Naquele ano, um governante persa, Ciro, o Grande, lançou uma campanha bem-sucedida contra Babilônia e seu rei, Nabonido. Herdando o controle sobre os judeus exilados e muitos outros grupos de pessoas conquistados anteriormente pela Babilônia, Ciro agiu rapidamente para iniciar uma política de tolerância em relação aos seus novos súditos. No primeiro ano de seu governo, Ciro emitiu um édito possibilitando que os judeus retornassem à sua terra natal ([Esdras 1.1](#)). No primeiro dia do ano seguinte, 1 Tishri ([Esdras 3.6](#)), um altar foi erguido em Jerusalém. Em Iyyar do ano seguinte (abril/maio de 536), começou-se a trabalhar no próprio templo ([Esdras 3.8](#)).

Após um período de paralisações frustrantes de trabalho de várias durações, a pregação de Ageu e Zacarias incentivou os judeus a completar o templo. O trabalho foi retomado em 520 ([Esdras 4.24](#); [Ag 1.1,15](#)) e foi finalmente concluído em 3 de Adar, ou 12 de março, 515 ([Esdras 6.15](#)). As etapas finais da cronologia do AT dizem respeito às carreiras de Esdras e Neemias. A visão tradicional de sua era coloca Esdras no sétimo ano de Artaxerxes I (458 a.C.) e Neemias no 20º (445 a.C.).

Veja também “Data” em cada livro do AT; Conquista e Distribuição da Terra; Diáspora dos Judeus; Êxodo, O; Israel, História de; Patriarcas, Período dos; Período Pós-exílico; Peregrinações no Deserto.

Cronologia da Bíblia (Novo Testamento)

Cronologia é um ramo dos estudos bíblicos que busca descobrir a sequência dos eventos do NT e o tempo que se passou entre eles. A cronologia é essencial para os historiadores, cuja tarefa é determinar as causas e efeitos dos eventos passados. Geralmente, para o propósito de um historiador, atribuir datas absolutas é menos importante do que conhecer a sequência de eventos que podem ter influenciado uns aos outros. Em outras palavras, é mais importante para os historiadores entender a ordem dos eventos e

como eles podem ter se afetado mutuamente do que atribuir datas específicas a eles. De fato, pouquíssimos acontecimentos do NT podem ser datados com precisão.

Um testemunho notável da influência do Cristianismo é o fato de que todo o mundo ocidental agora divide a história em a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo). Antes de esse método de datação se tornar difundido na Idade Média, os eventos eram datados por sua relação com outros eventos importantes, como a fundação de Roma ou o início do reinado de um rei. Quando um monge chamado Dionísio Exiguus (século 6) inventou nosso método atual de datação, com o nascimento de Cristo dividindo a história, ele cometeu um erro em seus cálculos. O resultado desse erro é a anomalia histórica de que o próprio Jesus nasceu no máximo quatro anos “antes de Cristo”.

Cronologia da vida de Jesus

Início da vida

De acordo com [Mateus 2.1](#), Jesus nasceu “quando Herodes era rei da terra de Israel”. Um historiador do primeiro século d.C., Josefo, registrou que Herodes morreu na primavera do ano que identificamos como 4 a.C. Portanto, Jesus nasceu algum tempo antes disso, mas quanto tempo antes é incerto. [Lucas 2.1–2](#) registra que o nascimento de Jesus ocorreu quando “Augusto”, o imperador Romano, decretou que um censo, ou recenseamento, deveria ser realizado em toda a nação. Este foi o primeiro censo realizado quando Cirênio era governador da Síria. Essas declarações levantam duas perguntas: Quando tal censo foi realizado, e quando Cirênio foi governador da Síria? Nenhuma das perguntas recebeu uma resposta completamente satisfatória.

Documentos de censo descobertos no Egito, juntamente com referências anteriores, sugerem que tais recenseamentos eram realizados a cada 14 anos. Isso colocaria um censo aproximadamente em 8 ou 9 a.C. Considerando o tempo necessário para realizar o censo (que exigia que uma pessoa viajasse para seu local de nascimento), o nascimento de Jesus pode ter ocorrido um pouco mais tarde do que o ano real do decreto (talvez 7 a.C.). É importante notar que o termo “a.C.” refere-se ao tempo antes do nascimento de Jesus e é usado em referência ao sistema de datação utilizado no mundo ocidental.

Josefo registrou que Cirênio se tornou governador da Síria em 6 d.C., uma data bastante tardia para o nascimento de Jesus. No entanto, alguns estudiosos argumentaram, a partir de inscrições antigas, que Cirênio também serviu na Síria como um legado especial do imperador Augusto antes de 6 a.C. Esse poderia ser o período referido em [Lucas 2.2](#). Por que Lucas escolheu citar Cirênio em vez do governador regular da Síria naquela época? Talvez, ao fazer isso, ele pudesse fornecer uma data mais exata para o nascimento de Jesus, já que Cirênio esteve em autoridade por um período mais curto do que o governador regular da Síria. É possível que Lucas tenha escolhido mencionar Cirênio em vez do governador regular da Síria naquela época para fornecer uma data mais precisa para o nascimento de Jesus, já que Cirênio teve um mandato mais curto em autoridade.

Uma conclusão razoável é que Jesus nasceu por volta de 7 ou 6 a.C. Isso se encaixa com [Mateus 2.16](#), que parece indicar que Jesus nasceu pelo menos dois anos antes da morte de Herodes em 4 a.C. Não existem evidências claras sobre o dia e o mês de seu nascimento. A celebração de 25 de dezembro como Natal originou-se no século 4, provavelmente como uma alternativa cristã ao festival pagão do solstício de inverno (Saturnália). É importante notar que a celebração de 25 de dezembro como Natal é uma tradição cristã que se originou no século 4 e foi provavelmente destinada como uma alternativa ao festival pagão da Saturnália.

O início do serviço público

[Lucas 3.23](#) diz que Jesus, "Jesus começou o seu trabalho quando tinha mais ou menos trinta anos de idade"; como a idade dada é apenas aproximada, ele pode ter sido dois ou três anos mais velho ou mais jovem (cf. o pseudepigráfico Testamento de Levi 2.2; 12.5). Se exatamente 30 for adicionado à data de nascimento sugerida, chega-se a 24 d.C. Essa data não pode estar correta, porque o ministério de Jesus começou depois que João Batista apareceu; [Lucas 3.1-3](#) data a aparição pública de João precisamente quando "fazia quinze anos que Tibério era o Imperador Romano" enquanto Pilatos era procurador (governador) sobre a Judeia. Pilatos governou de 26 a 36 d.C., e o 15º ano de Tibério foi provavelmente 27 d.C. Portanto, Jesus não começou seu ministério público antes de 27 d.C. Se apenas um curto período de tempo se passou entre o início do ministério de João e o início do ministério de Jesus, então Jesus provavelmente começou em 27 ou 28

d.C. quando tinha aproximadamente 33 anos de idade.

A morte de Jesus

Todos os quatro registros do Evangelho parecem indicar que Jesus celebrou a Santa Ceia com seus discípulos na noite de quinta-feira, foi crucificado na sexta-feira e ressuscitou dos mortos na manhã de domingo ([Mt 28.1](#); [Mc 16.1](#); [Lc 24.1](#)). A afirmação de que Jesus ressuscitou no terceiro dia ([1Co 15.4](#)) vem do costume judaico de contar parte do dia como um dia inteiro. De acordo com Mateus ([26.19](#)), Marcos ([14.12](#)) e Lucas ([22.15](#)), a Santa Ceia foi a refeição da Páscoa, uma celebração anual da fuga de Israel do Egito ([Êx 12-15](#)). Mas, de acordo com [João 13.1](#) e [19.14](#), a refeição da Páscoa ainda não havia sido consumida na sexta-feira; portanto, a Santa Ceia em João não foi a refeição da Páscoa. No entanto, é importante notar que a Santa Ceia em João ainda foi uma refeição significativa compartilhada por Jesus e seus discípulos antes de sua crucificação.

Nenhuma solução completamente satisfatória para a aparente discrepância foi apresentada. Alguns estudiosos sugerem plausivelmente que o uso de dois calendários diferentes foi o responsável. De acordo com essa teoria, Jesus estava seguindo um calendário que colocava a refeição da Páscoa na noite de quinta-feira. Os oficiais do Templo, por outro lado, seguiam um calendário alternativo que colocava o sacrifício das vítimas no dia seguinte. João pode ter usado o segundo sistema para enfatizar o fato de que Cristo foi oferecido como o sacrifício da Páscoa (cf. [Jo 19.36](#); [1Co 5.7](#)). Isso pode ter sido feito para destacar o significado do sacrifício de Cristo como o cordeiro pascal.

Para descobrir quanto tempo durou o ministério público de Jesus e, assim, o ano em que ele morreu, pode-se recorrer às referências de tempo no Evangelho de João. João referiu-se a pelo menos três Páscoas ([2.13](#); [6.4](#); [13.1](#)) e possivelmente quatro ([5.1](#)). Como a Páscoa era uma festa anual, o ministério de Jesus teria durado pelo menos dois e possivelmente três anos. Em Mateus, Marcos e Lucas, a sexta-feira da morte de Jesus ocorreu no dia 15 do mês judaico de Nisan (que coincide com março e abril). Segundo João, Jesus morreu em 14 de Nisan. A questão é: Em quais anos de 26 a 36 (quando Pilatos era procurador na Judeia) o dia 14 ou 15 de Nisan caiu em uma sexta-feira? A resposta é 27, 29, 30 e 33 d.C. Destes, o ano 27 é muito cedo e 33 é provavelmente muito tarde. Assim, Jesus provavelmente foi crucificado em 29 ou 30, seu

ministério público durou dois ou três anos, e ele tinha 35 ou 36 anos quando morreu.

Eventos de 30 a 50 d.C.

Atos é o único livro do NT que registra quanto tempo se passou entre a morte de Jesus e sua ascensão: “Depois da sua morte, Jesus apareceu a eles de muitas maneiras, durante quarenta dias, provando, sem deixar dúvida nenhuma, que estava vivo. Os apóstolos viram Jesus, e ele conversava com eles a respeito do Reino de Deus” ([At 1.3](#), NTLH). O próximo evento chave após a Ascensão de Jesus ao céu foi o Pentecostes ([At 2.1](#)). Pentecostes, a palavra grega para “quinquagésimo”, referia-se a uma celebração da Festa das Semanas/Colheita (cf. [Êx 34.22](#); [Dt 16.9-12](#)) 50 dias após a Páscoa. Como Jesus foi crucificado durante a época da Páscoa, o Pentecostes de [Atos 2.1](#), durante o qual os discípulos foram cheios do Espírito Santo, ocorreu em 29 ou 30 d.C., cerca de 50 dias após a Crucificação e cerca de 10 dias após a Ascensão.

Depois disso, torna-se difícil determinar as datas exatas dos eventos nos primeiros capítulos de Atos, pois nenhum período específico é mencionado. Portanto, a abordagem típica para datar eventos na era apostólica é primeiro identificar pelo menos um evento que possa ser datado com precisão usando fontes externas ao Novo Testamento. Em seguida, o tempo entre os eventos antes e depois desse evento pode ser estimado. Ocasionalmente, Atos menciona a quantidade de tempo entre dois eventos, mas geralmente não o faz, então a datação só pode ser aproximada.

Um ponto de partida crucial é uma grande falta de alimentos (a grande fome) profetizada por Ágabo, que ocorreu na Palestina durante o reinado do Imperador Romano Cláudio ([At 11.28-29](#)). Josefo, que estava vivo na época, fornece informações suficientes para situar a fome em algum momento entre os anos 46 e 48. Também sabemos pela Mishná, uma coleção de leis judaicas, que o outono de 47 ao outono de 48 foi um ano sabático, quando os judeus deixaram a terra descansar e não colheram nada (cf. [Lv 25.2-7](#)). Isso poderia ter agravado e prolongado uma fome, mas não se pode ter certeza de quão cedo a fome começou; alguns estudiosos propõem 46 e outros 47.

A princípio, parece peculiar que Lucas, o autor de Atos, tenha registrado aquela fome ([At 11.28](#)) antes de registrar a morte de Herodes Agripa ([12.20-23](#)). Com base nos fatos relatados por Josefo, a morte de Herodes (um neto de Herodes, o Grande) pode ser datada em 44 d.C., provavelmente na primavera.

Isso significa que Herodes deve ter morrido vários anos antes da fome que Lucas registrou anteriormente. Alguns estudiosos pensam que Lucas simplesmente errou seus fatos cronológicos. Outros veem [Atos 12.1-24](#) como um movimento de trazer à memória para atualizar a história da igreja em Jerusalém. Tal prática era comum entre os historiadores antigos, que frequentemente seguiam uma fonte até um ponto de parada adequado antes de passar para outra fonte. Acusar Lucas de datas imprecisas, argumenta-se, é não entender as técnicas de escrita histórica que ele estava usando.

Como Herodes Agripa morreu em 44 d.C. ([At 12.23](#)), o apóstolo Tiago, a quem Herodes mandou matar com a espada (v. 2), deve ter morrido pouco antes de 44, talvez durante a época da Páscoa de 43 (v. 3). A prisão do apóstolo Pedro e sua fuga milagrosa (vv. 3-17) também pertencem a esse período. É importante notar que o apóstolo Tiago foi morto por Herodes, que era um governante na época, e que o apóstolo Pedro foi preso e escapou milagrosamente durante esse período.

Quando os cristãos de Antioquia decidiram enviar ajuda aos cristãos em Jerusalém no meio da grande fome ([At 11.29](#)), Barnabé e Paulo foram designados para transportar o dinheiro para Jerusalém. Essa foi a segunda visita de Paulo a Jerusalém após sua conversão. A primeira visita está registrada em [Atos 9.26-30](#). A terceira ocorre em [Atos 15](#), quando Paulo e Barnabé foram enviados para discutir com os apóstolos e anciãos se os convertidos gentios ao cristianismo precisavam ser circuncidados. A datação da primeira e da terceira visitas a Jerusalém, bem como da conversão de Paulo, depende de como essas visitas a Jerusalém estão relacionadas com aquelas relatadas na carta de Paulo aos Gálatas.

A principal questão, que ainda divide os estudiosos do NT, é esta: Em [Gálatas 1.15-2.10](#), Paulo relatou que sua conversão foi seguida por duas visitas a Jerusalém, uma três anos após sua conversão ([1.18](#)) e outra 14 anos depois disso ([2.1-10](#)). Todos os estudiosos concordam que a primeira visita, três anos após sua conversão, é a mesma que a primeira visita registrada em [Atos 9.26-30](#). As respostas diferem, no entanto, quanto à questão de se [Gálatas 2.1-10](#) refere-se à segunda visita (da fome) a Jerusalém em [Atos 11.30](#) (nesse caso, a terceira visita de [Atos 15](#) é a que foi omitida de Gálatas) ou se [Gálatas 2.1-10](#) refere-se à visita em [Atos 15](#) (nesse caso, a visita da fome foi a que foi omitida de Gálatas).

Aqueles que favorecem a primeira reconstrução apresentam seis argumentos: (1) A razão pela qual Paulo deu um relato tão detalhado de suas idas e vindas em [Gálatas 1.15-24](#) foi para mostrar que ele não recebeu seu evangelho de homens, nem foi ensinado por eles ([1.12](#)). Em outras palavras, suas visitas aos apóstolos de Jerusalém não tinham o propósito de receber seu evangelho. Se for assim, omitir a segunda visita a Jerusalém comprometeria a integridade e a autoridade de Paulo com os Gálatas. A primeira reconstrução evita essa dificuldade; a omissão de uma terceira visita a Jerusalém em [Gálatas 2.1-10](#) poderia significar que ela ainda não havia ocorrido quando Gálatas foi escrito. (2) Gálatas 2.1-10 retrata uma reunião privada entre Paulo e Barnabé de um lado e os apóstolos "colunas" do outro. Mas a reunião em [Atos 15](#) foi pública e diante de toda a igreja. Portanto, Gálatas 2.1-10 provavelmente se refere a uma reunião privada durante a visita de [Atos 11.30](#), que Gálatas não registra. (3) A disposição de Paulo em ajudar os pobres mencionada em [Gálatas 2.10](#) conecta-se naturalmente com a segunda visita a Jerusalém, quando ele de fato estava entregando ajuda aos pobres ([At 11.30](#)). (4) Se Gálatas 2 registrasse a mesma viagem que [Atos 15](#), esperaria-se alguma menção da decisão tomada pelo Concílio de Jerusalém, especialmente porque essa decisão estava diretamente relacionada ao problema da circuncisão que Paulo estava lidando em sua Carta aos Gálatas. (5) Além disso, parece improvável que o Concílio de Jerusalém tenha precedido o evento de [Gálatas 2.11-21](#), quando Pedro foi repreendido por Paulo por se afastar da comunhão com os crentes gentios; esse incidente dificilmente poderia ter ocorrido tão logo após a questão da condição dos gentios na igreja ter sido resolvida em Jerusalém. (6) De acordo com [Gálatas 1.6](#), a carta foi escrita "rapidamente" após Paulo ter estabelecido as igrejas da Galácia. Isso faz sentido se Gálatas foi escrito logo após a primeira viagem missionária, portanto, pouco antes do Concílio de Jerusalém de [Atos 15](#); isso faria de Gálatas a primeira carta de Paulo.

Os estudiosos que favorecem a segunda reconstrução apresentam quatro argumentos: (1) O principal objetivo da visita de Paulo em [Gálatas 2.1-10](#) parece ser o mesmo que em [Atos 15.1-20](#); ambos lidaram com a questão de se a circuncisão deveria ser exigida dos convertidos gentios ([Gl 2.3-5](#); [At 15.1.5](#)). Essa semelhança é óbvia, mas não há tal semelhança explícita entre [Gálatas 2](#) e [Atos 11.30](#). (2) Com base na forma e conteúdo, Gálatas é semelhante a Romanos e a 1 e 2 Coríntios; assim,

parece vir do mesmo período — consideravelmente mais tarde do que o Concílio de Jerusalém. Se assim for, é provável que Paulo teria incluído uma referência ao Concílio de Jerusalém (nomeadamente [Gl 2.1-10](#)) em suas recordações, já que seu resultado apoiou sua própria posição sobre a circuncisão exposta na carta. (3) [Atos 11.30](#) retrata Barnabé como o líder da equipe Barnabé/Paulo, já que seu nome é mencionado em primeiro lugar (como em [At 12.25](#); [13.1-2.7](#); cf. [11.25-26](#)). Mas na descrição que Paulo faz da visita em [Gálatas 2](#), ele se vê como o líder da equipe. Como Atos retrata Paulo como o líder desde a primeira viagem missionária ([At 13.9.13.43.46.50](#)), incluindo a terceira visita a Jerusalém ([15.2](#)), é mais provável que [Gálatas 2](#) registre a viagem de [Atos 15](#). (4) Finalmente, em [Gálatas 2.7-8](#) Paulo foi reconhecido como apóstolo dos Gentios com uma posição igual à de Pedro. Mas se [Gálatas 2](#) registrasse os eventos de [Atos 11.30](#) e a primeira viagem missionária ainda não tivesse ocorrido, os apóstolos "colunas" dificilmente teriam reconhecido a autoridade de Paulo como apóstolo dos Gentios. É mais provável que [Gálatas 2](#) tenha seguido a primeira viagem missionária, assim como [Atos 15](#) seguiu a primeira viagem missionária em Atos, e que ambos se refiram ao mesmo evento.

A importância desses argumentos para a cronologia é que, de acordo com a primeira visão, a conversão de Paulo ocorreu 17 anos antes da visita da fome de [Atos 11.30](#) (cf. [Gl 1.18](#); [2.1](#)). De acordo com a segunda visão, a conversão de Paulo ocorreu 17 anos antes do Concílio de Jerusalém em [Atos 15](#). A diferença é de apenas um ano. Isso significa que, de acordo com a primeira visão, a conversão de Paulo aconteceu 17 anos antes da visita da fome de Atos 11.30, enquanto, de acordo com a segunda visão, ocorreu 17 anos antes do Concílio de Jerusalém em Atos 15. No entanto, a diferença entre as duas visões é de apenas um ano.

É útil considerar mais uma data que pode ser fixada com alta probabilidade — a saber, a chegada de Paulo em Corinto em sua segunda viagem missionária ([At 18.1](#)). Na segunda viagem missionária ([15.40-18.22](#)), Paulo e Silas partiram por terra através da Síria, Cilícia, Frígia e Galácia, visitando igrejas fundadas na primeira viagem missionária. Eles chegaram a Trôade, depois passaram por Filipos e continuaram pela costa através de Tessalônica e Bereia. Paulo seguiu para Atenas antes de chegar a Corinto. De [Atos 18.12](#) sabemos que Gálio era procônsul em Corinto enquanto Paulo estava lá. Uma inscrição

descoberta nas proximidades de Delfos indica que, com toda probabilidade, o mandato de Gálio foi de meados de 51 a meados de 52. O incidente registrado em [Atos 18.12-17](#) provavelmente ocorreu no início do mandato de Gálio, já que os judeus esperavam obter uma decisão contra Paulo de seu novo procônsul. Não muito tempo depois disso, Paulo deixou Corinto, provavelmente no verão ou outono de 52. De acordo com [Atos 18.11](#), Paulo passou 18 meses em Corinto; isso significa que ele provavelmente chegou nos primeiros meses de 50 ou no final de 49. Essa data de chegada é confirmada por [Atos 18.2](#), que diz que Áquila e Priscila tinham sido recentemente exilados de Roma quando Paulo chegou a Corinto. Um historiador do século 5, Orosius, datou o edito de Cláudio expulsando os judeus de Roma em 49 d.C. Portanto, Paulo, Áquila e Priscila provavelmente chegaram juntos no final de 49 ou início de 50. No início de sua estadia de 18 meses, Paulo escreveu suas Primeira e Segunda Cartas aos Tessalonicenses.

As duas datas fixas, então, são 46 ou 47 para a visita da fome ([At 11.30](#)) e final de 49 ou início de 50 para a chegada de Paulo em Corinto ([At 18.1](#)). Levando em consideração os intervalos de tempo mencionados em [Gálatas 1.18](#) e [2.1](#), bem como a suposição de que a primeira viagem missionária durou cerca de um ano, as duas reconstruções são apresentadas na tabela a seguir. Lembre-se de que são aproximações e refletem o costume antigo de contar parte de um ano como um ano inteiro.

Eventos de 50 a 70 d.C.

[Atos 24.27](#) descreve um evento que nos ajuda a datar acontecimentos no restante do livro, a saber, a substituição de Félix por Pórcio Festo como governador da Judeia. Uma análise cuidadosa das evidências fornecidas por Eusébio, um historiador do século 4, leva a conclusão provável de que Félix foi substituído no verão de 59.

Trabalhando de trás para frente a partir dessa data, a prisão de Paulo em Jerusalém ([At 21.33](#)) deve ter ocorrido em 57, cerca de dois anos antes da chegada de Festo. Mais precisamente, a prisão de Paulo provavelmente ocorreu no final da primavera ou verão de 57; o objetivo de Paulo ([20.16](#)) era chegar a Jerusalém até o Pentecostes daquele ano, e o Pentecostes ocorreu no final de maio. Ele não ficou muito tempo na cidade antes de ser preso.

O festival da Páscoa, 50 dias antes do Pentecostes, foi celebrado por Paulo com a igreja em Filipos ([At](#)

[20.6](#)). Isso teria sido de 7 a 14 de abril, 57 d.C. Somente após a festa ele continuou sua apressada jornada para Cesareia e Jerusalém ([20.6-21.16](#)). Antes de sua visita de Páscoa a Filipos, Paulo havia passado três meses na Grécia ([20.3](#)). Dando algum tempo para ele viajar pela Macedônia e visitar os tessalonicenses e bereanos, esses três meses foram provavelmente os meses de inverno de 56-57 ([At 20.3](#); cf. [1Co 16.6](#)). Sem dúvida, eles foram passados na principal igreja da Grécia, Corinto, e foram usados em parte para a escrita da Carta aos Romanos.

Entre a partida de Paulo de Corinto na segunda viagem missionária ([At 18.18](#)) no outono de 51 e sua chegada em Corinto na terceira viagem missionária ([20.2](#)) no final do inverno de 56, há cinco anos de atividades que não podem ser datadas com precisão. Paulo disse que trabalhou durante três desses anos em Éfeso ([20.31](#); cf. [19.1-20.1](#)). Com tempo suficiente para as viagens antes e depois, essa estadia em Éfeso provavelmente durou de 52 ou 53 até o verão de 55 ou 56 (cf. [1Co 16.8](#)). Durante sua longa estadia em Éfeso, Paulo escreveu sua Primeira Carta aos Coríntios. Então, a caminho de Corinto em 56, ele escreveu 2 Coríntios da Macedônia.

Festo chegou como governador no verão de 59, depois que Paulo esteve preso em Cesareia por dois anos. Em questão de dias, Paulo foi julgado perante Festo ([At 25.1-12](#)). Não querendo ser entregue às autoridades judaicas, Paulo apelou a César ([v. 12](#)), o que significava que ele iria para Roma. O relato em Atos não dá indícios de atraso, então a viagem provavelmente começou no verão ou outono de 59 ([27.2](#)). É importante notar que Festo era um governador, uma posição política no governo romano. Isso ocorreu durante o tempo em que Paulo esteve preso em Cesareia por dois anos. Após ser julgado perante Festo, Paulo apelou a César, o que significava que ele seria levado a Roma. O relato em Atos não menciona nenhum atraso, então pode-se supor que a viagem começou no verão ou outono de 59.

Lucas relatou que quando Paulo, o prisioneiro, chegou a Bons Portos na ilha de Creta, o clima havia se tornado perigoso para viagens marítimas “porque o jejum já tinha passado” ([At 27.8-9](#) - ARC). Um escritor antigo disse que navegar se tornava perigoso entre meados de setembro e meados de novembro, e depois disso, impossível até a primavera. O jejum referido era sem dúvida aquele em preparação para o Dia da Expição, que no ano 59 caiu em 5 de outubro. Não é

surpreendente que, 14 dias após deixar Bons Portos, o navio em que Paulo estava viajando naufragou na costa de Malta, ao sul da Sicília (vv. [27-44](#)). Três meses depois, Paulo partiu novamente para Roma em um navio que havia passado o inverno em Malta ([28.11](#)). Logo ele foi recebido em Roma por cristãos que vieram ao seu encontro (v. [15](#)). Assim, Paulo chegou a Roma no início do ano 60 d.C. O livro de Atos encerra com a observação de que “Durante dois anos Paulo morou ali numa casa alugada” (v. [30](#), NTLH). O NT não relata o resultado de seu julgamento. Durante esse período, de acordo com a visão tradicional, ele escreveu Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom.

De acordo com a tradição, Eusébio escreveu que, após se defender, o Apóstolo foi enviado novamente ao ministério de pregação e foi martirizado sob Nero durante sua segunda visita à mesma cidade. Nero, que foi o Imperador Romano de 54 a 68, executou uma multidão de cristãos em Roma logo após um incêndio desastroso em julho de 64, segundo o historiador romano Tácito. Vários escritos cristãos primitivos (e.g., Clemente) parecem indicar que Pedro e Paulo foram ambos mortos em Roma durante essa perseguição selvagem. Se isso for verdade, e se Eusébio estava correto, então Paulo pode ter passado os dois anos de 62 a 64 ministrando livremente de volta nas províncias orientais. Muitos estudiosos conservadores datam a Primeira Carta de Paulo a Timóteo e sua Carta a Tito desse período. Escrita de Roma pouco antes do martírio de Paulo em 64, 2 Timóteo foi muito provavelmente sua última carta ([2Tm 2.9](#); [4.6](#)).

Em Jerusalém, três anos após Paulo ter sido levado para Roma, Tiago, o irmão de Jesus, foi apedrejado até a morte pelas autoridades judaicas. Segundo Josefo, isso ocorreu em 62. Pouco tempo depois, de acordo com Eusébio, a igreja em Jerusalém recebeu uma profecia alertando-os para deixarem aquela cidade condenada e se estabelecerem em Pella, uma das cidades da Decápolis (“dez cidades”) a Leste do Jordão. Assim, quando a guerra estourou entre os judeus e os romanos em 66, os cristãos em sua maioria escaparam de sua fúria. Essa guerra terminou em 70 com a destruição de Jerusalém e do Templo (cf. [Mc 13.2](#); [Lc 21.24](#)).

Veja também Atos dos Apóstolos, Livro de; Apóstolo, Apostolado; Era; “Data” em cada livro do Novo Testamento; Primeira Revolta judaica; Ascendência de Jesus Cristo; Jesus Cristo, Vida e ensinamentos; Paulo, O Apóstolo.

Crucificação

Forma de execução empregada na morte de Jesus Cristo. Dois conceitos relacionados à crucificação ocorrem nas Escrituras: a “cruz”, um modo pagão de pena capital, e o “madeiro”, que era uma forma judaica. A crucificação de Jesus foi a maneira que ele expiou os pecados da humanidade. O termo “cruz” também foi usado figurativamente por Jesus para retratar o sacrifício exigido no discipulado, e foi usado pelo apóstolo Paulo para simbolizar a morte do eu no processo de transformação.

Resumo

- Contexto histórico
- A crucificação de Cristo
- O significado teológico da crucificação de Cristo

Contexto histórico

O modo pagão

Literalmente, a palavra “cruz” em grego se referia a uma estaca pontiaguda usada para vários propósitos, inclusive como um instrumento de execução. Poderia ser uma estaca completamente reta, usada para empalar uma vítima, ou uma estaca vertical com uma viga cruzada no topo (T) ou no meio (+), usada para enforcar ou crucificar um criminoso, com a desgraça adicional da exibição pública. A crucificação foi praticada primeiramente pelos medos e persas e mais tarde por Alexandre, o Grande (356–323 a.C.), os cartagineses e os romanos. Tanto gregos quanto romanos restringiram seu uso aos escravos, pois consideraram um método de execução muito bárbaro para os cidadãos. Na era imperial, os romanos estenderam seu uso aos estrangeiros, mas mesmo assim era usado principalmente para crimes contra o estado.

A crucificação era universalmente reconhecida como o tipo mais horrível de execução. No Oriente, de fato, era usado apenas como um sinal adicional de desgraça para os prisioneiros que já haviam sido mortos, normalmente por decapitação. No Ocidente, o criminoso condenado era chicoteado, geralmente no lugar da execução, e forçado a carregar a viga para o local onde uma estaca já havia sido erguida. Uma tábua informando o crime era frequentemente colocada em volta do pescoço do ofensor e era presa à cruz após a morte. O prisioneiro era comumente amarrado ou às vezes pregado na viga (com os pregos através dos pulsos,

uma vez que os ossos na mão não podiam suportar o peso). A viga era então erguida e fixada no poste vertical. Se os carrascos desejassem uma morte especialmente lenta e agonizante, eles poderiam colocar blocos ou pinos na estaca como um assento ou um suporte para apoiar os pés. A morte ocorria através da perda de fluxo de sangue seguida de falha coronária ou através do colapso dos pulmões, causando asfixia. Isso poderia levar dias, muitas vezes as pernas da vítima seriam quebradas abaixo dos joelhos com um taco, causando choque massivo e eliminando qualquer possibilidade de aliviar a pressão nos pulsos amarrados ou cravados. Geralmente um corpo era deixado na cruz para apodrecer, mas em alguns casos era dado a parentes ou amigos para o enterro.

O modo judaico

Uma forma diferente de crucificação é vista no AT. O corpo do rei Saul foi decapitado e afixado em uma parede pelos filisteus ([1 Samuel 31.9-10](#)). O rei persa Dario fez o empalamento como a pena em caso de alteração de seu decreto ([Esdras 6.11](#)). De acordo com [Deuteronômio 21.22-23](#), a forma oriental foi empregada pelos judeus com uma condição adicional de que o corpo deveria ser removido do “madeiro” antes do anoitecer, porque a vítima era “amaldiçoada por Deus” (compare [Gálatas 3.13](#)) e não deve permanecer para não “contaminar a terra”. A forma romana de crucificação não era empregada pelos judeus. A única exceção foi uma crucificação em massa de 800 rebeldes pelo governante judeu Alexandre Janeu em 76 a.C., tal prática foi relatada pelo historiador judeu Josefo como sendo universalmente condenada pelos judeus. Alguns acreditam que os tribunais judeus de fato praticavam o método ocidental de crucificação após o século II a.C.

A crucificação de Cristo

O NT tem muito a dizer sobre a crucificação de Cristo, porque é o tema central da fé cristã.

Os preanuncios

Os Evangelhos registram três preanuncios de Cristo de sua própria crucificação ([Marcos 8.31](#); [9.31](#); [10.33-34](#) e passagens paralelas). Além disso, João registrou três discursos sobre o Filho do Homem sendo “levantado” ([João 3.14](#); [8.28](#); [12.32-33](#)), que são paralelos aos preanuncios sinóticos. Vários temas estão entrelaçados nessas passagens: (1) A paixão de Cristo (um termo usado para seu

sofrimento na cruz) fazia parte do propósito redentor de Deus ([Marcos 8.31](#), “deve”). (2) Tanto judeus quanto romanos foram culpados de “entregar” e de “matar” Jesus. (3) Sua morte seria seguida por vindicação através da ressurreição. (4) Sua própria morte, de uma maneira aparentemente contraditória, foi vista como um meio de sua entrada na “glória” (visto no simbolismo que João anexou a “levantado”). Outros discursos que sugerem o destino de Jesus são seu comentário sobre o assassinato dos profetas ([Mateus 23.29-30](#); [Lucas 13.33](#)), suas parábolas sobre a morte dos profetas e o “filho” (a festa de casamento, [Mateus 22.1-14](#); os arrendatários ímpios, [Marcos 12.1-10](#)) e seus ensinamentos sobre o sofrimento semelhante que seus discípulos suportariam ([Mateus 10.24-28](#); [Marcos 8.34-35](#); [João 15.18-25](#)).

O evento histórico

A crucificação de Jesus combinou elementos romanos e judaicos. Embora os escritores dos Evangelhos enfatizaram a culpa judaica em seus próprios propósitos polêmicos, eles foram cuidadosos em distinguir entre os líderes e as pessoas comuns. Foram os líderes que iniciaram a prisão de Jesus ([Marcos 14.43](#)) e seu julgamento pelo Sinédrio (vv. [53-64](#)). Embora Pilatos parecesse vacilar, no final, se rendeu fracamente às multidões “lavando as mãos” de qualquer culpa ([Mateus 27.24](#)). Roma estava claramente envolvida na crucificação. Visto que o Sinédrio não tinha o poder para infligir a pena capital, a decisão de Pilatos era necessária antes que a crucificação pudesse ocorrer. Além disso, os romanos realmente realizaram a execução.

Na crucificação de Jesus, o costume romano pôde ser observado em sua flagelação, na zombaria da imitação da entronização e despojamento, o carregamento de sua própria viga, em ser pregado na cruz e no quebrar das pernas dos dois ladrões. O lugar elevado se encaixa no costume de exibir publicamente certos criminosos. O mesmo acontece com a altura da cruz de Jesus, provavelmente de dois a três metros. A presença de uma tábua com a inscrição “O Rei dos judeus” na cruz sugere que a viga da cruz foi fixada em algum lugar abaixo do topo da estaca. Elementos judaicos são vistos no vinho misturado com mirra ([Marcos 15.23](#)), o vinagre na esponja (v. [36](#)) e a remoção do corpo antes do pôr do sol e do início do sábado ([João 19.31](#)).

Embora o fato da crucificação de Jesus ser raramente desafiado historicamente, os detalhes

variados nos quatro Evangelhos às vezes são considerados como adições posteriores devido à influência do “cumprimento” profético, às polêmicas judaico-cristãs ou às considerações culturais. No entanto, não se pode concluir a partir das diferenças nos relatos dos Evangelhos que os detalhes não são históricos. O fato de os escritores dos Evangelhos terem sido seletivos sobre os detalhes da crucificação não é uma prova de que suas narrativas foram fabricadas.

A ênfase em cada Evangelho

Os elementos encontrados nas narrativas da paixão foram selecionados por cada escritor a fim de apresentar uma visão específica da cena da crucificação. Os escritores dos Evangelhos não eram apenas historiadores, mas também teólogos, selecionando cenas e retratando-as para mostrar o significado dos eventos para a fé cristã.

Marcos e Mateus mostram o horror do Messias sendo colocado diante da morte por seres humanos. A primeira metade da cena de Marcos contrasta a zombaria da multidão com o verdadeiro significado da morte de Jesus. Os dois tipos de “salve a si mesmo” ([Marcos 15.29-31](#)) repetem as palavras de Jesus sobre a reconstrução do templo em três dias — apontando profeticamente para a ressurreição. A segunda metade da descrição de Marcos enfatiza o horror da cena, progredindo das trevas para o grito de abandono para mais escárnio (vv. [33-36](#)).

O Evangelho de Mateus estende as imagens de Marcos em certas direções importantes, acrescentando que Jesus rejeitou o vinho oferecido (que deveria aliviar sua dor) “quando ele provou” ([Mateus 27.34](#)), além de adicionar “entregou seu espírito” à cena da morte (v. [50](#)). Mateus enfatiza assim que Jesus voluntariamente encarou sua morte totalmente consciente e em pleno controle de si mesmo. A ironia e alusão de Mateus também trazem a diferença entre o sofrimento de Jesus e sua vindicação. Elementos da vindicação incluem o rasgar do véu do templo (v. [51](#)) e o testemunho do centurião (vs. [54](#)). Na notável cena sobrenatural de [Mateus 27.52-53](#), a morte de Jesus é seguida imediatamente por um terremoto que abriu túmulos e reviveu “muitos corpos dos santos” que haviam morrido. Para Mateus, esses eventos e outros inauguraram os últimos dias, a nova era da salvação, quando o poder da morte é quebrado e a vida é disponibilizada para todos.

O relato no Evangelho de Lucas também é bastante notável. Tem duas ênfases principais. Primeiro,

Jesus é retratado como o exemplo perfeito do mártir justo que perdoa seus inimigos e, através de sua atitude, converte alguns de seus oponentes. A zombaria dos governantes e soldados é revertida quando a multidão volta para casa “batendo no peito” ([Lucas 23.48](#)) e o centurião proclama: “Certamente este homem era inocente!” (v. [47](#)). Segundo, em Lucas, todo o cenário tem uma atmosfera de reverência e adoração. O vinho e a mirra são omitidos, o grito de abandono e a provocação sobre Elias. Outros episódios são observados em vez disso — em especial, as orações de Jesus. Apenas em Lucas estão relacionados (1) a oração de Jesus para que Deus perdoe seus acusadores, colocando-a em contraste com a zombaria dos soldados; (2) a promessa em resposta à oração do criminoso “crente”; e (3) a entrega do espírito de Jesus ao Pai. A apresentação de Lucas faz da Crucificação um tipo de comemoração de adoração.

No Evangelho de João há também uma mudança de foco teológico. Vai mais longe do que Lucas na remoção de detalhes chocantes, como as trevas e a zombaria. A calma permeia o tempo todo. O estresse é colocado no controle soberano de Jesus sobre sua situação, enquanto a Crucificação virtualmente se torna um processo de coroação. Somente João afirma que a inscrição na cruz foi escrita em hebraico, latim e grego — a pena, assim, se torna uma proclamação mundial da entronização de Cristo. A inscrição: “Jesus de Nazaré, Rei dos judeus”, continua o diálogo de Pilatos sobre realza para além do julgamento de Jesus. João assim acrescenta à ênfase de Mateus: Jesus não apenas se tornou rei, mas foi soberano o tempo todo. O rei é retratado como realizando a função sacerdotal e ele próprio se tornando o sacrifício. Apenas João menciona o hissopo (que era utilizado para aspergir o sangue do cordeiro no Páscoa, [Êxodo 12.22](#)) e o grito de Jesus: “Está consumado” ([João 19.29-30](#)). Além disso, o perfurar do lado de Jesus (vv [31-37](#)), que mostra a realidade de sua morte, também pode ser visto simbolicamente, em relação com os “rios de água viva” ([7.37-38](#)), como um exemplo de derramamento da vida nesta nova era.

Assim, cada Evangelho retrata o significado da morte de Jesus de um ponto de vista diferente. Combinar suas imagens proporciona uma nova compreensão do significado da cruz. Em vez de contradição, vê-se partes separadas de um todo convincente.

O significado teológico da crucificação de Cristo

A cruz desempenha um papel duplo na teologia cristã. Alguns teólogos enfatizam a significância da crucificação histórica de Jesus Cristo e o que ela proporcionou para o crente. Outros se concentram no simbolismo da cruz na vida de cada crente.

A morte e ressurreição de Jesus de Nazaré são os eventos centrais da teologia cristã. A cruz tem significado por causa da significância da pessoa que foi posta à morte nela e por causa do que sua morte realizou. “A palavra da cruz” era central na proclamação da salvação da igreja primitiva. Acima de tudo, o evento da cruz foi o principal ato salvífico de Deus na história; portanto, a cruz, embora um evento passado, tem uma significância no presente. Cristo crucificado e ressuscitado é a parte principal da mensagem da igreja ([Gálatas 3.1](#)).

A passagem central é [1 Coríntios 1.17-2.5](#). Lá a “palavra da cruz” ([1.18](#)) é contrastada com a “sabedoria eloquente” (v. [17](#)). Soando como tolice, esta mensagem é ofensiva tanto para a filosofia grega quanto para o legalismo judaico (compare [Gálatas 6.12-15](#)), porém essa “fraqueza” aos olhos humanos abre a porta para o “poder de Deus” ([1 Coríntios 1.18](#)). A cruz na proclamação da igreja ilustra o padrão da ação de Deus: ele faz com que as coisas fracas desta vida se tornem poder e sabedoria (vv. [26-30](#)). Visto que a especulação filosófica substitui a mensagem de Deus pela sabedoria humana e, assim, esvazia a cruz de seu significado, Paulo rejeitou as “palavras imponentes” e pregou apenas o “Cristo crucificado”. Assim, o “poder do Espírito Santo” se tornou evidente na “fraqueza” de Paulo ([2.1-5](#)). O núcleo central do evangelho é a demonstração da vitória de Deus emergindo sob uma aparente derrota, do poder surgindo através da fragilidade.

A cruz como base da expiação é a principal ênfase nas Cartas (ver [Efésios 2.16](#); [Colossenses 1.20](#); [2.14](#)), enquanto no livro de Atos a ressurreição parece mais central (veja [Atos 2.33-36](#); [3.19-26](#); [13.37-39](#)). A razão para isso são os diferentes propósitos desses escritos: a cruz tende a ser usada em seções de ensino, a ressurreição em seções persuasivas (ou apoloéticas), quando a base para a salvação está sendo apresentada. Na verdade, ambas foram um único evento na história da salvação. Jesus “foi morto pelas nossas transgressões e ressuscitado para nossa justificação” ([Romanos 4.25](#)).

Paulo expressou o significado da cruz nas palavras “redenção”, “propiciação” e “justificação”. Os dois primeiros conceitos têm o tema “por nós”, o qual está ligado ao servo sofredor ([Isaías 53.10-12](#)), que morreu pelo “pecado de muitos”. A ideia de redenção em ambos os Testamentos é o pagamento de um preço para o “resgate” daqueles mantidos em cativeiro. Esse preço, explica o NT, foi pago na cruz, e a humanidade foi, assim, liberta do pecado ([Marcos 10.45](#); [Tito 2.14](#); [1 Pedro 1.18](#)). A conexão entre a morte de Jesus e o “no lugar de” também é vista em [Gálatas 3.13](#), que acrescenta à maldição de [Deuteronômio 21.23](#) a interpretação “por nós” (compare [Romanos 5.10-11](#), [18](#); [1 Coríntios 11.24](#); [Efésios 1.7](#); [2.13](#)). Da mesma forma, o conceito de justificação para Paulo é centralizado na cruz. É o “Cristo crucificado” que declara a humanidade justa e torna possível a liberdade do pecado ([Romanos 6.6](#); [Gl 2.19-21](#)). A culpa humana foi transferida para a cruz e foi expiada lá, fornecendo agora o perdão legal de Deus a todos que fazem uso deste poder ([1 Pedro 1.18-21](#); [2.24](#); [3.18](#)). Finalmente, o resultado é “reconciliação” — tanto verticalmente, entre humanos e Deus ([Colossenses 1.20](#)) quanto horizontalmente, entre grupos humanos anteriormente opostos (por exemplo, em [Efésios 2.13-16](#), entre judeus e gentios).

Além do significado teológico da cruz literal na qual Jesus Cristo foi posto à morte na Judeia quase 2.000 anos atrás, está o significado simbólico da cruz para seus seguidores de hoje.

Jesus colocou “carregar sua cruz” como uma condição do discipulado em cinco passagens. Há duas variantes principais: uma, encontrada no material comum a Mateus e Lucas ([Mateus 10.38](#); [Lucas 14.27](#)), é formulada negativamente (“não pode ser meu discípulo”); a outra, que é encontrada em todos os três Evangelhos sinóticos ([Mateus 16.24](#); [Marcos 8.34](#); [Lucas 9.23](#)), é formulada positivamente (“Se alguém deseja vir após mim”). Dois principais padrões são encontrados nessas palavras. O maior padrão vem do imaginário de um homem condenado carregando sua cruz para um local de execução; uma parte necessária do discipulado é uma disposição diária ([Lucas 9.23](#)) de sacrificar tudo e sofrer por causa de Cristo. O ponto central não é a morte, mas a desgraça; o discípulo deve estar pronto para se tornar um marginalizado da sociedade.

Paulo estendeu a metáfora de Cristo até a morte de si mesmo. Ele pode ter tomado esta ideia dos ensinamentos da igreja primitiva, como visto no credo batismal de [Romanos 6.1-8](#), que identifica o

batismo como sendo “enterrado com ele”. Paulo interpretou a identificação do cristão com a morte de Cristo como significando que “nosso velho eu foi crucificado com ele para que o corpo pecaminoso fosse destruído, e, desta forma, para que pudéssemos não mais ser escravizados pelo pecado” ([Romanos 6.6](#)). Conforme desenvolvido mais em [2 Coríntios 5.14–17](#), o crente participa da morte e ressurreição de Cristo, visto que sua antiga vida já passou e tudo se fez novo ([5.17](#)). A mesma visão também é encontrada em Gálatas, contrastando a morte mística do eu com o sistema legalista daqueles que pensavam que os cristãos precisavam seguir as leis judaicas. O crente está “crucificado com Cristo”, e o resultado disso é que “já não sou mais eu quem vivo” ([Gálatas 2.20](#)); “a carne com suas paixões e desejos” está “crucificada” ([5.24](#)); e “longe esteja de mim gloriarme, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo” ([6.14](#)). Os crentes precisam primeiro experimentar a cruz para que possam encontrar a vida na ressurreição.

Veja também Expição; Lei Penal e Punição; Eli, Eli, Lema Sabactani; Gólgota; Redentor, Redenção; Sete Últimas Palavras de Jesus.

Cruz

Uma cruz é uma estrutura de madeira usada nos tempos antigos pelos romanos para executar pessoas, muitas vezes pregando-as ou amarrando-as até que morressem. Isso é chamado de “crucificação”. A crucificação era uma forma dolorosa e vergonhosa de execução, tipicamente usada para matar os piores criminosos, escravos ou rebeldes. Jesus foi crucificado em uma cruz, mesmo sendo inocente ([Mt 27.32–56](#)).

Jesus disse aos seus seguidores que eles devem “tomar a sua cruz” para segui-lo ([Mt 16.24](#)). Isso significa estar disposto a enfrentar dificuldades e sofrimentos por causa da fé.

Veja Crucificação.

Cube

Nome de um lugar, identificado como Líbia (ARC), em [Ezequiel 30.5](#).

Veja Líbia, Líbios.

Cube

Cube é um lugar mencionado em [Ezequiel 30.5](#) como uma das nações que cairiam em batalha junto com o Egito. A localização exata de Cube é desconhecida, e é mencionada apenas uma vez na Bíblia. O nome aparece no texto hebraico, mas muitas traduções da Bíblia dizem “Líbia” em vez de Cube. Isso ocorre porque Cube pode ter sido uma região no Norte da África.

Veja também Líbia, líbios.

Cúbito

Medida linear, cerca de 46 centímetros, é o comprimento do antebraço de um homem, do cotovelo até a ponta do dedo médio.

Veja Pesos e Medidas.

Cuch

Local mencionado perto de Aqraba e ao lado do riacho Mocmur ([Jt 7.18](#)). Cuch é provavelmente ao sul da moderna Nablus, em Israel.

Cucurbita

Uma planta rasteira ou trepadeira. Essas plantas crescem ao longo do solo ou sobem em superfícies como paredes ou árvores. As cucurbitas pertencem à mesma família de plantas que os pepinos, melões e abóboras.

A Bíblia menciona cucurbitas em duas passagens principais:

81. Em [Jonas 4.6–10](#), Deus fez uma planta crescer rapidamente para fornecer sombra a Jonas. Algumas traduções a chamam de “aboboreira”, mas a palavra hebraica original pode se referir a uma mamona (*Ricinus communis*) em vez de uma verdadeira aboboreira. A planta murchou quando Deus enviou um verme para danificá-la, deixando Jonas exposto ao sol.

82. Em [2 Reis 4.38-41](#), durante um período de fome, um dos seguidores de Eliseu colheu abóboras selvagens para adicionar a um ensopado. Estas eram provavelmente *Citrullus colocynthis*, uma videira semelhante a um pepino com um fruto amargo e venenoso. Quando provaram o ensopado amargo, as pessoas gritaram: "Há morte na panela!" Eliseu então realizou um milagre, adicionando farinha ao ensopado para torná-lo seguro para comer.

As cucurbitas têm sido cultivadas há milhares de anos. Alguns tipos são comestíveis, enquanto outros são usados para fazer recipientes, tigelas, conchas e jarros de água quando estão secos.

Veja Mamona; Cucurbita selvagem.

Culpa de sangue

Culpa de sangue refere-se à responsabilidade pela morte de alguém. Na Bíblia, este termo vem de uma palavra hebraica que significa "sangue" ou "sangues" ([Êx 22.2-3](#); [Lv 17.4](#); [1Sm 25.26,33](#); [Os 12.14](#)). Quando alguém matava outra pessoa, dizia-se que havia "derramado sangue" e tornava-se culpado pela morte dessa pessoa.

A tradução "culpa de sangue" é usada apenas em [Salmo 51.14](#). Quando a palavra hebraica é usada em sua forma plural, geralmente indica que alguém matou outra pessoa. Em sua forma singular, a palavra pode significar três coisas:

- O sangue dele próprio
- O ato de tirar a vida de alguém
- Ser culpado por matar alguém

Ao longo da Bíblia, vemos que matar alguém era punido com a morte. Nos tempos bíblicos, matar frequentemente ocorria por meio do derramamento de sangue de outra pessoa.

Tipos de culpa de sangue

O primeiro tipo de culpa de sangue ocorria quando alguém matava deliberadamente outra pessoa. O Antigo Testamento chama esse assassinato de "sangue inocente" ([Jn 1.14](#)). A Bíblia explica o que acontece quando alguém mata uma pessoa inocente e como deve ser punido ([Gn 9.6](#); [Dt 19.11-](#)

[13](#); [2Rs 24.4](#); [Ez 33.6](#)). De acordo com a Bíblia, se alguém comete assassinato, não pode pagar dinheiro para evitar a punição ([Nm 35.31](#)).

Outro tipo de culpa de sangue ocorria quando alguém matava outra pessoa por acidente ([Nm 35.9-28](#), [Dt 19.4-10](#)). Nesses casos, a pessoa que causou a morte podia ir para cidades especiais chamadas "cidades de refúgio" para estar segura. Se sássem dessas cidades, poderiam ser mortos por um membro da família da pessoa falecida que tinha o direito de buscar justiça. Esse membro da família era chamado de "vingador do sangue".

Às vezes, uma pessoa morta era encontrada, e ninguém sabia quem a matou. Quando isso acontecia, a cidade mais próxima era responsabilizada pela morte. [Deuteronômio 21.1-9](#) explica uma cerimônia especial que essas cidades podiam realizar para remover essa responsabilidade.

No antigo Israel, as pessoas podiam se tornar culpadas de homicídio culposo mesmo ao lidar com animais ([Lv 17.3-4,10-11](#)). Se um animal matasse alguém, o animal seria condenado à morte por apedrejamento ([Êx 21.28-29](#)).

Houve algumas situações em que matar não resultou em culpa:

- Protegendo-se ([Êx 22.2](#))
- Realizando execuções legais ([Lv 20.9-16](#))
- Matar durante a guerra ([1Re 2.5-6](#))

Os profetas frequentemente usavam a palavra "sangue" para falar sobre a culpa de toda a nação de Israel ([Is 1.15](#); [4.4](#); [Ez 7.23](#); [9.9](#); [Os 1.4](#); [4.2](#); [Mq 3.10](#); [Hb 2.8,12,17](#)).

Alguns crimes eram considerados tão graves que eram punidos com a morte, mesmo que não envolvessem assassinato ([Lv 20.9-16](#); [Ez 18.10-13](#)). Esses crimes incluíam:

- Adoração a falsos deuses
- Adorar objetos como se fossem deuses (ídolos)
- Ser infiel no casamento (adultério)
- Roubo (assalto)
- Ser cruel com pessoas pobres
- Quebrando promessas significativas
- Cobrança de juros abusivos em empréstimos

Ao longo da Bíblia, desde Gênesis ([4.10-12](#)) até os Profetas ([Is 26.21](#); [Ez 24.6-9](#)) e no Novo Testamento ([Ap 6.10](#)), aprendemos que Deus trará justiça e punirá aqueles que matam outras pessoas.

Veja também Cidades de refúgio; Direito penal e punição.

Cultos de fertilidade

Veja Deidades e religião cananeias.

Cum

Uma cidade síria pertencente a Hadadezer, rei de Zobá. O rei Davi atacou Cum e tomou grandes quantidades de bronze da cidade ([1Cr 18.8](#)). Em outro relato deste mesmo evento, Berotai pode se referir ao mesmo lugar ([2Sm 8.8](#)).

Veja também Berota, Berotai.

Cuneiforme

Um antigo sistema de escrita que utilizava marcas em forma de prego ou cunha para gravar em um material de escrita, geralmente argila, em padrões específicos. Cada padrão, ou "sinal", representa um som ou palavra. O sistema foi utilizado pelos acadianos, elamitas, hititas, hurritas e sumérios. O ugarítico também é um sistema de escrita cuneiforme.

Veja também Escrita.

Cura, Dom de

Veja Dons espirituais.

Curar, Cura

Tornar algo bom. O AT fornece o pano de fundo adequado para uma compreensão cristã do conceito de cura. No AT, o ponto básico é de que Deus é o curador do seu povo. Em [Êxodo 15.22-26](#), depois que Deus libertou seu povo do Egito, os conduziu pelo mar e adoçou a água em Mara, ele fala de si como seu "curador". Isso se refere principalmente ao sustento físico, mas aponta para o conceito mais envolvente de Deus sustentando seu povo em um relacionamento eterno consigo mesmo. De uma maneira semelhante, [Deuteronômio 32.39](#) fala de Deus como aquele que cura. O contexto em Deuteronômio implica que este poder curador deriva do fato de que Deus é Deus. Este conceito de Deus como curador é ecoado por todo o AT pelos salmistas ([Sl 6.2](#); [41.4](#); [103.3](#)) e profetas ([Is 19.22](#); [Jr 17.14](#); [Os 7.1](#); [Zc 11.16](#)).

Jesus, o Curador: Relatos nos Evangelhos

O NT enfatiza significativamente Jesus como o curador. Marcos o retrata como um mestre e curador em seu relato de abertura do ministério de Jesus em Cafarnaum com a cura do endemoninhado, da sogra de Pedro, do doente trazido a ele à noite, e do leproso ([Mc 1.21-45](#)). De fato, a cura de doenças e a expulsão de demônios caracterizam o ministério de Jesus. Marcos apresenta em rápida sucessão a cura do paralítico por Jesus ([2.1-12](#)), o homem com a mão aleijada ([3.1-6](#)), as multidões à beira-mar (vv. [7-12](#)), o endemoninhado geraseno ([5.1-20](#)), a mulher com uma hemorragia e a filha de Jairo (vv. [21-43](#)). Jesus então permitiu aos Doze proclamar arrependimento, expulsar demônios e curar os doentes ([6.7-13](#)). Ele mesmo continuou com as curas em Genesaré (vv. [53-56](#)), expulsando o espírito imundo da filha da mulher siro-fenícia ([7.24-30](#)), curando o homem surdo e mudo (vv. [31-37](#)), o homem cego de Betsaida ([8.22-26](#)), o menino possuído por um espírito maligno ([9.14-20](#)) e o cego Bartimeu ([10.46-52](#)).

Certamente a cura é um aspecto importante do ministério de Jesus. As curas expressaram não apenas sua compaixão por aqueles que sofrem, mas também constituíam uma revelação de sua pessoa. Isto é evidenciado pela declaração culminante de Jesus ao curar o paralítico: "para que saibais que o

Filho do Homem tem autoridade sobre a terra para perdoar pecados” ([Mc 2.10](#), ARA). Também parece que Marcos pretendia que seus leitores entendessem que a cura do homem surdo e mudo ([7.31-37](#)) e do homem cego de Betsaida ([8.22-26](#)) simbolizam o despertar da compreensão espiritual nos discípulos de quem Jesus é. Também é significativo que Marcos tenha colocado a cura de Bartimeu ([10.46-52](#)) imediatamente após o terceiro anúncio de Jesus sobre sua própria morte que estava por vir (vv. [32-34](#)) e a terceira falha dos discípulos em entender que ele ser o Messias implicava a necessidade de sofrimento (vv. [35-45](#)).

Mateus também retrata Jesus ensinando, pregando e curando ([Mt 4.23-25](#)), e é paralelo aos relatos em Marcos, exceto pela cura do endemoninhado na sinagoga ([Mc 1.23-28](#)) e do homem cego de Betsaida ([8.22-26](#)). No entanto, de acordo com seu propósito e estrutura especiais, Mateus colocou muitas das curas de Jesus juntas em uma seção de “obras poderosas” ([Mt 8-9](#)), complementando a seção de “grandes palavras” (“sermão”) (capítulos [5-7](#)). Mateus vê as curas de Jesus cumprindo diretamente o AT, como ele afirma em [8.17](#). A maneira única pela qual as curas de [8.16](#) são mencionadas como cumpridoras [Isaías 53.4](#) parece indicar que o poder de Jesus sobre a doença deriva de alguma maneira de sua morte pelo pecado, que deveria ser realizada no final de seu ministério.

Também é interessante que Mateus, ao relacionar a cura de Jesus das multidões à beira-mar ([Mt 12.15-21](#); cf. [Mc 3.7-12](#)), cita [Isaías 42.1-4](#). Esta passagem do AT fala do servo de Deus ungido com o Espírito para proclamar justiça às nações. Como já usado por Mateus, a citação explica por que Jesus ordenou aos curados que não o fizessem conhecido. Jesus não queria muita notoriedade sobre si para frustrar o plano de Deus para ele como o Servo Sofredor que havia de trazer a salvação às nações. Esta ação demonstra que as curas de Jesus são revelações de sua pessoa. Novamente outra citação de [Isaías \(6.9-10\)](#) em [Mateus 13.14-15](#) revisita o fato de que a cura é entendida principalmente no sentido espiritual de ouvir a proclamação de Jesus do reino de Deus.

Lucas, como Mateus e Marcos, retrata Jesus pregando e curando. Após o relato do nascimento de João e Jesus e do ministério de João Batista, Lucas apresenta Jesus pregando em Nazaré ([Lc 4.16-30](#)). Aqui, na sinagoga de sua cidade natal, o próprio Jesus, usando uma citação de [Isaías 61.1-2](#), afirma que o Espírito o ungiu para proclamar as boas novas e anunciar a libertação dos cativos e

uma restauração da visão para os cegos ([Lc 4.18](#)). O aspecto curador do ministério de Jesus ocupa um lugar importante no resto do livro de Lucas. De fato, Lucas tem todos os casos de cura observados por Marcos, exceto aqueles em [Marcos 6.45-8.26](#). No entanto, a cena inicial de Lucas em Nazaré parece ressaltar que a cura de Jesus deve ser entendida, não como meramente a expressão da compaixão de Jesus pelos necessitados, mas principalmente como um sinal da chegada do reino de Deus como prometido nas Escrituras.

Esta ênfase pode ser vista no relato distintamente lucano sobre o comissionamento dos 72 discípulos ([Lc 10.1-12](#)), onde Jesus os instrui a curar os doentes em qualquer cidade em que entrarem e anunciar às pessoas de lá que o reino de Deus havia se aproximado deles (vv. [8-9](#)).

Os três primeiros Evangelhos assumem a compreensão do AT de Deus como o curador do seu povo e veem isso como cumprido em Jesus. Esta realização significa a presença do reino de Deus no ministério de Jesus e aponta para ele como aquele por meio de quem Deus está trabalhando no meio de seu povo.

O Evangelho de João tem apenas quatro casos de cura: o filho do oficial ([Jo 4.46-54](#)), o homem doente por 38 anos ([5.1-18](#)), o homem nascido cego (capítulo [9](#)) e a ressurreição dramática de Lázaro ([11.1-44](#)). O propósito e a estrutura especiais deste Evangelho indicam que esses casos estão cuidadosamente relacionados com os discursos que os acompanham e têm a intenção clara de serem sinais que revelam a pessoa de Jesus. A ênfase intensificada nas curas como sinais reveladores neste Evangelho confirma a intenção semelhante nos três primeiros Evangelhos.

Curas Realizadas pelos Apóstolos

Atos dos Apóstolos fala da continuação do ministério de Jesus através do Espírito trabalhando em seus discípulos. O foco principal em Atos está na proclamação, como [1.8](#) indica. No entanto, a cura do marginal aleijado em Jerusalém indica que os discípulos foram capazes de exercer o poder da cura em nome de Jesus ([3.1-16](#); [4.8-16](#)). A cura tem a intenção clara de apontar e glorificar a pessoa de Jesus e levar à fé nele ([3.12-26](#)). O ministério duplo e equilibrado dos discípulos pode ser visto na oração de [4.29-30](#): “Agora, Senhor, olha para a ameaça deles. Dá aos teus servos confiança para anunciarem corajosamente a tua palavra. Estende a mão para curar, a fim de que, por

meio do poder do nome do teu dedicado Servo Jesus, milagres e maravilhas sejam feitos.” (NTLH).

O ministério de Filipe em Samaria foi dedicado a proclamar Cristo ([Atos 8.5](#)) e curar os doentes e aqueles com espíritos impuros (v. [7](#)). Pedro cura Enéias e ressuscita Tabita ([9.34,40](#)), e em cada caso os efeitos são que muitos acreditam no Senhor (vv. [35,42](#)). Paulo também é descrito como pregando o evangelho ([17.2-3](#)), curando ([14.8-11](#); [28.8](#)), expulsando espíritos ([16.18](#)) e ressuscitando um homem morto ([20.9-10](#)).

Curas na Era da Igreja

As cartas do NT dizem pouco sobre cura. Primeira Coríntios fala dos dons da cura ([1Co 12.9,28](#)). A implicação é que tais dons são pretendidos a fazer parte do ministério da igreja, mas o contexto sugere que nem todos recebem tais dons (v. [30](#)) e que é Deus quem distribui soberanamente os dons para o bem do corpo. Tiago aponta que um crente que está doente deve pedir à igreja que ore por sua cura ([Tg 5.14-16](#); cf. [Hb 12.13](#)). A conclusão clara é que Deus está disposto e é capaz de ministrar ao seu povo para a cura hoje.

Curtido, Curtidor, Curtir

Um curtidor é um trabalhador que transforma peles de animais em couro. Nos tempos do Novo Testamento, os curtidores mergulhavam peles de animais em cal e materiais vegetais para fazer couro (esse processo é chamado de curtimento). Como esse processo gerava cheiros fortes e desagradáveis, os curtidores precisavam viver e trabalhar fora das cidades.

As coberturas para o tabernáculo (a tenda sagrada) foram feitas de peles de carneiro e cabra curtidas, ou possivelmente peles de peixe-boi. Essas coberturas de couro eram vermelhas, ou porque foram tingidas ou devido ao processo de curtimento ([Êx 25.5](#); [26.14](#); [35.7,23](#); [36.19](#); [39.34](#)).

A Bíblia menciona apenas um curtidor pelo nome, Simão. Ele morava em Jope. O apóstolo Pedro ficou na casa de Simão ([At 9.43](#); [10.6,32](#)).

Veja também Couro.

Cusã

Nome de uma tribo ou lugar mencionado apenas uma vez na Bíblia ([Hb 3.7](#)). Alguns identificaram

Cusã com o povo e a terra referidos no AT como Cuxe, ou Etiópia na maioria das versões em português. A posição paralela de “Cusã” à “terra de Midiã” em [Habacuque 3.7](#), no entanto, bem como a localização dos outros lugares mencionados na passagem (Temã, Monte Parã), parece situar Cusã nas proximidades de Edom e Midiã, ao sul e sudeste do Mar Morto.

Veja também Cuxe (Local).

Cusã-Risataim

Rei da Mesopotâmia a quem Israel serviu por oito anos. O Senhor levantou Otoniel, filho de Quenaz, para libertar Israel de suas mãos; mais tarde, Cusã-Risataim foi derrotado por Otoniel na guerra ([Jz 3.8-10](#)). Sua identidade exata é incerta.

Cusi

83. Um mensageiro enviado por Joabe ao Rei Davi. Ele foi enviado para anunciar a derrota de Absalão ([2Sm 18.21-32](#)). A palavra hebraica escrita como "cusi" em português provavelmente deveria ser traduzida como "cuxita", que significa uma pessoa de Cuxe.

Veja Cuxe (Lugar).

84. O bisavô de Jeudi. Jeudi era um príncipe na corte do Rei Jeoaquim de Judá na época do profeta Jeremias ([Jr 36.14](#)).
85. O pai do profeta Sofonias ([Sf 1.1](#)).

Cute, Cutá

Cidade no sul da Babilônia ([2Rs 17.24](#)) de onde algumas pessoas foram levadas e realocadas em Samaria após a conquista assíria (722 a.C.). O nome também aparece em fontes assírias e babilônicas. Em 1881, Hormuzd Rassam identificou Cutá como uma cidade antiga cujas ruínas imponentes estão localizadas na moderna Tell Ibrahim, cerca de 32 quilômetros a nordeste da Babilônia. Cutá era o local de um templo dedicado a Nergal, seu deus patrono (v. [30](#)).

Os cutitas parecem ter sido um segmento predominante da população da Samaria pós-exílica, já que os judeus em séculos posteriores aplicaram esse nome aos samaritanos em geral. O sincretismo religioso do qual os cutitas faziam parte gerou hostilidades entre Judá e Samaria após o retorno dos judeus do exílio. Essa animosidade entre judeus e samaritanos continuou ao longo dos séculos até os dias de Jesus ([Jo 4.7-9](#)).

Cuxaías

Nome alternativo para Quisi, um levita merarita, em [1Cr 15.17](#). *Veja* Quisi.

Cuxe (Lugar)

Termo egípcio, acádio e hebraico referindo-se amplamente aos países do Alto Nilo ao sul do Egito. Em um sentido mais restrito, Cuxe consistia no território entre a segunda e a quarta cataratas do Nilo, aproximadamente o atual norte do Sudão (equivalente à antiga Núbia). O AT geralmente usa o termo nesse sentido. Os gregos chamavam de Etiópia, que eventualmente deu seu nome à moderna Etiópia (mais ao sul e leste).

O significado de "Cuxe" no livro de Gênesis, no entanto, é problemático. Na narrativa do Jardim do Éden ([Gênesis 2.13](#)), Cuxe parece estar localizado na Mesopotâmia, a região dos rios Tigre e Eufrates (v. [14](#)). Talvez o termo deva ser equiparado a Cassita (Cosseu), a designação usual dos governantes babilônicos que dominaram a Mesopotâmia por cerca de meio milênio até o século 12 a.C. O Cuxe de [Gênesis 10.6-8](#), então, poderia ser dividido em dois locais: Núbia (v. [6-7](#)) e Mesopotâmia (v. [9-12](#)). Alternativamente, o Cuxe de [Gênesis 2.13](#) e [10.8](#) poderia ser Quis, a cidade mesopotâmica que foi tradicionalmente a sede da primeira dinastia suméria após o Dilúvio.

Há menos incerteza sobre o uso do termo "cuxita". Com uma possível exceção ([Números 12.1](#)), Cuxita sempre se refere a pessoas da Núbia, a Cuxe africana.

O primeiro mensageiro que Joabe, comandante-chefe do rei Davi, enviou para anunciar a derrota de Absalão a Davi foi um cuxita ([2 Samel 18.21-32](#)). A origem estrangeira desse mensageiro é refletida no fato de que ele desconhecia um atalho, bem como em sua insensibilidade aos sentimentos de Davi ao lhe entregar a mensagem. A maioria das versões

em português traduz as ocorrências de cuxe e cuxita como Etiópia e etíope.

Moisés tinha uma esposa que era conhecida como cuxita ([Números 12.1](#)). Nesse contexto, é possível entender cuxita de várias maneiras: como uma pessoa da Núbia — o que a tornaria uma segunda esposa, diferente de Zípora; como uma pessoa de Cusã — tornando-a possivelmente uma midianita, talvez idêntica a Zípora; ou como uma referência à sua pele mais escura e origem estrangeira — possivelmente, mas não necessariamente, uma referência a Zípora.

Veja também Cusã; Cusi #1; Etiópia.

Cuxe (Pessoa)

1. O mais velho dos quatro filhos de Cam ([Gn 10.6](#); [1Cr 1.8](#)). Como os outros três (Egito, Pute e Canaã) são nomes de lugares, é provável que Cuxe também seja um lugar. Geralmente, é identificado com a Etiópia. *Veja* Cuxe (Lugar); Etiópia.

2. Benjamita e, presumivelmente, inimigo de Davi, mencionado no título do [Salmo 7](#).

Cuxita

Uma pessoa da região africana da Núbia ([2Sm 18.32](#)).

Veja também Cuxe (Lugar).

Cuza

O mordomo de Herodes Antipas era um homem poderoso e influente. Cuza era um administrador das propriedades de Herodes ou um nomeado político. Ele era casado com Joana, a quem Jesus curou. Ela então viajou com Jesus e seus discípulos ([Lc 8.3](#)).